

PATRÍSTICA

EUSÉBIO DE CESARÉIA

História eclesiástica



EUSÉBIO DE CESARÉIA

HISTÓRIA ECLESIÁSTICA



Índice

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO

I. Biografia

II. Obras

A. Obras exegéticas

B. Obras teológicas

C. Obras apologéticas

D. Discursos e cartas

E. Obras históricas

LIVRO PRIMEIRO

1. Objeto da obra

2. A preexistência e a divindade de nosso Salvador

3. Os profetas conheceram e honraram o nome de Jesus

4. A religião anunciada por ele não é nova nem estranha

5. Os tempos em que se manifestou

6. No seu tempo, não corresponderam os chefes de seu povo

7. A divergência dos evangelhos a respeito da geração de Cristo

8. Assassínio dos inocentes por Herodes

9. Os tempos de Pilatos

10. Os sumos sacerdotes em cujo tempo Jesus pregou

11. João Batista dá testemunho do Cristo

12. Os discípulos do Salvador

13. Narrativa acerca do rei de Edessa

LIVRO SEGUNDO

1. A atitude dos apóstolos após a ascensão

2. Pilatos comunica a Tibério o que concerne a Jesus

3. Divulga-se rapidamente a doutrina concernente a Jesus

4. Caio estabelece Agripa rei dos judeus

5. Fílon nomeado embaixador de judeus perante Caio

6. Males que tocam aos judeus após sua ação contra Jesus

7. Pilatos suicida-se

8. A fome sob Cláudio

9. Martírio de Tiago

10. Agripa experimenta a vingança divina

11. O mago Teudas

12. A rainha Helena de Adiabene

13. O mago Simão

- [14. Pedro prega em Roma](#)
- [15. O evangelho segundo Marcos](#)
- [16. Marcos, primeiro pregador do evangelho no Egito](#)
- [17. Fílon fala dos ascetas do Egito](#)
- [18. Escritos de Fílon chegados até nós](#)
- [19. Males advenientes aos judeus no dia da Páscoa](#)
- [20. O que aconteceu a Jerusalém sob Nero](#)
- [21. O egípcio mencionado nos Atos](#)
- [22. Paulo, prisioneiro, justifica-se em Roma](#)
- [24. Aniano, primeiro bispo de Alexandria](#)
- [24. Aniano, primeiro bispo de Alexandria](#)
- [25. A perseguição sob Nero](#)
- [26. Os judeus declaram guerra aos romanos](#)

[LIVRO TERCEIRO](#)

- [1. Regiões da terra nas quais os apóstolos pregaram](#)
- [2. O primeiro presidente da Igreja de Roma](#)
- [3. Cartas dos apóstolos](#)
- [4. Primeira sucessão dos apóstolos](#)
- [5. Último assédio dos judeus](#)
- [6. A fome que os arrasou](#)
- [7. Predições de Cristo](#)
- [8. Sinais antes da guerra](#)
- [9. Os escritos que Josefo deixou](#)
- [10. Como ele chama os livros divinos](#)
- [11. Depois de Tiago, Simão dirige a Igreja de Jerusalém](#)
- [12. Vespasiano procura descendentes de Davi](#)
- [13. Anacleto, segundo bispo de Roma](#)
- [14. Abílio, segundo a dirigir os alexandrinos](#)
- [15. Depois dele Clemente é o terceiro](#)
- [16. Cartas de Clemente](#)
- [17. A perseguição sob Domiciano](#)
- [18. João e o Apocalipse](#)
- [19. Domiciano ordena a morte dos descendentes de Davi](#)
- [20. Os parentes do Senhor](#)
- [21. Cerdão é o terceiro a presidir a Igreja de Alexandria](#)
- [22. Inácio, segundo chefe de Antioquia](#)
- [23. Narrativa concernente ao apóstolo João](#)
- [24. A ordem dos evangelhos](#)
- [25. As divinas Escrituras reconhecidas e as que não o são](#)
- [26. O mago Menandro](#)

- [27. A heresia ebionita](#)
- [28. A heresia de Cerinto](#)
- [29. Nicolau e os que lhe devem seu nome](#)
- [30. Os apóstolos que viveram no matrimônio](#)
- [31. Morte de João e de Filipe](#)
- [32. Testemunho de Simão, bispo de Jerusalém](#)
- [33. Trajano começa a procurar os cristãos](#)
- [34. Evaristo, quarto dirigente da Igreja de Roma](#)
- [35. Justo, terceiro dirigente da Igreja de Jerusalém](#)
- [36. Inácio e suas cartas](#)
- [37. Os evangelistas que se distinguem](#)
- [38. Cartas de Clemente e falsos escritos a ele atribuídos](#)
- [39. Escritos de Papias](#)

[LIVRO QUARTO](#)

- [1. Bispo de Roma e de Alexandria sob Trajano](#)
- [2. Sofrimentos dos judeus nesta época](#)
- [3. Apologistas da fé sob Trajano](#)
- [4. Bispos de Alexandria e de Roma sob Adriano](#)
- [5. Bispos de Jerusalém desde o Senhor à época de que tratamos](#)
- [6. Último assédio de Jerusalém sob Adriano](#)
- [7. Chefes da pseudognose neste tempo](#)
- [8. Escritores eclesiásticos](#)
- [9. Carta de Adriano ordenando que os cristãos não fossem perseguidos sem julgamento prévio](#)
- [10. Bispos de Roma e de Alexandria sob Antonino](#)
- [11. Heresiarcas desta época](#)
- [12. Justino dirige sua apologia a Antonino](#)
- [13. Carta de Antonino ao Conselho da Ásia](#)
- [14. Memória feliz de Policarpo](#)
- [15. Testemunho de Policarpo e outros sob Vero](#)
- [16. Martírio do filósofo Justino](#)
- [17. Mártires mencionados por Justino](#)
- [18. Escritos de Justino chegados até nós](#)
- [19. Presidentes das Igrejas de Roma e de Alexandria sob Vero](#)
- [20. Os que presidiram a Igreja de Antioquia](#)
- [21. Escritores eclesiásticos ilustres deste tempo](#)
- [22. Hegesipo e os por ele citados](#)
- [23. Dionísio, bispo de Corinto](#)
- [24. Teófilo, bispo de Antioquia](#)
- [25. Filipe e Modesto](#)

- [26. Melitão e os seus mencionados](#)
- [27. Apolinário](#)
- [28. Musano](#)
- [29. Heresia de Taciano](#)
- [30. Bardesanes, o Sírio, e seus escritos](#)

[LIVRO QUINTO](#)

- [1. Os que combateram, sob Vero, na Gália](#)
- [2. Os mártires, amigos de Deus, acolhem os lapsos](#)
- [3. Aparição em sonho ao mártir Átalo](#)
- [4. Recomendação epistolar de Ireneu](#)
- [5. Orações dos nossos em favor de Marco Aurélio são atendidas](#)
- [6. Catálogo dos bispos de Roma](#)
- [7. Ainda naquela época os fiéis realizam prodígios](#)
- [8. Como Ireneu cita as Escrituras](#)
- [9. Bispos sob o império de Cômodo](#)
- [10. O filósofo Panteno](#)
- [11. Clemente de Alexandria](#)
- [12. Bispos de Jerusalém](#)
- [13. Rodão e as dissensões entre os marcionitas](#)
- [14. Falsos profetas catafrígios](#)
- [15. Cisma dos seguidores de Blastos em Roma](#)
- [16. Fatos que ele aponta acerca de Montano](#)
- [17. Milcíades e os livros que redigiu](#)
- [18. Como Apolônio respondeu aos catafrígios](#)
- [19. Obra de Serapião acerca da heresia dos frígios](#)
- [20. Explicação escrita de Ireneu](#)
- [21. Testemunho de Apolônio](#)
- [22. Bispos conhecidos naquele tempo](#)
- [23. Questão contemporânea relativa à Páscoa](#)
- [24. Dissensão na Ásia](#)
- [25. Acordo unânime a respeito da Páscoa](#)
- [26. Fragmentos do trabalho de Ireneu que chegaram até nós](#)
- [27. Ainda de obras de outros escritores](#)
- [28. Difusores da heresia de Artemão](#)

[LIVRO SEXTO](#)

- [1. Perseguição de Severo](#)
- [2. Educação de Orígenes](#)
- [3. Ainda jovem, ensinava a doutrina de Cristo](#)
- [4. Muitos de seus catequizados foram promovidos ao martírio](#)
- [5. Potamiena](#)

- [6. Clemente de Alexandria](#)
- [7. O escritor Judas](#)
- [8. Audácia de Orígenes](#)
- [9. Milagres de Narciso](#)
- [10. Bispos de Jerusalém](#)
- [11. Alexandre](#)
- [12. Serapião e escritos seus subsistentes](#)
- [13. Obras de Clemente](#)
- [14. Suas citações das Escrituras](#)
- [15. Héraclas](#)
- [16. Orígenes aplica-se ao estudo da Escritura](#)
- [17. O tradutor Símaco](#)
- [18. Ambrósio](#)
- [19. Notícias acerca de Orígenes](#)
- [20. Escritos remanescentes dos autores deste tempo](#)
- [21. Bispos renomados destes tempos](#)
- [22. Escritos de Hipólito conservados](#)
- [23. Zelo de Orígenes](#)
- [24. Comentários que fez em Alexandria](#)
- [25. Suas citações das Escrituras canônicas](#)
- [26. Héraclas recebe o episcopado de Alexandria](#)
- [27. Parecer dos bispos a seu respeito](#)
- [28. Perseguição sob Maximino](#)
- [29. Fabiano, bispo de Roma](#)
- [30. Discípulos de orígenes](#)
- [31. Africano](#)
- [32. Livros que orígenes comentou](#)
- [33. Erro de Berilo](#)
- [34. Acontecimentos sob Filipe](#)
- [35. Dionísio sucede a Héraclas](#)
- [36. Outros escritos de Orígenes](#)
- [37. Divergência dos árabes](#)
- [38. Heresia dos elquesaitas](#)
- [39. Acontecimentos sob Décio](#)
- [40. O que sucedeu a Dionísio](#)
- [41. Mártires na própria Alexandria](#)
- [42. Outros mártires lembrados por Dionísio](#)
- [43. Vida de Novato e sua heresia](#)
- [44. Narrativa de Dionísio sob Serapião](#)
- [45. Cartas de Dionísio a Novato](#)

46. Outras cartas de Dionísio

LIVRO SÉTIMO

1. Perversidade de Galo e Décio
2. Bispos de Roma sob esses imperadores
3. Cipriano, primeiro bispo a emitir a opinião da necessidade do batismo para os convertidos
4. Quantas cartas escreveu Dionísio acerca desta questão
5. Paz após a perseguição
6. Heresia de Sabélio
7. Erro abominável dos hereges
8. Heterodoxia de Novato
9. Batismo ímpio dos hereges
10. Valeriano e sua perseguição
11. Acontecimentos atinentes a Dionísio
12. Mártires de Cesaréia
13. Paz sob Galiano
14. Bispos mais em evidência nessa época
15. O testemunho de Marino em Cesaréia
16. Narrativa concernente a Astírio
17. A oração de Astírio confunde o demônio
18. Sinais remanescentes em Paneas da atividade do Salvador
19. O trono de Tiago
20. Cartas hortativas de Dionísio
21. Eventos em Alexandria
22. A epidemia que ali se alastrou
23. Reinado de Galieno
24. Nepos e o cisma que criou
25. Apocalipse de João
26. Cartas de Dionísio
27. Paulo de Samósata e sua heresia
28. Bispos ilustres então reconhecidos
29. Paulo, convencido de erro, é excomungado
30. A Carta aos bispos de Roma e de Alexandria
31. Perversão heterodoxa dos maniqueus
32. Varões eclesiásticos ilustres

LIVRO OITAVO

1. Precedentes da perseguição contemporânea
2. Destruição das igrejas
3. Procedimento dos cristãos nas lutas da perseguição
4. Como os mártires de Deus, merecedores de ser celebrados em hinos, deixaram

lugares repletos de sua memória, depois de terem cingido pela piedade diferentes coroas

5. Os de Nicomédia

6. Os residentes nos palácios imperiais

Os residentes nos palácios imperiais

7. Os egípcios que se achavam na Fenícia

8. Os do Egito

9. Os de Tebaida

10. Narrativas do mártir Fíleas sobre os acontecimentos em Alexandria

11. Os da Frígia

12. Muitos outros, homens e mulheres, que combateram de diversas maneiras

13. Chefes da Igreja que comprovaram com o próprio sangue a autenticidade da religião de que eram embaixadores

14. Atitude dos inimigos da religião

15. Eventos relativos aos de fora

16. Feliz mudança nos negócios públicos

17. Retratação dos príncipes

LIVRO NONO

1. Tréguas fictícias

2. Subseqüente mudança

3. Ídolo recentemente erigido em Antioquia

4. Petições contra nós

5. Pseudo-Atos

6. Testemunhos prestados nesta época

7. Editto contra nós afixado em estelas

8. Acontecimentos subseqüentes: fome, peste, guerra

9. Catástrofe que pôs fim à vida dos tiranos e palavras que proferiram antes de morrer

9a. Cópia da tradução da carta do tirano

10. Vitória dos imperadores agradáveis a Deus

11. Destruição definitiva dos inimigos da piedade

LIVRO DÉCIMO

1. Paz que Deus nos outorgou

2. Restauração das igrejas

3. Dedicções celebradas em todo lugar

4. Panegírico do estado excelente dos negócios

5. Cópia das constituições imperiais relativas aos cristãos

6. Cópia da carta imperial pela qual se concedem bens às Igrejas

7. Cópia da carta imperial pela qual fica ordenado que os chefes das Igrejas sejam isentos de todo encargo público

8. Perversão de Licínio, mais tarde manifestada, e seu fim trágico

9. A vitória de Constantino e os benefícios que ele trouxe aos súditos do poder romano

APRESENTAÇÃO

Surgiu, pelos anos 40, na Europa, especialmente na França, um movimento de interesse voltado para os antigos escritores cristãos e suas obras conhecidos, tradicionalmente, como “Padres da Igreja”, ou “Santos Padres”. Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção “Sources Chrétiennes”, hoje com cerca de 400 títulos, alguns dos quais com várias edições. Com o Concílio Vaticano II, ativou-se em toda a Igreja o desejo e a necessidade de renovação da liturgia, da exegese, da espiritualidade e da teologia a partir das fontes primitivas. Surgiu a necessidade de “voltar às fontes” do cristianismo.

No Brasil, em termos de publicação das obras destes autores antigos, pouco se fez. Paulus Editora procura, agora, preencher este vazio existente em língua portuguesa. Nunca é tarde ou fora de época para rever as fontes da fé cristã, os fundamentos da doutrina da Igreja, especialmente no sentido de buscar nelas a inspiração atuante, transformadora do presente. Não se propõe uma volta ao passado através da leitura e estudo dos textos primitivos como remédio ao saudosismo. Ao contrário, procura-se oferecer aquilo que constitui as “fontes” do cristianismo para que o leitor as examine, as avalie e colha o essencial, o espírito que as produziu. Cabe ao leitor, portanto, a tarefa do discernimento. Paulus Editora quer, assim, oferecer ao público de língua portuguesa, leigos, clérigos, religiosos, aos estudiosos do cristianismo primevo, uma série de títulos, não exaustiva, cuidadosamente traduzidos e preparados, dessa vasta literatura cristã do período patrístico.

Para não sobrecarregar o texto e retardar a leitura, procurou-se evitar anotações excessivas, as longas introduções estabelecendo paralelismos de versões diferentes, com referências aos empréstimos da literatura pagã, filosófica, religiosa, jurídica, às infundas controvérsias sobre determinados textos e sua autenticidade. Procurou-se fazer com que o resultado desta pesquisa original se traduzisse numa ação despojada, porém séria.

Cada autor e cada obra terão uma introdução breve com os dados biográficos essenciais do autor e um comentário sucinto dos aspectos literários e do conteúdo da obra suficientes para uma boa compreensão do texto. O que interessa é pôr o leitor diretamente em contato com o texto. O leitor deverá ter em mente as enormes diferenças de gêneros literários, de estilos em que estas obras foram redigidas: cartas, sermões, comentários bíblicos, paráfrases, exortações, disputas com os heréticos, tratados teológicos vazados em esquemas e categorias filosóficas de tendências diversas, hinos litúrgicos. Tudo isso inclui, necessariamente, uma disparidade de tratamento e de esforço de compreensão a um mesmo tema. As constantes, e por vezes longas, citações bíblicas ou simples transcrições de textos escriturísticos devem-se ao fato de que os Padres escreviam suas reflexões sempre com a Bíblia numa das mãos.

Julgamos necessário um esclarecimento a respeito dos termos patrologia, patrística e Padres ou Pais da Igreja. O termo patrologia designa, propriamente, o estudo sobre a vida, as obras e a doutrina dos Pais da Igreja. Ela se interessa mais pela história antiga incluindo também obras dos escritores leigos. Por patrística se entende o estudo da doutrina, as origens dessa doutrina, suas dependências e empréstimos do meio cultural, filosófico e pela evolução do pensamento teológico dos Pais da Igreja. Foi no século XVII que se criou a expressão “teologia patrística” para indicar a doutrina dos Padres da Igreja distinguindo-a da “teologia bíblica”, da “teologia escolástica”, da “teologia simbólica” e da “teologia especulativa”. Finalmente, “Padre ou Pai da Igreja” se refere ao escritor — leigo, sacerdote ou bispo — da antiguidade cristã, considerado pela tradição posterior como testemunha particularmente autorizada da fé. Na tentativa de eliminar as ambigüidades em

torno dessa expressão, os estudiosos convencionaram em receber como “Pai da Igreja” quem tivesse estas qualificações: ortodoxia de doutrina, santidade de vida, aprovação eclesiástica e antiguidade. Mas os próprios conceitos de ortodoxia, santidade e antiguidade são ambíguos. Não se espere encontrar neles doutrinas acabadas, buriladas, irrefutáveis. Tudo estava ainda em ebulição, fermentando. O conceito de ortodoxia é, portanto, bastante largo. O mesmo vale para o conceito de santidade. Para o conceito de antiguidade, podemos admitir, sem prejuízo para a compreensão, a opinião de muitos especialistas que estabelece, para o Ocidente, Igreja latina, o período que, a partir da geração apostólica, se estende até Isidoro de Sevilha (560-636). Para o Oriente, Igreja grega, a antiguidade se estende um pouco mais, até a morte de s. João Damasceno (675-749).

Os “Pais da Igreja” são, portanto, aqueles que, ao longo dos sete primeiros séculos, foram forjando, construindo e defendendo a fé, a liturgia, a disciplina, os costumes e os dogmas cristãos, decidindo assim os rumos da Igreja. Seus textos se tornaram fontes de discussão, de inspiração, de referências obrigatórias ao longo de toda a tradição posterior. O valor dessas obras que Paulus Editora oferece ao público pode ser avaliado neste texto: “Além de sua importância no ambiente eclesiástico, os Padres da Igreja ocupam lugar proeminente na literatura e, particularmente, na literatura greco-romana. São eles os últimos representantes da antiguidade, cuja arte literária, não raras vezes, brilha nitidamente em suas obras, tendo influenciado todas as literaturas posteriores. Formados pelos melhores mestres da Antiguidade clássica, põem suas palavras e seus escritos a serviço do pensamento cristão. Se excetuarmos algumas obras retóricas de caráter apologético, oratório ou apuradamente epistolar, os Padres, por certo, não queriam ser, em primeira linha, literatos, e sim arautos da doutrina e moral cristãs. A arte adquirida, não obstante, vem a ser para eles meio para alcançar este fim. (...) Há de se lhes aproximar o leitor com o coração aberto, cheio de boa vontade e bem-disposto à verdade cristã. As obras dos Padres se lhe reverterão, assim, em fonte de luz, alegria e edificação espiritual” (B. Altaner; A. Stuiber, *Patrologia*, São Paulo, Paulus, 1988, pp. 21-22).

A Editora

INTRODUÇÃO

I. Biografia

Aquele que ficou conhecido como “pai da história eclesiástica” nasceu entre os anos 260-265, provavelmente em Cesaréia, na Palestina.

Por ser historiador e pelo fato de a história não ter registrado nada sobre seus pais, irmãos ou qualquer de seus antepassados, e dado que quis agregar a seu nome o de Pânfilo, fazendo-se chamar Eusébio de Pânfilo, levou o patriarca Fócio a concluir que Eusébio fora escravo e depois liberto de Pânfilo.¹ Na verdade, conforme o próprio Eusébio diz em sua *História Eclesiástica (HE)* VII, 32-35, e depois são Jerônimo no *De viris illustribus* 81, Pânfilo fora tão-somente amigo e mestre de Eusébio.

Eusébio fez seus primeiros estudos com um douto sacerdote de Antioquia, Doroteu, e, depois, com um sábio, Pânfilo, um dos mais ardorosos seguidores de Orígenes.

Quando da perseguição desencadeada por Domiciliano, entre os anos 303-311, Pânfilo foi encarcerado, em 15 de novembro de 307. Para demonstrar sua amizade e fidelidade, Eusébio o acompanhou na prisão, onde compuseram uma *Apologia* em favor de Orígenes.² Composta em cinco livros, foi interrompida pela decapitação de Pânfilo, ocorrida em 16 de fevereiro de 310. Mais tarde, Eusébio acrescentará um sexto livro a esta *Apologia* e escreverá, em 311, a biografia de Pânfilo, que são Jerônimo qualifica como “livros elegantíssimos”.

Depois do martírio de Pânfilo, Eusébio se refugiou em Tiro, primeiro, e, depois, no Egito, onde acabou prisioneiro. Quando Galério publicou o edito de pacificação, em 311, ele retornou à Palestina e se pôs a refutar as acusações que Hiérocles, então governador da Bitínia, levantava contra os cristãos. Ao mesmo tempo, acaba a redação dos oito primeiros livros de sua *História Eclesiástica*.

Foi por essa época que se tornou sacerdote e, logo após a paz constantiniana, em 311, é sagrado bispo. Como bispo, não interrompeu suas pesquisas para dirigir sua diocese. Continuou elaborando a *História Eclesiástica*, outros tratados apologéticos e obras sobre as Escrituras. Entre os anos 315-316, participou da grande festa da dedicação da igreja de Tiro, ocasião em que pronunciou um panegírico (cf. *HE* X, 4).

Em termos de doutrina cristológica, era simpatizante e partidário do arianismo e contra os que defendiam a consubstancialidade do Verbo com o Pai. Por essa razão, dá abrigo a Ário e o defende exaltando-lhe a doutrina, quando este é destituído de suas funções pelo sínodo de Antioquia, por volta de 323-324. Por essa sua atitude e por ter-se recusado a aderir a uma fórmula de fé que condenava os ensinamentos de Ário, um sínodo reunido em Antioquia, pelos fins de 324, o excomungou juntamente com mais dois bispos.

Mas, já no ano seguinte, vemo-lo reabilitado no concílio de Nicéia, à frente de um grupo de tendência subordinacionista, tentando manter-se distante tanto de seu amigo Ário quanto de Atanásio, defensor radical da consubstancialidade, propondo um símbolo de fé conciliatório entre as duas facções. Seu símbolo fora reconhecido ortodoxo, mas não solucionava as questões suscitadas pela cristologia de Ário. Contudo, ele servirá de base para a elaboração do símbolo de Nicéia. O símbolo-credo de Eusébio era o de sua própria igreja cujo teor é o seguinte: “Cremos em um só Deus, Pai onipotente, criador de todas as coisas visíveis e invisíveis; e em um só Senhor Jesus Cristo, Verbo de Deus, Deus de Deus, Luz de Luz, Vida de Vida, Filho unigênito, primogênito de toda a criação, por quem foram feitas todas as coisas; o qual foi feito carne para nossa salvação e viveu entre os homens, e sofreu, e ressuscitou ao terceiro dia, e subiu ao Pai e novamente virá em glória para julgar os vivos e os mortos; cremos também em um só Espírito santo”. Porém, tendo o imperador Constantino, que dirigia o concílio, se declarado contra Ário, Eusébio se resignou a assinar o símbolo de fé contendo o

“consustancial ao Pai”. Subscreveu-o malgrado sua repugnância para não desagradar ao imperador, que queria esta fórmula e a exigia dos bispos presentes no concílio, conforme o próprio Eusébio revela na carta de justificação de seu voto aos seus diocesanos.³

Após o concílio de Nicéia, continuou ao lado de Ário e se articulou para depor de suas respectivas sedes episcopais os defensores da “consustancialidade do Verbo com o Pai”, como o bispo de Gaza, Asclepiades, em 326. Participou ainda do sínodo de Antioquia, em 330, que depôs o bispo desta cidade, Eustácio. Cinco anos depois, participou do sínodo de Tiro, sentenciando-se a deposição e o exílio de santo Atanásio.

Com os bispos do sínodo de Tiro, em 335, voltou a Jerusalém para a solene dedicação da basílica do Santo Sepulcro. Em seguida, foi a Constantinopla para participar das comemorações dos trinta anos de governo de Constantino, ocasião em que foi o grande orador em homenagem ao imperador.

A pedido do próprio imperador, escreveu a *Vita Constantini* com o fim de rebater as acusações das quais era objeto por parte dos pagãos. Este objetivo pode explicar o caráter da obra, que é menos uma biografia do que um panegírico, terminado só depois da morte do imperador.

Incansável na atividade, enriqueceu a biblioteca fundada por Orígenes, em Cesaréia. Espírito universal, foi o bispo mais erudito de sua época.⁴ Tratou de história, geografia, exegese, apologia, teologia, eloquência, razão pela qual Constantino o estimava muitíssimo e o favorecia. Era trabalhador incansável, tinha inteligência versátil e, sobretudo, uma memória tenaz. Era verdadeiramente erudito. Infatigável, leu tudo tanto na literatura profana quanto na sagrada, elaborando extratos e sumários de tudo. Todavia, faltam-lhe a profundidade da especulação teológica e a firmeza de caráter a respeito do poder civil. De-votíssimo do imperador, desenvolve a idéia de império cristão. Torna-se bispo apoiado pelo Estado. Estudiosos modernos encontram em seus escritos imprecisões e defeitos de vários tipos. Reconhecem, no entanto, que suas pesquisas trouxeram luzes sobre a Igreja dos primeiros séculos, sem as quais bem pouco saberíamos daqueles primeiros tempos do cristianismo. Por essa razão, Duchesne escreve: “Se Eusébio não tivesse, com uma diligência sem igual, investigado as bibliotecas palestinas, onde Orígenes e o bispo Alexandre haviam recolhido toda a literatura cristã dos tempos antigos, nossos conhecimentos sobre os três primeiros séculos da Igreja se reduziriam a bem pouca coisa. Graças a ele nós nos encontramos em condições, sem dúvida, de não lamentar o naufrágio desta literatura, mas ao menos de poder apreciá-la sobre notáveis destroços”.⁵

O dia de sua morte é recordado no *Breviário Siríaco*, em 30 de maio. No *Martirologio Jeronimiano*, em 21 de junho: “In Caesarea Palaestinae depositio Eusebii episcopi historiographi” (*Mart. Hieron.*, p. 328), notícia passada posteriormente para o *Martirologio de Usuardo* e no *Romano*. Acácio, sucessor de Eusébio na sede episcopal, escreveu-lhe uma biografia que até agora não foi encontrada.⁶

II. Obras

A. Obras exegéticas

Conhecemos Eusébio apenas como historiador da Igreja, mas, na verdade, ele pesquisou, estudou e redigiu uma extensa produção literária, abrangendo diversos campos da ciência, como história, biografia, exegese, apologia, geografia, teologia dogmática. Contudo, apesar de passar para a história como “pai da historiografia eclesiástica”, sempre manifestou viva predileção pelos estudos bíblicos, aos quais se dedicou mais como erudito e filólogo do que como exegeta. Este gosto se deve, certamente, à influência de Orígenes, do qual foi freqüentemente plagiador. De fato, sua hermenêutica carece de clareza e de segurança. O certo é que bem pouco restou de sua vasta produção em torno das Escrituras.

1. Parece que a primeira obra que se deve atribuir a Eusébio, em relação às Escrituras, é obra referente à geografia bíblica que ostenta o nome de *Onomasticon*. Trata-se de obra acerca dos nomes dos lugares mencionados nas Escrituras, acerca dos topônimos aí encontrados. É, no fundo, verdadeiro dicionário de nomes e lugares bíblicos catalogados por ordem alfabética, com breve descrição, ilustrados por notícias sobre sua localização e sua história, acompanhados dos nomes que lhes foram dados sucessivamente. Parece ter sido parte de obra mais vasta de geografia bíblica, remanejada, depois, por são Jerônimo.

O Prefácio deste *Onomasticon* indica três outros escritos de Eusébio, hoje perdidos: a) nomes dos povos mencionados na Bíblia, sobretudo em Gn 10-11, talvez uma interpretação grega dos termos etnológicos das Escrituras herbaicas; b) a Palestina antiga e sua divisão entre as tribos, espécie de topografia da Judéia; c) um plano de Jerusalém, isto é, planta de Jerusalém e do Templo. Este opúsculo foi traduzido e completado por são Jerônimo, com alguns acréscimos.

2. Os três livros das *Questões sobre o Evangelho e suas soluções* conservam e analisam as variantes que apresentam as narrativas evangélicas da infância e da ressurreição. Neles, Eusébio resolve as dificuldades propostas pelas contradições dos evangelhos sobre a infância, a paixão e a ressurreição. Mais tarde, santo Agostinho retomará esta questão no seu livro *De consensu evangelistarum*, tratando-a com maior amplitude e competência.

3. Dedicado a Constantino e nascido de uma discussão sobre a relação entre a páscoa judaica e a cristã, por ocasião do concílio de Nicéia, é o *Tratado sobre a Páscoa*. Dele só resta, hoje, um extenso e importante fragmento que contém também um testemunho sobre a celebração da eucaristia daquele tempo.

4. Ainda em relação às Escrituras, elaborou obra trabalhosa, em dez colunas, inspirada em Amônio Alexandrino: *Os cânones evangélicos*. A obra é dedicada a certo Carpiano e oferece visão sintética dos quatro evangelhos, dispostos em dez colunas, contendo as passagens paralelas, indicando o que é comum neles e o que é próprio de cada um.⁷

5. Existem extensos fragmentos do erudito *Comentário dos Salmos*, traduzidos para o latim por Hilário de Poitiers e Eusébio de Vercelas. Os fragmentos estão conservados até o Sl 118. Dele salvou-se, integralmente, somente o 3º fragmento relativo aos Salmos 51-91,3. Parece que fora um dos últimos escritos de Eusébio. Tido na antiguidade cristã em grandíssima estima pela erudição e doutrina, Jerônimo o utiliza em seu comentário, embora o critique severamente.

6. Eusébio elaborou ainda um *Comentário sobre Isaías*, que foi conservado em grande parte. Do *Comentário sobre são Lucas*, há trechos importantes, mas, na verdade, só restam alguns fragmentos. Esta é obra de certo valor, embora Eusébio não mostre ser grande mestre de exegese. Sua dependência de Orígenes o leva a fazer larga aplicação da alegoria, enquanto seu temperamento de historiador o acomodaria melhor a uma exegese literal. Frequentemente, propõe interpretação espiritual como único sentido possível, posicionando-se, desse modo, mais próximo da corrente alexandrina do que da antioquena.

B. Obras teológicas

Sua teologia dogmática está confinada à refutação das doutrinas do bispo de Antioquia, Marcelo de Ancira. Em dois tratados, escreveu, a pedido dos padres do sínodo de Constantinopla, em 336, uma refutação do sabelianismo do bispo Marcelo, que acabara de ser deposto. Os dois livros *Contra Marcellum*⁸ e o *De ecclesiastica theologia* refutam o sabelianismo de maneira nítida, mas, ao desenvolver seus argumentos, Eusébio revela seu subordinacionismo. Nos três livros *Sobre a teologia da Igreja*, empreende a exposição mais completa e a demonstração da verdadeira doutrina do Logos,

nega a igualdade do Pai e do Filho afirmando uma concepção hierárquica da trindade, na qual o Filho está subordinado ao Pai e o Espírito Santo subordinado ao Filho, do qual é criatura.

Desse modo, sua doutrina trinitária, especialmente a cristologia, é imprecisa como o era a origenista, que, para combater o modalismo de Sabélíio, caía no subordinacionismo. Por mais compreensivo se queira ser na interpretação de muitas expressões cristológicas, ele pode figurar entre os mais temíveis opositores da “consustancialidade” do Pai com o Filho, dado o prestígio que gozava como erudito junto de Constantino e todo o episcopado do Oriente.⁹

C. Obras apologéticas

1. Em todas as obras de Eusébio há sempre conotação apologética. Contudo, algumas obras foram escritas com fim propriamente de defesa do cristianismo e se distinguem pela imensa erudição. Parece que a mais antiga delas seja a *Introdução elementar geral*, em dez livros, dos quais só restam hoje poucos livros que veiculam sob o título de *Eclogne proféticas*. Estes textos contêm uma coleta e um comentário essencial das profecias messiânicas do Antigo Testamento.

2. Perdido, salvo alguns fragmentos, é o tratado *Contra Porfírio*, em 25 livros nos quais eram refutados os ataques que este filósofo neoplatônico dirigira contra o cristianismo.¹⁰

3. Dos últimos anos da vida de Eusébio, destaca-se a *Teofania*, obra em 5 livros de caráter popular e retoricamente construídos. Só restam dele fragmentos dos originais e uma versão siríaca da obra inteira. É propriamente um tratado popular sobre a manifestação do Logos na criação e conservação do universo, nas consciências dos homens, na encarnação. Nela Eusébio reelabora muito material já utilizado na *Demonstração Evangélica* e na *Preparação Evangélica*. O fim principal desta obra seria o de refutar a afirmação de que o Cristo seria mago e os apóstolos sedutores do povo.

4. A obra *Contra Hiérocles*, redigida por volta de 312, é refutação que toma o nome do imperador da Bitínia, daquele tempo. Nela se rebatem as acusações deste governador, que contrapunha os milagres de Jesus e os prodígios do pitagórico Apolônio de Tiana. Trata-se, portanto, de refutação vigorosa e irônica do panfleto de Hiérocles que exaltava Apolônio de Tiana acima de Jesus: “Os cristãos glorificam Jesus por toda a parte e o enchem de louvores porque ele deu vistas aos cegos e operou outros milagres desse gênero. Apolônio realizou milagres maiores ainda, como atestam Máximo Damis e, sobretudo, Filostrato, homens mais dignos de fé que Pedro e Paulo, os quais não eram senão mentirosos, ignorantes e mágicos”.¹¹

5. As mais importantes obras apologéticas, contudo, são, certamente, a *Preparação evangélica* e a *Demonstração evangélica*, escritas entre os anos 312 e 320, ambas dedicadas a Teodoto de Laodicéia.¹²

A *Preparação evangélica*, obra em 15 livros, todos conservados no texto original, repropõe os temas comuns à apologética tradicional: falsidade das religiões politeístas (I-VI); superioridade do monoteísmo hebraico, e a maior razão do monoteísmo cristão, tanto pelo conteúdo quanto pela antiguidade em relação à religião pagã (VII-VIII): contradição dos filósofos gregos e erros principais das suas doutrinas (IX-XI), mas Eusébio mostra muita simpatia pelo platonismo a ponto de considerar Platão em concordância com Moisés.¹³ A obra é, assim, uma espécie de introdução ao estudo do cristianismo mostrando a superioridade da religião cristã sobre a pagã em todos os níveis: moral, ascético, teológico, filosófico. Nenhum apologista antes dele havia concedido tão amplo espaço à abordagem dos temas, nem tinha confrontado as demonstrações com tanta abundância de argumentos, nem com tão profunda erudição. Testemunham esta última os numerosíssimos extratos de autores precedentes que Eusébio incorporou à obra de tal modo que resulta verdadeiro arquivo para os estudos

das religiões antigas. Deve-se notar ainda o espírito de tolerância que ele revela.

Sua *Demonstração evangélica* responde aos judeus que acusavam os cristãos de ter alterado sua religião, corrompendo-a com esse intento de atacá-la em dois pontos fundamentais: que a lei mosaica era apenas preparatória e que, em Cristo, se cumpriram todas as profecias. Na sua visão, a lei mosaica foi, de fato, momento de transição entre a idade dos patriarcas e a vinda de Cristo. Quer provar, portanto, aos judeus a verdade do cristianismo, mostrando que o judaísmo preparou os caminhos para o cristianismo de tal modo que este é o coroamento natural e superior àquele. Recrimina-os por não terem querido aceitar a realização das profecias e de não reconhecerem no cristianismo a verdadeira religião revelada. Eusébio aduz como prova da verdade do cristianismo o ter resistido a tantas perseguições, com vitória que coincide com a unificação do império sob um só soberano, e a cessação das guerras e das divisões entre os povos correspondentes ao monoteísmo.

D. Discursos e cartas

1. Conservam-se ainda hoje três discursos de Eusébio. Um pronunciado em Tiro, entre 414 e 415, por ocasião da dedicação de uma igreja daquela cidade. Este discurso foi transcrito na obra *HE* X, 4. Outro discurso foi proferido em Constantinopla, em 335, pelos festejos dos 30 anos de reinado de Constantino. Enfim, um discurso sobre o martírio pregado, sem dúvida, em Antioquia. Alguns atribuem também a Eusébio o Discurso de Constantino à assembléia dos santos, ou “à Igreja de Deus”, que constitui o V livro da *Vida de Constantino*.

2. A correspondência de Eusébio deve ter sido volumosa, mas toda ela desapareceu, salvo três cartas: uma dirigida a Carpiano, tratando de questões bíblicas, a qual serve de introdução aos *Cânones evangélicos*, outra carta a Flacilo, bispo de Antioquia, na qual Eusébio refere brevemente sua polêmica com Marcelo de Ancira e que é, também, introdução ao *Tratado sobre a teologia católica*; terceira carta à Igreja de Cesaréia, escrita logo após o concílio de Nicéia, na qual Eusébio expõe para sua comunidade seu papel e sua atitude no concílio.¹⁴

Outras cartas se deixam adivinhar pelas citações. Entre estas há uma endereçada a Constança, irmã do imperador Constantino, a respeito da imagem de Cristo. Nela Eusébio repreende Constança por tê-lo interrogado acerca de uma imagem de Cristo, definido idolátrico o uso de escultura e de pintar a divindade. Constança, viúva de Licínio e irmã de Constantino, tendo pedido a Eusébio a imagem da figura do Salvador, recebe recusa e repreensão. Quando lhe chegou à mão uma destas imagens, ele a destruiu, argumentando com Paulo 2Cor 5,16: “Pois, doravante a ninguém conhecemos segundo a carne. Mesmo se conhecemos Cristo segundo a carne, agora já não o conhecemos assim”. Eusébio se revela iconoclasta fervoroso, e, deste modo, estava na verdadeira tradição cristã, hostil às artes, à pintura. Por isso, se recusa a enviar à princesa a imagem que ela lhe pedira e põe princípios que são a condenação de qualquer culto de imagens, “a fim de não levarmos, como os gentios, o simulacro de nosso Deus por toda parte”.

E. Obras históricas

Embora as obras de Eusébio formem verdadeira enciclopédia, foi somente por suas obras históricas que ficou conhecido e prestou eminentes serviços ao cristianismo. Foi por elas que recebeu o título de “Heródoto cristão” e de “Pai da história eclesiástica”.

1. A *Crônica*, composta antes de 303, se divide em duas partes. A Cronografia, primeira parte, serve de introdução e apresenta um resumo da história dos povos caldeus, assírios, hebreus, egípcios, gregos e romanos, segundo a Bíblia e seus monumentos próprios, tais como são representados por seus historiadores. A segunda parte, o Cânon dos tempos, oferece as tábuas sincrônicas destas histórias

particulares, até o ano 323, dispostas em colunas paralelas, acompanhadas de breves notícias sobre os principais fatos da história sagrada e profana, a partir do nascimento de Abraão, isto é, de 2166-2165 a.C. Seu objetivo é mostrar ser a tradição cristã mais antiga do que a de qualquer outro povo, visto ser herdeira da religião judaica, mais antiga do que a religião de qualquer outro povo. Este ensaio de “história universal” exerceu sobre os historiadores posteriores influência incalculável. São Jerônimo, por exemplo, põe-no ao alcance do Ocidente por sua versão da segunda parte da Crônica, com a continuação do ano 325 ao ano 379. Seu verdadeiro título era *História Universal*.

2. A *Vita Constantini*, em 4 livros, não é propriamente uma biografia, mas um encômio, um panegírico da vida do imperador, demasiadamente enfático. Foi escrita após a morte de Constantino, ocorrida em 337. O objetivo da obra é o de rebater as críticas dos pagãos que viam exclusivamente Constantino nas suas relações com o cristianismo. Ele é o instrumento da onipotência divina, o amigo de Deus, o modelo de cristão, segundo Eusébio (I, 3), novo Moisés. A figura do imperador é idealizada muito acima da realidade histórica. Destaca só as virtudes e ações dignas de louvor, calando habilmente os aspectos negativos e reprováveis de seus erros quase que desnaturalizando os acontecimentos pelo excesso de parcialidade. Os elogios feitos ao imperador o engrandecem exageradamente. É também a obra mais discutida de Eusébio e não é mencionada por São Jerônimo no seu elenco das obras de Eusébio. Alguns a julgam apócrifa. Hoje, contudo, desperta consenso sempre mais a tese de autenticidade sem que se exclua que tenha sofrido vários remanejamentos.

A partir desta obra, antigos e modernos construíram a imagem de um bispo cortesão, sempre fidelíssimo às ordens do imperador e chegaram ao ponto de pôr em dúvida a sinceridade dos seus sentimentos por ele. Em apêndice, Eusébio acrescenta, como exemplo de eloquência do imperador, uma “oratio” de sexta-feira santa À *assembléia dos santos* (*Ad coetum sanctorum*) que talvez figure aí como o quinto livro, mas de fato é como apêndice do livro IV.

Esta “oratio” é, na verdade, apologia da religião cristã, centrando-se na demonstração da divindade de Cristo, a quem Constantino atribuiu o mérito dos seus sucessos na guerra. Também sobre a autenticidade do *Discurso* os pareceres dos estudiosos estão divididos. Depois do *Discurso*, os manuscritos da *Vita* transportam-se ao *Louvor de Constantino* (*Laus Constantini*), sob cujo título estão reunidos dois escritos. Os cc. 1-10 contêm o discurso oficial pronunciado por Eusébio, em 335, por ocasião do 30º aniversário do reinado de Constantino. Os cc. 11-18 constituem escrito que Eusébio apresentou ao imperador pela dedicação da igreja do santo Sepulcro, em Jerusalém. O *Elogio de Constantino* é panegírico que coroa os dois opúsculos (a *Laus Constantini* e o *Discurso* do imperador, a *Oratio ad coetum sanctorum*...).

3. A *História Eclesiástica* (*HE*), obra capital para a compreensão da história dos primeiros séculos do cristianismo, é de muito a mais importante de todas as obras de Eusébio. É seu escrito mais citado e conhecido. Compreende 10 livros que não foram compostos de uma só vez, mas ao longo dos anos 312 e 317. A obra começa por uma história sumária de Cristo. Logo no início do livro, Eusébio expõe o método que seguirá e apresenta o plano divino relativo a Jesus Cristo. Por se tratar de obra sem precedentes, recorrerá aos escritos anteriores. Ele mesmo expõe o caminho que vai percorrer para realizar seus objetivos: propõe tratar “daqueles que, quer seja por palavras, quer por escritos, foram os mensageiros da palavra de Deus em cada geração; e do mesmo modo, dos nomes, do número e época daqueles que, levados pelo desejo de inovação até os limites extremos do erro, se proclamaram a si mesmos introdutores da falsa gnose” (I, 1,1). Assim, vai indicando a sucessão dos bispos das principais igrejas, mostrando as dificuldades pelas quais a Igreja vai passando devido às perseguições, o diálogo ou o enfrentamento verbal com os pagãos, com os judeus, o surgimento das heresias e dos heréticos.

Esta obra já estava publicada antes da perseguição de Diocleciano, em 303, com apenas os sete primeiros livros. Novos acontecimentos levaram Eusébio a acrescentar várias ampliações que deram matéria para os livros oitavo, nono e décimo. Como está hoje, a *História Eclesiástica* acompanha as etapas da Igreja desde o nascimento de Cristo até a dupla vitória de Constantino sobre Maxêncio, em 312, e sobre Licínio, em 324. Este triunfo constantiniano e o triunfo da Igreja são para ele a grande prova da santidade e da veracidade da Igreja.

A *HE* pára aí em 324, provavelmente porque Eusébio não pretende comentar sobre o concílio de Nicéia, convocado, patrocinado e dirigido pelo imperador.

O conteúdo da obra, no entanto, é de riqueza inestimável, de valor inapreciável para o conhecimento dos três primeiros séculos da Igreja. Seu grande mérito é o de ter sido elaborado junto às fontes seguras e de entregar à história posterior, ao menos em grande parte, estas mesmas fontes, em forma de extratos. De fato, enumera todos os escritos e escritores que conheceu e cita amplas passagens da maior parte deles. Por esta razão, sua obra tornou-se uma fonte das mais importantes da patrologia, especialmente porque muitas obras citadas e sintetizadas se perderam permanecendo como única fonte de informação para muitos autores e obras.¹⁵ Desse modo, o leitor e o estudioso encontram nela um conjunto de fatos muito variados, documentos de toda espécie, peças oficiais colhidas nos arquivos do Estado, análises de obras e extratos que constituem verdadeiro tesouro. Deve-se ressaltar, contudo, que suas inclinações e simpatias lhe tenham, por vezes, inspirado omissões surpreendentes e tendenciosas. Além disso, recrimina-se-lhe falta de síntese, a abundância de extratos, sendo alguns deles tão curtos que impedem qualquer compreensão. Tudo isso faz com que a obra se pareça, por vezes, mais com uma colcha de retalhos do que com uma história. Portanto, não se tem uma narração completa com a justa proporção dos episódios e o encadeamento lógico dos acontecimentos. O valor fica pelo trabalho, junto às fontes, dos documentos sobre a antiguidade eclesiástica, dos extratos de obras já perdidas.

Observamos ainda que, após o livro X, encontramos um opúsculo sobre *Os mártires da Palestina*,¹⁶ no qual Eusébio relata, como testemunha ocular, ou com notícias de primeira mão, os gestos gloriosos destes mártires. Graças a este opúsculo somos informados mais detalhadamente do que de outras províncias do Oriente, do sofrimento e da violência da perseguição na Palestina e do número das execuções. Este opúsculo parece ter sido escrito em 313. Narrando a história de 43 mártires palestinos executados durante a perseguição de Diocleciano (302-305), durante a perseguição de Galero (306-311)¹⁷ e durante a perseguição de Maximino (311-313). Note-se que nenhum bispo católico foi martirizado na Palestina, mas somente um bispo marcionita, Asclépios; dois padres católicos, Pânfilo e Silvano de Gaza, grande número de diáconos, exorcistas, leitores foram executados.

O intento apologético da obra é evidente. A vitória do cristianismo sobre as potências adversas é a prova tangível de sua origem divina e de sua legitimidade. De fato, a paz constantiniana inicia nova política religiosa. Primeiramente, o edito de Licínio, em 311, pondo fim às perseguições esporádicas, devolve à Igreja, na metade oriental do império, a liberdade. Depois, a partir de 313, uma série de cartas imperiais outorgam à Igreja, por iniciativa de Constantino, uma situação jurídica de claro privilégio ainda que pareça nunca ter existido um “edito de Milão”, de fevereiro de 313. O novo *status* significava para a Igreja a isenção dos *munera civilia*, a restituição de todos os bens confiscados nas perseguições, mesmo sem reintegração do preço ou de indenização aos particulares que os tivessem adquirido do fisco. Soma-se a isso a liberdade de culto, a capacidade corporativa de adquirir ou possuir toda classe de bens por qualquer título. Desse modo, a integração da Igreja no sistema político do Império determina novas e mais favoráveis condições para a evangelização da população, com o

aumento subsequente das conversões, a configuração de uma hierarquia eclesiástica com base na visão administrativa imperial, metropolitanos nas províncias, nas cidades, à qual o Império reconhece certa competência administrativa e jurisdicional (*auditia episcopalis*). Há ainda outros benefícios que provocaram a euforia e a sensação de triunfo cabal:¹⁸ a concessão de estatuto privilegiado em favor dos eclesiásticos, livre disposição do patrimônio, imunidade fiscal, dispensa de cargos curiais, criação de patrimônio eclesiástico, graças às oblações dos fiéis e à liberalidade dos imperadores, que, embora pertencentes à comunidade, são administrados com total liberdade pelo bispo, ao mesmo tempo que desfruta da imunidade fiscal.

Constantino concedeu *status* aos bispos com o mesmo grau de senadores. Construiu igrejas, basílicas, incluindo a de São Pedro em Roma. Usava no seu estandarte o símbolo cristão e declarou o domingo dia de descanso semanal, repondo a celebração semanal de Mitra.

Assim, a partir de Constantino, os bispos usam púrpura como os oficiais do imperador. O bispo tem todos os privilégios dos senadores, e como senadores usam a faixa purpúrea para mostrar sua dignidade imperial, ganhando o direito senatorial para viajar usando o serviço postal do império.

De fato, o grau de novidade e o alcance das iniciativas e concessões de Constantino, sem dúvida, representam algo novo e importante que atingirá todo o futuro da Igreja, que começa a se moldar cada vez mais de acordo com o Império. Euforia e embriaguez semelhantes às de Eusébio pode-se verificar também em Lactâncio, no seu *De mortibus persecutorum*, em que celebra com alegria apaixonada, quase cruel, o aniquilamento dos imperadores pagãos e o triunfo da Igreja.

BIBLIOGRAFIA

- ALLEVI, L. “Eusebio di Cesarea e la storigrafia ecclesiastica”, in *Scuola Cattolica*, pp. 550-564, 1940.
- ALTANER, B., - Stuibler, A. *Patrologia. Vida, obras e doutrina dos Padres da Igreja*, 2ª ed. São Paulo, Paulus, 1988, pp. 222-230.
- BARDY, Gustav, “La littérature patristique des ‘Quaestiones et responsiones’ sur l’Écriture Sante”, in *Revue Biblique*, 41, pp. 228-236; 341-369; 515-537, 1932.
- . *Eusèbe de Césarée. Histoire ecclésiastique*, Col. Sources Chrétiennes, 71 bis., Paris Cerf, 1971.
- BATIFFOL, P., *La paix constantinienne et le catholicisme*, Paris, 1944.
- . “Les documents de la ‘Vita Constantini’”, in *Bulletin d’ancienne littérature et d’archéologie chrétiennes*, pp. 81-95, 1914.
- CAYRÉ, E., *Patrologie et histoire de la théologie*, t.I, livres I e II. 4è. éd. Paris-Tournai-Roma, Société de S.J.L.’Évangéliste, 1945, pp. 309-317.
- CURTI, C. “Il linguaggio relativo al Padre e al Figlio, in alcuni passi dei ‘Commentarii in Psalmos’ di E. di Cesarea”, in *Augustinianum* 13, pp. 483-506, 1973.
- DANIELE, I., *I documenti constantiniani della Vita Constantini di Eusebio di Cesarea*, Roma, 1938.
- DEVRESSE, R., “L’édition du Commentaire d’Éusèbe de Césarée sur Isaïe. Interpolations et omissions”, in *Revue Biblique*, 42, pp. 540-555, 1933.
- DHORME, P., “Les sources de la Chronique d’Éusèbe”, in *Revue Biblique*, pp. 233-237, 1910.
- FARINA, R., “La teologia di Eusebio e la ‘svolta di Necea’”, in *Salesianum* 27, pp. 666-671, 1965.
- HÉLY, V., *Éusèbe de Césarée, premier historien de l’Église*, Paris, 1877.
- HENRY, P., *Recherches sur la “Préparation évangélique” d’Éusèbe*, Paris, 1935.
- LAURIN, J.R., *Orientations maîtres des apologistes chrétiennes de 270 a 361*, Roma, 1954.
- LIGHTFOOT, J.B., “Eusebe”, in *Dictionary of christian biography*, II, 308-348.
- MANNUCCI, Ubaldo, *Istituzioni di Patrologia. Parte I. Epoca antinicensa*. 6ª ed., rev., cor. e ampl. dal P. Antonio Casamassa, Roma, Lib. Editrice F. Ferrari, 1948, pp. 11-27.
- MERCATI, G., *I martiri di Palestina d’Eusebius di Cesarea nel codice Sinaitico*, Milão, 1897.
- MOREAU, M., *Dictionnaire d’Histoire et Géographie ecclésiastique*, Paris, 1964, vol. 16, 1437-1460, 1964.
- PENNA, Angelo, “Eusebio di Cesarea”, in *Enciclopedia Cattolica* V, coll. 841-854, 1950.
- SALAVERRI, I., “Origin de la revelación y los garantes de su conservación en la Iglesia según Eusebio de Cesarea”, in *Gregorianum*, pp. 349-373, 1935.
- . “La cronologia en la ‘Historia eclesiástica’ de Eusebio Cesariense”, in *Estudios eclesiásticos*, pp. 114-123, 1932.

_____. “La idea de tradición en la ‘Historia eclesiástica’ de Eusebio Cesariense”, in *Gregorianum*, pp. 211-240, 1932.

_____. “La sucesión apostólica en la ‘Historia eclesiástica’ de Eusebio Cesariense”, in *Gregorianum*, pp. 219-247, 1933.

VALENTINI, A., *Eusebio: concordanze dei Vangeli, codice Queriniano*, Brescia, 1887.

VERSCHAFFEL, C., “Éusèbe”, in *Dictionnaire de Théologie catholique*, t. 5, coll. 1527-1532, 1939.

WALLACE-HADRILL, S., *Eusebius of Caesarea*, Londres, 1956.

[1](#) É o caso mais claro o de santo Eusébio de Vercellas, amigo e colaborador de santo Atanásio de Alexandria e de Hilário de Poitiers. Com este nome recebeu o batismo em Roma, após sua conversão ao cristianismo. A razão disso é que foi o papa Eusébio quem o batizou e o jovem sardo fez questão de ter esse mesmo nome, seguindo o exemplo dos libertos, que assumiam, por gratidão aos patrões, os nomes destes, depois que eles os libertavam da escravidão. Cf. Fócio, *Epistula* 73; P.G. 101, 998.

[2](#) Desta obra só resta hoje o livro I na tradução latina de Rufino.

[3](#) Cf. Sócrates, *História Eclesiástica* I, 8.

[4](#) *Vita Constantini* IV, 36-37.

[5](#) L. DUCHESNE, *Histoire ancienne de l’Eglise* IV, 4ème éd., Paris, 1910, p. 191.

[6](#) Cf. Sozomeno. *História Eclesiástica* I, 4.

[7](#) Santo Agostinho redigirá obra semelhante como o *De consensu evangelistarum*.

[8](#) Citando a Bíblia a cada passo, Eusébio retorce as imputações de Marcelo de Ancira contra o sofista Astério e o acusa de sabelianismo, e de ser seguidor daquela forma de monarquianismo plantada por Sabélio. Este negava a subsistência do Filho, e o considerava um *modo* de manifestar-se do Pai. Embora se tenha perdido a obra de Marcelo, graças à refutação minuciosa de Eusébio e a numerosas passagens que este reproduziu, foi possível reconstruir, em parte, o conteúdo dela.

[9](#) Sócrates, *op. cit.*, I, 23.

[10](#) Fócio, patriarca de Constantinopla, em sua obra *Biblioteca*, na qual resume mais de 270 livros, quase todos desaparecidos, menciona uma obra de Eusébio, em 29 livros, *Contra Porfírio*, que se perdeu. Igualmente perdida é a *Confutação e defesa*, em dois livros, da qual, no dizer de Fócio, se conheciam, na época, duas redações. Deve-se recordar ainda a *Apologia pró Orígenes*, em 6 livros, em cuja composição Eusébio colaborou com Pânfilo, na prisão, e à qual acrescentou o livro VI, depois da morte de Pânfilo.

[11](#) Cf. F.C. CONYBEARE, *Philestratus, the life of Apollonius of Thiana*, Londres, 1912.

[12](#) Bispo que estava entre os sustentadores da doutrina de Ário e como tal foi condenado, juntamente com Eusébio e Narciso de Neroniade, no concílio de Antioquia pouco antes da realização do concílio de Nicéia, em 325. Encontramo-lo, novamente, em 327 entre os bispos que, no novo concílio de Antioquia, presidido por Eusébio de Cesaréia, reverteram a situação, condenaram e depuseram o bispo Eustácio.

[13](#) O intento não é novo. Já outros apologistas o tinham perseguido, como Teófilo de Antioquia, no século II. Algo semelhante fora tentado também com sucesso por Júlio Africano, que provavelmente Eusébio utilizou como fonte. Todavia, o escrito de Eusébio supera de longe os predecessores por sua mais pronunciada sensibilidade crítica e filológica, seja na qualidade das fontes utilizadas, seja no repúdio do início de Adão, julgado dado não aceitável historicamente e do milenarismo como fase conclusiva, ainda presente em Júlio Africano.

[14](#) Eusébio expõe para os fiéis de sua diocese as conclusões do concílio de Nicéia e por que assinou aderindo à “consubstancialidade” do Pai e do Filho. Atanásio conservou esta carta eusebiana nos seus *Decretos do concílio de Nicéia*.

[15](#) Como um exemplo apenas, o apologista mais antigo da patrística, Quadrato. Tudo o que sabemos dele se deve a Eusébio por uma passagem na *HE* 4,3,1-2. As palavras que Eusébio cita como pronunciadas por Quadrato, são o único fragmento que nos restou de sua apologia.

[16](#) Há uma recensão curta, que segue, na maior parte dos manuscritos, o livro VIII da *HE* ou o livro X e uma recensão longa que nos chegou completa em siríaco.

[17](#) Doente de câncer, Galero cessa a perseguição no Ocidente. Em seu Editto, autoriza os cristãos a reconstruir seus lugares de reunião e a celebrar o culto divino (cf. E. FRÖHLICH, *Curso básico de História da Igreja*, Paulus, São Paulo, 1994, p. 31).

[18](#) Alguns defeitos não poderiam ser evitados na época. Cf. H.I. LAWLOR, *Eusebiana. Essays on the ecclesiastical History of Eusebius*, New York, 1912.

LIVRO PRIMEIRO

CAPÍTULO 1

Objeto da obra

1. A sucessão dos santos Apóstolos, assim como o intervalo de tempo entre o Salvador e nós; a enumeração de tantos e tão importantes eventos no curso da História Eclesiástica; quantos nela mencionados presidiram e governaram com destaque as dioceses mais ilustres; em cada geração, quantos foram deputedos para ministrar a palavra divina oralmente ou por escrito; quantos e quando os que, arrastados a erros extremos pela atração de novidades, anunciaram e introduziram uma falsa ciência (1Tm 6,20), e semelhantes a lobos rapaces (At 20,29) cruelmente dizimaram o rebanho de Cristo.

2. Além disso, as tribulações sobrevindas a toda a nação judaica, logo após as insídias contra nosso Salvador; quantos, quais, em que tempo os ataques dos pagãos contra a palavra divina; os grandes varões que, em várias épocas, por ela suportaram suplícios e combateram até o derramamento do sangue; sobretudo, e entre nós, os testemunhos prestados e a benevolência misericordiosa do Salvador para conosco — tudo isso julguei conveniente transmitir por escrito. Não quero outro exórdio a não ser o da realização da “economia”¹⁹ de nosso Salvador e Senhor Jesus, o Cristo de Deus.

3. O assunto, porém, requer indulgência benevolente em meu favor. Confesso ser tarefa acima de minhas forças o cumprimento íntegro e perfeito de meu compromisso. Sou, de fato, o primeiro a empreender tal iniciativa, atravessando paragens ínvias e ainda não trilhadas. Suplico a Deus seja meu guia e a força do Senhor me preste seu concurso. De meus predecessores nesta estrada, impossível encontrar até mesmo simples pegadas, mas apenas descubro parcas informações dos que deixaram, cada qual a seu modo, indicações parciais de sua época.²⁰ Suas palavras são fachos erguidos a nossa frente, ou brados de sentinelas que gritam de longe, do alto de uma torre. Assinalam por onde passar, a fim de que a narração se desenrole sem erro nem perigo.

4. Assim, respigarei entre as suas referências o que me parecer proveitoso ao fim proposto. Colherei nesta espécie de prado espiritual as passagens mais apropriadas dos autores antigos, tentando reuni-las organicamente numa descrição histórica. Ficaria satisfeito se conseguisse agora recordar, se não todos os sucessores, ao menos os apóstolos de nosso Salvador mais destacados nas Igrejas hoje ainda rememoradas.

5. A meu ver, forçoso é realizar tal plano, visto que até hoje talvez nenhum dos escritores eclesiásticos se tenha ocupado em empreender uma obra desta espécie. Confio que se revele muito proveitosa aos que se interessam pelos valiosos ensinamentos da História.

6. Além disso, nas *Crônicas* que elaborei anteriormente, fiz um resumo de acontecimentos, dos quais agora me proponho dar uma descrição bem completa.

CAPÍTULO 2

A preexistência e a divindade de nosso Salvador

7. Conforme disse acima, começarei a exposição pela “economia” e teologia de Cristo, que superam em elevação e superioridade a capacidade da mente humana.

8. E quem projetar transmitir por escrito a História eclesiástica, terá de remontar aos primórdios da “economia” de Cristo, pois honra-nos o nome que dele provém. É mais divina esta “economia” do que muitos opinam.

2(1.) Em Cristo há duas naturezas. Aquela, que o denota como Deus, é qual a cabeça no corpo (1Cor 11,3; Ef 4,15). A outra, comparável aos pés, tornou-o, como nós, homem passível, em prol de nossa salvação. A exposição seguinte será talvez perfeita, se iniciarmos pelos fatos principais e relevantes. Assim, manifestar-se-ão a vetustez e a divindade do cristianismo aos que o julgam novo e estranho, datado de ontem e não de grande antiguidade.

2. Palavra alguma é apta para expressar a geração, a dignidade, a substância e a natureza de Cristo, conforme diz o Espírito de Deus nas profecias: “Quem relatará a sua geração?” (Is 53,8) pois, “ninguém conhece o Pai senão o Filho e ninguém conhece o Filho”, em sua dignidade, “senão o Pai” (Mt 11,27).

3. Quem, senão o Pai, entenderá nitidamente a luz (cf. Jo 1,9-10) anterior ao mundo, a Sabedoria (cf. Pr 8,23) inteligente e substancial, existente antes dos séculos, o Verbo, Deus vivo, no princípio junto do Pai (cf. Jo 1,4-10)? Antes de toda a criação (Cl 1,15-16) e de sua organização visível, único e primogênito do Deus invisível, general chefe do exército (cf. Js 5,14) racional e imortal do céu, anjo do grande conselho (cf. Is 9,6), ministro do inefável pensamento do Pai, com o Pai demiurgo do universo, segunda causa junto do Pai de todas as coisas, Filho genuíno e unigênito de Deus, Senhor, Deus e rei de todas as coisas criadas, dotado pelo Pai de domínio, poder e também de divindade, força e honra, pois, segundo a mística teologia das Escrituras a seu respeito, “no princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito” (Jo 1,1-3).

4. Tudo isso também o ensinou o grande Moisés, o mais antigo dos profetas, que descreveu, sob inspiração do Espírito divino, a criação e o ornato do universo. Outorgou o criador e demiurgo do universo a Cristo e a nenhum outro que ao Verbo divino, seu primogênito, a criação dos seres inferiores e o apresenta a falar com ele a respeito da criação do homem, nesses termos: “*Deus disse: ‘Façamos o homem à nossa imagem e semelhança’*” (Gn 1,26).

5. Outro profeta dá caução sobre esta palavra quando em hinos assim se exprime a respeito de Deus: “Ele disse e tudo foi feito, ele ordenou e tudo existiu” (Sl 32,9; 148,5). Introduz o Pai e criador qual chefe supremo a dar ordens por meio de gestos reais e o Verbo divino, o segundo depois dele, o mesmo que nos é anunciado como obediente às injunções paternas.

6. Todos os que, desde a primeira criação do homem, se distinguiram pela justiça e a virtude da religião, em torno do grande servo de Deus, Moisés, e anteriormente em primeiro lugar Abraão e seus filhos, logo em seguida os que se mostraram justos e profetas a este Verbo contemplaram com os olhos puros da mente, conheceram e prestaram a homenagem devida a um filho de Deus.

7. Ele igualmente, sem abandonar de forma alguma a piedade para com o Pai, foi constituído mestre de todos relativamente ao conhecimento do Pai. O Senhor Deus, conta a Escritura, foi visto como se fosse um simples homem por Abraão, quando sentado sob o carvalho de Mambré. Abraão prostrou-se imediatamente, embora seus olhos vissem apenas um homem. Adorou-o como Deus, suplicou-lhe como Senhor. Confessou saber quem ele era, dizendo: “Não fará justiça o juiz de toda a terra?” (Gn

18,1-25).

8. Mas, como ninguém admite tome a substância inata e imutável de Deus forma humana ou iluda os olhos dos espectadores com a aparência de um ser criado, ou elabore a Escritura fraudulentamente tais narrativas, de que modo será denominado nosso Deus e Senhor, que julga a terra inteira, sentencia, e mostra-se na aparência de homem, se não for lícito afirmar que ele é a causa primeira do universo, ou o Verbo é o único ser preexistente? A respeito dele também afirmam os salmos: “Enviou sua palavra para curá-los e da cova preservar a sua vida” (Sl 106,20).

9. Moisés declarou com clareza ser o Verbo o segundo Senhor, após o Pai, nesses termos: “O Senhor fez chover, sobre Sodoma e Gomorra, enxofre e fogo vindos da parte do Senhor” (Gn 19,24). O Verbo mais uma vez apareceu em figura humana a Jacó. A Escritura divina o assinala como Deus, ao dizer a Jacó: “Não te chamarás mais Jacó, mas Israel, porque foste forte contra Deus” (Gn 32,29). Por isso, “Jacó deu a este lugar o nome de Visão de Deus” porque, dis-se ele, “vi a Deus face a face e a minha vida foi salva” (Js 5,14).

10. Não é lícito julgar serem as teofanias assim descritas referentes a anjos inferiores e servos de Deus, pois quando um deles aparece aos homens, a Escritura não o oculta; não os denomina Deus, nem Senhor, e sim anjos, como se torna óbvio através de inúmeros testemunhos.

11. Josué, o sucessor de Moisés, a este Verbo atribui a denominação de chefe do exército do Senhor, enquanto chefe dos anjos e arcanjos celestes e das potências superiores ao mundo (cf. Js 5,14), enquanto subsiste qual poder e sabedoria do Pai (cf. 1Cor 1,24), a quem foi confiado o segundo lugar na realeza e governo do universo, e isto após tê-lo visto, também ele, em forma e similitude humana.

12. Efetivamente, está escrito: “Encontrando-se Josué em Jericó, levantou os olhos e viu um homem que se achava diante dele, com uma espada desembainhada na mão. Josué aproximou-se dele e disse: ‘És dos nossos ou dos nossos inimigos?’. Ele respondeu: ‘Não! mas sou chefe do exército do Senhor e acabo de chegar’. Josué prostrou-se com o rosto em terra, adorou-o e disse-lhe: ‘Que tem a dizer o Senhor a seu servo?’. O chefe do exército do Senhor respondeu a Josué: ‘Descalça as sandálias dos teus pés, porque o lugar em que pisas é santo’ ” (Js 5,13-15).

13. Das suas próprias palavras, deduz-se não se tratar senão daquele que falou a Moisés, pois a Escritura a ele se refere nos seguintes termos: “Viu o Senhor que ele deu uma volta para ver. E Deus o chamou do meio da sarça. Disse: ‘Moisés, Moisés’. Este respondeu: ‘Eis-me aqui’. Ele disse: ‘Não te aproximes daqui; tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é uma terra santa’. Disse mais: ‘Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaac e o Deus de Jacó’ ” (Ex 3,4-6).

14. Além das provas supramencionadas de existir uma substância anterior ao universo, viva e subsistente, assistente do Pai e Deus do universo na criação de todas as coisas, denominada Verbo e Sabedoria de Deus, ainda podemos aprendê-lo da própria Sabedoria que nos inicia claramente em seu próprio mistério, através da palavra de Salomão: “Eu, a Sabedoria, moro com o conselho, e chamo-me ciência e inteligência. É por mim que reinam os reis, e os príncipes decretam leis justas; por mim são exaltados os grandes, e os tiranos por mim dominam a terra” (Pr 8,12.15-16).

15. E acrescenta: “O Senhor me criou, primícias de seus caminhos, para as suas obras; desde a eternidade fui estabelecida; desde o princípio, antes da origem da terra, quando não corriam os mananciais das águas. Antes que as montanhas fossem implantadas, antes de todas as colinas, eu fui gerada. Quando firmava os céus, lá eu estava; quando sob o céu se enchiam as fontes perenes, eu estava agindo com ele. Eu era o seu encanto todos os dias, todo o tempo alegrava-me na sua presença,

quando ele se regozijava de ter terminado a terra” (Pr 8,22-25.27-28.30-31).

16. O Verbo divino, portanto, preexistia a tudo e revelou-se a alguns, senão a todos. Foi este o assunto que brevemente explanei.

17. Por que motivo, então, não foi ele antigamente, como agora, anunciado a todas as nações e a todos os homens?²¹ Resta-me aqui explicá-lo. Os antigos não estavam habilitados para compreender o ensinamento de Cristo, repleto de sabedoria e de virtudes.

18. O primeiro homem, desde o começo, logo após a vida feliz primitiva, desobedecendo ao mandamento divino, caiu nessa vida mortal e perecível, e em troca dos gozos divinos de outrora recebeu essa terra amaldiçoada. Os seus descendentes encheram toda a terra e tornaram-se, exceto um ou dois, muito piores, entregando-se a costumes selvagens e a uma vida desregrada.

19. Não imaginavam o que fosse cidade, nem forma de governo, nem arte, nem ciência. Nem de nome conheciam o que seria lei, justiça, e sobretudo virtude e filosofia. Levavam no deserto vida nômade, como animais selvagens e ferozes. Sua excessiva e voluntária malícia corrompia a razão natural, as sementes intelectuais e suaves da alma humana. Davam-se inteiramente a toda espécie de crimes, corrompendo-se mutuamente, matando-se uns aos outros, entregando-se à antropofagia, ousando até entrar em luta contra Deus e nessas guerras de gigantes, conhecidas de todos; planejavam fortificar a terra contra o céu. A loucura de espírito insensatamente impelia-os até a lutar contra o ser supremo.²²

20. Deus, vigilante sobre todas as coisas, enviou contra os que assim procediam cataclismos, incêndios como sobre uma floresta virgem, espalhada pela terra inteira. Exterminou-os por fome contínua, peste, guerra; fulminou-os com raios. Reservou qual castigo mais grave uma doença espiritual terrível e muito perniciosa.

21. Então, estando difundido entre todos, ou quase todos, o torpor da maldade, qual terrível embriaguez a obscurecer e obcecar as almas da maioria dos homens, a Sabedoria de Deus, primogênita e primeira criatura (Cl 1,15; Pr 8,22), o Verbo preexistente (cf. Jo 1,1), no excesso de amor para com os homens, manifestou-se ora por intermédio de aparições angélicas aos seres inferiores, ora diretamente conforme podia fazer certo poder (1Cor 1,24) salvífico de Deus a um ou dois dos antigos amigos de Deus; tomou for-ma humana, pois não podia agir para com eles de outro modo.

22. Quando eles já haviam jogado as sementes da religião na multidão dos homens e sobre a terra, as raças descendentes dos antigos hebreus tinham adotado a religião. Deus então concedeu a estes, bem como às multidões ainda envolvidas nos costumes precedentes, por intermédio do profeta Moisés, imagens e símbolos de uma espécie de sábado místico e a iniciação na circuncisão e em outras observâncias inteligíveis; não, porém, a inteligência destes mistérios ocultos.

23. Tendo sido a legislação promulgada para os judeus, pregada e difundida entre os homens, qual perfume de suave odor, então, devido aos judeus, a maior parte dos povos suavizou seu modo de pensar, por ação de legisladores e filósofos. Transformou em mansidão seus costumes selvagens e ferozes, de sorte a surgir paz profunda, proveniente de amizade e de recíproco bom entendimento. Desta forma, foram preparados os demais homens e as nações do mundo a se tornarem devidamente capazes de receber a transmissão do conhecimento do Pai. Assim, mais uma vez, o mestre das virtudes, o ministro do Pai relativamente às suas riquezas, o Verbo divino e celeste de Deus se manifestou por meio de um homem, em nada diferente de nossa natureza quanto à essência corporal, nos primórdios do império romano. Ele cumpriu e sofreu, conforme as profecias, segundo as quais

adviria um homem-Deus, a fim de realizar obras espantosas e ensinar a todas as nações a piedade para com o Pai; e ainda elas renunciaram a seu respeito o prodigioso nascimento, a novidade da doutrina, as maravilhas das obras e sobretudo o gênero de morte que padeceria, assim como a ressurreição dentre os mortos e principalmente a divina restauração de todas as coisas no céu.

24. O profeta Daniel, inspirado pelo Espírito divino, havia assinalado este reino final do Verbo, narrando de modo humano a visão de Deus. Diz ele: “Eu continuava contemplando, quando foram preparados alguns tronos e o Ancião dos dias sentou-se. Suas vestes eram brancas como a neve; e os cabelos de sua cabeça, alvos como a lã. Seu trono eram chamas de fogo com rodas de fogo ardente. Um rio de fogo corria irrompendo diante dele. Mil milhares o serviam, e miríades de miríades o assistiam. O tribunal tomou assento e os livros foram abertos” (Dn 7,9-10).

25. E mais adiante, disse: “Eu continuava contemplando, quando notei, vindo sobre as nuvens do céu, um como Filho do homem. Ele adiantou-se até o Ancião dos dias e fui introduzido à sua presença. A ele foi outorgado o império, a honra e o reino, e todos os povos, nações e línguas o serviram. Seu poder é um poder eterno que jamais passará, e seu reino jamais será destruído” (Dn 7,13-14).

26. Evidentemente, isso a nenhum outro se aplica a não ser a nosso Salvador, o Verbo de Deus que no princípio estava com Deus (cf. Jo 1,1) e posteriormente, devido à encarnação recebeu o nome de Filho do homem.

27. Com efeito, reuni de comentários particulares, umas profecias escolhidas sobre nosso Salvador Jesus Cristo e demonstrei em outras obras de modo mais claro o que dele se diz. Por enquanto, basta o que já foi dito.

CAPÍTULO 3

Os profetas conheceram e honraram o nome de Jesus

1. Chegou o momento de mostrar que os antigos profetas, amados por Deus, honraram os nomes de Jesus e de Cristo.

2. Moisés, o primeiro a conhecer o nome de Cristo, venerável e glorioso entre todos, apresentou figuras das realidades celestes, símbolos e imagens misteriosas, conforme o oráculo que lhe foi transmitido: “Vê, pois, e faze tudo conforme o modelo que te foi mostrado sobre a montanha” (Ex 25,40; cf. Hb 8,5). Querendo glorificar o mais possível o sumo sacerdote de Deus, denominou-o Cristo (Lv 4,5.16; 7,22). Acrescentou a honra e a glória do nome de Cristo à dignidade do sumo sacerdócio, que para ele ultrapassava qualquer primado entre os homens. Por conseguinte, estava convicto de ser o Cristo algo de divino.

3. O mesmo Moisés previamente conheceu, por meio do Espírito de Deus, o nome de Jesus e o considerou igualmente um especial privilégio. O nome de Jesus ainda não havia sido proferido entre os homens antes de Moisés, que o atribuiu primeiro apenas àquele que, segundo a tipologia e o simbolismo, ele sabia haver de sucedê-lo, após sua morte, na direção do povo (Nm 13,16).

4. Com efeito, o sucessor de Moisés, que recebeu o nome de Jesus,²³ anteriormente tinha outro nome, Ausé, imposto por seus pais. Moisés chamou-o de Jesus, e com este nome fez-lhe valioso presente, muito maior que um diadema real, porque Jesus, filho de Navé, se tornou figura de nosso Salvador. Foi o único, após Moisés e a consumação do culto simbólico por ele transmitido, a receber a herança do governo na religião puríssima e verdadeira.

- 5.** Desta forma, Moisés impôs o nome de Jesus Cristo, nosso Salvador, como a maior das honras, a dois homens que, na sua opinião, se destacavam dentre todo o povo pela virtude e a glória: o sumo sacerdote e aquele que havia de governar, depois de si.
- 6.** Os profetas posteriores também com clareza prenunciaram a Cristo pelo nome e predisseram simultaneamente a futura conjuração do povo judaico contra ele, atestando ainda a futura vocação dos gentios. Ora, assim disse Jeremias: “O sopro de nossa vida, o Cristo do Senhor foi preso em suas ciladas; dele dizíamos: À sua sombra viveremos entre as nações” (Lm 4,20). Davi, por sua vez, perturbado por essas palavras, declarou: “Por que as nações se amotinam e os povos meditam em vão? Os reis da terra se insurgem e, unidos, os príncipes conspiram contra o Senhor e o seu Cristo?” (Sl 2,1-2). E em seguida, diz ainda em nome do próprio Cristo: “O Senhor me disse: ‘Tu és meu filho, eu hoje te gerei. Pede, e eu te darei as nações como herança, os confins da terra como propriedade” (Sl 2,7-8).
- 7.** Eram adornados entre os hebreus com o nome de Cristo não somente os varões honrados com o sumo pontificado e ungidos simbolicamente com o óleo consagrado, mas também os reis que os profetas ungiam, sob inspiração divina, tornando-os assim figuras de Cristo, porque eles também eram tipos do poder real e dominador do único Cristo genuíno, o Verbo divino, rei universal.
- 8.** Estamos também cientes de que pela unção alguns dos profetas se tornaram figuras de Cristo (cf. 1Rs 19,16). Todos eles de algum modo se assemelharam ao verdadeiro Cristo, Verbo divino e celeste, único sumo sacerdote universal e rei único de toda a criação, único chefe dos profetas dentre os profetas do Pai.
- 9.** A demonstração deste fato está em que nenhum dos que outrora foram simbolicamente ungidos, sacerdotes, reis ou profetas, possuía a mesma virtude divina que nosso Salvador e Senhor Jesus, único Cristo verdadeiro.
- 10.** Nenhum deles, por mais que se ilustrassem junto de seus compatriotas pela dignidade, honra e estirpe, transmitiu aos subordinados, segundo a denominação figurativa de Cristo que tinham, o nome de cristãos. A nenhum deles foi prestado culto religioso da parte dos inferiores. Nem, após a morte, incutiu-lhes prontidão para morrer, no intuito de obter honras. Aliás, nenhum deles causou tal abalo entre todos os povos da terra, porque neles o símbolo não dispunha de força suficiente para revelar a verdade, como possuía nosso Salvador.
- 11.** Este de ninguém recebeu símbolos e figuras do sumo sacerdócio, nem era oriundo segundo a carne de estirpe sacerdotal (Hb 7,11-14); não foi elevado à realeza com o auxílio de guarda-costas, nem se fez profeta da mesma forma que os antecessores. Não recebeu dos judeus dignidade, nem presidência alguma, como os demais. O Pai, contudo, o honrara realmente, e não apenas através de símbolos.
- 12.** Nada possuía de semelhante aos que acabamos de dizer. No entanto, foi denominado Cristo com mais propriedade que os outros. Sendo o único e verdadeiro Cristo de Deus, encheu o mundo inteiro de cristãos, nomeados de acordo com seu nome verdadeiramente venerável e sagrado (cf. At 11,26). Não transmitiu aos discípulos puras figuras e imagens, e sim virtudes e uma vida celeste por meio dos próprios dogmas da verdade.
- 13.** No tocante à unção, não se trata de preparação material, mas de algo de divino, através do Espírito de Deus, pela participação da divindade ingênita do Pai. Mais uma vez Isaías nos ensina, clamando de certo modo em lugar de Cristo: “O Espírito do Senhor está em mim, porque ele me ungiu; enviou-me a anunciar a boa nova aos pobres, e proclamar a remissão dos presos e aos cegos a recuperação da vista” (Lc 4,18-19; Is 61,1).

14. E não apenas Isaías, mas também Davi, assim se dirige a Cristo: “Teu trono, ó Deus, é para os séculos dos séculos; o cetro de teu reino é cetro de retidão. Amas a justiça e odeias a iniquidade. Eis por que Deus, o teu Deus, te ungiu com o óleo da alegria, como a nenhum de teus companheiros” (Sl 44,7-8; cf. Hb 1,8-9). A palavra de Deus no primeiro versículo denomina-o Deus; no segundo honra-o com o cetro real.

15. Em seguida, após ter se referido ao poder divino e real, ela o apresenta em terceiro lugar como tendo se tornado Cristo, não ungido com óleo material, mas com o óleo divino da exultação. Assinala desta maneira sua eleição excelente e diversa da eleição dos antigos, que haviam recebido uma unção figurativa e corporal.

16. Em outra passagem, o mesmo Davi ainda revela algo a respeito de Cristo, com estas palavras: “Oráculo do Senhor ao meu Senhor: ‘Senta-te à minha direita, até que eu ponha teus inimigos como escabelo dos teus pés’” (Sl 109,1). E: “De meu seio, antes da aurora, eu te gerei. O Senhor jurou e jamais desmentirá: ‘Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedec’” (Sl 109,3-4; cf. Hb 7,13).

17. Este Melquisedec aparece nas Sagradas Escrituras qual sacerdote do Deus Altíssimo (Gn 14,17-20); não por uma unção figurativa, nem foi por herança que sucedeu no sacerdócio, vigente entre os hebreus. Por esta razão, foi segundo a ordem de Melquisedec e não de acordo com a ordem baseada em símbolos e figuras que nosso Salvador recebeu a denominação de Cristo e sacerdote, garantida por juramento.

18. Por conseguinte, a História mostra que ele não foi ungido corporalmente entre os judeus, nem mesmo pertencia à tribo dos sacerdotes, mas foi gerado pelo próprio Deus, antes da aurora, isto é, antes da constituição do mundo, e possui o sacerdócio imortal e imperecível por séculos infinitos (cf. Hb 7,11-27).

19. Grande e evidente prova de sua unção incorpórea e divina encontra-se no fato de ser o único dentre os homens de outrora até os de hoje no mundo inteiro a se chamar Cristo e assim por todos é confessado e atestado; dão-lhe este apelativo gregos e bárbaros; ainda atualmente, seus discípulos na terra toda o respeitam como rei, admiram-no mais que a um profeta, glorificam-no qual verdadeiro e único sacerdote de Deus, e sobretudo, é adorado como Deus por ser o Verbo de Deus preexistente, subsistente antes de todos os séculos, e ter recebido do Pai augusta veneração.

20. Mais extraordinário ainda é que nós, a ele consagrados, não o celebramos apenas por palavras e sons, mas por todas as atitudes de nossa alma, de tal sorte que preferimos à própria vida o testemunho que devemos lhe prestar.

CAPÍTULO 4

A religião anunciada por ele não é nova nem estranha

1. No intuito, porém, de evitar que alguém pense tratar-se de doutrina recente e estranha, elaborada por um homem novo e em nada diferente dos demais, exponhamos rapidamente a questão.

2. Ora, nosso Salvador Jesus Cristo apareceu com brilho recentemente diante de todos os homens. É óbvio ter sido um povo novo que se manifestou. Não é pequeno, nem fraco, nem habita num recanto da terra, mas é o mais numeroso e piedoso de todos os povos, e por isso imperecível, invencível, porque sempre sustentado pelo socorro de Deus. Apareceu de repente, segundo as predições inefáveis

dos tempos. Trata-se do povo honrado pelo nome de Cristo, em toda a parte.

3. Um dos profetas ficou estupefacto ao contemplar previamente este futuro povo, pelos olhos do Espírito divino, e exclamou: “Quem já ouviu tal coisa? Quem já falou de modo semelhante? Por acaso um país pode nascer em um dia? Pode uma nação ser gerada de uma só vez?” (Is 66,8). Assinala o futuro nome deste povo, com estas palavras: “*Meus servos terão um nome novo, que será bendito sobre a terra*” (Is 65,15-16).

4. Mas se somos evidentemente novos e se este nome de cristãos, novo na verdade, é conhecido há pouco tempo entre as nações, nosso gênero de vida e nosso comportamento segundo os ensinamentos da piedade não foram recentemente inventados por nós. Foi, por assim dizer, desde a primordial criação dos homens que os amigos de Deus de outrora, por conhecimento natural os tiveram, conforme vamos demonstrar.

5. O povo dos hebreus não existe há pouco, mas é respeitável diante de todos por sua antiguidade e geralmente conhecido.²⁴ A tradição oral e escrita entre eles relata que outrora viveram homens, raros e pouco numerosos, contudo eminentes pela piedade, pela justiça e pelas demais virtudes, uns antes do dilúvio, outros depois, como os filhos e descendentes de Noé, e certamente Abraão, que os filhos dos hebreus se gabam de ter por chefe e ancestral.

6. Não incorreria em erro quem desse o apelativo de cristãos, se não pelo nome, ao menos pelas ações a todos aqueles cuja justiça é atestada, remontando de Abraão até o primeiro homem.

7. Efetivamente, este nome significa que o cristão, através do conhecimento e ensinamento de Cristo, se distingue por prudência, justiça, força de caráter e virtude, coragem e piedosa confissão de um só e único Deus supremo. Tudo isso, aqueles varões não buscaram com menor zelo do que nós.

8. Da mesma forma que nós, eles não se preocupavam com a circuncisão corporal, nem com a observância dos sábados, nem com a proibição de tais ou tais alimentos, nem de outras diferenciações, que mais tarde, quais símbolos, Moisés foi o primeiro de todos a determinar fossem observadas. Atualmente estas questões nem aos cristãos interessam. Sabem eles perfeitamente que o próprio Cristo de Deus, conforme foi mostrado, foi visto por Abraão (Gn 18,1), profetizado por Isaac (Gn 26,2), falou a Israel (Gn 35,1), conversou com Moisés e os posteriores profetas.

9. Por isso, notar-se-á terem sido dignificados esses amigos de Deus com o apelativo de Cristo, conforme a palavra proferida sobre eles: “Não toqueis nos meus ungidos, não façais mal aos meus profetas” (Sl 104,15; 1Cr 16,22).

10. Evidentemente, é lícito julgar ser esta religião dos amigos de Deus, companheiros de Abraão, a mais antiga e vetusta de todas. Ela foi recentemente proclamada a todas as nações através do magistério de Cristo.

11. À réplica de que Abraão só muito mais tarde recebeu o preceito da circuncisão, responde-se que anteriormente recebera o testemunho sobre sua justiça por causa da fé, pois assim se expressa a palavra de Deus: “Acreditou Abraão em Deus, e isto lhe foi levado em conta de justiça” (Gn 15,6; cf. Rm 4,3).

12. A este, justificado antes da circuncisão, Deus (isto é, Cristo, o Verbo de Deus) se manifestou e fez uma predição acerca dos que deviam posteriormente ser justificados de maneira semelhante a ele, com estas palavras: “Em tua posteridade serão abençoadas todas as nações da terra” (Gn 22,18; 12,3). E

ainda: “Ele se tornará uma nação grande e poderosa e por ele serão benditas todas as nações da terra” (Gn 18,18).

13. É óbvio que tudo isso foi realizado por nossa causa. Abraão, na verdade, foi justificado pela fé no Verbo de Deus, o Cristo que lhe apareceu; renunciou à superstição de seus pais e ao erro de sua vida anterior (Gn 12,1); confessou haver um só Deus supremo; a ele serviu por meio de obras virtuosas, e não pelas observâncias da posterior lei de Moisés. Foi-lhe afirmado que nele seriam abençoadas todas as tribos da terra e todas as nações.

14. Atualmente, em obras mais eloqüentes que as palavras, entre os cristãos apenas, espalhados pelo universo, encontra-se a forma de religião praticada por Abraão.

15. Enfim, por que nos seria proibido ver um só e mesmo estilo de vida, uma só e mesma religião entre nós, após a vinda de Cristo, e entre os antigos amigos de Deus? Por isso, ficou demonstrado que não se apresenta a religião transmitida pelo ensinamento de Cristo com aparência de nova e estranha, mas para dizer a verdade, ela é a primeira, a única, verdadeira regra de piedade. Sobre o assunto, basta.

CAPÍTULO 5

Os tempos em que se manifestou

1. Agora, após esta introdução necessária à História Eclesiástica que nos propusemos escrever, comecemos nosso itinerário pela manifestação de nosso Salvador na carne. Invoquemos a Deus, o Pai do Verbo, e aquele a que nos referimos, o próprio Jesus Cristo, nosso Salvador e Senhor, o Verbo celeste de Deus, a fim de nos prestarem auxílio e concurso na explanação da verdade.

2. No quadragésimo segundo ano do império de Augusto, no vigésimo oitavo da sujeição do Egito e da morte de Antônio e de Cleópatra, extinta a dinastia dos Ptolomeus no Egito, por ocasião do primeiro recenseamento, quando Quirino governava a Síria (cf. Lc 2,2), nasceu nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, de acordo com as profecias, em Belém da Judéia (Mq 5,2).

3. O recenseamento realizado sob Quirino é também mencionado pelo mais célebre dos historiadores judaicos, Flávio Josefo, ao narrar outro episódio, a insurreição dos galileus que sucedeu nesta época, da qual faz menção, entre nós igualmente, Lucas nos Atos, nesses termos: “Depois dele, na época do recenseamento, apareceu Judas, o galileu, que sublevou muita gente em sua seqüela. Pereceu ele também, e os que se haviam aliado a ele foram dispersos”(At 5,37).

4. Conseqüentemente, o autor mencionado, no décimo oitavo livro das *Antiguidades*, adita estas palavras: “Quirino, membro do Senado, depois de ocupar outros cargos, e tê-los preenchido de tal forma que se tornou cônsul, conservando a melhor reputação, veio para a Síria, acompanhado de alguns homens enviados por César, a fim de ser juiz do povo e censor dos bens”.²⁵

5. Logo em seguida acrescenta: “Judas, gaulonita, de uma cidade chamada Gamala, tomou consigo o fariseu Sadoc e suscitou uma revolta. Alegavam eles que o recenseamento não tinha outra finalidade senão introduzir diretamente a escravidão e excitavam o povo a defender sua liberdade”.

6. No segundo livro das *Histórias da guerra judaica*, ele escreve ainda sobre o mesmo: “Então um galileu, chamado Judas, incitava seus compatriotas à revolta, criticando-os por pagarem imposto aos romanos e se submeterem não a Deus, mas a senhores mortais”.

No seu tempo, não corresponderam os chefes de seu povo

1. Nesta ocasião, Herodes, o primeiro de raça estrangeira, assumiu a realeza da nação judaica e cumpriu-se a profecia de Moisés, que prenunciava: “O cetro não se afastará de Judá, nem faltará um príncipe de sua raça, até que venha aquele a quem está reservado” (Gn 49,10) e que aparece como a expectativa das nações.

2. O oráculo não foi cumprido enquanto foi lícito aos judeus viverem sob chefes da própria raça; isso teve início outrora pelo próprio Moisés e foi descendo até o império de Augusto, em cuja época o primeiro estrangeiro, Herodes, governou os judeus, sob a autoridade dos romanos. Segundo diz Josefo, ele era idumeu por parte do pai, e árabe por parte da mãe; conforme o Africano,²⁶ porém, igualmente historiador e homem invulgar, os que escreveram acuradamente afirmam ter sido Antípatro, pai de Herodes, filho de certo Herodes de Ascalon, um dos sacerdotes sagrados do templo de Apolo.

3. Antípatro foi capturado quando muito criança por salteadores idumeus, e viveu entre eles, porque o pai, sendo pobre, não podia resgatá-lo; foi educado conforme os costumes daquele povo. Enfim, mais tarde, conseguiu a amizade de Hircano, sumo sacerdote dos judeus. Dele nasceu Herodes, no tempo de nosso Salvador.

4. Tendo, pois, a realeza dos judeus passado a suas mãos, já se encontrava às portas a realização da expectativa das nações, conforme a profecia, pois desde então começaram a faltar os chefes e os príncipes que se haviam sucedido entre os judeus desde Moisés.

5. Antes do cativeiro e do exílio em Babilônia, os judeus tiveram reis, desde Saul, que foi o primeiro; em seguida, Davi. Antes desses reis, foram governados por chefes, denominados juízes, advindos após Moisés e seu sucessor, Josué.

6. Após a volta de Babilônia, não cessaram de ter um governo aristocrático e oligárquico — de fato, os sacerdotes decidiam as questões — até que Pompeu, general dos romanos, sitiou e tomou à força Jerusalém, profanou os lugares santos, penetrou até no santo dos santos, enviou cativo para Roma com seus filhos aquele que até então era rei e sumo sacerdote, chamado Aristóbulo, e por fim entregou o sumo pontificado ao irmão dele, Hircano, submetendo toda a nação judaica a pagar tributo aos romanos.

7. Ora, Hircano, no qual se extinguiu a sucessão dos sumos sacerdotes, foi aprisionado pelos partas; e, como foi dito, Herodes foi o primeiro estrangeiro que, sob a autoridade do Senado romano e do imperador Augusto, tomou em mãos a nação judaica.

8. Nesta época evidentemente se realizou o advento de Cristo, seguido da esperada salvação e vocação dos gentios, segundo a profecia. Pois, desde esta ocasião, começaram a faltar o chefe e os príncipes saídos de Judá, isto é, oriundos do povo judaico, e simultaneamente sofreu alterações o sumo sacerdócio, que passava de forma regular dos ancestrais aos descendentes imediatos, segundo as gerações.

9. Fidedigna garantia de tudo isso é Josefo. Ele conta que Herodes, após ter recebido dos romanos a realeza, não instituiu sumos sacerdotes da antiga raça, mas confiou esta honra a homens obscuros. De modo semelhante a Herodes, seu filho Arquelau portou-se na instituição de sacerdotes; e depois dele, o mesmo fizeram os romanos que tiveram o domínio sobre os judeus.

10. Josefo narra ainda ter sido Herodes o primeiro a guardar sob chaves, com seu próprio selo, a veste

sagrada do sumo pontífice e não permitir mais aos sumos pontífices tê-la à sua disposição. Em seguida, Arquelau, e logo os romanos seguiram seu exemplo.

11. Se narramos estas coisas é por querermos provar a validade de outra profecia relativa à manifestação de nosso Salvador Jesus Cristo e então realizada. No livro de Daniel, pois, a Escritura, depois de ter claramente estabelecido o número exato de semanas até Cristo chefe (Dn 9,24-27), como o mostramos em outra passagem, anuncia que uma vez terminadas estas semanas, entre os judeus desaparecerá a unção. Vê-se com evidência que isso se realizou na época do nascimento de nosso Salvador Jesus Cristo. No momento, importa marcar primeiro essas coisas para estabelecer a verdade dos tempos.

CAPÍTULO 7

A divergência dos evangelhos a respeito da geração de Cristo

1. Os evangelistas Mateus e Lucas nos transmitiram diferentes genealogias de Cristo (Mt 1,1-17). Muitos pensam que eles se contradizem. Cada um dos fiéis, na ignorância da verdade, se empenha em descobrir o sentido destas passagens.

Reproduzamos, portanto, a narrativa que sobre o assunto chegou até nós numa carta endereçada a Aristides por Africano, mencionado um pouco mais acima, acerca do acordo existente entre as genealogias nos evangelhos. Primeiro ele refuta as opiniões dos outros como sendo forçadas ou errôneas. Em seguida relata a história que ele recolheu, nesses termos:

2. “Em Israel, os nomes das gerações eram computados segundo a natureza ou segundo a lei. Segundo a natureza, pela sucessão das filiações carnis; segundo a lei, quando alguém gerava filhos sob o nome de um irmão, falecido sem filhos. Com efeito, a esperança da ressurreição ainda não fora claramente enunciada e esta ressurreição de um mortal figurava a prometida no futuro, pois perdurava o nome do defunto.

3. Por isso, dentre os mencionados nesta genealogia, uns sucederam genuinamente a seus pais; outros, gerados por uns, receberam nomes de outros. Em ambos os casos, mencionam-se tanto os que geraram realmente, quanto os que geraram por substituição.

4. Assim, nenhum dos evangelhos se engana, pois enumera segundo a natureza ou segundo a lei. A estirpe de Salomão e a de Natã se misturam, por causa de pseudo-ressurreições de alguns que morreram sem filhos, através de segundas núpcias, que lhes atribuíam uma prole. Deste modo, os mesmos descendentes são precisamente considerados como oriundos, embora de maneiras diferentes, ora de pais adotivos, ora de pais efetivos. Assim, ambas as narrações são inteiramente verdadeiras, e terminam em José, de uma forma complicada, mas exata.

5. No intuito de tornar mais claro o que afirmo, descreverei o entrecruzamento dos descendentes. Na antepenúltima geração (cf. Mt 1,15-16), ao se enumerar as gerações desde Davi, por Salomão, encontra-se Matã, que gerou Jacó, pai de José. Segundo Lucas, de Natã, filho de Davi, igualmente o antepenúltimo é Melqui, pois José é filho de Heli, filho de Melqui (cf. Lc 3,23-24).

6. Uma vez que José é o alvo que visamos, faz-se mister mostrar como um e outro é apresentado como seu pai: Jacó, oriundo de Salomão e Heli, proveniente de Natã. E ainda, em primeiro lugar, como os dois, Jacó e Heli eram irmãos, e por que, antes deles, seus respectivos pais, Matã e Melqui, embora de proveniências diversas, são ditos avós de José.

7. Efetivamente, Matã e Melqui, tendo desposado sucessivamente a mesma mulher, tiveram filhos que

eram irmãos, por parte de mãe, pois a lei não proibia que uma repudiada, ou viúva, desposasse um outro.

8. Desta mulher, Estha (assim a tradição a denomina) Matã, o primeiro descendente de Salomão, gerou Jacó. Depois, tendo morrido Matã, Melqui, proveniente de Natã, desposou a viúva e dela teve um filho, Heli. Ele era da mesma tribo, mas de outra família, conforme mencionei mais acima.

9. Assim descobriremos que Jacó e Heli embora de ascendência diversa, eram, no entanto irmãos por parte de mãe. Em terceiro lugar, tendo Heli morrido sem filhos, o outro, seu irmão, desposou a viúva, e em seguida, dela gerou a José, seu filho por natureza (conforme está escrito: Jacó gerou José) (Mt 1,16) mas legalmente filho de Heli, pois seu irmão Jacó lhe suscitou um descendente.

10. Por conseguinte, a respectiva genealogia não deve ser tida por inexata. O evangelista Mateus assim a formula: “Jacó gerou José”, enquanto Lucas narra: “Era, conforme se supunha (de fato, ele acrescenta esta observação) filho de José, filho de Heli, filho de Melqui” (Lc 3,23-24). Impossível assinalar mais claramente a filiação legal. Lucas evitou até o fim a palavra : “gerou”, a fim de designar todas essas gerações e prossegue a enumeração até Adão, filho de Deus (Lc 3,38).

11. Tais afirmações não são gratuitas nem infundadas. Com efeito, os consangüíneos do Salvador para se vangloriarem, ou simplesmente para narrarem, mas seja como for, verídicos, transmitiram o seguinte: Salteadores idumeus, sobrevivendo a Ascalon, cidade palestina, arrebataram do templo de Apolo, construído perto das muralhas, o menino Antípatro, filho de um sacerdote sagrado, Herodes, com outros despojos e o conservaram como prisioneiro. Como o sacerdote não podia pagar o resgate do filho, Antípatro foi educado conforme os costumes idumeus e obteve mais tarde a amizade de Hircano, sumo sacerdote da Judéia.

12. Depois Hircano o enviou em embaixada a Pompeu, e obteve a liberdade do reino, roubada por Aristóbulo, seu irmão. Teve a sorte de ser nomeado comissário da Palestina. Tendo sido morto Antípatro, numa emboscada, devido à inveja ocasionada por sua sorte, sucedeu-lhe o filho, Herodes. E este, mais tarde, foi chamado por Antônio e Augusto, segundo um decreto do Senado, a reinar sobre os judeus. Foram seus filhos Herodes e os outros tetrarcas. Estes fatos são narrados igualmente nas histórias dos gregos.

13. Até então nos arquivos achavam-se transcritas as genealogias dos hebreus genuínos e dos prosélitos por origem, como o amonita Aquior (Jt 14,10), a moabita Rute (Rt 4,19-22), e alguns mestiços de egípcios com hebreus (cf. Ex 12,38; Dt 23,8). Herodes, que em nada se interessava pela raça israelita e um tanto embaraçado, porque ciente de sua origem obscura, mandou queimar os registros das genealogias, julgando que passaria por nobre se ninguém pudesse por meio dos registros públicos remontar a própria origem aos patriarcas ou a prosélitos, ou a mestiços de estrangeiros e hebreus, denominados “georos”.

14. Alguns, mais cuidadosos, preservaram as próprias genealogias, quer relembrando os nomes, quer por meio de cópias, vangloriando-se de haver salvaguardado a memória de sua nobreza. Entre esses achavam-se os supramencionados, denominados *desposynos*, por causa de seu parentesco com o Salvador. Oriundos das aldeias judaicas de Nazaré e Kochaba, haviam se espalhado pelo restante do país e haviam elaborado, à medida do possível, a mencionada genealogia, de acordo com o *Livro dos dias*.

15. Quer seja realmente assim, ou não, ao menos na minha opinião e segundo o parecer dos que têm

bom senso, não há explicação mais satisfatória. Apesar de não atestada, tenhamos-la por suficiente, uma vez que não existe melhor ou mais verdadeira a apresentar. Aliás, o evangelho é inteiramente veraz.”

16. No final da mesma carta, Africano acrescenta: “Matã, descendente de Salomão, gerou Jacó. Após a morte de Matã, Melqui, descendente de Natã, gerou da mesma mulher a Heli. Heli e Jacó, portanto, eram irmãos por parte de mãe. Como Heli morreu sem deixar filhos, Jacó lhe suscitou um descendente e gerou José, seu filho por natureza, mas filho de Heli segundo a Lei. Desta forma, José era filho de um e outro”. Assim se exprime Africano.

17. Deste modo elaborada a genealogia de José, Maria forçosamente devia ser da mesma tribo, pois, segundo a lei de Moisés, não era lícito a alguém casar-se com membro de outra tribo. Foi preceituado, de fato, o matrimônio com um membro do mesmo povo e da mesma tribo, de tal forma que a herança de uma tribo não passasse de uma tribo a outra (Nm 36,8-9). Sobre a questão, é suficiente.

CAPÍTULO 8

Assassínio dos inocentes por Herodes

1. Tendo Cristo, segundo as profecias, nascido em Belém da Judéia, no tempo que indicamos, Herodes foi interpelado por uns magos, vindos do Oriente, que lhe perguntaram onde estava o recém-nascido rei dos judeus; pois eles haviam visto uma estrela que lhes ocasionara tão longa viagem e tinham pressa em adorar o menino, como um Deus. Herodes ficou muito abalado com esta questão que, em sua opinião, fazia periclitar seu poder; e tendo perguntado aos doutores da lei dentre o povo, onde se daria o nascimento de Cristo, desde que tomou conhecimento da profecia de Miquéias que designava Belém (Mq 5,2), proclamou um edito de serem mortos, em Belém e cercanias, as criancinhas de peito, de dois anos para baixo, segundo o tempo exato indicado pelos magos. Julgava que certamente Jesus partilharia a sorte infeliz de seus coetâneos.

2. Mas o menino antecipou-se e escapou desse plano, sendo levado para o Egito, pois, através da aparição de um anjo, os pais haviam conhecido de antemão o futuro. Ora, tais informações encontram-se também na sagrada narrativa do Evangelho (cf. Mt 2,1-7.13-15).

3. Além disso, convém verificar quais os castigos da ousadia de Herodes contra Cristo e os meninos de sua idade. Imediatamente, sem o menor aviso, a justiça divina o alcançou, preludiando quando ele estava ainda em vida, o que haveria de receber depois da partida dessa terra.

4. Quando tudo parecia correr bem no seu reino, ele empanou a glória de sua casa com sucessivas desgraças, pelo assassinato da mulher, dos filhos e dos consangüíneos mais próximos e dos mais amigos. Não é possível descrever agora esses eventos que deixam na sombra todas as tragédias e foram referidos por Josefo no decurso das *Histórias* a ele atinentes.

5. Logo após o crime contra o Salvador e as crianças, um flagelo enviado por Deus atacou Herodes e levou-o à morte. Vem a propósito ouvir o historiador desses crimes, que descreve sua morte em termos adequados no décimo sétimo livro das *Antiguidades judaicas*: “A doença de Herodes mais o amargurava porque a justiça de Deus o castigava por seus crimes.

6. De fato, uma febre branda não demonstrava ao tato a inflamação tão grave quanto maligna que havia na parte interna do corpo. Sentia fome insaciável e não era possível socorrê-lo, devido a uma úlcera intestinal e sobretudo violentas dores nas entranhas. Os pés, inchados e úmidos, supuravam.

7. O ventre achava-se igualmente em mau estado; o órgão viril em podridão e cheio de vermes. A respiração ofegante exalava um cheiro insuportável devido à expiração pesada e às ânsias. Os membros todos convulsionados com insuportável violência.

8. Os adivinhos e os que interpretam acontecimentos tais, afirmavam castigar Deus deste modo as numerosas impiedades do rei”. Eis o que diz o mencionado historiador no livro de que falamos.

9. No segundo livro das *Histórias*, ele transmite narrativas semelhantes acerca do mesmo Herodes, escrevendo o seguinte: “Em seguida, a doença se propagou pelo corpo inteiro e multiplicaram-se-lhe os sofrimentos. Tinha, de fato, uma febre lenta, uma irritação insuportável em toda a superfície do corpo, dores intestinais contínuas, edemas nos pés, como um hidrópico; inchação do ventre, putrefação do órgão viril, onde nasciam vermes; além disso, respiração asmática e penosa; contrações de todos os membros, de tal sorte que os adivinhos diziam serem punição todos esses males.

10. Mas, lutando contra os padecimentos, apegava-se à vida, esperava cura e procurava remédios. Atravessou, pois, o Jordão e usou as águas termais de Callirhoé. Elas desembocam no lago Asfaltite e sua doçura até as transforma em potáveis.

11. Ali os médicos julgaram conveniente fomentar o corpo enfraquecido em óleo, mergulhando-o numa banheira cheia de óleo aquecido. Mas ele desmaiou e, exausto, virou os olhos. Os enfermeiros lançaram gritos e ele voltou a si. Mas, enfim, reconhecendo ser impossível a cura, mandou distribuir a cada um dos soldados cinquenta dracmas, e grandes somas aos chefes e amigos.

12. Então, retornou a Jericó, de humor sombrio, pronto a enfrentar a morte, mas planejando uma ação abominável. Então, reuniu os homens mais importantes de cada aldeia da Judéia, e prendeu-os no lugar chamado hipódromo.

13. Depois, chamou sua irmã Salomé e seu esposo Alexas e disselhes: ‘Sei que os judeus festejarão minha morte; mas posso ser pranteado e ter exéquias brilhantes, se quiserdes obedecer às minhas ordens. A esses homens aprisionados, logo que eu expirar, cercai-os de soldados e executai-os depressa. Assim toda a Judéia e toda casa, embora a contragosto, chorará por minha causa’.”

14. Um pouco mais adiante, diz Josefo: “Logo, porém, foi atormentado pela falta de alimento e pela tosse espasmódica. Sob a pressão das dores, decidiu antecipar a morte a que estava destinado. Tomou uma fruta e pediu uma faca, pois costumava cortar o que ia comer; depois, olhando se não havia quem o impedisse, levantou a direita para se ferir”.

15. O mesmo historiador narra ainda que antes do último momento de vida, mandou matar o terceiro de seus filhos, além dos dois que já matara; e de repente terminou a vida em meio a grandes sofrimentos.^{[27](#)}

16. Tal foi o termo da vida de Herodes, com justo castigo pela morte das crianças que massacrara nas cercanias de Belém, ao planejar a morte de nosso Salvador. Depois disso, um anjo apareceu em sonhos a José, que estava no Egito e mandou-lhe que reconduzisse à Judéia o menino e sua mãe, revelando-lhe que estavam mortos os que procuravam eliminar a vida do menino. A isto, acrescenta o evangelista: “Mas, ouvindo que Arquelau era rei da Judéia em lugar de seu pai Herodes, teve medo de ir para lá. Tendo recebido um aviso em sonho, partiu para o distrito da Galiléia” (Mt 2,22).

9(1.) O historiador supramencionado está de acordo com o evangelista acerca da subida ao poder de Arquelau após Herodes, e descreve como ele recebeu por sucessão a realeza sobre os judeus, segundo

o testamento de seu pai Herodes e a decisão de César Augusto. Em seguida, narra que Arquelau perdeu o poder após dez anos, e seus irmãos, Filipe e Herodes, o Jovem, obtiveram tetrarquias, simultaneamente com Lisânias.

CAPÍTULO 9

Os tempos de Pilatos

2. O mesmo Josefo, no décimo oitavo livro das *Antiquidades*, mostra que no duodécimo ano do império de Tibério (este havia sucedido no poder supremo a Augusto, imperador durante cinquenta e sete anos), Pôncio Pila-tos começara a governar a Judéia, aí permanecendo durante dez anos completos, quase até a morte de Tibério.

3. Deste modo, evidencia-se a falsidade das *Memórias* divulgadas recentemente contra nosso Salvador. Em primeiro lugar, o tempo assinalado no título por si só acusa a falsidade desta ficção.

4. Ora, elas situam sob o quarto consulado de Tibério, que equivale ao sétimo ano de seu império, as audaciosas ações dos judeus para infligir sofrimentos ao Salvador. Nesta época, contudo, Pilatos ainda não era procurador da Judéia, ao menos conforme o testemunho de Josefo, que assinala com clareza, no escrito supramencionado, ter sido Pilatos estabelecido por Tibério como procurador da Judéia no duodécimo ano de seu reinado.

10(1.) Naquele tempo, portanto, segundo o evangelista, no décimo quinto ano de Tibério César (Lc 3,1-3), no quarto de Pôncio Pilatos como procurador, e sendo tetrarcas do restante da Judéia Herodes, Lisânias e Filipe, o nosso Salvador e Senhor, Jesus, o Cristo de Deus, com mais ou menos trinta anos de idade (Lc 3,23), veio receber o batismo de João, realizando-se então as primícias do anúncio do Evangelho.

CAPÍTULO 10

Os sumos sacerdotes em cujo tempo Jesus pregou

2. Afirma a Escritura divina que todo o tempo de seu ensinamento decorreu sob o pontificado de Anás e Caifás, mostrando desta sorte que a duração de seu magistério se limita aos anos do exercício das funções destes pontífices. Começou, pois, sob o pontificado de Anás, durando até o de Caifás, o que não perfaz um intervalo de quatro anos.

3. Com efeito, as regras estabelecidas pela lei de algum modo já não eram observadas naquela ocasião; tinham-se abolido as normas segundo as quais o múnus referente ao culto de Deus era vitalício e transmitido por sucessão ancestral. Os governadores romanos confiavam o sumo sacerdócio ora a um, ora a outro, e ninguém nele se mantinha por mais de um ano.

4. Josefo enumera, de fato, quatro sumos sacerdotes, que se sucederam de Anás até Caifás, declarando no mesmo livro das *Antiquidades*: “Valério Grato, tendo deposto do sacerdócio a Anás, nomeou sumo sacerdote a Ismael, filho de Fabi; pouco tempo depois, igualmente o depôs, e designou para sumo sacerdote a Eleazar, filho do sumo sacerdote Anás.

5. No fim de um ano, depôs ainda a este e entregou o sumo sacerdócio a Simão, filho de Camith. Este também não exerceu suas funções por mais de um ano e teve como sucessor José, denominado também Caifás.

6. Assim, evidencia-se não ter o magistério de nosso Salvador durado totalmente quatro anos inteiros,

visto que foram quatro os sumos sacerdotes, desde Anás até a instalação de Caifás, que ocuparam em quatro anos este cargo anual. A Escritura, no Evangelho, assinala que Caifás foi realmente o sumo sacerdote no ano em que se consumou a paixão do Salvador (Mt 26,3-57; Jo 11,49; 18,13.24.28). Por meio deste e da observação precedente marca-se o tempo do magistério de Cristo.

7. Além disso, nosso Salvador e Senhor, pouco tempo após o começo de sua pregação, chamou os doze Apóstolos, únicos entre os demais discípulos que, por privilégio especial, denominou apóstolos (Mt 10,1; Mc 3,14s; Lc 6,13; 9,1s). “Depois disso, designou outros setenta e dois e enviou-os, dois a dois, à sua frente a toda cidade e lugar aonde ele próprio devia ir” (Lc 10,1).

CAPÍTULO 11

João Batista dá testemunho do Cristo

1. O livro divino dos Evangelhos relata também que, algum tempo depois, Herodes, o Jovem, mandou cortar a cabeça de João Batista (Mt 14,1-12; Mc 6,14-19; Lc 3,19-20; 9,7-9), e José igualmente conta, ao rememorar pelo nome Herodíades, que Herodes a desposou, embora fosse a esposa de seu irmão; ele, portanto, repudiou sua primeira mulher, que desposara legalmente (era filha de Aretas, rei de Petra) e separou Herodíades de seu marido, ainda vivo; por causa dela, após ter assassinado a João Batista, guerreou contra Aretas, cuja filha rejeitara.

2. Nesta guerra, travado o combate, ele perdeu todo o seu exército; sofreu tal derrota devido a sua crueldade contra João.

3. O mesmo Josefo atesta ter sido João um dos homens mais justos e que ele batizava, estando de acordo com o que está escrito sobre João nos Evangelhos. Narra também que Herodes perdeu a realeza, por causa da mesma Herodíades, com a qual foi exilado e condenado a viver na cidade de Vienne, na Gália.

4. E isto encontra-se descrito no décimo oitavo livro das *Antiguidades*, onde está escrito verbalmente acerca de João: “Pensaram alguns judeus ter sido o exército de Herodes aniquilado por castigo de Deus, que vingava com plena justiça a morte de João, o Batista.

5. Herodes, efetivamente, mandara matá-lo, apesar de ser um homem bom que exortava os judeus à prática da virtude, à justiça mútua, bem como à piedade para com Deus e à recepção do batismo. Parecia-lhe que o batismo era recomendável não em vista da remissão de determinadas faltas, mas para a purificação corporal, depois de purificada previamente a alma por meio da justiça.

6. Como se congregavam outros em torno dele (estimulados pela audição de suas palavras), Herodes teve medo da força persuasiva dele perante os homens e de que ele os induzisse a um levante (pois pareciam atender em tudo a seus conselhos). Preferiu, antes que surgisse alguma novidade, tomar a iniciativa de matá-lo, a arrepender-se, em face de uma revolução, por ter incidido numa situação difícil. Por motivo dessa suspeita de Herodes, João foi preso e levado a Maqueronte, a prisão acima referida e lá foi morto”.

7. Tais as notícias de Josefo sobre João. Igualmente faz memória de nosso Salvador, no decurso da mesma obra, como segue: “Nesta época, viveu Jesus, um homem sábio, se convém dar-lhe a denominação de homem. Realizou obras espantosas e foi mestre dos homens que aceitavam de bom grado a verdade; atraiu numerosos judeus e também muitos gregos.

8. Ele era o Cristo, mas os primeiros dos nossos acusaram-no perante Pilatos, que o condenou à morte

de cruz. Mas, os que o haviam amado anteriormente, não cessaram de amá-lo. Ao terceiro dia, porém, ele lhes apareceu, redivivo; os divinos profetas haviam predito estas e outras mil maravilhas a seu respeito. Ainda hoje, a raça dos cristãos, cujo nome dele deriva, não desapareceu”.

9. Se um historiador, dentre os próprios judeus, transmite desde os primórdios, em seus escritos, tais informações sobre João Batista e sobre nosso Salvador, que escapatória restará, a fim de não ficarem confundidos, aos que inventaram as *Memórias* relativas a eles? Mas, sobre o assunto, basta.

CAPÍTULO 12

Os discípulos do Salvador

1. São geralmente conhecidos, através dos Evangelhos, os nomes dos apóstolos do Salvador. Ao invés, em parte alguma se encontra a lista dos setenta discípulos. Diz-se, todavia, que era um deles Barnabé, de quem fazem memória excelente os *Atos dos Apóstolos* (At 4,36; 11,22-25; 13,2s; 15,37-39), e ainda Paulo, escrevendo aos Gálatas (Gl 2,1-9.13). Afirma-se que também entre eles se achava Sóstenes, que dirige, com Paulo, uma carta aos Coríntios (1Cor 1,1).

2. Clemente, no quinto livro das *Hipostyposis*, afirma que Cefas, do qual escreve Paulo: “Mas quando Cefas veio a Antioquia, eu o enfrentei abertamente” (Gl 2,11), era um dos setenta discípulos, homônimo do apóstolo Pedro.

3. Conta-se também que Matias (cf. At 1,26), eleito para entrar no número dos Apóstolos, em lugar de Judas, bem como o outro, juntamente com ele honrado por igual sufrágio (At 1,23), tinha sido considerado digno do mesmo chamado entre os setenta discípulos. Diz-se ainda que foi um deles Tadeu (Mt 10,3; Mc 3,18), sobre o qual vou logo relatar a narrativa que chegou até nós.

4. Pensando bem, descobriremos que houve mais de setenta discípulos do Salvador, conforme o testemunho de Paulo. Ele assegura que, após a ressurreição dentre os mortos, o Salvador apareceu primeiro a Cefas, e depois aos doze. Em seguida, a mais de quinhentos irmãos de uma vez e enquanto alguns deles, acrescenta, haviam adormecido, a maioria, porém, ainda vivia na ocasião em que ele compunha a epístola (1Cor 15,5-7).

5. Posteriormente, apareceu a Tiago, um dos denominados irmãos do Salvador. Além disso, como havia ainda, à imitação dos doze, um grande número de apóstolos, entre os quais se colocava o próprio Paulo, ele acrescenta: “Depois, a todos os apóstolos”. A respeito deles, tenho dito.

CAPÍTULO 13

Narrativa acerca do rei de Edessa

1. Quanto à história de Tadeu, é a seguinte. Tendo sido anunciada a todos os homens a divindade de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo, seu poder de fazer milagres atraiu multidões, mesmo de regiões estrangeiras muito afastadas da Judéia, devido à esperança de cura de doenças e sofrimentos de toda espécie.

2. O rei Abgar, que reinava dignamente sobre as nações além do Eufrates, achava-se consumido por terríveis sofrimentos corporais, incuráveis ao menos diante das possibilidades humanas. Como ouvisse falar muito do nome de Jesus e de seus milagres unanimemente atestados por todos, enviou-lhe uma carta em que suplicava que o livrasse daquela doença.

3. Jesus não atendeu ao chamado, mas honrou-o com uma carta particular, prometendo mandar-lhe um

dos discípulos para curá-lo e simultaneamente salvá-lo junto com todos os seus súditos.

4. A promessa foi cumprida, pouco tempo depois. Ora, depois que Jesus ressuscitou dos mortos e subiu aos céus, Tomé, um dos doze apóstolos, inspirado por Deus, enviou a Edessa Tadeu, um do número dos setenta discípulos de Cristo, como arauto e evangelista da doutrina acerca de Cristo. Por meio dele, todas as promessas de nosso Salvador se realizaram.

5. Deste fato existe um testemunho escrito, extraído dos arquivos de Edessa, então cidade real. De fato, nos documentos públicos do país, que contêm as atas antigas e as do tempo de Abgar, é que se encontra conservada essa narração, desde então até o presente. Nada de melhor do que tomar conhecimento dessas mesmas cartas, extraídas por nós dos arquivos e traduzidas literalmente do siríaco, nesses termos: CÓPIA DA CARTA ESCRITA PELO GOVERNADOR ABGAR A JESUS, E ENVIADA POR INTERMÉDIO DE ANANIAS, MENSAGEIRO DO CORREIO, A JERUSALÉM.

6. “Abgar, filho de Ouchama, governador, a Jesus, bom Salvador, que se manifestou na região de Jerusalém. Saudações. Ouvi falar de ti e das curas que operas, sem remédios, nem plantas medicinais. Conta-se que fazes os cegos recobrem a visão e andarem os coxos; purificas os leprosos (Mt 11,5) e expulsas os espíritos impuros e os demônios, curas os atormentados por longas doenças (cf. Lc 7,21), e ressuscitas os mortos (cf. Mt 11,5; Lc 7,22).

7. Tendo ouvido tudo isso a teu respeito, cheguei à conclusão que de duas uma: ou és Deus que desceste do céu e fazes estas maravilhas, ou és filho de Deus que opera tais coisas.

8. É por este motivo, pois, que agora te escrevo, e peço-te que te dês ao trabalho de vir ver-me e curar-me da doença de que sofro. Ouvi ainda que os judeus murmuram contra ti e querem fazer-te mal. Minha cidade é muito pequenina, mas digna, e bastará para nós dois” (cf. Ecl 9,14).^{[28](#)}
[Tal é a carta escrita por Abgar. Vale a pena ler a carta que Jesus lhe escreveu e que lhe foi entregue pelo mesmo mensageiro, curta sem dúvida, mas plena de sentido. Eis o texto:^{[29](#)}]

RESPOSTA DE JESUS POR MEIO DE ANANIAS, MENSAGEIRO DO CORREIO, AO GOVERNADOR ABGAR.

10. “Bem-aventurado és tu que acreditaste em mim, sem me ter visto (cf. Jo 20,29). Efetivamente, de mim está escrito que não acreditarão em mim os que me viram, a fim de crerem e viverem os que não me viram (cf. Is 6,9-10; Mt 13,14; Jo 12,39-40; At 28,25). Quanto ao que me escreveste, convidando-me a visitar-te, devo realizar aqui toda a minha missão (cf. Mt 3,15) e, após seu cumprimento, voltar àquele que me enviou. Mas, quando eu tiver sido elevado (cf. Jo 12,32), enviar-te-ei um de meus discípulos a fim de te curar de teus padecimentos e dar-te vida, a ti e aos que te acompanham”.

11. Anexo a estas cartas havia o seguinte, em siríaco: “Após a ascensão de Jesus, Judas, também chamado Tomé, enviou a Abgar o apóstolo Tadeu, um dos setenta discípulos. Tendo lá chegado, este se hospedou em casa de Tobias, filho de Tobias. Logo que se propagou a notícia de sua vinda, foi indicado a Abgar que ali se encontrava um apóstolo de Jesus, conforme a promessa que lhe fora feita.

12. Tadeu começou, então, pelo poder de Deus (cf. Mt 4,23; 9,35; 10,1), a curar doenças e enfermidades, de sorte que todos se admiravam. Ao ouvir Abgar as maravilhas e milagres operados por ele, as curas que realizava, teve a suspeita de se tratar daquele sobre o qual Jesus lhe havia escrito: ‘Quando eu tiver sido elevado, enviar-te-ei um de meus discípulos a fim de te curar de teus padecimentos’.

13. Então, mandou chamar Tobias, em cuja casa estava o apóstolo e disse-lhe: ‘Ouvi dizer que um homem poderoso veio hospedar-se em tua casa. Traze-mo’. Tobias, tendo voltado para junto de Tadeu,

disse-lhe: ‘O governador Abgar chamou-me e disse-me que te levasse para junto dele a fim de o curares. Tadeu respondeu: ‘Irei, pois fui enviado com poderes em seu favor’.

14. Por isso, no dia seguinte, bem cedo, Tobias tomou consigo Tadeu e levou-o a Abgar. Quando chegou, os homens mais importantes da região estavam de pé, ao redor do governador. Logo que ele entrou, Abgar teve de repente grandiosa visão em torno da fisionomia do apóstolo Tadeu; por esta razão, Abgar prostrou-se perante Tadeu, para espanto de todos os assistentes que não haviam visto o espectáculo, presenciado somente por Abgar (cf. At 9,7).

15. Este perguntou a Tadeu: ‘És de fato, discípulo de Jesus, o filho de Deus, que me disse: ‘Enviar-te-ei um de meus discípulos a fim de te curar e dar-te vida?’ Tadeu respondeu: ‘Fui enviado para junto de ti, porque acreditei firmemente naquele que me enviou. E agora, se crês nele, os desejos de teu coração serão realizados, conforme acreditei’ (cf. Mc 9,23).

16. Abgar lhe replicou: ‘Acreditei nele a tal ponto que com um exército queria desbaratar os judeus que o crucificaram, se não fosse o império romano’. Tadeu respondeu: ‘Nosso Senhor cumpriu a vontade de seu Pai. E após tê-la realizado, voltou para junto do Pai’.

17. Abgar lhe disse: ‘Também eu acreditei nele e em seu Pai’. Respondeu Tadeu: ‘Por esta razão, imponho-te a mão em seu nome’. E logo que o fez, o rei foi curado da doença e dos sofrimentos que o afligiam.

18. Admirou-se Abgar por ter experimentado o que ouvira acerca de Jesus, por intermédio de Tadeu, discípulo dele. Fora curado sem remédios, nem plantas medicinais. Mas, não somente ele. Igualmente Abdo, filho de Abdo, que sofria de podagra. Este viera, prostrara-se aos pés de Tadeu. Obteve suas orações e foi curado por suas mãos. Tadeu curou ainda muitos outros de seus concidadãos. Operou grandes milagres e anunciou a palavra de Deus.

19. Depois disso, Abgar disse: ‘Tu , Tadeu, operas essas coisas pelo poder de Deus, e nós ficamos muito admirados. Por conseguinte, eu te suplico, fala-nos sobre a vinda de Jesus: Como se realizou, de seu poder, e em virtude de quem fez tudo o que ouvi contar’ (cf. Mt 21,23).

20. Tadeu respondeu-lhe: ‘No momento, quero calar-me. Mas, como fui enviado a fim de anunciar a palavra, reúne amanhã todos os teus concidadãos. Vou anunciar-lhes a palavra da vida, semeá-la (cf. Mt 13,19; Lc 8,12). Direi como se realizou a vinda de Jesus, a missão para a qual foi enviado pelo Pai, seu poder e suas obras, os mistérios que ensinou no mundo, em virtude de quem ele assim agia, a novidade de sua mensagem, sua fraqueza, sua humilhação, como humilhou-se a si mesmo (cf. Fl 2,8), despojou-se e esvaziou-se da sua divindade, como foi crucificado, desceu à região dos mortos, rompeu a barreira que jamais havia sido quebrada, ressuscitou os mortos, e tendo descido sozinho, subiu novamente com uma grande multidão para junto de seu Pai’ (cf. 1Pd 3,19).

21. Abgar ordenou, então, que desde a aurora se reunissem seus concidadãos para escutarem a pregação de Tadeu. Depois, ordenou que lhe dessem ouro, em moedas e barras. Este recusou nesses termos: ‘Se renunciarmos a nossos próprios bens, como aceitaríamos os dos outros?’ Isso se deu no ano 340”.*

22. Tudo isso, traduzido literalmente do siríaco, pareceu-me útil e oportuno relatar aqui.

19 Economia. O termo grego *oikonomía* que os latinos traduziram por *dispositio*, *dispensatio* e *administratio*, designa, de modo geral, na linguagem patrística, a atividade exterior do Verbo encarnado, ou o desígnio de Deus, realizado em Cristo, de restaurar todas as coisas, quando então se fala da “economia da salvação”. Quando os Padres se ocupavam do mistério de Deus pela reflexão, pela contemplação, faziam “teologia”, quando se ocupavam do plano ou do desígnio divino em relação à criatura, faziam “economia”. Obs.: Todas as notas desta obra são fundamentadas nos volumes 31, 41 e 55 da Coleção Sources Chrétiennes.

[20](#) Teófilo de Antioquia, Hipólito, Júlio Africano, Hegesipo, estão entre os que tentaram estabelecer os sincronismos entre os fatos da história profana e os da história judaico-cristã. Contudo, ninguém havia, ainda, empreendido elaborar uma história completa do cristianismo. Esta é uma das novidades da iniciativa de Eusébio.

[21](#) A demora da encarnação e a universalização da revelação, isto é, por que a revelação não foi dada a todos os povos desde o início, permaneciam como objeções permanentes a que os apologistas não cessavam de tentar responder.

[22](#) Estas narrativas das origens e desvios da humanidade encontram-se também nas tradições mitológicas, literárias e filosóficas como em Hesíodo, em *Os trabalhos e os dias*, no livro V de *Sobre a natureza das coisas* de Lucrécio e na *Odisséia* de Homero.

[23](#) Aplicando interpretação tipológica aos textos, aos fatos e pessoas bíblicos, os Padres são unânimes em ver em Josué o “tipo” de Jesus.

[24](#) Para rebater a acusação de que a religião cristã não tinha tradição, era novidade inventada recentemente, os apologistas apelavam para a antiguidade do judaísmo, mostrando como a religião cristã estava enraizada nele e o aperfeiçoava.

[25](#) No *Antiquidades judaicas* XVIII, 1, o historiador Flávio Josefo diz que o recenseamento de Quirino se deu no 37º ano depois da batalha de Ócio, o que corresponderia ao 7º ano depois do nascimento de Jesus, segundo as tradições que deram origem aos evangelhos.

[26](#) Júlio Africano viveu no século III. Nasceu em Jerusalém e escreveu a primeira *Crônica universal cristã*, recolhendo as tradições anteriores, particularmente nas memórias de Hegesipo. Segundo ele, a existência do mundo é de 7 semanas de anos. Cada uma tem mil anos. Cristo nasceu, segundo ele, no ano 5.500. O sétimo milenário será o do Reino prometido, que durará mil anos.

[27](#) Herodes morreu aos 70 anos, pelos fins de março ou começo de abril do ano 750 da fundação de Roma. Jesus teria 4 anos, segundo a tradição evangélica, 11 anos segundo a cronologia de Flávio Josefo. Cf. Eusébio, *Crônica do ano 46 de Augusto*, p. 170.

[28](#) Abgar, o Negro, teria reinado em Edessa de 4 a.C. a 7 d.C. e teria voltado ao trono de 13 a 50 d.C. A lenda confunde com Abgar IX, que reinou de 179 a 216 d.C. e que foi o primeiro rei cristão de Edessa. Já o nome de Tadeu tem como finalidade dar à lenda dimensão apostólica.

[29](#) Em vários manuscritos de Eusébio, encontra-se esta passagem, omitida pelas traduções siríaca e latina e por outros manuscritos, o que lhe dá o ar de interpolação.

LIVRO SEGUNDO

Redigimos este livro de acordo com Clemente, Tertuliano, Josefo e Fílon

1. Expusemos em resumo no livro precedente, à guisa de Prefácio à História Eclesiástica, o que convinha tratar sobre a divindade do Verbo Salvador, a antiguidade dos dogmas de nossa doutrina, o antiquíssimo teor de vida evangélica dos cristãos, mas sobretudo as referências à recente manifestação de Cristo, os eventos antecedentes à paixão de Cristo e a escolha dos Apóstolos.³⁰
2. Agora, no presente livro, examinemos também os acontecimentos após a ascensão, de um lado narrando os fatos de acordo com as divinas Escrituras, e de outro, segundo os documentos profanos, que mencionaremos conforme as circunstâncias.

CAPÍTULO 1

A atitude dos apóstolos após a ascensão

1. Em primeiro lugar, por sorte foi designado Matias, que havia sido, conforme se mostrou, um dos discípulos do Senhor para o apostolado, em vez de Judas, o traidor. Além disso, foram estabelecidos, através da oração e imposição das mãos dos Apóstolos, alguns diáconos para o serviço da comunidade, homens probos, em número de sete, que se agruparam em torno de Estêvão (At 6,1-6). Ele foi o primeiro após o Senhor que foi morto logo que recebera a imposição das mãos, como se houvesse sido assinalado justamente para isso. Foi apedrejado por aqueles que mataram o Senhor e assim foi o primeiro a alcançar a coroa, cujo nome trazia, das vitoriosas testemunhas de Cristo (At 7,58-59).
2. Então, Tiago, chamado irmão do Senhor (Gl 1,19), — tinha também ele o nome de filho de José;³¹ José era pai de Cristo, pois a Virgem era comprometida em casamento com ele, mas antes que coabitassem, ela concebeu do Espírito Santo (Mt 1,18), conforme ensinam as Sagradas Escrituras, no Evangelho — esse Tiago, a quem os antigos davam o sobrenome de justo, devido a suas excelentes virtudes, diz-se ter sido o primeiro a ser instalado no trono episcopal da cidade de Jerusalém.
3. Clemente, no sexto livro das *Hipotyposes*, o declara. Afirma, de fato: “Após a ascensão do Salvador, Pedro, Tiago e João, apesar de particularmente distinguidos pelo Salvador, não disputaram a honra de bispo de Jerusalém, mas escolheram Tiago, o justo, para este múnus”.
4. O mesmo autor, no sétimo livro da mesma obra, narra ainda a seu respeito: “A Tiago, o justo, a João e a Pedro o Senhor concedeu a gnose, após a sua ressurreição. Eles a transmitiram aos demais apóstolos e os restantes apóstolos, por sua vez, a transmitiram aos setenta, um dos quais era Barnabé.
5. Havia dois apóstolos com o nome de Tiago: um, o justo, que tendo sido precipitado do pináculo do templo, foi batido com o bastão de um pisoeiro até morrer, e o outro que foi decapitado”. É também o justo que é mencionado por Paulo, ao escrever: “Não vi nenhum outro apóstolo, mas somente Tiago, o irmão do Senhor” (Gl 1,19).
6. Naquele tempo cumpriram-se as promessas de nosso Salvador ao rei dos osroenos. Tomé, com efeito, inspirado por Deus, enviou Tadeu a Edessa, como arauto e evangelista da doutrina relativa a

Cristo, conforme contamos um pouco mais acima, segundo o escrito ali encontrado.

7. Nesta região, ele curou a Abgar, pela palavra de Cristo, e causou pasmo aos habitantes do lugar com espantosos milagres. Suas obras deixaram-nos bem dispostos. Induziu-os a venerarem o poder de Cristo e deles fez discípulos da doutrina da salvação. Desde então até agora, a cidade de Edessa se dedicou ao nome de Cristo, prova extraordinária da benevolência de nosso Salvador para com seus habitantes.

8. Tudo o que foi dito provém de antiga narrativa. Retornemos logo à Escritura divina. Por ocasião do martírio de Estêvão, os judeus desencadearam a primeira e grande perseguição contra a Igreja de Jerusalém e os discípulos, exceto os Doze, se dispersaram através da Judéia e Samaria (At 8,1). Alguns, diz a divina Escritura, tendo chegado à Fenícia, a Chipre e Antioquia, não ousavam ainda transmitir aos gentios a palavra da fé e anunciavam-na somente aos judeus (At 11,19).

9. Paulo também devastava até então a Igreja; entrava na casa dos fiéis, arrastava homens e mulheres e metia-os na prisão (At 8,1-3).

10. Entretanto Filipe (At 8,5-13), um dos eleitos juntamente com Estêvão para o ministério (At 6,5), e estava entre os dispersos, veio à Samaria. Com o poder de Deus, iniciou a pregação da palavra aos habitantes do lugar. Acompanhou-o tamanha graça divina que até Simão, o mago, sentiu-se atraído por suas palavras, junto com uma grande multidão.

11. Naquele tempo, Simão era muito célebre e dominava inteiramente por seus prestígios os que enganara, a ponto de ser considerado o grande poder de Deus. Então, ele também, impressionado com as ações maravilhosas operadas por Filipe, graças a uma força divina, insinuou-se perto dele e fingiu ter fé em Cristo; inclusive recebeu o batismo.

12. Espantoso é o que se produz até hoje nos participantes da seita impura, criada por ele. Seguindo o método de seu antepassado, insinuam-se na Igreja qual peste ou lepra e causam os maiores danos àqueles nos quais conseguem inocular o veneno oculto, difícil de curar e violento. Aliás, a maioria deles já fora expulsa ao se lhe descobrir a malícia e o próprio Simão, surpreendido por Pedro, recebeu o merecido castigo (At 8,14-24).

13. Todavia, o anúncio da salvação ia progredindo diariamente.

Dispôs Deus trazer da terra dos etíopes um oficial da rainha deste país (At 8,26-38). Segundo antigo costume, até hoje, este país é governado por uma mulher.³² Foi este oficial, primícias dos fiéis do universo, o primeiro dentre os gentios a se tornar por meio de Filipe, graças a uma manifestação divina, participante dos mistérios do Verbo divino. Conta a tradição que, regressando ao país natal, foi o primeiro a anunciar o conhecimento do Deus do universo e a habitação vivificante do Salvador entre os homens. Por meio dele se cumpriu a profecia: “A Etiópia estenderá as mãos para Deus” (Sl 67,32).

14. Então, manifestou-se como apóstolo Paulo, o vaso de eleição (At 9,15), “não da parte dos homens, nem por intermédio de um homem, mas por Jesus Cristo e Deus Pai, que o ressuscitou dentre os mortos” (Gl 1,1); uma visão e a revelação (At 9,3-6) de uma voz celeste proclamaram-no digno da vocação.

CAPÍTULO 2

Pilatos comunica a Tibério o que concerne a Jesus

1. Já se propagara a fama da maravilhosa ressurreição de nosso Salvador e de sua ascensão aos céus.

Ora, Pilatos, segundo o antigo costume de que o governador das províncias transmitisse as novidades ocorridas nelas ao detentor do poder real, a fim de que este ficasse bem informado de tudo, comunicou ao imperador Tibério as notícias que circulavam na Palestina inteira sobre a ressurreição dentre os mortos de nosso Salvador Jesus. Tivera conhecimento dos outros milagres e de que, depois da paixão e da ressurreição dentre os mortos de Jesus, o povo acreditava que ele era Deus.

2. Conta-se ter Tibério relatado a questão ao Senado, o qual, contudo, rejeitou a proposta, talvez porque não a houvesse previamente examinado. Uma antiga lei estabelecia que, entre os romanos, ninguém fosse divinizado, senão através de votos e decreto do Senado.³³ Na verdade, porém, assim aconteceu porque o ensinamento salvífico da mensagem divina não carecia de assentimento e recomendação humana.

3. O Senado romano rejeitou desta forma o projeto que lhe fora apresentado acerca de nosso Salvador, mas Tibério manteve sua opinião anterior e não planejou prejudicar a doutrina de Cristo.

4. Tertuliano, homem perito nas leis romanas, aliás ilustre e dos mais célebres em Roma, narra tais coisas em sua *Apologia em favor dos cristãos*, exarada em latim e vertida para o grego. Assim literalmente se expressa:

5. “Relativamente à origem de tais leis, havia um antigo decreto com a determinação de que ninguém fosse divinizado pelo Imperador, sem prévia aprovação do Senado. Marco Emílio procedeu deste modo relativamente a certo ídolo, Albarno. Depõe a favor de nossa causa o fato de que entre vós a divindade derive de atribuição por parte dos homens. Não é tido por Deus quem não agrada ao homem. Por isso, segundo essa opinião, compete ao homem ser propício a Deus.

6. Tibério, portanto, sob cujo governo surgiu no mundo o nome de cristãos, tendo recebido da Palestina, donde é originária, notícias sobre esta doutrina, comunicou-as ao Senado, mostrando que ela era de seu agrado. Mas o Senado rejeitou-a, porque não opinara a seu respeito. Ele, contudo, manteve seu parecer e ameaçou de morte os acusadores dos cristãos”. A Providência celeste em seus desígnios havia-lhe incutido tal disposição, a fim de que a palavra do Evangelho nos primórdios não encontrasse obstáculos e se difundisse por toda a terra.

CAPÍTULO 3

Divulga-se rapidamente a doutrina concernente a Jesus

1. Assim sucedeu que, sem dúvida por meio de uma força e ajuda do céu, a doutrina da salvação, qual raio de sol, iluminou de repente a terra inteira. Logo, segundo as Escrituras divinas, em toda a terra ressoou a voz dos divinos evangelistas e apóstolos, e “até os confins do mundo a sua linguagem” (Sl 18,5).

2. Efetivamente, em todas as cidades e aldeias, como numa eira repleta (cf. Mt 3,12; Lc 3,17), estabeleciam-se grandes Igrejas de milhares de homens e cheias de fiéis. Aqueles, porém, que devido à tradição de seus maiores e a um antigo erro, prendiam-se à doença inveterada de uma superstição idolátrica, foram libertados de certo modo de cruéis senhores e viram-se livres de pesadas cadeias, por virtude de Cristo, bem como através da doutrina e simultaneamente dos milagres de seus discípulos; rejeitaram qualquer politeísmo diabólico; confessaram existir um só Deus, único, Criador de todas as coisas, e honraram-no segundo as normas da verdadeira piedade, por meio do culto divino e racional que nosso Salvador difundiu no gênero humano.

3. De fato, a graça divina já se espalhara por outras nações e, em primeiro lugar, em Cesaréia na Palestina (At 10,1-48), Cornélio com toda a sua casa recebia a fé em Cristo por intermédio duma manifestação divina e do ministério de Pedro. Então, em Antioquia, também acreditou grande número de outros gregos, aos quais haviam pregado os fiéis dispersos por ocasião da perseguição contra Estêvão. Depressa a igreja de Antioquia tornou-se florescente e cresceu em número; então achavam-se nela muitos profetas de Jerusalém, entre os quais Barnabé e Paulo, além de uma multidão de irmãos. Foi ali que, pela primeira vez, o nome de cristão brotou, como de uma fonte fértil e copiosa (At 11,19-26).

4. E sucedeu que Agabo, um dos profetas que ali se achava, predizia uma futura fome; por isso Paulo e Barnabé receberam a missão de ir a Jerusalém, para um serviço aos irmãos (At 11,27-30).

CAPÍTULO 4

Caio estabelece Agripa rei dos judeus

1. Tibério, após um império de mais ou menos vinte e dois anos, morreu, e Caio assumiu o poder. Logo, ele conferiu a Agripa o diadema e o poder sobre os judeus e estabeleceu-o rei das tetrarquias de Filipe e Lisânias, às quais, pouco tempo após, acrescentou a tetrarquia de Herodes — o Herodes do tempo da paixão do Senhor (cf. Lc 23,6-12) —, que ele condenou a exílio perpétuo, com sua mulher Herodíades, por causa de seus inúmeros crimes. Também Josefo o atesta.

2. Sob Caio, celebrizou-se Fílon, ilustre não somente entre os nossos, mas também entre os conhecedores de disciplinas estrangeiras. Era hebreu, de antiga cepa, em nada inferior aos mais notáveis em Alexandria.

3. São bem notórias a grandeza e a qualidade do trabalho que executou relativamente às ciências divinas de sua pátria. Ocioso declarar quem era, no atinente à filosofia e às artes liberais dos gregos, quando se afirma que ele havia estudado a doutrina de Platão e de Pitágoras com tanto zelo que superava todos os coetâneos.

CAPÍTULO 5

Fílon nomeado embaixador de judeus perante Caio

1. Cinco livros de Fílon transmitem-nos os acontecimentos ocorridos entre os judeus sob Caio. Igualmente refere a loucura de Caio, que se proclamou deus e cometeu em seu governo mil excessos, as desgraças dos judeus sob seu reinado, bem como a embaixada de que foi incumbido, tendo sido enviado à cidade de Roma em favor de seus compatriotas de Alexandria. Declara que, ao defender diante de Caio as leis pátrias, nada conseguiu senão escárnio e derrisão, pouco faltando para incorrer em perigo de vida.

2. Josefo relembra também estes eventos no livro décimo oitavo das *Antiguidades*, onde escreve textualmente: “Tendo surgido em Alexandria uma dissensão entre os judeus ali residentes e os gregos, foram escolhidos de cada partido três membros como embaixadores, que compareceram perante Caio.

3. Um dos embaixadores dos alexandrinos era Apião, que falou muito mal dos judeus, afirmando entre outras coisas que eles efetivamente menosprezavam as honras devidas a César, enquanto os súditos do poder romano elevavam altares e templos a Caio, tratando-o em tudo como aos deuses. Os judeus eram os únicos a julgarem indigno honrá-lo com estátuas e jurar por seu nome.

4. Apião proferiu muitas e graves acusações, com as quais contava provavelmente excitar Caio. Fílon, o principal dos embaixadores judeus, homem ilustre, irmão do magistrado supremo Alexandre e perito filósofo, era bem capaz de vencer as acusações com seus argumentos.

5. Caio, porém, fechou-lhe a boca e ordenou que fosse em-bora. Muito irritado, evidentemente dispunha-se a tratar com rigor os judeus. Ultrajado, Fílon saiu, mas declarou aos judeus, seus companheiros, que tivessem confiança, pois, se Caio se achava encolerizado contra eles, estava provocando contra si um castigo de Deus.” É o que diz Josefo.

6. O próprio Fílon, no livro intitulado *A embaixada*, narra com pormenores e acuradamente suas ações naquela ocasião. Omito a maior parte do escrito, lembrando apenas fatos que evidenciarão aos leitores as desgraças sobrevindas aos judeus nesta oportunidade e pouco depois, por causa de seus intentos contra Cristo.

7. Em primeiro lugar, Fílon relata que, sob Tibério, Sejano, então muito influente junto do imperador, empenhava-se com zelo pela extinção completa do povo judeu na cidade de Roma. De outro lado, na Judéia, Pilatos, em cujo governo se perpetraram os crimes contra o Salvador, praticou contra o Templo de Jerusalém, ainda de pé, ações proibidas aos judeus, causando enorme agitação.

CAPÍTULO 6

Males que tocam aos judeus após sua ação contra Jesus

1. Morto Tibério, Caio assumiu o poder. Cometeu inúmeros excessos, mas principalmente causou grandes danos a todo o povo judeu. Em suma, depreende-se o fato das palavras textuais de Fílon:

2. “O procedimento de Caio em geral era anômalo, mas especialmente para com a raça judaica, que perseguiu com ódio implacável. Apossou-se dos lugares destinados à oração (At 16,13) em todas as cidades, começando por Alexandria. Enchia-os de imagens e estátuas de sua própria efígie, pois ao permitir a exposição delas, era por seu poder que as erigia. Quanto ao Templo da cidade santa, que ainda se achava intacto e usufruía de pleno direito de asilo, ele o modificou e transformou em santuário a si dedicado, denominando-o santuário do novo Zeus Epifânio Caio”.

3. Em segunda obra, intitulada *As virtudes*, o mesmo autor enumera mil outras calamidades, acima de qualquer descrição, sobrevindas aos judeus em Alexandria, sob o mesmo Caio. Josefo concorda com ele, e mostra igualmente que foi desde o tempo de Pilatos e dos intentos ousados contra o Salvador que começaram as desgraças atinentes a todo o povo.

4. Escuta, portanto, o relato de Josefo no segundo livro das *Guerras judaicas*, onde se exprime nesses termos: “Pilatos, enviado à Judéia por Tibério como procurador, à noite introduziu sorrateiramente em Jerusalém imagens veladas de César, chamadas insígnias. Mas, ao chegar o dia, houve enorme tumulto entre os judeus. Com efeito, ao se aproximarem, ficaram estupefatos diante do que viam. Suas leis, que interdizem introduzir na cidade qualquer imagem, haviam sido conculcadas”.

5. De uma comparação com o que está escrito nos evangelhos deduz-se que em muito pouco tempo reverteu contra eles próprios a exclamação diante de Pilatos de não terem outro rei senão César (Jo 19,15).

6. Em seguida, o mesmo escritor conta outra infelicidade que os atingiu, nesses termos: “Depois disso, Pilatos provocou outros tumultos, apossando-se do tesouro sagrado, denominado *corban*, para construir um aqueduto. A água distava dali trezentos estádios. Tal ação irritou a plebe.

7. Estando Pilatos em Jerusalém, viu-se cercado de clamores. Mas ele previra o tumulto, e havia espalhado no meio da multidão soldados armados, à paisana, proibindo que utilizassem espadas, mas ferissem com bastonadas os que gritassem. Depois, de sua sede, fez-lhes um sinal. Entre os judeus feridos, uns pereceram sob os golpes; muitos outros massacraram-se mutuamente, durante a fuga. A multidão, porém, sob o impacto da infeliz sorte dos que pereceram, emudeceu.”

8. O mesmo autor revela que, muitos outros tumultos além desse ocorreram em Jerusalém. Informa que, desde então, jamais sedições, guerras e males sucessivos abandonaram a cidade e a Judéia inteira, até os acontecimentos no fim do cerco, sob Vespasiano. Tal o efeito da justiça divina sobre os judeus por causa do que ousaram fazer a Cristo.

CAPÍTULO 7

Pilatos suicida-se

Conforme consta, convém saber que Pilatos, contemporâneo do Salvador, sob Caio, cuja época descrevemos, incidiu em tal desfavor que, coagido, fez-se assassino e carrasco de si mesmo. Sem dúvida, a justiça divina não o poupou por muito tempo. Assim anotaram os gregos, que assinalam as Olimpíadas com os acontecimentos ocorridos durante cada uma delas.

CAPÍTULO 8

A fome sob Cláudio

1. Caio, porém, não exerceu o poder por quatro anos inteiros. Sucedeu-lhe o imperador Cláudio. Sob este último, uma fome devastou a terra inteira. Até os historiadores alheios a nossa doutrina transmitiram essa notícia em suas obras. Assim se cumpriu a predição do profeta Agabo, que consta dos *Atos dos Apóstolos*, a respeito da fome vindoura, sobre toda a terra.

2. Lucas refere nos *Atos* a fome ocorrida sob Cláudio, e que, por intermédio de Paulo e Barnabé, os irmãos de Antioquia enviaram aos da Judéia aquilo de que dispunha cada um, proporcionalmente a seus meios (At 11,27-30); e acrescenta:

CAPÍTULO 9

Martírio de Tiago

1. “Naquele mesmo tempo — sem dúvida sob Cláudio — começou o rei Herodes a maltratar alguns membros da igreja. Mandou matar à espada Tiago, irmão de João” (At 12,1-2).

2. A respeito desse Tiago, Clemente traz, no sétimo livro das *Hypotyposes*, uma história memorável, conforme recebera da tradição de seus antecessores. Declara que aquele que o conduzira ao tribunal ficou comovido vendo-o testemunhar e confessou ser também ele cristão.

3. “Ambos, diz ele, foram levados ao suplício, e ao longo do caminho o delator pediu a Tiago que o perdoasse. Tiago refletiu um pouco e lhe disse: ‘A paz esteja contigo’; e beijou-o. Os dois foram simultaneamente decapitados.”

4. Então também, segundo afirma a divina Escritura, Herodes, vendo que com a morte de Tiago agradara aos judeus, atacou igualmente a Pedro e o pôs em cadeias. Pouco faltou para matá-lo, se não fosse a intervenção de Deus. À noite, apareceu um anjo a Pedro e miraculosamente o livrou das cadeias. Foi libertado para o ministério do anúncio da palavra (cf. At 12,3-17). Tal foi o desígnio divino relativamente a Pedro.

Agripa experimenta a vingança divina

1. As conseqüências das ações do rei contra os apóstolos não se fizeram esperar, mas o ministro vingador da justiça divina logo o perseguiu. Imediatamente após as insídias contra os Apóstolos, conforme o livro dos *Atos*, partiu para Cesaréia e lá, numa solenidade, ornado da veste real, discursou para o povo do alto de uma tribuna. O povo inteiro aplaudiu-o, como se houvesse falado um deus e não um homem. De repente, diz a Escritura, um anjo do Senhor o feriu e ele morreu, devorado por vermes (cf. At 12,21-23).

2. Admirável é a concordância a respeito deste portentoso entre a Escritura divina e a história de Josefo. Evidentemente ele deu testemunho da verdade no tomo dezenove de *Antiguidades*, onde relata o prodígio nestes termos:

3. “Ele completara o terceiro ano de reinado sobre toda a Judéia e fora à cidade de Cesaréia, outrora denominada Torre de Straton. Fez celebrar ali jogos em honra e pela saúde de César. Achava-se reunida uma multidão, magistrados e principais dignitários da Província.

4. No segundo dia dos jogos, revestido de um manto inteiramente de prata, de maravilhoso tecido, compareceu ao teatro ao raiar do dia. Então a prata, iluminada pelos primeiros raios do sol, resplandeceu de forma extraordinária, faiscando tremendamente e apavorando os que a fitavam.

5. Imediatamente os adutores começaram, cada qual a seu modo, a dirigir-lhe aclamações, em nada favoráveis, dando-lhe o título de deus e acrescentando: ‘Sê-nos propício. Até agora nós te tememos enquanto homem; doravante confessaremos seres, por natureza, superior aos mortais’.

6. O rei não os repreendeu, nem rejeitou as ímpias lisonjas. Pouco depois, ergueu os olhos e viu um anjo acima de sua cabeça. Logo compreendeu que lhe seria causa de males, assim como anteriormente lhe outorgara benefícios e sentiu íntima dor.

7. Assaltaram-no dores violentas nas entranhas, já inicialmente intensas. Levantando os olhos para seus amigos, disse: ‘Sou um deus diante de vocês, mas já recebo ordens de deixar a vida. O destino logo lhes desmente as palavras enganosas. Vocês me chamam imortal, mas encaminho-me para a morte. Forçoso é acolher a sorte de acordo com o que Deus quer. Efetivamente, jamais tivemos vida infeliz; ao invés, foi longa e feliz’. Ao se exprimir deste modo, atormentavam-no pungentes sofrimentos.

8. Às pressas, foi transportado para o palácio e espalhou-se a notícia de que ele estava à morte. A multidão, com as mulheres e as crianças, assentou-se logo em sacos, segundo o costume local, suplicando a Deus em favor do rei. Ouviam-se por toda a parte queixumes e lamentos. O rei, acamado no andar superior, lacrimejante, olhava para baixo e via-os curvados, prostrados.

9. Durante cinco dias, atormentavam-no as dores intestinais. Terminou a vida no quinquagésimo quarto ano de idade e sétimo de reinado. De fato, havia reinado quatro anos sob Caio César, governando durante três anos a tetrarquia de Filipe e no quarto, de acréscimo, a de Herodes. E sob o imperador Cláudio César, reinou ainda três anos.”

10. É digno de nota que tanto aqui como em outras passagens, Josefo está em consonância com as divinas Escrituras. Se julgam alguns haver discordância quanto ao nome do rei, ao menos o tempo e os fatos demonstram tratar-se do mesmo, quer se tenha trocado o nome por erro de transcrição, quer o

mesmo rei tenha tido dois nomes, como no caso de muitos outros.

CAPÍTULO 11

O mago Teudas

1. Uma vez que Lucas, nos *Atos*, refere ter Gamaliel, na discussão sobre os apóstolos, feito referência a Teudas, que se sublevara nesta ocasião (At 5,34-36), proclamando ser alguém, mas foi morto na companhia de todos os que lhe deram crédito, rememoremos também o que escreve Josefo sobre tal assunto. Efetivamente, na obra que acabamos de citar, narra ainda textualmente:
2. “Quando Fado era procurador da Judéia, um mago chamado Teudas persuadiu uma multidão a segui-lo, com todos os seus bens, pelas margens do rio Jordão. Dizia-se profeta e que por uma ordem dividiria o rio, permitindo-lhes fácil travessia. Com tais palavras seduziu a muitos.
3. Fado, porém, não consentiu que tirassem proveito desta loucura. Enviou uma tropa da cavalaria, que incidiu de repente sobre eles, matou a muitos, apanhou vivos outros tantos, capturou o próprio Teudas, decapitou-o e mandou sua cabeça para Jerusalém.” Prossegue Josefo, rememorando a fome que sobreveio sob Cláudio, nos seguintes termos:

CAPÍTULO 12

A rainha Helena de Adiabene

1. “Nesta ocasião, houve na Judéia a grande fome, durante a qual a rainha Helena despendeu grande soma na compra de trigo no Egito e distribuiu-o aos necessitados.”³⁴
2. Verifica-se também aqui seu acordo com as declarações dos *Atos dos Apóstolos*, de como os discípulos de Antioquia, cada qual segundo os meios de que dispunha, determinaram uma quantia a enviar em ajuda aos habitantes da Judéia. Fizeram-no, enviando-a aos anciãos, pelas mãos de Barnabé e Paulo (At 11,29-30).
3. Desta Helena, de que faz memória o historiador, mostram-se ainda hoje colunas notáveis nas cercanias da cidade chamada Aélia. Diz-se ter ela reinado sobre o povo dos adiabenos.

CAPÍTULO 13

O mago Simão

1. Mas, a fé em nosso Salvador e Senhor Jesus Cristo já se difundira entre todos os homens; então, o inimigo da salvação dos homens procurou antecipadamente prevalecer na cidade imperial. Levou para lá o supracitado Simão, e por meio dos artifícios mágicos deste colaborador arrastou ao erro muitos dos habitantes de Roma.
2. Demonstra-o Justino, que viveu pouco tempo depois dos Apóstolos e distinguiu-se na defesa de nossa doutrina. Falarei sobre ele o que for oportuno, no devido tempo. Na primeira *Apologia*, em prol de nossa doutrina e endereçada a Antonino, expressa-se da seguinte forma:
3. “Após a ascensão do Senhor aos céus, os demônios incitaram a certos homens a proclamarem-se deuses. Não os perseguistes, mas até os cobristes de honras. Em primeiro lugar, Simão, samaritano da cidade denominada Giton, que, sob Cláudio César, realizou na cidade imperial de Roma prodígios

mágicos, por artifício dos demônios que agiam através dele; foi tido por deus e na qualidade de deus, honrado com uma estátua às margens do Tibre, entre as duas pontes, com esta inscrição latina: *Simoni deo sancto*, isto é, *A Simão, deus santo*.³⁵

4. Quase todos os samaritanos e uns poucos de outras nações adoram-no, como se fosse o primeiro dos deuses. Afirma-se consistir seu primeiro pensamento determinada Helena, então sua companheira por toda a parte, mas anteriormente prostituta em Tiro na Fenícia.”

5. Tais as declarações de Justino. Ireneu concorda com ele. No primeiro livro de sua obra *Contra as Heresias*, também alude a este homem e a sua doutrina ímpia e sacrílega. No momento, seria ocioso referi-lo, pois a qualquer que desejar conhecer com pormenores os inícios dos heresiarcas que o seguiram, são acessíveis a vida, a exposição de suas falsas doutrinas e as obras de todos eles. Tudo isso é acuradamente tratado na obra citada de Ireneu.

6. Tivemos conhecimento de ter sido Simão o primeiro chefe de todas as heresias. Serviu de ponto de partida e até hoje os sequazes de sua heresia fingem adotar a filosofia cristã, moderada e famosa pela pureza de vida, mas não tardam a recair na superstição dos ídolos, a que aparentemente haviam renunciado. Prostram-se diante de livros e imagens do próprio Simão e de sua supramencionada companheira, Helena, cultuando-os com incensações, sacrifícios e libações.

7. Quanto a suas ações mais secretas, impressionantes (segundo dizem) e que deixam estupefactos, conforme o termo que empregam, aqueles que pela primeira vez ouvem tal relato, são de fato espantosas, cheias de alienação e de loucura. Não apenas é impossível transmiti-las por escrito, mas os homens honestos não conseguem proferi-las com seus lábios, a tal ponto são obscenas e indignas de se repetir.

8. Esta abominável heresia ultrapassa tudo o que se possa imaginar de mais vergonhoso e sórdido, pois abusam de miseráveis mulheres, carregadas de toda espécie de pecado (cf. 2Tm 3,6).

14(1.) Pai e artífice destes males foi Simão, que, nessa ocasião, o poder maligno, inimigo de todo bem, hostil à salvação dos homens, suscitou qual ingente adversário dos grandes e divinos apóstolos de nosso Salvador.

CAPÍTULO 14

Pedro prega em Roma

2. A graça divina e supraceleste, porém, veio em auxílio de seus ministros, extinguindo rapidamente, desde o momento de sua aparição e de sua presença, as chamadas do maligno; humilhou e destruiu por intermédio deles todo poder altivo que se levantasse contra o conhecimento de Deus (2Cor 10,5).

3. Por isso, todas as insídias de Simão, ou de qualquer de seus coetâneos, não vingaram na época apostólica. O fulgor da verdade tudo vencia e dominava de modo geral, assim como o próprio Verbo divino que de data recente brilhara divinamente diante dos homens, florescia na terra e habitava nos próprios apóstolos.³⁶

4. Logo depois, o supracitado mágico, com os olhos do es-pírito impressionados por uma luz divina e extraordinária, após ter sido convencido de suas insídias (cf. At 8,18-23) pelo apóstolo Pedro, na Judéia, empreendeu uma longa viagem além-mar. Fugiu do Oriente para o Ocidente, julgando que, somente ali, poderia viver de acordo com suas convicções.

5. Veio para Roma, onde foi bastante coadjuvado pela potência ali bem estabelecida (cf. Ap 17), e em

pouco tempo suas iniciativas tiveram êxito, pois foi honrado como um deus pelo povo da região, com a ereção de uma estátua. Mas estas coisas pouco duraram.

6. Imediatamente depois, ainda no começo do império de Cláudio, a Providência universal, boníssima e cheia de amor aos homens, conduziu pela mão a Roma, qual adversário deste destruidor da vida, o valoroso e grande apóstolo Pedro, o primeiro dentre todos pela virtude. Autêntico general de Deus, munido de armas divinas (Ef 6,14-17; 1Ts 5,8), trazia do Oriente ao Ocidente a preciosa mercadoria da luz inteligível, e anunciava, como a própria luz (cf. Jo 1,9) e palavra de salvação para as almas, a boa nova do reino dos céus.

CAPÍTULO 15

O evangelho segundo Marcos

1. Deste modo, a palavra divina se difundira entre os romanos e o poder de Simão se extinguiu e logo com ele desapareceu.

De outro lado, o fulgor da piedade brilhou de tal modo diante dos ouvintes de Pedro que eles não se satisfaziam de ouvi-lo uma só vez, nem de ter recebido o anúncio oral da doutrina, mas insistiam de todos os modos, suplicando a Marcos, cujo evangelho chegou até nós, e que era o companheiro de Pedro, lhes deixasse um monumento escrito da palavra transmitida oralmente. Não desistiram de suas preces, enquanto não o coagiram e assim deram ocasião a que fosse escrito o evangelho “segundo Marcos”.

2. Diz-se que o apóstolo conheceu o fato por uma revelação do Espírito. Alegrou-se com o desejo deles e aprovou o livro por meio de leitura nas assembléias. Clemente, no sexto livro das *Hypotyposes* conta essa história e a confirma com seu testemunho o bispo de Hierápolis, chamado Papias. Pedro menciona Marcos na sua primeira carta que, diz-se, ele mesmo compôs em Roma, assinalando-a com o nome simbólico de Babilônia, no seguinte trecho: “A que está em Babilônia, eleita como vós, vos saúda, como também Marcos, o meu filho” (1Pd 5,13).

CAPÍTULO 16

Marcos, primeiro pregador do evangelho no Egito

1. Narra-se ter sido este Marcos o primeiro a ser enviado ao Egito, onde pregou o Evangelho que havia escrito. Estabeleceu Igrejas, a primeira das quais na própria cidade de Alexandria.^{[37](#)}

CAPÍTULO 17

Fílon fala dos ascetas do Egito

16(2.) Tão grande foi, desde os primeiros empreendimentos, a multidão de fiéis, homens e mulheres neste país, sua ascese mostrou-se tão zelosa e de acordo com a sabedoria, que Fílon julgou ser justo descrever seus exercícios, suas assembléias, suas refeições em comum e todo o restante de seu estilo de vida.

17(1.) Segundo se conta, sob Cláudio, Fílon em Roma relacionou-se com Pedro, que então pregava aos seus habitantes. Isto é verossímil, visto que o escrito a que nos referimos, exarado por ele muito mais tarde, encerra evidentemente normas da Igreja, agora ainda observadas entre nós.

2. Além disso, ao descrever da forma mais exata possível a vida de nossos ascetas, demonstra claramente não somente conhecer, mas também aceitar, divinizar, venerar os homens apostólicos seus

contemporâneos. Eram provavelmente de origem hebraica, e por conseguinte observavam ainda à maneira judaica a maioria dos antigos costumes.

3. Em primeiro lugar, no livro intitulado *A vida contemplativa* ou *Os orantes*, Fílon assevera que nada haveria de aditar além da verdade ou inventar no que estava para narrar. Diz-se que eles se chamam “terapeutas” e as mulheres com que convivem, “terapêutidas”. Depois declara os motivos de tal denominação. Deriva do fato de que eles tratam das almas daqueles que os procuram e as curam, livrando-as, à semelhança dos médicos, dos sofrimentos provenientes da maldade. Ou então porque prestam à divindade adoração e culto castos e puros.

4. Ademais, quer tenha ele próprio lhes dado este nome, muito adequado ao modo de vida desses homens, quer realmente assim tenham sido designados desde o início, quando o nome de cristãos não estava em uso em todos os lugares, torna-se ocioso estender-se sobre o assunto.

5. Fílon dá testemunho, portanto, em primeiro lugar, da renúncia que praticam de seus bens e declara que no começo desta vida filosófica deixavam os próprios bens aos parentes. Em seguida, desembaraçados de todas as solitudes da vida, iam para fora dos muros e passavam a vida nos campos isolados e em jardins, convencidos de que a companhia de homens de vida diferente ser-lhes-ia inútil e nociva. Ao agirem então de forma conveniente, com fé corajosa e muito viva, exercitavam-se em imitar a vida dos profetas.

6. De fato, relatam os *Atos dos Apóstolos*, livro tido por autêntico, que todos os discípulos dos apóstolos vendiam suas riquezas e seus bens e distribuíam-nos por todos, segundo as necessidades de cada um (At 2,45), de tal forma que não havia indigente entre eles. Todos os que possuíam campos e casas, conforme diz a Escritura, vendiam-nos, traziam o preço da venda e depositavam-no aos pés dos Apóstolos, de tal sorte que se distribuía a cada um segundo a necessidade (At 4,34-35).

7. Coisa semelhante atesta Fílon acerca daqueles de que falamos e acrescenta textualmente: “Esta espécie de homens existe em muitas regiões da terra, pois era necessário que a Grécia e os países bárbaros participassem do bem perfeito; mas foi no Egito que ela se multiplicou, em cada uma das partes denominadas “nomos”, e sobretudo perto de Alexandria.

8. De toda parte, os melhores são enviados como colonos à pátria dos terapeutas, a uma região bem apropriada, situada além do lago Mareote, sobre uma colina pouco elevada, lugar muito adequado devido à segurança e à salubridade do ar.

9. Continua Fílon descrevendo suas habitações. Diz o seguinte sobre as igrejas da região: “Em cada casa, há um recinto sagrado, com o nome de oratório ou mosteiro, aonde se retiram os terapeutas a fim de celebrarem os mistérios da vida religiosa. Nada levam consigo, nem bebida, nem alimento, nem o indispensável para as necessidades corporais. Apenas as leis, os oráculos dos profetas, os hinos e outros escritos destinados a aumentar e aperfeiçoar a ciência e a piedade”. Mais adiante prossegue:

10. “O intervalo entre a aurora e a tarde é todo ocupado pela ascese. Efetivamente, lêem as santas Letras e refletem sobre a sabedoria dos antigos, empregando a alegoria, pois pensam que as palavras são símbolos da natureza oculta que se descobre nas interpretações alegóricas.

11. Possuem também escritos dos antigos, primeiros guias de sua seita, que deixaram numerosos monumentos de sua doutrina sob forma alegórica. Utilizam-nas como modelos de comportamento a imitar.”

12. Parecem todos esses constituírem dizeres de alguém que os ouviu explicando as santas Escrituras.

Talvez os livros que ele aponta como sendo entre eles os livros dos antigos sejam os evangelhos e os escritos dos apóstolos e provavelmente algumas interpretações dos antigos profetas, tais os contidos na carta aos Hebreus e numerosas outras cartas de Paulo.

13. Em seguida, a respeito dos novos salmos por eles compostos, Fílon escreve ainda: “Não se limitam a contemplar, mas ainda compõem cânticos e hinos a Deus, em metros e melodias variadas, embora necessariamente utilizem ritmos graves” (Ef 5,14; 1Tm 3,16; Cl 3,16).

14. Na mesma obra, Fílon registra ainda muitas outras coisas sobre o assunto, mas pareceu-me necessário escolher as mais características no tocante ao estilo de vida na Igreja.

15. Se opinar alguém que essas referências não são peculiares à vida segundo o evangelho, mas podem convir também a outros além dos supramencionados, deixe-se persuadir pelas subseqüentes palavras de Fílon. Se for um espírito reto, ficará convencido por seu testemunho. De fato, assim escreve:

16. “Lançam na alma o fundamento da continência, e em seguida sobre ele edificam as outras virtudes. Nenhum deles toma alimento ou bebida antes do pôr-do-sol, pois consideram a filosofia adequada à luz, e que as necessidades corporais estão em consonância com as trevas. Conseqüentemente, reservam o dia a uma, e às outras, uma pequena parte da noite.

17. Alguns nem se lembram do alimento a não ser de três em três dias. São os que mais anelam pela ciência. Outros ficam de tal modo alegres e satisfeitos de se nutrirem da sabedoria, a apresentar-lhes fartos e incomensuráveis ensinamentos, que jejuam durante o dobro deste tempo e mal degustam do alimento necessário cada seis dias. A isto se habituaram.” Julgamos que tais palavras de Fílon aplicam-se de modo claro e indiscutível aos nossos.

18. Mas, se algum contraditor aferra-se a seu parecer sobre o assunto, desista da incredulidade e convença-se com provas tais que evidentemente se encontram apenas na religião cristã segundo o evangelho.

19. Pois, diz-se que no meio daqueles que citamos existem também mulheres, a maioria das quais conservam-se virgens até a velhice. Guardaram a castidade, não por necessidade como certas sacerdotisas gregas, mas por livre vontade, pelo zelo e desejo da sabedoria, com a qual se empenham por viver, renunciando aos prazeres do corpo. Não desejam descendentes mortais, mas filhos imortais, os quais somente pode gerar por si mesma uma alma cheia do amor de Deus.

20. Mais adiante faz uma exposição mais clara: “A exegese das Sagradas Letras se faz entre eles por figuras ou alegorias. Pois toda a legislação assemelha-se para eles a um ser vivo. Corpo seria a disposição das palavras, alma, o sentido invisível oculto sob os termos, que eles querem contemplar mais que tudo, para ver como no espelho das palavras a maravilhosa beleza das idéias que ali se manifesta”.

21. Faz-se mister ainda acrescentar as reuniões num mesmo lugar, as ocupações peculiares aos homens e às mulheres separadamente, a ascese habitual até hoje praticada por nós que costumamos, sobretudo por ocasião da festa da paixão do Senhor, praticar jejuns, vigílias noturnas e meditação da palavra de Deus.

22. O autor supramencionado assinalou com precisão tudo isso. O escrito que ele transmitiu está de acordo com os usos que somos os únicos a observar ainda hoje: as vigílias integrais da grande festa, os exercícios de ascese que praticamos, os hinos que costumamos cantar, quando um só salmodia

harmoniosamente com ritmo e os outros escutam em silêncio, recitando com ele somente as últimas palavras dos hinos. Nestes dias, deitamo-nos no chão sobre esteiras; não bebemos vinho absolutamente, conforme escreve Fílon expressamente, não comemos carne, a água é a única bebida e no pão colocamos apenas sal e hissopo.

23. Ademais, Fílon expõe a ordem de precedência nas liturgias da Igreja, as funções do diácono, a presidência do bispo que ocupa a sede mais elevada. Quem quiser estudar cuidadosamente tais questões, poderá informar-se na obra citada deste escritor.

24. Mas, evidencia-se ter Fílon escrito tudo isso aludindo aos primeiros arautos da doutrina evangélica e aos usos transmitidos pelos apóstolos desde os primórdios.

CAPÍTULO 18

Escritos de Fílon chegados até nós

1. Grandiloqüente, largo em seus conceitos, elevado e sublime na contemplação das divinas Escrituras, Fílon faz exegese variada e múltipla das palavras sagradas. Em primeiro lugar, percorre seguida e ordenadamente os acontecimentos narrados no *Gênesis* na obra intitulada *Alegorias das sagradas Leis*; depois, explicou separadamente alguns capítulos, propondo as questões e as soluções das dificuldades apresentadas pelas Escrituras; em consequência, intitulou a obra *Problemas e soluções do Gênesis e do Êxodo*.

2. Além disso, existem dele tratados particularmente elaborados sobre algumas questões. Tais são os dois livros *A agricultura*, outros tantos sobre *A embriaguez*, e outros com vários títulos e segundo o assunto, por exemplo, *Objetos desejáveis ou detestáveis para um espírito sóbrio*; *A confusão das línguas*; *A fuga e o encontro*; *Reuniões instrutivas*; *O herdeiro das coisas divinas*, ou *Divisão em partes iguais e desiguais*; *Três virtudes*, entre outras, descritas por Moisés.

3. Acrescente-se a obra *Mudanças de nomes e causas das trocas*, na qual declara ter ainda elaborado *Os Testamentos*, livros I e II.

4. São também de sua autoria: *A emigração*; *A vida do sábio perfeito segundo a justiça e Leis não escritas*; e ainda: *Os gigantes* ou *A imutabilidade divina*; *Os sonhos*, segundo Moisés, são enviados por Deus, livros I, II, III, IV, V.

5. Tais são as obras que chegaram até nós, entre aquelas relativas ao *Gênesis*. Sobre o *Êxodo*, conhecemos de sua autoria: *Problemas e soluções*, livros I, II, III, IV, V; *O tabernáculo*, *O Decálogo*; *Leis particulares concordantes com os pontos principais dos dez mandamentos*, livros I, II, III, IV; *Os animais dos sacrifícios e espécies de sacrifícios*; *Declarações da Lei relativas às recompensas dos bons, os castigos e as maldições dos maus*.

6. Em acréscimo, registram-se dele obras de um só livro, como: *A Providência*; o discurso composto por ele sobre *Os judeus*; e também *Alexandre* ou *Os animais mudos possuem a razão*; e ainda o tratado *Todo pecador é escravo*, e sua continuação *Todo homem virtuoso é livre*.

7. Após essas obras, ele compôs *A vida contemplativa* ou *Os orantes*, em consonância com a qual expusemos o que se relaciona com a vida dos homens apostólicos; as *Interpretações dos nomes hebraicos constantes da Lei e os profetas* são também atribuídas a ele.

8. Fílon, tendo ido a Roma sob Caio, trata das impiedades deste príncipe na obra intitulada, com finura

e ironia, *As virtudes*. Conta-se que, sob Cláudio, ele leu sua obra em pleno Senado romano e ela foi tão admirada que seus livros foram considerados dignos de figurar nas bibliotecas.³⁸

CAPÍTULO 19

Males advenientes aos judeus no dia da Páscoa

18(9.) Nesta ocasião, como Paulo terminava sua viagem circular de Jerusalém até o Ilírico (Rm 15,19), Cláudio expulsou de Roma os judeus (At 18,2). Áquila e Priscila, expulsos de Roma com os outros judeus, desembarcaram na Ásia e lá viveram em companhia do apóstolo Paulo, que corroborava os fundamentos, recentemente por ele lançados, das Igrejas nesta região (At 18,18-19.23). Assim nos informa o livro sagrado dos *Atos*.

19(1.) Cláudio ainda regia o império quando, por ocasião da festa da Páscoa, houve tamanha sedição e tumulto em Jerusalém que apenas dos judeus a se precipitarem violentamente para sair do Templo trinta mil morreram, massacrando-se mutuamente. Deste modo, a festa transformou-se em luto para toda a nação e em lamentações para cada casa. Assim narra textualmente Josefo.

2. Cláudio nomeou rei dos judeus a Agripa, filho de Agripa (cf. At 25,13.24.26; 26,2) e enviou Félix como procurador de toda a Samaria e Galiléia, além da região chamada Peréia. Cláudio morreu, após ter exercido o poder durante treze anos e oito meses, deixando Nero como sucessor.

CAPÍTULO 20

O que aconteceu a Jerusalém sob Nero

1. Sob Nero, quando Félix era procurador da Judéia, os sacerdotes se dividiram em partidos, conforme escreve também Josefo, no vigésimo livro das *Antiguidades*, nesses termos:

2. “Os sumos sacerdotes suscitaram tumultos contra os sacerdotes e os principais do povo em Jerusalém. Cada um deles colocou-se à frente de uma tropa dos homens mais atrevidos e sediciosos. Ao se encontrarem, atacavam-se mutuamente, com insultos e pedradas. Não havia quem conseguisse impor-se a eles, mas como em cidade indefesa, cada qual agia a seu bel-prazer.

3. Tamanha a impudência e audácia dos sumos sacerdotes que mandavam os servos às granjas para recolherem os dízimos que cabiam aos sacerdotes. Houve até sacerdotes pobres que morreram de fome. Assim a violência dos revoltosos desafiava qualquer direito.”

4. O mesmo autor ainda conta que nesta ocasião apareceu em Jerusalém certa espécie de assaltantes que, como se dizia, em plena luz do dia e no meio da cidade matava os que encontrasse.

5. Sobretudo nos dias festivos, misturados à multidão e tendo sob as vestes escondidas pequenas espadas, matavam os dissidentes.³⁹ Quando eles caíam, os assassinos aderiam aos protestos contra estas mortes, e aparentando serem inteiramente dignos de confiança, ficavam por completo ocultos.

6. Em primeiro lugar, foi sacrificado o sumo sacerdote Jônatas e em seguida, diariamente muitos eram mortos. O medo tornou-se pior que o mal, pois, como em guerra, esperava-se a morte a qualquer momento.

CAPÍTULO 21

O egípcio mencionado nos Atos

1. Em seguida, após outros fatos, prosseguiu Josefo: “O falso profeta egípcio infligiu aos judeus ferida

mais profunda ainda. Pois, chegou ao país a título de mágico e divulgou para si a fama de profeta. Por sedução, reuniu cerca de trinta mil. Conduziu-os do deserto até o monte das Oliveiras, mostrando-se disposto a invadir Jerusalém, tomar a cidade violentamente e reduzir a guarnição romana e o povo de modo tirânico, utilizando para tal os seus subordinados bem munidos.

2. Félix, contudo, antecipou-se ao ataque e foi ao seu encontro com os soldados romanos da infantaria. Todo o povo colaborou na defesa, de sorte que, travado o combate, fugiu o egípcio em companhia de poucos. A maioria dos seus foi morta ou capturada.”

3. Assim se exprime Josefo no segundo livro das *Histórias*. Compare-se o que se diz aqui a respeito do egípcio com o que registram os *Atos dos Apóstolos*, na passagem em que o tribuno que estava em Jerusalém, sob Félix, pergunta a Paulo, ao se amotinar contra ele a multidão dos judeus: “Não és o egípcio que se suble-
vou aqui há algum tempo e que levou ao deserto quatro mil sicários?” (At 21,38) Tais os eventos que se deram sob Félix.

CAPÍTULO 22

Paulo, prisioneiro, justifica-se em Roma

1. Para sucessor de Félix, Nero designou Festo, sob cujo governo Paulo, após sua defesa (At 25,8-12) foi enviado cativo para Roma (At 27,1). Acompanhou-o Aristarco, que ele justamente denomina num trecho de suas cartas, companheiro de cativo (At 27,2; Cl 4,10). Lucas, que nos transmitiu por escrito os *Atos dos Apóstolos*, termina aqui a obra, observando que Paulo passou em liberdade dois anos inteiros em Roma e anunciou sem entraves a palavra de Deus (At 28,30-31).

2. Depois, tendo defendido sua causa, o Apóstolo empreendeu nova viagem para o ministério da pregação; após o que, retornou à mesma cidade e consumou a vida pelo martírio. Neste cativo escreveu a segunda carta a Timóteo, em que assinala simultaneamente a anterior defesa e seu fim iminente.

3. Eis seu próprio testemunho sobre o assunto: “Na primeira vez em que apresentei a minha defesa, ninguém me assistiu, todos me abandonaram. Que isto não lhes seja imputado, mas o Senhor me assistiu e me revestiu de forças, a fim de que por mim a mensagem fosse plenamente proclamada e ouvida pelas nações. E eu fui libertado da boca do leão” (2Tm 4,16-17).

4. Evidentemente Paulo declara que na primeira vez, a fim de que ele completasse o anúncio do evangelho, escapou da boca do leão, certamente designando Nero, por causa de sua crueldade. Ao invés, na continuação, não acrescenta algo que se assemelhe à locução: ele me libertará da boca do leão, pois via no Espírito que seu fim não tardaria.

5. Por isso adita à afirmação: Eu fui libertado da boca do leão, as palavras: “O Senhor me libertará de toda obra maligna e me levará salvo para o seu reino celeste” (2Tm 4,18), aludindo a seu próximo martírio, que ele anuncia com maior clareza na mesma carta, nesses termos: “Quanto a mim, já fui oferecido em libação, e chegou o tempo da minha partida” (2Tm 4,6).

6. Paulo declara que, ao escrever a segunda carta a Timóteo, somente Lucas estava com ele (2Tm 4,11.16), ao passo que na primeira defesa até ele se ausentara. Por conseguinte, é provável que Lucas tenha terminado os *Atos dos Apóstolos* nesta ocasião, abrangendo sua narrativa apenas o tempo em que convivera com Paulo.

7. Concluído nosso relato, observamos que o martírio de Paulo não sucedeu no período de sua permanência em Roma, descrita por Lucas.

8. Provavelmente Nero no início do reinado era mais brando e acolheu mais facilmente a defesa de Paulo em prol da doutrina. Mas, aumentaram suas audácias sacrílegas e com os demais, e os apóstolos foram vitimados por sua crueldade.

CAPÍTULO 23

Testemunho de Tiago, irmão do Senhor

1. Paulo apelou a César e foi enviado por Festo para a cidade de Roma (At 25,11-12; 27,1). Os judeus, vendo frustrada a esperança de êxito de sua conjuração (At 23,13-15; 25,3), voltaram-se contra Tiago, o irmão do Senhor, a quem os apóstolos haviam confiado a sede episcopal de Jerusalém. Ousaram tramar o seguinte contra ele:

2. Fizeram-no comparecer no meio deles e procuravam fazer com que renegasse a fé em Cristo diante de todo o povo. Contra suas expectativas, Tiago diante de toda a multidão falou abertamente, com liberdade, e confessou que nosso Salvador e Senhor Jesus era o Filho de Deus. Foram incapazes de suportar o testemunho de tal homem, visto gozar da reputação de ser muito justo, através da superioridade baseada numa vida sábia e piedosa. Mataram-no, aproveitando a oportunidade da falta de um governante, porque Festo falecera na Judéia e a anarquia e desordem se haviam instalado na província.

3. As circunstâncias da morte de Tiago já foram assinaladas, numa citação de Clemente, que diz ter sido ele precipitado do pináculo do templo e morto com bastonadas. Hegesipo, da primeira geração depois dos apóstolos, registra cuidadosamente tudo o que toca a Tiago no quinto livro das suas *Memórias*, nos seguintes termos:

4. “O irmão do Senhor, Tiago, com os apóstolos governou a Igreja. Desde o tempo do Senhor até nós, todos lhe davam o apelativo de Justo, visto serem muitos do mesmo nome.

5. Ele foi santificado desde o seio materno; não bebia vinho, nem bebida inebriante; nada ingeria do reino animal (Lv 10,9; Nm 6,3; cf. Lc 1,15; Jz 14,4; 1Sm 1,11); a tesoura não passara por sua cabeça; não se ungia com óleo, não se banhava (Nm 6,5).

6. Somente ele tinha acesso ao santuário. Não usava vestes de lã e sim de linho (Ex 29,39; 28,27). Entrava sozinho no templo e mantinha-se de joelhos, suplicando perdão para o povo, de tal modo que seus joelhos se calejaram, assemelhando-se ao couro dos camelos, porque se prostrava sempre de joelhos, adorando a Deus e pedindo perdão pelo povo.

7. Devido a sua eminente justiça era apelidado: o Justo e Oblias (em vernáculo: fortaleza do povo e justiça) segundo o designavam os profetas (cf. Is 3,10).

8. Alguns sequazes das sete seitas existentes no meio do povo, supramencionadas (nas *Memórias*), perguntaram-lhe qual era a porta de Jesus e ele respondeu-lhes que ele era o Salvador (cf. Jo 10,7.9).

9. Alguns deles acreditaram que Jesus é o Cristo. As seitas acima não creram na ressurreição, nem em sua vinda para retribuir a cada um de acordo com as próprias obras (cf. Rm 2,6; Sl 61,13; Pr 24,12; Mt 26,27). No entanto, quantos acreditaram, creram por intermédio de Tiago.

10. Mas tendo muitos crido, mesmo dos chefes, houve um tumulto entre os judeus, os escribas e os

fariseus, que comentavam: ‘O povo corre o risco de confiar em Jesus Cristo’ (cf. Jo 12,19). Foram juntos procurar Tiago e disseram-lhe: ‘Viemos pedir-te que retenhas o povo, porque ele se ilude a respeito de Jesus, como se fosse o Cristo. Rogamos-te, portanto, que esclareças a todos os que vêm para a festa da Páscoa sobre Jesus, pois todos têm confiança em ti. De fato, atestam com o povo que és justo e não fazes acepção de pessoas (Lc 20,21).

11. Por conseguinte, persuade o povo, a fim de que não se iluda acerca de Jesus. Pois, o povo e todos nós confiamos em ti. Coloca-te, portanto, no pináculo do Templo, a fim de que lá em cima todos te possam ver e tuas palavras sejam ouvidas por todo o povo. Com efeito, por causa da Páscoa reuniram-se todas as tribos e até alguns gentios.’

12. Os supramencionados escribas e fariseus colocaram a Tiago no pináculo do Templo e gritaram-lhe: ‘Ó Justo, em quem devemos todos confiar, tendo em conta que o povo se ilude na seqüela de Jesus, o crucificado, anuncia-nos qual é a porta de Jesus.’

13. Respondeu-lhes em alta voz: ‘Por que me interrogas sobre o Filho do homem? (cf. At 7,56) Ele está sentado no céu à direita do Supremo poder e virá sobre as nuvens do céu’ (cf. Mt 26,64; Mc 14,62).

14. Muitos, inteiramente convictos, exaltavam o testemunho de Tiago, com as seguintes palavras: ‘Hosana ao Filho de Davi’ (Mt 21,9). Então, por sua vez, os escribas e fariseus diziam uns aos outros: ‘Fizemos mal ao provocarmos tal testemunho em favor de Jesus. Subamos, pois, e joguemo-lo para baixo, a fim de que os outros se intimidem e não creiam nele’.

15. E exclamaram: ‘Oh! Oh! Até o justo enganou-se’. E realizaram a profecia de Isaías: ‘Eliminemos o justo, porque nos incomoda. Colherá o fruto do seu procedimento’ (Sb 2,12; Is 3,10). Então subiram e jogaram o Justo para baixo.

16. E diziam uns aos outros: ‘Apedrejemos a Tiago, o Justo’. E começaram a apedrejá-lo, porque Tiago não morrera ao ser jogado para baixo. Mas este voltou-se, pôs-se de joelhos e disse: ‘Suplico-te, Senhor, Deus Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem’ (Lc 23,34; At 7,59-60).

17. Enquanto assim o apedrejavam, um dos sacerdotes, dos filhos de Recab, filho de Recabim, acerca dos quais dá testemunho o profeta Jeremias, gritava: ‘Parai! O que fazeis? O Justo reza por vós’ (Jr 35,2ss).

18. Então, um deles, um pisoeiro, tomou o bastão com o qual batia os tecidos, golpeou a cabeça do Justo, que assim completou o martírio. Foi sepultado no mesmo lugar, junto ao Templo, e até hoje seu túmulo se vê perto do Templo. Foi verdadeira testemunha diante de judeus e gentios de que Jesus é o Cristo. E, logo, Vespasiano os sitiou.”

19. Tudo isso consta da longa descrição de Hegesipo, em consonância com a de Clemente. Tiago era, de fato, admirável e tão afamado entre todos os outros por sua justiça que até os judeus prudentes acreditaram ter sido o seu martírio causa do imediato cerco de Jerusalém, o qual, em sua opinião, não tivera outro motivo a não ser o sacrilégio perpetrado contra ele.^{[40](#)}

20. Josefo não hesitou em testemunhar esses fatos por escrito, referindo textualmente: “Estas coisas, porém, sucederam aos judeus em castigo do crime contra Tiago, o Justo, irmão de Jesus, apelidado o Cristo, pois os judeus o mataram, apesar de ser um homem muito justo”.

21. Anota igualmente esta morte no vigésimo livro das *Antiguidades*, com as seguintes palavras:

“César, tendo notícia da morte de Festo, enviou Albino à Judéia, como procurador. Ora, Ananos, o Jovem, de cuja elevação ao sumo pontificado já falamos, era de maneiras arrogantes e em extremo ousadas. Além disso, pertencia ao partido dos saduceus, que, conforme mostramos, são os mais cruéis de todos os judeus nos julgamentos.

22. Com tais disposições de ânimo, Ananos julgou ser a morte de Festo boa oportunidade para realizar seu plano. Enquanto Albino estava ainda de viagem, convocou o sinédrio e fez com que comparecesse perante ele o irmão de Jesus, denominado o Cristo — Tiago era seu nome — e outros mais. Acusou-os de transgressores da Lei, condenando-os à lapidação.

23. Os que eram, sem dúvida, os mais prudentes da cidade, e mais observantes da Lei, não aceitaram passivamente tal sentença e enviaram em sigilo mensageiros ao rei, suplicando que proibisse a Ananos agir desta forma, pois até então não procedera corretamente. Alguns dentre eles foram mesmo ao encontro de Albino, que chegava a Alexandria, sugerindo-lhe não ser lícito a Ananos convocar o sinédrio sem o consentimento de sua parte.

24. Albino, persuadido por essas palavras, escreveu irado a Ananos, ameaçando puni-lo. Quanto ao rei Agripa, retirou-lhe por isso o sumo pontificado que ele exercera por três meses e substituiu-o por Jesus, filho de Dameu.” São estas as notícias sobre Tiago, ao qual se atribui a primeira das chamadas cartas Católicas.

25. Convém notar que ela não é autêntica. Efetivamente, não são muitos dos antigos que a citam, bem como a chamada carta de Judas, também ela uma das sete ditas Católicas. Temos, porém, conhecimento de que essas cartas são lidas publicamente entre as demais, em grande número de Igrejas.

CAPÍTULO 24

Aniano, primeiro bispo de Alexandria

1. No oitavo ano do reinado de Nero, Aniano foi o primeiro, após o evangelista Marcos, a assumir o múnus da Igreja de Alexandria.

CAPÍTULO 25

A perseguição sob Nero

1. Quando Nero viu consolidado seu poder, começou a empreender ações ímpias e muniu-se contra o culto do Deus do universo. Não constitui, porém, nosso objetivo no momento registrar a perversidade de que ele foi capaz.

2. Uma vez que foram muitos os que divulgaram a versão de seus atos, quem o desejar, poderá depreender a crueldade e a loucura deste insensato, que sem motivo acumulou milhares de assassinios. A sede de sangue nele chegou a tal ponto que não poupou nem parentes, nem amigos. Igualmente tratou a mãe, os irmãos, a esposa e inúmeros consangüíneos quais inimigos particulares e públicos, eliminando-os por variados gêneros de morte.

3. Debite-se-lhe ainda o fato de ter sido o primeiro dos imperadores a mostrar-se contra a piedade para com Deus.

4. É ainda o romano Tertuliano quem o rememora, nos seguintes termos: “Pesquisai vossos arquivos. Verificareis ter sido o primeiro dentre os imperadores a perseguir esta doutrina, principalmente quando, subjugado todo o Oriente, mostrou-se cruel para com todos em Roma. A condenação por parte

de tal chefe constitui para nós motivo de orgulho. Qualquer que o conheça, sabe que Nero não condenaria algo que não fosse um bem singular”.

5. Foi também ele, o primeiro de todos os figadais inimigos de Deus, que teve a presunção de matar os apóstolos. Com efeito, conta-se que sob seu reinado Paulo foi decapitado em Roma. E ali igualmente Pedro foi crucificado (cf. Jo 21,18-19; 2Pd 1,14). Confirmam tal asserção os nomes de Pedro e de Paulo, até hoje atribuídos aos cemitérios da cidade.

6. De igual modo assegura-o um eclesiástico, de nome Caio, que viveu no tempo de Zeferino, bispo de Roma. Ao discutir por escrito com Probo, chefe da seita dos catafrígios, fala acerca dos lugares onde foram depositados os despojos sagrados dos citados apóstolos, o seguinte:

7. “Eu, porém, posso mostrar o troféu dos Apóstolos. Se, pois, queres ir ao Vaticano ou à Via Ostiense, encontrarás os troféus dos fundadores desta Igreja.”⁴¹

8. Dionísio, bispo de Corinto, declara aos romanos que ambos simultaneamente sofreram o martírio, escrevendo: “Numa só memória, unistes o que plantaram Pedro e Paulo, em Roma e em Corinto. Efetivamente, ambos plantaram em nossa cidade de Corinto e de modo semelhante nos instruíram; e também após terem juntos ensinado na Itália, sofreram o martírio na mesma ocasião”. Fiz menção de tudo isso em abono de minha narração.

CAPÍTULO 26

Os judeus declaram guerra aos romanos

1. Ademais, Josefo anota inúmeros pormenores a respeito das calamidades que se abateram sobre o povo judaico. Entre outras coisas, diz textualmente que muitos judeus de projeção, por ordem de Floro, sofreram a afronta da flagelação e na própria cidade de Jerusalém foram crucificados. Floro era procurador da Judéia quando novamente estalou a guerra, no décimo segundo ano do império de Nero.

2. Diz, em seguida, que em toda a Síria, após o levante dos judeus, houve terrível tumulto. Em toda a parte, gente do povo foi massacrada pelos habitantes de cada cidade, como se fossem inimigos, de tal sorte que se viam corpos insepultos, cadáveres de velhos a jazer com os das crianças, as cidades cheias de corpos de mulheres desnudas. Toda a província repleta de indizíveis desgraças; e a ameaça de futuros males, maiores ainda que as crueldades diárias. Até aqui, literalmente, é o que diz Josefo. Assim foi o que sucedeu aos judeus.

³⁰ A *História Eclesiástica* começa propriamente aqui. O primeiro livro é, antes, uma longa introdução. Eusébio inicia este livro indicando suas fontes. Na verdade, utilizará abundantemente as informações de F. Josefo.

³¹ Clemente e Orígenes têm Tiago como filho de José. Devem esta opinião, certamente, aos apócrifos, o Evangelho de Pedro e o proto-evangelho de Tiago.

³² Plínio, na *Hist. nat.* VI, 35, conta que na ilha de Meroe reinava uma mulher chamada Candace. At 8,26 fala do eunuco, alto funcionário de Candace, rainha da Etiópia.

³³ O decreto em questão proíbe somente consagrar templo ou altar sem a permissão do Senado ou dos tribunos da plebe. Cf. Tertuliano, *Apologético* V, 2; Tito Lívio, *História* IX, XVI.

³⁴ Trata-se da mãe do rei de Adiabene, Izatis. Convertidos ao judaísmo, mãe e filho, Helena tinha um palácio em Jerusalém, onde foi sepultada. Cumulou de bens e favores os judeus. Cf. F. Josefo, *Antiguidades judaicas* XX, 2-4.6; 101.

³⁵ Cf. A. GREIMER, *As religiões etruscas e romanas*, Paris, 1948, p. 123. A inscrição era consagrada a um velho deus latino: SEMO SANCUS. O nome completo do deus era SEMO SANCUS DIUS FIDIUS. O termo SEMO é antiga palavra equivalente de númen ou gênio e remonta à mesma raiz do verbo *sancire*, garantir. Deste deus seria, portanto, a garantia da palavra dada, a guarda da propriedade e da moral. Justino, que é a fonte informante de Eusébio, enganou-se sobre a leitura e o sentido da inscrição. Cf. I Apologia 26,1-3, em *Justino de Roma, I e II Apologias. Diálogo com Trifão*, São Paulo, Paulus, 1995 (Col. Patrística), p. 42.

³⁶ Animado pelo triunfo do cristianismo, Eusébio embelezou o passado, transmitiu uma imagem idílica dos primeiros tempos

cristãos. Na verdade, havia muita dissensão, divisões e contendas entre as Igrejas.

[37](#) Dionísio de Alexandria fala de João chamado Marcos, contudo, não se sabe onde Eusébio teria encontrado a menção de uma evangelização do Egito e de Alexandria.

[38](#) A lista de Eusébio não é completa. Talvez tenha se baseado nos manuscritos conservados na Biblioteca de Cesaréia. A narração é lendária.

[39](#) Tratava-se dos sicários, que devem seu nome à pequena espada, sica, punhal que levavam sob as vestes. No latim clássico, sicário serve para designar toda espécie de assassinos. Uma lei datada do tempo de Silas se intitulava *Lex Cornelia de Sicariis*. Entre os judeus, os *sicár* eram zelotas particularmente fanáticos e suas vítimas eram os que se aliavam aos romanos.

[40](#) Cf. J. CHAINE, *A Epístola de são Tiago*, Paris, 1927, p. XXXIX: “A narração da morte de são Tiago é inverossímil. Como os escribas, os fariseus poderiam acreditar que Tiago falaria em público contra seu mestre? Ele não entrava no santuário, no Santo dos santos, mas rezava sobre o pavimento como todos os outros israelitas. Encontrava-se em presença de um procedimento da hagiografia popular. O velho Simeão é também elevado à dignidade de sumo sacerdote no Evangelho de Nicodemos. Os desenvolvimentos lendários sobre o pontificado e a morte de Tiago tornam mais ou menos suspeita toda a narrativa. De acordo com os Atos, não parece que Tiago tenha vivido de maneira tão original e que tenha sido nazareno”.

[41](#) “Os trofeus”... A palavra comporta a idéia de vitória. Na época de Caio, o trofeu de são Pedro se encontrava certamente entre os túmulos e o sacerdote romano queria falar dos túmulos dos apóstolos ou de suas relíquias. cf. P. MONCEANA, “O apostolado de Pedro em Roma”, em *Revista da história e da literatura religiosa*, 1910, pp. 216-240; J. ZEILLER, em A. FLICHER e V. MARTIN, *História da Igreja*, t. I. Paris, 1935, pp. 227-236.

LIVRO TERCEIRO

CAPÍTULO 1

Regiões da terra nas quais os apóstolos pregaram

1. Tal era então a situação dos judeus. Entretanto, os santos apóstolos e os discípulos de nosso Salvador achavam-se dispersos pela terra inteira. Tomé, porém, conforme a Tradição, recebera por sorte a Partia, André a Scítia, João a Ásia, onde viveu, tendo morrido em Éfeso.
2. Pedro, contudo, parece ter pregado aos judeus da Diáspora, no Ponto, na Galácia, na Bitínia, na Capadócia e na Ásia (cf. 1Pd 1,1), e finalmente foi para Roma, onde foi crucificado de cabeça para baixo, conforme ele mesmo desejara sofrer.
3. Que dizer de Paulo, o qual de Jerusalém ao Ilírico (Rm 15,19) propagou o Evangelho de Cristo e por fim em Roma foi martirizado sob Nero? É o que conta literalmente Orígenes, no terceiro livro dos *Comentários ao Gênesis*.

CAPÍTULO 2

O primeiro presidente da Igreja de Roma

Depois do martírio de Pedro e Paulo, o primeiro a obter o episcopado na Igreja de Roma foi Lino. Paulo, ao escrever de Roma a Timóteo, cita-o na saudação final da carta (2Tm 4,21).

CAPÍTULO 3

Cartas dos apóstolos

1. Com efeito, de Pedro apenas uma carta, classificada como primeira, é reconhecida por autêntica e os próprios antigos presbíteros utilizaram-na, citando-a em seus escritos como sendo genuína. Quanto àquela enumerada como segunda, tivemos notícia de que não é testamentária, todavia muitos a consideraram útil e foi tomada em consideração com as demais Escrituras.^{[42](#)}
2. Relativamente aos *Atos* que trazem seu nome, ao *Evangelho* dito *segundo Pedro*, ao *Kerygma* e ao suposto *Apocalipse de Pedro*, sabemos que não foram de modo algum transmitidos entre os escritos católicos e que nenhum escritor eclesiástico, nem dentre os antigos, nem dos atuais, utilizou testemunhos tirados destas obras.
3. Na continuação desta *História*, seria significativo rememorar os sucessores, lembrar quais os escritores eclesiásticos que em seu tempo empregaram escritos contestados, quais desses escritos foram utilizados, o que disseram, quer das Escrituras testamentárias e geralmente recebidas, ou não.
4. Dos escritos atribuídos a Pedro, conheço apenas uma carta reconhecida pelos antigos presbíteros como autêntica. E é só.
5. No tocante a Paulo evidentemente dele provêm as catorze cartas. Não seria justo deixar de reconhecer que alguns, no entanto, rejeitam a carta aos Hebreus, assegurando não ser recebida pela Igreja de Roma, por não ser da autoria de Paulo. Sobre o assunto, explanarei oportunamente o que disseram meus predecessores. De outro lado, os *Atos* que trazem seu nome, não os aceito entre os

livros autênticos.

6. Visto que o mesmo apóstolo, nas saudações finais da carta aos Romanos entre outros, menciona Hermas (Rm 16,14), a quem se atribui o livro intitulado *Pastor*, é bom saber que também este é contestado por alguns que não o colocam entre as obras recebidas, enquanto outros julgam-no muito útil, principalmente para os necessitados de iniciação elementar. Estamos agora cientes de que é lido publicamente nas Igrejas e verifiquei ter sido empregado por alguns dos autores mais antigos.

7. Tenho dito. Visei expôr quais as Escrituras divinas incontestadas e quais as que não são reconhecidas por todos.

CAPÍTULO 4

Primeira sucessão dos apóstolos

1. Evidencia-se através das próprias palavras de Paulo e do que Lucas contou nos *Atos* ter ele pregado aos gentios e lançado os fundamentos das Igrejas, desde Jerusalém e cercanias até o Ilírico (Rm 15,19).

2. Entretanto, as palavras de Pedro indicam também em que províncias ele próprio anunciou Cristo e transmitiu a doutrina do Novo Testamento aos circuncisos (cf. Gl 2,7-10). Esclarece-o igualmente a carta que afirmamos ser tida por autêntica, dirigida aos hebreus da Dispersão do Ponto, da Galácia, da Capadócia, da Ásia e da Bitínia (1Pd 1,1).

3. Não é fácil dizer quantos discípulos houve e quais se tornaram verdadeiramente zelosos a ponto de serem considerados capazes, depois de comprovados, de apascentar as Igrejas fundadas pelos apóstolos, exceto aqueles cujos nomes é possível recolher dos escritos de Paulo.

4. Houve em grande número colaboradores de Paulo, por ele denominados companheiros de armas (Fm 2,24; Fl 2,25). A muitos ele considera dignos de memória imortal e presta-lhes contínuo testemunho nas cartas. Além disso, Lucas nos *Atos* relembra esses discípulos nominalmente.

5. Relata-se ter sido Timóteo o primeiro a exercer o episcopado na Igreja de Éfeso (1Tm 1,3), enquanto o primeiro nas Igrejas de Creta foi Tito (Tt 1,5).

6. Lucas, porém, de origem antioquena, e médico de profissão (cf. Cl 4,14), viveu por longo tempo em companhia de Paulo e no restante conviveu, não de passagem, com os outros Apóstolos. Deles aprendeu a cura das almas, conforme comprovou nos dois livros inspirados por Deus, o *Evangelho* que ele atesta ter composto conforme lhe transmitiram os que foram desde o início testemunhas oculares e ministros da palavra e aos quais seguiu desde o começo (Lc 1,2-3) e os *Atos dos Apóstolos*, que não redigiu de acordo com o que ouviu, mas ao invés com o que viu com os próprios olhos.

7. Diz-se costumar Paulo fazer referência ao evangelho segundo Lucas, todas as vezes que escreve, como se falasse de um evangelho que lhe fosse peculiar, usando a expressão: “Segundo o meu evangelho” (Rm 2,16; 16,25; 2Tm 2,8).

8. No atinente a seus outros companheiros, Paulo testemunha ter sido Clemente enviado às Gálias (2Tm 4,10); quanto a Lino, cuja presença junto dele em Roma foi registrada na 2ª carta a Timóteo (2Tm 4,21), depois de Pedro foi o primeiro a obter ali o episcopado, conforme mencionamos mais acima.

9. Entretanto, Paulo atesta que Clemente, igualmente seu cooperador e companheiro de lutas (Fl 4,3), foi o terceiro bispo de Roma.

10. Acrescente-se que acerca do areopagita, de nome Dionísio, do qual afirma Lucas nos *Atos* que, em seguida ao discurso de Paulo aos atenienses no Areópago, foi o primeiro a crer (At 17,34), outro Dionísio, um ancião, pastor da Igreja de Corinto, assevera que ele se tornou o primeiro bispo da Igreja de Atenas.

11. À medida, porém, que avançarmos no curso da narração, em lugar oportuno e segundo a época, tratarei da sucessão dos apóstolos. Agora, passemos à continuação da História.

CAPÍTULO 5

Último assédio dos judeus

1. Depois dos treze anos de império de Nero, Galba e Óton, os dois juntos, apenas ficaram no poder um ano e seis meses. Vespasiano, que se distinguira nas lutas contra os judeus, ainda na própria Judéia foi designado rei e proclamado imperador pelas legiões ali acampadas. Logo tomou o caminho de Roma e confiou o comando da guerra contra os judeus a seu filho Tito.

2. Ora, após a ascensão de nosso Salvador, os judeus, além do que haviam ousado contra ele, armaram contra os apóstolos quantas ciladas puderam. Em primeiro lugar, Estêvão foi morto a pedradas (At 7,58-60); depois dele, Tiago, filho de Zebedeu e irmão de João, foi decapitado (At 12,2) e sobretudo Tiago, o primeiro após a ascensão de nosso Salvador a ocupar a sé episcopal de Jerusalém, foi morto do modo acima descrito. Os outros apóstolos sofreram mil embustes, que visavam a matá-los. Expulsos da Judéia, começaram a se espalhar por todas as nações, no intuito de ensinar-lhes a mensagem, com a força de Cristo, que lhes dissera: “Ide e ensinai a todas as nações em meu nome” (cf. Mt 28,19).

3. Ora, os membros da Igreja de Jerusalém, através de uma profecia proveniente de uma revelação feita aos fiéis mais ilustres da cidade, receberam a ordem de deixar a cidade antes da guerra e transferir-se para uma cidade da Peréia, chamada Pela. Para lá fugiram de Jerusalém os fiéis de Cristo, de sorte que os santos varões abandonaram totalmente a régia capital dos judeus e toda a terra da Judéia. Então a justiça de Deus atingiu os judeus que haviam praticado tais iniquidades contra Cristo e os apóstolos e esta geração de ímpios desapareceu inteiramente do meio dos homens.

4. Quantos e quais os males que de toda parte se abateram sobre o povo inteiro; como especialmente aos habitantes da Judéia sobrevieram as maiores desgraças; quantos milhares de jovens, bem como de mulheres e crianças, tombaram pela espada, fome e inúmeros gêneros de morte; quantas e quais as cidades judaicas sitiadas; além disso, quais os males terríveis e mais que terríveis presenciados pelos refugiados, enquanto em metrópole bem fortificada, na própria Jerusalém; o modo como se desenvolveu a guerra e quais os acontecimentos peculiares; de que modo, enfim, a abominação da desolação prenunciada pelos profetas (Dn 9,27; 12,11; cf. Mt 24,15; Mc 13,14) se instalou no Templo de Deus, outrora célebre e ao qual estava reservada a ruína completa e a destruição final pelo fogo — tudo isso, quem o quiser, encontrará com a maior exatidão na *História* exarada por Josefo.

5. No entanto, forçoso é reproduzir, em seus próprios termos, o relato deste historiador sobre a multidão de cerca de três milhões, vinda da Judéia inteira, aglomerada nos dias da festa de Páscoa e encurralada em Jerusalém.

6. Convinha, de fato, que nos dias em que os judeus haviam infligido a paixão ao Salvador e benfeitor de todos, o Cristo de Deus, eles fossem metidos de certo modo numa prisão a fim de sofrerem a ruína originada da justiça divina.

7. Omitindo, porém, os pormenores dos eventos, e quanto contra eles se empreendeu por meio da espada ou de qualquer outra forma, julgo necessário expor apenas as tribulações ocasionadas pela fome, a fim de que os leitores possam parcialmente saber de que modo sobreveio-lhes sem demora o castigo divino, por causa do crime cometido contra o Cristo de Deus.

CAPÍTULO 6

A fome que os arrasou

1. Retomemos agora entre as mãos o quinto livro das *Histórias* de Josefo e leiamos os trágicos acontecimentos daquela época. Diz o historiador: “Quanto aos ricos, só o fato de ficarem na cidade acarretava-lhes a morte. Sob pretexto de que pretendiam desertar, eram mortos, na realidade por causa de sua fortuna. Além disso, a loucura das revoltas crescia com a fome e diariamente aumentavam essas duas calamidades.

2. Em parte alguma, achava-se trigo. Então, as casas eram invadidas e completamente devassadas. Se houvesse trigo, maltratavam-se os moradores por terem negado; se não houvesse, eram torturados sob pretexto de o haverem cuidadosamente escondido. Sinal de terem ou não terem trigo era o corpo desses infelizes. Os que ainda estavam de pé pareciam estar fartos, e os já esgotados, eram deixados sossegados porque não era razoável matar os que já morriam à míngua.

3. Muitos às ocultas permutavam seus bens por uma medida de trigo se eram ricos, por uma medida de cevada se eram pobres. Depois, trancavam-se no fundo da casa. Alguns, porém, em extrema penúria, comiam o trigo sem preparo, outros faziam o pão conforme permitiam o medo e a necessidade.

4. Em parte alguma punha-se a mesa. Os alimentos ainda crus eram retirados do fogo e repartidos. Miserável o alimento e era espetáculo de arrancar lágrimas assistir aos mais fortes abocanhar mais que os outros, enquanto os mais fracos gemiam.

5. A fome supera todas as dores. Elimina sobretudo o senso do pudor, pois torna desprezível o que em outras circunstâncias é digno de respeito. As mulheres arrancavam os alimentos da boca dos maridos, as crianças da boca dos pais, e o que é mais lamentável, as mães da boca das criancinhas. E enquanto definhavam em seus braços os que elas mais amavam, não se coravam de subtrair-lhes o pequeno bocado que as fariam subsistir.

6. Mesmo os que comiam deste modo, não conseguiam ficar ocultos. De todos os lados apareciam os revoltosos para pilhar essas migalhas. Pois, casa fechada tornava-se sinal de que os moradores estavam prestes a comer. Logo eles arrombavam as portas, irrompiam dentro de casa e quase arrancavam da garganta os pedaços para arrebatá-los.

7. Eram surrados os velhos que não largavam a comida. Arrancavam-se os cabelos das mulheres que escondiam o que tinham nas mãos. Não se tinha piedade das cãs, nem das criancinhas. Suspendiam-se as crianças que prendiam a comida na boca e eram jogadas no chão. Aqueles que, pressentindo a invasão dos ladrões, engoliam o que lhes seria roubado, eram tratados com crueldade maior, sob pretexto de terem praticado uma injustiça.

8. Os rebeldes inventavam suplícios terríveis, no intuito de descobrir os alimentos. Obstruíam com ervilhaca o canal da uretra desses infelizes; e com paus pontudos examinavam o reto. Impingiam-se assim tormentos horríveis, que nem se podem dizer, para que confessassem onde havia um só pão, ou denunciassem o esconderijo de um punhado de cevada apenas.

9. Os algozes, porém, não passavam fome. Teria sido menor a crueldade se provocada pela necessidade; era apenas para exibirem um orgulho louco e reservar provisões para dias melhores.

10. Iam ao encalço dos que à noite se infiltravam entre os postos avançados dos romanos para colher legumes campestres e ervas. Quando pensavam estes ter escapado aos inimigos, era-lhes arrebatado o que traziam. Muitas vezes eles suplicavam, invocando o terrível nome de Deus que lhes devolvessem uma parte do que traziam, após terem enfrentado tantos perigos. Nada lhes era devolvido e podiam ainda considerar-se felizes de não serem mortos depois de roubados!”

11. Mais adiante, Josefo acrescenta: “Para os judeus, desaparecera qualquer esperança de salvação, com a impossibilidade de sair da cidade e a fome cada vez mais profunda devastava o povo, casa por casa, família por família. Os terraços estavam cobertos de mulheres e criancinhas mortas; as ruas, de cadáveres de velhos.

12. Meninos e jovens, inchados, vagavam como fantasmas pelas praças e tombavam onde os surpreendiam os padecimentos. Os enfermos não tinham forças para enterrar os parentes e os que as teriam, desistiam diante da quantidade de mortos e da incerteza de sua própria morte. Com efeito, muitos caíam mortos sobre aqueles que iam enterrar e muitos outros iam para os sepulcros antes que deles precisassem.

13. No meio dessas tribulações, não se ouviam lamentos, nem gemidos; mas a fome lhes tirara a sensibilidade. Os agonizantes olhavam, sem lacrimejar, os que os precediam no repouso. Na cidade reinava profundo silêncio e escuridão mortal.

14. Mais miseráveis que todos eram os bandidos. Com efeito, eles pilhavam as casas transformadas em sepulcros, despojavam os mortos, saíam com escárnio depois de retirar as mortalhas dos cadáveres, experimentavam nos corpos a ponta das espadas e às vezes traspassavam os abandonados ainda vivos para provar o gume. Destes últimos, alguns pediam a ajuda de suas mãos e de suas espadas, mas eles com desprezo deixavam-nos entregues à fome. Então, cada agonizante voltava o olhar fixo para o Templo, que ainda deixava com vida os revoltosos.

15. Os revoltosos, no início, mandavam enterrar os mortos, a expensas do tesouro público, por ser insuportável o mau odor. Mas depois, sem recursos suficientes, do alto das muralhas jogavam-nos pelas escarpas. Percorrendo-as, Tito viu-as repletas de cadáveres e, erguendo as mãos, tomou a Deus por testemunha de que tal calamidade não era obra sua.”

16. Após ter narrado outros fatos, mais adiante prossegue Josefo: “Não hesitarei em manifestar o que me ordena o sofrimento. A meu ver, se os romanos tivessem retardado a punição dos criminosos, a cidade teria sido soterrada por um terremoto ou submersa num cataclismo, ou os raios de Sodoma a teriam destruído, pois continha uma geração muito mais atéia do que aquelas que suportaram esses males. O povo todo pereceu com eles, por causa da insensatez que demonstraram”.

17. No sexto livro, escreve ainda Josefo o seguinte: “Ilimitado foi o número dos famintos que sucumbiram na cidade; indizíveis eram os sofrimentos. Em cada casa, se em alguma parte se visse uma sombra de alimento, havia verdadeira guerra. Aqueles que mais se amavam pelejavam para arrancarem-se mutuamente os miseráveis meios de subsistência. Mesmo relativamente aos moribundos, não se dava crédito a seu despojamento.

18. Efetivamente, os salteadores davam buscas até nos que mal respiravam, suspeitando fingirem estar à morte, mas conservarem os alimentos nas dobras do manto. Sob o efeito da fome, muitos

cambaleavam, com a boca aberta como cães danados, tropeçavam, esbarravam nas portas como ébrios, e iam duas ou três vezes por hora às mesmas casas. A necessidade forçava-os a comerem de tudo.

19. Recolhia-se até o que os mais vis dos irracionais não teriam tomado para comer. Não se abstinham dos cintos e das sandálias; enfim, arrancavam o couro dos escudos para roê-los. Até pó de ferro velho era alimento para alguns. Muitos colhiam fibras vegetais e vendiam uma pequena quantidade delas por quatro dracmas.

20. Mas, por que falar da impudência provocada pela fome, no tocante a seres inanimados? Vou referir um episódio, ocasionado pela fome, de tal espécie que nada de semelhante se conta entre os gregos, nem entre os bárbaros. É horripilante de se narrar, incrível de se ouvir! No que me toca — que não aparente inventar fábulas para os pósteros — teria de bom grado silenciado essa calamidade, se não houvesse entre os contemporâneos inúmeras testemunhas. De resto, prestaria à pátria mísero favor se silenciasse males que ela verdadeiramente suportou.

21. Havia, entre os habitantes da Transjordânia, uma mulher, chamada Maria, filha de Eleazar, da aldeia de Bathezor (termo que significa: casa do hissopo), distinta por nascimento e riqueza. Refugiara-se em Jerusalém, com o restante da multidão, e lá também suportava o cerco.

22. Os tiranos haviam lhe arrebatado todos os bens que ela coligira e transportara da Peréia à cidade. Homens armados invadiam-lhe diariamente a casa e apossavam-se do resto de sua fortuna, e dos alimentos que conseguia obter. Uma intensa cólera apoderou-se da mulher, que a todo instante insultava e maldizia os assaltantes, excitando-os contra si.

23. Como ninguém a matava, nem por cólera, nem por piedade, cansada de obter para outrem alimentos que em parte alguma era possível encontrar, e como a fome também traspassava-lhe as entranhas e a medula dos ossos e o coração ardia-lhe mais que a fome, seguiu a sugestão da ira e da penúria e agiu contra a própria natureza. Tinha um filho, ainda lactente. Ela o tomou e disse:

24. ‘Infeliz de ti, criancinha! De que serve conservar-te em vida durante a guerra, a fome, a revolta? Se ainda vivermos sob o domínio dos romanos, será a escravidão; a fome, aliás, antes da escravidão, e os revoltosos são mais terríveis que uma e outra. Vamos! Serás para mim alimento, maldição para os sediciosos, mito para a humanidade, a única desgraça que ainda faltava aos judeus.’

25. Assim falando, matou o filho, e após cozê-lo, comeu a metade; e guardou escondido o restante. Logo os revoltosos chegaram e percebendo o cheiro desta crueldade ímpia, ameaçaram a mulher de imediatamente estrangulá-la se não apresentasse a comida preparada. Mas ela respondeu que reservara para eles uma boa parte e mostrou-lhes os restos da criança.

26. Eles ficaram logo assombrados e apavorados, imóveis diante deste espetáculo. Mas ela lhes disse: ‘É meu próprio filho. Eu mesma fiz isto. Comei, pois eu também comi. Não sejais mais delicados que uma mulher, nem mais sensíveis que uma mãe. Se sois compassivos e rejeitais meu sacrifício, o que comi foi por vós; o resto fique para mim.’

27. Então, trêmulos, eles saíram. Por uma vez ao menos tiveram pavor e penalizados deixaram à mãe tal alimento. Mas, pela cidade inteira propagou-se a horrorosa notícia. Cada um, pondo diante dos olhos esse crime como se ele próprio o houvesse perpetrado, estremecia de horror.

28. Havia entre os famintos uma espécie de anelo pela morte e eram tidos por felizes os que haviam perecido antes de ver e ouvir males tão horrendos.”

Predições de Cristo

Tal foi o castigo sofrido pelos judeus por causa da injustiça e da impiedade relativamente ao Cristo de Deus.

1. Convém acrescentar ao que precede também a infalível predição de nosso Salvador, a fim de manifestar como tudo isso já fora profetizado: “Ai daquelas que estiverem grávidas e estiverem amamentando naqueles dias! Pedi que vossa fuga não aconteça em inverno ou num sábado. Pois naquele tempo haverá uma grande tribulação, como não houve desde o princípio do mundo até agora, nem tornará a haver jamais” (Mt 24,19-21).

2. Calculando o número global dos mortos, o historiador anota terem perecido pela fome e pela espada um milhão e cem mil homens;⁴³ diz que os sediciosos e salteadores sobreviventes denunciaram-se mutuamente após a queda da cidade e foram executados; os jovens das camadas mais elevadas e que se destacavam pela beleza corporal foram reservados para o triunfo. Quanto ao restante da multidão, os maiores de dezessete anos foram algemados e enviados para os trabalhos no Egito; os outros, em maior número, foram distribuídos pelas províncias, a fim de serem mortos nos teatros pelo ferro ou animais ferozes. Os menores de dezessete anos foram levados prisioneiros a fim de serem vendidos. Somente desses últimos, contaram-se mais ou menos noventa mil homens.

3. Esses acontecimentos se deram no segundo ano do império de Vespasiano, e de acordo com os oráculos proféticos de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo que, por virtude divina, previra-os como se fossem já presentes, tinha chorado e soluçado; e segundo os escritos dos santos evangelistas, que registraram as próprias palavras do Senhor, proferidas então, como se falasse de algum modo à própria Jerusalém:

4. “Se nesse dia ao menos conhecesses a mensagem de paz! Agora, porém, isso está escondido a teus olhos! Pois dias virão sobre ti, e os teus inimigos te cercarão de trincheiras, te rodearão e te apertarão de todos os lados. Deitarão por terra a ti e aos teus filhos” (Lc 19,42-44).

5. Em seguida, a respeito do povo: “Com efeito, haverá uma grande angústia na terra e cólera sobre este povo. E cairão ao fio da espada, levados cativos por todas as nações, e Jerusalém será pisada por nações, até que se cumpram os tempos das nações” (Lc 21,23-24). E ainda: “Quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabeis que está próxima a sua desolação” (Lc 21,20).

6. Quem comparar as palavras de nosso Salvador com os demais relatos do historiador sobre toda a guerra, como não haverá de se admirar e confessar como divinas, verdadeiras e sobrenaturalmente extraordinárias a presciência e a predição de nosso Salvador?

7. Acerca do que sucedeu a toda a nação, após a paixão do Salvador, e depois dos clamores com os quais a multidão dos judeus salvou da morte um ladrão e um assassino, enquanto pedia fosse tirado do meio deles o príncipe da vida (Lc 23,18-19; Jo 18,40; At 3,14-15), é ocioso acrescentar seja o que for às histórias.

8. Justo seria, contudo, salientar traços que demonstram o amor e total bondade da Providência relativamente aos homens. Esperou quarenta anos inteiros, após o audacioso crime contra Cristo para eliminar os réus. Nesse prazo de tempo, a maioria dos apóstolos e discípulos e o próprio Tiago, o primeiro bispo da cidade, denominado irmão do Senhor, ainda viviam e moravam na própria cidade de

Jerusalém, fortaleza poderosamente munida.

9. A supervisão divina havia pacientado até então; eles talvez se arrependessem do que haviam perpetrado e obtivessem perdão e salvação. Além de tão grande longanimidade, houve sinais extraordinários da parte de Deus sobre o que lhes aconteceria se não se arrependessem. Esses fatos foram também tidos por memoráveis pelo supracitado historiador. Nada de melhor do que transcrevê-los para os leitores.

CAPÍTULO 8

Sinais antes da guerra

1. Tomai e lede a exposição do livro sexto das *Histórias*: “Impostores, que falsamente invocavam a Deus por testemunha, iludiam este infeliz povo, descuidado e descrente dos sinais precursores que claramente anunciavam a devastação futura; mas como que fulminados por um raio e privados dos olhos e da razão não atendiam às mensagens de Deus.

2. Em primeiro lugar, um astro em forma de espada pairou acima da cidade e um cometa permaneceu visível no céu durante um ano. Em seguida, antes da revolta e dos movimentos preparatórios para a guerra, quando o povo estava reunido para a festa dos ázimos, no dia oito do mês de abril, cerca da nona hora da noite, uma luz, intensa como a solar, iluminou o altar e o santuário, durante uma meia hora. Os ignorantes pensaram que era um bom presságio, mas os escribas interpretaram o caso previamente com exatidão.

3. Durante a festa, uma vaca que o sumo sacerdote conduzia para o sacrifício, pariu um cordeiro, no meio do Templo.

4. A porta oriental do adro interior era de bronze e tão maciça que, à tarde, vinte homens mal conseguiam fechá-la. Tinha barras de ferro e trincos fincados firmemente no chão e resistentes. À sexta hora da noite, abriu-se automaticamente.

5. Poucos dias depois da festa, no dia vinte e um do mês de maio, houve uma aparição extraordinária, de tamanho incrível. Portentoso ainda o que vai ser narrado, se não fosse contado por testemunhas oculares, e se as desgraças subseqüentes não fossem proporcionais a estes sinais. Efetivamente, antes do pôr-do-sol viram-se em toda a região nos ares carros de guerra e falanges armadas que se projetavam através das nuvens e cercavam as cidades.

6. Por ocasião da festa denominada Pentecostes, durante a noite, os sacerdotes, ao entrarem no santuário como de costume para o serviço do culto, disseram ter ouvido antes agitação e alaridos, depois vozes que exclamavam em uníssono: ‘Saíamos daqui’.

7. Mais terrível ainda é o seguinte: Um homem, chamado Jesus, filho de Ananias, homem simples, rude camponês, quatro anos antes da guerra, quando a cidade fruía de paz profunda e prosperidade, veio à festa em que é costume geral levantar tendas em honra de Deus, e de repente começou a clamar no Templo: ‘Voz do Oriente, voz do Ocidente, voz dos quatro ventos, voz contra Jerusalém e o Templo; voz contra os esposos e as esposas, voz contra todo o povo’. Dia e noite ele percorria as ruas, repetindo esses gritos.

8. Alguns cidadãos de destaque indignaram-se com tais maldições, prenderam-no e maltrataram-no com muitos golpes. Mas ele, que não falava por si mesmo, nem em próprio nome, continuava a gritar as mesmas palavras diante dos presentes.

9. Os chefes pensaram que estava sendo movido, como de fato estava, por um poder sobrenatural. Conduziram-no perante o procurador romano. O flagelo dilacerou-o até os ossos. Não proferiu uma súplica, não derramou uma lágrima, mas quanto podia, com voz lúgubre, a cada golpe repetia: ‘Ai de ti, ai de ti, Jerusalém.’ ”

10. O mesmo historiador conta um fato mais extraordinário, referindo que nas Sagradas Letras se encontrou um oráculo, segundo o qual, naquele tempo da região sairia alguém para comandar a terra habitada. Ele julga que este oráculo se cumpriu em Vespasiano.

11. Mas, este não dominou toda a terra e sim apenas as regiões sob o domínio romano. Seria mais justo aplicar esta profecia a Cristo, a quem foram dirigidas pelo Pai as seguintes palavras: “Pede, e eu te darei as nações como herança e os confins da terra como propriedade” (Sl 2,8). Ora, nesta mesma época, a voz dos Apóstolos “atingiu toda a terra e até os confins do mundo a sua linguagem” (Sl 18,5; cf. Rm 10,18).

CAPÍTULO 9

Os escritos que Josefo deixou

1. Após todos esses eventos, seria conveniente conhecer mais de perto este Josefo, que de tal forma contribuiu para a história que temos entre as mãos. Onde era? De que família? Ele próprio no-lo declara nos seguintes termos: “Josefo, filho de Matias, sacerdote de Jerusalém, também ele, no princípio combateu contra os romanos; mais tarde, porém, coagido pela necessidade, aproximou-se deles”.

2. Naquela época, foi o mais ilustre dos judeus, não somente entre os compatriotas, mas também ao lado dos romanos, de tal sorte que, na cidade de Roma, teve uma estátua erguida em sua honra e suas obras foram tidas por dignas de figurar nas bibliotecas.

3. Descreve toda a antiguidade judaica em vinte livros ao todo e a história da *Guerra romana* contemporânea, em sete livros.

Ele próprio atesta ter escrito estas obras não apenas em grego, mas ainda na língua vernácula e é fidedigno.

4. Dele possuímos ainda dois livros dignos de estudo sobre a antiguidade dos judeus, em réplica ao gramático Apião, que compusera uma obra contra os judeus e a outros que tentavam igualmente difundir calúnias contra os usos pátrios do povo judeu.

5. No primeiro livro estabelece o número dos escritos canônicos, que se chamam Antigo Testamento e quais são recebidos como autênticos pelos hebreus, segundo antiga tradição, nesses termos:

CAPÍTULO 10

Como ele chama os livros divinos

1. “Não existem entre nós milhares de livros, contraditórios e opostos entre si. Há somente vinte e dois livros que contêm a história do passado e com justeza são tidos por divinos.

2. Destes, cinco são de Moisés e abrangem as leis e a tradição sobre a criação do homem até a morte do autor. Compreendem pouco menos de três mil anos.

3. Da morte de Moisés até a de Artaxerxes, rei dos persas, sucessor de Xerxes, os profetas posteriores

a Moisés registraram os eventos de sua época em treze livros. Os quatro livros restantes encerram hinos a Deus e normas de vida para os homens.

4. De Artaxerxes até o presente, tudo foi registrado, mas esses livros não foram tidos por fidedignos como os anteriores, porque a sucessão dos profetas é inexata.

5. Os fatos manifestam nossa atitude diante de nossas próprias Escrituras, pois embora sejam de data remota, ninguém ousou aditar, retirar ou alterar seja o que for, mas todos os judeus, desde a primeira infância, acham natural considerá-los quais ensinamentos de Deus e continuamente, a eles aderir, e se necessário, por eles de bom grado morrer.”

6. É proveitoso lembrar essas observações do historiador. Ele elaborou ainda outra obra digna de si, *A razão soberana*, que alguns intitolam *Macchabaicon*, por conter os combates dos hebreus, mencionados nos livros denominados dos Macabeus, os quais foram travados virilmente em prol da piedade para com Deus.

7. Pelo final do vigésimo livro das *Antiguidades*, o mesmo autor indica que pretende escrever quatro livros, conforme as crenças pátrias dos judeus, sobre Deus e sua essência, sobre as leis, os motivos por que algumas coisas são permitidas e outras proibidas. Afirma ainda, em suas próprias obras que se ocupou de outros assuntos.

8. Além disso, é de bom alvitre citar as palavras finais das *Antiguidades*, que confirmam o testemunho sobre a contribuição tirada deste autor. Ele incrimina redondamente Justo de Tiberíades, que tentou narrar, imitando-o, os eventos da mesma época, de não ter falado a verdade; adita ainda muitas outras acusações contra ele, e conclui com estas palavras:

9. “Quanto a mim, não receio igual juízo sobre meus escritos. Apresentei meus livros aos imperadores, quando ainda se verificavam os fatos. Tinha consciência de ter mantido a transmissão da verdade. Confiei que obteria seu beneplácito e não me enganei.

10. Mostrei minha narração a muitos outros, alguns dos quais haviam participado da guerra, como o rei Agripa e alguns de seus parentes.

11. Com efeito, o próprio imperador Tito quis fosse transmitido o conhecimento desses fatos apenas através destas obras e ordenou, assinando a ordem com suas próprias mãos, que fossem publicados os meus livros. Quanto ao rei Agripa, escreveu-me sessenta e duas cartas, atestando a transmissão da verdade.” Destas cartas, Josefo chega a citar duas. Mas, a respeito desse autor, basta. Prossigamos a narrativa.

CAPÍTULO 11

Depois de Tiago, Simão dirige a Igreja de Jerusalém

Após o martírio de Tiago e a destruição de Jerusalém, ocorrida logo depois, conta-se que os sobreviventes dos Apóstolos e dos discípulos do Senhor vindos de todas as partes se congregaram e com os consangüíneos do Senhor — havia um grande número deles ainda vivos — reuniram-se em conselho para verificar quem julgariam digno de suceder a Tiago. Todos unanimemente consideraram idôneo para ocupar a sede desta Igreja Simeão, filho de Cléofas, de quem se faz memória no livro do Evangelho (Lc 24,18; Jo 19,25). Diz-se que era primo do Salvador. Efetivamente, Hegesipo declara que Cléofas era irmão de José.

CAPÍTULO 12

Vespasiano procura descendentes de Davi

Além disso, Vespasiano, após a tomada de Jerusalém, ordenou uma busca de todos os descendentes de Davi, a fim de que não restasse entre os judeus ninguém de estirpe real. Esta ordem desencadeou novamente violenta perseguição aos judeus.

CAPÍTULO 13

Anacleto, segundo bispo de Roma

A Vespasiano, depois de ter reinado 10 anos, sucedeu Tito, seu filho, como imperador. No segundo ano de seu reinado, o bispo Lino, depois de ter exercido durante doze anos o ministério da Igreja de Roma, transmitiu-o a Anacleto.⁴⁴ A Tito, que reinou dois anos e dois meses, sucedeu Domiciano, seu irmão.

CAPÍTULO 14

Abílio, segundo a dirigir os alexandrinos

No quarto ano de Domiciano, Aniano, o primeiro bispo da Igreja de Alexandria, após vinte e dois anos completos de episcopado, morreu. Seu sucessor, como segundo bispo, foi Abílio.

CAPÍTULO 15

Depois dele Clemente é o terceiro

No décimo segundo ano do mesmo império, Anacleto, que foi bispo da Igreja de Roma durante doze anos, foi substituído por Clemente, que o Apóstolo, na carta aos Filipenses, informa ter sido seu colaborador, nesses termos: “Em companhia de Clemente e dos demais auxiliares meus, cujos nomes estão no livro da vida” (Fl 4,3).

CAPÍTULO 16

Cartas de Clemente

Com efeito, deste último existe uma carta tida por autêntica, significativa e admirável. Ele a redigiu, da parte da Igreja de Roma para a Igreja de Corinto, em consequência de uma divisão que sucedera em Corinto.⁴⁵ Sabemos que em grande número de Igrejas lia-se outrora esta carta, e ainda hoje é lida. Hegesipo é fidedigna testemunha de que sob o mesmo imperador, houve perturbação em Corinto, causada por uma sedição.

CAPÍTULO 17

A perseguição sob Domiciano

Domiciano demonstrou grande crueldade em relação a muitos. Mandou matar considerável número de patrícios e importantes personagens de Roma, sem processo regular. Inúmeros outros homens ilustres foram condenados ao exílio, além dos limites do império, e à confiscação dos bens, sem motivo algum. Finalmente, mostrou-se êmulo de Nero no ódio a Deus e na luta contra ele. Foi, sem dúvida, o segundo a mover perseguição contra nós, embora seu pai, Vespasiano, jamais houvesse concebido planos malvados contra nós.

CAPÍTULO 18

João e o Apocalipse

1. Nesta ocasião, conforme se refere, o apóstolo e evangelista João, que ainda vivia, por causa do testemunho acerca do verbo divino, fora condenado ao exílio na ilha de Patmos.
2. Ireneu, ao escrever, no quinto livro de sua obra *Contra as heresias*, a propósito do algarismo significativo do nome do Anticristo, indicado no *Apocalipse* (Ap 13,18) atribuído a João, assevera textualmente a respeito de João:
3. “Se fosse oportuno revelar hoje abertamente o nome do Anticristo, tê-lo-ia proclamado o vidente do *Apocalipse*. Não faz muito tempo que teve a visão; foi quase em nossa geração, pelo fim do governo de Domiciano.”
4. Naquela época, o ensino de nossa fé era de tal modo manifesto que até mesmo os historiadores alheios a nossa doutrina não hesitavam em relatar em suas obras a perseguição e os testemunhos prestados durante ela. Indicaram precisamente suas datas; narram que no décimo quinto ano de Domiciano, Flávia Domitila, filha de uma irmã de Flávio Clemente, um dos cônsules de Roma nesta ocasião, foi também ela, com muitos outros, banida para a ilha Pôncia em punição de seu testemunho prestado a Cristo.

CAPÍTULO 19

Domiciano ordena a morte dos descendentes de Davi

O mesmo Domiciano mandou suprimir os descendentes de Davi. Uma antiga narração informa terem certos hereges denunciado como tais os descendentes de Judas, que era um irmão do Salvador, segundo a carne, pois era da estirpe de Davi e pertencente ao parentesco do próprio Cristo. Mostra-o Hegesipo, que afirma literalmente em determinada passagem:

CAPÍTULO 20

Os parentes do Senhor

1. “Havia ainda, da parentela do Salvador, os netos de Judas, que era denominado irmão dele segundo a carne (Mt 13,55; Mc 6,3). Foram denunciados como membros da estirpe de Davi. O “*evocatus*” fê-los comparecer perante Domiciano César. Este, como Herodes, tinha receio de uma vinda de Cristo.
2. Interrogou-os se eram da estirpe de Davi e eles disseram que sim. Então perguntou-lhes quantas as suas propriedades, quais as riquezas que possuíam. Responderam que os dois juntos tinham somente nove mil denários, metade para cada um, e acrescentaram que nem isso possuíam em dinheiro, mas constituía a avaliação de uma terra de trinta e nove “*plethros*” sobre a qual pagavam impostos e eles próprios a cultivavam para viver.”
3. Em seguida, mostraram-lhe as mãos, e comprovaram o próprio trabalho com seus músculos enrijecidos e os calos das mãos em consequência do labor contínuo.
4. Interrogados sobre o Cristo e seu reino, sua natureza, o lugar e o tempo de sua manifestação, replicaram que seu reino não era deste mundo, nem da terra, mas celeste e angélico e que chegaria na consumação dos séculos, quando Cristo viria na glória a julgar os vivos e os mortos e a retribuir a cada um conforme as suas obras (Mt 16,27; At 10,42; Rm 2,6; 2Tm 4,1).
5. Diante disso, Domiciano não os condenou a coisa alguma. Desprezou-os, enquanto homens simples,

soltou-os e fez cessar por um edito a perseguição contra a Igreja.

6. Uma vez libertados, dirigiram Igrejas, enquanto mártires e como parentes do Senhor,⁴⁶ e estabelecida a paz, viveram até o tempo de Trajano.

7. Até aqui, Hegesipo. Dele não difere Tertuliano, que faz menção semelhante de Domiciano: “Domiciano tentara agir como Nero, enquanto partícipe de sua crueldade. Mas, a meu ver, tinha algum entendimento, e logo desistiu deste procedimento, tendo chamado novamente à pátria aqueles que exilara”.

8. Domiciano governou durante quinze anos. Sucedeu-lhe no poder Nerva. Foram abolidos os títulos honoríficos de Domiciano; o Senado romano decretou que retornassem do exílio os que foram injustamente banidos por ele e seus bens lhes fossem restituídos. Assim contam os que transmitiram por escrito os acontecimentos desta época.

9. Então também o apóstolo João saiu do exílio na ilha e retomou seu modo de viver em Éfeso, conforme transmitiram nossos anciãos.

CAPÍTULO 21

Cerdão é o terceiro a presidir a Igreja de Alexandria

Nerva reinou pouco mais de um ano e Trajano lhe sucedeu. No decurso de seu primeiro ano, Abílio, tendo dirigido por treze anos a Igreja de Alexandria, foi substituído por Cerdão. Se contarmos desde o primeiro, Aniano, este foi o terceiro chefe. Nesta ocasião, Clemente estava à frente da Igreja de Roma e foi o terceiro a ocupar a sé episcopal, depois de Paulo e de Pedro. Lino foi o primeiro, e em seguida Anacleto.

CAPÍTULO 22

Inácio, segundo chefe de Antioquia

Evódio foi o primeiro bispo estabelecido em Antioquia; depois ilustrou-se o segundo, Inácio, nessa mesma ocasião. Simeão foi igualmente o segundo, após o irmão de nosso Salvador, a obter o múnus episcopal na Igreja de Jerusalém.

CAPÍTULO 23

Narrativa concernente ao apóstolo João

1. Naquele tempo, ainda vivia na Ásia o discípulo que Jesus amava (cf. Jo 13,23; 19,26; 20,2; 21,7-20), João, Apóstolo e evangelista, que governava as Igrejas desta região, depois de ter regressado, por ocasião da morte de Domiciano, da ilha para onde fora exilado.

2. Em confirmação do fato de que ele continuava vivo até essa ocasião, bastam duas testemunhas fidedignas, que ocupam o primeiro lugar entre os defensores da fé ortodoxa na Igreja, se existem tais, isto é, Ireneu e Clemente de Alexandria.

3. O primeiro, no segundo livro da obra *Contra as heresias*, escreve textualmente: “E todos os presbíteros que se encontraram na Ásia com João, o discípulo do Senhor, atestam que João assim transmitia a palavra. De fato, ele permaneceu no meio deles até o tempo de Trajano”.

4. E no terceiro livro da mesma obra, Ireneu mostra o mesmo, nos seguintes termos: “Mas a Igreja de

Éfeso, fundada por Paulo e onde João permaneceu até o tempo de Trajano, é também testemunha genuína da tradição dos Apóstolos”.

5. Quanto a Clemente, também assinala este tempo e acrescenta uma narrativa muito útil a quantos apreciam ouvir coisas belas e proveitosas, na obra intitulada: “*Que rico se salva?*” Tomai e lede esta história, tal como foi escrita:

6. “Escutai uma fábula, que não é propriamente uma fábula, mas verdadeira história, transmitida pela tradição e guardada na memória, a respeito do apóstolo João: Depois que morreu o tirano, João foi da ilha de Patmos para Éfeso. Ia, ao ser convidado, às regiões vizinhas dos gentios, ora para estabelecer bispos, ora para organizar Igrejas inteiras, ora para escolher como clérigo um dos designados pelo Espírito.

7. Indo certa vez a uma das cidades pouco afastadas, cujo nome alguns conhecem, primeiro consolou os irmãos. Depois, olhou para o bispo desta Igreja, e vendo um jovem esbelto, de agradável aspecto e de espírito ardente, disse-lhe: ‘Confio-te este jovem, com todo empenho, diante da Igreja e de Cristo, como testemunhas’ . O bispo recebeu-o e prometeu tudo cumprir. O apóstolo repetiu as palavras, invocando as mesmas testemunhas.

8. Depois partiu para Éfeso. O presbítero, por sua vez, recebeu em sua casa o jovem que lhe fora confiado, cuidou de sua subsistência, protegeu-o, cercou-o de afeição e por fim batizou-o.

Mas depois disso, afrouxou os múltiplos cuidados e a vigilância, sob pretexto de que estava munido de perfeita proteção, o sigilo do Senhor.

9. O jovem, vendo-se de posse de prematura liberdade, deixou-se corromper por companheiros de sua idade, preguiçosos, dissolutos, de maus costumes. No início, levaram-no a esplêndidos festins; depois, arrastaram-no a saídas noturnas para roubar; logo julgaram-no capaz de cometer crimes maiores.

10. Ele ia se habituando aos poucos e em conseqüência de sua natureza ardente saiu do caminho reto, qual indômito e vigoroso cavalo, que rompe os freios e lança-se com ímpeto nos precipícios.

11. Tendo, por fim, perdido a esperança da salvação divina, não se limitou mais a pequenos planos, mas considerando-se perdido uma vez por todas, quis fazer algo de grande e julgou bom proceder como os outros. Reuniu, portanto, e organizou uma súcia de bandidos, da qual era o chefe mais indicado, por ser o mais violento, o mais homicida, o mais duro.

12. E o tempo foi passando. Sobrevindo um caso, João foi chamado. Após ter regulamentado as questões em vista das quais viera, disse: ‘Vamos, ó bispo, devolve-nos o depósito que eu e também Cristo te confiamos diante da Igreja a que presides e que nos serve de testemunha’.

13. O bispo, no princípio, ficou estupefato, pensando numa soma de dinheiro que ele não recebera, e por cuja causa fora caluniosamente acusado. Não podia julgar possuir um dinheiro que não possuía, nem deixar de acreditar em João, que prosseguiu: ‘O dinheiro que reclamo de ti é o jovem, a alma de teu irmão’. O velho deu profundo suspiro e chorou. Disse: ‘Ele morreu’. — ‘Como e de que espécie de morte?’ — ‘Ele morreu para Deus. Partiu para longe. É um malvado, um perdido, e para dizer tudo, é um bandido. E agora ocupa a montanha defronte da igreja, com uma tropa que se lhe assemelha’.

14. O Apóstolo rasgou as vestes e com um profundo gemido, batendo na cabeça, disse: ‘Deixei um bom guarda da alma de seu irmão. Mas, traga-me imediatamente um cavalo e alguém para guiar-me no caminho’. E saiu logo da igreja, como estava.

- 15.** Tendo chegado ao lugar, foi preso pelos bandidos da vanguarda e não tentou fugir. Nada pediu, mas exclamou: ‘Foi para isso que vim. Levai-me ao vosso chefe’.
- 16.** Este, contudo, aguardava-o armado. Ao reconhecer João, que caminhava ao seu encontro, teve vergonha e fugiu. Mas João reuniu suas forças, sem cogitar de sua idade, e foi atrás dele, clamando:
- 17.** ‘Meu filho, por que foges de mim? De mim, teu pai, desarmado e velho? Tem piedade de mim, meu filho, não tenhas medo. Resta-te ainda esperança de vida. Eu prestarei contas em teu lugar a Cristo. Se for preciso, aceitarei de bom grado morrer por ti, como o Senhor morreu por nós. Darei a minha vida pela tua. Pára. Tem confiança. Foi Cristo que me enviou’.
- 18.** Ao ouvir tais palavras, o jovem no começo se deteve, com os olhos cravados no chão; depois jogou para longe as armas; em seguida, tremendo, chorou amargamente. Abraçou o velho que se adiantava gemendo, pediu perdão como podia, batizado pela segunda vez nas lágrimas. No entanto, escondia a mão direita.
- 19.** João lhe assegurou, prometeu sob juramento, que obtivera a remissão em seu favor junto do Senhor. Suplicante, ele pôs-se de joelhos, beijando-lhe a direita e asseverando que ela havia sido purificada pelo arrependimento. Depois levou-o à igreja e intercedeu por ele com abundantes preces, ajudou-o a lutar por jejuns prolongados, animou-o com o encanto variado de suas palavras. Conta-se que não partiu antes de vê-lo reintegrado na Igreja, dando seguras provas de verdadeira penitência, um grande exemplo de renascimento, um troféu de visível ressurreição.” Este episódio narrado por Clemente fique registrado aqui para informação e utilidade dos leitores.⁴⁷

CAPÍTULO 24

A ordem dos evangelhos

1. E agora, assinalemos os escritos provindos incontestavelmente deste apóstolo.
2. Em primeiro lugar, sem dúvida, há de ser recebido o *Evangelho segundo João*, reconhecido por todas as Igrejas debaixo do céu. Com razão, os antigos colocam-no em quarto lugar, após os três outros, como se evidencia pelo seguinte:
3. Os autores inspirados e verdadeiramente dignos de Deus, isto é, os apóstolos de Cristo em grau extraordinário purificaram suas vidas e ornaram suas almas com todas as virtudes. Tinham, contudo, conhecimento elementar da língua (cf. At 4,13; 2Cor 11,6; 1Cor 2,1). Encheram-se, porém, de coragem, por ação da força divina e miraculosa, que lhes outorgara o Salvador. Não sabiam transmitir os ensinamentos do Mestre, nem tentaram realizar isto pela persuasão e a arte de argumentar. Somente utilizavam a manifestação do Espírito divino que com eles colaborava e o poder taumatúrgico de Cristo a operar através deles (1Cor 2,4). Anunciaram o reino dos céus a todo o orbe habitado, sem a menor preocupação de escrever livros.
4. Assim procediam porque lhes cabia prestar um serviço maior e sobre-humano. Até Paulo, o mais potente de todos na preparação dos discursos, o mais dotado relativamente aos conceitos, só transmitiu por escrito breves cartas, apesar de ter realidades inumeráveis e inefáveis para contar, uma vez que chegou às visões do terceiro céu e foi arrebatado até o paraíso de Deus, onde foi considerado digno de ouvir palavras inefáveis (2Cor 12,2-4).
5. Os outros seguidores de nosso Salvador, os primeiros Apóstolos, os setenta discípulos e mil outros mais não eram inexperientes das mesmas realidades. Entretanto, dentre eles todos, somente Mateus e

João deixaram memória dos entretenimentos do Salvador. E a tradição refere que estes escreveram forçados pela necessidade.

6. Mateus, de fato, pregou primeiro aos hebreus. Como devia também partir para anunciar a palavra a outros, deixou por escrito na língua pátria o evangelho, suprimindo a falta de sua presença por meio dos escritos junto daqueles dos quais se apartava.

7. Já Marcos e Lucas tinham publicado os respectivos evangelhos. Quanto a João, diz-se que sempre utilizava o anúncio oral. Por fim, também ele pôs-se a escrever pelo seguinte motivo. Quando os três evangelhos precedentes já se haviam propagado entre todos os fiéis e chegaram até ele, recebeu-os, atestando sua veracidade. Somente careciam da história das primeiras ações de Cristo e do anúncio primordial da palavra.

8. E trata-se de verdadeiro motivo. De fato, é possível verificar terem os três primeiros evangelistas escrito somente as obras do Salvador desde a prisão e encarceramento de João Batista, durante um ano apenas. Este fato foi assinalado no começo da sua narração.

9. Ora, foi depois do jejum de quarenta dias e a subsequente tentação que Mateus marca o tempo de sua narrativa, nesses termos: “Ao ouvir que João tinha sido preso, ele voltou” da Judéia “para a Galiléia” (Mt 4,12).

10. Marcos faz idêntica afirmação: “Depois que João foi preso, veio Jesus para a Galiléia” (Mc 1,14). E Lucas, antes de iniciar a narrativa das atividades de Jesus, faz mais ou menos a mesma observação, asseverando ter Herodes acrescido o número das más ações que praticara com a seguinte: “*Pôs João na prisão*” (Lc 3,19-20).

11. Ora, diz-se que por esta razão foi pedido ao Apóstolo João que transmitisse em seu evangelho os eventos que os evangelistas precedentes haviam omitido e as ações do Salvador nesse espaço de tempo, isto é, antes da prisão do Batista. Ele próprio o assinala, seja ao declarar: “Este foi o início dos sinais que Jesus fez” (Jo 2,11), seja ao recordar que entre as atividades de Jesus, o Batista estava ainda batizando em Enon, perto de Salim. Manifesta-o claramente com a expressão: “João ainda não fora encarcerado” (Jo 3,23-24).

12. Assim, portanto, João, no evangelho, registra as ações de Cristo quando o Batista ainda não fora encarcerado; os três outros evangelistas, ao invés, citam os eventos após a prisão e encarceramento do Batista.

13. Os que observam esses fatos, de forma alguma opinarão haver discordância entre os evangelhos, porque o evangelho segundo João abrange as ações iniciais de Cristo e os outros contêm os acontecimentos do final de sua vida. Provavelmente João omitiu a genealogia do Salvador segundo a carne porque Mateus e Lucas anteriormente a haviam elaborado, mas começou por sua divindade, assunto a ele reservado, porquanto fosse o melhor deles.^{[48](#)}

14. Temos dito o que teríamos a dizer sobre a redação do *Evangelho segundo João*. O motivo da composição do *Evangelho segundo Marcos* foi explanada mais acima.

15. Relativamente a Lucas, ele próprio no começo de sua obra adianta quais as razões pelas quais o redigiu. Indica que muitos outros exararam rapidamente fatos de que ele próprio teve conhecimento com exatidão. Por conseguinte, julga necessário livrar-nos das suposições incertas apresentadas pelos outros e transmitir-nos em seu próprio evangelho a descrição garantida dos fatos de que ele apreendeu

com segurança a veracidade (Lc 1,1-4), pela convivência e conversas com Paulo e pelo diálogo com os outros apóstolos.

16. Temos dito o que devíamos dizer sobre os evangelhos. Tentaremos destacar mais precisamente, segundo a oportunidade e de acordo com as exposições dos anciãos, o que foi dito por outros sobre estes mesmos evangelhos.

17. Dos escritos de João além do evangelho, a primeira das e cartas não sofre contestação nem da parte de nossos contemporâneos, nem dos antigos. As duas outras são contestadas.

18. Quanto ao *Apocalipse*, sua autenticidade é ainda discutível para muitos. De novo há de ser ponderada, a seu tempo, segundo o testemunho dos antigos.

CAPÍTULO 25

As divinas Escrituras reconhecidas e as que não o são

1. A esta altura, parece-nos oportuno recapitular os escritos do Novo Testamento a que nos referimos. Sem dúvida, importa pôr em primeiro lugar o sagrado quaternário dos *Evangelhos*, seguido do livro dos *Atos dos Apóstolos*.

2. Em seguida, sejam mencionadas as *Cartas* de Paulo, na continuação das quais seja sancionada a primeira atribuída a João e igualmente a primeira carta de Pedro. No prosseguimento destas obras, colocar-se-á, se conveniente, o *Apocalipse* de João, a respeito do qual explanaremos alguns pareceres, quando oportuno.

3. Tais são os livros recebidos. Entre os contestados, mas apesar disso recebidos pela maioria, existe a carta atribuída a Tiago, a de Judas, a segunda carta de Pedro e as cartas enumeradas como segunda e terceira de João, quer sejam do evangelista ou de outro, com idêntico nome.

4. Entre os apócrifos, ponham-se o livro dos *Atos de Paulo*, a obra intitulada *O Pastor*, o *Apocalipse de Pedro*, e além disso a *Carta* atribuída a *Barnabé*, o escrito chamado *A doutrina dos Apóstolos*, depois como já disse, o *Apocalipse de João*, se parecer bem. Alguns, conforme já declarei, o rejeitam, mas outros o inserem entre os livros recebidos.

5. Entre esses mesmos livros, alguns ainda puseram o *Evangelho segundo os Hebreus*, que agrada sobretudo aos hebreus que aderiram a Cristo. Todos esses livros estão no número dos escritos contestados.

6. Achamos necessário fazer igualmente o catálogo dessas últimas obras, separando-as das Escrituras que, segundo a tradição da Igreja, são verdadeiras, autênticas e reconhecidas, dos livros que, ao invés, não são testamentários, mas contestados, apesar de serem conhecidos pela maior parte dos escritores eclesiásticos. Assim, poderemos conhecer esses livros e os que, entre os hereges, são apresentados sob o nome dos apóstolos, quer se trate dos *Evangelhos de Pedro, de Tomé, de Matias* etc., ou dos *Atos de André, de João* e dos outros apóstolos. Jamais entre os escritores eclesiásticos que se sucederam, houve quem julgasse conveniente lembrá-los.

7. Aliás, o estilo se aparta do costumeiro modo de falar dos apóstolos; o pensamento e a doutrina que encerram acham-se quanto possível em contraste com a verdadeira ortodoxia. Prova evidente de que esses livros são produtos heréticos. Em consequência, não merecem nem mesmo ser colocados entre os apócrifos, mas sejam rejeitados como inteiramente absurdos e ímpios. E agora, continuemos a

O mago Menandro

1. Menandro, sucessor de Simão, o Mago, comportou-se qual segundo instrumento de ação diabólica, não inferior ao primeiro. Também ele era samaritano. Atingiu não menos que seu mestre o cume da magia e ultrapassou-o por prodígios maiores. Afirmava ser o Salvador enviado outrora do alto, desde os séculos invisíveis, para a salvação dos homens.

2. Ensinava ainda que alguém só se tornaria superior aos próprios anjos criadores se tivera previamente experiência mágica, transmitida por ele, e recebido o batismo que ele administrava.

Uma vez julgados dignos deste batismo, participariam já nesta vida da imortalidade eterna. Não morreriam, permaneceriam em perpétua juventude, seriam imortais. A leitura desses fatos é acessível, pelos livros de Ireneu.

3. Justino também, ao tratar de Simão, dá notícia dele, nos seguintes termos: “Certo Menandro, também ele samaritano, vindo a Antioquia, da aldeia de Caparatéia, tornou-se discípulo de Simão. Estamos cientes de que igualmente estimulado pelo demônio, veio a Antioquia e iludiu a muitos pela arte mágica. Persuadiu a seus sequazes de que não morreriam. Ainda agora, existem os que garantem isso, apoiados em suas pretensões” (I Apol. 26,4).

4. Ação diabólica era, certamente, aquele empenho em caluniar por meio desses mágicos, encobertos com o nome de cristãos, o grande mistério da piedade (1Tm 3,16), declarando-o magia, e dilacerar, por meio deles, os dogmas da Igreja sobre a imortalidade da alma e a ressurreição dos mortos. Mas, subscrever os ditos desses salvadores é decair, perder a verdadeira esperança.

A heresia ebionita

1. A alguns, que o maligno demônio não pôde apartar do amor do Cristo de Deus, ele os prendeu, tendo acesso por outra parte. Desde o início foram eles a justo título chamados ebionitas, porque tinham de Cristo conceitos pobres e acanhados.^{[49](#)}

2. Consideravam-no, de fato, simples, vulgar, apenas homem, justificado pelo progresso na virtude, gerado pela união de um homem e Maria. Julgavam dever absolutamente observar a Lei porque, em sua opinião, não se salvariam somente pela fé em Cristo e uma vida de acordo com a mesma fé.

3. Além destes, porém, existiam outros, com a mesma denominação, mas isentos da supramencionada loucura estranha. Não negavam que o Senhor nascera de uma virgem e do Espírito Santo; no entanto, à semelhança dos primeiros, não confessavam que fosse preexistente, embora fosse Deus, Verbo e Sabedoria. Deste modo aliavam-se à impiedade deles, tanto mais que igualmente punham todo zelo em cumprir rigorosamente as prescrições carnis da Lei.

4. Julgavam ter de rejeitar inteiramente as *Cartas* do Apóstolo, a quem davam o nome de apóstata da Lei. Usavam apenas o chamado *Evangelho segundo os Hebreus*, dando pouca importância aos outros.

5. Guardavam o sábado e seguiam outras observâncias judaicas, como os primeiros, mas também celebravam os domingos, mais ou menos como nós, em memória da ressurreição do Senhor.

6. Em consequência de tal posição, receberam o nome de ebionitas, que acentua a pobreza de sua

inteligência. É o termo empregado entre os hebreus para designar os pobres.

CAPÍTULO 28

A heresia de Cerinto

1. Tivemos notícia de que na época supracitada Cerinto tornou-se o chefe de outra heresia.⁵⁰ Caio, cujas palavras mais acima referimos, escreve a respeito dele, em sua *Pesquisa*:
2. “Mas também Cerinto apresenta-nos dolosamente, como revelação escrita da parte de um grande apóstolo, narrações de coisas maravilhosas, que lhe teriam sido mostradas por intermédio de anjos (Ap 1,1; 22,8). Assegurava que após a ressurreição o reino de Cristo será terrestre e que a carne, vivendo novamente em Jerusalém, será escrava das paixões e dos prazeres. E como era inimigo das Escrituras de Deus, afirmava, no intuito de enganar, que haverá mil anos de festa nupcial.”
3. Dionísio, porém, que em nossos dias obteve o episcopado na Igreja de Alexandria, no segundo livro das *Promessas* refere acerca do *Apocalipse* de João coisas que diz ter recebido de antiga tradição e menciona Cerinto nos seguintes termos:
4. “Cerinto, autor da heresia chamada cerentiana, nome derivado do seu, quis pôr sua obra sob o patrocínio de um nome fidedigno. O essencial de seu ensinamento é este: O reino de Cristo será terrestre.
5. E como ele era sensual e completamente carnal, sonhava que este reino consistiria no que ele ambicionava: satisfação do ventre e da parte inferior, isto é, alimento, bebida, prazer carnal e também realidades que dariam aspecto mais honroso a estes prazeres: festas, sacrifícios, imolação de vítimas.”
6. Essas as explanações de Dionísio. Ireneu, porém, no primeiro livro de *Contra as heresias*, assinala certas opiniões horríveis do mesmo Cerinto. E no terceiro, deixa por escrito uma narrativa memorável, recebida, diz ele, por tradição de Policarpo. O apóstolo João entrou uma vez no balneário para se lavar. Sabendo que Cerinto lá se encontrava, afastou-se e fugiu para a porta, evitando permanecer com ele sob o mesmo teto. E aconselhou que fizessem o mesmo aqueles que estavam com ele, dizendo: “Fujamos daqui, para que o balneário não desabe. Aí se encontra Cerinto, o inimigo da verdade”.

CAPÍTULO 29

Nicolau e os que lhe devem seu nome

1. Nesta ocasião, surgiu também a heresia dita dos nicolaítas,⁵¹ que durou pouco tempo e igualmente é mencionada no *Apocalipse* de João (Ap 2,6.15). Eles pretendiam que Nicolau era um dos diáconos, companheiros de Estêvão, escolhidos pelos Apóstolos para serviço dos indigentes. Ora, Clemente de Alexandria, no terceiro dos *Stromata* diz textualmente a seu respeito:
2. “Conta-se que sua esposa estava na flor da idade. Após a ascensão do Salvador, os apóstolos censuraram-no de ser ciumento. Então ele levou sua mulher ao meio da assembléia e deixou-a a quem quisesse desposá-la. Dizia-se ser uma ação conforme ao dito: Deve-se menosprezar a carne. E os sequazes desta heresia, ao imitarem sua ação e suas palavras simplesmente e sem critério, prostituem-se de maneira vergonhosa.
3. Quanto a mim, ouvi dizer que Nicolau jamais teve outra mulher que aquela que desposara e que, de seus filhos, as jovens envelheceram na virgindade, e o filho permaneceu casto.

Sendo assim, o fato de ter abandonado a mulher, objeto de ciúme, no meio dos apóstolos, constituía

uma renúncia à paixão, e a continência relativa a prazeres procurados com empenho ensinava a fazer pouco caso da carne. Ele não queria, de fato, a meu ver, de acordo com o mandamento do Salvador, servir a dois senhores (Mt 6,24; Lc 16,13), o prazer e o Senhor.

4. Diz-se igualmente que Matias ensinou o mesmo, a combater a carne, a menosprezá-la, a não fazer concessões em vista do prazer, e a fazer a alma progredir pela fé e o conhecimento.” Tudo isso seja dito a respeito dos que, na época a que nos referimos, tentaram agir contra a verdade e desapareceram completamente mais depressa do que se pode dizer.

CAPÍTULO 30

Os apóstolos que viveram no matrimônio

1. Clemente, contudo, cujas palavras acabamos de ler, enumera, na continuação do que foi dito, os apóstolos que foram casados, por causa dos que condenam as núpcias. “Por acaso eles reprovam também os apóstolos? Efetivamente, Pedro (Mc 1,30; 1Cor 9,5) e também Filipe tiveram filhos. Filipe até deu as filhas em casamento.⁵² Igualmente Paulo não hesita em certa carta em saudar sua companheira (Fl 4,3) que ele não levara consigo (1Cor 9,5.12), para o bem de seu ministério.

2. Uma vez que relembramos estes fatos, apraz-nos referir um episódio memorável, proveniente do mesmo autor. Ele o explana no sétimo dos *Stromata*, da seguinte forma: “Diz-se que o bem-aventurado Pedro, ao ver a esposa conduzida à morte, regozijou-se por causa da graça da vocação e do retorno à própria casa. Encorajava-a e consolava-a; chamava-a pelo nome e dizia-lhe: ‘Fulana, lembra-te do Senhor!’ Assim era o casamento dos bem-aventurados e as disposições perfeitas daqueles que mais se amavam.” Essa narrativa corresponde a meu plano atual, por isso inseri-a no lugar adequado.

CAPÍTULO 31

Morte de João e de Filipe

1. O tempo e a espécie de morte de Paulo e de Pedro, e além disso o lugar onde foram depositados seus corpos após seu êxodo desta vida, foram por nós anteriormente indicados.

2. Quanto a João, já dissemos o tocante ao tempo de sua morte; o lugar de sua sepultura é apontado na carta que Policrato, bispo da Igreja de Éfeso, escreveu a Vítor, bispo de Roma. Faz menção também do Apóstolo Filipe e de suas filhas nesses termos:

3. “Na Ásia, efetivamente, descambaram no poente vários astros que surgirão novamente no último dia, na parusia do Senhor, quando ele vier do céu na glória e procurar todos os santos: Filipe, um dos doze apóstolos que repousa em Hierápolis, assim como duas de suas filhas, virgens até a velhice, e outra que, depois de ter vivido segundo os impulsos do Espírito Santo, foi sepultada em Éfeso. Igualmente João, que reclinou sobre o peito do Senhor, foi sacerdote e usou a lâmina de ouro (*pétalon*), foi mártir e mestre; seu corpo repousa em Éfeso.” São essas as notícias sobre a morte deles.

4. No *Diálogo* de Caio, que citamos mais acima, Proclo, com quem ele disputa, está de acordo com o que acabamos de expor a respeito da morte de Filipe e de suas filhas, quando afirma: “Depois dele, houve quatro profetisas, filhas de Filipe, em Hierápolis na Ásia, onde se acha seu sepulcro e também o de seu pai.” São suas as expressões.

5. Quanto a Lucas, nos *Atos dos Apóstolos*, evoca as filhas de Filipe que então viviam em Cesaréia da Judéia, juntamente com o pai e que eram dotadas do carisma profético. Diz textualmente: “Partimos

para Cesaréia e, entrando em casa do evangelista Filipe, que era um dos sete, lá ficamos. Ele tinha quatro filhas virgens que profetizavam” (At 21,8-9).

6. Nas linhas precedentes explanamos o que veio a nosso conhecimento acerca dos apóstolos e dos tempos apostólicos, dos escritos sagrados que eles nos deixaram, dos livros contestados embora sejam lidos publicamente por muitos em grande número de Igrejas, os que são inteiramente apócrifos e alheios à ortodoxia apostólica. Prossigamos nossa narração.

CAPÍTULO 32

Testemunho de Simão, bispo de Jerusalém

1. Após Nero e Domiciano, sob aquele imperador, cuja época examinamos agora, surgiu uma perseguição contra nós, conforme refere a tradição, parcialmente e em algumas cidades, em consequência de uma insurreição do povo. Durante essa perseguição, Simeão, filho de Cléofas, que apontamos como tendo sido constituído, em segundo lugar, bispo da Igreja de Jerusalém, consumou a vida pelo martírio, conforme nos foi noticiado.

2. Atesta-o aquele mesmo Hegesipo, do qual recolhemos diversas passagens. Ao falar de certos hereges, adita ter Simeão naquele tempo sofrido uma acusação da parte deles. Pelo fato de ser cristão, foi torturado de vários modos durante alguns dias e depois de ter deixado admirados o juiz e os assessores, teve um fim semelhante à paixão do Senhor.

3. Aliás, nada de melhor do que ouvir o historiador que narra os eventos literalmente: “Alguns desses hereges, sem dúvida, acusaram Simeão, filho de Cléofas, como sendo da raça de Davi e cristão. Foi assim que ele deu testemunho, na idade de cento e vinte anos, sob o império de Trajano César e o consular Ático”.

4. O mesmo autor diz ainda que aconteceu a seus acusadores, durante a busca aos membros da estirpe real dos judeus, serem presos como pertencentes a ela. Pode-se concluir ter sido Simeão um daqueles que viram e ouviram diretamente o Senhor, tomando por base a longa duração de sua vida e a menção, no livro dos Evangelhos, de Maria, mulher de Cléofas (Jo 19,25), de quem ele era filho, segundo demonstramos acima.

5. O mesmo historiador fala também que outros descendentes de um daqueles denominados irmãos do Salvador, de nome Judas, viveu até o reinado de Trajano, após ter dado testemunho, sob Domiciano, da fé em Cristo, conforme já relatado. Eis o que escreve:

6. “Eles vêm, portanto, e dirigem toda a Igreja, na qualidade de mártires e parentes do Senhor. Reinando paz profunda em toda a Igreja, eles viveram até o tempo de Trajano César. Nesta ocasião, o primo do Senhor, Simeão, filho de Cléofas, acima referido, foi denunciado por hereges e uns e outros foram julgados, pelo mesmo motivo, sob o consular Ático. Foi torturado durante vários dias. Deu testemunho de forma a deixar todos admirados, inclusive o consular, de como um homem de cento e vinte anos podia suportar tais suplícios. Foi condenado a ser crucificado.”

7. Em seguida, o mesmo Hegesipo, descrevendo os acontecimentos desta época, acrescenta que, até então, a Igreja permaneceu uma virgem pura e incorrupta. Era em tenebrosa sombra, escondidos numa espécie de covil, que até então certos homens, se existiam tais, empenhavam-se em corromper a norma sadia da pregação do Salvador.

8. Mas, quando o coro sagrado dos Apóstolos alcançou o fim da vida de vários modos, e tinha

desaparecido a geração dos que tinham sido julgados dignos de escutar com os próprios ouvidos a sabedoria divina, então começou a se estabelecer o erro ateu por sedução dos mestres da mentira. Estes, uma vez que não restava apóstolo algum, esforçaram-se por contrapor de frente descoberta a pseudognose à pregação da verdade.

CAPÍTULO 33

Trajano começa a procurar os cristãos

1. Ora, em muitas regiões, a perseguição contra nós aumentou de tal modo que Plínio Segundo (o Jovem), ⁵³ muito ilustre entre os governadores, impressionado com a multidão dos mártires, escreveu ao imperador a respeito da quantidade dos que sofriam a morte pela fé. Simultaneamente, informou que nada encontrara em suas ações de ímpio ou de oposto às leis. Somente, eles se levantavam antes do amanhecer para cantar hinos a Cristo, como a um Deus. Rejeitavam o adultério, o homicídio e os crimes odiosos da mesma espécie, e tudo faziam de acordo com as leis.

2. Então, Trajano promulgou um edito proibindo procurar a raça dos cristãos, mas castigá-los se fossem descobertos. Assim extinguiu-se a ameaça da perseguição, que atingira o grau sumo. Só restavam pretextos aos que nos queriam fazer mal. Às vezes era o povo, outras vezes também os chefes regionais que armavam ciladas contra nós, de tal modo que, sem haver perseguição aberta, nas províncias havia perseguições parciais, e grande número de fiéis teve de enfrentar a luta de várias espécies de martírio.

3. Esta descrição é tirada da *Apologia* latina de Tertuliano, supramencionada. A tradução do texto é a seguinte: “Todavia, encontramos que foi proibido procurar-nos. Efetivamente, Plínio Segundo (o Jovem), governador de uma província, depois de ter condenado alguns cristãos e ter-lhe retirado suas dignidades, ficou impressionado pela multidão dos fiéis e não soube mais o que fazer. Escreveu ao imperador Trajano, declarando que exceto a recusa de adorar os ídolos, nada encontrara neles de criminoso. Acrescentava ainda que os cristãos se levantavam antes do amanhecer e cantavam hinos a Cristo como a um Deus e que, entre as observâncias de seus ensinamentos, era-lhes proibido matar, cometer adultério, ser injusto, roubar e outros atos semelhantes. Trajano, por isso, respondeu que não se procurasse a raça dos cristãos, mas se descobertos, fossem castigados”. Assim acontecia naquele tempo.

CAPÍTULO 34

Evaristo, quarto dirigente da Igreja de Roma

Relativamente aos bispos de Roma, no terceiro ano do reinado do supracitado imperador, Clemente terminou a vida, passando seu múnus a Evaristo. No total, durante nove anos exercera o magistério da palavra de Deus.

CAPÍTULO 35

Justo, terceiro dirigente da Igreja de Jerusalém

Por sua vez, tendo Simeão morrido segundo relatamos, um judeu, chamado Justo, ocupou em Jerusalém a sé episcopal. Havia um grande número de circuncisos que acreditavam em Cristo e ele era deste número.

CAPÍTULO 36

Inácio e suas cartas

1. Naquele tempo distinguiu-se na Ásia um companheiro dos apóstolos, Policarpo, que fora estabelecido bispo da Igreja de Esmirna por testemunhas e servos do Senhor.
2. Simultaneamente eram de igual modo conhecidos Papias, bispo também ele, da Igreja de Hierápolis, e Inácio, até hoje afamado, e que obtivera, como segundo sucessor de Pedro, o episcopado em Antioquia.
3. Conta-se que foi enviado da Síria à cidade de Roma, para se tornar alimento das feras, por causa do testemunho prestado a Cristo.
4. Enquanto fazia a viagem através da Ásia, sob a maior vigilância dos guardas, fortalecia as Igrejas por meio de sermões e exortações, em todas as cidades por onde passava. Em primeiro lugar, acautelava-as contra as heresias que começavam a pulular; incitava-as a conservar firmemente a tradição dos apóstolos que, por segurança, julgou necessário fixar ainda por escrito. Estava já prestes a ser martirizado.
5. Assim, de Esmirna, onde se achava Policarpo, escreveu uma carta à Igreja de Éfeso, onde relembra seu pastor, Onésimo. Outra, à Igreja de Magnésia, às margens do Meandro, na qual cita também o bispo Damas. Outra, à Igreja de Trales, da qual se refere que tinha então Políbio por bispo.
6. Além destas, escreveu também à Igreja de Roma, na qual a exorta a não tomar providências em vista de privá-lo do martírio, sua esperança e seu anelo. Destas cartas, é oportuno citar trechos, embora breves, para demonstrar o que se acaba de dizer. Escreve literalmente Inácio:
7. “Da Síria até Roma, luto contra feras, por terra e por mar, noite e dia, preso a dez leopardos, isto é, uma escolta de soldados que se tornam piores quando bem tratados; mas sujeito a essas injustiças, torno-me cada vez mais discípulo; contudo, nem por isso sou justificado (1Cor 4,4).
8. Possa fruir das feras que me estão preparadas. Faço votos de encontrá-las bem alertas. Eu as acariciarei para que me devorem rapidamente e não me façam como a alguns que elas hesitaram em tocar. Se não o quiserem, eu as forçarei.
9. Perdoai-me; sei o que me é vantajoso. Agora começo a ser discípulo. Nada mais desejo das coisas visíveis e invisíveis, a fim de alcançar a Jesus Cristo: fogo, cruz, ataques das feras, ossos desconjuntados, membros amputados, corpo inteiramente esmigalhado, suplícios do diabo, tudo isso me sobrevenha contanto que obtenha a Jesus Cristo.”
10. Foi o que escreveu da cidade de que falamos às Igrejas indicadas. Depois, já estando longe de Esmirna, de Trôades dirigiu-se por escrito aos de Filadélfia e à Igreja de Esmirna e particularmente a seu chefe Policarpo, que ele reconhecia ser inteiramente varão apostólico e a quem confiou seu rebanho de Antioquia, como a um verdadeiro e bom pastor, pedindo-lhe se dignasse ocupar-se dele zelosamente.
11. Ele próprio, ao escrever aos esmirneus, emprega um dito cuja proveniência ignoro, afirmando a respeito de Cristo o seguinte: “Quanto a mim, eu sei e creio que mesmo após a ressurreição, ele estava na carne. E aproximando-se de Pedro e dos que estavam com ele, disse-lhes: ‘Pegai, tocai-me e vede que não sou um espírito incorpóreo’; e logo eles o tocaram e acreditaram” (cf. Lc 24,39).
12. Ireneu também conheceu o martírio dele e menciona-o em suas cartas, nesses termos: “Conforme disse um dos nossos, condenado às feras pelo testemunho prestado a Deus: ‘Eu sou o trigo de Deus e

sou moído pelos dentes das feras, para me tornar um pão puro' ”.

13. Policarpo igualmente relembra o mesmo, na carta aos Filipenses, exprimindo-se da seguinte forma: “Eu vos exorto, a todos vós, a obedecerdes e vos exercitardes em toda paciência, conforme vistes com vossos olhos, não somente nos bem-aventurados Inácio, Rufo e Zózimo, mas também em outros dentre vós, no próprio Paulo e nos outros Apóstolos. Persuadi-vos que todos eles não correram em vão (Fl 2,16), mas na fé e na justiça, e estão no lugar que lhes compete junto do Senhor, por causa dos sofrimentos de que participaram. Pois não amaram o século presente (2Tm 4,10), e sim Aquele que morreu por nós e que, por nós, Deus ressuscitou”. E acrescenta logo:

14. “Vós também me escreveste, assim como Inácio, a fim de que se alguém for à Síria, leve vossas cartas. Eu o farei, se encontrar ocasião propícia, quer vá eu mesmo ou envie alguém que vos sirva de mensageiro.

15. “Quanto às cartas de Inácio, as que ele nos enviou e as outras que pudermos ter aqui, nós vo-las enviamos como pedistes. Vão anexas. Podereis retirar delas grande utilidade. Pois encerram fé, paciência e toda espécie de edificação relativas a nosso Senhor.” Eis o que se refere a Inácio. Após, Heros foi seu sucessor no episcopado em Antioquia.

CAPÍTULO 37

Os evangelistas que se distinguem

1. Entre os que se ilustraram naquele tempo, achava-se também Quadrato, que possuía, como as filhas de Filipe, o carisma da profecia. Muitos outros ainda, além destes, se celebrizaram nesta época e ocupavam as primeiras fileiras na sucessão dos Apóstolos. Excelentes discípulos destes, edificavam sobre os fundamentos (1Cor 3,10) das Igrejas que os Apóstolos haviam começado a estabelecer em todos os lugares; propagavam cada vez mais a pregação e espalhavam as sementes salutares do reino dos céus em toda a extensão da terra habitada.

2. De fato, um grande número de discípulos de então, com a alma pelo Verbo divino modelada em amor muito intenso à filosofia,⁵⁴ cumpriam primeiro o conselho do Senhor, distribuindo seus bens aos necessitados (cf. Mc 10,21); depois, deixando a pátria, realizavam a obra de evangelistas (cf. 2Tm 4,5), com o desejo de pregar aos que nada ainda haviam ouvido a palavra da fé e transmitir os livros dos evangelhos de Deus (Rm 15,20-21).

3. Lançavam somente os fundamentos da fé em alguns lugares estrangeiros (Ef 2,19-20); depois, estabeleciam aí pastores e confiavam-lhes a solicitude do cultivo dos que eles acabavam de iniciar. Em seguida, partiam novamente para outros países e outras nações com a graça e o auxílio de Deus, pois ainda então as numerosas e maravilhosas forças do Espírito divino operavam por meio deles. Assim, desde a primeira audição, as multidões em bloco, como um só homem, acolhia espiritualmente de bom grado a piedade para com o Criador de todas as coisas.

4. Impossível enumerar nominalmente todos os que então, desde a primeira sucessão dos Apóstolos, tornaram-se pastores ou evangelistas nas Igrejas pelo mundo. Nominalmente confiamos a um escrito apenas a lembrança daqueles cujas obras ainda agora representam a tradição da doutrina apostólica.

CAPÍTULO 38

Cartas de Clemente e falsos escritos a ele atribuídos

1. Entre eles, sem dúvida, está Inácio, cujas cartas assinalamos, e Clemente, pela carta, por todos recebida, que ele endereçou em nome da Igreja de Roma à Igreja de Corinto. Nesta carta, ele repete muitos conceitos da *Carta aos Hebreus* e até usa, com idênticas expressões, empréstimos dela. Assim demonstra, de modo evidente, que a obra não era nova.
2. Em seguida, é com razão talvez que ela foi classificada entre as outras cartas do Apóstolo. Paulo, com efeito, tendo-se dirigido por escrito aos hebreus na língua materna, asseguram alguns ter sido o evangelista Lucas, outros, o próprio supramencionado Clemente, o tradutor da carta.
3. Esta última hipótese parece preferível à primeira, devido às semelhanças de estilo entre a carta de Clemente e a carta aos Hebreus e porque nos dois escritos os pensamentos são afins.
4. Convém ainda saber que há notícia de segunda carta de Clemente; estamos, porém, cientes de não ser reconhecida como a primeira, pois não se verifica que os antigos a tenham utilizado.
5. Outros escritos, prolixos e longos, recentemente foram apresentados como seus. Contêm os diálogos de Pedro e Apião, dos quais não há memória entre os antigos, nem preservam o caráter puro da ortodoxia apostólica. Com isso destaca-se a carta de Clemente reconhecida por autêntica. Tratou-se igualmente das cartas de Inácio e Policarpo.

CAPÍTULO 39

Escritos de Papias

1. Das obras de Papias conhecem-se livros intitulados *Exegeses das palavras do Senhor*, em número de cinco. Ireneu os menciona como constituindo os únicos escritos de Papias, nesses termos: “Papias, ancião, também ele ouvinte de João e companheiro de Policarpo, atestou por escrito no quarto de seus livros. De fato, existem cinco livros elaborados por ele”. Assim fala Ireneu.
2. Entretanto, Papias, no prefácio de seus livros, não se apresenta jamais como ouvinte ou espectador dos santos apóstolos, mas informa ter recebido os ensinamentos relativos à fé por meio dos que os haviam conhecido. Diz textualmente:
3. “Em teu favor, não hesitarei em aditar às minhas explanações o que aprendi outrora dos presbíteros e cuja lembrança guardei fielmente, a fim de corroborar a manifestação da verdade. Efetivamente, não aprecio os que falam muito, como acontece à maioria dos homens, e sim os que ensinam a verdade; nem junto dos que relembram preceitos estranhos, e sim junto dos que comemoram os mandamentos do Senhor impostos aos fiéis e nascidos da própria verdade.
4. No entanto, se vinha a determinado lugar algum dos companheiros dos presbíteros, informava-me sobre as palavras dos presbíteros: o que dissera André ou Pedro, ou Filipe, ou Tomé, ou Tiago, ou João, ou Mateus, ou qualquer outro dos discípulos do Senhor; o que dizem Aristion e o presbítero João, discípulos do Senhor. Não pensava serem tão úteis os ditos provenientes dos livros quanto o que deriva de uma palavra viva e permanente.”
5. Neste ponto, seria oportuno notar que Papias enumera duas vezes o nome de João, a primeira das quais entre Pedro, Tiago, Mateus e os outros apóstolos, e indica evidentemente o evangelista; quanto ao outro João, ele interrompe a enumeração e entre outros coloca-o, fora do número dos apóstolos. Aristion o precede e ele é designado claramente como presbítero.
6. Por conseguinte, as próprias palavras demonstram ser verdadeira a opinião de ter havido na Ásia dois homens com este nome, e existem, efetivamente, em Éfeso, dois túmulos que ainda agora são

ditos túmulos de João. Importa dar atenção ao fato, pois é verossímil ter sido o segundo João, se não se quiser admitir que foi o primeiro, o vidente da revelação transmitida sob o nome de João.

7. Papias, de quem nos ocupamos agora, reconhece ter recebido as palavras dos apóstolos por meio dos que com eles conviveram; declara, além disso, ter sido ele mesmo ouvinte de Aristion e do presbítero João. De fato, cita-os com frequência nominalmente em seus escritos, referindo as palavras que transmitiram.^{[55](#)}

8. Não foi ocioso ter dito tais coisas. É justo acrescentar às palavras supramencionadas de Papias umas narrações ainda de fatos extraordinários e outras que chegaram até ele por meio da tradição.

9. Precedentemente foi lembrado que o apóstolo Filipe tinha vivido em Hierápolis com suas filhas. Agora assinalemos que refere Papias, seu coetâneo, ter ouvido uma história maravilhosa acerca das filhas de Filipe. Conta a ressurreição de um morto que sucedeu em seu tempo; e ainda outro fato extraordinário acerca de Justo, apelidado Barsabas, que teria bebido um veneno mortal sem ter sofrido, por graça do Senhor, dano algum.

10. Foi esse Justo que, após a ascensão do Salvador, os santos apóstolos apresentaram com Matias em vista da substituição do traidor Judas, e depois rezaram a fim de que por sorte se completasse o seu número. O livro dos Atos narra-o nesses termos: “Apresentaram dois homens, José, chamado Barsabas, e cognominado o Justo, e Matias. Então, fizeram esta oração...” (At 1,23-24).

11. O mesmo Papias, contudo, acrescenta outras coisas que lhe teriam sido transmitidas por tradição oral, certas parábolas estranhas atribuídas ao Salvador, determinados ensinamentos esquisitos e outras coisas um tanto fabulosas.

12. Afirma, por exemplo, que haverá mil anos após a ressurreição dos mortos e que o reino de Cristo se realizará materialmente aqui na terra. Penso que assim opinou por ter entendido erroneamente as narrações dos Apóstolos, e não ter apreendido o que eles disseram figurada e simbolicamente.

13. Na verdade, ele parece ter tido pouca inteligência, como é possível constatar por seus livros; contudo, foi causa de que grande número de escritores eclesiásticos posteriores tenham adotado suas opiniões, fiados em sua antiguidade. Isso aconteceu a Ireneu e a outros que tiveram idêntico parecer.

14. Em sua obra ele ainda transmite outras explicações de Aristion de que falamos acima e das tradições do presbítero João. A ela remetemos os que gostam de se instruir. No momento, às palavras que precedentemente referimos, acrescentemos a tradição sobre o evangelista Marcos, explanada nesses termos:

15. “O presbítero dizia o seguinte: Marcos, intérprete de Pedro, escreveu cuidadosa, não porém ordenadamente, as recordações das palavras ou ações do Senhor. Efetivamente, ele jamais ouvira, ou seguira o Senhor. Mas, conforme disse, mais tarde ele conviveu com Pedro, que pregava segundo a necessidade dos ouvintes, mas não elaborou uma síntese das palavras do Senhor. Assim, ao escrever Marcos de acordo com suas lembranças, não cometeu erros. Tivera o único propósito de nada omitir do que ouvira, nem impingir algo de falso.” É isto o que Papias narra acerca de Marcos.

16. A respeito de Mateus assevera o seguinte: “Mateus escreveu os oráculos divinos na língua hebraica; cada qual os interpretou como pôde”.

17. O próprio Papias usa os testemunhos extraídos da primeira carta de João e da primeira carta de Pedro. Narra também outra história a respeito da mulher acusada de muitos pecados diante do Senhor,

contida no *Evangelho segundo os Hebreus*. Era necessário anexar ainda isso ao que fora dito.

[42](#) Cf. abaixo, 4,14.9 o testemunho de Policarpo sobre a 1Pd. Cf. J. CHAINE, *As epístolas católicas*, Paris, 1939, pp. 1-12 e M.J. LAGRANGE, *História antiga do cânone do Novo Testamento*, Paris, 1933, pp. 108-110.

[43](#) O número é absolutamente inverossímil, embora a cidade no começo do bloqueio tenha sido superpopulosa por causa do grande número de judeus vindos da Diáspora. Não há comparação com a densidade demográfica da época e Tácito, *Historia* V, 13 dá o número de 600 mil judeus cercados em Jerusalém. Cf. F. Josefo, *A guerra judaica*, VI, 420, 417-418.

[44](#) A ordem de sucessão dos bispos romanos seguida por Eusébio vem-lhe de Hegesipo e de Ireneu. Prefere-se o nome de Anacleto ao de Cleto.

[45](#) Primeira Carta de Clemente aos Coríntios, em *Padres Apostólicos*. Col. Patrística, 1. São Paulo: Paulus, 1977, pp. 13-70. Segundo Dionísio de Corinto, a Carta de Clemente figura nos manuscritos alexandrinos (séc. V) da Bíblia, como prova de sua difusão.

[46](#) Em 1Cor 9,5, Paulo cita os irmãos do Senhor como autoridade, ao lado dos outros apóstolos e de Cefas. Um pouco mais acima, III, 11, vimos que os parentes de Jesus tinham sido chamados, juntamente com os apóstolos e os discípulos, a tomar parte na eleição de Simeão, segundo bispo de Jerusalém.

[47](#) A mais importante das questões que se salienta é relativa à penitência. Apesar de seus crimes, o jovem recebe de João o perdão completo, segundo batismo, nas lágrimas, no momento que ele testemunhou seu arrependimento e a sinceridade de sua conversão. O bispo não intervém de nenhuma maneira. Tudo se passa entre João e o discípulo, e João não pronuncia nenhuma fórmula de absolvição. As preces asseguram o perdão de Deus. João é apóstolo e goza de autoridade pessoal que os bispos não possuem mais.

[48](#) Já no tempo de Orígenes, as divergências entre os princípios dos sinóticos e os de João opunham-se à verdade e à inspiração dos evangelistas e Orígenes conclui: “Não recuso reconhecer que eles transpuseram, de acordo com o interesse de um fim místico o que se tinha passado de outra maneira segundo a história” (*In Ioan. comment.* X, 24). Eusébio, contudo, não diz nada da exegese alegórica, mas julga João mais completo. Cf. H. de LUBAC, *História do Espírito: inteligência da Escritura de acordo com Orígenes*, Paris, 1950, pp. 190ss.

[49](#) Cf. R. FRANGIOTTI, *História das Heresias* (séc. I-VII). *Conflitos ideológicos dentro do cristianismo*, São Paulo: Paulus, 2ª ed., 1977, pp. 19-22.

[50](#) Ibidem, pp. 15-16.

[51](#) Ibidem, pp. 12-14.

[52](#) Clemente confunde, sem dúvida, o apóstolo Filipe e o diácono do mesmo nome. Este tinha 4 filhas, cf. At 21,9. Elas eram virgens e profetisas. A confusão com o apóstolo e o diácono já acontecera com Vitorino, cf. abaixo 31,4 (o acordo de Proclo e de Policrato é parcial, pois segundo Proclo são 4 as filhas de Filipe que estão enterradas em Hierápolis...).

[53](#) Foi governador da Bitúnia em 111-112. Fez a entrada na província no dia 17 de setembro de 111.

[54](#) A “Filosofia” da qual se trata aqui, como também mais à frente no livro VI, 3, 6, é a vida cristã, mais especialmente a vida ascética. Não indica, portanto, a cultura de homens versados, instruídos no filosofar. Já de longo tempo, sobretudo entre os estóicos e os cínicos, o termo perdera seu valor intelectual para tomar significação prática e designar um gênero de vida. No vocabulário cristão, é este último sentido o predominante. Cf. Gustave BARDY, *Recherches sur saint Lucien d’Antioche et son école*. Paris, 1936, pp. 135-136; “Philos et Philosophes”, dans le vocabulaire chrétien des premières siècles, em *Melanges Viller*, Toulouse, 1949, pp. 1-2.

[55](#) Papias não diz quem foi o discípulo do apóstolo João e santo Ireneu engana-se quando o pretende. Cf. *Contra as heresias*, Paulus, 1995.

LIVRO QUARTO

CAPÍTULO 1

Bispo de Roma e de Alexandria sob Trajano

Cerca do duodécimo ano do reinado de Trajano,⁵⁶ o bispo de Alexandria, de que falamos um pouco mais acima,⁵⁷ deixou a presente vida. Primo foi o quarto, depois dos apóstolos, a assumir o múnus da Igreja de Alexandria. Nessa época, tendo igualmente Evaristo completado seu oitavo ano, Alexandre recebeu o episcopado em Roma, sendo o quinto na sucessão de Pedro e Paulo.

CAPÍTULO 2

Sofrimentos dos judeus nesta época

1. Enquanto a doutrina e a Igreja de nosso Salvador floresciam e obtinham os maiores progressos, a infelicidade dos judeus crescia por males que eles mesmos provocavam mutuamente uns contra os outros. De fato, já no décimo oitavo ano do imperador Trajano, surgiu nova revolta dos judeus, que fez perecer grande número deles.

2. Pois, em Alexandria, no restante do Egito e também perto de Cirene, pareciam arrastados por um espírito terrível de revolta e sublevaram-se contra os gregos com os quais conviviam. A sedição propagou-se notavelmente e no ano seguinte, sendo Lupo governador de todo o Egito, travou-se grande guerra.

3. Efetivamente, no primeiro combate, aconteceu que os judeus suplantaram os gregos; estes fugiram para Alexandria, andaram à caça dos judeus habitantes da cidade e os mataram. Os judeus de Cirene, sem o socorro com que contavam, puseram-se a pilhar o país do Egito e a devastar os distritos, sob as ordens de Lucua. Contra eles o imperador enviou Márcio Turbon, com regimentos de infantaria, cavalaria e força naval.

4. Márcio prosseguiu duramente a guerra contra eles em numerosos e prolongados combates. Matou muitos milhares de judeus, não somente de Cirene, mas também do Egito, que se haviam sublevado com Lucua, seu rei.

5. Ademais, o imperador suspeitando que os judeus da Mesopotâmia atacavam também os habitantes da região, ordenou a Luzio Quieto extirpá-los da província. Este fez as tropas avançarem contra eles e massacrrou uma grande multidão. Em consequência desse feito, o imperador nomeou-o governador da Judéia. Tudo isso foi anotado literalmente pelos gregos que registraram os acontecimentos daquela época.

CAPÍTULO 3

Apologistas da fé sob Trajano

1. Tendo Trajano exercido o poder durante vinte anos menos seis meses, Aélcio Adriano recebeu em sucessão o poder. A este último, Quadrato enviou um discurso que lhe dedicara.⁵⁸ Havia elaborado esta apologia em prol de nossa religião, porque alguns malvados se empenhavam em perturbar os

nossos. Essa obra ainda se encontra agora em poder de muitos de nossos irmãos e conosco. Nela se verificam provas brilhantes da inteligência do autor e de sua exatidão apostólica.

2. O autor manifesta sua antiguidade por aquilo que refere: “As obras de nosso Salvador eram sempre evidentes, porque verdadeiras. Os que ele curou, os que ressuscitou dos mortos não foram vistos apenas no momento em que foram curados e ressuscitados, mas continuaram presentes. E isso, não apenas enquanto o Salvador vivia na terra, mas ainda após a sua morte. Ficaram na terra durante longo tempo, de sorte que alguns deles chegaram até os nossos dias”.

3. Assim se exprime Quadrato. Aristides, igualmente fiel de nossa religião, deixou como Quadrato, em prol da fé, uma apologia dirigida a Adriano. Sua obra, de igual maneira foi conservada até o presente em poder de grande número.

CAPÍTULO 4

Bispos de Alexandria e de Roma sob Adriano

No terceiro ano do mesmo governo, Alexandre, bispo de Roma morreu, tendo completado o décimo ano de sua administração. Teve Xisto como sucessor. Quase ao mesmo tempo, na Igreja de Alexandria, Primo morreu no décimo ano em que a presidia e sucedeu-lhe Justo.

CAPÍTULO 5

Bispos de Jerusalém desde o Senhor à época de que tratamos

1. Relativamente aos bispos de Jerusalém, não encontrei em parte alguma por escrito suas respectivas datas. É certo, pela tradição, que tiveram vida muito curta.

2. Certifiquei-me, contudo, por documentos escritos, que, até o assédio dos judeus sob Adriano, sucederam-se em Jerusalém quinze bispos. Diz-se que eram todos hebreus por origem e terem acolhido genuinamente o conhecimento de Cristo. Em consequência, aqueles que ali podiam decidir, julgaram-nos dignos do múnus episcopal. Com efeito, a Igreja toda de Jerusalém se compunha então de hebreus fiéis. Assim sucedeu desde o tempo dos apóstolos até o cerco que sofreram então, quando os judeus se contrapuseram aos romanos e foram aniquilados em fortes guerras.

3. Uma vez que terminaram nessa ocasião os bispos oriundos da circuncisão, convém levantar agora sua lista, desde o primeiro. Com efeito, o primeiro foi Tiago, denominado irmão do Senhor; depois dele, o segundo foi Si-meão; o terceiro, Justo; o quarto, Zaqueu; o quinto, Tobias; o sexto, Benjamim; o sétimo, João; o oitavo, Matias; o nono, Filipe; o décimo, Sêneca; o undécimo, Justo; o duodécimo, Levi; o décimo terceiro, Efrém; o décimo quarto, José; finalmente, o décimo quinto, Judas.

4. Estes foram os bispos da cidade de Jerusalém, desde os apóstolos até o tempo a que nos referimos. Todos dentre os circuncisos.

5. Ao atingir o império de Adriano já o duodécimo ano, Xisto, tendo completado o décimo ano de episcopado em Roma, teve Telésforo por sucessor, o sétimo depois dos apóstolos. Decorridos um ano e alguns meses, Eumenes teve a presidência na Igreja de Alexandria, em sexto lugar. Seu predecessor permaneceu durante onze anos.

CAPÍTULO 6

Último assédio de Jerusalém sob Adriano

1. Nessa ocasião a revolta dos judeus aumentou e propagou-se novamente. Rufo, governador da Judéia, tendo o imperador lhe enviado reforço em soldados, aproveitou-se sem compaixão desta insensatez e marchou contra eles. Matou indistintamente milhares de homens, mulheres e crianças e, de acordo com as leis da guerra, reduziu o país à escravidão.
2. Um homem, chamado Bar-Kochba,⁵⁹ estava então à frente dos judeus. Esse nome significa estrela. Quanto ao mais, era assassino e salteador, mas por seu nome impunha-se a escravos, como se fosse uma luz vinda do céu em seu favor e destinada prodigiosamente a iluminá-los em sua infelicidade.
3. A guerra atingiu o auge no décimo oitavo ano do império de Adriano, nas cercanias de Bethera, cidadezinha bem fortificada, não muito longe de Jerusalém. Como durasse muito o cerco, dirigido de fora, os revoltosos chegaram com a fome e a sede à extrema ruína. Aquele que ocasionou esta loucura recebeu o justo castigo. Desde então, por força da lei e por ordens de Adriano, todo o povo foi absolutamente proibido até de se aproximar das cercanias de Jerusalém, de sorte que ele interditou aos judeus contemplarem, mesmo de longe, o solo pátrio. Assim narra Ariston de Pela.
4. Desta forma, a cidade foi reduzida a ser totalmente desertada pelo povo judeu e a perder seus habitantes de outrora. Foi povoada por uma raça estrangeira. A cidade romana que a substituiu recebeu outro nome, e foi denominada Aélia, em honra do imperador Aélio Adriano. A Igreja da cidade foi composta também de gentios, e após os da circuncisão o primeiro dos bispos a receber o múnus foi Marcos.

CAPÍTULO 7

Chefes da pseudognose neste tempo

1. Então as Igrejas, astros fulgurantes, já brilhavam no universo, e através de todo o gênero humano a fé em nosso Salvador e Senhor Jesus Cristo estava em plena floração. Mas, o demônio inimigo do bem, sempre em oposição à verdade e adversário figadal da salvação dos homens, dirigiu todas as suas maquinacões contra a Igreja. Outrora, opunha contra ela as perseguições oriundas de fora.
2. Uma vez encerradas estas, serviu-se de homens malvados e de magos quais instrumentos aptos a arruinar as almas e ministros de perdição. Combateu com outros métodos, inventando toda espécie de recursos. Os magos e enganadores, sob o manto de confissão da fé, de um lado podiam prender alguns fiéis, arrastando-os ao abismo da perdição, de outro, por sua influência, podiam desviar talvez os ignorantes relativamente à fé do caminho que conduz à palavra da salvação.
3. Menandro, pois, que mais acima afirmamos ter sido o sucessor de Simão, teve um dinamismo, qual serpente de duas bocas e duas cabeças, que produziu os chefes de duas heresias distintas: Saturnino, oriundo de Antioquia, e Basílides de Alexandria. O primeiro estabeleceu na Síria e outro no Egito, respectivamente, uma escola de heresias atéias.
4. Ireneu revela que Saturnino repetia na maioria das vezes mentiras idênticas às de Menandro, e que Basílides, sob pretexto de mistérios inefáveis, propagava sem fim suas invenções, plasmando mitos monstruosos de ímpia heresia.
5. Nesta ocasião, muitos homens da Igreja lutaram em prol da verdade com eloqüência e defenderam as proposições apostólicas e eclesiásticas. Alguns até, com seus escritos, deixaram aos pósteros uma profilaxia contra as heresias que acabamos de citar.
6. Desses escritos chegou até nós a bem elaborada refutação a Basílides, da autoria de Agripa Castor,

então escritor de renome. Ele patenteia a perigosa magia do herege.

7. Agripa descobre, efetivamente, os mistérios ocultos de Basílides e assinala que ele havia composto vinte e quatro livros sobre o evangelho e inventara a existência de profetas chamados Barcabbas e Barkoph e mais outros fictícios, aos quais impunha nomes bárbaros para impressionar os admiradores de tais elucubrações. Ensinava ainda ser indiferente comer das carnes oferecidas as ídolos e abjurar a fé, sem restrições, em tempo de perseguição. À imitação de Pitágoras, impunha aos discípulos um silêncio de cinco anos.

8. O mesmo autor anota ainda, a respeito de Basílides, outras opiniões semelhantes a essas e admiravelmente lança luz sobre o erro desta heresia.

9. Ireneu ainda escreve que um coetâneo destes, Carpócrates, foi o pai de outra heresia, a dos chamados gnósticos. Não era secretamente, mas abertamente, que adotava as ações mágicas de Simão. Chegavam ao ponto de venerar as beberagens mágicas que compunham cuidadosamente, os demônios causadores dos sonhos e assessores dos homens e outras coisas da mesma espécie, como se fossem de importância. Conseqüentemente ensinavam aos que queriam chegar ao extremo desta mistagogia, ou antes infâmia, que deviam praticar até os atos mais vergonhosos, porque não escapariam, diziam eles, aos príncipes deste mundo, conforme os denominavam, a não ser que cedessem às exigências de todos eles, por meio de ações infames.

10. Indubitavelmente, o demônio, que se compraz no mal, serviu-se destes ministros, a fim de reduzir à escravidão, para sua própria perda, os que ele miseravelmente seduzira, ou para dar oportunidade às nações infiéis de difamar a palavra divina, pois a reputação deles se difundia, acarretando calúnias para todo o povo cristão.

11. Foi principalmente desta forma que, em grande parte, espalhou-se entre os não-crentes a suspeita ímpia, e inteiramente descabida, de que mantínhamos abomináveis uniões com nossas mães e irmãs e ingeríamos alimentos infames.

12. O demônio, porém, não tirou daí largo proveito, porque a verdade se impôs por si mesma e com o correr do tempo emitiu grande luz.

13. Extinguiram-se, pois, rapidamente as maquinações dos inimigos, confundidas pela atuação da verdade. As heresias, umas após outras, apresentavam inovações; as mais antigas continuamente desvaneciam e desvirtuavam-se, de diferentes modos, para dar lugar a idéias diversas e variadas. Ao invés, ia aumentando e crescendo o brilho da única verdadeira Igreja católica, sempre com a mesma identidade, e irradiando sobre gregos e bárbaros o que há de respeitável, puro, livre, sábio, casto em sua divina conduta e filosofia.

14. No decurso do tempo sumiram, portanto, as calúnias a nossos ensinamentos e, vencedora, apenas a doutrina cristã subsistiu. Reconheceu-se que ela superava de muito a todas, em respeitabilidade e prudência, e por sua doutrina divina e filosófica. Assim, ninguém ousa agora intentar contra nossa fé acusações vergonhosas, nem calúnias semelhantes às que outrora gostavam de difundir os que se haviam aliado contra nós.

15. Além do mais, na época de que tratamos, a verdade podia apresentar numerosos defensores, em luta contra as heresias atérias, não somente através de refutações orais, mas também por meio de demonstrações escritas.

1. Neste tempo celebrizou-se Hegesipo, cujas palavras já utilizamos, várias vezes, a fim de apresentar, por aquilo que transmitiu, alguns fatos do tempo dos apóstolos.
2. Com efeito, em cinco livros de suas *Memórias*, exaradas em estilo muito simples, transcreve sem erros a pregação apostólica. Assinala o tempo em que ela se propagava. Escreve sobre os que no começo erguiam ídolos, o seguinte: “Eles erigiam-lhes cenotáfios e templos, como se fez até hoje também a Antínoo, escravo de Adriano César; os jogos instituídos em sua honra, em nossos dias, chamam-se Antinoenos. De fato, Adriano também construiu uma cidade à qual deu o nome de Antínous e aí es-tabeleceu profetas”.
3. Na mesma ocasião, Justino, autêntico amante da verdadeira filosofia, e que se exercitara nas obras dos gregos, também indica esta época, ao escrever na *Apologia a Antonino*: “Não consideramos despropositado relembrar aqui Antínoo, contemporâneo nosso, a quem todos, por temor, eram obrigados a venerar como deus, apesar de saber quem ele era e donde provinha”.
4. O mesmo autor, ao relembrar a guerra realizada então contra os judeus, inclui também o seguinte: “Efetivamente, na atual guerra aos judeus, Bar-Kochba, o chefe da revolta dos judeus, mandou submeter somente os cristãos a terríveis suplícios, se não renegassem a Jesus Cristo e não blasfemassem contra ele”.
5. Na mesma obra, ao tratar de sua conversão da filosofia grega à religião de Deus, demonstra não ter procedido sem reflexão, mas com discernimento. Assim escreve: “Também a mim, de fato, apraziam-me os ensinamentos de Platão. Mas ouvindo contestações contra os cristãos e vendo-os destemidos diante da morte e de tudo o que se considera um horror, concluí ser impossível que levassem vida má e entregue ao amor do prazer. Como, efetivamente o amigo do prazer, o intemperante, o que aprova a antropofagia, poderia saudar com alegria a morte, se o privaria do objeto de seus desejos? Não se esforçaria, ao contrário, por todos os meios, por viver sempre aqui na terra e escapar aos magistrados, ao invés de denunciar a si mesmo para ser morto?”
6. O mesmo autor conta ainda que Adriano recebeu do ilustre governador, Serênio Graniano, uma carta concernente aos cristãos, dizendo não ser justo que em atenção ao clamor popular fossem mortos, sem nenhuma acusação e julgamento. O imperador respondeu a Minúcio Fundano, procônsul da Ásia, ordenando que não se julgasse ninguém sem queixa e acusação bem fundamentada.
7. Justino traz uma cópia da carta, conserva o texto latino tal qual, mas antepõe estas palavras: “Apoiados numa carta do grande e ilustre César Adriano, vosso pai, poderíamos pedir que ordeneis se realize prévio julgamento, conforme nos parece conveniente. Conveniente, não por causa da ordem de Adriano, mas por sabermos que se trata de justa reivindicação. Em anexo, uma cópia da carta de Adriano, a fim de notificar que também nisso falamos de acordo com a verdade. Ei-la:”
8. O autor que citamos acrescenta o rescrito em latim. Nós o traduzimos, como pudemos, para o grego, da seguinte forma.

CAPÍTULO 9

Carta de Adriano ordenando que os cristãos não fossem perseguidos sem julgamento prévio

1. “A Minúcio Fundano. Recebi uma carta escrita pelo ilustríssimo Serênio Graniano, teu predecessor. Efetivamente, não me apraz deixar a questão sem investigação, não suceda que sejam molestados os

inocentes e aos delatores se dê apoio para exercerem a maldade.

2. Se, pois, os provincianos podem manifestamente manter essa petição contra os cristãos, pleiteando-a perante o tribunal, empreguem apenas este trâmite, e não petições nem somente gritos. É preferível, se alguém quer incriminar, que tu mesmo tomes conhecimento da causa.

3. Se, portanto, alguém os acusar e provar que fazem algo de contrário às leis, decide conforme a gravidade da culpa. Mas, por Hércules! se alguém a alega por delação, condena este procedimento criminoso e cuide de puni-lo.” Tal o rescrito de Adriano.

CAPÍTULO 10

Bispos de Roma e de Alexandria sob Antonino

Tendo ele cumprido sua incumbência, após vinte e um anos de reinado, sucedeu-lhe no governo do império romano Antonino, o Pio. No primeiro ano deste, Telésforo deixou a presente vida, no undécimo ano de seu múnus e coube a Higino a herança do episcopado em Roma.

CAPÍTULO 11

Heresiarcas desta época

Ireneu relata que Telésforo ilustrou o termo de sua vida pelo martírio. Na mesma passagem, ele observa que no tempo de Higino, o bispo de Roma de que acabamos de falar, eram muito conhecidos, em Roma, Valentino, autor da heresia de seu nome, e Cerdão, chefe do erro marcionita. Assim ele escreve:

1. “De fato, Valentino veio a Roma, no episcopado de Higino; atingiu o apogeu sob Pio e permaneceu aí até Aniceto. Quanto a Cerdão, o predecessor de Marcião, viveu também sob Higino, o nono bispo de Roma. Tendo vindo à igreja, fez penitência. Mas continuou a agir assim: Ora ensinava secretamente, ora fazia novamente penitência, ora convencia-se do que ensinava de errado e retirava-se da assembléia dos irmãos.”

2. Eis o que diz Ireneu no terceiro livro de *Contra as heresias*. Efetivamente, no primeiro, diz ainda a respeito de Cerdão: “Certo Cerdão, oriundo do círculo dos discípulos de Simão, e que residiu em Roma sob Higino, nono sucessor dos bispos, desde os apóstolos, ensinou que o Deus anunciado pela Lei e os profetas não se identifica com o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, pois um é conhecido e o outro desconhecido, um é justo e o outro é bom. Marcião, o Pôntico, foi seu sucessor e desenvolveu a escola, blasfemando despidoradamente”.

3. O mesmo Ireneu explanou longamente o abismo ilimitado da matéria repleta de erros de Valentino e revelou sua maldade oculta e sub-reptícia, qual serpente escondida numa toca.

4. Além disso, refere que outro, chamado Marcos, foi então perito em artifícios mágicos; anota igualmente suas iniciações vãs e suas mistagogias miseráveis, manifestando-as com estas palavras:

5. “Entre eles, alguns preparam um tálamo e realizam uma mistagogia com certas fórmulas sobre os iniciados; dizem que se trata de um casamento espiritual, na forma das uniões celestes. Outros conduzem-nos às águas, e batizam-nos, pronunciando sobre eles as palavras: ‘Em nome do Pai de todos os seres, o desconhecido; da Verdade, mãe de todas as coisas; e daquele que desceu sobre Jesus. Outros proferem nomes hebraicos, para impressionar mais os iniciados.”

6. Tendo Higino falecido após o quarto ano de episcopado, Pio tomou em mãos o ministério em Roma.

Por sua vez, em Alexandria, Marcos foi nomeado pastor, depois que Eumênio completou treze anos; e tendo Marcos morrido após dez anos de ministério, Celadião assumiu o múnus da Igreja de Alexandria.

7. E na cidade de Roma, tendo morrido Pio no décimo quinto ano de episcopado, Aniceto presidiu aos fiéis desta cidade. Hegesipo conta que veio para Roma em seu tempo, e aí permaneceu até o episcopado de Eleutério.

8. Foi principalmente nessa ocasião que Justino atingiu o apogeu de sua carreira. Revestido do manto de filósofo, anunciava a palavra de Deus e combatia com as obras em prol da fé. Ele escreveu contra Marcião uma obra, e relembra que, enquanto ele a elaborava, este último ainda vivia. Assim se pronuncia:

9. “Certo pôntico, Marcião, anda insinuando a seus sequazes a crença de haver um Deus maior que o Criador. Ajudado pelos demônios, induziu um grande número, em todas as raças humanas, a blasfemar, a negar que o Criador do mundo é o Pai do Cristo, e a confessar que além dele existe outro maior. E conforme dissemos acima, todos os seus sequazes são chamados cristãos, da mesma forma que o nome de filosofia é comum a todos os filósofos, embora suas opiniões não sejam concordes”.

10. Ademais, acrescenta: “Elaboramos ainda um tratado contra todas as heresias. Nós vo-lo daremos, se o quiserdes”.

CAPÍTULO 12

Justino dirige sua apologia a Antonino

11(11.) Esse mesmo Justino fez excelente trabalho, destinado aos gregos.⁶⁰ Elaborou outras obras que encerram uma apologia em defesa da fé, e dirigiu-a ao imperador Antonino, o Pio, e ao Senado romano, pois ele morava em Roma. Ele próprio manifesta quem é e donde provém, na Apologia, com as seguintes palavras:

12(1.) “Ao imperador Tito Aélio Adriano Antonino Pio César Augusto; ao filósofo Veríssimo, seu filho; e a Lúcio, filho genuíno do César filósofo, e filho adotivo de Pio, amante do saber; ao sacro Senado e a todo o povo romano. Em prol de homens de toda raça, injustamente odiados e caluniados, eu, Justino, filho de Prisco, filho de Baqueio, natural de Flávia Neápolis na Síria Palestina, um dentre eles, compus este discurso e esta petição.”

CAPÍTULO 13

Carta de Antonino ao Conselho da Ásia

Ao mesmo imperador, rogado ainda por outros irmãos da Ásia, sujeitos a violências de toda espécie pelos habitantes desta província, aprouve dirigir à assembléia da Ásia o seguinte rescrito:

1. “O imperador César Marco Aurélio Antonino Augusto, Armênio, soberano pontífice, tribuno do povo pela décima quinta vez, cônsul pela terceira vez, à assembléia da Ásia, saudações.

2. Estou bem ciente de que os próprios deuses cuidam de que tais homens não escapem ao castigo, pois a eles, e não a vós, compete punir os que recusam adorá-los.

3. Fortificais as opiniões daqueles que inquietais, acusando-os de ateísmo. Denunciados, preferem visivelmente morrer por seu próprio Deus a viver. Assim são vitoriosos, ao sacrificar a vida antes que

obedecer ao que deles quereis exigir.

4. Quanto aos terremotos, passados ou presentes, vem a propósito admoestar-vos a vós, desencorajados quando eles sobrevêm, que compareis vossa situação a deles.

5. Eles, de fato, aumentam sua grande confiança em Deus; quanto a vós, durante todo o tempo em que evidentemente permaneceis na ignorância, não cuidais dos outros deuses, nem da adoração devida ao Deus imortal, adorado pelos cristãos que expulsais e perseguis mortalmente.

6. Em defesa destes, muitos governadores de províncias já haviam escrito a nosso divino pai, e este lhes respondeu que não fossem molestados, a menos que mostrassem estar planejando algo contra a hegemonia romana. A mim também muitos se dirigiram, a respeito deles, e respondi-lhes de acordo com o parecer de meu pai.

7. Se alguém, portanto, continua a pleitear contra um cristão enquanto tal, o acusado seja libertado da incriminação, mesmo se evidentemente for cristão; quanto ao acusador, seja réu de punição. Promulgado em Éfeso, na assembléia da Ásia.”

8. Atesta Melitão, bispo da Igreja de Sardes, então bem conhecido, que assim sucedeu. É questão manifesta, segundo a apologia dirigida ao imperador Vero em defesa de nossa doutrina.

CAPÍTULO 14

Memória feliz de Policarpo

1. Nesta época Aniceto governava a Igreja de Roma. Policarpo, ainda em vida, veio a Roma a fim de tratar com Aniceto de certa questão relativa ao dia de Páscoa, segundo Ireneu.⁶¹

2. O mesmo escritor nos transmite ainda outra narrativa sobre Policarpo, que importa acrescentar ao já relatado sobre ele. É o seguinte:

3. “Policarpo, não somente foi discípulo dos apóstolos e conviveu com muitos dos que haviam visto o Senhor, mas ainda foi estabelecido pelos apóstolos bispo da Igreja de Esmirna, na Ásia. Nós o vimos na infância.

4. Ele viveu longamente e atingiu idade avançada, morrendo num glorioso e brilhante martírio. Sempre ensinou o que aprendera dos apóstolos, o que a Igreja transmite, somente a verdade.

5. Atestam-no todas as Igrejas da Ásia e todos os que até hoje sucederam a Policarpo, o qual foi testemunha da verdade mais fidedigna e mais segura que Valentino, Marcião e os restantes de espírito pervertido. Tendo ido a Roma, sob Aniceto, reconduziu muitos dos supramencionados hereges à Igreja de Deus, anunciando ter recebido dos apóstolos uma só e única verdade, aquela transmitida pela Igreja.

6. Alguns também ouviram-no contar que João, o discípulo do Senhor, tendo ido a Éfeso, quis banhar-se; mas vendo ali Cerinto, saiu do balneário, sem se banhar, dizendo: ‘Fujamos daqui, para que o balneário não desabe. Aí se encontra Cerinto, o inimigo da verdade’.

7. O próprio Policarpo um dia viu Marcião, que veio ao seu encontro e lhe disse: ‘Reconhece-nos’. Ele lhe respondeu: ‘Eu te conheço. Conheço-te, primogênito de Satanás’. Tal era a prudência dos apóstolos e de seus discípulos que não mantinham relação alguma, nem mesmo conversavam com os falsificadores da verdade, segundo diz Paulo: ‘Depois de uma primeira e de uma segunda admoestação, nada mais tens a fazer com um herege, pois é sabido que um homem assim se perverteu

e se entregou ao pecado, condenando-se a si mesmo' (Tt 3,10-11).

8. Existe ainda de Policarpo uma carta muito importante, endereçada aos filipenses. Nessa carta os que quiserem, e são solícitos com a própria salvação, podem reconhecer as características da fé e a pregação da verdade.”

9. Até aqui, Ireneu. Policarpo, porém, na supramencionada carta aos filipenses, conservada até hoje, emprega determinados testemunhos da primeira carta de Pedro.

CAPÍTULO 15

Testemunho de Policarpo e outros sob Vero

14(10.) Tendo Antonino, o Pio, completado o vigésimo segundo ano de reinado, Marco Aurélio Vero, também denominado Antonino, seu filho, sucedeu-lhe com Lúcio, seu irmão.

15(1.) Foi então, quando grandes perseguições agitavam a Ásia, que Policarpo morreu mártir. Julgo absolutamente necessário inserir aqui, nessa história, para memória dos pósteros, a descrição de seu fim, ainda conservada por escrito.

2. Com efeito, existe uma carta em nome da Igreja à qual ele presidia, dirigida às Igrejas do Ponto, e que assim expõe o que a ele se refere:

3. “À Igreja de Deus, peregrina em Esmirna, à Igreja de Deus, peregrina em Filomélio e às comunidades da santa Igreja católica, espalhadas por toda a parte. A misericórdia, a paz e o amor de Deus Pai e nosso Senhor Jesus Cristo superabundem entre vós! Irmãos, nós vos escrevemos as notícias sobre os mártires e o bem-aventurado Policarpo, que, por seu martírio, de certo modo pôs um selo à perseguição e fê-la cessar.”

4. Na continuação, antes de narrar os fatos atinentes a Policarpo, anota a carta referências aos outros mártires e registra a resistência que demonstraram diante dos suplícios. Diz-se, efetivamente, que os circunstantes ficaram atônitos vendo-os ora dilacerados pelos flagelos até ficarem à vista as veias e artérias mais entranhadas, e visíveis as vísceras e os membros mais profundamente secretos dos corpos; ora estendidos sobre conchas marinhas e pontas agudas; e depois de todas as espécies de torturas e suplícios, expostos finalmente às feras para serem devorados.

5. Conta-se ter se destacado sobretudo Germânico, cheio de nobreza, que superou o temor natural da morte corporal, pela graça de Deus. O procônsul tentou persuadi-lo, aludindo à sua idade, e implorando, visto ser ainda muito jovem e na flor da idade; portanto, tivesse piedade de si mesmo. Ele não hesitou. Corajosamente atçou o animal feroz, de certa forma o atacou e excitou, a fim de que mais depressa o tirasse desta vida injusta e iníqua.

6. A multidão inteira, admirada diante desta morte notável, e vendo a atitude valente do piedoso mártir e a virtude de todo o gênero dos cristãos, pôs-se a gritar com voz unânime: ‘Abaixo os ateus! Traga-se Policarpo’.

7. Esses gritos provocaram grande tumulto. Um frígio, chamado Quinto, recém-vindo da Frígia, vendo as feras e os tormentos que o ameaçavam, ficou apavorado, foi tomado de fraqueza e renegou a salvação final.

8. O texto da carta que citamos mostra que ele se apresentara ao tribunal com outros irrefletida e imprudentemente. Sua queda representa, por conseguinte, um exemplo manifesto para os demais, comprovando que não convém expor-se a tão grandes perigos temerariamente e sem temor de Deus.

Foi este o fim destes homens.

9. Policarpo, porém, tão admirável, ao ter as primeiras notícias desses acontecimentos, permaneceu calmo, conservou-se tranqüilo e imperturbável e até queria permanecer na cidade. Atendeu, no entanto, às súplicas e exortações dos companheiros para que fugisse; então retirou-se com alguns a uma propriedade rural não muito distante da cidade. Noite e dia não fazia outra coisa senão perseverar em preces ao Senhor. Não cessava de pedir, de suplicar a paz para as Igrejas de todo o mundo. Com efeito, tal foi sempre seu costume.

10. E enquanto rezava, três dias antes de ser aprisionado, teve à noite um sonho. Viu o travesseiro sob sua cabeça pegar fogo de repente e se consumir. Despertou, e logo explicou aos presentes a visão e predisse-lhes o que ia acontecer, anunciando claramente aos que estavam a seu redor que devia dar a vida por Cristo, na fogueira.

11. Era procurado com grande empenho. Diz-se que de novo impelido pela afeição e carinho dos irmãos, passou a outra propriedade. Acabava de chegar quando vieram os perseguidores, que apanharam ali dois escravos. Torturaram a um deles, que denunciou o esconderijo de Policarpo.

12. Tendo chegado tardiamente, encontraram-no repousando num quarto de cima, donde podia ainda fugir para outra casa, mas não quis e disse: ‘Seja feita a vontade de Deus’ (At 21,14).

13. Conta-se que, informado da presença deles, desceu e falou-lhes com uma fisionomia radiante e muito suave, de sorte que aqueles homens que não o conheciam acreditaram ter uma visão, ao contemplá-lo, carregado de anos, de porte venerável e tranqüilo, e admiravam-se de que se tivesse tanto empenho em se aposar de tal ancião.

14. Ele, contudo, mandou imediatamente pôr a mesa, e convidou-os a farta refeição. Pediu apenas uma hora para rezar livremente. Eles consentiram. Tendo-se levantado, Policarpo rezou, repleto da graça do Senhor. Os presentes, ao ouvi-lo rezar, ficaram emocionados e vários deles logo se arrependeram de estarem a ponto de tirar a vida a um ancião tão venerando e piedoso.”

15. A carta acerca dele prossegue nestes termos: “Terminada a oração, na qual havia rememorado todos os que alguma vez encontrara, pequenos e grandes, ilustres e obscuros, e a Igreja católica, espalhada por toda a terra, e tendo chegado a hora de partir, montaram-no num asno e levaram-no à cidade. Era um dia de grande sábado. O irenarca Herodes e seu pai, Nicetas, foram ao seu encontro. Fizeram-no subir a seu carro, e sentados a seu lado, esforçaram-se por persuadi-lo, com essas palavras: ‘Que há de mal em dizer: César é Senhor, sacrificar e salvar a vida?’

16. No começo, ele não respondeu. Mas, como insistissem, replicou: ‘Não farei o que me aconselhais’. Visto que não conseguiram persuadi-lo, injuriaram-no e fizeram-no descer tão depressa do carro que na descida feriu a parte dianteira da perna. Ele, contudo, não deu atenção a isso, como se nada tivesse sofrido, e avançou voluntária e rapidamente, enquanto o levavam ao estádio.

17. No estádio, o tumulto era tão grande que mal se escutavam as palavras. Ao entrar Policarpo no estádio, veio uma voz do céu: ‘Sê forte, Policarpo, sê homem’ (cf. Js 1,9). Ninguém viu quem falava, mas muitos dos nossos ouviram a voz (cf. At 9,7).

18. Ora, enquanto o conduziam, houve grande tumulto da parte dos que ouviram dizer ter sido preso Policarpo. Ele adiantou-se e então o procônsul perguntou se ele era, de fato, Policarpo. Ao obter resposta afirmativa, exortou-o a renegar, dizendo: ‘Tem pena de tua idade!’, e frases semelhantes, conforme se costuma dizer. Acrescentou: ‘Jura pela fortuna de César! Muda de opinião e dize:

‘Abaixo os ateus!’

19. Então, Policarpo, fitando severamente a multidão presente no estádio, estendeu a mão contra eles, suspirou, olhou para o céu e disse: Abaixo os ateus!’

20. Insistiu o procônsul, dizendo: ‘Jura e eu te liberto. Amaldiçoa a Cristo.’ Policarpo disse: ‘Há oitenta e seis anos que o sirvo e ele jamais me fez mal. Como posso blasfemar a meu rei, meu salvador?’

21. “O procônsul insistiu ainda e disse: ‘Jura pela fortuna de César!’ Policarpo replicou: ‘Se esperas em vão que hei de jurar pela fortuna de César, como dizes, e finges ignorar quem sou eu, escuta, falo com franqueza: Sou cristão. Se queres aprender a doutrina do cristianismo, dá-me o prazo de um dia e escuta’.

22. O procônsul disse: ‘Convence o povo’. Policarpo respondeu: ‘Considero-te digno de explicação, pois aprendemos a tributar aos magistrados e às autoridades estabelecidas por Deus a honra que lhes compete, contanto que não nos prejudique (cf. Rm 13,1). Quanto a estes, não os julgo dignos de me defender diante deles’.

23. O procônsul retomou: ‘Tenho feras. Lançar-te-ei a elas, se não mudares de opinião’. Policarpo respondeu: ‘Chama-as. Nós não mudamos de opinião, indo do melhor ao pior; no entanto, é bom passar do mal à justiça’.

24. O procônsul ainda disse: ‘Hei de te domar pelo fogo, se desprezas as feras, a menos que mudes de parecer’. Policarpo retrucou: ‘Tu me ameaças com um fogo que queima durante uma hora e em pouco tempo se extingue. Ignoras, contudo, o fogo do julgamento futuro e do castigo eterno reservado aos ímpios. Mas, por que tardar? Traze o que queres’.

25. Proferindo essas e muitas outras palavras, cheio de coragem e de alegria, tinha o rosto repleto de graça, de sorte que não somente não se deixou abalar pelas ameaças, mas ao contrário, o procônsul ficou espantado. Mandou o arauto proclamar no meio do estádio: ‘Três vezes Policarpo se declarou cristão’.

26. A esta declaração do arauto, enfurecida, a multidão de pagãos e judeus, habitantes de Esmirna, clamou em altos brados: ‘Eis o mestre da Ásia, o pai dos cristãos, o destrutor de nossos deuses; ensina a muitos a não sacrificar e a não adorar’.

27. Assim falando, gritavam ainda e pediam ao asiarca Filipe que soltasse um leão sobre Policarpo; mas ele respondeu que isso não era lícito, porque os combates de feras haviam acabado. Então, unânimes começaram a gritar que Policarpo fosse queimado vivo.

28. Era, de fato, preciso se cumprisse a visão que tivera, quando em oração viu o travesseiro a arder, e voltando-se para os fiéis ao seu redor, prenunciara profeticamente: ‘Devo ser queimado vivo’.

29. Fez-se isso mais rapidamente do que fora dito. A multidão trouxe, imediatamente, das oficinas e dos balneários lenha e gravetos; sobretudo os judeus, conforme seu costume, colaboravam.

30. Pronta a fogueira, Policarpo por si mesmo despiu-se, e desamarrou o cinto; tentou tirar os calçados, o que antes não fazia, porque sempre os fiéis se apressavam para lhe tocar o corpo; em tudo, por causa da sua vida eminente, fora honrado mesmo antes de lhe aparecerem as câs.

31. Logo em volta dele foram dispostos os materiais adequados para a fogueira. Como se preparavam

para fixá-lo, pregando-o, disse : ‘Deixai-me assim, pois aquele que me concedeu aguardar com firmeza o fogo, conceder-me-á ainda, sem a garantia de vossos pregos, ficar imóvel na fogueira. Por isso, não foi pregado, e sim amarrado.

32. Amarrado, com as mãos às costas, parecia um cordeiro escolhido, tirado de grande rebanho, para se tornar um holocausto agradável a Deus onipotente (cf. Sb 3,6).

33. Então, disse: ‘Pai de teu filho bem-amado e bendito Jesus Cristo, por meio do qual adquirimos o conhecimento de ti, Deus dos anjos, das potestades, e de toda a criação, da geração dos justos que vivem diante de ti, eu te bendigo porque me julgaste digno deste dia e desta hora; de participar do número dos mártires, do cálice de teu Cristo, para a ressurreição da vida eterna, do corpo e da alma, na incorruptibilidade do Espírito Santo.

34. Seja recebido entre eles diante de ti, hoje, num sacrifício gordo e aceitável, conforme preparaste e manifestaste previamente, e que consumaste, Deus sem mentira e verdadeiro.

35. Por isso e por todas as outras coisas, eu te louvo, te bendigo, te glorifico, pelo eterno e sumo sacerdote, Jesus Cristo, teu filho bem amado, por quem a ti, com ele, no Espírito Santo, glória seja dada agora e nos séculos futuros. Amém.

36. Tendo proferido o Amém final da oração, os encarregados da fogueira acenderam o fogo e enquanto brilhava uma grande chama, vimos um prodígio, nós a quem foi dado ver, e que fomos preservados para anunciar aos pósteros estes eventos.

37. Ora, o fogo tomou o aspecto de uma abóbada, como uma vela de navio enfunada pelo vento, e envolveu em círculo o corpo do mártir. Ele, no meio, não se assemelhava a carne queimada, mas era qual ouro e prata purificados no crisol (cf. Sb 3,6). E aspirávamos um perfume tão forte como incenso ou outro aroma precioso.

38. Finalmente, os malvados, vendo que o corpo não podia ser consumido pelo fogo, ordenaram ao *carrasco* que se aproximasse e o atravessasse com o punhal.

39. Ele o fez e jorrou tal quantidade de sangue que o fogo se apagou. A multidão ficou admirada da grande diferença entre os incrédulos e os eleitos, aos quais pertencia também este admirável varão, em nosso tempo mestre apostólico e profético, o bispo da Igreja católica de Esmirna. Toda palavra proferida por sua boca, efetivamente, cumpriu-se e haverá de se cumprir.

40. O maligno, invejoso e ciumento, adversário dos justos, vendo a grandeza de seu martírio, a vida irrepreensível que levava desde o início, a coroa de incorruptibilidade que o ornara, o prêmio inegável que obtivera, cuidou de que nem mesmo o cadáver fosse recolhido por nós, apesar de muitos terem desejado possuí-lo e ter uma porção das relíquias.

41. Alguns sugeriram, então, a Nicetas, pai de Herodes e irmão de Alces, fosse pedir ao governador que não doasse o corpo, receosos, disseram, de que o povo abandonasse o crucificado e começasse a adorá-lo. Assim falaram, por instigação e insistência dos judeus, que nos espreitavam até para não retirarmos o cadáver do fogo. Eles ignoravam que jamais poderíamos abandonar a Cristo, que sofreu pela salvação dos redimidos do mundo inteiro, e a nenhum outro haveríamos de adorar.

42. Com efeito, nós o adoramos, por ser Filho de Deus. Quanto aos mártires, nós os amamos com razão enquanto discípulos e imitadores do Senhor, por causa de seu invencível amor ao próprio rei e mestre. Possamos também nós obter o privilégio de nos tornarmos seus companheiros e

condiscípulos!

43. O centurião, ao verificar a animosidade dos judeus, colocou o corpo no meio, segundo o costume romano, e o queimou. Deste modo, mais tarde recolhemos seus ossos, mais preciosos que pedras de grande valor e mais valiosos que o ouro e depositamo-los em lugar adequado.

44. Quando o Senhor nos permitir e for possível, ali nós nos reuniremos, com regozijo e alegria, a fim de celebrarmos o natalício de seu martírio, em memória dos que nos precederam na luta e em exercício e preparação dos que haverão de combater mais tarde.

45. Eis aí a história do bem-aventurado Policarpo. Com os irmãos originários de Filadélfia, foi o duodécimo a sofrer o martírio em Esmirna. Mas goza entre todos de peculiar lembrança e até os pagãos por toda parte tecem-lhe comentários.”

46. Tal o termo que mereceu o admirável e apostólico Policarpo. Esta narrativa provém dos irmãos da Igreja de Esmirna, na carta supramencionada. No escrito a ele atinente, encontram-se ainda outras descrições de martírios que se deram igualmente na cidade de Esmirna, no mesmo período que o de Policarpo. Entre os mártires, estava também Metrodoro, ao que parece, sacerdote que aderira ao erro de Marcião e morreu entregue às chamas.

47. Então se destacou entre eles o tão célebre Piônio. Suas peculiares confissões, a linguagem cheia de franqueza, as apologias em prol da fé diante do povo e dos magistrados, os ensinamentos e discursos ao povo e ainda os encorajamentos aos que haviam sucumbido na prova da perseguição, as exortações na prisão aos irmãos que o visitavam, os sofrimentos depois suportados, os suplícios em acréscimo a esses, as chagas causadas pelas unhas de ferro, a coragem na fogueira, a morte após todos esses feitos extraordinários, tudo isso se encontra de modo completo na obra que lhe é dedicada e enviaremos aos que a desejarem. Está incluída no resumo que elaboramos sobre os antigos mártires.

48. Existem ainda as atas de outros mártires que sofreram em Pérgamo, cidade da Ásia, Carpo, Papilo, uma mulher, Agatonice, que terminaram gloriosamente a vida após inúmeras e notáveis confissões.

CAPÍTULO 16

Martírio do filósofo Justino

1. Nessa época, Justino, mencionado um pouco mais acima, depois de ter apresentado aos mencionados imperadores segundo livro a respeito de nossa doutrina, foi ornado com a coroa de glorioso martírio, pois o filósofo Crescente — émulo da vida e do comportamento dos que mercedamente possuem o nome de cínicos — armou ciladas contra ele. Justino, no entanto, depois de tê-lo refutado várias vezes em discussões assistidas por ouvintes, alcançou finalmente o prêmio da vitória por causa da verdade que havia pregado, através do martírio.

2. Este martírio, ele próprio, verdadeiramente amigo da sabedoria, o havia renunciado claramente na *Apologia*, que citamos. Indica o modo como tudo isso devia lhe suceder, nesses termos:

3. “Por isso, eu também estou à espera de sofrer ciladas e ser posto no cepo por alguns dos que nomeei e talvez por Crescente, de forma alguma filósofo, e sim amante de exibição. Pois não é justo denominar filósofo a homem que, ao falar do que não conhece, acusa publicamente os cristãos de ateísmo e impiedade, e assim age para dar gosto e prazer à multidão, que vive no erro.

4. Pois, se jamais leu os ensinamentos de Cristo antes de nos atacar, é completamente malvado e muito pior que os ignorantes, os quais em geral evitam discutir e afirmar falsamente acerca do que

desconhecem. E se os leu, não entendeu a grandeza que têm em si, ou ainda, se após ter compreendido, age deste modo para não se tornar suspeito de ser cristão, é ainda mais covarde e malvado do que muitos, porque vencido por opinião ignorante e desarrazoada e por medo.

5. E, com efeito, propus-lhe determinadas perguntas sobre esses assuntos e o interroguei. Quero que saibais que concluí, após tê-lo convencido, que ele na verdade não sabe coisa alguma. Digo a verdade e se essas discussões não vos foram relatadas, estou pronto a reiterar minhas perguntas mesmo diante de vós. Esta questão é digna de interesse até por parte do imperador.

6. Cientes de nossas respectivas perguntas e respostas, verificareis que ele nada conhece destes problemas. Ou se conhece alguma coisa, não ousa declará-lo por causa dos ouvintes, conforme foi dito mais acima. Não se apresenta como amigo da filosofia, e sim de opiniões e não sabe respeitar de forma alguma a belíssima palavra de Sócrates.”

7. Tais são as palavras de Justino. Segundo sua predição, morreu em consequência das ciladas de Crescente. Taciano⁶² que, desde muito jovem, foi instruído nas disciplinas helênicas e que por meio delas adquiriu grande reputação e além disso deixou em seus escritos numerosos monumentos de sua ciência, o relata no seu *Discurso aos gregos*, com as seguintes palavras: “E o admirável Justino afirmou com justeza que os que acabo de citar assemelham-se a ladrões”.

8. Depois de anexar umas palavras sobre os filósofos, continua da seguinte forma: “Crescente, pois, que se aninhou na grande cidade, ultrapassava a todos em pederastia, inteiramente propenso ao amor ao dinheiro.

9. Embora aconselhasse a desprezar a morte, ele mesmo a temia tanto que se empenhou, como se constituísse grande mal, em causar a morte de Justino, porque ele, ao pregar a verdade, havia provado que os filósofos são ávidos e enganadores.” Foi a causa do martírio de Justino.

CAPÍTULO 17

Mártires mencionados por Justino

1. O próprio Justino, antes de seu combate, em sua primeira *Apologia* relembra mártires precedentes. Apresenta a narração em forma proveitosa a nosso assunto.

2. Assim escreve:

“Certa mulher possuía um marido dissoluto, e no começo ela mesma era licenciosa. No entanto, logo que conheceu os ensinamentos de Cristo, corrigiu-se e tentou convencer o marido a se corrigir igualmente. Ela lhe expôs esses ensinamentos e anunciou-lhe que havia um fogo eterno destinado a punir os que não viviam honestamente e de acordo com a reta razão.

3. Ele, contudo, continuou na mesma dissolução e por sua conduta distanciou-se da esposa. A mulher, de fato, julgou coisa ímpia partilhar ainda o leito de um homem que procurava todas as oportunidades de prazer contrário à lei natural e à justiça e resolveu separar-se dele.

4. Mas depois, diante dos pedidos dos parentes, que a aconselhavam a ficar ainda junto do marido, na esperança de que um dia viesse a se converter, contra a própria vontade ela ficou.

5. Tendo, porém, o marido partido para Alexandria, ela teve notícia de um comportamento pior ainda, e para não se tornar cúmplice de suas injustiças e impiedades, mantendo o casamento e partilhando a mesa e o leito, abandonou-o por meio do que entre vós se chama *libelo de repúdio*.

6. Este homem perfeitamente honesto devia regozijar-se com o fato de que a mulher, anteriormente sem pudor relativamente a escravos e mercenários, comprazendo-se na embriaguez e em toda maldade, havia renunciado a essas ações e queria levá-lo também à renúncia. Mas, como ela o deixara sem o seu consentimento, acusou-a, declarando que era cristã.

7. E ela apresentou a ti, ó imperador, um libelo, suplicando permissão de primeiro regular seus negócios e em seguida defender-se da acusação, quando tivesse resolvido todos os problemas. Tu lho permitiste.

8. Então o marido que no momento nada mais podia fazer contra ela, voltou-se contra certo Ptolomeu, que Urbício condenou porque fora o mestre desta mulher na doutrina cristã, da seguinte maneira:

9. Ele persuadiu a um centurião, seu amigo, que prendesse, detivesse Ptolomeu e só lhe perguntasse se era cristão. E Ptolomeu, amante da verdade, e inimigo do dolo e da mentira, confessou ser cristão. O centurião o acorrentou e torturou no cárcere por muito tempo.

10. Enfim, ao comparecer diante de Urbício, foi interrogado somente se era cristão. E novamente, cômico de ter recebido da doutrina de Cristo o bem que possuía, confessou qual a escola da virtude divina.

11. Com efeito, quem nega alguma coisa, ou a renega porque a condena ou recusa a confissão por estar ciente de ser indigno dela e alheio à questão. Nada disso convém ao verdadeiro cristão.

12. Urbício mandou que fosse conduzido ao suplício. Certo Lúcio, também ele cristão, diante de sentença tão oposta à razão, disse a Urbício: ‘Por que motivo tu condenas um homem que não é adúltero, nem fornicador, nem assassino, nem salteador, nem ladrão, que numa palavra não é réu de injustiça alguma, mas apenas confessou ter o nome de cristão? Tu não estás, Urbício, julgando de maneira conveniente ao imperador Pio, nem ao filósofo, filho de César, nem ao sacro Senado’.

13. Este não deu resposta. Disse, porém, a Lúcio: ‘Parece-me que tu também és cristão’. E como Lúcio replicasse: ‘Perfeitamente’, ele mandou que fosse igualmente conduzido ao suplício. Lúcio declarou-lhe estar muito agradecido. Afirmou que seria libertado de senhores muito malvados e partiria para junto de Deus, bom pai e bom rei. E sobreveio um terceiro cristão, que foi condenado também à pena capital.”

A esta narrativa Justino acrescenta, de modo razoável e conseqüente, as palavras supramencionadas: “Por isso, eu também estou à espera de sofrer ciladas de alguns dos que nomeei etc.”

CAPÍTULO 18

Escritos de Justino chegados até nós

1. Justino deixou-nos grande número de obras muito úteis, que demonstram um espírito culto e zeloso pelas coisas divinas. A estas remetemos os que têm gosto de aprender, e por isso citamos para um bom proveito aquelas de que tivemos conhecimento.

2. Em primeiro lugar, o discurso dirigido a Antonino, o Pio, e a seu filho, bem como ao Senado romano, em prol de nossa doutrina; em segundo lugar, que engloba a segunda *Apologia* em defesa de nossa fé, ao sucessor homônimo do imperador supramencionado, Antonino Vero, em cuja época se deram os acontecimentos há pouco descritos.

3. Ainda outra obra, o *Discurso aos gregos*, em que o autor, após longa exposição da maioria dos problemas que nós e os filósofos gregos propomos, faz uma explanação sobre a natureza dos demônios. Mas não importa referi-los no momento.
4. Chegou até nós outra obra contra os gregos, intitulada pelo autor *Refutação*; em seguida, além destas, outra, *A monarquia de Deus*, que ele explana não somente segundo as nossas Escrituras, mas ainda conforme os livros dos gregos.
5. Ademais, o escrito intitulado *Psaltes* e um manual: *A alma*, onde, tratando de diferentes pontos sobre proposição do problema, inclui as opiniões dos filósofos gregos. Propõe-se discuti-las e expor sua própria opinião em outro trabalho.
6. Compôs ainda o *Diálogo com os judeus*, travado na cidade de Éfeso, com Trifão, o mais famoso dos hebreus daquele tempo. Neste diálogo, revela de que modo a graça divina o impeliu à doutrina da fé, o zelo que anteriormente empregara por conhecer as disciplinas filosóficas, e a busca ardorosa da verdade a que se dera.
7. Notícia ainda, na mesma obra sobre os judeus, que eles armaram ciladas contra o magistério de Cristo e manifesta seu modo de pensar a Trifão, nesses termos: “Não apenas não vos arrependestes do mal que fizestes, mas naquele tempo enviastes de Jerusalém elementos de escol a toda a terra, para propagarem a notícia de que surgira uma heresia atéia, a saber, os cristãos, e a fim de reiterarem informações difundidas contra nós pelos que ignoram o que somos. Assim, não somente sois culpados de injustiça contra nós, mas ainda de modo absoluto contra os demais homens”.
8. Escreve também que, até sua época, brilhavam carismas proféticos na Igreja, e relembra o *Apocalipse* de João, asseverando claramente que provém do apóstolo. Rememora igualmente algumas palavras dos profetas e convence Trifão de que os judeus se apartaram das Escrituras. Grande número de outros frutos do labor do mesmo ainda se acham de posse de muitos irmãos.
9. Seus escritos pareceram aos antigos tão dignos de atenção que Ireneu⁶³ menciona suas palavras. Em primeiro lugar, no quarto livro de *Contra as heresias*, nesses termos: “Com razão, Justino, em sua obra *Contra Marcião*, assegura que nem o próprio Senhor o convenceria, se lhe anunciasse outro Deus que o demiurgo”. Em segundo lugar, no quinto livro da mesma obra, assim ele se exprime: “É com razão que Justino afirma que antes da vinda do Senhor, Satanás jamais ousara blasfemar contra Deus, porque desconhecia ainda sua própria condenação”.
10. Forçoso declarar tudo isso a fim de animar os amantes do estudo a lerem com assiduidade e zelo as obras deste autor. Isso, em referência a Justino.

CAPÍTULO 19

Presidentes das Igrejas de Roma e de Alexandria sob Vero

Já atingira o oitavo ano o império de que tratamos, quando Sotero sucedeu a Aniceto, que completara onze anos de episcopado na Igreja de Roma. Na Igreja de Alexandria, depois que Celadião a presidira durante catorze anos, Agripino assumiu a sucessão.⁶⁴

CAPÍTULO 20

Os que presidiram a Igreja de Antioquia

É sabido que, na Igreja de Antioquia, Teófilo foi o sexto bispo a contar dos apóstolos, pois Cornélio foi instalado como o quarto depois de Herão, nesta cidade, e após, em quinto lugar, Eros recebeu o episcopado.

CAPÍTULO 21

Escritores eclesiásticos ilustres deste tempo

Floresciam nesta época na Igreja, Hegesipo, já conhecido pelas narrações precedentes; Dionísio, bispo de Corinto; Pintos, bispo de Creta. Além disso, Filipe, Apolinário, Melitão, Musano e Modesto, e sobretudo Ireneu.⁶⁵ Através de todos eles, chegou até nós por escrito a ortodoxia da tradição apostólica, a verdadeira fé.

CAPÍTULO 22

Hegesipo e os por ele citados

1. Hegesipo, porém, nos cinco livros das *Memórias*, que ainda temos, deixou um documento muito completo de seu modo de pensar. Mostra-se relacionado com grande número de bispos; foi até Roma, e deles todos recebeu idêntica doutrina. É oportuno ouvir essa informação, depois das atinentes à da carta de Clemente aos Coríntios:

2. “E a Igreja de Corinto permaneceu na ortodoxia até que Primo se tornou bispo em Corinto. Quando naveguei para Roma, estive entre os coríntios e ali passei determinado número de dias, durante os quais fomos reconfortados à vista de sua ortodoxia.

3. Uma vez em Roma, fixamos a sucessão até Aniceto, que tinha Eleutério por diácono. Sotero sucedeu a Aniceto, e depois dele veio Eleutério. Em cada sucessão e em cada cidade, acontece conforme pregam a Lei, os profetas e o Senhor.”

4. O mesmo autor descreve o início das heresias de seu tempo da forma seguinte: “Depois do martírio de Tiago, o Justo, em imitação ao do Senhor e em prol da mesma doutrina, seu primo, Simeão, filho de Cléofas, foi estabelecido bispo. Todos o preferiram, como segundo bispo, porque era primo do Senhor. A Igreja era então denominada virgem, porque não fora maculada por vãos discursos.

5. Foi Tebutis, contrariado por não se ter tornado bispo, quem começou no meio do povo a manchá-la com as sete seitas, das quais ele próprio era membro. Destas seitas saíram Simão, do qual se originaram os simonianos (cf. At 8,18); Cleóbio, do qual vieram os cleobinianos; Dositeu, origem dos dositeanos; Gorteu, do qual são provenientes os gorteanos, e os masboteus. Destes são oriundos os menandrianitas, os marcionitas, os carpocratianos, os valentianos, os basilidianos, os satornilianos. Cada um deles, de modo particular e diversificado introduziram a própria opinião.

6. Destes também originaram-se pseudocristos, pseudoprofetas, pseudo-apóstolos, que romperam a unidade da Igreja com discursos corruptores contra Deus e o seu Cristo.”

7. O próprio Hegesipo ainda faz menção das seitas outrora existentes entre os judeus, dizendo: “Havia diversas opiniões entre os circuncisos filhos de Israel contra a tribo de Judá e contra Cristo. São as seguintes: essênios, galileus, hemerobatistas, masboteus, samaritanos, saduceus, fariseus”.

8. Anotou ainda muitos outros fatos, já mencionados parcialmente mais acima, e relatados quando oportunos. Propõe alguns eventos do *Evangelho segundo os hebreus*, do evangelho siríaco, e

especialmente da língua hebraica, manifestando deste modo que aderira à fé, vindo do judaísmo. Ainda rememora outros pormenores oriundos de tradição judaica oral.

9. Não somente ele, mas também Ireneu, e todo o coro dos antigos que denominavam *Sabedoria repleta de todas as virtudes* os Provérbios de Salomão. Quanto aos chamados apócrifos, declara terem sido alguns deles elaborados em sua época por hereges. Mas já devemos passar a outros assuntos.

CAPÍTULO 23

Dionísio, bispo de Corinto

1. Em primeiro lugar, importa falar acerca de Dionísio, que ocupou a sé episcopal da Igreja de Corinto e partilhou sem emulação seus divinos esforços não apenas com os seus súditos, mas ainda com os fiéis de regiões estrangeiras. Tornou-se muito útil a todos pelas cartas católicas que compôs para todas as Igrejas.

2. Entre estas, a carta aos lacedemônios é uma catequese de ortodoxia, e visa à paz e à unidade. A carta aos atenienses é exortação à fé e a uma vida de acordo com o evangelho. Censura-lhes o descuido e o desleixo, por mínimo que seja, acerca da palavra de Deus, desde que seu chefe Públio foi martirizado nas perseguições de então.

3. Relembra ter sido Quadrato nomeado seu bispo depois do martírio de Públio, e atesta que este empregou todo zelo em novamente reuni-los e em inflamar-lhes a fé. Mostra que além disso Dionísio, o Areopagita, depois de se ter convertido à fé por intermédio do apóstolo Paulo, conforme narram os *Atos* (At 17,34), foi o primeiro bispo de Atenas.

4. Existe outra carta dele aos habitantes de Nicomédia, na qual ataca a heresia de Marcião e os reconduz à regra da verdade.

5. Ao escrever ainda à Igreja que peregrina em Gortina e simultaneamente às outras Igrejas de Creta, louva seu bispo Filipe, porque a Igreja que governa deu testemunho através de muitas boas ações; lembra ser necessária a cautela contra a perversão dos hereges.

6. Ao se dirigir também à Igreja que peregrina em Amastris, e simultaneamente às Igrejas do Ponto, relembra que Baquilides e Elpistes convenceram-no de que devia escrever. Apresenta explanações sobre as Escrituras divinas e assinala que seu bispo se chamava Palmas. Dá-lhes vários conselhos sobre o casamento e a continência, e ordena-lhes que recebam os que se arrependem de qualquer espécie de pecado, quer se trate de falta por negligência, quer até mesmo do pecado de heresia.

7. Adite-se a estas, uma carta aos fiéis de Knosos, na qual Dionísio exorta o bispo da Igreja, Pinitos (cf. Mt 11,30), que não imponha aos irmãos, de forma obrigatória o fardo pesado da continência, mas leve em consideração a fraqueza da maioria.

8. Pinitos respondeu a Dionísio, com admiração e elogios. Exorta-o, por sua vez, a oferecer alimento mais sólido, por meio de escritos mais bem acabados, ao povo subalimentado que ele dirigia, para evitar que os fiéis, nutridos só de leite, não percebam que envelhecem com um comportamento de criancinhas (cf. 1Cor 3,1-2; Hb 5,12-14). Esta carta, quadro bem executado, manifesta em Pinitos fé ortodoxa, solicitude pelo bem dos fiéis, erudição e inteligência das coisas divinas.

9. De Dionísio temos ainda uma carta aos romanos, endereçada a Sotero, então seu bispo. Nada de

melhor que citar as expressões do autor, aprovando o uso romano, mantido até a perseguição de nossos dias. Assim escreve:

10. “Desde o início, tendes o costume de beneficiar de várias maneiras a todos os irmãos e enviar auxílios a muitas Igrejas em cada cidade. Aliviais assim a penúria dos necessitados, sustentais os irmãos que trabalham nas minas por meio de recursos enviados desde o começo. Romanos como sois, mantendes o uso tradicional dos romanos. Vosso bem-aventurado bispo Sotero não somente o conserva, mas estimula, enviando abundantes esmolas aos santos, e consolando com felizes expressões os irmãos que o procuram, conforme um pai ternamente amoroso age para com os filhos.”

11. Na mesma carta, recorda a carta de Clemente aos Coríntios, e assinala que há muito tempo, segundo antigo costume, é lida nas Igrejas. Diz, efetivamente: “Hoje, portanto, celebramos o santo dia do Senhor, no qual lemos vossa carta; nós a guardaremos sempre para lê-la qual advertência, e igualmente a primeira carta que nos escreveu Clemente”.

12. O mesmo autor diz o seguinte, acerca de suas próprias cartas, as quais foram falsificadas: “Escrevi cartas a alguns irmãos, em atenção a um pedido. Mas, os apóstolos do diabo a elas misturaram o joio (cf. Mt 13,25), cortes ou acréscimos, atraindo maldição (cf. Ap 22,18-19) sobre si. Não é de admirar que alguns tenham tentado alterar até as Escrituras do Senhor, se atacam até os escritos mais insignificantes”.

13. Além dessas, existe outra carta de Dionísio, a Crisófora, irmã muito fiel, sobre coisas bem adaptadas a sua situação e ministra-lhe o alimento espiritual adequado (cf. 2Pd 2,2). São estas as informações sobre Dionísio.

CAPÍTULO 24

Teófilo, bispo de Antioquia

De Teófilo,⁶⁶ já mencionado enquanto bispo de Antioquia, possuímos três livros elementares: *A Autólico*; outra obra intitulada: *Contra a heresia de Hermógenes*, na qual emprega testemunhos extraídos do *Apocalipse* de João, e mais alguns livros catequéticos. Nesta ocasião, porém, os hereges, à guisa de joio, corrompiam a pura semente da doutrina apostólica. Por toda a parte os pastores das Igrejas apartavam esses feros animais das ovelhas de Cristo, afastando-os através de advertências e exortações aos irmãos, ou abertamente confrontando-os e lutando contra eles por meio de questões e refutações orais, ou impugnando-lhes as opiniões através de provas cabais, em memoriais. Teófilo combateu, juntamente com outros, contra os hereges, como o atesta um trabalho de grande valor, composto por ele, *Contra Marcião*, obra conservada até hoje com os outros livros a que aludimos. Maximino, o sétimo a contar dos Apóstolos, sucedeu a Teófilo à frente da Igreja de Antioquia.

CAPÍTULO 25

Filipe e Modesto

Filipe, a respeito do qual fomos informados através das palavras de Dionísio, que foi bispo da Igreja de Gortina, exarou também ele uma obra com ardoroso zelo contra Marcião. O mesmo fizeram Ireneu e Modesto. Este último superou os demais ao denunciar a todos o erro deste herege, refutado por muitos. Seus trabalhos ainda hoje acham-se em poder de muitos irmãos.

CAPÍTULO 26

Melitão e os seus mencionados

1. Nesta época, Melitão, bispo da Igreja de Sardes, e Apolinário, bispo de Hierápolis, se destacaram notavelmente. Dirigiram, cada qual por si, apologias em favor da fé ao imperador de Roma, de que falamos na devida época.
2. A nosso conhecimento, chegaram as obras subseqüentes: de Melitão, os dois livros: *A Páscoa*; o livro: *Da maneira de viver e das profecias*; depois: *A Igreja*; outro: *O domingo*; os livros: *A fé do homem*, *A criação*; ainda: *A obediência dos sentidos à fé*; além disso: *A alma e o corpo* ou *Aquele que é um*; os livros: *O batismo* e *A verdade, a fé e o nascimento de Cristo*; um livro sobre: *A sua profecia (a alma e o corpo)*; e os livros: *A hospitalidade e a chave* e *O diabo*; o: *Apocalipse de João* e o livro sobre: *O Deus encarnado*, e sobretudo o opúsculo: *A Antonino*.
3. No livro: *A Páscoa*, Melitão já no início indica o tempo da composição dele, nesses termos: “Sob Servílio Paulo, procônsul da Ásia, por ocasião do martírio de Sagaris, houve grande discussão em Laodicéia a respeito da Páscoa que caía naqueles dias, e foi escrito o seguinte”.
4. Clemente de Alexandria cita esta obra em sua própria obra sobre: *A Páscoa*, que ele declara ter elaborado por causa do escrito de Melitão. No livro dirigido ao imperador, Melitão refere que, sob seu império, contra nós sucedeu o seguinte:
5. “Coisa que jamais aconteceu, agora é perseguida a categoria dos adoradores de Deus na Ásia, em consequência de novos editos. Caluniadores despudorados, ambiciosos dos bens alheios, sob o pretexto desses mandamentos, abertamente roubam e pilham, noite e dia, a homens inocentes.”
6. Mais adiante, declara: “Se assim acontece por tua ordem, está bem! Pois um imperador justo jamais emitiria ordens injustas, e acolhemos de boa mente a honra de tal morte. Todavia, nós te apresentamos apenas o pedido de tomares conhecimento primeiramente de quais são os invejosos e sentencias de acordo com o direito se eles são merecedores de morte e suplício ou de salvação e tranqüilidade. Se, porém, de ti não se originam essa decisão e esse novo edito, que nem mesmo conviriam contra bárbaros inimigos, postulamos com a maior insistência que não nos deixes entregues a essa pública rapina”.
7. Ainda acrescenta o seguinte: “Pois, a nossa filosofia floresceu primitivamente entre os bárbaros; depois expandiu-se entre tuas províncias, sob o grande império de Augusto, teu predecessor, e tornou-se principalmente em teu reinado um bem apetecível. Com efeito, desde então, o poder dos romanos cresceu de forma grandiosa e ilustre. Herdeiro desejado deste poder, hás de nele permanecer com teu filho, se mantiveres a filosofia que foi nutrida com o império, e que tendo principiado sob Augusto, por teus antepassados foi honrada ao lado de outras religiões.
8. Grande prova da excelência de nossa doutrina consiste no fato de ter florescido simultaneamente com os felizes primórdios do império e nada de calamitoso tenha sucedido desde o reinado de Augusto, mas, ao invés, tudo tenha sido ilustre e glorioso, secundando os votos de todos.
9. Entre os demais, somente Nero e Domiciano, por insinuação de homens maléficos, quiseram submeter nossa doutrina a acusações; em seguida, por um costume infundado de calúnia, a mentira contra nós se difundiu.
10. Mas, teus piedosos antepassados corrigiram tal ignorância; freqüentemente escreveram a muitos, censurando os que haviam ousado inovar medidas relativas aos cristãos. Ora, entre eles, sem dúvida, teu avô Adriano escreveu a outros e ao procônsul Fundano, governador da Ásia. Teu pai, que então

decidia todas as questões conjuntamente com ele, a fim de que nada se inovasse em relação a nós, escreveu a algumas cidades, entre as quais às de Larissa, Tessalônica, Atenas e aos gregos, em geral.

11. E quanto a ti, que acerca dos cristãos possuis idêntico parecer, e de certo modo ainda mais inspirado por sentimentos humanitários e pela filosofia, estamos seguros de que farás tudo o que te rogamos.”

12. Esta a exposição apresentada pela obra que citamos. Nas *Éclogas* por ele exaradas, o mesmo autor, já no início do prefácio, cataloga os livros recebidos do Antigo Testamento. É oportuno reproduzi-lo aqui. Assim escreve:

13. “Melitão a Onésimo, seu irmão. Saudações. Visto que muitas vezes manifestaste o desejo, inspirado pelo zelo relativamente à doutrina, de possuir extratos da Lei e dos profetas sobre o Salvador e o conjunto de nossa fé, e ainda quiseste conhecer com exatidão o número dos antigos livros e a ordem que seguem, dediquei-me a tal tarefa, uma vez que conheço teu zelo pela fé e tua aplicação ao estudo da doutrina. O amor de Deus sobretudo faz com que o aprecies, enquanto lutas tendo em mira a salvação eterna.

14. Tendo ido, portanto, ao Oriente e tendo estado até mesmo no lugar onde a Escritura foi anunciada e cumprida,⁶⁷ tive exato conhecimento acerca dos livros do antigo Testamento. Levantei uma lista, que te envio. São os seguintes os seus nomes: de Moisés cinco livros: *Gênesis, Êxodo, Números, Levítico, Deuteronômio*; *Jesus Navé, Juízes, Ruth*; quatro livros dos *Reis*, dois dos *Paralipômenos*; *Salmos* de Davi, *Provérbios* ou *Sabedoria* de Salomão; *Eclesiastes, Cântico dos Cânticos, Jó*; profetas: *Isaías, Jeremias* e os Doze num só livro; *Daniel, Ezequiel, Esdras*. Destas obras extraí alguns trechos, que distribuí por seis livros.” Tais as palavras de Melitão.

CAPÍTULO 27

Apolinário

Em poder de muitos foram conservados livros em grande número de Apolinário. Chegaram até nós os seguintes: *O Discurso* ao imperador de que falei; cinco livros *Aos gregos, A verdade I e II; Aos judeus I e II*; depois os que compôs mais tarde contra a heresia dos frígios, que divulgou suas novidades um pouco mais tarde, mas que desde então começara de algum modo a brotar da terra: Montano e suas pseudoprofetisas apresentavam seus ensaios no erro.

CAPÍTULO 28

Musano

Mais acima foi mencionado Musano. Conta-se ter ele escrito uma obra muito austera, destinada a irmãos propensos à heresia chamada dos encratitas, então nos seus primórdios, e que introduzia na vida opiniões falsas, estranhas e nocivas.

CAPÍTULO 29

Heresia de Taciano

1. Diz-se que o chefe deste erro foi Taciano, cujas palavras a respeito do admirável Justino transcrevemos mais acima, e de quem afirmamos ter sido discípulo do mártir. Revela-o Ireneu no primeiro livro de *Contra as heresias*, onde escreve simultaneamente sobre Taciano e a heresia que criou:

2. “Oriundos de Saturnino e de Marcião, os chamados encratitas pregaram a abstenção do matrimônio, rejeitando a primitiva instituição divina e acusando tacitamente aquele que fez o homem e a mulher ordenados à finalidade da procriação; introduziram a abstinência da carne dos seres que, em sua opinião, são animados, mostrando-se ingratos para com Deus criador de todas as coisas, e recusaram aceitar a salvação do primeiro homem.
3. Inventaram tudo isso, mas foi certo Taciano o introdutor desta blasfêmia. Ele fora ouvinte de Justino. Enquanto esteve em sua companhia, nada disso manifestou; mas, após o martírio dele, separou-se da Igreja, exaltou-se com a presunção de ser mestre, e orgulhou-se, considerando-se diferente dos demais; imprimiu um caráter peculiar a sua escola e imaginou *eons* invisíveis, à semelhança dos discípulos de Valentino; declarou que o matrimônio era corrupção e luxúria, em concordância com Marcião e Saturnino; e, só por si, negou a idéia da salvação de Adão.”
4. Assim se exprimiu então Ireneu. Um pouco mais tarde, certo Severo deu mais força à dita heresia, o que ocasionou a seus sequazes receberem a denominação de severianos.
5. Eles utilizam, no entanto, a Lei, os profetas e os evangelhos, interpretando de maneira peculiar os pensamentos das Escrituras sagradas. Mas blasfemam contra o apóstolo Paulo, cujas cartas rejeitam e igualmente não aceitam os *Atos dos Apóstolos*.
6. Seu primeiro chefe, Taciano, elaborou uma compilação e um compêndio, não sei como, dos evangelhos, e deu-lhe o nome de *Diatessaron*. Alguns ainda o possuem. Afirma-se que ousou mudar determinadas expressões do Apóstolo, sob pretexto de corrigir a sintaxe.
7. Deixou numerosos escritos, entre os quais muitos mencionam especialmente o célebre discurso *Aos gregos*, em que rememora os tempos antigos e mostra que Moisés e os profetas dos hebreus são anteriores a todos os mais famosos autores gregos. Esse discurso aparenta ser o mais belo e útil de seus escritos. Tais as referências sobre esses homens.

CAPÍTULO 30

Bardesanes, o Sírio, e seus escritos

1. Durante o mesmo reinado, as heresias se multiplicaram na Mesopotâmia. Um homem muito capaz e bom dialético no idioma dos sírios, Bardesanes, compôs os *Diálogos* contra os marcionitas e alguns outros chefes de diversas doutrinas. Escreveu-os em sua língua e escrita materna, e ainda muitas outras obras. Esses diálogos foram traduzidos do siríaco para o grego por seus discípulos. Estes eram numerosos, porque ele possuía grande eloquência.
2. Entre seus livros encontram-se o diálogo muito hábil sobre *O destino*, dedicado a Antonino, e todos os outros escritos, exarados por ocasião da perseguição contemporânea.
3. No início, pertencera à escola de Valentino, mas depois desprezou-a e refutou a maior parte de seus mitos. Ele próprio julgou ter adotado uma visão mais ortodoxa. Não conseguiu, porém, libertar-se completamente da mácula da antiga heresia. Nesta ocasião morreu Sotero, bispo de Roma.

⁵⁶ Refere-se ao ano 109 d.C.

⁵⁷ Cf. abaixo livro 3,21. Trata-se de Cerdão.

⁵⁸ Não foi encontrada, até hoje, esta apologia. Alguns a identificam com a *Carta a Diogneto*. Sobre esta apologia e todas as outras do século II, cf. *Padres Apologistas*: Carta a Diogneto; Aristides; Taciano; Atenágoras; Teófilo de Antioquia e Hérmiás. Col. Patrística 2; 2ª ed., São Paulo: Paulus, 1999.

⁵⁹ Em Nm 26,17, Balaão profetiza que uma estrela sairá de Jacó. Bar-Kachba interpretou este oráculo como se realizando em sua

pessoa. Em 132, deu início e liderou a revolta que só terminaria em 135 com o massacre dos judeus e a destruição de Jerusalém. Para maiores informações sobre este assunto cf. M.J. LAGRANGE, *O messianismo entre os judeus*, Paris, 1909, pp. 309-325.

[60](#) Sobre Justino e suas obras, cf. *Justino de Roma. I e II Apologias e Diálogo com Trifão*, 2ª ed., Col. Patrística 3, São Paulo, Paulus, 1995.

[61](#) Cf. Ireneu, *Contra as heresias*, V, 24.16. Sobre Policarpo, sua vida e suas obras cf. *Padres Apostólicos*, 2ª ed., op. cit., pp. 129-157.

[62](#) Sobre Taciano, seus escritos e sua adesão ao encratismo, cf. *Padres Apologistas*, op. cit., pp. 57-109.

[63](#) Ireneu de Lião, *Contra as heresias*, Col. Patrística 4. São Paulo, Paulus, 1995, 4,18,1-9; 5,26,2.

[64](#) A sucessão dos bispos de Alexandria tem muitas lacunas. Trata-se do governo de Marco Aurélio, que começou seu reinado em 7/3/161.

[65](#) Nos capítulos seguintes, Eusébio retomará todas essas personagens e dará informações sobre cada uma.

[66](#) Cf. Teófilo de Antioquia, em *Padres Apostólicos*, op. cit., pp. 205-300.

[67](#) Melitão teria sido, na opinião de muitos, o mais antigo peregrino cristão na Terra Santa.

LIVRO QUINTO

1. Sotero, bispo da Igreja de Roma, chegou ao termo de sua vida no decurso do oitavo ano de episcopado. Sucedeu-lhe Eleutério, o décimo segundo a contar dos Apóstolos, no décimo sétimo ano do imperador Antonino Vero; nessa ocasião, em determinadas regiões da terra, mais intensamente reacendeu-se contra nós a perseguição. Em consequência de violências do povo de cada cidade, milhares de mártires se distinguiram, conforme é possível conjecturar por aquilo que sucedeu numa só nação, fatos esses que mereceram ser transmitidos por escrito aos pósteros, porque verdadeiramente dignos de memória imorredoura.
2. Inserimos o escrito com o relato completo desses acontecimentos no *Compêndio sobre os mártires*, que abrange não apenas a parte histórica, mas ainda uma explanação doutrinal. Quanto o permitir a presente obra, pretendo anexar aqui alguns extratos.
3. Os demais historiadores se limitaram a transmitir por escrito as vitórias nas guerras, os troféus conquistados dos inimigos, o valor dos generais, a coragem dos soldados, manchados de sangue e de milhares de homicídios em prol dos filhos, da pátria e de outros interesses.
4. Nós, porém, expomos nesta obra a conduta agradável a Deus, a saber, as guerras inteiramente pacíficas, atinentes apenas à paz da alma; e serão inscritos em colunas eternas os nomes daqueles que tiveram a coragem de combater mais em prol da verdade do que pela pátria, antes em favor da religião do que pelos entes mais amados. Igualmente, a resistência dos atletas da religião, a coragem demonstrada em tantas provações, os troféus conquistados contra os demônios, as vitórias alcançadas sobre inimigos invisíveis, as coroas definitivamente obtidas para eterna memória.

CAPÍTULO 1

Os que combateram, sob Vero, na Gália

1. Com efeito, na Gália achava-se o estádio em que se deram esses eventos. Superam as demais da região suas metrópoles ilustres, denominadas Lião e Vienne, ambas atravessadas pelo rio Ródano, cujas águas muito copiosas correm através de todo o país.
2. As ilustres Igrejas destas cidades enviaram um relatório acerca de seus mártires às Igrejas da Ásia e da Frigia, registrando do seguinte modo os eventos nelas ocorridos.
3. Reproduzirei textualmente suas palavras. “Os servos de Cristo, peregrinos em Vienne e Lião na Gália, aos irmãos da Ásia e da Frigia, possuidores, como nós, da mesma fé e idêntica esperança na redenção. Paz, graça e glória, da parte de Deus Pai e de Cristo Jesus, nosso Senhor.”
4. Em seguida, após algumas palavras de introdução, iniciam a narração da maneira seguinte: “Não somos capazes de traduzir exatamente, nem é possível expressar por escrito a enorme tribulação que nos adveio, a veemente cólera dos pagãos contra os santos, os sofrimentos todos a que foram submetidos os bem-aventurados mártires.
5. Efetivamente, com todas as forças, o adversário nos atacou, preludiando seguramente sua futura vinda. Atravessou todas as partes, preparando os seus e exercitando-os de antemão contra os servos de

Deus. Deste modo, não somente nos expulsaram das casas, das termas, da praça pública.

6. Mas ainda proibiram-nos inteiramente de comparecer em qualquer lugar. Entretanto, a graça de Deus nos conduzia ao combate. Afastava primeiro os fracos, e depois erguia perante o inimigo “colunas e sustentáculos” (1Tm 3,15), capazes pela perseverança de atrair sobre si toda a cólera do maligno (cf. Hb 10,33). Eles foram, portanto, ao seu encontro, suportando toda espécie de ultrajes e castigos. Considerando tudo isso de pouca monta, apressavam-se a ir para junto de Cristo, e demonstravam verdadeiramente que ‘os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que deverá revelar-se em nós’ (Rm 8,18).

7. Em primeiro lugar, toleravam com generosidade as inúmeras crueldades que a multidão inteira lhes infligia. Foram insultados, batidos, arrastados pelo chão, pilhados, apedrejados, encarcerados juntos. Suportaram tudo o que uma multidão enfurecida costuma aplicar a adversários particulares e a inimigos públicos.

8. E logo foram conduzidos ao fórum pelo tribuno e magistrados da cidade. Interrogados diante de todo o povo, e tendo confessado a fé, foram em seguida encarcerados até a chegada do legado.

9. Mais tarde, foram levados à presença do governador, que empregou a habitual crueldade contra nós. Ora, um dos irmãos, Vécio Epargato possuía caridade perfeita para com Deus e o próximo. De conduta exemplar, apesar de tão jovem, merecia o testemunho prestado ao velho sacerdote Zacarias, pois de modo irrepreensível, seguia todos os mandamentos e observâncias do Senhor (cf. Lc 1,6); sempre disposto a servir o próximo, era muito zeloso por Deus e fervoroso no Espírito. Por este motivo, não tolerou tão desarrazoado processo contra nós; vivamente exasperado, reclamou o direito de ser também ouvido em favor dos irmãos, a fim de demonstrar não sermos de forma alguma ateus nem ímpios.

10. Os circunstantes gritavam contra ele no tribunal, por ser figura de projeção. O legado não aturou a justa defesa que ele assim apresentava. Limitou-se a interrogá-lo se era também cristão. Tendo confessado a fé com voz vibrante, Vécio foi também elevado à fileira dos mártires, sendo apelidado de advogado dos cristãos. Possuía o Paráclito, o Espírito de Zacarias. Manifestou a plenitude do amor, comprazendo-se em defender os irmãos, com risco da própria vida (cf. 1Jo 3,16; 1Ts 2,8). Era, de fato, e ainda é, autêntico discípulo de Cristo. Segue o Cordeiro aonde quer que ele vá (cf. Ap 14,4).

11. Desde esse momento, houve uma distinção entre os demais. Achavam-se evidentemente preparados para dar testemunho os que prestaram com entusiasmo a confissão do martírio. Houve, contudo, outros despreparados, não exercitados, ainda fracos e incapazes de sustentar a tensão de um forte combate. Destes, mais ou menos dez caíram. Causaram-nos grande dor e desmedida tristeza. Quebrantaram também a coragem dos que não tinham sido presos e que, apesar de apavorados, davam, porém, assistência aos mártires e não os abandonavam.

12. Todos nós estávamos assustados, na incerteza a respeito de sua confissão. Não por temor dos suplícios, mas, na perspectiva do final, receávamos que algum sucumbisse.

13. Entretanto, diariamente eram aprisionados os que eram dignos, para se completar o número dos mártires, de sorte que foram presos dentre os fiéis das duas Igrejas os mais zelosos e responsáveis por aquilo que ali sucedia.

14. Até alguns pagãos, escravos dos nossos, foram presos, porque o governador oficialmente ordenara que todos nós fôssemos procurados. Estes, por astúcia de Satanás, ficaram apavorados à vista dos

suplícios que suportavam os santos. Instigados pelos soldados, falsamente nos acusaram de festins de Tiestes e incestos de Édipo, e de ações de que não nos é lícito falar, ou até mesmo imaginar, nem cremos jamais terem sido praticadas por homem algum.

15. Tais boatos, no entanto, difundiram-se e todos conceberam contra nós uma cólera feroz, de tal forma que alguns, anteriormente moderados devido a convivência conosco, tornaram-se violentamente hostis e rangiam os dentes contra nós (cf. At 7,54). Cumpriam a predição de nosso Senhor: ‘Virá a hora em que aquele que vos matar julgará realizar um ato de culto a Deus’ (Jo 16,2).

16. Só restava, por isso, aos santos mártires suportar torturas indescritíveis, enquanto Satanás tentava induzi-los a proferir alguma blasfêmia.

17. A cólera da plebe, do governador e dos soldados concentrou-se de forma desmesurada em Sancto, o diácono de Vienne, e em Maturo, neófito, mas nobre atleta; em Átalo, oriundo de Pérgamo, que sempre fora coluna e sustentáculo (cf. 1Tm 3,15) de todos os daqui; e enfim, Blandina. Através desta última, Cristo demonstrou que aquilo que parece aos homens simples, vulgar, inteiramente desprezível, junto de Deus é digno de grande glória, por causa do amor a ele, revelado pela virtude desprovida de orgulho por causa do exterior.

18. Todos nós, com sua senhora segundo a carne, também ela combatente entre os mártires, temíamos que Blandina não tivesse coragem de confessar a fé, devido à fraqueza corporal. Mas Blandina mostrou-se repleta de tal força que cansou e desanimou os que se alternavam para torturá-la, de manhã à tarde. Confessaram-se vencidos e nada mais podiam infligir-lhe. Espantavam-se de que ainda respirasse, tendo o corpo todo dilacerado e em feridas. Atestavam que uma só espécie desses suplícios bastaria para que expirasse, sem tantas e tamanhas torturas.

19. A bem-aventurada, contudo, qual nobre atleta, revigorava-se por meio da confissão. Constituíam-se-lhe reconforto, repouso, insensibilidade nos sofrimentos a declaração: ‘Sou cristã. Nada de mal praticamos’.

20. Por sua vez, Sancto superava tudo e suportava mais generosamente que todos os maus-tratos da parte dos homens. Os malvados (cf. 1Cor 9,21; Rm 2,12) esperavam que, devido à duração e intensidade dos tormentos, ouviriam dele palavras inconvenientes; mas ele lhes opôs tamanha constância que não declinou o próprio nome, nem o de seu país, nem o da cidade donde provinha, nem se era escravo ou livre, mas a todas as perguntas respondia em latim: ‘Sou cristão’. Isso confessava em vez do nome, da cidade, da raça, de tudo mais; nenhuma outra palavra os pagãos ouviram de sua boca.

21. Por isso, grande foi a emulação entre o governador e os algozes contra ele, de tal modo que, sem saber o que mais fazer, acabaram por aplicar-lhe chapas de cobre aquecidas ao fogo nos membros mais delicados do corpo.

22. Elas queimavam, enquanto ele permanecia inflexível, inabalável, firme na confissão, com o refrigério e a força provenientes da fonte celeste da água vivificante que sai do lado de Cristo (cf. Jo 7,38; 19,34).

23. Seu pobre corpo atestava o que lhe sucedera. Era uma só chaga e ferida; estava contraído, sem forma exterior humana (cf. Is 53,2.5). Cristo, que nele sofria, realizava grandes prodígios. Esmagava o adversário, e aos demais servia de exemplo (cf. 1Tm 1,16), mostrando que nada há de terrível onde está o amor ao Pai, nada de doloroso onde está a glória de Cristo.

24. Dias depois, os malvados, de fato, começaram a torturar o mártir. Pensavam que, tendo o corpo inchado e queimado, ele seria finalmente vencido se fossem renovadas as mesmas torturas, pois não suportava nem o contato das mãos. Ou, se expirasse nos suplícios, sua morte assustaria os outros. Nada disso, porém, aconteceu. Mas, contra toda previsão humana, o corpúsculo de Sancto se refez e se fortificou nos suplícios subseqüentes. Recuperou a primitiva forma e o uso dos membros, de sorte que a segunda tortura, pela graça de Cristo, não lhe serviu de castigo, e sim de cura.

25. Quanto a Biblida, uma das renegadas, parecia que o diabo já a havia devorado. Mas, quis ainda condená-la como blasfema. Conduziu-a à tortura a fim de forçá-la a proferir impiedades contra nós, pois havia sido fraca e pusilânime.

26. Mas, nas torturas, ela sacudiu o torpor e por assim dizer acordou de um profundo sono. A dor efêmera lembrou-lhe o tormento eterno na geena e fê-la replicar aos caluniadores: ‘Como eles comeriam criancinhas, se nem mesmo lhes é lícito beber o sangue dos irracionais?, (cf. At 15,29). Em seguida declarou-se cristã e foi agregada à fileira dos mártires.

27. Mas, se Cristo tornou vãos os tormentos tirânicos, através da paciência dos bem-aventurados, o diabo⁶⁸ excogitou outros artifícios: a prisão coletiva nas trevas de duríssimo cárcere, o deslocamento dos pés nos cepos até o quinto buraco e todos os outros tormentos que costumam infligir aos prisioneiros os subalternos furiosos e possessos do diabo. Assim, a maioria foi asfixiada na prisão, ao menos aqueles que o Senhor quis que morressem deste modo a fim de manifestar a sua glória.

28. Alguns, com efeito, que haviam sido cruelmente torturados, a ponto de parecer impossível que apesar de todos os cuidados dispensados continuassem a viver, subsistiram na prisão; privados de todo socorro humano, mas fortificados pelo Senhor, recuperaram o vigor corporal e espiritual e se fizeram consoladores e sustentáculo dos demais. Outros, ao contrário, ainda jovens e presos recentemente, cujos corpos não haviam sido previamente torturados, não suportaram o fardo do aprisionamento coletivo e morreram na cadeia.

29. O bem-aventurado Fotino, a quem fora confiado o múnus episcopal em Lião, tendo mais de noventa anos, corporalmente muito enfraquecido, mal podia respirar devido à aludida fraqueza física, mas sentia-se fortificado pelo impulso do Espírito e pelo grande desejo do martírio. Também ele foi arrastado ao tribunal. O corpo desfalecia pela velhice e a doença, mas retinha em si o espírito, a fim de que por meio dele Cristo triunfasse (cf. 2Cor 2,14).

30. Foi conduzido ao tribunal pelos soldados, seguido pelos magistrados da cidade e o povo, que lançava gritos variados, como se ele fosse o próprio Cristo. Ele, contudo, prestou belo testemunho (cf. 1Tm 6,13).

31. Interrogado pelo governador quem era o Deus dos cristãos, respondeu: ‘Se fores digno dele, tu o conhecerás’. Por isso, foi arrastado impiedosamente e suportou toda espécie de golpes. Os que estavam mais perto, ultrajaram-no de mãos e pés de todos os modos, sem nenhum respeito por sua idade. Os que estavam longe, jogavam-lhe em cima tudo o que tinham ao alcance das mãos. Consideravam-se todos grandes criminosos e ímpios, se não o tratassem de forma grosseira. Pensavam desta forma vingar os deuses. Mal respirava ao ser lançado no cárcere; após dois dias, expirou.

32. Então, houve grande intervenção de Deus e manifestou-se a misericórdia incomensurável de Jesus, tal como raramente sucede em nossa comunidade fraterna, mas bem adequada ao modo de agir de Cristo.

33. Ora, os que haviam apostatado, por ocasião do primeiro aprisionamento, achavam-se também detidos, e participavam das terríveis provações dos outros, pois, desta vez, a apostasia de nada lhes servira. Os que haviam confessado o que eram, estavam presos como cristãos, sem nenhum outro motivo de acusação. Os outros, ao contrário, estavam retidos enquanto homicidas e impudicos, e eram supliciados duas vezes mais que os fiéis.

34. Estes, de fato, sentiam-se aliviados pela alegria do martírio, a esperança das recompensas prometidas, o amor a Cristo e o Espírito do Pai. Os outros, ao contrário, eram gravemente atormentados pela consciência, de tal forma que entre os demais, seu aspecto os tornava reconhecíveis ao passarem.

35. Pois, uns avançavam sorridentes; glória e graça misturavam-se-lhes no rosto, de sorte que até mesmo os liames cercavam-nos de decente ornato, quais enfeites de franjas e bordados a ouro (Sl 44,14) de uma esposa; simultaneamente exalavam o bom odor de Cristo (2Cor 2,15) e alguns acreditavam que eles se haviam ungido com um perfume terreno. Os outros, ao invés, passavam de olhos baixos, humilhados, de aspecto triste, cheios de confusão; ainda mais, os próprios pagãos os insultavam, tratando-os de covardes e medrosos; eram acusados de homicídio, e haviam perdido a denominação cheia de honra, de glória e de vida. Ao presenciarem isso, os outros foram corroborados e os que eram aprisionados não hesitavam em confessar, sem mesmo cogitar de um raciocínio diabólico.”

36. Depois de alguns acréscimos, prossegue: “Além disso, o testemunho de sua morte tomou os mais variados aspectos. Com flores variegadas e de toda espécie, eles teceram a coroa a oferecer ao Pai. Convinha, de fato, que esses generosos atletas sustentassem diferentes combates e depois de obterem grande vitória, recebessem a preciosa coroa da incorruptibilidade.

37. Maturo, Sancto, Blandina e Átalo foram, portanto, lançados às feras publicamente para representarem um espectáculo comum dos sentimentos desumanos dos pagãos. Era justamente o dia de se realizarem pelos nossos os combates às feras.

38. Maturo e Sancto sofreram de novo no anfiteatro todas as espécies de tormentos, como se nada houvessem padecido anteriormente, ou antes já houvessem vencido o adversário por várias vezes, e só lhes restasse lutar a fim de alcançar a coroa. Novamente passaram como de costume pelos açoites, foram arrastados pelas feras, entregues a tudo o que um povo em delírio exigia por seus clamores, cada qual gritando por sua vez, sobretudo a cadeira de ferro, na qual os corpos exalavam cheiro de gordura queimada.

39. Os pagãos, mesmo assim, não se saciaram; cada vez mais furiosos, queriam vencer a constância dos mártires. De Sancto, não ouviram outra palavra a não ser a que tinha o hábito de repetir para confessar a fé, desde o começo.

40. Os mártires, portanto, visto que sua vida se prolongava ainda após longo combate, foram finalmente estrangulados. Naquele dia, substituindo os diversos combates singulares, eles tinham sido dados em espectáculo ao mundo (cf. 1Cor 4,9; Hb 10,33).

41. Quanto a Blandina, suspensa a um poste, estava exposta a ser devorada pelas feras, lançadas contra ela. Ao vê-la suspensa numa espécie de cruz, rezando em alta voz, os lutadores aumentavam sua coragem. Neste combate, contemplavam com os olhos corporais, em sua irmã, aquele que fora por eles crucificado. Era um modo de persuadir aos fiéis que têm parte eternamente com o Deus vivo os que sofrem pela glorificação de Cristo.

42. Naquele dia, nenhuma fera a tocou; desatada do poste, foi reconduzida à prisão e reservada para outro combate, a fim de que através de muitas vitórias confirmasse a irrevogável condenação da serpente sinuosa (Is 27,1) e servisse de exortação aos irmãos ela, a pequena, fraca, desprezível, mas revestida de Cristo (cf. Rm 13,14; Gl 3,27), grande e invencível atleta, que triunfara do adversário em muitos confrontos e através da luta obtivera a coroa da incorruptibilidade.

43. A plebe reclamava também com grandes clamores a presença de Átalo, pois era muito conhecido. Ele entrou na arena, como um lutador bem preparado para o combate, devido a uma consciência em paz; de fato, sinceramente se exercitara na disciplina cristã e sempre fora entre nós testemunha da verdade.

44. Fizeram-no dar uma volta pelo anfiteatro, precedido duma tabuleta com a inscrição latina: ‘Este é Átalo, o cristão’.⁶⁹ O povo estava extremamente irado contra ele. Mas o governador, informado de que era romano, ordenou que fosse reconduzido com os outros prisioneiros ao cárcere e escreveu sobre eles a César, ficando na expectativa da resposta.

45. As delongas não foram inúteis nem estéreis (2Pd 1,8). A paciência deles manifestou a incomensurável misericórdia de Cristo. Os vivos eram causa de vivificação dos mortos e os mártires comunicavam a graça aos que não eram mártires (cf. 2Cor 2,7; Cl 3,13). Foi grande alegria para a virgem mãe novamente acolher vivos os que rejeitara como mortos.

46. Por seu intermédio, os apóstatas na maioria reanimaram-se; de novo concebidos e reconfortados, aprenderam a confessar a fé. Sob suave influxo de Deus, que não quer a morte do pecador (cf. Ez 18,23; 33,11), mas é indulgente diante do arrependimento, vivos e corroborados, apresentaram-se ao tribunal, para mais um interrogatório do governador.

47. Entretanto, César respondeu que uns fossem submetidos à tortura, e que, ao invés, os que renegassem fossem libertados. Começara ali a festa solene, muito freqüentada por gente de todas as nações. O governador fez com que os bem-aventurados comparecessem ao tribunal de modo teatral, a fim de dá-los em espetáculo à multidão. Interrogou-os novamente. A quantos pareciam ter a cidadania romana, mandou cortar a cabeça; aos outros, entregou-os às feras.

48. Cristo foi magnificamente exaltado pelos que anteriormente haviam renegado. Então, a despeito da expectativa dos pagãos, confessavam a fé. Ora, eles eram interrogados à parte, como se devessem recuperar a liberdade. E quando confessavam a fé, eram agregados à porção dos mártires. Foram excluídos os que jamais tiveram o menor vestígio de fé, não estavam cômicos de possuir a veste nupcial (cf. Mt 22,11-13), nem tinham idéia do temor de Deus (cf. Rm 2,24), mas ao retrocederem os que eram filhos da perdição (cf. Jo 17,12), faziam com que se blasfemasse contra ‘o caminho’.

49. Todos os outros agregaram-se à Igreja. Durante o interrogatório, certo Alexandre, da nação frígia, médico de profissão, estabelecido havia anos nas Gálias, geralmente conhecido por seu amor a Deus e ousadia de linguagem (cf. At 4,29-31), e possuidor do carisma apostólico, estava de pé junto do tribunal e por sinais exortava-os à confissão. Aos que cercavam o tribunal ele parecia sentir dores de parto (cf. Gl 4,19).

50. A plebe, enfurecida ao ouvir a confissão de fé dos que anteriormente haviam apostatado, pôs-se a gritar contra Alexandre, como se fosse o responsável pelo fato. O governador mandou que comparecesse e perguntou-lhe quem era. Respondeu: ‘Cristão’. Irritado, o governador o condenou às feras. No dia seguinte, ordenou que entrasse na arena com Átalo; de fato, para agradar ao povo, o

governador havia de novo condenado Átalo às feras.

51. Os dois, passando por todos os instrumentos excogitados para suplício no anfiteatro, sustentaram forte combate e finalmente foram igualmente sacrificados. Alexandre não deixou escapar gemido nem suspiro, mas entretinha-se com Deus em seu coração.

52. Átalo, sentado na cadeira de ferro onde era queimado, enquanto se exalava o odor do corpo assado, disse à multidão em latim: ‘Vede. Devorar homens é o que fazeis. Nós, porém, não somos antropófagos e não praticamos crime algum’. Interrogado ainda sobre o nome de Deus, replicou: ‘Deus não tem nome como os homens’.

53. Em seguida, no último dia dos combates singulares, Blandina foi reconduzida com Pôntico, um rapaz de uns quinze anos. Diariamente, eram levados para assistirem aos suplícios dos outros; tentavam obrigá-los a jurar pelos ídolos dos pagãos. Mas, como se mantinham firmes e menosprezavam tal insistência, a multidão se enfureceu contra eles a ponto de não ter piedade alguma da idade pueril, nem respeito pelo sexo feminino.

54. Fizeram-nos passar por todas as torturas, e percorrer todo o ciclo dos suplícios. Tentaram forçar a um e outro a jurar, mas não conseguiram. Pôntico era exortado por sua irmã, de sorte que os pagãos viam ser ela quem o encorajava e fortificava. Depois de ter generosamente suportado todos os suplícios, exalou o último suspiro.

55. Restava a bem-aventurada Blandina, a última de todos, qual nobre mãe que tivesse exortado os filhos e os houvesse enviado vitoriosos a sua frente para junto do rei (cf. 2Mc 7,21-23; 27-29.41). Percorreu os mesmos combates que os filhos, e apressou-se cheia de alegria e regozijo para a partida, como convidada a um festim de núpcias e não como condenada às feras.

56. Após os açoites, as feras, a grelha, foi finalmente posta numa rede e lançada a um touro. Por muito tempo, foi projetada pelo animal, mas nada sentia do que lhe sucedia, por causa da esperança e da expectativa daquilo em que acreditara, entretendo-se com Cristo. Ela também foi sacrificada e os próprios pagãos declararam que jamais entre eles havia uma mulher sofrido tamanhas e tão numerosas torturas.

57. Mas, nem assim se saciaram o furor e a crueldade dos pagãos contra os santos. Superexcitadas pelo animal feroz, essas tribos selvagens e bárbaras dificilmente se apaziguaram e sua ira tomou peculiar aspecto contra os cadáveres.

58. Sua derrota, portanto, não os fazia baixar os olhos, por estarem privados de razão humana; ao contrário, mais se lhes inflamava a cólera, quais feras. O governador e o povo manifestavam contra nós idêntico e injusto ódio, cumprindo-se a palavra da Escritura: ‘Que o injusto cometa ainda a injustiça e que o justo pratique ainda a justiça’ (Ap 22,11).

59. De fato, jogaram aos cães os corpos dos que foram asfixiados na prisão, e vigiaram cuidadosamente os cadáveres, noite e dia, a fim de que nenhum fosse por nós sepultado. E ainda expuseram as relíquias deixadas pelas feras e pelo fogo, ora dilaceradas, ora carbonizadas; as cabeças e os troncos dos outros, deixados igualmente insepultos, eram guardados com cuidado pelos soldados durante muitos dias.

60. E alguns fremiam de raiva e rangiam os dentes (At 7,54) diante destes restos, procurando ainda maior suplício a lhes infligir; outros riam e zombavam, exaltando simultaneamente seus ídolos aos quais atribuíam os castigos; outros, mais moderados e aparentando compadecer-se comedidamente,

proferiam muitas censuras, dizendo: ‘Onde está seu Deus e que adiantou o culto que eles preferiram à própria vida?’

61. Eram estas as diferentes atitudes dos pagãos. Nós, porém, sentíamos grande pesar por não nos ser possível depositar na terra os seus corpos, pois nem a noite nos ajudava, nem o dinheiro seduzia, nem os pedidos comoviam os guardas. Vigiam de todos os modos, como se tivessem muito a ganhar se os corpos ficassem insepultos.”

62. Mais adiante, depois de outros assuntos, eles declaram: “Os corpos dos mártires foram, portanto, expostos de todos os modos e abandonados ao ar livre durante seis dias; depois foram queimados e reduzidos a cinzas pelos malvados que as jogaram no rio Ródano, a correr ali perto, a fim de nada restar deles sobre a terra.

63. Assim agiam como se pudessem vencer a Deus e privar os mortos de um renascimento, a fim de que, como eles afirmavam, os mártires ‘não tivessem esperança alguma de ressurreição, pois é devido à crença na ressurreição que eles introduzem um culto estrangeiro e novo e desprezam os suplícios, prontos a enfrentar a morte com alegria. Agora, vejamos se ressurgirão e se seu Deus pode socorrê-los e arrancá-los de nossas mãos.’ ”

CAPÍTULO 2

Os mártires, amigos de Deus, acolhem os lapsos

1. Foram esses os eventos que sobrevieram às Igrejas de Cristo, sob o imperador de que falamos. Em consequência, é lícito conjecturar com certa probabilidade o que sucedeu às outras províncias. Convém acrescentar outros trechos do mesmo escrito, em que a moderação e os sentimentos humanitários desses mártires são expressos nos seguintes termos:

2. “Eles se tornaram de tal forma êmulos e imitadores de Cristo, o qual ‘tinha a condição divina e não considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegou ciosamente (Fl 2,6), que, embora tivessem obtido tal glória e tivessem dado testemunho não só uma ou duas, mas repetidas vezes, e tivessem sido retirados de junto das feras cobertos de queimaduras, de feridas, de chagas, não somente não se proclamavam mártires, mas nem nos permitiam chamá-los por este nome, e se por vezes um de nós, por carta ou oralmente lhes desse o apelativo de mártires, eles o repreendiam amargamente.

3. De bom grado gostavam de reservar o título de mártir a Cristo, o mártir fiel e verdadeiro (Ap 3,14), o primogênito dentre os mortos, ‘o Príncipe da vida’ divina (Cl 1,18; Ap 1,5; At 3,15). Recordavam-se igualmente dos mártires que já haviam partido desta vida e afirmavam: ‘Já são mártires os que Cristo se dignou levar durante sua confissão, após ter gravado neles, pela morte, o selo do martírio. Quanto a nós, somos apenas pequenos e humildes confessores’. E com lágrimas, exortavam os irmãos, pedindo-lhes instantes orações a fim de que pudessem chegar à consumação.

4. E demonstravam a fortaleza do martírio em atos, agindo com a mais completa ousadia de linguagem em relação aos pagãos e revelando pela paciência nobreza de espírito, intrepidez, firmeza. De outro lado, recusavam receber dos irmãos o nome de mártires, pois estavam repletos do temor de Deus.”

5. E pouco mais adiante, ainda declaravam: “Eles se humilhavam sob a poderosa mão, pela qual agora foram devidamente exaltados (1Pd 5,6). Então, defendiam a todos e a ninguém acusavam; desligavam a todos e a ninguém ligavam (cf. Mt 16,19; 18,18); rezavam por aqueles que lhes infligiam suplício, como Estêvão, o mártir perfeito: ‘Senhor, não lhes imputes este pecado’ (At 7,60). Se ele rezou por

aqueles que o apedrejavam, quanto mais não o faria pelos irmãos.”

6. Após outros fatos, dizem ainda: “O maior combate travado contra a besta consistiu em lutar, movidos por autêntica caridade, a fim de que ela, sufocada, rejeitasse aqueles que inicialmente pensara já ter engolido. Por conseguinte, não demonstraram orgulho (cf. Gl 6,4) diante dos lapsos, mas, com os bens superabundantes que possuíam, foram em socorro dos mais necessitados, oferecendo-lhes vísceras maternas; derramando lágrimas copiosas diante do Pai, impetraram vida para eles.

7. E a obtiveram (cf. Sl 20,5). Distribuíram-na entre os próximos. Totalmente vencedores, retornaram para junto de Deus. Sempre amantes da paz, no-la transmitiram. Foram em paz para junto de Deus, e não causaram pesar à mãe, nem perturbação ou luta aos irmãos, mas deixaram-lhes alegria, paz, concórdia, caridade” (cf. Gl 5,22).

8. Era proveitoso citar ainda essa passagem a respeito do amor destes bem-aventurados para com os irmãos lapsos, porque mais tarde foram adotadas disposições desumanas, implacáveis, impiedosas para com alguns membros de Cristo.

CAPÍTULO 3

Aparição em sonho ao mártir Átalo

1. O mencionado escrito sobre os mártires contém ainda outro relato digno de nota, que não oferece risco em ser levado ao conhecimento de futuros leitores. Ei-lo:

2. Certo Alcibíades, que se encontrava entre eles, levava vida muito austera, e anteriormente não tomava outro alimento senão pão e água; mesmo na prisão, experimentou viver deste modo. Átalo, após o primeiro combate no anfiteatro, teve uma revelação de que Alcibíades não fazia bem em não utilizar os bens criados por Deus e servia de escândalo aos demais.

3. Alcibíades convenceu-se disso; tomou sem escrúpulo toda espécie de alimento e deu graças a Deus. Com efeito, aos mártires não faltavam as visitas da graça de Deus e o Espírito Santo era seu conselheiro. Mas, sobre o assunto basta.

4. Montano⁷⁰ e seus discípulos, Alcibíades e Teódoto começavam justamente então, na Frígia, a espalhar entre muitos seu conceito de profecia. Ora, outras inúmeras maravilhas do carisma divino aconteciam até então em diferentes Igrejas e levavam muitos a crer que esses homens também profetizavam. Como surgisse uma dissensão a respeito deles, os irmãos da Gália por sua vez apresentaram seu próprio juízo acerca disso, julgamento prudente e inteiramente ortodoxo, e mostraram várias cartas dos mártires que haviam chegado ao termo de sua carreira entre eles. Esses as haviam escrito quando ainda em cadeias, aos irmãos da Ásia e da Frígia e igualmente a Eleutério, então bispo de Roma, e trataram de obter a paz para as Igrejas.

CAPÍTULO 4

Recomendação epistolar de Ireneu

1. Os mesmos mártires recomendaram também Ireneu, então sacerdote da comunidade de Lião, ao bispo de Roma que acabamos de mencionar, dando a respeito dele muitos testemunhos, conforme demonstram suas próprias palavras:

2. “Suplicamos a Deus que agora e sempre nele te regozijes, pai Eleutério (cf. Ap 1,9). Encarregamos

de entregar-te essas cartas nosso irmão e companheiro, Ireneu, pedindo que o estimes enquanto zelador do testamento de Cristo. Se soubéssemos que a posição social traz justiça para alguém, nós o apresentaríamos primeiro enquanto sacerdote da Igreja, o que de fato ele é.”

3. Ocioso seria transcrever a lista dos mártires inserida no escrito supramencionado: os que morreram decapitados, os que foram expostos às feras para serem devorados, os que adormeceram na prisão, o número dos confessores sobreviventes. A quem o desejar, será fácil conhecer essas listas completas, tomando em mãos a carta por nós incluída no Compêndio dos mártires, segundo minhas referências. Esses eventos, porém, ocorreram sob Antonino.

CAPÍTULO 5

Orações dos nossos em favor de Marco Aurélio são atendidas

1. Conta-se que o irmão deste último, Marco Aurélio César, ao dispor suas tropas em linha de batalha contra germanos e sármatas, viu-se impossibilitado de combater por causa da sede que atormentava os soldados. Ora, os soldados da legião denominada melitena, agindo conforme a fé que os sustentara de então até agora nos combates contra os inimigos, puseram os joelhos em terra, segundo nossa habitual maneira de rezar e dirigiram súplicas a Deus.

2. Diante deste espetáculo os inimigos ficaram espantados. Narra-se, porém, que outro fato mais espantoso surpreendeu-os imediatamente: Uma tempestade violenta pôs em fuga e aniquilou os inimigos, enquanto a chuva reanimava o exército dos que haviam invocado a divindade e que totalmente corria o perigo de morrer de sede.

3. Esta narrativa é registrada mesmo por historiadores estranhos⁷¹ a nossa doutrina, mas que se ocuparam em escrever a respeito dos imperadores de que tratamos; é fato notório também aos nossos.

Os historiadores de fora, contudo, enquanto estranhos à nossa crença, anotam o fato maravilhoso, apesar de não confessarem que foi em consequência da oração dos nossos. Por esses últimos, contudo, amigos como são da verdade, o acontecimento é relatado de modo simples e sem malícia.

4. Entre eles acha-se Apolinário. Afirma que, desde então, a legião que, pela oração, realizara o prodígio, recebera do imperador um apelativo de acordo com o acontecimento; o significado do nome latino é Fulminante.

5. Testemunha fidedigna desses fatos vem a ser também Tertuliano. Numa apologia da fé, dirigida em latim ao Senado, e já anteriormente citada, ele confirma a narrativa por meio de demonstração mais forte e mais comprobatória.

6. Anota, portanto, que em seu tempo existia ainda uma carta de Marco, o imperador mais inteligente, em que ele próprio atesta ter sido seu exército, em perigo de perecer na Germânia, devido à falta de água, salvo por intermédio das preces dos cristãos. Acrescenta que o imperador ameaçou de morte os que tentassem acusar-nos.

7. Adita a essas declarações o mesmo escritor: “De que espécie são, portanto, essas leis, que perseguem somente a nós, ímpias, injustas, cruéis? Vespasiano não as observou, apesar de ter vencido os judeus, Trajano parcialmente as reduziu a nada, proibindo dar busca aos cristãos. Nem Adriano, que se ocupava de todos os pormenores, nem o que tinha o sobrenome de Pio, as aplicaram”. Mas, coloque-se isto onde se quiser.

8. Quanto a nós, passemos à descrição dos acontecimentos subseqüentes. Havendo Potino consumado

sua vida aos 90 anos em companhia dos mártires da Gália, Ireneu recebeu a sucessão no episcopado da comunidade cristã de Lião, que era dirigida por Potino. Tivemos notícia de que na juventude ele foi ouvinte de Policarpo.

9. Ireneu, no terceiro livro de *Contra as heresias*, fornece a lista da sucessão dos bispos de Roma, até Eleutério, de cuja época estudamos os eventos. Tendo elaborado a obra durante o episcopado deste último, é a seguinte a lista que apresenta:

CAPÍTULO 6

Catálogo dos bispos de Roma

1. “Após ter fundado e edificado a Igreja, os bem-aventurados apóstolos entregaram a Lino o múnus episcopal. Lino é mencionado por Paulo em carta a Timóteo (cf. 2Tm 4,21). Sucedeu-lhe Aniceto.

2. Depois dele, o terceiro após os apóstolos que obteve o episcopado foi Clemente, que também vira os bem-aventurados apóstolos e tivera trato com eles. A pregação dos apóstolos ressoava-lhe ainda nos ouvidos e tinha diante dos olhos a doutrina que transmitiram. Não era o único, pois restavam ainda nesta época muitos dos que haviam sido instruídos pelos apóstolos.

3. Ora, sob Clemente, grave divergência surgiu entre os irmãos de Corinto. A Igreja de Roma enviou aos coríntios importante carta, exortando-os à paz e procurando reavivar-lhes a fé, assim como a tradição que, há pouco tempo, ela havia recebido dos apóstolos.” Um pouco mais adiante, ele diz:

4. “A Clemente sucedeu Evaristo; a Evaristo, Alexandre; depois, em sexto lugar desde os apóstolos, foi estabelecido Xisto; logo, Telésforo, que prestou glorioso testemunho; em seguida, Higino; após este, Pio, e depois, Aniceto. Tendo sido Sotero o sucessor de Aniceto, agora detém o múnus episcopal Eleutério, que ocupa o duodécimo lugar na sucessão apostólica.

5. Em idêntica ordem e idêntico ensinamento na Igreja, a tradição proveniente dos apóstolos e o anúncio da verdade chegaram até nós.”

CAPÍTULO 7

Ainda naquela época os fiéis realizam prodígios

1. Em concordância com o que escrevemos precedentemente estão os relatos de Ireneu nos cinco livros intitulados *Refutação e demolição da chamada falsa gnose* (cf. 1Tm 6,20). No segundo livro da mesma obra, ele assinala existirem ainda até então, em determinadas Igrejas, sinais de maravilhoso poder divino, nesses termos:

2. “Longe deles o pensamento de ressuscitar um morto, como fez o Senhor e como obtiveram os apóstolos por meio da oração. Aconteceu, porém, mais de uma vez na comunidade dos irmãos que, em caso de necessidade, toda a Igreja local o pedia com muitos jejuns e súplicas; o espírito do defunto voltava e, atendida a oração dos santos, ele revivia”. Ireneu observa ainda após outras notas:⁷²

3. Se eles assegurarem ainda ter o Senhor só aparentemente operado tais coisas, reportamo-nos aos livros dos profetas; em concordância com estes, demonstrar-lhes-emos que tudo não apenas foi predito desta forma, mas foi exatamente realizado e que só ele é o Filho de Deus. Por esta razão, é também em seu nome que os verdadeiros discípulos, pela graça, praticam a beneficência, segundo o dom que recebeu cada qual (cf. Ef 4,7).

4. Uns, de fato, expulsam os demônios com firmeza e em realidade, de tal modo que muitas vezes os

que se viram livres dos espíritos malignos crêem e permanecem na Igreja. Outros têm presciência do futuro, visões, palavras proféticas, outros curam os doentes por imposição das mãos e restituem-lhes a saúde; ainda no presente, conforme dissemos, até mortos ressuscitam e vivem conosco por bastante tempo. E então?

5. Impossível calcular o número dos carismas que, no mundo inteiro, a Igreja recebe de Deus, em nome de Jesus Cristo, crucificado sob Pôncio Pilatos. Ela os emprega diariamente para beneficiar os gentios, sem defraudar, nem reclamar dinheiro. Recebeu gratuitamente da parte de Deus (Mt 10,8), distribui grátis.”

6. E em outra passagem, escreve o mesmo Ireneu: “Conforme ouvimos, na Igreja muitos irmãos são dotados de carismas proféticos e por ação do Espírito falam todas as línguas; manifestam, quando de proveito, os segredos dos homens e explicam os mistérios de Deus”. Estas as referências sobre a permanência, até a época de que tratamos, dos diferenciados carismas naqueles que eram dignos.

CAPÍTULO 8

Como Ireneu cita as Escrituras

1. Uma vez que, no começo desta, prometemos transcrever oportunamente as palavras dos antigos presbíteros e escritores eclesiásticos, que nos transmitiram por escrito as tradições que receberam sobre as Escrituras canônicas, e Ireneu é um deles, conseqüentemente citaremos suas palavras.

2. E em primeiro lugar as pertencentes aos santos evangelhos. São as seguintes: “Mateus, no entanto, publicou entre os hebreus e em sua própria língua um Evangelho escrito, enquanto Pedro e Paulo anunciavam a boa nova em Roma e lançavam os fundamentos da Igreja.

3. Mas, após a morte deles, Marcos, discípulo e intérprete de Pedro, transmitiu-nos por escrito igualmente o que Pedro pregara. Lucas, porém, companheiro de Paulo, deixou num livro o Evangelho pregado por este último.

4. Enfim, João, o discípulo que reclinou sobre o peito do Senhor (Jo 13,25; 21,20), publicou também ele um evangelho, enquanto residia em Éfeso, na Ásia.”

5. São referências do autor citado, no terceiro livro da mencionada obra. No quinto livro, traz a seguinte explanação acerca do Apocalipse de João e do número do nome do Anticristo (cf. Ap 13,18): “Assim sendo, e estando este número inserido em todas as cópias mais exatas e antigas, como igualmente atestam os que viram a João, com os próprios olhos, a razão nos adverte que o número do nome da besta apresenta-se conforme o modo de calcular dos gregos e as letras deste nome”.

6. Um pouco mais adiante, diz a respeito do mesmo nome: “Não nos arriscamos a um pronunciamento seguro acerca do nome do Anticristo, pois se tivesse sido oportuno proclamá-lo abertamente agora, teria sido declarado pelo vidente do Apocalipse. Efetivamente não há muito se deram as visões, mas aconteceram quase em nossa geração, pelos fins do reinado de Domiciano”.

7. É isto o que Ireneu conta acerca do Apocalipse. Faz igualmente menção da primeira carta de João e inclui sobre ela inúmeros testemunhos. De maneira semelhante, em relação à primeira carta de Pedro. Não apenas conhece, mas ainda acolhe bem o escrito do *Pastor*, dizendo: “É, portanto, de uma bela maneira que diz a Escritura: Primeiro, acredita que há um só Deus; ele tudo criou, tudo ordenou” etc.

8. Emprega ainda certas palavras extraídas do livro da Sabedoria de Salomão, quase literalmente: “A visão de Deus produz a incorruptibilidade, e a incorruptibilidade aproxima de Deus” (Sb 6, 20).

Relembra ainda as *Memórias* de certo presbítero apostólico, cujo nome silencia, e cita suas *Exegeses das Escrituras divinas*.

9. Faz também memória do mártir Justino e de Inácio, e ainda utiliza testemunhos extraídos de seus escritos. Promete também refutar numa obra especial Marcião, analisando suas próprias obras.

10. No tocante à versão das Escrituras inspiradas, elaborada pelos Setenta, ouve o que observa textualmente: “Deus, portanto, fez-se homem e o próprio Senhor nos salvou, dando o sinal da Virgem, mas não como dizem no presente alguns que ousam alterar a tradução da Escritura: ‘Eis que a jovem conceberá e dará à luz um filho’ (Is 7,14). Deste modo traduzem Teodocião de Éfeso e Áquila do Ponto, ambos prosélitos judeus; imitando-os, os ebionitas dizem que Cristo nasceu de José”.

11. Pouco mais adiante, prossegue: “Antes que os romanos tivessem estabelecido o império, e quando os macedônios ainda dominavam a Ásia, Ptolomeu, filho de Lagos, muito desejoso de enriquecer com os melhores escritos dos homens a biblioteca que instituía em Alexandria, pediu aos habitantes de Jerusalém suas Escrituras traduzidas para a língua grega.

12. Estes, naquela época ainda sujeitos aos macedônios, enviaram a Ptolomeu setenta anciãos, dos mais peritos nas Escrituras e no conhecimento das duas línguas e realizou-se desta forma o plano de Deus.

13. Ptolomeu, querendo provar particularmente a perícia de cada um, e a fim de evitar que, por confronto entre si, eles falseassem na tradução a verdade contida nas Escrituras, separou-os uns dos outros e ordenou-lhes que todos escrevessem a tradução do mesmo texto; assim fez relativamente a todos os Livros.

14. Mas, ao se reunirem no mesmo lugar com Ptolomeu, e conferindo as traduções, Deus foi glorificado e as Escrituras foram reconhecidas como realmente divinas, pois todos haviam expressado idéias idênticas com idênticas palavras, idênticos nomes, do começo ao fim. Desta forma, até os pagãos presentes reconheceram terem sido as Escrituras traduzidas sob inspiração de Deus.

15. Não é de admirar tenha Deus agido desta maneira. Efetivamente, perdidas as Escrituras por ocasião do cativeiro do povo sob Nabucodonosor, e tendo os judeus após setenta anos regressado a seu país, mais adiante, no tempo de Artaxerxes, rei dos persas, ele próprio inspirou ao sacerdote Esdras da tribo de Levi (cf. Esd 9,38-41) relativamente à reconstituição das palavras dos profetas anteriores e à restauração entre o povo da legislação promulgada por Moisés.” Eis o que disse Ireneu.

CAPÍTULO 9

Bispos sob o império de Cômodo

Depois que Antonino esteve dezenove anos no governo, Cômodo obteve o poder. No primeiro ano de seu reinado, Juliano assumiu o episcopado das Igrejas de Alexandria, depois de ter Agripino desempenhado suas funções durante doze anos.

CAPÍTULO 10

O filósofo Panteno

1. Então, um homem muito famoso por sua cultura dirigia a escola dos fiéis da região. Chamava-se Panteno. Segundo antigo costume, havia entre eles uma escola das Letras sagradas. Esta escola perdura até nós e soubemos que se acha em mãos de homens poderosos em palavras e zelosos pelas

coisas de Deus. Conta-se ter sido o mestre de que falamos um dos mais brilhantes da época, oriundo como era da escola filosófica denominada dos estóicos.

2. Diz-se ter ele demonstrado tal ardor e disposições tão corajosas em relação à palavra divina que foi igualmente assinalado como arauto do evangelho de Cristo nas nações do Oriente, tendo ido até as terras das Índias. Havia, de fato, naquele tempo grande número de evangelizadores da palavra, divinamente zelosos e empenhados em imitar os apóstolos, com a meta de propagar e implantar a palavra divina.

3. Destes, foi também Panteno. Afirma-se que alcançou as Índias. Conta-se ainda que precedentemente o evangelho de Mateus chegara a alguns habitantes da região, que já haviam tido conhecimento de Cristo. A esses, Bartolomeu, um dos Apóstolos, teria pregado e lhes haveria deixado, em hebraico, o escrito de Mateus, preservado até a época de que falamos.

4. Entretanto, após diferentes obras boas, Panteno dirigiu por fim a escola de Alexandria, expondo oralmente e por escrito os tesouros da doutrina divina.

CAPÍTULO 11

Clemente de Alexandria

1. Nesta ocasião, em Alexandria, Clemente,⁷³ homônimo do antigo discípulo dos apóstolos que havia dirigido a Igreja de Roma, celebrizou-se, exercitando-se nas Escrituras divinas.

2. Nas *Hypotyposes* por ele elaboradas, relembra nominalmente Panteno, na qualidade de seu mestre, e parece-me que ainda alude a ele no primeiro livro dos *Stromata*, quando, ao designar os membros mais importantes da sucessão apostólica, conforme lhe foi comunicada, afirma o seguinte:

3. Esta obra não é um escrito composto segundo as regras da arte, por ostentação, mas um tesouro de notas para minha velhice, remédios contra o esquecimento, imagem sem artifícios, simples esboço de ensinamentos claros e espirituais que mereci ouvir da boca de homens felizes e eméritos.

4. Um deles, Jônico, morava na Grécia, outros na grande Grécia — um deles era da Celessíria, o segundo do Egito —, outros residentes no Oriente: um era da Assíria, outro da Palestina, hebreu de nascença; junto do último que encontrei — o mais instruído! — me detive. Persegui suas pegadas no Egito, onde ele se escondia.

5. Esses mestres, que guardaram a verdadeira tradição da feliz doutrina recebida, como que transmitida de pai a filho, oriunda imediatamente dos santos Apóstolos Pedro e Tiago, João e Paulo (poucos são, contudo, os filhos semelhantes aos pais), chegaram até nossos dias, por dom de Deus, a fim de lançar as sementes de seus antepassados e dos apóstolos em nossos corações.”⁷⁴

CAPÍTULO 12

Bispos de Jerusalém

1. Nesta época, era famoso o bispo da Igreja de Jerusalém Narciso, até hoje muito conhecido. Foi o décimo quinto sucessor, após a guerra judaica, sob Adriano. Mostramos que, desde então, a Igreja local constava de gentios, substitutos dos membros da circuncisão e que Marcos foi o seu primeiro bispo proveniente dos gentios.

2. Depois dele, as listas dos sucessivos bispos desta região registram Cassiano; em seguida Públio, depois Máximo; após estes, Juliano, e em seguida Caio; depois dele Símaco, outro Caio, e ainda um

Juliano, após Capitão, a seguir Valente e Doliguiano; por fim Narciso, o trigésimo a contar dos apóstolos, na sucessão regular dos bispos.

CAPÍTULO 13

Rodão e as dissensões entre os marcionitas

1. Então, viveu também Rodão, de origem asiática, e segundo o que ele próprio declara, discípulo em Roma de Taciano, que já conhecemos precedentemente. Escreveu vários livros e opôs-se entre outros, à heresia de Marcião. Conta que, em seu tempo, esta se dividia em diversas seitas; enumera as que causaram tal divisão e refuta cuidadosamente as falsas doutrinas que inventou cada uma.
2. Escuta, portanto, suas próprias palavras: “Por isso, estão em desacordo entre si; contrapõem uns aos outros doutrinas inconsistentes. De fato, Apeles, um dos integrantes de seu grupo, estimado pelo estilo de vida e idade avançada, confessa haver um só princípio, mas persuadido pelas afirmações de uma virgem demoníaca, chamada Filomena, diz que os profetas se originam de um espírito hostil.
3. Outros, porém, até o próprio Marcião, o nauta, afirmam haver dois princípios. Entre esses últimos estão Potito e Basílico,
4. sequazes do lobo do Ponto. Não conseguindo, como também ele, encontrar o fundamento da diferenciação das coisas, adotam a solução mais fácil e afirmam simplesmente haver dois princípios, sem nenhuma comprovação. Outros ainda deles se apartaram e apresentaram solução ainda pior. Supõem haver não somente duas, mas três naturezas. Seu chefe e autor é Sineros, conforme o chamam os representantes de sua escola.”
5. O mesmo Rodão descreve seu relacionamento com Apeles, nesses termos: “O velho Apeles, porém, dialogando conosco, foi convencido de que proferia muitos erros. Em conseqüência, começou a dizer que não é absolutamente necessário pesar estritamente as palavras, mas cada qual devia perseverar em suas próprias crenças. Assegurava que todos os que tinham posto sua esperança no crucificado seriam salvos, contanto que se encontrassem em exercício de boas obras. Declarava além disso que para ele a mais obscura das questões era, como acabamos de dizer, a doutrina acerca de Deus. Afirmava, de fato, que há apenas um só princípio, conforme também nós próprios ensinamos.”
6. Após a exposição de todas as opiniões de Apeles, Rodão prossegue: “Quando lhe perguntei: ‘Donde tiras a prova, ou como podes falar de um só princípio? Dize-nos!’, replicou que as profecias contradizem-se, porque nada contêm de verdadeiro. Efetivamente, são discordantes, falsas e opostas entre si. Quanto a saber por que há um só princípio, respondeu ignorar, mas sentir que é assim.
7. Em seguida, porque eu o adjurei a dizer a verdade, jurou ser veraz e que não sabia como havia um só Deus ingênito, mas nisso acreditava. Pus-me, então, a rir, e censurei-o pela pretensão de ser mestre, sem dominar a matéria que ensinava.”
8. No mesmo escrito, dirige-se a Calistião e confessa que ele próprio foi em Roma discípulo de Taciano. Declara que um livro intitulado *Problemas* foi exarado por Taciano, no qual prometia expor as obscuridades e os segredos das Escrituras divinas, enquanto ele próprio, Rodão, anuncia que apresentará numa obra soluções aos problemas de Taciano. Consta ainda que compôs um comentário ao *Hexaemeron*.
9. Apeles, porém, pronunciou mil impiedades contra a lei de Moisés, tendo blasfemado em numerosas obras contra as palavras divinas e, ao menos ao que parece, fez destas palavras crítica e refutação

muito extensa. São essas as notas sobre o assunto.

CAPÍTULO 14

Falsos profetas catafrígios

O inimigo da Igreja de Deus, em grau máximo adversário do bem e amigo do mal, que jamais omitiu qualquer espécie de maquinação contra os homens, operava para ainda produzir heresias alheias contra a Igreja. Alguns dentre os hereges, à maneira de serpentes venenosas, insinuavam-se na Ásia e na Frígia, exaltando Montano, como se fosse o Paráclito, e as duas companheiras suas, Priscila e Maximila, quais profetisas de Montano.⁷⁵

CAPÍTULO 15

Cisma dos seguidores de Blastos em Roma

Os outros medravam em Roma, chefiados por Florino, que abandonara o sacerdócio da Igreja, e por Blasto, que com ele se precipitara em queda semelhante. Arrancavam muitos fiéis da Igreja, e submetiam-nos a seus planos; cada qual se empenhava de modo peculiar em inovações relativamente à verdade.

CAPÍTULO 16

Fatos que ele aponta acerca de Montano

1. Contra a heresia chamada catafrígia, o poder defensivo da verdade suscitou, qual arma forte e invencível, Apolinário de Hierápolis, de que anteriormente fizemos menção, e com ele muitos outros peritos nesta época. Deixaram-nos ampla matéria para nossa narrativa.

2. Um dos supracitados escritores, no começo de uma obra contra esses hereges, assinala ter havido também discussões orais para refutá-los. Começa do seguinte modo:

3. “Caro Arvício Marcelo. Há muito, um espaço de tempo bem ponderável, que me ordenaste escrever contra a heresia dos chamados partidários de Milcíades. Hesitei até agora, não por achar impossível impugnar a mentira e dar testemunho da verdade, mas porque receava e evitava com cuidado parecer de certo modo adicionar ou retirar algo (cf. Ap 22,18-19) à palavra evangélica do Novo Testamento, onde é impossível acréscimo ou corte para quem escolheu proceder de acordo com o próprio evangelho.

4. Recentemente eu estava em Ancira da Galácia e encontrei a Igreja local perturbada pela novidade, não da profecia, conforme eles dizem, mas antes da pseudoprofecia, como será demonstrado. À medida que pude, com o auxílio do Senhor, discutimos em todas as ocasiões a respeito deles e dos argumentos que apresentam, durante vários dias, em comunidade. Assim, a Igreja se alegrou e fortificou na verdade; os adversários foram na oportunidade batidos e nossos inimigos se contristaram.

5. Dignaram-se, então, os presbíteros dali, na presença de nosso co-presbítero Zótico de Otrus, pedir que lhes deixasse um memorial escrito do que fora proferido contra os inimigos da palavra da verdade. Não o fizemos, mas prometemos escrever depois daqui, se Deus o quisesse, e enviar-lhes a obra sem demora.”

6. Após esta declaração e outras mais no início do livro, ele anota deste modo a causa da mencionada

heresia: “A causa de sua oposição atual e da nova heresia que os separa da Igreja é a seguinte:

7. “Diz-se haver na Mísia, nos limites da Frígia, uma aldeia chamada Ardabau e ali, em primeiro lugar, um dos novos crentes, chamado Montano, quando Grato era procônsul da Ásia, deu acesso ao inimigo, levado pela ambição imoderada de ocupar os primeiros lugares. Como um possesso, em falso êxtase, pôs-se a falar em seus excessos, a proferir palavras estranhas e a profetizar de forma inteiramente oposta ao uso tradicional conservado pela antiga tradição da Igreja.

8. Entre os ouvintes destes discursos corruptos, uns, não suportando essa espécie de energúmeno, demoníaco, possesso do espírito do erro, que perturbava as multidões, censuravam-no e impediam-no de falar, lembrados da exposição do Senhor e da advertência sobre a vigilância acerca da vinda dos falsos profetas (Mt 7,15). Outros, ao invés, como que exaltados por causa do Espírito Santo e do carisma profético, sobretudo inchados de orgulho e esquecidos da exortação do Senhor, estimulavam o espírito insensato, lisonjeiro e sedutor do povo, encantados e enganados por ele a ponto de se tornar impossível fazer com que se calasse.

9. Por algum artifício ou antes por tais malefícios, o diabo planejava a perdição dos que não lhe obedeciam e de modo indigno fazia-se cultuar por eles. Excitava e inflamava o espírito deles já entorpecido, longe da verdadeira fé. Suscitou ainda duas mulheres, repletas de um espírito bastardo, que se puseram a falar insensatamente e a contratempo, de modo estranho, semelhante a ele. Este espírito proclamava bem-aventurados os que se alegrassem com ele e dele se glóriassem e ensoberbecia-os através da grandeza de suas promessas. Por vezes também, fazia-lhes censuras muito justas e dignas de crédito, a fim de mostrar-se capaz de repreender; mas poucos eram os frígios que se iludiam. O espírito de arrogância ensinava ainda a blasfemar contra a Igreja católica, difundida sob o céu, porque não honrava sua falsa profecia, que nela nem tinha acesso.

10. Ora, os fiéis da Ásia reuniram-se freqüentemente em muitos lugares por causa disto. Examinaram os novos discursos e consideraram-nos profanos. E condenada a heresia, expulsaram da Igreja seus adeptos, excluindo-os da comunhão.”

11. Eis o que ele conta no início; e no decorrer da obra prossegue a crítica, refutando esse erro. No segundo livro, ao tratar da morte dos supracitados sequazes, anota o seguinte:

12. “Uma vez que eles nos denominavam assassinos de profetas, por não termos acolhido seus loquazes profetas (pois são estes, asseguram, que o Senhor havia prometido enviar ao povo) (Jo 14,26), respondam-nos perante Deus: Existe um só, meus amigos, dentre os que começaram a falar na seqüela de Montano e das mulheres, que os judeus tenham perseguido, ou haja sido morto por malvados? Nenhum. Há um só entre eles que tenha sido preso e crucificado por causa do Nome? Também não. De igual modo, alguma das mulheres foi fustigada nas sinagogas dos judeus ou apedrejada? (cf. Mt 23,34)

13. Absolutamente. Mas foi por outro gênero de morte que Montano e Maximila pereceram. Efetivamente, narra-se que, impelidos pelo espírito de insensatez, ambos se enforcaram, não, porém, simultaneamente; consta por fama persistente sobre as circunstâncias de seu fim que assim morreram, pondo termo à vida à semelhança do traidor Judas.

14. Também há insistência sobre o fato de que o admirável Teódoto, uma espécie de primeiro intendente da pretendida profecia, fora um dia elevado da terra e arrebatado aos céus; entrara em êxtase e confiara-se ao espírito do erro, mas jogado no solo pereceu de modo miserável. Ao menos, propaga-se que assim aconteceu.

15. Mas, uma vez que não o presenciamos, caríssimo, não temos certeza. Talvez seja assim, talvez não, que morreram Montano, Teódoto e a mulher supracitada.”

16. No mesmo livro encontra-se ainda que santos bispos haviam tentado contradizer o espírito que se apossara de Maximila, mas que foram impedidos por outros, certamente cúmplices deste espírito.

17. Escreve o seguinte: “E não diga na mesma obra (de Astério Urbano) o espírito que fala por Maximila: ‘Como lobo fui perseguido, para longe do rebanho. Não sou lobo; sou palavra, espírito, poder’. Mas, evidentemente mostre com evidência a força do espírito. Comprove-a. Pelo espírito obrigue a confessá-lo aqueles que então estavam presentes para examinar o espírito que falava e para discutir com ele: homens experimentados e bispos, Zótico da aldeia de Comana e Juliano de Apaméia, aos quais os companheiros de Temisão fecharam a boca, impedindo que refutassem o espírito mentiroso e sedutor do povo”.

18. No mesmo livro, contrapõe-se ainda às falsas profecias de Maximila e simultaneamente indica a oportunidade em que escrevia, assinalando prognósticos da vidente sobre guerras e catástrofes (cf. Lc 21,9). Demonstra a mentira das predições, nesses termos:

19. “E como não se manifestaria desde agora a mentira? Há mais de treze anos que esta mulher morreu, e guerra alguma, nem parcial nem geral, houve no mundo, mas por misericórdia de Deus os próprios cristãos usufruíram de paz contínua.”

20. Do segundo livro provém tudo isso. Apresentarei pequenos trechos do terceiro livro, onde assim retruca aos que se glorificavam de terem sido, em grande maioria, mártires: “Quando, portanto, confundidos em todas as suas asserções, são reduzidos ao silêncio, tentam refugiar-se junto de seus mártires; afirmam terem muitos, o que constitui prova fiel do poder do espírito que eles chamam profético. Mas, talvez, nada de menos verídico.

21. De fato, existem outras heresias que têm seus mártires em grande número. Certamente não haveremos de estar de acordo com elas nesta questão, nem declarar que possuem a verdade. Em primeiro lugar, os partidários da heresia de Marcião, chamados marcionitas, dizem que têm um grande número de mártires de Cristo, no entanto não confessam a Cristo segundo a verdade.” Um pouco mais adiante, adita:

22. “Por isso, aliás, quando os membros da Igreja são escolhidos para o testemunho da fé segundo a verdade e encontram-se junto a alguns dos chamados mártires da heresia frígia, distinguem-se deles e morrem sem a comunhão com eles, porque não querem dar assentimento ao espírito de Montano e de suas mulheres. Assim é, conforme demonstra com clareza aquilo que sucedeu em nossos dias na Apaméia junto do Meandro, a propósito dos que prestaram testemunho com Caio e Alexandre, oriundos da Eumênia.”

CAPÍTULO 17

Milcíades e os livros que redigiu

1. Nesta obra ele ainda rememora outro escritor, Milcíades, que teria composto também um tratado contra a dita heresia. Após citar alguns trechos desses hereges, continua nesses termos: “Encontrei isso numa obra em que eles atacam o trabalho de Milcíades, nosso irmão, uma demonstração de não ser necessário que um profeta fale em êxtase. Eu a resumi”.

2. Um pouco mais adiante, no mesmo escrito, enumera os profetas do Novo Testamento; e entre eles,

conta certa Amia e Quadrato. Assim se exprime: “Mas o pseudoprofeta em êxtase falso, seguido de impudência e temeridade, começa por voluntária ignorância, que se transforma, como se disse, em delírio involuntário da alma.

3. Não poderão indicar profeta algum, nem do Antigo, nem do Novo Testamento, portador do espírito desta forma. Eles não reivindicam para si nem Agabo (At 11,27-30; 21,10-11), nem Judas (At 15,22.27.32), nem Silas (At 15 e 18 passim; 2Cor 1,19; 1Ts 1,1), nem às filhas de Filipe (At 8,5; 21,8-9), nem Amia de Filadélfia, nem Quadrato, nem outros quaisquer, porque não tinham relação alguma com eles.”

4. Um pouco mais adiante, diz ainda o seguinte: “Se, com efeito, conforme pretendem, após Quadrato e Amia de Filadélfia, as mulheres da companhia de Montano receberam em sucessão o carisma profético, que apontem quais o herdaram, dentre os discípulos de Montano e suas mulheres. Pois o apóstolo julga que o carisma profético deve existir na Igreja inteira até a parusia final (cf. Ef 4,11ss; 1Cor 1,7). Mas não teriam quem indicar, pois completam-se agora quatorze anos que Maximila morreu”.

5. São as asserções deste escritor. Milcíades, que ele menciona, deixou-nos outras recordações de seu peculiar zelo sobre os oráculos divinos, nos livros que escreveu contra os gregos e contra os judeus. Tratou de cada um destes assuntos separadamente em dois livros. Elaborou também uma apologia da filosofia⁷⁶ que adotara, dirigida aos príncipes deste mundo.

CAPÍTULO 18

Como Apolônio respondeu aos catafrígios

1. Apolônio, escritor eclesiástico, empreendeu, também ele, escrever uma refutação da heresia denominada catafrígia, que ainda vigorava nesta época na Frígia. Escreveu contra eles uma obra peculiar, onde corrige textualmente as falsas profecias que apresentam e revela a vida dos chefes da heresia. Escuta as próprias palavras proferidas sobre Montano:

2. “Quem é este novo doutor, demonstram-no as obras e os ensinamentos. Ensinou a dissolver os casamentos, legislou sobre o jejum,⁷⁷ deu a Pepuza e a Timião, pequenas cidades da Frígia, o nome de Jerusalém, desejoso de congregar ali gente de toda a parte, estabeleceu cobradores de dinheiro, inventou a coleta de presentes sob o nome de ofertas, determinou salários aos que pregavam a sua doutrina a fim de que, por meio da gula, prevalecesse o ensino desta mesma doutrina.”

3. São estas suas declarações sobre Montano. Relativamente às suas profetisas, mais adiante escreve: “Mostramos, pois, que essas primeiras profetisas, depois que ficaram repletas do espírito, abandonaram os maridos. Como, pois, não mentem ao dar a Priscila o nome de virgem?”

4. Depois, continua: “Não consideras que toda a Escritura proíbe ao profeta receber dons e riquezas? Entretanto vejo a profetisa aceitar ouro, prata e suntuosas vestes. Como não a rejeitaria?”

5. Mais adiante, declara a respeito de um de seus confessores: “Igualmente Temisão recobriu sua ambição com conveniência lucrativa e, incapaz de suportar o sinal da confissão, livrou-se das cadeias por meio de grande soma de dinheiro. Por isso mesmo, devia humilhar-se; mas ousou gabar-se de ser mártir, fingir-se apóstolo e, compondo uma carta católica,⁷⁸ catequizar os que possuem fé mais sólida que a sua, entrar no combate por meio de discursos desprovidos de sentido, e blasfemar contra o Senhor, os apóstolos e a santa Igreja”.

- 6.** Ainda, acerca de um dos que são honrados entre eles como mártires, escreve: “Para não falarmos da maioria, fale-nos certa profetisa acerca de Alexandre, que pretende ser mártir, com quem ela própria se banqueteia; e é venerado por muitos. Seria ocioso assinalar os assaltos e outros crimes pelos quais foi punido. O ‘opisthodomus’⁷⁹ contém arquivadas as provas.
- 7.** Qual dos dois perdoa os pecados do outro? É o profeta que perdoa ao mártir os seus roubos? Ou o mártir que perdoa ao profeta sua cobiça? Ora, o Senhor disse: ‘Não leveis ouro, nem prata, nem duas túnicas’ (Mt 10,9-10). Eles, ao invés, transgridem essa proibição, possuindo essas coisas. Por isso, mostraremos que os chamados entre eles profetas e mártires tiram dinheiro não somente dos ricos, mas ainda dos pobres, dos órfãos e das viúvas.
- 8.** E se têm confiança em sua causa, levantem-se aqui, e apresentem explicações, a fim de que, se forem confundidos, ao menos doravante cessem de transgredir. É, portanto, necessário examinar a qualidade dos frutos do profeta.
- 9.** Pois, ‘é pelo fruto que se conhece a árvore’ (Mt 7,17; 12,33). No intuito de que possam, os que quiserem, conhecer as ações de Alexandre, note-se que não foi julgado por Emílio Fontino, procônsul de Éfeso, por causa do nome de cristão, mas devido aos roubos que ousou cometer, quando já delinqüente. Em seguida, mentindo que isto sucedeu por causa do nome do Senhor, enganou os fiéis do lugar, e foi libertado. Mas, a própria comunidade donde se originava, não o recebeu porque era ladrão. Para os que quiserem ter conhecimento dos respectivos fatos existem os arquivos oficiais da Ásia.
- 10.** O profeta, contudo, não conhecia aquele com quem conviveu por muitos anos! Ao desmascará-lo, acusamos igualmente a natureza do profeta. E podemos demonstrar coisas semelhantes a propósito de muitos. Se ousarem, submetam-se à prova!”
- 11.** E ainda, em outra passagem da obra, acrescenta a respeito dos profetas de que eles se gabam: “Se negam terem seus profetas recebido presentes, confessem o seguinte: Se forem convencidos de os haverem recebido, não são profetas. Apresentaremos mil provas do fato. Mas é necessário examinar todos os frutos de um profeta. Dize-me: Um profeta frequenta os banhos? Um profeta pinta-se com antimônio? Um profeta se enfeita? Um profeta joga às mesas e com dados? Um profeta empresta a juros? Confessem-nos se estas coisas são permitidas ou não; e eu mostrarei o que acontece entre eles”.
- 12.** Apolinário declara no mesmo escrito que escrevia no quadragésimo ano do empreendimento da pseudoprofecia de Montano.
- 13.** Diz ainda que Zótico, citado pelo escritor precedente, sobrevivendo quando Maximila simulava profetizar em Pepuza, tentou confundir o espírito nela atuante, mas pelos sequazes desta viu-se impedido.
- 14.** Rememora também certo Traseas, um dos mártires de então. Afirma ainda, como se pertencesse à tradição, que o Senhor ordenara aos apóstolos não se afastarem de Jerusalém durante doze anos. Emprega também testemunhos extraídos do *Apocalipse* de João e conta que o próprio João ressuscitou um morto em Éfeso, pelo poder de Deus. Faz outras declarações ainda, impugnando de maneira adequada e muito completa a heresia supracitada. Estas coisas, afirma-as também Apolônio.

1. Diz-se que Serapião, bispo da Igreja de Antioquia depois de Maximino, na época de que tratamos, cita obras de Apolinário contra a supradita heresia. Relembra-o numa carta particular dirigida a Cárico e a Pôncio em que, contestando também ele a mesma heresia, adita o seguinte:
2. “A fim de que venha a vosso conhecimento ainda que a atividade desta sociedade enganosa, denominada Nova Profecia, causa horror à comunidade de irmãos, espalhada por toda a terra, mando anexas as obras de Cláudio Apolinário, o bem-aventurado bispo de Hierápolis na Ásia.”
3. A carta de Serapião vem assinada por diversos bispos. Um deles apõe a assinatura da seguinte forma: “Eu, Aurélio Quirino, mártir, desejo que estejais bem”. Outro escreve nesses termos: “Aélio Públio Júlio, bispo de Debelte, colônia da Trácia. Pelo Deus vivo, que está nos céus, o bem-aventurado Sotas de Aquiale quis expulsar o demônio que se apossara de Priscila, e os hipócritas não lho permitiram”.
4. Nos escritos supracitados há ainda as assinaturas autógrafas de numerosos outros bispos, que concordam com eles. São fatos esses atinentes a tais hereges.

CAPÍTULO 20

Explicação escrita de Ireneu

1. Em contraposição àqueles que, em Roma, falsificavam a sã estrutura da Igreja, Ireneu compôs diferentes cartas. Uma delas se intitula: *A Blastos, a respeito do cisma*. Outra: *A Florino, sobre a monarquia, ou que Deus não é autor do mal*. Este último, de fato, parecia sustentar tal doutrina, e visto que ainda se deixara arrastar pelo erro de Valentim, Ireneu elaborou um tratado: *A Ogdoade*, em que afirma ter ele pertencido à primeira sucessão dos apóstolos.
2. Pelo final da obra, encontramos uma belíssima anotação, que não podemos deixar de transcrever. Assim reza: “Eu te conjuro, tu que copiarás este livro, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo e de sua gloriosa parusia, quando virá a julgar os vivos e os mortos, confere o que copiares e corrige-o de acordo com o exemplar de onde o tiraste, com grande cuidado; copiarás também esta adjuração, anexando-a à tua cópia.”⁸⁰
3. Foi útil essa anotação e devemos transcrevê-la a fim de considerarmos esses homens da antiguidade, realmente santos, quais ótimos modelos de diligente exatidão.
4. Na carta a Florino, que acabamos de citar, Ireneu faz menção de suas relações com Policarpo, nesses termos: “Essas opiniões, Florino, para falar com moderação, não constituem sã doutrina. Essas sentenças não estão de acordo com as da Igreja e lançam os que delas se convencem na maior impiedade. Nem mesmo os hereges, de fora da Igreja, jamais ousaram manifestar tais crenças. Essas opiniões não nos foram transmitidas pelos presbíteros que nos precederam e que conviveram com os apóstolos.
5. Eu te vi, de fato, quando ainda criança, na Ásia Menor, junto de Policarpo. Eras ilustre na corte imperial e procuravas ter boa reputação junto dele. Pois lembro-me melhor das coisas daquele tempo do que de acontecimentos recentes.
6. Efetivamente, os conhecimentos adquiridos na infância progridem com a alma e com ela se identificam, de sorte que posso dizer até o lugar onde se sentava o bem-aventurado Policarpo para falar, como ele entrava e saía, seu modo de viver, seu aspecto físico, as preleções à multidão, como referia suas relações com João e com os outros que haviam visto o Senhor, como relembra suas

palavras e o que ouvira dizer a respeito do Senhor, seus milagres, sua doutrina; como Policarpo, após ter recebido tudo isso de testemunhas oculares da vida do Verbo (1Jo 1,1-2), anunciava-o conforme as Escrituras.

7. Essas coisas, então, pela misericórdia de Deus, também eu as escutei atentamente e não as gravei numa página, mas no coração; sempre, pela graça de Deus, ruminei-as com fidelidade, e posso atestar diante de Deus que, se aquele presbítero bem-aventurado e apostólico tivesse ouvido algo de semelhante, teria exclamado e tapando os ouvidos, proferido como costumava: ‘Ó Deus de bondade, para que tempo me reservaste, a fim de ter de suportar tais coisas?’ E teria fugido do lugar em que, sentado ou de pé, tivesse ouvido tais palavras.

8. E pelas cartas que enviava, às Igrejas vizinhas para confirmá-las, ou a certos irmãos para adverti-los e exortá-los, demonstra-se que isso é verídico.”⁸¹ Tudo isto assegura Ireneu.

CAPÍTULO 21

Testemunho de Apolônio

1. Neste mesmo tempo do império de Cômodo, nossa situação melhorou. Com a graça de Deus, a paz se difundiu pelas Igrejas em toda a terra habitada. Então, a palavra da salvação conduzia todas as almas do gênero humano ao culto piedoso do Deus do universo, a tal ponto que já um grande número dentre os romanos mais importantes pela riqueza e o nascimento procurava a salvação com toda a sua casa e toda a sua família.

2. Mas, certamente tal fato era insuportável ao demônio, por natureza invejoso e que odeia o bem. Despiu-se para a luta, reiterando contra nós vários tipos de ciladas. Por conseguinte, na cidade de Roma fez comparecer perante o tribunal Apolônio, homem famoso entre os fiéis de então, pela educação e filosofia, e suscitou para acusá-lo um habitual instrumento seu.

3. O infeliz, porém, não introduziu a causa oportunamente, porque, por decreto imperial, tornara-se ilícito deixar em vida denunciadores de tais homens.⁸² Imediatamente, pois, quebraram-lhe as pernas, por sentença do juiz Perênio.

4. O juiz instou longamente com o mártir, amado por Deus, a que defendesse sua causa perante o Senado. Ele apresentou, pois, diante de todos eloqüente apologia da fé que ele confessava. Consumou a vida, sendo decapitado, de certo modo por decreto do Senado. Efetivamente, antiga lei prescrevia que não se perdoasse aos que uma vez houvessem comparecido diante do tribunal e não se retratassem.

5. Quem desejar conhecer suas palavras diante do juiz, as respostas ao interrogatório de Perênio e a apologia inteira que proferiu perante o Senado, poderá recorrer à relação escrita dos antigos mártires que coletamos.

CAPÍTULO 22

Bispos conhecidos naquele tempo

No décimo ano do império de Cômodo, Vítor sucedeu a Eleutério, que havia exercido o episcopado durante treze anos. Na mesma ocasião, tendo Juliano completado o décimo ano de seu múnus, Demétrio tomou em mãos o ministério das comunidades de Alexandria. Simultaneamente, Serapião, de quem anteriormente nos ocupamos, era ainda conhecido enquanto oitavo bispo da Igreja de

Antioquia, desde os apóstolos. Teófilo governava Cesaréia da Palestina; e igualmente Narciso, de quem tratamos precedentemente, exercia então o ministério na Igreja de Jerusalém. Em Corinto, na Grécia, nesta época, Baquilo era bispo, e Policrato era o da comunidade de Éfeso. Além destes, ao menos como se supõe, muitos outros eram notáveis neste tempo.

Recolhemos, evidentemente, os nomes daqueles cuja fé ortodoxa reconhecemos através de seus escritos.

CAPÍTULO 23

Questão contemporânea relativa à Páscoa

1. Nesta época, foi ventilada uma questão muito significativa. As comunidades da Ásia inteira, segundo antiquíssima tradição, pensavam que se devia guardar a festa da Páscoa do Salvador no décimo quarto dia lunar, em que era prescrito aos judeus imolar o Cordeiro. Era absolutamente necessário pôr termo aos jejuns, fosse qual fosse o dia da semana em que caísse a festa. Mas, as demais Igrejas de toda a terra não costumavam manter esse modo de proceder, e segundo a tradição apostólica observavam o uso até hoje em vigor, julgando não ser conveniente terminar o jejum a não ser no dia da ressurreição de nosso Salvador.

2. Por conseguinte, realizaram-se sínodos e assembléias de bispos para tratar do assunto; e todos, de comum acordo, publicaram por carta um decreto eclesiástico para todos os fiéis, declarando que o mistério da ressurreição do Senhor dentre os mortos não fosse jamais celebrado senão no domingo e que somente neste dia se encerrariam os jejuns relativos à Páscoa.^{[83](#)}

3. Existe ainda a carta dos bispos então reunidos na Palestina, sob a presidência de Teófilo, bispo da comunidade de Cesaréia, e Narciso, bispo de Jerusalém. Há também outra, sobre o mesmo assunto de uma reunião de bispos em Roma, onde se vê que ali Vítor era o bispo; outra dos bispos do Ponto, sob a presidência de Palmas, por ser o mais antigo; outra ainda das comunidades da Gália, onde Ireneu era bispo;

4. também dos bispos de Osroena e dos bispos das cidades deste país; e particularmente de Baquilo, bispo da Igreja de Corinto, e outros numerosos. Expõem o mesmo e idêntico parecer e idêntica decisão, e promulgam igual decreto. Adotaram a norma de conduta acima declarada.

CAPÍTULO 24

Dissensão na Ásia

1. Os bispos da Ásia, contudo, sob a direção de Policrato, insistiam em afirmar que se devia conservar o antigo e primitivo costume que lhes fora transmitido. Também Policrato, na carta dirigida a Vítor e à Igreja de Roma, explana nesses termos a tradição recebida:

2. “Quanto a nós, celebramos exatamente o dia, sem nada cortar, nada acrescentar. Efetivamente, é na Ásia que repousam grandes astros, que hão de ressuscitar no dia da parusia do Senhor, quando ele virá glorioso dos céus e ao encontro de todos os santos: Filipe, um dos doze apóstolos, que repousa em Hierápolis com suas duas filhas que envelheceram na virgindade, e sua outra filha, que viveu no Espírito Santo, e repousa em Éfeso;

3. e igualmente João, que reclinou no peito do Senhor (cf. Jo 13,23; 21,10), foi sacerdote e usou a lâmina de ouro (cf. Ex 28,32ss; 36,38ss), foi mártir e mestre, repousa em Éfeso;

4. também Policarpo de Esmirna, bispo e mártir; e Traseas de Eumênia, bispo e mártir, que repousa em Esmirna.

5. Seria necessário falar de Sagaris, bispo e mártir, que repousa em Laodicéia, e do bem-aventurado Papírio e do eunuco Melitão, que viveu inteiramente sob o Espírito Santo e repousa em Sardes, esperando a visita do Senhor que virá dos céus, quando ressuscitará dos mortos?

6. Todos eles observaram a Páscoa no décimo quarto dia, segundo o evangelho, sem nenhuma transgressão, mas conformando-se à regra da fé. Também eu, o menor de todos vós, Policrato, segundo a tradição dos meus, sigo alguns deles. Sete de meus parentes foram bispos e eu sou o oitavo. Sempre meus parentes guardaram o dia em que o povo se abstinha de pão fermentado.

7. Quanto a mim, irmãos, tenho sessenta e cinco anos no Senhor. Tenho relações com os irmãos do mundo inteiro. Percorri toda a Sagrada Escritura. Não me assustam os que procuraram me abalar (cf. Fl 1,28), pois os meus maiores disseram: ‘É preciso obedecer antes a Deus que aos homens’ ” (At 5,29).

8. Acrescenta ainda, sobre os bispos que estavam em sua companhia enquanto escrevia e com ele concordavam: “Poderia mencionar bispos que estão comigo; achastes conveniente que os convidasse, e convidei-os. Se enumerasse os respectivos nomes, completaria um grande número. Eles conhecem minha pequenez, mas aprovaram minha carta, sabendo que minhas câs não são inúteis, pois sempre vivi em Cristo Jesus”.

9. Diante disso, o chefe da Igreja de Roma, Vítor, resolveu afastar da unidade comum globalmente as comunidades de toda a Ásia, e simultaneamente as Igrejas vizinhas, como sendo heterodoxas; publicou tal decisão por carta e proclamou que todos os irmãos destas regiões, sem exceção, achavam-se fora da unidade da Igreja.⁸⁴

10. Mas isto não aprouve a todos os bispos. Eles aconselharam, ao contrário, solicitude pela paz, união com o próximo, caridade. Conservam-se ainda suas palavras. Opuseram-se a Vítor de modo muito incisivo.

11. Entre eles achava-se também Ireneu, que escreveu em nome dos irmãos que ele dirigia na Gália. Em primeiro lugar, declara que somente no domingo se deve celebrar o mistério da ressurreição do Senhor; depois exorta delicadamente Vítor a não apartar da comunhão Igrejas de Deus inteiras, que conservam a tradição de antigo uso; e a muitas outras razões, adita as seguintes expressões:

12. “A discussão não trata somente do dia, mas também do próprio modo de jejuar. Uns, com efeito, pensam que devem jejuar um dia apenas; outros dois, outros ainda mais; alguns contam quarenta horas do dia e da noite como um só dia.

13. Tal diversidade de observâncias não surgiu agora, em nossos dias; mas há muito, sob nossos predecessores que, sem se prenderem à exatidão, talvez, conservaram este costume em sua simplicidade e com características particulares, e o transmitiram aos pósteros. Todos eles conservam a paz entre si, e nós também conservamos entre nós mutuamente a paz. A diferença entre os jejuns confirma o acordo relativamente à fé.”

14. A isto, Ireneu anexa ainda uma narrativa que me apraz referir. Assim ela se apresenta: “Entre esses, os presbíteros que presidiram à Igreja que tu hoje governas, isto é, Aniceto, Pio, Higino, Telésforo, Xisto, também não guardaram o décimo quarto dia, e não impuseram seu próprio uso aos súditos. E embora não o observassem eles próprios, nem por isso deixavam de estar em paz com os

que chegavam, vindos de comunidades que o observavam. No entanto, a contradição era maior, para os que não o observavam, verificar de perto que outros o guardavam.

15. Ninguém, contudo, jamais foi rejeitado por este motivo. Mas, os que não o observavam, isto é, os presbíteros que te precederam, enviavam a Eucaristia às comunidades que o observavam.

16. E o bem-aventurado Policarpo, tendo feito uma viagem a Roma, sob Aniceto, os dois tiveram entre si pequenas divergências, mas logo fizeram as pazes; sobre este capítulo não discutiram. Efetivamente, Aniceto não podia convencer Policarpo a não observar aquilo que sempre praticara, com João, o discípulo de nosso Senhor, e os outros apóstolos com os quais tinha convivido. Por sua vez, nem Policarpo persuadiu Aniceto a observar o mesmo que ele, pois este dizia que devia conservar o costume dos presbíteros precedentes.

17. Assim estando a questão, entraram em comunhão mutuamente, e na igreja Aniceto cedeu, certamente por deferência, a celebração da eucaristia a Policarpo. Separaram-se em paz entre si, e em toda a Igreja mantinha-se a paz, quer se observasse ou não o décimo quarto dia.”

18. E Ireneu bem merecia tal nome, pois era pacificador pelo nome e a conduta, visto que exortava e servia de intermediário, em prol da paz entre as Igrejas. Entretinha-se epistolarmente não apenas com Vítor, mas ainda com grande número de vários chefes de Igrejas, sobre questões levantadas entre eles.

CAPÍTULO 25

Acordo unânime a respeito da Páscoa

Mas, os bispos da Palestina, que acabamos de citar, Narciso e Teófilo, e com eles Cássio, bispo da Igreja de Tiro, e Claro, bispo de Ptolemaida, assim como os que com eles se haviam congregado, apresentaram muitas explicações sobre a tradição que chegaram até eles, através da sucessão apostólica, a respeito da festa de Páscoa, e no final da carta, anexaram literalmente o seguinte: “Procurai enviar cópias de nossa carta a todas as comunidades, a fim de não sermos responsáveis por aqueles que facilmente induzem as almas a erro. Declaramos que em Alexandria ela é celebrada no mesmo dia que nós. De fato, eles recebem cartas nossas e recebemos as deles, e assim celebramos de comum acordo e de modo unânime o dia santo”.

CAPÍTULO 26

Fragmentos do trabalho de Ireneu que chegaram até nós

Além das supramencionadas obras de Ireneu e de suas cartas, dele ainda possuímos: um livro contra os gregos muito conciso e dos mais úteis, intitulado *A ciência*; outro dedicado a um irmão chamado Marciano, *Demonstração da pregação apostólica*; e um opúsculo, *Exposições diversas*, onde relembra a carta aos Hebreus e a Sabedoria dita de Salomão, incluindo trechos de ambas. São estas as obras de Ireneu de que tivemos notícia. Havendo Cômodo terminado o reinado após treze anos, menos de seis meses após sua morte reinou o imperador Severo; Pertinax ocupou esse intervalo de tempo.

CAPÍTULO 27

Ainda de obras de outros escritores

Numerosas obras desta época, escritas por homens antigos, ortodoxos, zelosos pela virtude, foram conservadas até hoje por muitos. Tivemos conhecimento das seguintes: os livros de Heráclito sobre o Apóstolo; os de Máximo sobre a questão tratada freqüentemente entre os hereges: *Donde se origina o*

mal e de que a matéria é criada; os de Cândido sobre o *Hexaemeron*; os de Apião que trata do mesmo assunto; igualmente os de Sexto, *A ressurreição*, e outro tratado de Arabiano, e de milhares de outros autores, cuja época, por carência de recursos, é impossível indicar por escrito, ou estabelecer uma lembrança histórica. Chegaram até nós obras de inúmeros outros, cujos nomes não podemos enunciar. Eram autores ortodoxos e eclesiásticos, conforme revela a interpretação peculiar a cada um deles da Escritura divina; entretanto, não nos são conhecidos, por se tratar de obras anônimas.

CAPÍTULO 28

Difusores da heresia de Artemão

1. Um dos autores, em trabalho elaborado contra a heresia de Artemão, a qual atualmente ainda Paulo de Samósata tentou restaurar, traz uma narrativa atinente aos fatos que rememoramos.

2. Ele aí, efetivamente, refuta a heresia, segundo a qual o Salvador é simples homem, novidade muito recente, embora seus criadores tenham querido torná-la respeitável pela antiguidade, e apresenta muitas razões para impugnar sua mentira blasfema.

Entre outras coisas, diz textualmente:

3. “Ora, eles afirmam que todos os antigos e os próprios apóstolos receberam por tradição e ensinaram suas atuais asserções, e que a verdade do anúncio foi conservada até a época de Vítor, o décimo terceiro bispo de Roma, depois de Pedro; mas desde seu sucessor Zeferino, a verdade foi alterada.

4. Sua afirmação seria talvez plausível se em primeiro lugar as Escrituras divinas não a contradissem. Doutro lado, existem escritos de determinados irmãos, anteriores a Vítor, os quais foram redigidos em prol da verdade contra os pagãos e contra as heresias de seu tempo, a saber, os de Justino, Milcíades, Taciano, Clemente e muitos outros, e em todos eles se diz que Cristo é Deus.

5. Quem ignora a existência dos livros de Ireneu, Melitão e outros? Todos anunciam que Cristo é Deus e homem. E tantos salmos e cânticos, compostos por irmãos na fé desde os primórdios, que cantam o Verbo de Deus, o Cristo, como sendo Deus?

6. Uma vez, portanto, que o senso da Igreja foi anunciado há tantos anos, pode-se aceitar que os que viveram até o tempo de Vítor tenham pregado tal qual eles o afirmam? Como não se coram de atribuir mentirosamente essas doutrinas a Vítor, quando sabem perfeitamente que Vítor excomungou Teódoto, o curtidor, chefe e pai desta apostasia que nega a Deus e foi o primeiro a afirmar que Cristo é um simples homem? Se, conforme eles asseguram, Vítor pensava conforme ensina esta blasfêmia, como então expulsou Teódoto, o inventor de tal heresia?”

7. São estas as referências sobre Vítor. Tendo este último estado à frente do ministério durante dez anos, Zeferino foi estabelecido seu sucessor pelo nono ano do reinado de Severo. O autor da obra de que tratamos acrescenta, a respeito do autor da dita heresia, outro fato que se deu no tempo de Zeferino. Escreve textualmente:

8. “Relembrei ao menos a muitos de nossos irmãos um fato sucedido em nossos dias que, a meu ver, se houvesse acontecido em Sodoma teria sem dúvida feito refletir até mesmo os habitantes desta cidade (cf. Mt 11,23). Na-tália não foi confessor de outras eras, mas de nosso tempo.

9. Fora iludido por Asclepiodoto e por outro Teódoto, banqueiro. Ambos eram discípulos de Teódoto, o curtidor, o primeiro que por causa desta opinião, ou melhor, desta loucura, fora, conforme disse,

afastado da comunhão por Vítor, bispo na ocasião.

10. Eles persuadiram Natálio que aceitasse, por um salário, o título de bispo desta heresia; recebia deles cento e cinquenta denários mensais.

11. Enquanto aderira a eles, Natálio recebia em visões freqüentes advertências da parte do Senhor, pois nosso Deus misericordioso e Senhor, Jesus Cristo, não queria que uma testemunha de seus próprios sofrimentos perecesse, fora da Igreja.

12. Como desse pouca atenção a estas visões, seduzido pelo primeiro lugar que ocupava e pela ambição vergonhosa do lucro que é a perdição de grande número, finalmente santos anjos o chicotearam durante uma noite inteira e tão maltratado ficou que na aurora levantou-se, revestiu-se de um saco, cobriu-se de cinzas e apressadamente lançou-se, debilhado em lágrimas, diante do bispo Zeferino; prostrava-se, não somente aos pés do clero, mas também dos leigos; perturbava com suas lágrimas a Igreja misericordiosa do Cristo compassivo; mas, apesar de muitas súplicas, mostrando os ferimentos causados pelos golpes que lhes foram infligidos, com dificuldade foi admitido à comunhão.”

13. Aditaremos ainda outras palavras do mesmo autor a propósito dos mesmos hereges. Assim se exprime: “Sem temor algum, alteraram as Escrituras divinas; rejeitaram a regra da antiga fé; de outro lado ignoraram o Cristo, não procuraram o que dizem as divinas Escrituras, mas exercem-se laboriosamente em descobrir um silogismo para fundamentar seu ateísmo. E se lhes for apresentada uma palavra da Escritura divina por objeção, eles perguntam se é possível transformá-la num silogismo conjuntivo ou disjuntivo.

14. Abandonando as santas Escrituras de Deus, aplicam-se à geometria, justificam-se dizendo que são da terra e falam da terra, mas ignoram aquele que vem do alto. Euclides, de fato, laboriosamente impregna de geometria alguns; outros admiram Aristóteles e Teofrasto; Galieno é quase adorado por alguns deles.

15. Enquanto empregam mal as artes dos infiéis em favor de sua doutrina herética, e alteram com a astúcia dos ateus a fé simples das divinas Escrituras, seria necessário ainda afirmar que eles nem de longe se aproximam da fé? Por conseguinte, lançam mãos ousadas sobre as Sagradas Escrituras, sob pretexto de corrigi-las.

16. A quem quiser, é fácil averiguar que ao falar deste modo, eu não os calunio. Pois, quem quiser pegar os exemplares de cada um deles e compará-los entre si, descobrirá que diferem muito uns dos outros. Os de Asclepiades não estão de acordo com os de Teódoto.

17. Aliás, é fácil adquirir muitos exemplares, porque seus discípulos copiam ardorosamente os que foram, dizem eles, por um ou outro corrigidos, isto é, alterados. Os exemplares de Hermófilo também discordam dos precedentes. Quanto aos de Apolóniado, não concordam sequer entre si. Comparem-se as cópias que foram em primeiro lugar retocadas com as que foram corrigidas em seguida; encontrar-se-ão inúmeras divergências.

18. Provavelmente nem eles próprios ignoram como esse erro é audacioso. Ou, de fato, não acreditam que as Escrituras divinas foram inspiradas pelo Espírito Santo e são infiéis; ou julgam-se mais sábios que o Espírito Santo e não passam de demoníacos. Efetivamente, não podem negar tal ousadia, porque os exemplares foram copiados por sua própria mão; eles não receberam as Escrituras neste estado de seus catequistas, e não podem apresentar os exemplares donde copiaram.

19. Alguns dentre eles nem mesmo se dignaram alterar as Escrituras; simplesmente rejeitaram a Lei e os Profetas e precipitaram-se, sob o manto de uma doutrina sem lei e sem Deus, no último abismo de perdição.” Assim é contada esta história.

[68](#) Note-se que é sempre o “diabo” a ser posto como agente responsável pela perseguição. Os homens aparecem apenas como instrumentos em suas mãos.

[69](#) Como cidadão romano, Átalo recebe tratamento especial. Observou-se o costume de fazer preceder, escrita na língua oficial, indicando seu nome e a razão de sua condenação.

[70](#) Sobre Montano e seu movimento religioso que acabou sendo condenado como herético, cf. R. FRANGIOTTI, *História das heresias* (séc. I-VII). *Conflitos ideológicos dentro do cristianismo*, 2ª ed., São Paulo, Paulus, 1997.

[71](#) De fato, o historiador romano Dion Cássio atribui o milagre da chuva ao mágico egípcio Hanufis (cf. Hist. rom., LXXI, 8). Pode-se consultar ainda o artigo de J. GUEY, “Encore la pluie miraculeuse”, na *Revue de Philologie*, 1951, pp. 162-168. Enquanto Temístio, no séc. IV, reporta este milagre à divindade, sem precisar de qual deus se trata, Marco Aurélio o atribui ao demônio da Chuva.

[72](#) Ireneu, *Contra as heresias*, II, 31,2.

[73](#) Sobre Clemente pode-se ver o capítulo de J. LEBRETON, na *Nova História da Igreja*, t. II, de A. FLICHE e V. MARTIN; R. FRANGIOTTI, *História da Teologia, período patrístico*, cap. 2, São Paulo, Paulus, 1992.

[74](#) Clem. de Alexandria, *Stromateis* I, 1,11.1-3.

[75](#) Cf. P. DE LABRIOLLE. *La crise montaniste*, Paris, 1913, pp. 34-105. Desde os primeiros tempos, a Igreja se preocupara em reconhecer os verdadeiros e os falsos profetas: os verdadeiros profetas deviam, antes de tudo, guardar o ensinamento tradicional dos apóstolos.

[76](#) O termo “filosofia” designa, aqui, o gênero de vida, a conduta cristã e não um sistema organizado, arquitetado de pensamento. Cf. G. BARDY, “L’entrée des mots philosophe et philosophie dans le vocabulaire chrétien”, em *Mélanges Viller*, Toulouse, 1949, pp. 97-108.

[77](#) Sobre o casamento, a continência e o jejum entre os montanistas, cf. TERTULIANO. *Sobre a monogamia; À sua esposa; Exortação sobre a castidade e Sobre o jejum*.

[78](#) É o primeiro emprego da expressão “carta católica”, que será, um pouco mais tarde, aplicada às cartas dos apóstolos, menos às de Paulo.

[79](#) “Opisthodomus” é a parte posterior de um templo. Era o lugar onde se conservava o tesouro público ou os arquivos. Aqui são nitidamente visados os arquivos.

[80](#) Por esta observação pode-se ver a importância das transcrições privadas e o esforço que têm os autores de prover do melhor possível a cópia de suas obras. Nota interessante para a história do livro na antiguidade. Cf. J. de GHELLINCK. *Patristique et Moyen Age*, Louvain, 1947, t. II, pp. 183-245.

[81](#) Sobre Policarpo, sua vida, obra e martírio, cf. *Padres Apostólicos*, op. cit., pp. 129-157. De fato, Ireneu afirma a existência de numerosas cartas de Policarpo, o que deve ser retido como verdade, embora tenhamos, hoje, somente a Carta aos Filipenses.

[82](#) Eusébio se engana sobre o decreto, pois não se conhece nenhuma lei imperial que punisse os que denunciavam os cristãos. Contudo, no rescrito de Adriano a Minúcio Fundano e na carta de Marco Aurélio sobre o milagre da Legião Fulminante, é indicada esta medida de rigor. Cf. TERTULIANO, *Apologeticum*, V,6.

[83](#) Seguindo o costume que deve ter sido o dos primeiros cristãos da Palestina, as comunidades cristãs da Ásia Menor celebravam a Páscoa no mesmo dia da Páscoa judaica, aos 14 de Nisã, donde a designação de *quartodecimanas*. Portanto, numa data fixa, mas num dia da semana variável. Nas outras Igrejas celebrava-se a Páscoa sempre no domingo, num dia fixo da semana, mas variável do mês. Esta disparidade provocou tensões entre Roma e a Ásia Menor, de tal modo que, por volta de 160, Policarpo, bispo de Esmirna, foi a Roma para tratar com o papa Aniceto desta questão. Os dois se separaram em comunhão, mas sem acordo (*HE* 4,14.1). A questão tornou-se mais aguda quando o papa Vítor (189-199) tentou impor às igrejas da Ásia a celebração dominical, conforme o costume romano. Policrato de Éfeso defendeu a observância quartodecimana, numa carta ao papa Vítor da qual Eusébio cita trechos, no capítulo abaixo.

[84](#) Embora o texto de Eusébio afirme que Vítor tenha proclamado a excomunhão de todos os irmãos da Ásia, sem levar em conta as tradições que eles invocavam em favor de suas observâncias, há dúvidas se o papa tenha, realmente, excomungado as igrejas da Ásia ou se ele somente as ameaçou. Na sequência do texto, se vê que a discussão não ficava na questão da data da Páscoa, mas incluía também a questão do jejum como comenta L. DUCHESNE, *Origines du culte chrétien*, 2^{ème} éd., Paris, 1889, p. 230: “Do tempo de santo Ireneu, o jejum pascal era muito curto; uns jejuavam um dia somente, outros dois, outros maior número. Alguns ficavam quarenta horas sem comer. Todos estes intervalos devem se entender, creio, de jejum único e não interrompido”.

LIVRO SEXTO

CAPÍTULO 1

Perseguição de Severo

Ao mover também Severo uma perseguição contra as Igrejas,⁸⁵ brilhantes foram em toda a parte os testemunhos prestados pelos atletas da religião. Mas eles se multiplicaram especialmente em Alexandria, onde, qual em grande estádio, eram congregados, de todo o Egito e da Tebaida,⁸⁶ os atletas de Deus e onde receberam de Deus a coroa, suportando com toda coragem diferentes suplícios e gêneros de morte. Entre eles achava-se aquele que é chamado pai de Orígenes, Leônidas, e que foi decapitado. Deixou o filho muito jovem. Deste, é oportuno lembrar brevemente qual foi, desde este momento, a predileção pela palavra divina, sobretudo por ser grande sua fama diante da maior parte dos homens.

CAPÍTULO 2

Educação de Orígenes

1. Quem tentar transmitir longamente por escrito sua vida terá muito a dizer e a narração completa exigiria uma obra particular. No entanto, no momento, resumiremos a maioria dos fatos tão brevemente quanto possível e o pouco que dissermos, nós o explanaremos segundo as cartas e o relato de seus familiares sobreviventes entre nós.
2. No tocante a Orígenes, por assim dizer, é digno de memória, a meu ver, mesmo o tempo em que esteve envolvido em faixas. Era no décimo ano do reinado de Severo; Laeto governava Alexandria e o restante do Egito; Demétrio, por sua vez, tinha recentemente obtido, após Juliano, o episcopado das comunidades deste país.
3. O incêndio da perseguição se propagava então, e milhares de fiéis haviam cingido a coroa do martírio. Tal paixão pelo martírio se apossou da alma de Orígenes, ainda menino, que era para ele prazer ir ao encontro dos perigos, saltar e lançar-se à luta.
4. Pouco faltou para que perdesse a vida, mas a divina e celeste Providência, para o bem da maioria dos fiéis, pôs obstáculos a seu ardor, por meio da mãe.
5. Esta suplicou primeiro por palavras, exortando-o a se compadecer de seu amor materno; mas vendo-o ainda mais impetuosamente inclinado ao martírio, ao ter conhecimento da prisão e encarceramento do pai, e completamente tomado do desejo do martírio, escondeu todas as suas vestes, obrigando-o a ficar em casa.
6. Ele, porém, nada mais podendo fazer, e como o desejo intensificado, bem acima de sua idade, não o deixava ficar inativo, enviou ao pai uma carta cheia de exortações ao martírio,⁸⁷ na qual o encorajava, dizendo textualmente: “Cuida de não mudar de opinião por nossa causa”. Seja isto anotado por escrito como primeira prova da vivacidade de espírito de Orígenes, ainda menino, e de sua adesão segura à religião.
7. Entretanto, ele já havia lançado sólidos fundamentos no conhecimento da fé, exercitando-se desde a

infância nas divinas Escrituras. A estas se aplicara diligentemente, em medida extraordinária, pois seu pai, não contente de fazer com que passasse pelo ciclo dos estudos, não havia considerado supérflua a solicitude pelas Escrituras.

8. Acima de tudo, portanto, antes de se dedicar às disciplinas helênicas, ele o havia levado a exercitar-se nos estudos sagrados, exigindo diariamente dele recitações e prestação de contas.

9. E isto não desagradava ao menino, que, ao contrário, trabalhava com zelo excessivo, de tal sorte que não lhe bastava conhecer o sentido simples e óbvio das Escrituras sagradas, mas já procurava, desde aquela ocasião, algo mais, querendo descobrir uma visão mais profunda. Chegava mesmo a deixar o pai embaraçado, fazendo-lhe perguntas sobre o que queria indicar a Escritura divinamente inspirada.

10. Este, exteriormente, fingia repreendê-lo, exortando-o a não procurar saber o que estava acima de sua idade ou além do sentido óbvio. Mas, interiormente, sentia intensa alegria, dando muitas graças a Deus, causa de todos os bens, por ter merecido ser pai de tal filho.

11. Diz-se que parava muitas vezes junto do filho adormecido, descobria-lhe o peito, íntima habitação do Espírito divino, beijava-o respeitosamente, considerando-se feliz pela ótima prole que possuía. Conta-se sobre a infância de Orígenes estas e muitas outras coisas análogas.

12. Quando o pai consumou o martírio, ficou sozinho com a mãe e seis irmãos menores. Não tinha mais do que dezessete anos.

13. Como a fortuna paterna fora confiscada pelos agentes do tesouro imperial, ele encontrou-se com os seus na carência das coisas necessárias à subsistência. Mas dignou-se a providência divina cuidar dele. Encontrou acolhimento, bem como tranqüilidade junto de uma senhora riquíssima de recursos materiais e muito ilustre, mas que tratava com grande consideração um homem famoso entre os hereges que então viviam em Alexandria. Era antioqueno de nascença; ela o tinha na conta de filho adotivo, cercando-o inteiramente de cuidados.

14. Mas Orígenes, que forçosamente tinha de conviver com ele, desde então deu provas brilhantes de fé ortodoxa. Enquanto Paulo (assim ele se chamava), aparentando eloquência, reunia junto de si uma inumerável turba, não apenas de hereges, mas ainda dos nossos, Orígenes jamais consentiu em unir-se a ele para a oração, mantendo desde a infância a norma da Igreja e tinha horror, segundo sua própria expressão, das doutrinas heréticas.

15. Iniciado pelo pai nas disciplinas helênicas, após a morte deste último, ele se entregou com maior ardor e inteiramente ao exercício das letras, de sorte que veio a possuir pouco tempo após a morte do pai, uma preparação suficiente nos conhecimentos gramaticais e consagrando-se a eles, acumulou, ao menos para sua idade, a base necessária.

CAPÍTULO 3

Ainda jovem, ensinava a doutrina de Cristo

1. Enquanto ele estava ocupado no ensino, conforme ele próprio relata em alguma parte por escrito, ninguém se dedicava em Alexandria à catequese, mas todos de lá haviam fugido pela ameaça da perseguição; alguns pagãos, contudo, procuraram-no para ouvir a palavra de Deus.

2. Denota que o primeiro dentre eles foi Plutarco, que, após uma vida louvável, foi ornado com o martírio divino; o segundo, Héraclas, irmão de Plutarco que, também, deu depois dele grande exemplo de vida filosófica e ascética e que, em seguida a Demétrio, foi considerado digno do episcopado em

Alexandria.

3. Orígenes tinha dezoito anos ao começar a dirigir a escola de catequese; progrediu muito na ocasião das perseguições sob Áquila, governador de Alexandria, e seu nome tornou-se extremamente célebre, junto de todos aqueles cuja fé ele estimulava, por causa do acolhimento e zelo por ele manifestados para com todos os santos mártires conhecidos e desconhecidos.

4. Pois, não os assistia apenas na prisão, nem só quando interrogados e condenados, mas ainda depois da sentença final, com a maior audácia e expondo-se ao perigo, ficava junto deles ao serem os santos mártires levados para a morte. Assim, quando ele avançava corajosamente e com grande ousadia saudava os mártires com um beijo, acontecia freqüentemente que o povo pagão que os cercava se enfurecia e estava a ponto de se precipitar sobre ele, mas estendia-se a mão de Deus

5. para socorrê-lo e fazer com que milagrosamente escapasse. A mesma graça divina e celeste o protegeu em milhares de circunstâncias e é impossível dizer quantas vezes, quando ele se expunha às ciladas por seu ardor e ousadia excessivos em prol da doutrina de Cristo. E tão grande era a guerra que os infiéis lhe faziam, que se reuniam e punham guardas em volta da casa onde ele estava por causa da multidão daqueles aos quais ensinava as questões pertinentes à sagrada fé.

6. Desta forma, cada dia, a perseguição contra ele se inflamava tanto que a cidade toda não lhe oferecia mais refúgio seguro. Ia de casa em casa, expulso de todos os lugares, por causa dos que procuravam a doutrina divina. De fato, suas ações continham lições espantosas, da mais autêntica filosofia.

7. Dele se dizia: Sua palavra é tal qual sua vida; e sua vida corresponde a sua palavra. Por esta razão, sobretudo, pelo poder de Deus que o sustentava, ele conduzia milhares a idêntico zelo.

8. Ao verificar que os discípulos já se aproximavam mais numerosos, e ele era o único a quem Demétrio, o chefe da igreja, tinha confiado a escola da catequese, julgou inconciliáveis o ensino das ciências gramaticais e o exercício das disciplinas divinas, e, sem delongas, rompeu com a escola das ciências gramaticais, como inútil e oposta às disciplinas sagradas.

9. Em seguida, por um motivo conveniente, a fim de não necessitar do auxílio de outrem, cedeu tudo o que tinha até então de obras antigas, transcritas com grande cuidado e contentou-se com quatro óbolos cotidianos que lhe pagava o comprador. Durante muitos anos, observou este modo de filosofar, renunciando a tudo o que pudesse alimentar as paixões juvenis. Durante o dia inteiro, fazia grandes trabalhos de ascese e, a maior parte da noite, dava-se ao estudo das Escrituras divinas, entregando-se assim a uma vida tão filosófica quanto possível, ora pelo exercício de jejuns, ora por estrita medida no tempo de sono, e cuidando de dormir não sobre uma esteira, mas estendido no chão.

10. Pensava, acima de tudo, que deviam ser observadas as palavras evangélicas do Salvador que recomendam não possuir duas vestes, não usar sandálias (Mt 10,10; Lc 10,4), e também aquelas que ordenam não viver preocupado com o futuro (Mt 6,34).

11. Além disso, com ardor acima de sua idade, persistia em viver no frio e na nudez (2Cor 11,27), atingindo o termo da extrema pobreza. Impressionava vivamente os que o cercavam; entristecia mesmo a muitos deles que o suplicavam consentisse em participar de seus bens, por causa das fadigas que o viam suportar em vista do divi- no ensinamento; mas ele em nada relaxava a sua austeridade.

12. Conta-se até que, durante vários anos, andou descalço, sem jamais usar sandálias; que, durante

longos anos, absteve-se de vinho e de tudo que não fosse indispensável para se nutrir, de sorte que incorreu no risco de cair doente e de moléstia do peito.

13. Dava tais exemplos de vida filosófica a testemunhas oculares e estimulava com justeza tão grande número de discípulos a zelo semelhante ao seu que atraía até mesmo pagãos infiéis, não vulgares, mas importantes, cultos, filósofos ao ensino que ministrava. Aconteceu até que estes, após ter recebido dele verdadeiramente, no íntimo da alma, a fé na palavra divina, distinguiram-se, por ocasião da perseguição que houve então, de sorte que alguns deles foram presos e receberam a consumação do martírio.

CAPÍTULO 4

Muitos de seus catequizados foram promovidos ao martírio

1. O primeiro dentre eles foi, portanto, Plutarco, de quem se falou mais acima. Ao ser levado para a morte, pouco faltou para que Orígenes, que o assistiu até o fim último, não fosse massacrado por seus concidadãos, como sendo a causa manifesta de sua morte; a vontade de Deus, ainda desta vez, o preservou.

2. Após Plutarco, o segundo dos discípulos de Orígenes que se tornou mártir, foi Sereno que deu pelo fogo provas da fé que havia recebido.

3. O terceiro mártir da mesma escola foi Heráclides, e depois dele, o quarto é Herão. O primeiro era ainda catecúmeno e o segundo neófito; ambos foram decapitados. Além destes, o quinto da mesma escola proclamado atleta da piedade é Sereno, diferente do primeiro, o qual, depois de ter suportado inúmeros tormentos, narra-se que teve a cabeça cortada. Das mulheres, Heraís, ainda catecúmena, deixou a vida, conforme ele próprio diz em determinado lugar, por meio do batismo de fogo.

CAPÍTULO 5

Potamiena

1. Enumera-se Basíledes como o sétimo dos mártires. Ele levava ao martírio a célebre Potamiena, cuja fama até hoje é decantada entre os seus compatriotas.⁸⁸ Depois de mil combates contra homens corruptos para defender a pureza do corpo e a virgindade pela qual ela se distinguia (pois, sem falar de sua alma, a beleza do corpo era nela qual flor que desabrocha), após mil tormentos e torturas terríveis, cuja narrativa é de arrepiar, foi, com sua mãe Marcela, consumida pelo fogo.

2. Narra-se que o juiz, chamado Áquila, depois de ter submetido seu corpo inteiro a duros tormentos, por fim ameaçou-a de entregá-la aos gladiadores para desonrá-la. Mas ela refletiu por um instante e foi-lhe pedida uma decisão. Deu tal resposta que pareceu-lhes algo de ímpio.

3. Enquanto ela falava, foi proferida a sentença e Basíledes, um dos soldados a tomou e conduziu à morte. E como a multidão se esforçava por incomodá-la e insultá-la com palavras inconvenientes, ele afastava com ameaças os injuriadores e manifestava para com ela muita piedade e humanidade. Ela, porém, acolhendo a simpatia que lhe era demonstrada, exortava-o a ser corajoso, dizendo-lhe que o reclamaria, quando tivesse voltado para junto de seu Senhor e que, em pouco tempo, lhe retribuiria o que havia feito em seu favor.

4. Tendo assim falado, sofreu corajosamente a morte. Derramaram pez fervente sobre as diferentes partes do corpo desde a extremidade dos pés ao alto da cabeça devagar, pouco a pouco.

5. Assim foi o combate da ilustre jovem. Basíledes, porém, não esperou muito tempo. Os companheiros de armas, por um motivo qualquer, exigiram dele um juramento. Ele declarou com energia que não lhe era permitido absolutamente jurar, porque era cristão e confessava-o abertamente. No princípio, acharam que ele estava gracejando; mas como perseverasse obstinadamente, levaram-no ao juiz, a quem ele confessou sua resistência; e ele mandou algemá-lo.

6. Seus irmãos segundo Deus visitaram-no e perguntaram-lhe a causa deste ardor repentino e extraordinário. Narra-se ter ele respondido que três dias após seu martírio, Potamiena lhe aparecera durante a noite, pusera-lhe uma coroa na cabeça e havia pedido uma graça ao Senhor, obtivera o objeto de seu pedido e que ele o receberia dentro de pequeno prazo. Então, os irmãos lhe deram o sigilo do Senhor e no dia seguinte, após ter brilhado no testemunho pelo Senhor, foi-lhe decepada a cabeça.

7. Nota-se que muitos outros, dentre os habitantes de Alexandria vieram em grande número à doutrina de Cristo, na época a que nos referimos, porque, durante o sono, Potamiena lhes aparecera e os chamara. Do assunto, agora, basta.

CAPÍTULO 6

Clemente de Alexandria

Sucessor de Panteno, Clemente dirigia até esta época a catequese em Alexandria, de forma que Orígenes encontrava-se também no número de seus discípulos. Ao explicar a matéria dos *Stromata*, Clemente no primeiro livro apresenta uma cronologia, que abrange até a morte de Cômodo. Assim, evidencia-se ter sido a obra composta sob Severo, cuja época vem descrita no presente livro.

CAPÍTULO 7

O escritor Judas

Nesta mesma ocasião, Judas, outro escritor, dissertando por escrito sobre as setenta semanas de Daniel, expõe a cronologia até o décimo ano do reinado de Severo. Ele julgava que a vinda do Anticristo, comentada por todos, já se aproximava, de tal forma a violência da perseguição contra nós perturbava grande número de espíritos.

CAPÍTULO 8

Audácia de Orígenes

1. Nesta ocasião, enquanto Orígenes atuava na catequese em Alexandria, praticou uma ação que constitui uma prova muito grande de um senso inexperiente e juvenil, mas também de fé e temperança.

2. Entendeu as palavras: “*E há eunucos que se fizeram eunucos por causa do reino dos céus*” (Mt 19,12), de modo simplista e juvenil, seja por julgar que assim cumpria a palavra do Senhor, seja porque, sendo jovem, pregava as coisas divinas, não somente a homens, mas ainda a mulheres, e querendo tirar aos infiéis todo pretexto de calúnia vergonhosa, foi impelido a cumprir realmente a palavra do Senhor, tendo cuidado, porém, de que sua ação ficasse oculta para a maior parte dos discípulos que o cercavam.

3. Não foi possível, contudo, bem que o quisesse, dissimular tal ação. Mais tarde, com efeito, Demétrio, como chefe da comunidade da região, soube do fato. Admirou inteiramente a audácia de Orígenes. Aprovou-lhe o zelo e a sinceridade da fé e exortou-o a se entregar doravante mais ainda à

obra catequética.

4. Tal foi então a posição de Demétrio. Mas pouco tempo depois, vendo Orígenes chegar a grandes realizações, tornar-se ilustre e famoso no mundo inteiro, sucedeu-lhe conceber sentimentos por demais humanos e tentou acusá-lo junto de todos os bispos de uma ação que considerava reprovável, enquanto os bispos mais estimados e célebres da Palestina, os de Cesaréia e de Jerusalém, tendo julgado Orígenes digno de privilégio e de honra mais elevada, lhe haviam imposto as mãos, ordenando-o sacerdote.

5. Ele havia obtido elevado grau de glória; seu nome era conhecido junto de todos os homens; possuía alto renome de virtude e sabedoria. Demétrio, sem nenhum outro motivo de acusação, inculpou-o pela ação cometida na infância e teve a audácia de abranger sob as acusações os que o promoveram ao sacerdócio.⁸⁹

6. Isto, porém, aconteceu um pouco mais tarde. Neste ínterim, Orígenes entregava-se em Alexandria ao múnus da catequese divina em benefício de todos os que o procuravam dia e noite, sem distinção alguma, dedicando com presteza todo o tempo disponível às disciplinas religiosas e a seus discípulos.

7. Tendo Severo detido o poder por mais de dezoito anos, sucedeu-lhe o filho, Antonino. Nesta ocasião, entre os que se portaram com denodo durante a perseguição e, após as lutas da confissão, foram conservados pela Providência de Deus, achava-se determinado Alexandre, que acabamos de assinalar como bispo da Igreja de Jerusalém (cf. 2Tm 4,2; At 20,31; 20,20; 28,31). Distinguiu-se de tal forma na confissão de Cristo que foi julgado digno deste episcopado, embora Narciso, seu predecessor, ainda estivesse vivo.

CAPÍTULO 9

Milagres de Narciso

1. Entretanto, os membros desta comunidade relembram muitos milagres de Narciso, de que tiveram notícia por transmissão oral da parte de sucessivos irmãos. Entre aqueles eventos contam o seguinte prodígio, que ele operou.

2. Uma vez na grande vigília da Páscoa, faltou o óleo aos diáconos; por isso, a multidão ficou muito contrariada. Narciso ordenou aos que preparavam as lâmpadas que fossem tirar água e lha trouxessem.

3. Imediatamente assim foi feito. Ele rezou sobre a água e ordenou, com íntegra fé no Senhor, que fosse derramada nas lâmpadas. Também isto se fez e um poder acima de toda expectativa, extraordinário e divino, transmutou a natureza da água em óleo. Durante muito tempo, até hoje, grande número de irmãos desta região guardou um pouco deste óleo, em comprovação do milagre.

4. Anotou-se da vida deste homem grande número de fatos memoráveis; entre estes, o seguinte. Alguns ce- rados, não suportando o vigor e a firmeza de sua vida, e re-ceosos de sofrerem castigo, se surpreendidos no mal, pois eram cômicos de milhares de crimes, tomaram a dianteira, e urdiram contra ele uma conspiração, levantando terrível calúnia.

5. Em seguida, para terem credibilidade junto dos ouvintes, apoiaram suas acusações com juramento: um jurou que haveria de perecer pelo fogo; outro, que seu corpo seria consumido por doença funesta; o terceiro que perderia os olhos. Mas, apesar do juramento, nenhum dos fiéis lhes deu atenção, por causa da prudência de Narciso, que sempre se evidenciara diante de todos e de seu comportamento perfeitamente virtuoso.

6. Ele, porém, não suportou a malícia desses rumores; e como, aliás, há muito desejava a vida filosófica, pela fuga abandonou a comunidade de sua Igreja e escondeu-se em desertos e lugares secretos, onde permaneceu por numerosos anos.

7. Mas, o grande olho da justiça não ficou indiferente a esses feitos e rapidamente nesses ímpios levou a efeito as imprecações que haviam proferido com juramento contra si mesmos. Relativamente ao primeiro, em conseqüência, apenas uma pequena faísca, sem nenhum motivo aparente, caiu sobre a casa onde ele morava e completamente a queimou durante a noite; e com os seus ele foi consumido. O segundo teve o corpo subitamente coberto da extremidade dos pés à cabeça, pela doença que imprecara.

8. Quanto ao terceiro, vendo o fim dos dois primeiros e tremendo diante da justiça inevitável do Deus onisciente, confessou publicamente a maldade que haviam planejado em comum; e, em seu arrependimento, esgotou-se em gemidos e não cessou de chorar a tal ponto que perdeu os dois olhos. Tais foram os castigos desta mentira.

CAPÍTULO 10

Bispos de Jerusalém

Narciso, porém, afastara-se e ninguém sabia onde se achava. Aproveu, então, aos bispos das Igrejas vizinhas impor as mãos a outro bispo. Este chamava-se Dios; não presidiu por muito tempo e teve por sucessor Germanião, que foi substituído por Gordios. No episcopado deste último, Narciso, de certo modo redivivo, reapareceu e foi novamente chamado ao primeiro lugar pelos irmãos. A veneração em que era tido por todos cresceu, devido a seu afastamento, sua filosofia e sobretudo por causa da vingança de que foi julgado digno da parte de Deus.

CAPÍTULO 11

Alexandre

1. E como ele não estivesse mais em condições de cumprir os deveres do ofício por causa da velhice avançada, a providência divina chamou o supramencionado Alexandre, bispo de outra comunidade, por uma revelação noturna em sonho, a exercer o múnus episcopal simultaneamente com Narciso.

2. Foi assim que Alexandre, de certo modo seguindo um oráculo divino, saiu da terra dos capadócijs, onde fora anteriormente honrado com o episcopado, e empreendeu a viagem a Jerusalém para rezar e visitar os lugares santos. O povo do lugar, após tê-lo acolhido com grande benevolência, não lhe permitiu voltar para casa, de acordo com outra revelação noturna e os mais zelosos dentre eles perceberam uma voz muito clara, que ordenava fossem para fora das portas, a fim de receber o bispo que Deus lhes destinara. Desta forma, de comum acordo com os bispos que governavam as Igrejas vizinhas, forçaram-no a ficar.

3. O próprio Alexandre relembra, numa carta particular aos Antinoítas, até hoje conservada entre nós, que Narciso ocupou com ele a sé episcopal;⁹⁰ escreve literalmente no fim da carta: “Saúda-vos Narciso, que, antes de mim, aqui ocupou a sé episcopal e agora fica junto de mim nas orações. Ele completou cento e dezesseis anos e exorta-vos, como também eu, a manterdes sentimentos de concórdia”.

4. Desta maneira se deram os fatos. Na Igreja de Antioquia, após a morte de Serapião, Asclepiades recebeu o episcopado; ele se destacara também pela confissão no tempo da perseguição.

5. Alexandre menciona a instalação deste bispo, escrevendo aos antioquenos o seguinte: “Alexandre, servo e prisioneiro de Jesus Cristo (Fm 1), à bem-aventurada Igreja de Antioquia, saudação no Senhor. O Senhor tornou minhas cadeias suportáveis e leves ao saber, durante meu aprisionamento que, segundo a divina providência, Asclepiades, o mais apto pelo mérito da fé, tinha recebido o episcopado de vossa santa Igreja de Antioquia”.

6. Assinala que enviou esta carta por Clemente, escrevendo no final, nos seguintes termos: “Eu vos envio esta carta, meus senhores e meus irmãos, por intermédio de Clemente, o bem-aventurado sacerdote, homem virtuoso e estimado, que vós também conheceis e logo ides rever. Sua presença aqui, segundo a providência e supervisão do Mestre, fortificou e aumentou a Igreja do Senhor” (cf. At 15,41).

CAPÍTULO 12

Serapião e escritos seus subsistentes

1. É provável que tenham sido conservados outros testemunhos da atividade literária de Serapião, mas só chegaram até nós os escritos: *A Domnus*, que, no tempo da perseguição, tinha fraquejado e passara da fé em Cristo à superstição judaica;⁹¹ *A Pôncio e a Cáricos*, homens da Igreja, e algumas cartas endereçadas a vários;

2. mais outra obra, composta por ele: *Sobre o evangelho dito segundo Pedro*,⁹² para refutar as mentiras contidas nesse evangelho, em vista de determinados fiéis da comunidade de Rossos, que, baseando-se nessa pretensa Escritura, haviam-se desgarrado por doutrinas heterodoxas. Desta obra, vem a propósito citar breve trecho, onde o autor explana seu parecer sobre o livro, nesses termos:

3. “Efetivamente, nós, irmãos, acolhemos Pedro e os outros Apóstolos como se fossem o próprio Cristo; mas, enquanto homens experientes, cômicos de nada de semelhante termos recebido, rejeitamos os pseudo-epígrafos, com estes nomes.

4. Eu também, quando ao vosso lado, supunha que estáveis todos apegados à fé verdadeira, e sem ter lido o evangelho apresentado por eles sob o nome de Pedro, eu dizia: Se é somente isso que vos parece contrário, pode ser lido. Mas agora soube que dissimulava certo senso herético; ao menos assim me foi comunicado. Voltarei, portanto, depressa para junto de vós. Por isso, irmãos, aguardai-me dentro em breve.

5. Nós, porém, irmãos, tendo sabido a que heresia pertencia Marcião, o qual se contradiz a si mesmo, desconhecendo o que afirma, conforme podeis verificar por aquilo que vos foi escrito,

6. pudemos, efetivamente, por meio de outros adeptos deste evangelho, isto é, os sucessores de seus primeiros introdutores — que denominamos docetas,⁹³ pois a maioria de suas idéias pertencem a esta doutrina — pudemos, digo, por este meio, obter de empréstimo o livro, percorrê-lo e encontrar ali, junto da verdadeira doutrina do Salvador, alguns acréscimos, que submetemos a vosso juízo.” Eis o que diz Serapião.

CAPÍTULO 13

Obras de Clemente

1. De Clemente foram-nos conservados os *Stromata*, no total de oito, aos quais ele deu o título: *De Tito Flávio Clemente, Stromata das memórias gnósticas segundo a verdadeira filosofia*.

2. Do mesmo número que os *Stromata* são os livros intitulados *Hypotyposes*, nos quais menciona nominalmente Panteno como seu mestre, e expõe a exegese das Escrituras e as tradições que dele recebeu.
3. Dele ainda existe um discurso aos gregos, o *Protrepticós* e três livros da obra intitulada *Pedagogo*, e outro escrito com a epígrafe: *Que rico se salvará?*; um escrito sobre a *Páscoa* e tratados: *O jejum*, *A maledicência*, *A Exortação à paciência* ou *Aos neófitos*; a obra intitulada *Regra eclesiástica*, ou *Contra os judaizantes*, dedicada a Alexandre, o bispo supramencionado.
4. Nos *Stromata*, não tece apenas uma tapeçaria da Escritura divina, mas rememora também doutrinas, úteis a seu ver, extraídas dos escritos gregos; e expõe com pormenores opiniões de gregos e também de bárbaros, aceitas pela maioria.
5. Retifica ainda as falsas opiniões dos heresiarcas; desenvolve farta informação e fornece-nos matéria de vasta instrução. A tudo isto mescla pareceres dos filósofos, e daí certamente vem a relação do título de *Stromata* com os respectivos assuntos.
6. Nesta obra emprega também provas extraídas de Escrituras não aceitas de modo geral; cita, por exemplo, a *Sabedoria* dita de Salomão, a de Jesus filho de Sirac, a carta aos Hebreus, as cartas de Barnabé, de Clemente e de Judas.
7. Menciona igualmente o *Discurso aos gregos* de Taciano, de Cassiano, como autor de uma *Cronografia* e ainda de escritores judeus, Fílon, Aristóbulo, Josefo, Demétrio, Eupolemo, que declaram todos serem Moisés e a raça dos judeus anteriores aos antigos gregos.⁹⁴
8. E os livros conhecidos deste autor estão repletos de inúmeros conhecimentos úteis. No primeiro dentre eles denota achar-se muito próximo da primitiva sucessão dos apóstolos. Nesta obra, promete também comentar o *Gênesis*.
9. Em seu livro: *A Páscoa*, confessa que foi forçado por seus amigos a transmitir por escrito as tradições que recebera de viva voz dos antigos presbíteros, em vista dos pósteros. Lembra Melitão, Ireneu e alguns outros, cujas explanações insere na sua obra.

CAPÍTULO 14

Suas citações das Escrituras

1. Em *Hypotyposes* ele faz, em suma, exposições resumidas dos Testamentos de toda a Escritura, sem omitir as partes controvertidas, isto é, a *Carta de Judas* e as outras *cartas* católicas, e a *Carta de Barnabé* e o *Apocalipse*, dito de *Pedro*.
2. Acrescenta ser da autoria de Paulo a *carta aos Hebreus*, escrita para os hebreus em língua hebraica, mas que Lucas, depois de traduzi-la cuidadosamente, divulgou-a entre os gregos. Este o motivo por que se assemelham a tradução desta carta e os *Atos*.
3. Não é sem razão que não traz a inscrição: “Paulo apóstolo”, pois, conforme diz Clemente, “dirigindo-se aos hebreus, prevenidos contra aquele que consideravam suspeito, prudentemente evitou desafiá-los desde o começo, apondo aí seu nome”.
4. Um pouco mais adiante, prossegue: “Conforme já dizia o bem-aventurado presbítero, uma vez que o Senhor, apóstolo do Onipotente, foi enviado aos hebreus, de maneira comedida, Paulo, enviado aos gentios, não deu a si mesmo o nome de apóstolo dos hebreus, de um lado por reverência para com o

Senhor e de outro, porque, sendo arauto e apóstolo dos gentios, dirigia-se por acréscimo aos hebreus”.

5. Nos mesmos livros ainda, Clemente cita um dado tradicional dos antigos presbíteros relativamente à ordem dos evangelhos. É o seguinte: os evangelhos que contêm as genealogias foram escritos em primeiro lugar.

6. O evangelho segundo Marcos foi elaborado da seguinte forma: Pedro anunciava a palavra publicamente em Roma e explicava o evangelho guiado pelo Espírito. Os numerosos ouvintes insistiram para que Marcos, seu companheiro por muito tempo e, por isso, bem lembrado de suas palavras, transcrevesse o que ele havia dito. Marcos o fez e transmitiu o evangelho aos que lho haviam pedido.

7. Tendo conhecimento disto, Pedro nada aconselhou que o impedisse ou estimulasse a escrever. Por fim, João, ciente de que o lado humano havia sido exposto nos evangelhos, escreveu, impelido pelos discípulos e divinamente inspirado pelo Espírito, um evangelho espiritual. Eis o que refere Clemente.

8. De outro lado, o supramencionado Alexandre traz referências sobre Clemente e simultaneamente sobre Panteno, como sendo seus conhecidos, numa carta a Orígenes. Escreve o seguinte: “Foi, efetivamente, da vontade de Deus, conforme é de teu conhecimento, que permanecesse intacta, ou antes, se tornasse mais calorosa e firme a amizade oriunda de nossos maiores.

9. Pois conhecemos esses bem-aventurados pais, que nos precederam na caminhada e junto dos quais em breve estaremos: Panteno, meu senhor, verdadeiramente bem-aventurado; e são Clemente, meu mestre, que muito me auxiliou e talvez outros ainda, por cujo intermédio vim a conhecer-te, meu senhor e meu irmão, o melhor de todos, em tudo.”

10. Tais os fatos. Quanto a Adamâncio (pois Orígenes usava também este apelativo), na época em que Zeferino guiava a Igreja de Roma, esteve em Roma, conforme ele próprio escreveu numa passagem: “Tivera desejos de ver a muito antiga Igreja de Roma”.⁹⁵ Após rápida permanência, dali voltou a Alexandria,

11. e entregou-se diligentemente às funções habituais da catequese. Demétrio, que então era o bispo dali, ainda o encorajava e quase lhe suplicava que se desse ardorosamente ao bem dos irmãos.

CAPÍTULO 15

Héraclas

Como ele visse que não era capaz de unir o estudo aprofundado à pesquisa e explicação das Sagradas Letras e ainda à catequese dos que o procuravam nem lhe permitindo respirar, porque uns após outros, desde a aurora até a tarde, freqüentavam-lhe a escola, ele dividiu a multidão e, entre seus discípulos, escolheu Héraclas, zeloso pelas coisas divinas, aliás homem muito eloqüente e experiente em filosofia e dele fez colega na catequese, confiando-lhe a primeira iniciação dos principiantes e reservando para si a instrução dos mais adiantados.

CAPÍTULO 16

Orígenes aplica-se ao estudo da Escritura

1. Tão importante era para Orígenes o estudo muito acurado da Palavra de Deus, que aprendeu também a língua hebraica e adquiriu a posse de originais das Escrituras conservados entre os judeus, em caracteres hebraicos. Pôs-se à procura de outros textos de tradutores das Escrituras Sagradas, além

dos Setenta. Descobriu, em acréscimo às traduções geralmente conhecidas, as de Áquila, Símaco e Teodocião, algumas que trouxe à luz, extraíndo-as de ignorados esconderijos, onde estavam há muito perdidas.

2. Por ter dúvidas acerca do autor de que provinham, indicou somente tê-las encontrado, uma em Nicópolis perto de Actium, e outra em determinado lugar.

3. Em todo o caso, aditou aos Hécxaplas dos Salmos, além das quatro versões conhecidas, não somente uma quinta, mas ainda uma sexta e uma sétima. Anota acerca de uma delas que a descobriu em Jericó, dentro duma jarra, no tempo de Antonino, filho de Severo.

4. Reuniu conjuntamente todas estas traduções, dividiu-as em versículos (*côla*), colocou-as em colunas paralelas, com o próprio texto hebraico. Assim nos deixou o exemplar denominado *Hexaplas*;⁹⁶ e em *Tetraplas* publicou separadamente as versões de Áquila, Símaco e Teodocião, juntamente com as dos Setenta.

CAPÍTULO 17

O tradutor Símaco

Ora, convém saber que um destes intérpretes, Símaco, era ebionita.⁹⁷ Chama-se heresia ebionita a que afirma ter Cristo nascido de José e Maria, ser simples homem e assevera firmemente ser preciso observar estritamente a Lei à maneira dos judeus, conforme vimos na descrição feita mais acima. Conservam-se até hoje alguns comentários de Símaco, onde evidentemente ele procura dar apoio à dita heresia através do evangelho segundo Mateus. Orígenes assinala ter recebido esses trabalhos, com outras interpretações de Símaco sobre as Escrituras, de certa Juliana, que, diz ele, havia herdado esses livros do próprio Símaco.

CAPÍTULO 18

Ambrósio

1. Nesta mesma época, Ambrósio, adepto da heresia de Valentim, deixou-se convencer acerca da verdade proposta por Orígenes; e com a mente iluminada por certo fulgor, aderiu à doutrina ortodoxa da Igreja.

2. Muitos outros homens cultos, quando a fama de Orígenes se difundira por toda a parte, procuravam-no para junto dele adquirir experiência relativa às doutrinas sagradas. Inúmeros hereges e filósofos dos mais célebres aderiam a ele zelosamente, a fim de aprender não somente a teologia, mas ainda a filosofia profana.

3. Introduzia os naturalmente bem dotados nas disciplinas filosóficas, na geometria, aritmética e outros elementos preparatórios. Em seguida, transmitia-lhes o conhecimento dos diversos sistemas dos filósofos, explicava-lhes seus escritos, comentava-os e examinava-os acuradamente, de sorte que os próprios gregos proclamavam-no grande filósofo.

4. No entanto, conduzia os numerosos menos dotados ao estudo do conjunto das ciências, afirmando que para eles esses conhecimentos não seriam de pequena utilidade relativamente à compreensão das Escrituras divinas e à introdução a elas. Além disso, julgava obrigatório, mesmo para ele, o estudo das disciplinas profanas e filosóficas.

CAPÍTULO 19

1. Podem atestar seus êxitos nestas matérias os próprios filósofos gregos que floresceram em seu tempo, e em cujos escritos encontramos menções numerosas de Orígenes. Dedicam-lhe seus próprios escritos ou, como a um mestre, submetem-lhe seus trabalhos pessoais para que os julgue.
2. Mas, por que dizer isto? Ainda em nossos dias, Porfírio,⁹⁸ morador da Sicília, compôs vários escritos contra nós, empenhado em caluniar as Escrituras divinas; refere-se aos que as comentaram, sem poder lançar a menor censura contra a doutrina, e, na carência de argumentos, passa a injuriar e caluniar os próprios exegetas, especialmente Orígenes.
3. Declara tê-lo conhecido na juventude e tenta caluniá-lo. Mas escapam-lhe recomendações ao proferir a verdade sobre questões das quais era impossível falar de outra forma, ou mente sobre questões em que supunha não ser apanhado em flagrante. Então, ora acusa-o como cristão, ora procura depreciar sua aplicação às disciplinas filosóficas.
4. Escuta, pois, o que assevera literalmente: “Alguns, desejosos de encontrar explicação sobre a inclemência das Escrituras judaicas, em vez de romper com elas, apelam para interpretações incompatíveis e em desacordo com o texto; assim, não tanto fazem apologia de opiniões estranhas, quanto aprovam e louvam suas próprias produções. Efetivamente, elogiam como enigmas as claras asserções de Moisés, que eles proclamam como sendo oráculos repletos de mistérios ocultos; e tendo o senso crítico da alma obcecado pelo orgulho, apresentam seus comentários”.
5. Em seguida, diz, após outras observações: “Tal absurdo origina-se de alguém que também eu conheci quando era muito jovem. Ele era então muito famoso e ainda goza de grande reputação por causa das suas remanescentes obras. Refiro-me a Orígenes, cuja ilustração largamente se propagou entre os mestres destas doutrinas.
6. Efetivamente, foi ouvinte de Amônio, que em nossa época obteve grande sucesso em filosofia. Adquiriu junto de seu mestre grande experiência nas ciências; relativamente à reta orientação da vida, porém, seguiu caminho oposto.
7. Amônio, de fato, era cristão, educado por pais cristãos. Mas, logo que abordou os raciocínios e a filosofia, tornou-se cidadão conforme as leis. Orígenes, ao invés, era grego, formado segundo os métodos gregos, mas desviou-se aderindo à obstinação peculiar aos bárbaros. Adotando-a, fez péssima transação relativa a si mesmo e a sua perícia nos estudos. Viveu como cristão, e à margem da lei; mas helenizou as noções sobre a realidade e a divindade, e incluiu as opiniões dos gregos nos mitos estrangeiros.
8. Efetivamente, seguia em tudo Platão; lia freqüentemente os escritos de Numênio, Crônio, Apolófanes, Longino, Moderato, Nicômaco e dos homens ilustres entre os pitagóricos; utilizava também os livros do estóico Queremão e de Cornuto; aprendeu deles a interpretação alegórica dos mistérios gregos, que aplicou às Escrituras judaicas.”
9. São estas as asserções de Porfírio no terceiro livro *Contra os cristãos*. É verídico nas afirmações relativas à formação e à extensa cultura de Orígenes; mente, contudo, indubitavelmente — que se pode esperar de adversário dos cristãos? — ao assegurar que Orígenes se convertera de doutrinas gregas e que Amônio, de uma vida segundo a piedade caíra no paganismo.
10. Efetivamente, Orígenes conservou-se fiel à doutrina de Cristo recebida dos antepassados,

conforme o demonstrou a narrativa anterior. Amônio, porém, manteve-se até o fim da vida adepto da filosofia inspirada, de forma intacta e indefectível, conforme atestam de algum modo até agora as obras deste homem, célebre diante da maioria, em geral, pelos escritos que deixou, por exemplo, o livro intitulado *Pleno acordo entre Moisés e Jesus* e muitos outros que é possível encontrar entre os amigos do bem e do belo.

11. Seja dito tudo isso a fim de comprovar a hipocrisia deste mentiroso. Ainda, quanto às disciplinas helênicas, fica demonstrado o grande saber de Orígenes, reprovado por alguns; ele defende seu zelo na carta onde relata o seguinte:

12. “Ao me dedicar à Palavra e espalhar-se a fama de minha forma de agir, procuravam-me os heréticos, ou os eruditos nas disciplinas helênicas, e especialmente os filósofos. Aproveitei-me examinar as asserções dos hereges e as promessas dos filósofos de exporem a verdade.

13. Assim procedemos, à imitação de Panteno, nosso predecessor, que foi útil a muitos e possuía extensa preparação nessas matérias, e também de Héraclas, agora partícipe do presbitério de Alexandria. Encontrei-o ao lado do mestre das disciplinas filosóficas, junto do qual adquirira forças durante cinco anos, antes de começar a escuta desses ensinamentos.

14. Por influência deste mestre, deixou as vestes comuns que anteriormente usava e tomou o manto dos filósofos, que conserva até agora; ele não cessa de estudar os livros dos gregos à medida do possível.” Assim se exprimiu Orígenes para se defender relativamente ao exercício da cultura helênica.

15. Ora, nesta ocasião, enquanto ele residia em Alexandria, chegou um chefe militar e entregou cartas a Demétrio, bispo da comunidade e ao eparca do Egito de então, escritas pelo governador da Arábia, a fim de que lhe enviassem logo Orígenes a fim de se entreterem mutuamente. Por isso, Orígenes foi à Arábia. Tendo rapidamente levado a termo a missão, voltou a Alexandria.

16. Nesse ínterim, combate violento estalara na cidade. Ele deixou Alexandria às ocultas e partiu para a Palestina, passando a residir em Cesaréia. Os bispos da região pediram-lhe que discorresse publicamente na igreja e explicasse as Sagradas Escrituras, apesar de não ter ainda recebido a ordenação sacerdotal.

17. Evidencia tal fato o que escreveram, no intuito de defendê-lo, Alexandre, bispo de Jerusalém, e Teoctisto, bispo de Cesaréia, a respeito de Demétrio: “Em sua carta, ele acrescentou que jamais se ouviu dizer, e que até agora jamais sucedeu que leigos façam a homilia em presença de bispos, mas ignoramos como é possível assegurar o que manifestamente não é verídico.

18. Efetivamente, se existem homens capazes de ser úteis aos irmãos, os santos bispos convidam-nos a falar ao povo; por exemplo, em Laranda, Evelpis por Neão; em Icônio, Paulino por Celso; em Sínada, Teodoro por Ático, bem-aventurados irmãos nossos. Provavelmente em outros lugares, o mesmo aconteceu, embora não o saibamos.” Foi deste modo que, apesar de ainda jovem, Orígenes, de quem falamos, recebeu esta honra não apenas dos compatriotas, mas ainda de bispos estrangeiros.⁹⁹

19. Demétrio, contudo, chamou-o novamente por carta e incitou-o por intermédio de alguns diáconos a voltar para Alexandria. Ele regressou, e entregou-se aos trabalhos habituais.

Escritos remanescentes dos autores deste tempo

1. Naquele tempo floresciam muitos autores eruditos na Igreja, e as cartas que trocavam entre si conservam-se até hoje e facilmente se obtêm. Foram preservadas até hoje na biblioteca de Aélia, que Alexandre, na ocasião bispo desta Igreja, organizou. Dela recolhemos o material para a presente exposição, reunindo-o num só todo.
2. Entre eles Berilo, bispo de Bostra na Arábia, além das cartas, deixou diferentes obras excelentes. De igual mo-do, Hipólito, que era também bispo de determinada Igreja.
3. Ainda chegou até nós de Caio, homem muito eloqüente, que vivia em Roma no tempo de Zeferino, um *Diálogo* contra Proclo, que disputava em favor da heresia catafrígia. Nesta obra, Caio refreia a temeridade e audácia dos adversários de comporem novas Escrituras; menciona somente treze cartas do santo Apóstolo, não enumerando entre as demais a carta aos Hebreus, visto que, ainda hoje, em Roma pensam alguns não ser da autoria do Apóstolo.

CAPÍTULO 21

Bispos renomados destes tempos

1. Ora, após ter Antonino reinado sete anos e seis meses, sucedeu-lhe Macrino. Morto este último ao fim de um ano, outro Antonino recebeu por sua vez o governo dos romanos. No primeiro ano de seu reinado, faleceu o bispo de Roma, Zeferino, após ter exercido o ministério durante dezoito anos inteiros.
2. Depois dele, Calisto assumiu o episcopado; viveu mais cinco anos, e deixou o ministério a Urbano. O imperador Alexandre, então, herdou o império de Roma, pois Antonino reinou apenas quatro anos. Nesta época ainda, Fileto sucedeu a Asclepiades à frente da Igreja de Antioquia.
3. A mãe do imperador, chamada Maméia, era mulher das mais religiosas. Como a fama de Orígenes ressoava por toda a parte e chegou a seu ouvido, deu grande importância ao favor de vê-lo e comprovar sua inteligência das coisas divinas, de modo geral admirado.
4. Durante sua permanência em Antioquia, mandou chamá-lo por intermédio de soldados de sua guarda. Ele ficou algum tempo junto dela, expondo-lhe grande número de questões para a glória do Senhor e louvor da virtude da doutrina divina. Depois, apressou-se a retomar as ocupações costumeiras.

CAPÍTULO 22

Escritos de Hipólito conservados

Justamente então Hipólito também elaborou muitos outros comentários, além do escrito: *A Páscoa*, que traz uma cronologia até o primeiro ano do imperador Alexandre e propõe a norma de um ciclo de dezesseis anos para a Páscoa. Outras obras que chegaram até nós são as seguintes: *O Hexaemeron*, *Eventos subseqüentes ao Hexaemeron*, *Contra Marcião*, *O Cântico (dos cânticos)*, *Algumas partes de Ezequiel*, *A Páscoa*, *Contra todas as heresias*, e várias outras que é possível encontrar, porque remanescentes na posse de muitos.

CAPÍTULO 23

Zelo de Orígenes

1. Desde então, Orígenes iniciou os *Comentários* às divinas Escrituras. Ambrósio o estimulava não somente com mil exortações e encorajamentos em palavras, mas ainda fornecendo-lhe com largueza os recursos de que necessitava.
2. Efetivamente, mais de sete taquígrafos estavam a seu lado enquanto ditava, alternando-se uns aos outros em horas determinadas. Não eram em menor número os copistas, assim como jovens peritos em caligrafia. Ambrósio fartamente ministrava o indispensável à subsistência de todos; bem mais, participava diligentemente do estudo dos oráculos divinos com inexprimível ardor, mas sobretudo instigava Orígenes a elaborar comentários.
3. Era isso o que acontecia. Depois que Urbano fora bispo da Igreja de Roma durante oito anos, teve Ponciano por sucessor, enquanto Zebeno presidia à Igreja de Antioquia após Fileto.
4. Nesta época, Orígenes, para atender a urgentes negócios eclesiásticos, foi à Grécia, e ao atravessar a Palestina, em Cesaréia, recebeu dos bispos da região a ordenação sacerdotal. A agitação provocada por este motivo em torno dele, as decisões tomadas diante desta agitação pelos chefes das Igrejas, todos os restantes trabalhos realizados em sua maturidade em prol da Palavra divina, exigiria um relatório à parte. Nós o fizemos adequadamente no segundo livro da *Apologia* que escrevemos em seu favor.

CAPÍTULO 24

Comentários que fez em Alexandria

1. Seria necessário acrescentar a tudo isso que, no sexto livro do *Comentário ao Evangelho segundo João*, Orígenes anota que os cinco primeiros livros foram compostos enquanto ele ainda estava em Alexandria. Do trabalho sobre o evangelho inteiro, somente chegaram até nós vinte e dois tomos.
2. No nono livro dos *Comentários sobre o Gênesis* — doze ao todo —, não apenas observa que os anteriores ao nono foram redigidos em Alexandria, assim como os comentários aos primeiros vinte e cinco salmos, os comentários às *Lamentações*, dos quais cinco tomos chegaram até nós, e onde ele relembra os livros *Sobre a ressurreição*, em número de dois.
3. Além disso, escreveu ainda, antes de sua partida de Alexandria os livros *Sobre os Princípios*. Os intitulados *Stromata*, porém, que são dez, foram redigidos na mesma cidade, sob o reinado de Alexandre, conforme demonstram as notas autógrafas no cabeçalho dos tomos.

CAPÍTULO 25

Suas citações das Escrituras canônicas

1. Ao explicar o salmo primeiro, Orígenes apresenta um catálogo das Escrituras Sagradas do Antigo Testamento, escrevendo literalmente: “Observe-se que os livros do Antigo Testamento, segundo a tradição hebraica, são vinte e dois, número das letras de seu alfabeto”.
2. Em seguida, um pouco mais adiante, prossegue: “Os vinte e dois livros, conforme os hebreus, são os seguintes: O livro a que damos o título de *Gênesis*, entre os hebreus traz inscrito, de acordo com as palavras iniciais: *Bresith*, que significam: “No começo”; *Êxodo*, *Ouellesmoth*, isto é, “Eis os nomes”; *Levítico*, *Ouicra*, isto é, “E ele chamou”; *Números*, *Ammesphencodeim*; *Deuteronômio*, *Elleaddebareim*: “Estas são as palavras”; *Jesus, filho de Navé*, *Iosouebennoun*; *Juízes*, *Rute*, entre eles formam um só livro, *Sophtheim*; *Reis* primeiro e segundo livros, entre eles, um só, *Samuel* : “O eleito de Deus”; *Reis*, terceiro e quarto livros, em um só, *Ouammelch David*, isto é: “Reino de (=Rei) Davi”; *Paralipomenos*, primeiro e segundo livros, em um só, *Dabreinamein*, isto é, “Palavras dos dias”; *Esdras*, primeiro e

segundo livros, em um só, *Ezra*, isto é, “Auxiliar”; *Livro dos salmos*, *Sphartheleim*; *Provérbios de Salomão*, *Meloth*; *Eclesiastes*, *Koeleth*; *Cântico dos Cânticos* — e não como alguns julgam, *Cânticos dos Cânticos* —, *Sirassireim*; *Isaías*, *Iessia*; *Jeremias*, com as *Lamentações* e a *Carta* em um só livro, *Ieremia*; *Daniel*, *Daniel*; *Ezequiel*, *Ezechiel*; *Jó*, *Job*; *Ester*, *Esther*. Além destes, os *Macabeus*, intitulados *Sarbethsabanaiel*”.

3. Eis como Orígenes propõe a questão na obra supracitada. No primeiro dos tomos: *Sobre o evangelho segundo Mateus*, ele conserva o cânon eclesiástico e mostra conhecer apenas quatro *Evangelhos*. Escreve o seguinte:

4. “Conforme aprendi da tradição sobre os quatro *Evangelhos*, os únicos também indiscutíveis na Igreja de Deus que há sob os céus, foi escrito em primeiro lugar o evangelho segundo Mateus; este anteriormente fora publicano e depois Apóstolo de Jesus Cristo. Ele o editou para os fiéis vindos do judaísmo, redigindo-o em hebraico.

5. O segundo é o *Evangelho segundo Marcos*, que o escreveu conforme as narrações de Pedro, o qual o nomeia seu filho na *carta católica*, nesses termos: ‘A que está em Babilônia, eleita como vós, vos saúda, como também Marcos, o meu filho’ (1Pd 5,13).

6. E o terceiro é o *Evangelho segundo Lucas*, elogiado por Paulo (cf 2Cor 8,18-19; 2Tm 2,8; Cl 4,14) e composto para os fiéis provenientes da gentilidade. Enfim, o *Evangelho segundo João*.”

7. No quinto livro dos *Comentários ao Evangelho segundo João*, o mesmo Orígenes declara o seguinte acerca das *Epístolas* dos apóstolos: “Paulo, digno ministro do Novo Testamento, não segundo a letra, mas segundo o espírito, depois de ter anunciado o evangelho desde Jerusalém e suas cercanias até o Ilírico (Rm 15,19), não escreveu a todas as Igrejas que ele havia instruído; mesmo àquelas a que escreveu, enviou apenas poucas linhas.

8. Pedro, sobre quem está edificada a Igreja de Cristo, contra a qual não prevalecerão as portas do inferno (Mt 16,18), deixou apenas uma carta incontestada, e talvez ainda outra, porém controvertida.

9. Que dizer de João, que reclinou sobre o peito de Jesus (Jo 13,25; 21,20), deixou um evangelho, assegurou ser-lhe possível compor mais livros do que poderia o mundo conter (Jo 21,25), e escreveu o *Apocalipse*, mas recebeu a ordem de se calar e não escrever as mensagens das vozes das sete trombetas? (Ap 10,4)

10. Legou-nos também uma *Carta* de muito poucas linhas e talvez outra e ainda terceira, pois nem todos admitem que estas sejam autênticas; aliás, as duas juntas não abrangem cem linhas.”

11. Finalmente, externa-se da seguinte maneira sobre a *Carta aos Hebreus*, nas *Homilias* proferidas a respeito desta última: “O estilo da epístola intitulada *Aos Hebreus* carece da marca de simplicidade de composição do Apóstolo, que confessa ele próprio ser imperito no falar, isto é, no fraseado (2Cor 11,6); no entanto, a carta é grego do melhor estilo, e qualquer perito em diferenças de redação o reconheceria.

12. Efetivamente, os conceitos da Epístola são admiráveis e em nada inferiores aos das genuínas cartas apostólicas. Há de concordar quem ouvir atentamente a leitura das cartas do Apóstolo.”

13. Mais adiante, adita essas afirmações: “Mas, para exprimir meu próprio ponto de vista, diria que os pensamentos são do Apóstolo, enquanto o estilo e a composição originam-se de alguém que tem presente a doutrina do Apóstolo, e por assim dizer, de um redator que escreve as preleções de um

mestre. Se, portanto, uma Igreja tem por certo que a carta provém do Apóstolo, felicito-a, pois não será sem fundamento que os antigos a transmitiram como sendo da autoria de Paulo.

14. Entretanto, quem escreveu a carta? Deus o sabe. A tradição nos transmitiu o parecer de alguns de ter sido redigida por Clemente, bispo de Roma, outros opinam ter sido Lucas, o autor do *Evangelho* e dos *Atos*.” Mas, sobre o assunto, basta.

CAPÍTULO 26

Héraclas recebe o episcopado de Alexandria

No décimo ano do supramencionado reinado, Orígenes transferiu-se de Alexandria para Cesaréia e deixou a Héraclas a escola de catequese desta cidade. Pouco depois, morreu Demétrio, bispo da Igreja de Alexandria, tendo completado quarenta e três anos inteiros de ministério. Sucedeu-lhe Héraclas.

CAPÍTULO 27

Parecer dos bispos a seu respeito

Neste tempo ilustrou-se Firmiliano, bispo de Cesaréia da Capadócia. Tinha tal amor a Orígenes que primeiramente o chamou a seu país, em vista do bem das Igrejas; depois, foi passar algum tempo com ele na Judéia para se aperfeiçoar nas coisas de Deus. Além disso, o chefe da Igreja de Jerusalém, Alexandre, e Teoctisto de Cesaréia aderiram constantemente a ele, como único mestre, e permitiram-lhe ocupar-se da interpretação das Escrituras divinas e do restante da doutrina da Igreja.^{[100](#)}

CAPÍTULO 28

Perseguição sob Maximino

Havendo o imperador de Roma, Alexandre, completado treze anos de reinado, sucedeu-lhe Maximino César. Este, por ódio à casa de Alexandre, constituída na maioria de fiéis, suscitou uma perseguição e mandou matar exclusivamente os chefes das Igrejas, enquanto promotores do ensino do evangelho. Então Orígenes compôs o livro “*Sobre o martírio*”, dedicado a Ambrósio e a Protocteto, sacerdote da comunidade de Cesaréia, porque ambos passaram por dificuldades extraordinárias na perseguição. Conta-se terem eles se distinguido pela confissão de fé durante o reinado de Maximino, cuja duração não ultrapassou três anos. Orígenes assinala o tempo desta perseguição no vigésimo segundo livro dos *Comentários sobre o evangelho segundo João* e em várias cartas.

CAPÍTULO 29

Fabiano, bispo de Roma

1. Tendo Gordiano em seguida a Maximino assumido o governo dos romanos, Antero tornou-se o sucessor de Ponciano, bispo da Igreja de Roma durante seis anos; exerceu o múnus durante um mês e substituiu-o Fabiano.

2. Diz-se que Fabiano, depois da morte de Antero, veio do campo com outros companheiros e estabeleceu-se em Roma. Ali, de modo muito extraordinário, através de uma graça divina e celeste, foi por sorte designado bispo.

3. Ao estarem reunidos todos os irmãos para a eleição do que devia assumir o episcopado, veio à mente da maioria o nome de muitos homens célebres e notáveis; ninguém pensara em Fabiano, que se achava presente. Narra-se que de repente desceu do alto do céu uma pomba e pousou na cabeça dele, à

imitação da descida do Espírito Santo sobre o Salvador em forma de pomba (cf. Mt 3,16; Mc 1,10; Lc 3,22; Jo 1,32).

4. Diante do fato, o povo todo, movido de certo modo por um espírito divino, com um só impulso e uma só alma, exclamou que ele era digno. Sem demora apossaram-se dele e fizeram-no ocupar o trono episcopal. Nesta mesma ocasião, faleceu o bispo Zebeno de Antioquia e Bablas substituiu-o. Em Alexandria, ao receber Héraclas o múnus após Demétrio, na escola de catequese da cidade sucedeu-lhe Dionísio, ele também discípulo de Orígenes.

CAPÍTULO 30

Discípulos de orígenes

Enquanto Orígenes em Cesaréia entregava-se às ocupações habituais, era muito procurado, não apenas pelos habitantes da região, mas inumeráveis estrangeiros abandonavam a pátria para vir escutá-lo. Conhecemos alguns especialmente notáveis: o nosso coetâneo, o célebre bispo Teodoro, que tinha também o apelido de Gregório, e seu irmão Atenodoro. Eram em extremo dados às disciplinas dos gregos e dos romanos. Mas Orígenes inspirou-lhes o amor da filosofia e exortou-os a permutar o primitivo zelo pela aplicação às coisas divinas. Depois de terem vivido em sua companhia cinco anos completos, obtiveram tal melhoria no conhecimento das coisas divinas que, jovens ainda, foram ambos julgados dignos do episcopado de Igrejas no Ponto.

CAPÍTULO 31

Africano

1. Nesta época, era igualmente conhecido Africano, autor da obra intitulada *Cestós*.¹⁰¹ Dele possuímos uma carta endereçada a Orígenes, onde declara duvidar se a história de Suzana do livro de *Daniel* (Dn 13) não seria apócrifa e inventada. Orígenes responde-lhe de maneira prolixa.

2. Do mesmo Africano subsistem outras obras, os cinco livros das *Cronografias*, elaboradas com extrema exatidão. Observa que empreendeu a viagem a Alexandria por causa da ilustre fama de Héraclas, que, segundo dissemos, era muito versado nos estudos filosóficos e nas ciências dos gregos e recebeu o episcopado da Igreja desta cidade.

3. Subsiste ainda outra carta do mesmo Africano a Aristides, a respeito do pretendido desacordo entre as genealogias de Cristo segundo Mateus e Lucas. Nesta carta, afirma claramente a concordância entre os evangelistas conforme uma exposição que chegara até seus dias, a qual oportunamente já incluí no primeiro livro da presente obra.

CAPÍTULO 32

Livros que orígenes comentou

1. Nesta mesma ocasião, exarou Orígenes ainda os *Comentários sobre Isaías*, e ainda os comentários *Sobre Ezequiel*. Destes comentários temos ainda trinta tomos de um terço do livro de Isaías, até a visão dos quadrúpedes no deserto (Is 30,6), e sobre Ezequiel vinte tomos, os únicos que ele fez por inteiro sobre o profeta.

2. Dali partiu para Atenas, onde terminou o comentário a Ezequiel e começou o do Cântico dos cânticos, que abrange até o quinto livro. Depois, de volta a Cesaréia, terminou-o, a saber, até o décimo livro.

3. De que serve agora fazer o catálogo exato de suas obras, merecedoras de peculiar estudo? Aliás, transcrevemos um na vida de Pânfilo, o santo mártir contemporâneo nosso; ao expor qual o zelo de Pânfilo relativamente às coisas de Deus, reproduzimos as listas da biblioteca dos livros de Orígenes¹⁰² e de outros autores eclesiásticos, por ele organizada. Por meio destes catálogos, será possível a qualquer um conhecer de maneira completa os remanescentes trabalhos de Orígenes. Agora, demos prosseguimento a nossa história.

CAPÍTULO 33

Erro de Berilo

1. Berilo, citado um pouco mais acima, bispo de Bostra na Arábia, transgredindo normas eclesiásticas, procurava introduzir opiniões alheias à fé e ousava afirmar que nosso Salvador e Senhor não preexistira em substância própria antes de seu advento ao meio dos homens, nem possuía divindade própria, mas apenas nele habitava a divindade paterna.

2. Então, enquanto grande número de bispos mantinha com ele discussões e diálogos, Orígenes também foi convocado. Primeiro, conferenciou com ele, tentando apreender seu modo de pensar; depois, ciente do que ele asseverava, corrigiu as noções pouco ortodoxas, convenceu-o por meio de argumentos, restabeleceu-o na verdade dos ensinamentos e reconduziu-o à primitiva e sã doutrina.

3. Até hoje temos os escritos de Berilo e as atas do sínodo convocado por sua causa, que abrangem o conjunto das perguntas que lhe fez Orígenes, os diálogos mantidos na comunidade, isto é, tudo o que se realizou naquela oportunidade.

4. E nossos presbíteros nos transmitiram também, sobre Orígenes, a notícia de mil outros fatos, que julgamos melhor omitir, visto não corresponderem à meta deste trabalho. Tudo, porém, que era necessário saber a respeito dele, é possível recolher na *Apologia* elaborada conosco por Pânfilo, o santo mártir coetâneo nosso, em defesa de Orígenes e cuidadosamente feita em trabalho conjunto, por causa dos oponentes.

CAPÍTULO 34

Acontecimentos sob Filipe

Gordiano finalizou seu reinado em Roma após seis anos completos. Filipe sucedeu-lhe no poder juntamente com seu filho, Filipe. Diz-se que este último era cristão e na última vigília de Páscoa quis participar com o povo das orações na igreja, mas o celebrante não lhe permitiu entrada antes de fazer a confissão e inscrever-se na categoria dos pecadores, no lugar dos penitentes. De outra forma, se não o fizesse o imperador, jamais seria acolhido pelo presidente, devido às numerosas acusações dos adversários. Diz-se que ele se submeteu de bom grado, mostrando pelas ações a sinceridade e a piedade de suas disposições, no temor de Deus.

CAPÍTULO 35

Dionísio sucede a Héraclas

No terceiro ano de seu império, Héraclas morreu após ter chefiado durante dezesseis anos as Igrejas de Alexandria. Dionísio, então, assumiu o episcopado.

CAPÍTULO 36

Outros escritos de Orígenes

1. Nessa época, como também era natural, com a propagação da fé e o livre e geral anúncio da doutrina cristã, diz-se que Orígenes, que atingira mais de sessenta anos, e estava muito habituado a falar em consequência de seu longo preparo, permitiu a estenógrafos anotarem suas preleções proferidas em público, enquanto anteriormente jamais o havia autorizado.
2. Ainda na mesma ocasião, escreveu os oito livros em resposta ao escrito contra nós do epicúrio Celso, intitulado *Discurso verdadeiro*, os vinte e cinco tomos: *Sobre o evangelho segundo Mateus*, e os livros: *Sobre os doze profetas*, dos quais encontramos apenas vinte e cinco.
3. Dele ainda temos uma carta ao próprio imperador Filipe, e outra a sua esposa Severa e várias endereçadas a diversos correspondentes. Todas as que pudemos recolher, conservadas separadamente em posse de particulares, nós as reunimos em volumes especiais, preservando-as de ulterior dispersão. Ultrapassam o número de cem.
4. Escreveu também a Fabiano, bispo de Roma, e a grande número de outros chefes de Igrejas a respeito de sua ortodoxia. Encontram-se extratos dessas cartas no sexto livro da *Apologia* que escrevemos acerca de Orígenes.

CAPÍTULO 37

Divergência dos árabes

Apareceram ainda, na Arábia, no tempo a que nos referimos, introdutores de uma doutrina alheia à verdade. Asseveravam que a alma humana neste mundo, no momento final provisoriamente morre com o corpo, e com ele se corrompe, mas no futuro, por ocasião da ressurreição, com ele reviverá. Então, foi convocado um importante concílio. Orígenes novamente foi chamado, e após ter discursado perante a assembléia sobre a questão disputada, saiu-se de tal forma que alterou o modo de pensar dos que primeiramente haviam sido iludidos.

CAPÍTULO 38

Heresia dos elquesaítas

Nessa oportunidade, a heresia dita dos elquesaítas¹⁰³ introduziu uma doutrina perversa, mas que se extinguiu logo no início. Orígenes a menciona numa homilia proferida diante da assembléia, sobre o salmo 82, nos seguintes termos: “Atualmente, apareceu alguém a se gabar de poder ensinar uma doutrina atéia, das mais ímpias, denominada dos elquesaítas, que há pouco levantou oposição às Igrejas. Expor-vos-ei os erros disseminados por tal doutrina, a fim de não vos deixardes arrastar. Recusa certas passagens de cada parte da Escritura, adota entretanto extratos do Antigo Testamento e dos evangelhos, rejeita totalmente os ditos do Apóstolo. Afirmar ser indiferente a apostasia, e o homem refletido renegar somente de boca impelido pela necessidade, mas não de coração. Apresentam eles ainda um livro que asseguram ter caído do céu. Quem o escutar e acreditar receberá a remissão dos pecados, remissão diversa daquela concedida por Jesus Cristo.”

CAPÍTULO 39

Acontecimentos sob Décio

1. Filipe reinou por sete anos e teve Décio por sucessor. Este, como odiava Filipe, suscitou contra as Igrejas uma perseguição,¹⁰⁴ no decurso da qual Fabiano consumou em Roma o martírio e Cornélio

sucedeu-lhe no episcopado.

2. Na Palestina, Alexandre, bispo da Igreja de Jerusalém, mais uma vez em Cesaréia compareceu, por causa de Cristo, perante os tribunais governamentais; e tendo-se distinguido em segunda confissão, coroado por uma vigorosa velhice e venerandas cãs, sofreu a pena do encarceramento.

3. Após ter prestado perante os tribunais do governador brilhante e ilustre testemunho e morrido na prisão, Mazabanes foi designado seu sucessor no episcopado, em Jerusalém.

4. Em Antioquia, Bablas, analogamente a Alexandre, após a confissão morreu na prisão, e Fábio foi posto à frente da Igreja do lugar.

5. Quais e quão grandes foram os sofrimentos de Orígenes durante a perseguição, como ele encontrou uma saída, enquanto o maligno demônio com todo o seu exército atacava-o à vontade e contra ele lutava empregando todo o seu poder e todos os seus artifícios e investia particularmente contra ele de preferência a todos os que então eram combatidos; quais e quantos foram os suplícios que Orígenes suportou por causa da palavra de Cristo, cadeias e torturas corporais, suplícios pelo ferro, suplícios nas profundezas das prisões; como, durante numerosos dias, teve os pés nos cepos até o quarto buraco e foi ameaçado de ser lançado ao fogo; como corajosamente enfrentou tantas outras provas infligidas pelos inimigos, qual o resultado de tudo isso, pois o juiz se empenhava zelosa e absolutamente por não lhe tirar a vida;¹⁰⁵ finalmente, quantas palavras deixou, repletas de idéias proveitosas para os necessitados de reconforto — tudo isso as inumeráveis cartas que escreveu abrangem de modo simultaneamente verídico e exato.

CAPÍTULO 40

O que sucedeu a Dionísio

1. No tocante a Dionísio,¹⁰⁶ referi, conforme sua carta a Germano, o que ele conta a respeito de si mesmo. É o seguinte: “Falo diante de Deus e ele sabe que não minto (Gl 1,20). Não foi por decisão própria, mas pelo auxílio de Deus que fugi.

2. Já antes, ao ser decretada a perseguição de Décio, Sabino imediatamente mandou um comissário espião procurar-me, e eu, durante quatro dias, fiquei em casa, esperando a chegada do comissário. Ele, contudo, percorria todos os lugares onde suspeitava que me escondera ou por onde podia andar, explorando-os: as estradas, os rios, os campos; atingido de cegueira, não encontrava a casa onde eu estava. Efetivamente, não imaginava que, perseguido, eu permanecesse em casa.

3. Depois do quarto dia, havendo recebido ordem de fugir da parte de Deus, que me conduziu miraculosamente, pesarosos, eu, meus filhos e muitos irmãos, partimos juntos. Demonstraram os fatos subseqüentes, quando talvez tenhamos sido úteis a alguns, que tudo fora obra da Providência divina.”

4. Em seguida, após algumas observações, revela o que lhe sucedeu após a fuga, acrescentando o seguinte: “Eu, porém, ao pôr-do-sol, tendo sido preso pelos soldados simultaneamente com meus companheiros, fui levado para Taposíris. Timóteo, contudo, por ação da Providência divina, ocasionalmente lá não se achava e não foi detido; mas, havendo chegado mais tarde, encontrou a casa vazia, guardada pelos servos; quanto a nós, havíamos sido levados prisioneiros”.

5. Mais adiante, diz: “E como se desenrolou o admirável plano de Deus? A verdade seja dita. Timóteo, muito perturbado, fugiu. Um camponês encontrou-o e interrogou qual a razão daquela pressa.

6. Ele confessou a verdade, e o outro, ao ouvi-lo — ia para uma festa de núpcias, pois é costume desta gente passar a noite inteira nessas reuniões —, logo que chegou, contou o fato aos convivas. Estes, num salto, como a um sinal dado, se levantaram todos, e, correndo, rapidamente chegaram; caíram sobre nós, aos gritos. Como os soldados que nos vigiavam logo fugiram, eles se aproximaram de nós, nas condições em que estávamos, estendidos nos leitos sem cobertas.

7. “Eu, porém, Deus o sabe, pensando no início que se tratava de ladrões que haviam vindo roubar e pilhar, fiquei deitado; estava despido, só com uma veste de linho, e ofereci-lhes o restante de minhas vestes que estavam perto de mim. Eles me ordenaram que me levantasse e saísse o mais depressa possível.

8. E então, entendendo por que eles ali estavam (cf. Mt 26,50), pus-me a gritar, a rogar e suplicar que fossem embora e nos deixassem; e se quisessem fazer uma boa ação, a meu ver, se antecipassem aos que me haviam prendido e me cortassem a cabeça.

Enquanto eu assim gritava, conforme sabem meus companheiros que participaram dos fatos, levantaram-me à força. Eu, contudo, deitei-me no chão de costas, mas eles arrastaram-me pelas mãos e os pés, carregando-me para fora.

9. As testemunhas de tudo isso, Caio, Fausto, Pedro e Paulo me seguiram; carregando-me, conduziram-me rapidamente para fora da aldeia e fazendo com que montasse a pêlo num burro, levaram-me.” Tal a narrativa de Dionísio sobre seu caso.

CAPÍTULO 41

Mártires na própria Alexandria

1. O mesmo Dionísio, na carta a Fábio, bispo de Antioquia, descreve da seguinte forma os combates dos mártires em Alexandria, sob Décio: “A perseguição aqui não começou apenas desde a promulgação do edito imperial, mas o precedeu de um ano inteiro. Tomou a dianteira o mago nesta cidade, maléfico como era; agitou e sublevou contra nós a turba dos pagãos, incentivando os usos supersticiosos regionais.

2. Por ele excitados, julgaram lícito exercer a impiedade e começaram a pensar ser a única religião o culto dos demônios que consistia no morticínio dos cristãos.

3. Prenderam em primeiro lugar um ancião chamado Metras e ordenaram-lhe repetir palavras atéias. Como ele não obedecesse, feriram-lhe o corpo com bastonadas, furaram-lhe o rosto e os olhos com canas pontiagudas; depois levaram-no a um arrabalde e o apedrejaram.

4. Depois, levaram certa fiel, denominada Quinta, ao templo dos ídolos para obrigá-la a adorar. Ela recusou e demonstrou horror. Amarraram-na então pelos pés, e arrastaram-na por toda a cidade sobre o duro pavimento, jogando-a contra pedras de moinho, e surrando-a simultaneamente; depois conduziram-na ao mesmo lugar supracitado e a apedrejaram.

5. Em seguida, todos unanimemente se precipitaram contra as casas dos fiéis, e cada qual lançava-se sobre os vizinhos, seus conhecidos; roubavam e pilhavam. Eram arrebatados os objetos mais preciosos dos tesouros; os de menor valor e os de madeira eram jogados fora e queimados nas estradas, de sorte que Alexandria apresentava o espectáculo de uma cidade tomada por inimigos.

6. Os irmãos retiravam-se e fugiam; suportavam com alegria a pilhagem de seus bens, como aqueles acerca dos quais Paulo prestou testemunho (Hb 10,34). E não sei se algum, exceto um talvez que caiu em suas mãos, até agora tenha renegado o Senhor.

- 7.** Mas também se apoderaram de Apolônia, virgem já idosa, extremamente admirável. Depois de lhe tirarem todos os dentes batendo no maxilar, levantaram uma fogueira diante da cidade e ameaçaram queimá-la viva, se não repetisse as ímpias fórmulas. Ela, porém, recusou brevemente; depois, recuando um pouco, lançou-se com vivacidade no fogo e foi consumida.
- 8.** Ainda prenderam Serapião em sua casa, infligiram-lhe duros suplícios, partiram-lhe as articulações dos membros, e o jogaram do aposento superior, de cabeça para baixo. Não havia estrada, nem passagem, nem atalhos acessíveis, nem de dia nem de noite; sempre e em toda parte gritavam todos: Quem não pronunciar as palavras blasfemas, seja imediatamente morto e queimado.
- 9.** Durante muito tempo perdurou a mesma violência; logo, porém, a revolução atingiu os malvados e uma guerra civil fez refluir sobre eles a crueldade que haviam empregado contra nós. Pudemos respirar um pouco porque eles não tinham mais tempo de se encolerizar contra nós. Mas, em breve chegou a notícia de mudança do reinado, que se nos mostrara mais benevolente, e propagou-se grande apreensão pelas ameaças contra nós acumuladas.
- 10.** Efetivamente, foi promulgado o edito. Quase idêntico ao conteúdo das predições mais terríveis de nosso Senhor, de sorte a escandalizar, se possível, mesmo os eleitos (cf. Mt 24,8-10.24).
- 11.** Ora, todos foram tomados de pavor. Muitos, porém, dos que estavam mais em evidência imediatamente compareceram ao tribunal: uns amedrontados; outros, funcionários, obrigados por suas funções públicas; outros ainda entregues por seus conhecidos. Chamados nominalmente, aproximavam-se dos impuros e ímpios sacrifícios, uns, pálidos e trêmulos, não aparentavam ser sacrificadores, e sim vítimas prestes a ser imoladas aos ídolos. Eram acolhidos pelos risos zombeteiros da plebe circunstante e evidenciava-se que eram inteiramente covardes, quer para morrer, quer para sacrificar.
- 12.** Outros acorriam mais resolutamente aos altares, assegurando com ousadia que jamais haviam sido cristãos. Sobre eles é bem verídica a profecia do Senhor de que dificilmente se salvarão (Mt 19,23; Mc 10,23; Lc 18,24). Dos restantes, imitavam alguns a estes últimos, enquanto os demais fugiam.
- 13.** Alguns eram aprisionados, e dentre estes, uns, após cadeias e prisões, ou até depois de vários dias encarcerados, por fim abjuravam, antes mesmo de comparecerem perante o tribunal; outros suportavam por algum tempo as torturas, mas desistiam de ir até o fim.
- 14.** Todavia, as sólidas e felizes colunas do Senhor (cf. Gl 2,9), por ele corroboradas, da fé firme que possuíam hauriram força e segurança condignas e proporcionadas, e fizeram-se testemunhas admiráveis de seu reino (cf. At 28,23; Ap 1,9).
- 15.** A primeira destas foi Juliano; sofria de gota e não podia ficar de pé, nem andar; foi conduzido com dois outros que o carregavam. Um deles logo renegou, mas o outro, que tinha o nome de Cronião e o sobrenome de Eunous, e o velho Juliano confessaram o Senhor; montados em camelos, foram levados através de toda a cidade que, como o sabeis, é muito grande, enquanto eram chicoteados; finalmente, cercados de todo o povo, foram queimados com cal viva.
- 16.** Um soldado achava-se junto deles enquanto eram levados e opunha-se aos injuriadores. Entretanto, esses gritavam, e o assaz valoroso cavaleiro de Deus, Besas, foi conduzido ao tribunal; depois de se ter assinalado na grande luta em prol da piedade, teve a cabeça cortada.
- 17.** Outro ainda, natural da Líbia, Macário, verdadeiramente feliz pelo nome e a bênção de Deus, depois que o juiz lhe fez longa exortação em prol da apostasia, não se deixou convencer e foi

queimado vivo. No seguimento destes, Epímaco e Alexandre, tendo permanecido por muito tempo nas cadeias e suportado mil sofrimentos, pentes de ferro e flagelos, foram também regados com cal viva.

18. Com eles, quatro mulheres e a santa virgem Amonarião, que o juiz torturou por muito tempo com muito insistência, porque ela declarara previamente que nada haveria de proferir do que ele lhe mandasse, manteve a promessa e foi conduzida à morte. Quanto às outras, a veneranda anciã Mercúria, e Denise, mãe de muitos filhos, mas que os não havia preferido ao Senhor, o juiz teve vergonha de as torturar ainda sem resultado e ser vencido por mulheres; morreram pela espada, mas sem passar pela provação das torturas, porque Amonarião, que havia combatido em primeiro lugar, as suportara por todas elas.

19. Heron, Ater e Isidoro, egípcios, e com eles, um juvenzinho de mais ou menos quinze anos, Dióscoro, foram entregues. O juiz primeiramente empenhou-se em seduzir o adolescente com palavras; julgava poder enganá-lo sem dificuldade, e constrangê-lo por torturas, e que docilmente cedesse, mas Dióscoro não obedeceu nem cedeu.

20. Quanto aos outros, mandou dilacerá-los ferozmente, e como resistissem, entregou-os também ao fogo. A Dióscoro, que se ilustrara publicamente e respondera com grande sabedoria a suas perguntas em particular, o juiz admirado o despediu, dizendo que em consideração a sua idade concedia-lhe prazo para mudar de opinião. E agora Dióscoro, com grande mérito diante de Deus, está conosco, tendo subsistido para luta mais prolongada e recompensa mais abundante.

21. Certo Nemesião, ele também egípcio, foi denunciado falsamente como morador em companhia de bandidos. Havendo-se livrado junto do centurião desta calúnia bastante estranha, foi acusado como cristão e compareceu em cadeias perante o governador. Este, muito injusto, infligiu-lhe torturas e flagelos duas vezes mais que aos ladrões, depois entre ladrões mandou queimá-lo e o bem-aventurado assim foi honrado de conformidade com a morte de Cristo.

22. Um contingente completo de soldados, Amão, Zenão, Ptolomeu, Ingenes e com eles o velho Teófilo achavam-se diante do tribunal. Realizava-se o julgamento de um cristão, já propenso à apostasia. Os que estavam mais perto dele rangiam os dentes, faziam sinais com a cabeça, estendiam as mãos, gesticulavam com o corpo.

23. Todos se voltaram para seu lado, mas antes que algum dentre eles fosse preso de outro modo, eles se apressaram a subir o degrau, declarando-se cristãos, de sorte que o governador e seus assessores se assustaram; os que estavam sendo julgados mostraram-se cheios de coragem a respeito do que deviam padecer e os juízes tiveram medo. E os soldados saíram solenemente do tribunal, alegrando-se com seu testemunho. Deus os fazia triunfar gloriosamente (cf. 2Cor 2,14).

CAPÍTULO 42

Outros mártires lembrados por Dionísio

1. Outros, em grande número, em cidades e aldeias, foram estraçalhados pelos pagãos. Citarei um deles, para exemplificar. Irquirião era mercenário e administrava os bens de um dos magistrados. Seu empregador ordenou-lhe que sacrificasse; ele não obedeceu e foi insultado; persistiu e foi ultrajado; resistindo ainda, um grande bastão foi-lhe enterrado no ventre e nas entranhas, e ele morreu.

2. Que dizer da multidão dos que erravam pelos desertos e pelos montes, atingidos pela fome e pela sede, o frio glacial, as doenças, os salteadores, as feras? Os sobreviventes são testemunhas de sua eleição e de sua vitória. Contarei um fato que sirva de comprovação.

- 3.** Queremão, bispo da cidade chamada Nilópolis, era muito velho. Tendo fugido para o deserto da Arábia com sua consorte, não regressou, e os irmãos, apesar de muitas buscas, jamais conseguiram revê-los, nem encontraram os seus cadáveres.
- 4.** Muitos, na mesma montanha da Arábia, foram reduzidos à escravidão por bárbaros sarracenos; entre estes, uns foram resgatados com dificuldade, e por elevado preço; os outros até agora não foram redimidos. Não é ocioso ter narrado isto, irmão; assim podes conhecer as terríveis provas que nos atingiram. Aqueles, porém, que as experimentaram, sabem muito mais.”
- 5.** Em seguida, linhas adiante, prossegue: “Deste modo, nossos santos mártires, agora sentados ao lado de Cristo, partícipes de seu reino, que julgam com ele e com ele proferem a sentença (Ap 20,4; 1Cor 6,6), tornaram-se os protetores de alguns dos irmãos lapsos, que deviam prestar contas sobre a acusação de sacrifício; verificando sua conversão e penitência e considerando que esta poderia ser aceitável àquele que absolutamente não quer a morte do pecador, mas seu arrependimento (cf. Ez 18,23; 33,1ss; 2Pd 3,9), eles os acolheram, congregaram, reuniram e participaram de suas orações e refeições.
- 6.** “O que, portanto, irmãos, nos aconselhais a respeito deste assunto? O que fazer? Estar de acordo com eles e partilhar o parecer dos mártires? Manter seu julgamento e seu perdão? Portar-nos-emos favoravelmente para com aqueles de quem eles se compadeceram, ou ao invés haveremos de considerar injusta sua decisão e apresentarmo-nos quais censores de sua opinião? Lastimaremos sua bondade e revogaremos suas ordens?”

CAPÍTULO 43

Vida de Novato e sua heresia

- 1.** Eis o que expôs com razão Dionísio, levantando a questão dos lapsos no tempo da perseguição. Entretanto, Novato, sacerdote da Igreja de Roma, cheio de orgulho, ensinava que para eles não havia mais esperança de salvação, mesmo se empregassem todos os meios em vista de uma conversão sincera e uma confissão pura. Fez-se chefe de uma heresia particular, cujos partidários adotaram a denominação de puros, seguindo seu soberbo modo de pensar.
- 2.** Por sua causa, convocou-se um grande concílio em Roma. Contava sessenta bispos¹⁰⁷ e ainda um número maior de presbíteros e diáconos; nas províncias, os pastores examinaram em particular, conforme cada região, o que importava fazer. Foi tomada uma decisão geral. Fossem considerados fora da comunhão da Igreja, Novato, simultaneamente com os que se rebelaram com ele, e adotaram a opinião antifraterna e inteiramente desumana de Novato. Relativamente aos irmãos que haviam caído na infelicidade, era preciso tratá-los e curá-los pelos remédios da penitência.
- 3.** Chegou até nós uma carta de Cornélio, bispo de Roma, a Fábio, bispo da Igreja de Antioquia. Registra os atos relativos ao concílio romano e o que foi decidido pelos bispos da Itália, da África, e daquela região; há também cartas, compostas em latim, de Cipriano e seus colegas da África, nas quais fica demonstrado que também eles eram de opinião ser necessário socorrer os que caíram na tentação e banir a justo título da Igreja católica o chefe da heresia e igualmente todos os que se deixaram arrastar por ele.
- 4.** Nesta carta havia anexa outra de Cornélio acerca do que aprovou ao concílio e ainda outra sobre o que se havia realizado sob a influência de Novato. Nada impede citar trechos desta carta, a fim de que os leitores fiquem informados a esse respeito.

- 5.** Cornélio fornece a Fábio informações sobre a conduta de Novato e escreve exatamente o seguinte: “Quero falar-te a fim de te tornares ciente de que este homem espantoso há muito ambicionava o episcopado, conservando oculto seu ardente desejo, ignorado pelos demais, porque tinha junto de si, desde o começo, para esconder sua estultície, alguns confessores.
- 6.** Máximo, presbítero dos nossos, e Urbano, que obtiveram, todos os dois, bela glória por meio da confissão, bem como Sidônio e Celerino, que suportou, com a maior firmeza, toda espécie de torturas, graças à misericórdia de Deus, fortificou a fraqueza da carne pelo vigor de sua fé, e energicamente venceu o adversário — todos estes chegaram a conhecer bem Novato, descobrindo a maldade e duplicidade nele existentes, seus perjúrios, suas mentiras, seu caráter intratável, sua amizade lupina. Regressaram ao seio da santa Igreja e revelaram em presença de muitos, bispos, presbíteros e leigos, os artifícios e as más ações que ele longamente ocultara. Gemiam e lamentavam-se por se terem deixado convencer por esta fera astuta e maléfica e por terem durante certo tempo abandonado a Igreja.”
- 7.** Algumas linhas mais abaixo, declara: “Que inconcebível transformação, meu caro irmão, que mudança constatamos operar-se nele em curto prazo. Pois este homem brilhante, que persuadia por juramentos terríveis que absolutamente não ambicionava o episcopado, de repente, como que projetado no meio de nós por um sortilégio, apresentou-se investido do episcopado.
- 8.** Efetivamente, este dogmatizador, esse defensor da doutrina da Igreja, quando decidiu arrebatrar e extorquir o episcopado que não lhe fora outorgado do alto, escolheu dois partidários, já sem esperança da própria salvação, e enviou-os a uma pequena e insignificante localidade da Itália para enganar três bispos, homens rústicos e muito simples, por meio de argumentos capciosos assegurando firmemente e sustentando com energia que eles deviam ir logo a Roma a fim de fazer cessar, servindo de mediadores, qualquer dissensão com os outros bispos.
- 9.** Ao chegarem lá os bispos, simples demais para perceberem planos malignos e astúcias, conforme acabamos de dizer, foram cercados por alguns indivíduos semelhantes a Novato e por ele atemorizados. À décima hora, estando os bispos embriagados e aturdidos pela saciedade, Novato obrigou-os à força a lhe dar o episcopado por meio de uma simulada e vã imposição das mãos. Este episcopado, ele o reivindica por astúcia e dissimulação, uma vez que não lhe compete.
- 10.** Pouco tempo depois, um daqueles bispos voltou à Igreja, lastimando e confessando seu pecado. Nós o acolhemos em comunhão entre os leigos, pois o povo presente intercedia por ele. Dos outros bispos, ordenamos sucessores que enviamos às sedes de onde provinham.
- 11.** Não sabia, por acaso, tal defensor do evangelho que numa comunidade católica deve haver um só bispo? Nela, ele não o ignorava (e como poderia ignorar?), existem quarenta e seis presbíteros, sete diáconos, sete subdiáconos, quarenta e dois acólitos, cinquenta e dois exorcistas, leitores e porteiros, mais de mil e quinhentas viúvas e indigentes, todos sustentados pela graça e pelo amor aos homens de seu Senhor.
- 12.** Mas, nem multidão tão grande de tal modo necessária na Igreja que, pela Providência divina, constitui número elevado e superabundante, povo imenso e incontável, fez com que desistisse da ignorância e desalento, e regressasse à Igreja.”
- 13.** Ainda aditou, após outras observações: “Muito bem! Digamos agora em que obras e atitudes baseado, ousou pretender o episcopado. Seria por ter, desde o começo, estado no seio da Igreja, por ter

sustentado em seu favor muitos combates, por ter sido cercado de numerosos e grandes perigos em prol da religião? Mas, absolutamente, isso não aconteceu!

14. O ponto de apoio de sua confiança é Satanás, que dele se acercou e nele habitou por considerável espaço de tempo. Foi socorrido pelos exorcistas quando caiu em grave doença, e julgando-se prestes a morrer, no próprio leito onde jazia, recebeu o batismo por infusão, se é possível afirmar que tal homem o recebeu.

15. No entanto, curou-se e nem assim recebeu o restante, de que devia participar segundo as normas da Igreja e não foi assinalado pelo bispo. Privado de tudo isso, como teria recebido o Espírito Santo?”

16. Mais adiante, prossegue: “Por covardia e por apego à vida, no tempo da perseguição, negou que era presbítero. De fato, diante do convite e exortação dos diáconos a que saísse do local onde se encerrara, a fim de socorrer os irmãos conforme deve um presbítero, à medida do possível, assistir a irmãos em perigo, necessitados de reconforto, longe de atender às exortações dos diáconos, foi-se embora e afastou-se encolerizado. Declarou que não queria mais ser presbítero, pois estava encantado com outra filosofia”.

17. Após alguns acréscimos, apõe essas palavras: “Este homem ilustre, portanto, abandonou a Igreja de Deus, onde acreditara e fora honrado com o sacerdócio, graças ao bispo que lhe impusera as mãos e o pusera na fileira dos presbíteros, apesar da oposição de todo o clero e até mesmo de muitos leigos, pois não era lícito a quem, estando doente e acamado, recebera o batismo por infusão, conforme lhe acontecera, ser promovido a qualquer ordem clerical; mas o bispo pedira lhe fosse permitido por exceção ordená-lo”.

18. Em seguida, acrescenta ainda algo, um dos mais graves despropósitos de Novato, nesses termos: “Pois, ao fazer a oblação e distribuir a cada qual a sua parte, entrega-a obrigando os infelizes a jurar em vez de dar graças. Tomando com as duas mãos as mãos daquele que recebe a eucaristia, não as solta antes que ele tenha prestado o juramento, com os seguintes dizeres (conforme suas próprias palavras): ‘Jura-me pelo sangue e o corpo de nosso Senhor Jesus Cristo que jamais haverás de abandonar-me para regressar ao partido de Cornélio’.

19. E o pobre homem não comunga se primeiro não o amaldiçoar; ao receber aquele pão, em vez de responder: ‘Amém’, ele assegura: ‘Não voltarei ao partido de Cornélio’.”

20. Após outras anotações, escreve ainda o seguinte: “Agora notifico que ele foi abandonado e despojado de tudo; os irmãos cada vez mais se afastam dele e retornam à Igreja. Também Moisés, o bem-aventurado mártir que recentemente prestou aqui um belo e admirável testemunho, enquanto estava ainda na terra, verificando sua audácia e estultície, excomungou-o com cinco presbíteros que simultaneamente se haviam separado da Igreja.

21. E no final da carta, apresenta a lista dos bispos presentes em Roma que haviam condenado a estupidez de Novato; indica, ao lado dos nomes, a comunidade que governava cada um deles;

22. menciona igualmente os que, ausentes de Roma, deram assentimento por carta aos votos dos precedentes, trazendo seus nomes, os das cidades às quais pertencia cada um deles e de onde escrevia. São estas as informações de Cornélio a Fábio, bispo de Antioquia.

1. A este mesmo Fábio, um tanto propenso ao cisma, escreve também Dionísio de Alexandria. Trata, nas cartas que lhe dirigiu, de muitas questões, entre outras da penitência, e narra os combates recentes daqueles que haviam prestado testemunho em Alexandria. Conta especialmente um fato maravilhoso, que é necessário transmitir nesta obra. Ei-lo:
2. “ Exporei apenas um exemplo do que aconteceu aqui. Havia entre nós certo Serapião, ancião fiel, que durante muito tempo vivera de forma irrepreensível, mas se tornara lapso no decurso da provação. Ele pedia freqüentemente perdão, mas ninguém lhe dava atenção, pois havia sacrificado. Tendo caído doente, ficou três dias seguidos sem fala e inconsciente.
3. No quarto dia, como estivesse um pouco melhor, chamou seu neto e disse: ‘Até quando, meu filho, me reténs? Peço-te, apressa-te a me desatar. Chama-me um sacerdote’. Tendo proferido essas palavras, perdeu novamente a voz.
4. O menino correu até a casa do sacerdote; era noite e este estava doente; não podia sair. Mas, como de outro lado eu havia dado ordem de que fosse concedido o perdão aos que estivessem morrendo se o pedissem e sobretudo se antes o houvessem suplicado, a fim de morrerem cheios de esperança, entregou um pedacinho do pão eucarístico ao menino, recomendando que o molhasse e o colocasse na boca do ancião.
5. O menino voltou para casa com a eucaristia. Estando perto, antes de entrar, Serapião voltou de novo a si: ‘Tu vieste, meu filho? O sacerdote não pôde vir, mas faz depressa o que ele ordenou e deixa-me partir’. O menino pôs a eucaristia num líquido e logo o derramou na boca do velho; este ingeriu um gole e imediatamente entregou o espírito.
6. Não se evidencia ter sido conservado em vida e subsistido até ser absolvido, e, apagado seu pecado, em consideração das numerosas boas ações que praticara foi reconhecido por Cristo?” Até aqui a narração de Dionísio.

CAPÍTULO 45

Cartas de Dionísio a Novato

Vejamos o que o mesmo Dionísio também escreveu a Novato, que então perturbava a comunidade romana, por atribuir a culpa da apostasia e do cisma a determinados irmãos que o teriam forçado a chegar a tal ponto. Eis de que modo Dionísio lhe escreve: “Dionísio a seu irmão Novaciano. Saudações! Se foste induzido a contragosto, como dizes, a agir assim, tu o demonstrarás regressando de boa mente. Pois é preferível suportar tudo a dividir a Igreja de Deus, e não é menos glorioso o testemunho prestado para não ocasionar o cisma que o de não sacrificar aos ídolos; a meu ver, é até maior. Efetivamente, nesse caso presta-se o testemunho em favor somente da própria alma; ao invés, no outro é em prol da Igreja inteira. E agora, se por meio de persuasão ou de força podes reconduzir os irmãos à concórdia, essa bela ação sobrepujará teu erro, que não te será mais imputado, enquanto aquela será louvável. E se nada puderes por causa da resistência deles, ao menos salva tua própria alma. Rezo por tua incolumidade; possas usufruir da paz no Senhor”.

CAPÍTULO 46

Outras cartas de Dionísio

1. Assim escreveu Dionísio a Novato. Endereçou ainda uma carta aos egípcios *Sobre a penitência*, com uma explanação de seu parecer sobre os lapsos, após ter enumerado os graus de culpabilidade.
2. Consta ainda haver dele uma carta particular, *Sobre a penitência*, dirigida a Cólon, bispo da comunidade de Hermópolis, e outra de enérgica exortação a seu rebanho de Alexandria. Entre suas cartas encontra-se ainda uma a Orígenes, *Sobre o martírio*, outra aos irmãos de Laodicéia, cujo bispo era Telmidres, e igualmente a endereçada aos irmãos da Armênia, onde Meruzanes era bispo, *Sobre a penitência*.
3. Além disso, escreveu também a Cornélio de Roma, de quem recebera uma carta contra Novato. Assinala aí com clareza que foi convidado por Heleno, bispo de Tarso na Cilícia, e por outros que estavam de seu lado, Firmiliano da Capadócia e Teoctisto da Palestina, a encontrar-se com eles no concílio de Antioquia, onde alguns tentavam consolidar o cisma de Novato.
4. Ademais, escreve que recebeu notícia da morte de Fábio e de ter sido Demetriano designado para suceder-lhe no episcopado de Antioquia. Ainda do bispo de Jerusalém, fala textualmente: “Alexandre, porém, este homem admirável, que estava aprisionado, entrou felizmente no repouso”.
5. Em seguida, existe a carta de Dionísio aos Romanos, *Do ministério dos diáconos*, enviada por meio de Hipólito; redige ainda outra aos mesmos, *Sobre a paz*, e igualmente *Sobre a penitência* e também outra aos confessores deste país, ainda adeptos da opinião de Novato; depois, dentre eles, a dois outros, que se haviam convertido à Igreja. Trocava correspondência com muitos, deixando grande proveito aos que ainda atualmente apreciam suas obras.

[85](#) A perseguição teria começado no décimo ano de Severo, isto é, em 202. O rescrito imperial interditava a propaganda cristã e as conversões ao cristianismo e também o proselitismo judaico. Cf. M. SIMON, *Verus Israel. Étude sur les relations entre les chrétiens et les juifs dans l'empire romain (135-425)*, Paris, 1948, pp. 133-135.

[86](#) O interesse de Eusébio por Alexandria e pelo Egito é por causa de Orígenes, cuja biografia ocupa grande parte desde 6º livro. A narração de sua vida será objeto de panegírico que é a Apologia de Orígenes, redigida pelo presbítero Pânfilo e por Eusébio.

[87](#) Por ocasião da perseguição de Maximino, o Trácio, em 235, Orígenes enviará uma Exortação ao martírio a seus amigos, o diácono Ambrósio e o presbítero Prototeto, que acabavam de ser presos.

[88](#) Eusébio narra uma história já contaminada pela lenda, a história de Potamiena, jovem mártir de Alexandria: enquanto era preparada para o suplício, conseguiu converter o soldado Basíledes que a escoltava e que já tinha sido ouvinte das lições de Orígenes. Com sua mãe, Potamiena é besuntada de pixe fervente e queimada viva. Poucos dias depois, Basíledes se proclama cristão. É preso por sua vez. Em sonho vê pousar-lhe sobre a cabeça a coroa do martírio, faz-se batizar na prisão e no dia seguinte é decapitado. No Martirológio jeronimiano os três mártires são comemorados em 28 de junho. No martirológio romano, em 30 de junho.

[89](#) Não havia ainda lei eclesiástica para interditar a ordenação dos eunucos. Sabe-se que o eunuco Melitão era bispo de Sardes. Mas depois de Adriano, as leis civis interditavam sob as penas mais graves a castração, e se estranha que a Igreja jamais a tenha permitido a seus filhos. Cf. H. LECLERCQ, “Castration”, em *Dictionnaire d'archéologie et de liturgie*, t.II, 2; 2369-2372. Mais tarde, o próprio Orígenes lamentou sua mutilação, cf. *In Matth. comment.*, XV, 3; P.G. XIII, 1257.

[90](#) Frequentemente as narrativas atribuem a revelação a nomeação de bispo. Narciso, devido a sua idade, faz praticamente figura de bispo honorário. Na realidade, é Alexandre quem governa a cristandade de Jerusalém, mas a comunidade reza simultaneamente pelos dois bispos.

[91](#) Indagam os historiadores se este Domno não era judeu convertido ao cristianismo, que, por causa da perseguição, teria abjurado sua nova fé, retornando ao judaísmo ou a alguma heresia judaizante, ou a uma seita gnóstica aparentada com o judaísmo.

[92](#) “Malgrado suas tendências docetistas, o Evangelho de Pedro não é obra de seita e não poderia ser ligado a nenhum dos grandes sistemas da gnose judaizante ou cristã. É fruto do cristianismo popular. Seu autor parece ter sido um destes cristãos comuns cuja fé nem sempre é guiada por uma doutrina firme”, L. VAGANAY, *L'Évangile de Pierre*. Paris, 1930, p. 112: 117-118.

[93](#) Os docetas são gnósticos para quem Jesus não tem corpo real. Visto que a matéria é o princípio do mal, Jesus não podia se encarnar. Seu corpo, portanto, era aparente. Cf. R. FRANGIOTTI, *História das heresias*, op. cit., pp. 27-44.

[94](#) A anterioridade de Moisés sobre os filósofos pagãos é argumento comum nas apologéticas judaica e cristã. A passagem mais clara se lê em Clemente de Alexandria, nos *Estromateis*: “... De todos estes e de muita antecedência o mais antigo é o povo judeu; e que a filosofia dos judeus, consignada na Escritura, precede no tempo a filosofia grega, o vem demonstrando com muitas provas o

pitagórico Filão e também Aristóbulo, o peripatético” (*Strom.* I, 15,72, 2-5).

[95](#) A estada de Orígenes em Roma deve ter se dado por volta de 212. Por Jerônimo, sabe-se de um único incidente desta estada: a presença de Orígenes numa homilia pregada por santo Hipólito. A viagem de Orígenes e seu desejo de ver a “antiga Igreja de Roma” não se explicaria, segundo os defensores da romanidade, se a Igreja de Roma não fosse vista desde então como gozando de autoridade particular.

[96](#) Os “côla” são porções de textos, equivalentes ao período de um discurso. *Héxaplas*, como seu nome indica, comportava seis colunas reproduzindo o texto hebraico em caracteres hebraicos, o texto hebraico transcrito em caracteres gregos, a versão dos Setenta, depois a versão de Áquila, de Símaco e de Teodocião. Nas *Tétraplas*, a Escritura em quatro colunas, os dois textos hebraicos eram deixados de lado. O manuscrito original das *Héxaplas* permanece na biblioteca de Cesaréia, e, segundo as aparências, não foi jamais copiado na sua integridade, embora não restem hoje senão fragmentos deste imenso trabalho.

[97](#) Acerca dos ebionitas, cf. R. FRANGIOTTI, *História das heresias*, op.cit., pp. 19-22.

[98](#) Pelos fins do século III, Porfírio compôs uma obra volumosa, em 15 livros, *Contra os cristãos*, muito lida, na época e freqüentemente refutada. Cf. P. de LABRIOLLE, *La réaction païenne. Étude sur la polémique antichrétienne du Ier ao VI siècles*. Paris, 1934, pp. 223-296. Porfírio recrimina, especialmente, aos cristãos, o fato de alegorizar as passagens que os incomodam e de manter o valor histórico de outras; no entanto, ele mesmo não deixa de alegorizar os mitos helênicos.

[99](#) As normas relativas à pregação variavam segundo as igrejas. O que era normal na Palestina e na Ásia Menor era inaudito na África. Ainda no fim do séc. IV, os sacerdotes não pregavam na igreja na África. Agostinho foi um dos primeiros a fazê-lo como padre de Hipona. Em Roma, acontecia o mesmo ainda no século V: a homilia era reservada só ao bispo.

[100](#) Orígenes se transferiu definitivamente em Cesaréia da Palestina e abriu ali uma escola e pregou inúmeras homilias. Quando Maximino promulga a perseguição, Orígenes deixa a cidade e passa dois anos, de 235-237, em Cesaréia da Capadócia, onde recebeu a hospitalidade de Juliana, da qual se falou acima em VI, 17.

[101](#) Júlio Africano elaborava uma compilação enciclopédica da qual só restam numerosos fragmentos. *Cestes* é inteiramente profana, nada tem de eclesiástico, nem mesmo é ortodoxa. Cf. J.R. VIEILLEFOND, *Jules Africain, Fragments des Cestes, provenant de la collection des tacticiens grecs, édités avec une introduction et des notes critiques*, Paris, 1932.

[102](#) Este catálogo elaborado por Eusébio foi perdido. Contudo, uma cópia parcial que são Jerônimo fez na *Carta 33* a Paula assinala mais ou menos 800 livros de Orígenes, enquanto a lista de Eusébio contava 2000. Talvez Eusébio distinguísse nesta lista duas coisas diferentes: uma lista de todas as obras escritas por Orígenes e um catálogo da sua biblioteca pessoal.

[103](#) Eusébio se engana situando o nascimento do elquesaísmo por volta de 245-250. Na verdade, esta heresia começou pelo ano 100. A documentação sobre a seita deve-se sobretudo a santo Hipólito, por sua obra *Philosophoumena*, que foi, em Roma, o testemunho de renascimento da pregação elquesaíta, não sob a forma primitiva, mas sob forma cristianizada. Orígenes conheceu esta segunda versão.

[104](#) A verdadeira causa da perseguição de Décio foi o desejo de restaurar as tradições romanas. Pel primeira vez, o cristianismo é o objeto de medida geral que devia ser aplicada em todo o império. O edito apareceu no começo de 250.

[105](#) Orígenes sobreviveu a todos estes suplícios e foi posto em liberdade. Esgotado por estas terríveis provas, permaneceu enfraquecido sem ter tido a felicidade de dar sua vida pelo testemunho de Cristo, morrendo pouco tempo depois, ao que tudo indica, em Cesaréia da Palestina. Uma tradição recontada por Jerônimo, sobre os homens ilustres, 54, e retomada por Fócio, diz que ele morreu em Tiro, onde, por muito tempo, se mostrava seu túmulo.

[106](#) A partir deste capítulo, a principal fonte de informação de Eusébio são as *Cartas* de Dionísio de Alexandria.

[107](#) Este número indica a difusão do cristianismo na Itália por volta do meio do século III. Pode-se crer, sem exagero, que neste momento havia uma centena de bispos na Itália. Harnack, a partir deste cap. 43,11, conclui sua reflexão afirmando que a cristandade romana, nesta época, podia contar por volta de 30 mil fiéis. Outros estimam 50 mil sobre uma população romana de um milhão de habitantes. Cf. HARNACK, A., *Mission und Ausbreitung*, 4ª ed., t. II, p. 805ss. Sobre a organização do clero romano, Id., *ibid.*, pp. 860-866 e L. DUCHESNE, *Le Liber Pontificalis*, t. I, p. 148; *Origines du culte chrétien*, 2ème éd., p. 331.

LIVRO SÉTIMO

CAPÍTULO 1

Perversidade de Galo e Décio

O reinado de Décio não perdurou dois anos inteiros e ele, com seus filhos, logo foi executado. Sucede-lhe Galo. Nessa ocasião, morre Orígenes, tendo completado seu sexagésimo nono ano. Ora, Dionísio, ao escrever a Hermamão, declara a respeito de Galo o seguinte: “Mas nem Galo reconheceu a maldade de Décio, nem tomou precauções ante o mal que o havia derrubado, mas tropeçou na mesma pedra que estava diante de seus olhos (cf. Mt 21,44; Lc 20,18). Estando próspero seu reinado e os negócios de acordo com seus desejos, expulsou os homens santos que intercediam junto de Deus por sua incolumidade e pela paz. Em consequência, com eles expulsou também as orações proferidas em seu favor”. Isto, relativamente a Galo.

CAPÍTULO 2

Bispos de Roma sob esses imperadores

Na cidade de Roma, tendo Cornélio exercido por uns três anos o episcopado, Lúcio foi escolhido para seu sucessor. Este praticou o ministério pouco menos de oito meses, e após sua morte foi o múnus transmitido a Estêvão. A este último escreveu Dionísio a primeira de suas cartas sobre o batismo. Nesta ocasião estava sendo agitada importante questão: Devia-se purificar pelo batismo os que se convertiam de qualquer heresia? Vigorava o costume, efetivamente antigo, de usar apenas para tais casos uma oração acompanhada de imposição das mãos.

CAPÍTULO 3

Cipriano, primeiro bispo a emitir a opinião da necessidade do batismo para os convertidos

Entre os bispos deste tempo, Cipriano, pastor da comunidade de Cartago, mais que todos julgava não ser lícito acolher senão aqueles que previamente fossem purificados de seus erros pelo batismo. Mas Estêvão, pensando que não se devia introduzir inovações fora da tradição em vigor desde os primórdios, ficou intensamente irritado contra ele.

CAPÍTULO 4

Quantas cartas escreveu Dionísio acerca desta questão

Dionísio, portanto, depois de extensamente se entender com ele sobre o assunto por carta, mostrou-lhe finalmente que, uma vez terminada a perseguição, as Igrejas em toda parte rejeitaram as novidades de Novato e recuperaram a paz entre si. Escreve o seguinte:

CAPÍTULO 5

Paz após a perseguição

1. “Levo a teu conhecimento, irmão, que as Igrejas do Oriente e outras ainda mais distantes, outrora divididas, acham-se agora unidas; os bispos por toda parte têm iguais sentimentos e alegram-se em

extremo com a paz alcançada contra toda expectativa: Demetriano em Antioquia, Teoctisto em Cesaréia, Mazabanes em Aélia, Marino em Tiro, pois Alexandre já morreu; Heliodoro em Laodicéia, onde Telemidro faleceu; Heleno em Tarso e todas as Igrejas da Cilícia, Firmiliano e toda a Capadócia. Menciono nominalmente apenas os bispos mais célebres, a fim de não prolongar a carta e não causar tédio com muitas palavras.

2. A Síria inteira e a Arábia, que socorrestes em todas as circunstâncias e às quais acabais de escrever, a Mesopotâmia, o Ponto, a Bitínia, numa palavra, todos em toda parte, alegram-se pela concórdia e caridade fraterna, glorificando a Deus.”

3. São palavras de Dionísio. Tendo Estêvão exercido o ministério durante dois anos, sucedeu-lhe Sisto. Dionísio, ao escrever-lhe segunda carta sobre o batismo, expõe o parecer e a sentença de Estêvão e também dos demais bispos. Sobre Estêvão diz o seguinte:

4. “Ora, anteriormente ele havia escrito a respeito de Heleno, de Firmiliano e de todos os bispos da Cilícia e da Capadócia, e sem dúvida também dos bispos da Galácia e de todos os povos circunvizinhos, que não estaria mais em comunhão com eles, pelo único motivo, dizia, de rebatizarem os hereges.

5. Pondera a importância da questão! Na realidade havia, sobre este assunto, decisões tomadas nas maiores assembleias de bispos, conforme soube; os recém-vindos das heresias, previamente catequizados, eram rebatizados e purificados da mancha do antigo e impuro fermento (cf. 1Cor 5,7). E a respeito de todas essas questões, escrevi rogando com instância.”

6. Mais adiante, declara: “E a nossos queridos co-presbíteros, Dionísio e Filêmon, que inicialmente partilhavam a opinião de Estêvão e me haviam escrito sobre o assunto, respondi primeiro em poucas palavras e agora acabo de fazê-lo mais amplamente”. Tudo isso sobre a questão agora ventilada.

CAPÍTULO 6

Heresia de Sabélio

Na mesma carta, anota sobre hereges sabelianos, influentes nesta época. Assevera o seguinte: “Recentemente surgiu uma doutrina em Ptolemaida da Pentápole, doutrina ímpia e sumamente blasfema contra o Deus todo-poderoso, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo (cf. 2Cor 1,3; Ef 1,3; 1Pd 1,3), doutrina assaz incrédula sobre seu Filho único, primogênito de toda criatura (Cl 1,15), o Verbo que se fez homem, doutrina completamente insensata contra o Espírito Santo. Das duas partes, vieram-me documentos e os irmãos queriam trocar idéias comigo. Transmiti como foi possível, com o auxílio de Deus, alguns ensinamentos, expondo-os de modo melhor. Envio-te cópias”.

CAPÍTULO 7

Erro abominável dos hereges

1. Na terceira carta sobre o batismo, escrita a Filêmon, sacerdote de Roma, acrescenta o mesmo Dionísio o seguinte: “Eu, também, tomei conhecimento das obras e das tradições dos hereges; durante algum tempo, manchei a alma com suas abomináveis cogitações, mas daí retirei a vantagem de refutá-las no meu íntimo e sentir horror tanto maior.

2. Na verdade, um irmão dentre os presbíteros tirou-me do meio deles, apavorado como estava de verme revolvendo no lodo daquela malícia e manchar minha alma. Percebi que ele falava a verdade e uma visão¹⁰⁸ da parte de Deus me fortificou.

3. Veio uma voz a ordenar expressamente nesses termos: ‘Toma nas mãos tudo o que encontrares, pois és capaz de regular e examinar todas as coisas, e isto será para ti inicialmente motivação para a fé’. Acolhi a visão, conforme a palavra apostólica endereçada aos mais fortes: ‘Sede cambistas prudentes’.
4. Em seguida, havendo proferido algumas palavras sobre todas as heresias, adita: “Ora, recebi esta regra e norma de nosso bem-aventurado papa¹⁰⁹ Héraclas. Os recém-vindos das heresias e que sem dúvida haviam apostatado da Igreja, ou antes, os que não se haviam separado, aparentando unidos a ela, porém se haviam manchado, filiando-se a mestres heterodoxos, ele os expulsava da Igreja e não lhes atendia o postulado antes de haverem declarado publicamente o que tinham ouvido entre os adversários e então, acolhia-os na assembléia, sem exigir novo batismo; efetivamente dele outrora haviam recebido *o que é santo*” (cf. Mt 7,6).
5. De novo, depois de ter largamente desenvolvido o problema, acrescenta: “Soube ainda que não foi só agora e apenas pelos bispos da África que este uso foi introduzido, mas bem antes, no tempo dos nossos predecessores, nas Igrejas mais numerosas e nos sínodos dos irmãos em Icônio, Sínada e vários outros lugares, foi adotada essa medida. Não ousou opor-me a tal decisão e lançá-los em disputas e rivalidades, pois diz a Escritura: ‘Não deslocarás as fronteiras do teu vizinho, colocadas pelos antepassados’ ” (Dt 19,14).
6. A quarta de suas cartas sobre o batismo foi escrita a Dionísio de Roma, então revestido do sacerdócio e que, pouco depois, tornou-se bispo dos fiéis desta Igreja. Nesta carta, percebe-se que Dionísio de Alexandria atesta ser ele eloqüente e admirável. Mais adiante, lembrando o caso de Novato, emprega essas expressões:

CAPÍTULO 8

Heterodoxia de Novato

“Temos, de fato, razão de detestar Novaciano, que dividiu a Igreja e arrastou certos irmãos às impiedades e blasfêmias, introduzindo um ensinamento muito ímpio acerca de Deus, e acusando falsamente nosso tão bondoso Senhor Jesus Cristo (cf. 1Pd 2,3; Mt 11,30), de ser impiedoso. Além disso, suprimiu o santo batismo, provocou confusão na fé e na profissão que o precedem, e expulsou inteiramente o Espírito Santo dos que o haviam recebido, mesmo quando ainda havia esperança de sua permanência neles, ou de sua volta.”¹¹⁰

CAPÍTULO 9

Batismo ímpio dos hereges

1. A quinta de suas cartas foi escrita ao bispo de Roma, Sisto. Faz muitas declarações contra os hereges e expõe os eventos de sua época, nos seguintes termos: “De fato, irmão, tenho verdadeiramente necessidade de teu conselho, de perguntar qual o teu parecer uma vez que tal questão foi-me apresentada e tenho receio de me enganar.
2. Havia, efetivamente, entre os irmãos reunidos, um homem considerado fiel desde muito. Antes de minha sação, e acredito que até mesmo antes da instalação do bem-aventurado Héraclas, participava das reuniões e, estando perto dos batizando, escutava as perguntas e as respostas. Ele se aproximou de mim chorando, lamentando-se e caindo a meus pés, declarava e jurava que o batismo que recebera entre os hereges não era este, nada de comum tinham entre si, mas era cheio de impiedades e blasfêmias.

3. Afirmava ter agora a alma cheia de compunção, e sentia-se sem coragem de erguer os olhos para Deus (Lc 18,13), tendo sido iniciado por palavras e ritos sacrílegos; em consequência disso, pedia esta purificação, acolhida e graça genuínas.
4. Mas não ousei agir assim, dizendo-lhe ser suficiente a comunhão que tivera durante tantos anos. Com efeito, tinha ouvido as palavras da eucaristia, tinha respondido juntamente o *Amém* (1Cor 14,16), estivera de pé diante da mesa e estendera as mãos para receber este santo alimento, havia recebido por muito tempo o corpo e o sangue de nosso Senhor e deles participara; eu não teria ousado refazer a iniciação. Ordenei-lhe que tivesse coragem e se adiantasse, com fé firme e esperança segura, à participação das coisas santas.
5. Ele, contudo, não parava de chorar; tremia ao pensamento de se aproximar da mesa santa e, apesar das insistências, mal suportou participar das orações.
6. Além das supramencionadas, existe ainda uma carta do mesmo sobre o batismo, dirigida em seu nome e no da comunidade por ele presidida a Sisto e à Igreja de Roma; ali se estende com forte demonstração sobre a questão disputada. Existe igualmente, além desta, outra a Dionísio de Roma, a respeito de Luciano. Sobre o assunto, basta.

CAPÍTULO 10

Valeriano e sua perseguição

1. Ora, Galo e seus sócios nem por dois anos completos ocuparam o poder e foram mortos. Sucessores no governo foram Valeriano e seu filho Galiano.
2. Ainda Dionísio narra sobre o assunto o que se depreende da carta a Hermamão, na qual deste modo se exprime: “Isto foi revelado de modo semelhante a João: ‘Foi-lhe dada uma boca para proferir palavras insolentes e blasfêmias, e também poder para agir durante quarenta e dois meses’ (Ap 13,5).
3. Mas há duas atitudes que causam pasmo em Valeriano. Principalmente considere-se a atitude primitiva, como era amável e benévolo para com os servos de Deus. Efetivamente, nenhum dos imperadores precedentes fora tão bem disposto e acolhedor para com eles; até mesmo os imperadores de que se dizia terem abertamente se tornado cristãos não os atendiam com a intimidade e amizade manifestas que Valeriano inicialmente demonstrou, pois a sua corte se enchia de homens piedosos e era uma igreja de Deus.
4. Mas seu mestre, chefe das sinagogas dos magos do Egito, persuadiu-o a se desembaraçar deles. Empenhou-se, de um lado, em matar e perseguir os homens inócuos e santos, quais adversários e obstáculos a seus encantamentos inteiramente infames e abomináveis. De fato, eles são e eram capazes, por sua presença, seu olhar e até mesmo apenas com o sopro e o som da voz, de arruinar os artifícios dos demônios malignos. Doutro lado, aconselhou-o a realizar iniciações impuras, práticas criminosas de feitiçaria, cerimônias religiosas reprovadas pela divindade, degolar crianças infelizes, sacrificar filhos de pais miseráveis, rasgar as entranhas dos recém-nascidos, cortar e retalhar criaturas de Deus, como se isso pudesse tornar feliz alguém.”
5. Ainda acrescenta as seguintes palavras: “Belas, efetivamente, as ofertas de ação de graças de Macriano, no intuito de obter o cobiçado império. Ele, que anteriormente era denominado procurador geral do imperador, nada calculou de razoável e de geral; mas tombou segundo a maldição profética: ‘Ai dos profetas insensatos, que andam segundo o seu próprio espírito e nada vêem’ (Ez 13,3).

6. Com efeito, nem entendeu a Providência universal, nem teve temor do julgamento daquele que é antes de tudo, em tudo e acima de tudo (cf. Ef 4,6; Cl 1,17). Deste modo tornou-se inimigo da Igreja universal, estranho e alheio à misericórdia de Deus, afastado o mais possível da própria salvação. E assim realizou o significado de seu nome próprio.”
7. Após outras notas, diz ainda: “Ora, Valeriano por ele induzido a tomar essas medidas, viu-se entregue aos insultos e zombarias, segundo a palavra de Isaías: ‘Todos eles escolheram os seus próprios caminhos; sua alma se deleitou nas suas abominações! Também eu zombarei deles e trarei sobre eles aquilo de que têm pavor por causa de seus pecados ’ (Is 66,3-4).
8. Macriano, apesar de absolutamente indigno, tinha a mania de obter o império. Como não podia revestir as insígnias imperiais por ser estropiado, colocou à frente seus dois filhos, onerados dos pecados paternos. Evidentemente realizou-se neles a profecia feita por Deus: ‘Vingo a iniquidade dos pais nos filhos até a terceira e a quarta geração daqueles que me odeiam’ (Ex 20,5).
9. Seus próprios maus desejos irrealizáveis, incutiu-os na mente dos filhos, imprimindo neles a malignidade e o ódio a Deus.” Sobre Valeriano tal é a descrição de Dionísio.

CAPÍTULO 11

Acontecimentos atinentes a Dionísio

1. Quanto à perseguição que soprou violentamente sob esse príncipe, e o próprio Dionísio suportou, em companhia de outros, por causa da piedade para com o Deus do universo, revelam-no as próprias palavras dirigidas a Germano, um dos bispos seus contemporâneos, que tentava difamá-lo. Explica o seguinte:
2. “Incorro no perigo de incidir realmente em grande loucura e insensatez, constrangido pela necessidade (cf. 2Cor 11,1, 17,21; 12,6.11) de expor o admirável plano de Deus para conosco. Mas, uma vez que diz a Escritura: ‘é bom manter oculto o segredo do rei; porém, é justo revelar as obras de Deus’ (Tb 12,7) enfrentarei o ataque de Germano.
3. Não fui sozinho à presença de Emiliano, mas estava acompanhado do co-presbítero, Máximo, e dos diáconos, Fausto, Eusébio, Qeremão; igualmente entrou conosco um dos irmãos de Roma, que se achava presente.
4. Emiliano não me disse logo em primeiro lugar: ‘Não faças reuniões’. Pois, em sua opinião, era ocioso e secundário; mas foi diretamente ao fim. Não disse, portanto, que não reunisse a outros, mas que deixássemos, nós mesmos, de ser cristãos; ordenou que desistíssemos, julgando que, se eu mudasse de opinião, os outros também me seguiriam.
5. Respondi, porém, brevemente e a propósito, ser *‘preciso obedecer antes a Deus que aos homens’* (At 5,29), e diante dele prestei testemunho de que eu adorava o único Deus que existe e a nenhum outro, não mudaria no modo de pensar e jamais desistiria de ser cristão. Então, ele nos ordenou que nos retirássemos para uma aldeia contígua ao deserto, chamada Kephro.
6. Mas ouvi as próprias palavras de ambos os lados, conforme constam das atas: ‘Tendo mandado entrar Dionísio, Fausto, Máximo, Marcelo e Queremão, Emiliano, na qualidade de governador, disse: ‘Informei-vos oralmente acerca da generosidade de nossos senhores para convosco.
7. De fato, eles vos ofereceram a possibilidade de escapar se quiserdes voltar ao que é segundo a natureza, adorar os deuses protetores do império e conseqüentemente esquecer os costumes contrários

a esta mesma natureza. Que dizeis diante de tudo isto? Espero, portanto, que não sereis ingratos a seus sentimentos humanitários, visto que vos exortam a praticar o que é melhor.’

8. Dionísio replicou: ‘Nem todos adoram todos os deuses, mas cada qual adora aqueles nos quais acredita. Nós, portanto, veneramos e adoramos o Deus único, criador do universo, o mesmo que concedeu o império aos amados de Deus, Valeriano e Galieno Augustos, e é a ele que rezamos incessantemente pelo império, a fim de permanecer inabalável’.^{[111](#)}

9. Emiliano, na qualidade de governador, lhes disse: ‘Ora, se ele é Deus, quem vos impede de adorá-lo juntamente com os deuses segundo a natureza? Pois recebestes ordem de venerar os deuses, deuses que todos reconhecem’. Dionísio respondeu: ‘Nós não adoramos a nenhum outro’.

10. Emiliano, na qualidade de governador, falou-lhes: ‘Vejo que sois simultaneamente ingratos e insensíveis à benevolência de nossos Augustos. Em consequência disso, não ficareis nesta cidade, mas sereis enviados às partes da Líbia, ao lugar denominado Kephro. Escolhi este lugar, obedecendo ao mandamento de nossos Augustos. Jamais vos será lícito, nem a vós, nem a outros fazer reuniões ou entrar nos locais chamados cemitérios.’^{[112](#)}

11. Se, de outro lado, algum de vós aparecer fora do lugar que determinei ou for descoberto em reunião, por si mesmo expõe-se ao perigo. Prestai, portanto, a devida atenção. Retirai-vos, pois, para o lugar aonde fostes mandados.’ Embora eu estivesse doente, ele obrigou-me a partir, sem conceder nem o prazo de um dia. Ora, que tempo teria eu de convocar ou não uma assembléia?” Em seguida, após algumas observações, acrescentou:

12. “No entanto, com o auxílio do Senhor, nem mesmo nos vimos privados da assembléia do Senhor; pois, de um lado, convoquei os que estavam na cidade, com grande zelo, como se estivesse no meio deles: ‘Ausente de corpo, mas presente em espírito’, segundo a Escritura (1Cor 5,3); doutro lado, em Kephro, uniu-se a nós avultado grupo de irmãos da cidade, que nos acompanharam, e outros vindos do Egito.

13. Ali também Deus abriu uma porta à palavra divina (cf. Cl 4,3). Primeiro, fomos perseguidos e atacados a pedradas; mais tarde, contudo, grande número de pagãos abandonou os ídolos e voltou-se para Deus (cf. At 14,15; 1Ts 1,9). Foi a primeira vez que, por nosso intermédio, ela foi semeada entre eles (cf. Lc 8,11.13), pois anteriormente não haviam recebido a palavra.

14. E como se apenas para isso Deus nos conduzira ao meio deles, terminado esse ministério (At 12,25), ele de novo nos deslocou. Com efeito, parece que Emiliano quis transferir-nos para lugares mais agrestes e mais líbicos e fazer com que de todas as partes nos congregássemos em Mareotes,^{[113](#)} destinando a cada qual uma aldeia da região. Quanto a nós, preferiu que ficássemos pela estrada, como se devêssemos ser os primeiros a ser detidos. Evidentemente, tudo havia disposto e preparado a fim de que, se quisesse nos prender, estivéssemos ao alcance da mão.

15. Mas, ao receber ordem de partir para Kephro, eu ignorava onde se situava o lugar, pois mal ouvira anteriormente tal nome; entretanto, parti com coragem e sem perturbar-me. Ao ser, porém, anunciado que devia trocar pela região de Kolluthion, os presentes sabem quais foram as minhas disposições. Vou acusar-me a mim mesmo.

16. Inicialmente, fiquei abatido e muito irritado; pois se tais lugares nos eram mais conhecidos e familiares, dizia-se estar a região desprovida de irmãos e homens honestos, e que, além disso achava-se exposta às aflições causadas pelos viajantes e incursões de bandidos.

17. Encontrei, contudo, certo alívio ao me lembrarem os irmãos que constituía local mais próximo da cidade. Enquanto Kephro nos havia facilitado encontros numerosos com os irmãos do Egito, de sorte que podíamos ter assembléias mais vastas, ali, mais perto da cidade, veríamos mais freqüentemente os que nos eram realmente caros, parentes e amigos. Eles, de fato, vinham e demoravam-se conosco. E como nos arrabaldes mais distantes, seriam realizáveis ali assembléias parciais. Foi o que aconteceu.”

18. Após alguns assuntos, escreveu ainda o seguinte, acerca dos acontecimentos que lhe advieram: “Germano se gaba de numerosas confissões de fé e tem muito o que contar de suas adversidades. Tanto quanto pode enumerar a nosso respeito: condenações, confiscos, proscricções, espoliação de bens (cf. Hb 10,34), perda das dignidades, desprezo da glória mundana, desdém de elogios da parte dos governadores, dos senadores, e paciência diante de ameaças dos adversários, de gritos hostis, perigos, perseguições (cf. Rm 8,35), vida errante, penúria, aflições múltiplas, como me sucedeu sob Décio e Sabino e até o presente, sob Emiliano.

19. Onde apareceu Germano? Que se conta a respeito dele? Mas renuncio à grande insensatez em que incidi (cf. 2Cor 12,11) por causa de Germano; omito, portanto, uma narração minuciosa do que me aconteceu para irmãos cientes dos fatos.”

20. O mesmo Dionísio, na carta a Domécio e a Dídimos, ainda menciona os eventos durante a perseguição, nos seguintes termos: “Seria ocioso levantar o catálogo dos nomes dos nossos, numerosos, porém de vós desconhecidos; cientificai-vos, contudo, de que homens e mulheres, jovens e velhos, moças e velhas, soldados e civis, de todas as camadas sociais e idades, uns pelos flagelos e o fogo, outros pela espada, vitoriosos nos combates, alcançaram as coroas.

21. O longo prazo, contudo, não foi suficiente para demonstrar que alguns são aceitáveis ao Senhor, e até hoje, provavelmente, nem para mim. Devo estar reservado para melhor oportunidade, somente conhecida de quem asseverou: ‘No tempo favorável, eu te ouvi, e no dia da salvação vim em teu auxílio’ (Is 49,8; 2Cor 6,2).

22. Uma vez que desejais notícias a nosso respeito e de nossa maneira de viver, certamente ouvistes contar como fomos aprisionados por um centurião e magistrados oficiais, com seus soldados e guardas subalternos, eu, Caio, Fausto, Pedro e Paulo. Sobrevieram, porém, alguns de Mareotes, e nos arrebataram a contragosto; e como não os seguíamos, arrastaram-nos à força.

23. Agora, somente eu, Caio e Pedro, isolados dos outros irmãos, estamos encerrados num lugar deserto e ermo da Líbia, e distamos três dias de marcha de Paretônio.”

24. E um pouco mais adiante, acrescenta: “Na cidade acham-se escondidos sacerdotes que ocultamente visitam os irmãos: Máximo, Dióscoro, Demétrio, Lúcio; mas os mais conhecidos no mundo, Faustino e Áquila, estão errantes pelo Egito. Os diáconos, porém, sobreviventes dentre os que morreram na epidemia, são Fausto, Eusébio e Queremar. Quanto a Eusébio, trata-se daquele que, desde o começo, Deus fortaleceu (1Tm 1,12) e preparou para servir corajosamente os confessores no cárcere, e cuidar, incorrendo em perigo, da mortalha dos corpos dos perfeitos e bem-aventurados mártires.

25. Efetivamente, conforme acima disse, o governador até agora não cessa de mandar matar cruelmente os que são levados perante ele, ou de dilacerar por torturas, ou de esgotá-los nas prisões e cadeias; e ordena que ninguém os visite, velando cuidadosamente para que ninguém apareça. Entretanto Deus, através do zelo e da perseverança dos irmãos, envia alívio aos aflitos.”

26. Até aqui, Dionísio. É bom saber que Eusébio, a quem Dionísio denomina diácono, foi nomeado um pouco mais tarde bispo de Laodiceia na Síria; Máximo, que ele diz ser então presbítero, recebe, em seguida ao próprio Dionísio, o múnus entre os irmãos de Alexandria; Fausto, que, nesta oportunidade, se destacou com ele pela confissão, subsistiu até a perseguição de nossa época, velho e repleto de dias (cf. Gn 25,8), mas agora foi decapitado e consumou a vida pelo martírio. Eis o que sucedeu a Dionísio naquele tempo.

CAPÍTULO 12

Mártires de Cesaréia

Na mencionada perseguição de Valeriano, três homens se destacaram em Cesaréia da Palestina pela confissão de Cristo e foram ornados com divino martírio, tendo-se tornado sustento das feras. Deles, o primeiro se chamava Prisco, o segundo Malco, e o terceiro tinha o nome de Alexandre. Conta-se que moravam no campo e primeiro incriminaram-se a si mesmos de negligência e descuido, por fazerem pouco caso da recompensa, distribuída pelas circunstâncias aos inflamados de desejos celestes e por não arrebataram a coroa do martírio. Após tal deliberação, apressaram-se em direção a Cesaréia e juntos compareceram diante do juiz; e chegaram ao termo de que acabamos de falar. Narra-se ainda que além destes, no decurso da mesma perseguição e na mesma cidade, uma mulher sustentou o mesmo combate; a história acrescenta que ela pertencia à heresia de Marcião.

CAPÍTULO 13

Paz sob Galiano

Mas pouco depois, tendo alguns bárbaros reduzido Valeriano à escravidão, seu filho que doravante reinou sozinho, dispôs do poder com mais sabedoria, e logo afrouxou por meio de editos a perseguição contra nós, ordenando por rescrito aos que ministram a palavra que cumprissem suas funções costumeiras em inteira liberdade. O rescrito acha-se assim redigido: “O imperador César Públio Licínio Galiano, Pio, Fortunato, Augusto a Dionísio, Pinna e Demétrio e aos demais bispos. Ordenei que se difundisse através do mundo todo a beneficência de meus dons, de sorte que se desocupassem os lugares de culto e em conseqüência também vós pudésseis aproveitar tranqüilamente o mandamento de meu rescrito, sem que ninguém vos inquietasse. Há muito já vos concedi o que, à medida do possível, é recuperável.¹¹⁴ Por isso Aurélio Quirino, o preposto aos negócios supremos, fará com que se observe a ordem que emiti”. Foi aqui transcrita esta disposição, traduzida do latim para maior clareza. Possuímos do mesmo imperador dirigido a outros bispos outro mandamento, que permite retomarem posse dos lugares chamados cemitérios.

CAPÍTULO 14

Bispos mais em evidência nessa época

Nesta ocasião, Sisto dirigia ainda a Igreja de Roma; em seguida a Fábio, Demetrio dirigiu a de Antioquia; Firmiliano, a de Cesaréia na Capadócia; além disso, Gregório e seu irmão Atenodoro, discípulos de Orígenes, dirigiam as Igrejas do Ponto. Em Cesaréia da Palestina, após a morte de Teoctisto, Domno recebeu o episcopado; tendo este último falecido pouco depois, Teotecno, contemporâneo nosso, sucedeu-lhe. Pertencia também à escola de Orígenes. Mas em Jerusalém, depois da morte de Mazabanes, Himeneu foi seu sucessor na sede durante numerosos anos de nossa época, e muito se ilustrou.

O testemunho de Marino em Cesaréia

1. Na época destes bispos, quando por toda parte reinava a paz nas Igrejas, em Cesaréia da Palestina, Marino, ilustre por altas funções no exército e distinto por raça e fortuna, teve a cabeça cortada em testemunho a Cristo, devido ao seguinte motivo.
2. Entre os romanos, a vara de videira é insígnia de dignidade, e diz-se que aqueles que a obtêm tornam-se centuriões. Havia uma vaga, e a ordem das promoções designava Marino para este grau, e já ia receber a insígnia desta dignidade, quando outro, avançando para o estrado, declarou que não lhe era lícito ter parte numa dignidade romana, segundo as antigas leis, por ser cristão e não sacrificar aos imperadores, mas que a promoção devia reverter para ele próprio.
3. O juiz (chamava-se Aqueus) ficou abalado com a questão. Primeiro perguntou a Marino qual a sua crença. Depois, ao vê-lo confessar com perseverança que era cristão, deu-lhe o prazo de três horas para refletir.
4. Enquanto ele estava fora do tribunal, Teotecno, bispo do lugar, tomou-o à parte, chamou-o para uma conversa e, segurando-o pela mão, levou-o à igreja; uma vez lá dentro, ficou de pé junto dele diante do santuário; e tendo levantado um pouco sua clâmide, mostrou-lhe a espada no flanco; simultaneamente apresentou-lhe o livro dos divinos evangelhos que trouxe e ordenou-lhe que entre os dois escolhesse o que correspondia a sua fé. Sem delongas, Marino estendeu a direita e recebeu a Sagrada Escritura. Disse-lhe então Teotecno: “Apega-te agora, apega-te a Deus, e fortificado por ele, obtém o que escolheste. Vai em paz” (cf. Cl 1,11).
5. Imediatamente saiu dali. O arauto gritava, chamando-o ao tribunal, pois já terminara o prazo. Apresentando-se diante do juiz e tendo demonstrado mais que nunca o ardor de sua fé, logo, tal como estava, foi conduzido à morte e executado.

CAPÍTULO 16

Narrativa concernente a Astírio

Ali igualmente, Astírio tornou-se célebre por sua religiosa ousadia. Ele pertencia ao número dos senadores romanos, era amigo dos imperadores, e conhecido de todos por sua nobreza e riqueza. Estava perto do mártir ao ser consumado o martírio. Colocou-o nos ombros, depôs o cadáver numa mortalha brilhante e preciosa e carregou-o. Depois sepultou-o de modo magnífico e deu-lhe um túmulo conveniente. Dentre seus conhecidos, os que vivem até hoje contam a respeito dele mil outros fatos, entre os quais o seguinte prodígio:

CAPÍTULO 17

A oração de Astírio confunde o demônio

Em Cesaréia de Filipe, que os fenícios denominam Paneas, nas fontes que ali se vêem, ao pé da montanha chamada Paneion, e onde o Jordão tem as nascentes, em determinado dia de festa jogava-se uma vítima imolada e esta, pelo poder do demônio, tornava-se miraculosamente invisível; este fato era considerado uma maravilha por aqueles que o presenciavam. Um dia, porém, Astírio estava presente a esse ato, e vendo a turba impressionada com o feito, teve pena de seu engano; e logo ergueu os olhos para o céu e por Cristo, suplicou ao Deus onipotente (cf. Rm 9,5) que confundisse o demônio, sedutor do povo e fizesse cessar a ilusão desses homens. Diz-se que, enquanto fazia a oração, a vítima logo sobrenadou acima das águas e assim cessou para eles o espanto e nenhum prodígio se produziu

mais neste lugar.

CAPÍTULO 18

Sinais remanescentes em Paneas da atividade do Salvador

1. Uma vez que evoquei a lembrança desta cidade, não considero justo omitir uma narrativa digna de memória até para os pósteros. Com efeito, diz-se ter sido oriunda deste lugar a hemorroíssa que, conforme narram os santos evangelhos, encontrou junto do Senhor a cura de seus males (cf. Mt 9,20ss; Mc 5,25; Lc 8,43). Mostra-se na cidade sua casa, e subsistem admiráveis monumentos da beneficência do Salvador para com ela.
2. Com efeito, sobre um rochedo elevado, diante das portas da casa, ergue-se uma estátua feminina de bronze. Ela tem os joelhos dobrados, as mãos estendidas para a frente, em atitude suplicante. Diante dela há outra estátua da mesma matéria, representando um homem de pé, revestido de duplo manto, que lhe estende a mão; a seus pés, sobre a coluna, parece brotar uma planta estranha que se eleva até as franjas do manto de bronze; é o antídoto de doenças de toda espécie.
3. Assegurava-se que a estátua é imagem de Jesus; ela subsiste ainda até hoje, de sorte que nós a vimos ao visitarmos a cidade.
4. Não é de admirar que outrora pagãos beneficiados por nosso Salvador, a tenham erguido, quando sabemos terem sido preservados ícones pintados em cores dos apóstolos Pedro e Paulo e do próprio Cristo. É natural, pois os antigos, segundo um uso pagão entre eles observado, tinham o costume de honrá-los desta maneira sem preconceitos, quais salvadores.^{[115](#)}

CAPÍTULO 19

O trono de Tiago

Igualmente o trono de Tiago, o primeiro a receber do Salvador e dos apóstolos o episcopado da Igreja de Jerusalém e freqüentemente nas Escrituras é designado como irmão de Cristo (Gl 1,19; 1Cor 15,7; Mt, 13,55), foi conservado até hoje e os irmãos da região sucessivamente o cercaram de cuidados. Deste modo realmente demonstram a todos a veneração que os homens de outrora e os atuais dedicavam e ainda dedicam aos homens santos, porque amados de Deus. Eis o referente a esta questão.

CAPÍTULO 20

Cartas hortativas de Dionísio

Dionísio, além das cartas supramencionadas, redigiu ainda naquele tempo as cartas “hortativas”, que chegaram até nós e exprime-se solenemente acerca da festa de Páscoa. Uma delas é endereçada a Flávio, outra a Domécio e a Dídimos. Na última, propõe como “cânion” um ciclo de oito anos e declara ser conveniente celebrar a festa de Páscoa só depois do equinócio da primavera. Além disso, escreveu aos co-presbíteros de Alexandria, e ainda a diversos correspondentes durante a perseguição.

CAPÍTULO 21

Eventos em Alexandria

1. Mal a paz se restabelecera, ele voltou a Alexandria; mas novamente rebentaram uma revolução e

uma guerra, tornando-se-lhe impossível exercer o múnus episcopal relativamente a todos os irmãos da cidade, divididos como estavam entre um e outro partido da rebelião. Mais uma vez, por ocasião da festa de Páscoa, como se estivesse exila-do, da própria cidade de Alexandria dirigiu-lhes uma carta.

2. Depois disso, escreveu também outra carta “hortativa”, a Hierax, bispo dos egípcios, onde menciona a rebelião dos alexandrinos naqueles dias:

“No meu caso, que há de espantoso ser difícil entreter-me mesmo por cartas com os que moram longe, se me é impossível até discutir comigo mesmo e deliberar em minha própria mente acerca do que me toca?

3. De fato, sou forçado a escrever cartas aos que me são visceralmente unidos (Fm 1,10), meus irmãos que habitam a mesma casa, são comigo uma só alma, e membros da mesma Igreja, e é quase impossível remetê-las aos destinatários. Talvez fosse mais fácil tentar atingir não somente nossos limites, mas até viajar do Oriente ao Ocidente do que de Alexandria ir a Alexandria.

4. Efetivamente o vasto e ínvio deserto que Israel percorreu durante duas gerações (Nm 14,23) é menos ilimitado e intransponível que a rua mais central da cidade. Os portos calmos e tranqüilos da cidade tornaram-se imagem do mar que para os israelitas se abriu e ergueu qual muralha, e tornou-se transitável aos carros e cavalos, enquanto na vereda os egípcios submergiam (Ex 14,29). Frequentemente se mostraram semelhantes ao mar Vermelho (Ex 15,4), em consequência dos assassinatos ali cometidos.

5. O rio que atravessa a cidade apareceu mais seco que o deserto sem água e mais árido que aquele em cuja travessia Israel sofreu sede tão intensa (Nm 20,1-11) que Moisés clamou por Deus, o qual sozinho realiza prodígios (Ex 15,11; Sl 76,15; 135,4), e fez brotar de rochedo escarpado água para beber (Sb 11,4);

6. a água transbordou de tal forma que inundou a região circunvizinha, as estradas e os campos, ameaçando causar um dilúvio semelhante ao sobrevivendo no tempo de Noé. Sempre flui manchada de sangue dos morticínios e afogamentos, assim como, no tempo de Moisés, transformou-se para Faraó em sangue e exalava cheiro fétido (Ex 7,20-21).

7. Haveria outra água para servir de ablução à água que tudo purifica? O oceano vasto e imenso se derramaria sobre este mar amargo para purificá-lo? Ou se o grande rio que sai do Éden fizesse desembocar os quatro braços em que se divide apenas no curso do Geon (Gn 2,10ss), poderia purgar o sangue impuro?

8. Ou tornar-se-ia puro o ar poluído pelas exalações infectas vindas de toda a parte? Pois os vapores da terra, os ventos do mar, as brisas dos rios, as emanações dos portos exalam tal odor que o orvalho é a podridão dos cadáveres que se decompõem nos elementos básicos.

9. Ademais, causa admiração e interrogação qual a origem das pestes contínuas, donde as doenças incuráveis, donde as infecções de toda espécie, donde a mortalidade múltipla e variada dos homens. Por que nossa grande cidade não comporta mais, contando-se das criancinhas até velhos avançados em anos, tantos habitantes quantos outrora sustentava de velhos de meia-idade, conforme se dizia. Mas os de quarenta a setenta anos eram de tal forma mais numerosos que este número agora não é atingido pelos que são inscritos e matriculados para a distribuição pública de víveres,¹¹⁶ cuja idade oscila entre quatorze e oitenta anos. Os de aparência mais jovem de certo modo tomaram o aspecto dos que outrora eram os mais velhos.

10. E assim, ninguém estremece, ao ver o gênero humano diminuir na terra e esgotar-se incessantemente, porquanto seu geral desaparecimento aumenta e torna-se cada vez mais próximo!”

CAPÍTULO 22

A epidemia que ali se alastrou

1. Depois disso, tendo a peste substituído a guerra, na proximidade da festa, Dionísio novamente se entretém por carta com os irmãos, denotando os sofrimentos da epidemia nestes termos:

2. “O presente pode não parecer aos demais homens um tempo de festa. Não é, de fato, para eles, nem o que celebramos, nem outro qualquer. Não me refiro aos tristes, mas até aos que talvez estivessem especialmente repletos de alegria. Agora, na verdade, é só lamentação, todos enlutados; os gemidos ressoam na cidade por causa da quantidade de defuntos e dos que morrem diariamente.

3. Na verdade, conforme está escrito sobre os primogênitos dos egípcios, agora ainda, levantou-se ‘grande clamor, pois não havia casa onde não houvesse um morto’ (Ex 12,30); e aprouvesse a Deus que fosse um só! De fato, numerosas e terríveis foram as tribulações precedentes.

4. Primeiramente, fomos expulsos da cidade e os únicos perseguidos, ameaçados de morte por todos; mesmo assim celebramos a festa. Cada lugar de aflição tornou-se lugar de solenidade: campo, deserto, nau, hospedaria e prisão; os mártires consumados celebraram a mais brilhante das festas, tomando parte na ceia celeste.

5. Depois disso, sobrevieram a guerra e a peste, que padecemos em comum com os pagãos, mas sozinhos suportamos os maus-tratos que nos infligiram, e ainda participamos do que eles faziam uns aos outros e do que sofriam. No entanto, mais uma vez alegramo-nos com a paz de Cristo (cf. Jo 14,27), somente a nós outorgada.

6. Após termos obtido, eles e nós, uma pausa muito curta para respirar, a epidemia atual abateu-se sobre nós. Constituiu para eles aflição mais temível que outra qualquer e mais cruel que qualquer tribulação. Segundo um de seus escritores, foi um evento único, além de toda expectativa; para nós, contudo, não foi assim, mas constituiu exercício e prova, em nada menor que as demais; de forma alguma nos poupou, de fato, embora tenha atingido muito os pagãos.”

7. Em seguida, anexa essas palavras: “Nossos irmãos, porém, em sua maioria, num excesso de caridade e amor fraterno, não se poupavam, uniam-se uns aos outros, visitavam sem precauções os doentes, serviam-nos com diligência, dispensavam-lhes cuidados em Cristo e consideravam desejável partir desta vida com eles. Contaminados pela moléstia dos outros, contraíam a peste por contágio dos seus e aceitavam de bom grado as dores. E muitos, depois de terem cuidado e reconfortado os outros, morriam também eles, assumindo morte semelhante. E praticavam realmente o dito vulgar, sempre talvez de pura cortesia, isto é, partiam qual escória dos irmãos (1Cor 4,13).

8. Os melhores de nossos irmãos, portanto, saíam desta vida deste modo. Eram sacerdotes, diáconos, leigos, dignos de grande louvor, pois tal morte, consequência de grande piedade e fé robusta, em nada desmerecia do martírio.

9. Recebiam os corpos dos santos com as mãos estendidas e estreitavam-nos no peito; purificavam-lhes os olhos e fechavam-lhes a boca; carregavam-nos nos ombros e sepultavam-nos; pegavam-nos, abraçavam-nos, revestiam-nos, depois de lavá-los; e pouco depois, recebiam os mesmos cuidados. Sempre os sobreviventes continuavam a obra de seus predecessores.

10. O comportamento dos pagãos era inteiramente oposto. Expulsavam os que começavam a adoecer; fugiam dos seus mais queridos; jogavam nas ruas homens semivivos; rejeitavam cadáveres insepultos; fugiam da transmissão e do contato da morte, mas era difícil evitá-la, mesmo àqueles que empregavam todos os meios.”

11. Depois desta carta, restabelecida a paz na cidade, Dionísio enviou ainda aos irmãos do Egito uma carta na festa da Páscoa; e além desta, compôs ainda outras. Atribui-se-lhe uma carta *Sobre o sábado* e outra *Sobre o exercício*.

12. Ainda por carta, entreteve-se com Hermamão e os irmãos do Egito, e narra muitos outros fatos relativos à crueldade de Décio e seus sucessores; menciona também a paz sob Galieno.

CAPÍTULO 23

Reinado de Galieno

1. Nada melhor do que ouvir a narrativa destes fatos: “Este (Macriano), portanto, depois de ter traído um dos imperadores e feito guerra ao outro, logo com toda a sua raça desapareceu de forma radical. E Galieno foi de novo proclamado e reconhecido por todos imperador simultaneamente antigo e novo, tanto antes como depois deles.

2. Efetivamente, segundo o dito do profeta Isaías: ‘As primeiras coisas já se realizaram, agora surgem outras novas’ (Is 42,9; 43,19). Assim como uma nuvem de passagem sob os raios do sol, por um instante obscurece e cobre de sombra o sol, aparece em lugar dele, mas depois passa, ou dissolve-se em chuva enquanto o sol reaparece e novamente surge, assim Macriano, que avançara e quase tomara a dignidade imperial de Galieno, não existe mais, porque nada era; este ao contrário permanece tal qual era.

3. De igual modo, o império, por assim dizer, despojado de elementos vetustos e purificado da antecedente maldade, agora floresce de forma mais brilhante; visível de lugares mais distantes, mais longe é ouvido e difunde-se por toda a parte.”

4. Em seguida, assinala o tempo em que escreve, nesses termos: “Também a mim, veio-me a idéia de examinar o decurso dos dias nos anos dos vários imperadores. Verifico que os mais ímpios, por famosos que tenham sido, após pouco tempo tornaram-se inglórios, enquanto o atual, mais santo e mais agradável a Deus, ultrapassou o sétimo ano e termina agora o nono,^{[117](#)} no momento em que vamos celebrar a Festa.”

CAPÍTULO 24

Nepos e o cisma que criou

1. Além destes todos, Dionísio elaborou ainda os dois livros *Sobre as promessas*, visando a Nepos, bispo dos egípcios; ele ensinava que as promessas feitas aos santos nas Sagradas Escrituras deviam ser interpretadas de preferência à maneira dos judeus e afirmava que haveria mil anos de prazeres corporais sobre a terra.

2. Ora, queria apoiar sua própria opinião no *Apocalipse* de João e havia composto sobre o assunto uma obra intitulada *Refutação dos alegoristas*.

3. A esta obra opõe-se Dionísio nos livros *Sobre as promessas*. No primeiro livro explana o próprio parecer sobre o problema; no segundo, trata do *Apocalipse* de João. Desde o início menciona Nepos,

escrevendo a respeito dele:

4. “Uma vez que apresentam um tratado de Nepos, no qual se apóiam em demasia, como se demonstrasse sem contestação que o reinado de Cristo será na terra, em muitas outras coisas aprovo e aprecio Nepos, pela fé, ardor no trabalho, estudo assíduo das Escrituras, zelo em compor hinos, que até agora regozijam a muitos irmãos. Trato-o com muito respeito, tanto mais porque já morreu. Mas a verdade me é mais amiga e acima de tudo venero a verdade. Convém elogiar Nepos e estar de acordo com ele sem emulação se fala com exatidão, mas faz-se mister examiná-lo e corrigi-lo se talvez não tenha escrito de modo correto.

5. Uma conversa seria suficiente para persuadir em sua presença alguém que oralmente expõe com simplicidade sua opinião, persuadindo-se e convencendo-se o adversário, por meio de perguntas e respostas. Mas apresenta-se um escrito, muito persuasivo no parecer de alguns. Além disso, alguns doutos menosprezam a Lei e os profetas, dispensam-se de seguir os evangelhos e desdenham as cartas dos apóstolos, e ao invés proclamam constituir a doutrina deste tratado um mistério grande e oculto. Desta sorte, não permitem aos irmãos mais simples terem conceitos nobres e elevados, nem sobre a manifestação gloriosa (cf. Tt 2,13; 2Ts 2,8) e verdadeiramente divina de nosso Senhor, nem sobre a ressurreição dentre os mortos e de nossa reunião (cf. 2Ts 2,1) e semelhança (cf. 1Jo 3,2) com ele, mas persuadem-nos a esperar, no reino de Deus, bens pequenos e caducos, tais como os atuais. Urge, por conseguinte, discutirmos com nosso irmão Nepos como se estivesse presente.”

6. Depois de outras observações, acrescenta: “Ao me encontrar em Arsinoé, onde, conforme é de teu conhecimento, esta opinião há muito se espalhou, de sorte a causar cismas e apostasias de Igrejas inteiras, convoquei os sacerdotes e os mestres dos irmãos que moram nas aldeias, e em presença de irmãos que o desejaram, propus examinar em público a obra.

7. E eles trouxeram-me o livro, qual arma e muralha inexpugnável. Sentei-me junto deles por três dias consecutivos, da manhã à tarde, tentando corrigir o escrito.

8. Então, admirei muito o equilíbrio, o amor pela verdade, a facilidade de acompanhar o raciocínio, a inteligência dos irmãos, de tal sorte que propúnhamos ordenada e moderadamente (cf. Fl 4,5; 2Cor 10,1; Tg 3,17) as questões, as dificuldades, o acordo. Havíamos resolvido abster-nos de todos os modos e ciosamente de tudo que uma vez fora admitido, se não parecesse justo. Não dissimulávamos as objeções, mas à medida do possível nos empenhávamos em abordar os assuntos propostos e chegar a uma solução segura, sem falsa vergonha. Se razoável, mudar de opinião e estabelecer o acordo entre nós. Mas conscienciosamente e sem hipocrisia, com o coração elevado para Deus, aceitávamos o que fora decidido por meio de argumentos e segundo os ensinamentos das Sagradas Escrituras.

9. Finalmente, o chefe difusor desta doutrina, de nome Coraquion, confessou de modo a ser entendido por todos os irmãos presentes, atestando já não aderir a tal doutrina; não a explicaria mais, não a lembraria, nem a ensinaria, por estar suficientemente convencido através dos argumentos aduzidos. Dos outros irmãos, alguns se regozijavam por causa da conferência, da condescendência e do acordo entre todos...”

CAPÍTULO 25

Apocalipse de João

1. Depois, um pouco mais adiante, assim se expressa sobre o *Apocalipse* de João: “Alguns dos nossos predecessores rejeitaram e repeliram inteiramente este livro. Criticaram-no capítulo por capítulo, declarando-o ininteligível, ilógico e falsamente intitulado.

2. Afirmam, de fato, não provir de João, nem ser uma revelação, porque completamente oculta sob o véu espesso do incognoscível; o autor não seria um dos apóstolos, nem mesmo um dos santos ou dos membros da Igreja, e sim Cerinto, o fundador da heresia cerintiana, nome derivado do seu, o qual procurou dar a sua produção um nome digno de crédito.
3. A doutrina que ele ensina é a seguinte: O reinado de Cristo será terrestre. Consistirá, sonhava ele, pois era amigo do corpo e inteiramente carnal, nos objetos de seus próprios desejos, nas satisfações do ventre e do que lhe é inferior, isto é, em alimentos, bebidas, núpcias, e no que, a seu ver, tornaria tudo isso menos censurável: festas, sacrifícios, imolações de vítimas.
4. No entanto, não ousa rejeitar este livro que muitos irmãos apreciam, mas julgando que suas concepções ultrapassam meu entendimento, suponho ter cada passagem, de certo modo, significado oculto e maravilhoso. De fato, se não o compreendo, ao menos suspeito existir sob as palavras um sentido mais profundo.
5. Não meço, nem aprecio segundo meus próprios raciocínios; mas, atribuindo prioridade à fé, penso tratar-se de realidades elevadas demais para serem apreendidas por mim e não rejeito o que não compreendo, mas admiro-o tanto mais quanto não o contemplei.”
6. Neste ponto, Dionísio examina o livro inteiro do *Apocalipse*, e depois de ter mostrado ser impossível compreendê-lo no sentido óbvio, prossegue: “Tendo terminado, por assim dizer, toda a profecia, o profeta declara bem-aventurados os que a guardam e também ele próprio: ‘Feliz aquele que observa as palavras da profecia deste livro. Eu, João, fui o ouvinte e a testemunha ocular destas coisas’ (Ap 22,7-8).
7. Por conseguinte, que ele se chame João e este escrito se origine de João, não direi o contrário e concedo que se trata de homem santo e inspirado por Deus. Mas, não concordo facilmente que seja o apóstolo, filho de Zebedeu, irmão de Tiago, de quem são o Evangelho intitulado *Segundo João* e a *carta* católica.
8. Suponho, efetivamente, pelo estilo de um e dos outros, segundo a apresentação dos discursos, e pelo que se chama o plano do livro, não se tratar do mesmo autor. Pois, o evangelista em parte alguma inscreve seu nome ou anuncia-se a si mesmo, nem no evangelho, nem na carta.”
9. Logo, um pouco mais abaixo, adita: “João, em parte alguma, fala de si mesmo, nem na primeira nem na terceira pessoa. Mas, o autor do *Apocalipse*, desde o início, apresenta-se a si mesmo: ‘Revelação de Jesus Cristo: Deus lha concedeu para que mostrasse a seus servos as coisas que devem acontecer muito em breve. Ele a manifestou com sinais por meio de seu Anjo, enviado ao seu servo João, o qual atesta tudo quanto viu’ (Ap 1,1-2).
10. Depois, ainda escreveu uma carta: ‘João, às sete Igrejas que estão na Ásia: a vós graça e paz’ (Ap 1,4). O evangelista, contudo, não inscreve seu nome no cabeçalho da *carta* católica, mas começa simplesmente pelo próprio mistério da revelação divina: ‘O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com nossos olhos’ (1Jo 1,1). Na verdade, foi acerca desta revelação que o Senhor proclamou bem-aventurado Pedro, nesses termos: ‘Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foi carne ou sangue que te revelaram isto, e sim o meu Pai que está nos céus’ (Mt 16,17).
11. Igualmente, na segunda *carta* e na terceira, atribuídas a João, embora curtas, João não se identificou pelo nome, mas escreveu de forma anônima : ‘o presbítero’. Este, ao invés, após ter-se nomeado uma vez, não julgou suficiente prosseguir a narração, mas repete: ‘Eu, João, vosso irmão e

companheiro na tribulação, na realeza e na perseverança em Jesus, encontrava-me na ilha de Patmos, por causa da palavra de Deus e do testemunho de Jesus' (Ap 1,9). Mais uma vez no final, diz o seguinte: 'Feliz aquele que observa as palavras da profecia deste livro. Eu, João, fui o ouvinte e a testemunha ocular destas coisas' (Ap 22,7).

12. Conseqüentemente, deve-se acreditar quando ele declara que foi João que escreveu estas coisas. Mas não está claro quem é ele. Efetivamente, ele não diz, como várias vezes no evangelho, ser o discípulo amado do Senhor (Jo 13,23; 19,26; 20,2; 21,20) nem ter reclinado sobre seu peito (Jo 13,25; 21,20), nem ser o irmão de Tiago (Jo 21,2), nem ter sido testemunha ocular e auricular do Senhor (cf. 1Jo 1,1; Jo 19,35; 21,24).

13. Teria, portanto, declarado algo do que foi assinalado se tivesse querido manifestar-se claramente; mas nada disso diz, enquanto se declara nosso irmão, nosso companheiro (Ap 1,9), testemunha de Jesus, e feliz por ter visto e ouvido as revelações (Ap 22,7).

14. Julgo que existem muitos homônimos de João, o apóstolo, que, por amor e admiração para com ele, animados do desejo de serem amados de maneira semelhante pelo Senhor, procuraram usar o mesmo nome que ele, assim como, entre os filhos dos fiéis, encontram-se freqüentemente os nomes de Paulo e Pedro.

15. Há, portanto, ainda outro João nos *Atos dos Apóstolos*, com o sobrenome de Marcos (At 12,25), que Barnabé e Paulo tomaram consigo e do qual diz ainda a Escritura: 'Tinham consigo, como auxiliar, João' (At 13,5). Se é este que escreveu o Apocalipse, não é muito claro. Pois não está escrito que tenha ido com eles à Ásia, mas: 'De Pafos, onde embarcaram, Paulo e os seus companheiros alcançaram Perge, na Panfília. João, porém, deixou-os para voltar a Jerusalém' (At 13,13).

16. Penso ser o autor outro, dentre os que estavam na Ásia, porque se conta que há em Éfeso dois túmulos, um e outro ditos de João.

17. Pelos pensamentos, o vocabulário e o estilo, é provável ter sido outro o autor do *Evangelho*.

18. O *Evangelho* e a *Carta* concordam, de fato, entre si e começam de igual maneira. Um diz: 'No princípio era o Verbo' (Jo 1,1); o outro: 'O que era desde o princípio' (1Jo 1,1). Um diz: 'E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e nós vimos a sua gloria como a glória do Unigênito do Pai' (Jo 1,14); o outro diz quase as mesmas coisas: 'O que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, o que contemplamos e nossas mãos apalparam do Verbo da vida, porque a vida manifestou-se' (1Jo 1,1).

19. De fato, assim ele inicia a fim de atacar, conforme demonstra em seguida, os que afirmam que o Senhor não veio na carne (1Jo 4,2); por este motivo acrescenta com todo cuidado: 'Nós a vimos e lhe damos testemunho, e vos anunciamos esta vida eterna que estava voltada para o Pai e que nos apareceu; o que vimos e ouvimos vo-lo anunciamos' (1Jo 1,2-3).

20. Ele é coerente e não se afasta dos fins propostos; prossegue sempre por meio de temas idênticos e mesmas expressões, das quais citamos brevemente algumas.

21. Além disso, o leitor cuidadoso encontrará nas duas obras numerosas menções da vida, da luz que expulsa as trevas (cf. At 26,18; cf. Jo 1,5; 3,19; 12,46; 11,9-10); são constantemente citadas a verdade, a graça, a alegria, a carne e o sangue do Senhor, o juízo e a remissão dos pecados (Jo 20,23; 1Jo 1,9; 2,12), o amor de Deus por nós, o mandamento do amor mútuo, a obrigação de guardar todos os mandamentos; a acusação do mundo (cf. Jo 16,8; 6,70; 8,44; 1Jo 3,8 e 10), do diabo, do anticristo (cf.

1Jo 2,18.22; 4,3), a promessa do Espírito Santo, a filiação divina (cf. Jo 1,12; 11,52; 1Jo 3,1-2.10; 5,2), a fé que é continuamente exigida de nós; o Pai e o filho, por toda a parte. E geralmente, para os que observam as características, é fácil verificar que um único e mesmo colorido se encontra no *Evangelho* e na *Carta*.

22. Muito diferente e distinto desses livros é o *Apocalipse*; não se coaduna com nenhum deles, nem deles se avizinha. Quase não têm, por assim dizer, uma sílaba em comum.

23. A *Carta* (deixemos de lado o *Evangelho*), não contém citação alguma nem lembrança do *Apocalipse*, nem este, da *Carta*; no entanto Paulo, nas suas *Cartas*, relembra algo de suas revelações, que não descreveu em particular (cf. 2Cor 13,1ss; Gl 1,12; 2,2; Ef 3,3).

24. Ainda é possível avaliar pelo estilo a diferença do *Evangelho* e da *Carta* relativamente ao *Apocalipse*.

25. Efetivamente, de um lado, essas obras não só empregam um grego impecável, mas têm forma eloqüente quanto às expressões, os raciocínios, a composição, e longe estão de usar termo bárbaro ou solecismo ou até idiotismo. Seu autor possuía, com efeito, ao que parece, ambos os dons, dos quais o havia gratificado o Senhor: o do conhecimento e o da expressão.

26. Relativamente ao autor do *Apocalipse*, não nego que tenha tido revelações e tenha recebido o conhecimento e a profecia (cf. 1Cor 14,6); entretanto verifico que seu dialeto e sua linguagem não são de grego castiço, e que emprega idiotismos bárbaros e por vezes até solecismos. Creio ser desnecessário enumerá-los agora;

27. pois não o digo zombeteiramente (ninguém o suponha), mas apenas para mostrar a diferença entre esses escritos.”

CAPÍTULO 26

Cartas de Dionísio

1. Além dessas, contam-se ainda muitas outras cartas de Dionísio, tais as exaradas contra Sabélio^{[118](#)} a Amon, bispo da Igreja de Bernice, e a dirigida a Telésforo, outra a Eufranor, e novamente a Amon e Euporos. Compôs sobre o mesmo assunto quatro outros escritos que endereça a seu homônimo, Dionísio de Roma.

2. Ademais, há entre nós grande número de cartas suas e também extensos escritos em forma epistolar, tais os livros *Sobre a natureza*, dedicados a seu filho Timóteo, e o *Sobre as tentações*, ainda a Eufranor.

3. Além destas obras, numa carta a Basíledes, bispo das comunidades da Pentápole, assevera ter feito um comentário do começo do *Eclesiastes*; e ainda deixou-nos diversas cartas. Eis o que escreveu Dionísio. Agora, em seguida a estas narrativas, queremos também transmitir aos pósteros a história de nossa geração.

CAPÍTULO 27

Paulo de Samósata e sua heresia

1. A Sisto, que presidira por onze anos a Igreja de Roma, sucedeu Dionísio, homônimo do bispo de Alexandria. Nessa época, tendo Demetriano partido desta vida em Antioquia, Paulo de Samósata^{[119](#)} recebeu o episcopado.

2. Ele tinha a respeito de Cristo idéias humilhantes e triviais, contrárias à doutrina da Igreja, como se ele fora por natureza homem comum. Dionísio de Alexandria, chamado a tomar parte num concílio, escusou-se por velhice e fraqueza corporal, mas expôs por carta seu próprio parecer sobre a questão. Os outros pastores das Igrejas, pressurosos, dirigiram-se para Antioquia e ali se reuniram, vindos de várias partes a fim de opor-se àquele flagelo do rebanho de Cristo.

CAPÍTULO 28

Bispos ilustres então reconhecidos

1. Os mais notáveis dentre eles eram Firmiliano, bispo de Cesaréia na Capadócia, os irmãos Gregório e Atenodoro, pastores das comunidades do Ponto, igualmente Heleno, da comunidade de Tarso, Nicomas de Icônio, ainda Himeneu, da Igreja de Jerusalém, Teotecno, da Igreja de Cesaréia, vizinha de Jerusalém, além de Máximo, que dirigia também de modo excelente os irmãos de Bostra; e não seria difícil enumerar muitos outros que pelo mesmo motivo se haviam congregado na cidade mencionada mais acima, juntamente com sacerdotes e diáconos; contudo, os mais célebres dentre eles eram os acima citados.

2. Reunidos, portanto, em várias e freqüentes ocasiões, nas asembléias foram ventilados argumentos e questões. Os partidários de Paulo de Samósata esforçavam-se por esconder ainda e dissimular os pontos heterodoxos; os outros, ao invés, empregavam todo o zelo em desmascarar e pôr em evidência a heresia e a blasfêmia contra Cristo.

3. Nesses dias, morreu Dionísio, no décimo segundo ano do reinado de Galieno, após haver presidido como bispo de Alexandria dezessete anos; sucedeu-lhe Máximo.

4. Depois de Galieno ter exercido o poder durante quinze anos completos, Cláudio tornou-se seu sucessor. Terminado o segundo ano, o principado passou a Aureliano.

CAPÍTULO 29

Paulo, convencido de erro, é excomungado

1. Nesta época, tendo se reunido um último concílio com o maior número possível de bispos, o chefe da heresia de Antioquia foi plenamente desmascarado e por todos evidentemente inculcado de heterodoxia. Foi excomungado da Igreja católica espalhada sob o céu.

2. Quem melhor o convenceu de dissimulação, após ter examinado suas teorias, foi Malquião, aliás homem eloqüente, sofista e em Antioquia presidente do ensino de retórica nas escolas helênicas, além de honrado com o presbiterato na comunidade desta cidade por causa da pureza extraordinária de sua fé em Cristo. Ele abriu uma disputa contra Paulo, enquanto estenógrafos a registravam, e sabemos ter chegado até nós as anotações; sozinho entre os demais, teve força para desmascarar aquele homem, dissimulado e enganador.

CAPÍTULO 30

A Carta aos bispos de Roma e de Alexandria

1. De comum acordo, portanto, os pastores congregados naquele lugar redigiram uma só carta ao bispo de Roma, Dionísio, e a Máximo, bispo de Alexandria, e enviaram-na a todas as províncias; nela manifestam seus esforços e a heterodoxia perversa de Paulo, as refutações e questões a ele dirigidas e contam também a vida e a conduta deste homem. Para memória destes fatos, talvez seja bom citar

agora as palavras que eles usaram:

2. “A Dionísio, a Máximo e a todos os que, pela terra habitada, exercem conosco o ministério, aos bispos, aos sacerdotes, aos diáconos e a toda a Igreja católica que há sob os céus, Heleno, Himeneu, Teófilo, Teotecno, Máximo, Proclo, Nicomas, Aeliano, Paulo, Bolano, Protógeno, Hieraz, Eutíquio, Teodoro, Malquião, Lúcio e todos os outros, residentes como nós nas cidades e povoados vizinhos, bispos, sacerdotes e diáconos e as Igrejas de Deus, como a irmãos amados no Senhor, desejam felicidades.”

3. Pouco mais adiante, acrescentam o que segue: “Escrevemos simultaneamente a muitos bispos, apesar de distantes, convidando-os a dar-nos apoio na terapia da doutrina mortal, como fizemos a Dionísio de Alexandria e a Firmiliano da Capadócia, de feliz memória. Destes, um endereçou uma carta a Antioquia, mas nem se dignou saudar o chefe do erro, nem lhe escrever em particular, e sim a toda a comunidade. Desta carta anexamos aqui a cópia.

4. Firmilano, porém, veio até duas vezes e condenou as novidades ensinadas por esse homem, conforme nós, os pre-sentes, sabemos e testemunhamos, e igualmente é do conhecimento de muitos. Mas tendo Paulo prometido mudar de opinião, Firmiliano fiou-se na esperança de que, sem prejuízo para a doutrina, a questão seria devidamente regulada. O problema foi sendo diferido, pois enganou-o aquele homem que simultaneamente renegava seu Deus e Senhor (Jd 4) e não conservava a fé que antes professara.

5. Firmiliano estava disposto a ir para Antioquia e chegou até Tarso, pois conhecia por experiência a ímpia malícia de Paulo; mas nesse ínterim, enquanto reunidos o chamá-ramos e aguardávamos sua volta, ele chegou ao fim da vida.”

6. Mais adiante ainda, eles descrevem nesses termos a vida e a conduta de Paulo: “Visto que, afastando-se da regra da fé, passou a ensinamentos mentirosos e espúrios, não nos cabe julgar as ações de quem já se acha fora da Igreja.

7. Nem mesmo pelo motivo de que antes fora pobre e indigente, não recebera dos pais recurso algum e nada adquirira por um ofício ou outro meio qualquer, mas agora alcançou riquezas extraordinárias através de injustiças e roubos sacrílegos, exigências e pedidos feitos aos ir-mãos, intrigas com os injustiçados e promessa de ajudá-los com salários, enganando-os e aproveitando-se injustamente da facilidade em dar dos que se acham envolvidos em questões a fim de serem libertados de importunação e ‘supondo que a piedade é fonte de lucro’ (1Tm 6,5).

8. Nem mesmo por ser orgulhoso (1Tm 6,17), ensoberbecer-se por estar investido de dignidades mundanas e preferir a denominação de ‘ducenário’ ao nome de bispo; ¹²⁰ avança altivo pelas praças públicas, lê cartas que responde caminhando em público, cercado de sequazes, que o precedem e acompanham em grande número, de sorte a se tornar a fé objeto de inveja e ódio por causa de seu fausto e orgulho de coração.

9. Nem mesmo porque, nas assembléias eclesiásticas, organiza espetáculos prodigiosos, e a fim de alcançar glória, impressionar as imaginações e excitar as almas dos simples por tais procedimentos. Mandou preparar para si um estrado e um trono elevado, o que não convém a um discípulo de Cristo. Possui um assim chamado ‘secretum’, tribunal próprio, semelhante aos dos príncipes deste mundo; bate com a mão na coxa; sapatea no estrado. Repreende e insulta os que não o elogiam, não agitam os lenços como nos teatros, não aclamam, não se levantam prontamente com os partidários que o cercam, homens e mulheres, que o escutam desta forma imprópria, e, ao invés, ouvem-no respeitosa e

ordenadamente, segundo convém agir na casa de Deus. Quanto aos intérpretes da palavra de Deus que já partiram desta vida, trata-os de modo inconveniente e grosseiro na assembléia, enquanto gaba-se a si mesmo, não à maneira de um bispo, mas como um sofista e impostor.

10. Fez cessar o uso dos salmos em honra de nosso Senhor Jesus Cristo, sob pretexto de serem novos e compostos recentemente; em sua honra, contudo, no meio da igreja, no grande dia de Páscoa, faz com que salmodiem mulheres, cujo canto causa frêmito. Permite que falem só os bispos dos campos e cidades vizinhas e os sacerdotes que o adulam em suas homilias ao povo.

11. Ele não quer confessar conosco que o Filho de Deus desceu do céu. Estamos antecipando o que vamos escrever mais adiante, não por simples declaração, e sim demonstrando de todos os modos pelas atas que vos enviamos, principalmente a passagem onde afirma que Jesus Cristo é oriundo daqui de baixo. Aqueles, porém, que cantam salmos em sua honra, elogiam-no diante do povo, declaram que seu ímpio mestre é anjo descido do céu — o que ele não impede, mas ao invés, ouve, orgulhoso, essas palavras.

12. Tem mulheres ‘subintroductas’, conforme as denominam os antioquenos, ele e os sacerdotes e diáconos que vivem em sua companhia. Mas, com eles esconde esse e outros pecados incuráveis, embora deles esteja ciente e os condene, a fim de estarem os culpados a seu arbítrio e não ousarem, de medo do que pode lhes suceder, acusá-lo de palavras e atos injustos. Até mesmo fá-los enriquecerem-se, e por isso é amado e admirado pelos que amam tais bens. Por que havemos de escrever essas coisas?

13. Sabemos, caríssimos, que o bispo e os sacerdotes devem ser para o povo modelo (cf. 1Tm 4,12) de toda boa obra (cf. 2Tm 2,21; 3,17), e não ignoramos quantos caíram por terem introduzido mulheres em casa; outros fizeram surgir suspeitas, de sorte que, mesmo se concedermos que nada de desonesto praticaram, seria necessário ao menos acautelar-se das suposições oriundas de tal questão, a fim de não escandalizar alguém e fazer com que outros desistam de imitá-los.

14. Verdadeiramente, como repreenderia ou advertiria a outrem a não mais coabitar com mulher e assim precaver-se de queda (1Cor 10,12), segundo está escrito, ele que já despediu uma, mas tem consigo outras duas, na flor da idade e de aparência agradável; que as leva consigo onde quer que vá e isso com excessivo luxo?

15. É por este motivo que todos gemem e lamentam-se interiormente, pois de tal forma temem sua tirania e poder que não ousam acusá-lo.

16. Efetivamente, poder-se-ia corrigir, conforme dissemos mais acima, a alguém possuído de sentimentos católicos e contado entre os nossos; mas a Paulo, que zomba do mistério (1Tm 3,16) e gloria-se da infecta heresia de Artemas (por que haveria necessidade de demonstrar, o que é evidente, que este é seu pai?), pensamos não convir absolutamente pedir-lhe contas de seus atos.”

17. Em seguida, pelo final da carta, eles acrescentam o seguinte: “Nós, portanto, fomos coagidos, após ter excomungado este adversário de Deus, apesar de sua resistência, de pôr em seu lugar, por Providência de Deus (e disto estamos persuadidos) na Igreja católica outro bispo, o filho do bem-aventurado Demetriano que antes de Paulo presidiu de modo excelente a mesma comunidade, Domno, ornado de todas as qualidades convenientes a um bispo; e estamos vos transmitindo esta notícia a fim de lhe escreverdes e dele receberdes cartas de comunhão. Mas Paulo, que se dirija a Artemas, e os sequazes de Artemas comunhem com ele”.

- 18.** Paulo, uma vez tendo sido degradado do episcopado e havendo perdido a fé ortodoxa, Domno, como foi dito, recebeu o ministério da Igreja de Antioquia.
- 19.** Mas Paulo não queria de forma alguma sair da casa da Igreja. O imperador Aureliano, a quem ele recorreu, tomou uma decisão muito boa sobre o procedimento a manter. Ordenou que a casa fosse atribuída àqueles com os quais trocassem cartas os bispos da doutrina cristã na Itália e na cidade de Roma. Foi assim que o supracitado Paulo foi expulso da Igreja da maneira mais vergonhosa pelo poder secular.
- 20.** Tal era então Aureliano em relação a nós; posteriormente, porém, em seu reinado, teve outros sentimentos, e foi incitado por determinados conselhos a mover-nos nova-mente perseguição; disso muito já se falava entre todos.
- 21.** Estava a ponto de tomar a decisão, e por assim dizer, quase assinou os editos contra nós, quando a justiça divina o atingiu e reteve-o de certo modo pelo braço, para apartá-lo desta tentativa, dando a ver claramente a todos que não haveria mais facilidade para os príncipes deste mundo de agir contra as Igrejas de Cristo, a menos que a mão que nos protege o permitisse, por juízo divino e celeste, na ocasião que julgasse melhor, a fim de nos instruir e corrigir.
- 22.** Em todo caso, Aureliano reinou seis anos e Probo sucedeu-lhe. Este último imperou mais ou menos durante igual período e teve por sucessores Caro e seus filhos, Carino e Numeriano, os quais, por sua vez, não tendo permanecido por três anos inteiros, a autoridade imperial passou para Diocleciano e os seus sócios. Sob seu reinado adveio a perseguição presente, assim como a destruição contemporânea das igrejas.
- 23.** Mas, pouco tempo antes desses acontecimentos, havendo Dionísio, bispo de Roma, completado nove anos de ministério, Félix o substituiu.

CAPÍTULO 31

Perversão heterodoxa dos maniqueus

- 1.** Naquele tempo, o louco que deu seu nome (Manes) à heresia demoníaca, armava-se também da perversão da razão;^{[121](#)} o demônio, o próprio Satanás, o inimigo de Deus, incitava-o, para ruína de grande número. Levava a vida de bárbaro pela língua e os costumes; por natureza, era demoníaco e insensato e seus empreendimentos correspondiam a essas marcas. Esforçava-se por arremedar o Cristo, ora, inchado de loucura, pregando ser ele próprio o Paráclito e o Espírito Santo, ora, como o Cristo, escolhendo doze participantes da nova doutrina.
- 2.** Remendava umas às outras doutrinas mentirosas e atéias, colhidas dentre mil heresias, há muito extintas e, do país dos persas espalhava-as por nossa terra habitada, qual veneno mortífero. Dele provém o nome ímpio de maniqueus, largamente propagado até hoje. Tal foi, portanto, o fundamento desta pseudociência (1Tm 6,20), cuja difusão começou na época acima assinalada.

CAPÍTULO 32

Varões eclesiásticos ilustres

- 1.** Nesta ocasião, Félix, depois de presidir a Igreja de Roma durante cinco anos, teve Eutiquiano por sucessor, que não sobreviveu mais de dez meses e deixou o cargo a Caio, nosso coetâneo; após este último presidir cerca de quinze anos a Igreja, foi escolhido para sucessor Marcelino, o qual foi arrebatado pela perseguição.

- 2.** Nesta época, depois de Domno, Timeu dirigiu o episcopado em Antioquia; teve por sucessor nosso coetâneo Cirilo; sob este último, conhecemos Doroteu, homem eloqüente, honrado do sacerdócio em Antioquia. Amigo assíduo das coisas divinas, exercitou-se na língua hebraica, de sorte a ler com sabedoria as próprias Escrituras hebraicas.
- 3.** Não era estranho aos conhecimentos mais liberais e à propedêutica dos gregos. Doutro lado, era fisicamente eunuco de nascença, e devido a esta particularidade extraordinária, gozava da confiança do imperador, que o promoveu à administração da tinturaria de púrpura em Tiro.
- 4.** Ouvimo-lo explicar com ponderação as Escrituras na Igreja. Depois de Cirilo, Tirano recebeu o episcopado na comunidade de Antioquia. Sob seu governo, o ataque às Igrejas atingiu o mais alto grau.
- 5.** Depois de Sócrates, a comunidade de Laodicéia foi dirigida por Eusébio, originário da cidade de Alexandria. A causa de sua mudança de residência foi a questão acerca de Paulo. Por isso, ele passou pela Síria e foi impedido de voltar a seu país pelo povo dessa região, zeloso pelas coisas divinas. Foi assim um modelo amável de religião entre nossos coetâneos, como se torna óbvio pelas palavras de Dionísio mais acima citadas.
- 6.** Seu sucessor foi Anatólio; de acordo com o provérbio, ambos excelentes, um após outro. Ele também era de origem alexandrina. Por causa de sua eloqüência e sua formação na filosofia grega, ocupava as primeiras fileiras entre os homens mais conceituados de nossa época. Havia, de fato, feito estudo aprofundado da aritmética, da geometria, da astronomia, das ciências, quer sejam dialéticas, quer físicas e das disciplinas retóricas. Por isso, refere-se ter sido ele julgado digno por seus concidadãos de estabelecer em Alexandria a escola da filosofia de Aristóteles.^{[122](#)}
- 7.** Dele conta-se uma série de fatos maravilhosos, durante o cerco do Bruchium em Alexandria, pois no ofício foi honrado por todos com um privilégio de escol. A modo de comprovação, mencionarei apenas um fato.
- 8.** Narra-se que tendo faltado o trigo aos sitiados, de sorte que já a fome era mais insuportável que os inimigos de fora, estando presente aquele de quem falamos, ele tomou as seguintes providências. Uma parte do povo da cidade combatia com o exército romano e em consequência, não estava sitiado. Eusébio, que ainda lá estava, antes de partir para a Síria, encontrava-se entre os não sitiados e possuía grande reputação e nome ilustre até junto do general romano. Anatólio, pois, através de um mensageiro, informou-o sobre os sitiados, enfraquecidos pela fome em consequência do cerco.
- 9.** Eusébio, diante dessa notícia, pediu ao general romano, como grande favor, obtivessem salvo conduto os que espontaneamente passassem para seu lado; tendo obtido a realização de seu pedido, pôs Anatólio a par disto. Este, logo que recebeu a promessa, reuniu o Senado dos alexandrinos e primeiro propôs que todos estendessem a mão em sinal de amizade aos romanos; e quando os viu furiosos por causa destas palavras, disse: “Ao menos, não penso que haveis de me contradizer se vos aconselhar que permitam sair para fora das portas e ir para onde quiserem os que são em demasia aqui e que não nos são úteis de forma alguma, velhas, crianças, velhos. Por que, então, os conservamos inutilmente conosco, apenas para morrer? Por que esgotaremos de fome os doentes enfraquecidos corporalmente, quando precisamos nutrir os homens e os jovens e economizar o trigo necessário aos que são indispensáveis à guarda da cidade?”
- 10.** Com tais raciocínios, persuadiu o Senado, e levantando-se em primeiro lugar, votou um decreto de mandar sair da cidade todos os que não fossem úteis ao exército, homens ou mulheres, porque não

haveria mesmo esperança de salvação para os que ficassem e permanecessem inutilmente na cidade, pois seriam consumidos pela fome.

11. Todos os outros membros do Senado aquiesceram ao decreto. Pouco faltou para que ele salvasse todos os sitiados. Cuidou de que se afastassem primeiro os que pertenciam à Igreja, depois os outros que estavam na cidade, qualquer que fosse sua idade, não somente os visados pelo decreto, mas, oportunamente, milhares de outros que, secretamente disfarçados com vestes femininas, saíam das portas, à noite, graças à providência de Anatólio e precipitavam-se para o lado do exército romano. Lá, Eusébio os recebia, qual pai e médico; e como estavam em más condições por causa do longo cerco, reconfortava-os com todas as providências e cuidados.

12. Tais foram os dois pastores que sucessivamente a Igreja de Laodicéia foi julgada digna de possuir; pela providência divina, haviam deixado a cidade de Alexandria após a guerra de que se falou, indo para lá.

13. Não somente grande número de escritos foram elaborados por Anatólio, mas chegaram até nós em número suficiente para que seja possível aprender por eles a um tempo a eloqüência e a ciência de seu autor. Nessas obras, declara principalmente seu parecer sobre a Páscoa e talvez seja necessário mencioná-lo aqui:

EXTRATO DOS CÂNONES DE ANATÓLIO SOBRE A PÁSCOA.

14. “Assim no primeiro ano a lua nova do primeiro mês, que é o começo do ciclo inteiro de dezenove anos, para os egípcios, o dia vinte e seis de Phamenoth, para os macedônios, dia vinte e dois do mês de Distro, e, como diriam os romanos, dia onze antes das calendas de abril.

15. No dia vinte e seis de Phamenoth, que acabamos de mencionar, o sol se acha não somente dentro do primeiro segmento, mas já avançou por ele há quatro dias. Este segmento, que se costuma chamar o primeiro décimo segundo, o equinócio, o começo dos meses, o início do ciclo, o ponto de partida do curso dos planetas; quanto ao precedente é o último dos meses, o décimo segundo segmento, o último décimo segundo, o fim da revolução dos planetas. Por isso dizemos que se enganam redonda e extraordinariamente os que colocam este segmento no primeiro mês e aí marcam o décimo quarto dia para a Páscoa.

16. Este cálculo não é nosso, mas era conhecido pelos judeus outrora, mesmo antes de Cristo e observado com o maior cuidado. É possível depreendê-lo pelo que diz Fílon, Josefo, Museu, e não somente eles, mas outros ainda mais antigos, os dois Agatóbulos, denominados os mestres de Aristóbulo, o Grande; este, que foi do número dos Setenta, tradutores das Escrituras Sagradas e divinas dos hebreus para Ptolomeu Filadelfo e para seu pai, deixou também livros exegéticos da Lei de Moisés a estes mesmos reis.

17. Estes autores, ao resolverem questões relativas ao Êxodo, dizem que todos devem igualmente oferecer os sacrifícios da Páscoa após o equinócio da primavera, no meio do primeiro mês. Tal acontece ao atravessar o sol o primeiro segmento da eclíptica ou, como alguns dentre eles o denominam, o círculo do zodíaco. Mas Aristóbulo acrescenta ser necessário para a festa dos sacrifícios da Páscoa que não somente o sol, mas também a lua atravesse o segmento equinocial.

18. Mas, como existem dois segmentos equinociais, o da primavera e o do outono, diametralmente opostos entre si, e o dia dos sacrifícios pascais é o décimo quarto do mês à tarde, a lua estará diametralmente oposta ao sol, bem como, aliás, pode-se ver no plenilúnio; estarão: o sol no segmento do equinócio da primavera, a lua necessariamente no segmento do equinócio do outono.

19. Conheço muitas outras afirmações deles, umas prováveis, outras resultado de demonstrações decisivas, pelas quais esforçam-se por determinar absolutamente que a festa da Páscoa e dos ázimos deve ser celebrada após o equinócio, mas deixo de lado a matéria destas demonstrações, suplicando em favor daqueles para os quais foi levantado o véu colocado sobre a Lei de Moisés, que doravante contemplem como em espelho o Cristo de rosto descoberto, assim como sempre os ensinamentos e a paixão de Cristo (2Cor 3,16-18). Também os ensinamentos dados no livro de Henoc asseguram que o primeiro mês entre os hebreus é nas proximidades do equinócio.”

20. Anatólio deixou ainda introduções aritméticas em dez tratados inteiros, e outras provas de seu estudo e de sua múltipla experiência das coisas sagradas.

21. Foi o primeiro a quem o bispo de Cesaréia na Palestina, Teotecno, impôs as mãos para o episcopado, destinando-o para seu sucessor após sua morte em sua própria comunidade; mas, de fato, durante pequeno espaço de tempo, os dois presidiram esta mesma Igreja. Tendo, contudo, o concílio contra Paulo chamado Anatólio a Antioquia, ele passou pela cidade de Laodicéia, e lá os irmãos o seguraram, porque Eusébio havia entrado no repouso eterno.

22. Quando Anatólio deixou esta vida, Estêvão tornou-se o último bispo da comunidade desta região antes da perseguição; era admirado por muitos devido a seus discursos filosóficos e o restante de sua cultura helênica,¹²³ mas não era dotado de igual ânimo no que respeita à fé em Deus, conforme manifestou o progresso da perseguição que demonstrou ser ele dissimulado, tímido, medroso mais que autêntico filósofo.

23. Todavia, nem por isso se arruinariam as coisas da Igreja, mas foram retificadas pelo próprio Deus, o Salvador de todos, desde que Teódoto foi instituído bispo desta comunidade; por suas próprias obras, ele realizou seu nome e o título de bispo que lhe foi dado. Realizou-o primeiro pela ciência de curar os corpos; quanto à cura das almas, nenhum outro lhe era comparável em filantropia, sinceridade, compaixão, zelo para servir os que precisavam de socorro; doutro lado era também muito douto na teologia.

24. Tal era Teódoto. Doutro lado, em Cesaréia da Palestina, depois que Teotecno tinha cumprido com o maior zelo seu episcopado, Agápio lhe sucedeu. Dele sabemos que muito se afadigou, e teve na realidade grande solicitude no governo do povo e com mãos generosas cuidou de todos, sobretudo dos pobres.

25. Nesta época conhecemos Pânfilo, homem extremamente versado na palavra, genuíno filósofo pela vida, honrado do sacerdócio nesta comunidade. Quais as suas qualidades? Onde partiu? Não seria coisa insignificante falar disto, mas já tratamos em narrativa peculiar de cada particularidade de sua vida, da escola que fundou, dos combates que sustentou durante a perseguição em várias confissões e a coroa do martírio que o cingiu no final de tudo.

26. Na verdade, ele era aqui o mais admirável de todos; sabemos, contudo, que, principalmente entre nossos contemporâneos, houve homens de grandeza rara: entre os sacerdotes de Alexandria, Piério, e Melécio, bispo das Igrejas do Ponto.

27. O primeiro era estimado no mais alto grau por sua vida pobre e seus conhecimentos filosóficos, e era extraordinariamente exercitado nas meditações e exegese das coisas divinas, bem como nos comentários que fazia nas assembléias da Igreja. Quanto a Melécio (os homens cultos denominavam-no “mel da Ática”), possuía tais qualidades que dele se poderia escrever ser em tudo o ideal de um erudito. Impossível admirar dignamente a força de sua retórica, embora se pudesse dizer que nele era

dom natural. Mas quem teria superado o vigor de sua larga experiência e grande ciência?

28. Não era o mais perito e habilitado em todas as ciências lógicas? Quem alcançaria seu grau de experiência? Sua vida virtuosa equivalia ao restante. No tempo da perseguição, nós tivemos ocasião de observá-lo, pois se refugiara na região da Palestina, durante sete anos inteiros.

29. Depois do bispo Himeneu, citado um pouco mais acima, Zabdas recebeu o ministério na Igreja de Jerusalém. Tendo este pouco tempo depois entrado no repouso eterno, Hermon, o último antes da perseguição atual, recebeu a sé apostólica que conserva até hoje.

30. E em Alexandria, tendo Máximo exercido o episcopado durante dezoito anos após a morte de Dionísio, sucedeu-lhe Teonas. Em seu tempo, Aquilas, ornado do sacerdócio simultaneamente com Piério, era célebre em Alexandria. Tendo recebido a direção da escola catequética da fé sagrada, realizou uma obra filosófica extraordinária, em nada inferior a qualquer outra, e portou-se com uma conduta digna da disciplina evangélica.

31. Depois de Teonas, que exerceu o ministério durante dezenove anos, Pedro recebeu o episcopado em Alexandria. Ele também se distinguiu de maneira especial durante doze anos inteiros. Antes da perseguição, havia dirigido a Igreja por menos de três anos; no resto da vida, comportou-se com uma ascese excessiva e abertamente ocupou-se do bem comum das Igrejas. Por isso, no nono ano da perseguição, foi degolado e ornado com a coroa do martírio.

32. Nos livros precedentes, descrevemos as séries sucessivas dos bispos, desde o nascimento de nosso Salvador até a destruição dos oratórios, abrangendo a duração de trezentos e cinco anos. Agora, deixemos ainda por escrito quais e quão numerosas foram as lutas contemporâneas dos que virilmente combateram em prol da religião, para conhecimento da posteridade.

[108](#) Como quase todos os grandes atos de conversão são marcados por uma visão, Dionísio justifica sua conduta também por efeito de uma visão-voz de Deus. Parece a mesma “voz” que Policarpo ouviu ao descer na arena (*HE* IV, 15,17); a mesma que ordenou Agostinho a ler as Escrituras (*Conf.* 8,12,29) e ainda o sonho no qual Jerônimo é acusado de ser ciceroniano (*Epist.* 32,30). O conselho dado pela “voz” a Dionísio deve ser comparado ao de Paulo aos tessalonicenses: “Discerni tudo e ficai com o que é bom” (1Ts 5,21).

[109](#) Nesta época, a palavra “papa” se aplica a todos os bispos. Originalmente ela significa pai. Cf. P. DE LABRIOLLE, “Une esquisse de l’histoire du mot ‘papa’”, em *Bulle. d’anc. littér. et d’archéol. chrétien*, I, 1911, pp. 215-220.

[110](#) Analistas da história eclesiástica ou dogmática antigas não julgam que Novato tenha modificado o rito batismal, nem a fórmula de fé que precedia a imersão, mas negava, de fato, o valor do batismo, pois interditava a penitência aos pecadores e rebatizava os trãsfugas do catolicismo. Também não se pode afirmar que tenha ensinado heresias sobre a Trindade. Em sua obra *Sobre a Trindade*, verifica-se que era muito ortodoxo neste ponto. Ele insistia muito sobre a severidade de Deus a respeito dos pecadores. Cf. A. D’ALÈS, *Novatien. Étude sur la théologie romaine au milieu du IIIe siècle*. Paris, 1925, p. 166, n.1; R. FRANGIOTTI, *História das heresias*, op. cit., pp. 77-80.

[111](#) As preces dos cristãos pelo imperador e pelo império são de tradição primitiva, cf. 1Tm 2,2; Clemente Romano, 1Cor, 61; Justino, *I Apol.* 17; Tertuliano, *Apologeticum*, 30-32; Orígenes, *Contra Celso*, VIII, 73; Teófilo de Antioquia, *A. Autolico*, I, 11.

[112](#) Cemitério, em grego *kometéria*, é termo cristão. Além de ser o lugar de sepultar os mártires, tornou-se o lugar de reuniões e celebrações dos fiéis que aí se reuniam para orar sobre suas tumbas. Cf. *Acta Cipriani*, I, 7.

[113](#) Mareote é apresentada aqui como a região para onde eram deportados todos os cristãos, uma espécie de “campo de concentração”.

[114](#) Não se trata de reconhecimento oficial do cristianismo pelo imperador Galiano. Este o vê como tendo existência de fato, o tolera e procura restabelecer a situação anterior à perseguição de Valeriano. Esta medida agradava muito aos cristãos e o reconhecimento da propriedade eclesiástica teve enorme importância a seus olhos.

[115](#) Referência importante sobre o culto das imagens no começo do séc. IV. Eusébio, particularmente, lhe é contrário. Na Introdução desta obra, pode-se ver sua reação quando a irmã de Constantino lhe pediu que lhe enviasse uma imagem de Cristo

[116](#) Passagem interessante enquanto atesta a existência, em Alexandria, de instituição correspondente ao *frumentum publicum* de Roma. Mas não se pode pensar em nada ao que hoje é chamado de assistência social aos economicamente fracos, mas privilégios

reservados aos cidadãos de Alexandria.

[117](#) Na opinião dos administradores, o sétimo ano era ano crítico: ultrapassá-lo era sinal muito favorável. Dada a curta duração dos reinados anteriores, este fato tornava-se para Galiano particularmente notável. Alguns imperadores, como Postumus, não quis aguardar suas *decennalia* (os dez anos de governo) para cunhar medalhas comemorativas. Fez proceder a esta cunhagem para suas *quinquennalia* (qüinqüênio).

[118](#) A controvérsia sabeliana interessa à história do dogma da Trindade tanto quanto ao dogma da Igreja. É sobretudo por santo Atanásio e por são Basílio que somos informados dos incidentes que ela suscitou no século III.

[119](#) Qual foi sua heresia? O último concílio contra Paulo de Samósata foi provavelmente realizado em 268 e o convenceu de heresia: Paulo de Samósata teria sido monarquianista, monarquiano adocionista. Para ele o Logos = Sabedoria divina não é ser pessoal, isto é, dotado de hipóstase distinta, mas apenas uma *dynamis*, uma faculdade operativa de Deus: é a ordem e o comando com os quais Deus opera no mundo. Dava o nome de filho de Deus não ao Logos, mas ao homem Jesus, no qual o Logos tinha tomado morada como num templo. Este monarquianismo se opunha à teologia do Logos elaborada por Orígenes, por isso o episódio de Paulo é interpretado como momento crítico da difusão da cultura e da teologia alexandrina na área da tradição asiática. Cf. R. FRANGIOTTI, *História das heresias*, op. cit., pp. 51-54.

[120](#) Mesmo enquanto bispo, Paulo de Samósata exercia cargo de alto apreço na corte, sob o governo de Zenóbia. Foi alto funcionário da administração fiduciária da rainha e contemporaneamente bispo da igreja de Antioquia. Sua conduta aderiu mais ao cargo público que ao da Igreja. Os ducenários eram procuradores com vencimentos de 200 mil sestércios. Ocupavam um dos postos mais elevados na hierarquia dos funcionários do império. Cf. L. HOMO, *Les institutions politiques romaines*, pp. 419-425.

[121](#) Trata-se de Manés e do maniqueísmo. A história do maniqueísmo foi renovada pelas descobertas recentes de uma parte no Turquestão, e de outra parte, no Egito. Foi, provavelmente, em 302 que Diocleciano promulgou um edito contra os maniqueus, a fim de frear os progressos da nova doutrina.

[122](#) Informação importante: é, ao que parece, a primeira vez que se fala de cristão-católico ortodoxo ensinando a filosofia de Aristóteles. Cf. A.-J. FESTUGIÈRE, *L'ideal religieux des Grecs et l'Evangile*. Paris, 1932, pp. 221-263: Excursus C, "Aristote dans la littérature grecque chrétienne"; J. DE GHELLINCK. "Un aspect de l'opposition entre hellénisme et christianisme: l'attitude vis-à-vis de la dialectique dans le débats trinitaires", em *Patristique et Moyen Âge*, t. III, Gembroux, 1948.

[123](#) Pelo final do século III e começo do IV, o número de fiéis instruídos crescera consideravelmente na Igreja e Eusébio o sublinha como argumento apologético. Mas bons intelectuais permaneciam ainda por longo tempo refratários. No Ocidente, demoraram ainda mais que no Oriente para se achegarem à Igreja. Entretanto, mesmo no Oriente, o alto ensinamento ficou, ainda durante todo o séc. IV até o começo do VI, quase inteiramente nas mãos dos pagãos.

LIVRO OITAVO

Em sete livros inteiros, expusemos como se realizou a sucessão dos Apóstolos. Nesse oitavo, julgamos que os eventos contemporâneos fazem jus a registro especial e devem ser da maior necessidade transmitir tal notícia à posteridade. Daí, por conseguinte, tomaremos o ponto de partida de nossa narração.

CAPÍTULO 1

Precedentes da perseguição contemporânea

1. Ultrapassa nossas forças expressar de modo adequado a grandeza e a qualidade do respeito e da liberdade de que, antes da perseguição contemporânea, usufruía a pregação da religião do Deus do universo, anunciada por Cristo a todos os homens, gregos e bárbaros, a fim de ser vivida.
2. Comprova-o a benevolência dos príncipes para com os nossos. Chegavam a confiar-lhes o governo de províncias e a livrá-los da angústia ocasionada pela obrigação de sacrificar, pois sentiam grande simpatia por nossa religião.^{[124](#)}
3. Que dizer dos que residiam na corte imperial e dos próprios príncipes? Eles permitiam aos familiares, às esposas, aos filhos, aos servos agir em sua presença com liberdade relativamente à religião, por palavras e obras, sendo-lhes de certo modo lícito gloriar-se do livre exercício da fé.^{[125](#)} Consideravam-nos mais dignos de favor que seus companheiros de serviço.
4. Tal foi o célebre Doroteu, o mais benévolo e fiel de todos, e por isso mais honrado entre os magistrados e governadores; com ele também o famoso Gorgônio, e muitos outros considerados igualmente dignos da mesma honra, por causa da palavra de Deus.
5. Notava-se também o acolhimento que recebiam os chefes de cada Igreja da parte de todos os procuradores e governadores. Como ainda descrever as inúmeras assembléias e a multidão das reuniões em cada cidade e os notáveis concursos de povo nas casas de oração? Por este motivo, não bastavam mais as construções antigas, e em cada cidade, elevavam-se espaçosas e amplas igrejas.^{[126](#)}
6. Inveja alguma impedia esse progresso no decurso do tempo bem como aumento diário de grandeza, nem conjurações humanas os entravavam, nenhum demônio maligno era capaz de exercer seus malefícios em contrário, pois a mão divina e celeste envolvia e protegia seu povo, que aliás bem o merecia.
7. Mas, a inteira liberdade degenerou em relaxamento e descuido. Nós nos invejávamos, injuriávamos mutuamente, e quando havia oportunidade, pouco faltava para que nos combatêssemos com as armas, ou com as lanças das palavras; os chefes em desavença com os chefes, o povo contra o povo. A maldita hipocrisia e a dissimulação haviam atingido o mais alto grau de malícia. Então, como habitualmente, o juízo de Deus, que governava com suavidade e medida, era protelado (ainda se reuniam as assembléias). Foi entre os irmãos que pertenciam ao exército que começou a perseguição.
8. Com certa insensibilidade, descuidávamos de tornar a divindade propícia em nosso favor. Agíamos como ateus, julgando não constituírem nossos interesses objeto de solicitude e vigilância divina e acumulávamos as maldades, umas sobre as outras. Os pretensos pastores, desdenhando as normas da

piedade, lançavam-se apaixonadamente em mútuas contendas; nada mais faziam que entregar-se a disputas, ameaças, invejas, inimizades e ódios recíprocos; ambicionavam ardorosamente o poder, qual tirania.¹²⁷ Procediam segundo a palavra de Jeremias: “O Senhor, em sua ira, escureceu a filha de Sião! Do céu, precipitou sobre a terra a glória de Israel! No dia de sua ira esqueceu-se do estrado de seus pés. O Senhor afogou todas as belezas de Israel e demoliu todas as fortalezas” (Lm 2,1-2).

9. E realizavam a profecia dos salmos: “Renegaste a aliança do teu servo e até o chão profanaste”, pela ruína das igrejas, “seu santuário e fizeste brechas em seus muros todos, e arruinaste as suas fortalezas. Todos os que passavam no caminho o pilharam, tornou-se um opróbrio para seus vizinhos. Pois o Senhor exaltou a direita dos seus opressores, e retirou-lhe o socorro da espada. Não o sustentou no combate. Ainda o despojou da expiação, derrubou seu trono por terra, encurtou os dias da sua juventude e a todos cobriu de vergonha” (Sl 88,40-46).

CAPÍTULO 2

Destruição das igrejas

1. Todas essas coisas, efetivamente, se realizaram em nossa época, quando vimos com nossos próprios olhos as casas de oração completamente arrasadas, de alto a baixo, as Escrituras divinas e sagradas entregues ao fogo no meio de praças públicas, os pastores das igrejas dissimulando-se vergonhosamente aqui e ali ou capturados ignominiosamente e insultados pelos inimigos; quando, segundo outra palavra profética: “Foi espalhado o desprezo sobre os príncipes, e ele os fez vagar por lugares ínvios e não andar pelos caminhos” (Sl 106,40).

2. Mas não nos cabe pormenorizar as tristes desgraças que no final lhes advieram, pois não é nosso propósito entregar à memória dos pósteros suas recíprocas dissensões e loucuras antes da perseguição. Por esta razão, decidimos nada contar a seu respeito além daquilo que nos permite verificar como foi justo o juízo de Deus.

3. Não quisemos, portanto, rememorar os que foram submetidos à prova durante a perseguição, ou que totalmente naufragaram na questão da própria salvação e que, por livre vontade, se precipitaram em ondas profundas. Narraremos apenas, nesta história universal, o que traria utilidade, em primeiro lugar a nós mesmos, e em seguida aos pósteros. Partimos agora para a descrição abreviada dos combates sagrados dos mártires do Verbo divino.

4. No décimo nono ano do reinado de Diocleciano, no mês de Distros (que os romanos denominam março), na proximidade da festa da Paixão do Salvador, por toda a parte foram afixados os editos imperiais que ordenavam arrasar as igrejas até os alicerces e jogar as Escrituras ao fogo.¹²⁸ Proclamavam cassados os que estavam em função e privados da liberdade os que se achavam a serviço de particulares, se permanecessem fiéis a sua profissão de cristãos.

5. Tal foi o primeiro edito contra nós; pouco tempo depois, apareceram outros editos, ordenando primeiro que se pusessem no cárcere por toda a parte os chefes das Igrejas; logo em seguida, que se utilizassem todos os meios para forçá-los a sacrificar.

CAPÍTULO 3

Procedimento dos cristãos nas lutas da perseguição

1. Então, número enorme de chefes das Igrejas suportaram corajosamente terríveis sofrimentos e ofereceram o espetáculo de grandes combates. Muitíssimos, contudo, entorpecidos pela

pusilanimidade, fraquejaram prontamente ao primeiro embate. Dos primeiros, cada qual suportou determinado gênero de suplício. Um teve o corpo ferido pelos flagelos, outro foi atormentado pelas torturas intoleráveis do cavalete e das unhas de ferro, sob as quais alguns logo chegaram a miserável termo de vida.

2. Alguns ainda diversamente enfrentaram o combate. Um, com efeito, depois de violentamente empurrado e introduzido para junto dos sacrifícios abomináveis e impuros, foi despedido como se houvesse sacrificado, embora não o tivesse feito. Outro, que nem mesmo se aproximara, absolutamente, e nada tocara de maculado, partiu, suportando em silêncio a calúnia de alguns que asseguravam ter ele sacrificado; outro, retirado semivivo, foi atirado fora como se já estivesse morto.

3. Outro, ainda uma vez prostrado no chão, pelos pés foi arrastado por longo percurso, e contado entre os que haviam sacrificado. Um ainda gritava em alta voz que recusara sacrificar; outro proclamava ser cristão e gloriava-se de confessar o nome do Salvador; outro assegurava que não havia sacrificado e jamais sacrificaria.

4. Entretanto, mesmo estes, depois de serem batidos na boca e reduzidos ao silêncio pelos golpes repetidos de um destacamento de soldados dispostos para tal, atingidos na face e esbofeteados, eram lançados fora violentamente. Era assim que os inimigos da religião julgavam de grande valor aparentarem ter vencido, após a utilização de todos os recursos. Mas tais meios nada obtinham dos santos mártires. Que palavras bastariam para uma apurada narrativa dos fatos?

CAPÍTULO 4

Como os mártires de Deus, merecedores de ser celebrados em hinos, deixaram lugares repletos de sua memória, depois de terem cingido pela piedade diferentes coroas

1. De fato, poder-se-ia contar que milhares de fiéis demonstraram admirável coragem relativamente à religião do Deus do universo, não somente desde o tempo em que surgiu a perseguição geral, mas bem antes, no tempo em que ainda reinava a paz.

2. Com efeito, muito recentemente quem havia recebido o poder (cf. Jo 19,10-11) como se acordasse de profundo sono, após o intervalo decorrido desde Décio e Valeriano, empreendeu a luta contra as igrejas, secreta e ocultamente. Não começou de uma vez a luta contra nós, mas concentrou os esforços apenas contra os que estavam nos acampamentos, pois julgava que, se previamente vencesse no combate contra eles, captaria facilmente os outros. Viu-se grande número dos componentes das fileiras do exército abraçarem voluntariamente a vida privada a fim de não se tornarem apóstatas da religião do Criador do universo.^{[129](#)}

3. Pois, ao empreender um comandante do exército, fosse quem fosse, a perseguição contra as tropas, discriminando e depurando entre os que serviam nos acampamentos, oferecia-lhes a opção de obedecer a fim de se manterem em sua categoria, ou, ao contrário, serem rebaixados, se à ordem se opusessem. Grande número de soldados do reino de Cristo preferiu, sem demora nem hesitação, a confissão de Cristo à glória aparente e à situação honrosa.

4. Nesta ocasião, sucedeu raramente que, um ou outro dentre os fiéis teve de pagar sua piedosa resistência não somente com a perda de sua posição, mas com a morte. Quem dirigia o processo, agia precavidamente. Não ousava avançar até a efusão do sangue senão relativamente a poucos, temendo talvez a multidão dos fiéis e recuando, receoso de excitar de uma só vez a guerra contra todos.

5. Mas, quando decidiu atacar de maneira mais manifesta, torna-se impossível exprimir em palavras o número e a qualidade dos mártires de Deus que os habitantes das cidades e dos campos viram com os próprios olhos.

CAPÍTULO 5

Os de Nicomédia

Assim, logo que foi afixado em Nicomédia o edito contra as Igrejas, sucedeu que um homem, de forma alguma obscuro, mas dos mais ilustres, um dignitário secular, impelido pelo zelo de Deus e movido pelo ardor da fé, retirou, como sendo ímpio e absolutamente irreligioso, o aviso colocado em evidência num lugar público e o rasgou, na ocasião em que dois imperadores, o mais antigo e o que ocupava o quarto lugar no governo, achavam-se presentes na cidade. Este, contudo, foi o primeiro dos habitantes do país a se destacar de tal maneira; e logo, como é óbvio, suportou as conseqüências de tamanha audácia, mas até o último suspiro conservou a tranqüilidade e a calma.

CAPÍTULO 6

Os residentes nos palácios imperiais

1. Entre todos os que alguma vez foram celebrados como admiráveis e famosos pelo valor entre os gregos, ou entre os bárbaros, as circunstâncias puseram em evidência os mártires santos e gloriosos, Doroteu e os servidores imperiais que o cercavam. Elevados por seus senhores à mais alta dignidade e gratificados por eles com sentimentos reservados a filhos genuínos, consideraram riqueza realmente maior que a glória e os prazeres do mundo, os opróbrios, as penas, os gêneros de morte diversos, recém-descobertos contra eles e por eles suportados em prol da religião. Relembraremos apenas um só, referindo qual o fim de sua vida, e deixando assim aos leitores a conclusão da sorte dos outros em semelhante caso.

2. Um homem foi levado publicamente, na supramencionada cidade, perante os referidos imperadores. Recebeu ordem de sacrificar. Como recusasse, suspenderam-no despido e dilaceraram-lhe todo o corpo com flagelos para que, vencido, cumprisse, contra a vontade, o que lhe era ordenado.

3. Visto que ele sofria sem se alquebrar, e quando os seus ossos já estavam descobertos, tomaram uma mistura de vinagre e sal e derramaram-na sobre as partes do corpo completamente estraçalhadas. Visto que ele desprezava ainda esses tormentos levaram para o tribunal uma grelha e fogo e, como se costuma fazer com a carne para comer, estenderam sobre o fogo o que ainda restava de seu corpo, não porém de maneira brutal, a fim de que não morresse rapidamente, mas pouco a pouco; e os que o estenderam sobre o fogo não tinham a permissão de desamarrá-lo antes que, na seqüência de tais sofrimentos, não consentisse, por sinal, àquilo que lhe era ordenado.

4. Mas ele, sem desfalecer, conservou sua resolução e invicto entregou a alma no meio dos suplícios. Tal foi o martírio de um dos servos imperiais. Chamava-se Pedro e mostrou-se à altura do nome.

5. Mantendo-nos dentro dos limites desta obra, omitiremos a descrição dos suplícios dos outros, em nada menores. Registraremos apenas que Doroteu e Gorgônio, unidos a muitos outros domésticos da família imperial, após variados combates, perderam a vida estrangulados e alcançaram de Deus o prêmio da vitória.

6. Nesta ocasião, Antimo, então à frente da Igreja de Nicomédia, teve a cabeça cortada por causa do testemunho prestado a Cristo. A este uniu-se incontável multidão de mártires, em conseqüência de um

incêndio que, não se sabe como, propagou-se naqueles dias no palácio imperial de Nicomédia. Por falsa suspeita, espalhou-se a fama de que havia sido ateadado pelos nossos e então globalmente, sem distinção, por ordem imperial, dentre os cristãos do lugar, uns foram degolados pela espada, outros mortos pelo fogo. Conta-se que, levados por inenarrável zelo divino, homens e mulheres se lançaram nas chamas. Os carrascos amarraram muitos outros em barcos e os precipitaram no fundo do mar.

7. Após a morte, ao menos os servos imperiais tinham sido sepultados com as devidas honras; aqueles que eram considerados seus senhores, tomando nova decisão, julgaram ser preciso exumá-los e lançá-los ao mar, no intuito de evitar que, se repousassem em monumentos, fossem adorados e tidos por deuses. Ao menos, assim eles pensavam. Tais foram os eventos em Nicomédia, no começo da perseguição.

8. Pouco tempo depois, havendo alguns habitantes da região chamada Melitene e outros ainda da Síria tentando apossar-se do império, veio uma ordem imperial de lançar os chefes das igrejas em prisão e cadeias por toda a parte.

9. O espetáculo do que sucedeu nessas circunstâncias supera toda narrativa. Em toda parte, inumerável multidão era aprisionada e em geral os cárceres, outrora preparados para assassinos e violadores de túmulos, estavam cheios de bispos, padres, diáconos, leitores e exorcistas, de sorte a não restar mais lugar para os condenados por seus crimes.

10. Os primeiros editos foram novamente seguidos de outros, segundo os quais os prisioneiros que sacrificassem recuperariam a liberdade, enquanto os que resistissem seriam atormentados por inúmeros suplícios. Como, desta vez ainda, seria possível enumerar a multidão dos mártires de cada província e sobretudo da África, Mauritânia, Tebaida e Egito? Neste último país, certo número já havia emigrado para outras cidades ou províncias, onde se distinguiram pelo martírio.

CAPÍTULO 7

Os egípcios que se achavam na Fenícia

1. Conhecemos, sem dúvida, os que dentre eles se ilustraram na Palestina, mas conhecemos também os de Tiro, na Fenícia. Quem não se admiraria ao ver as inumeráveis chicotadas, e sob os golpes, a paciência dos atletas da religião, verdadeiramente maravilhosa e logo após os flagelos, o combate contra as feras devoradoras, os ataques de leopardos, diversos ursos, javalis, touros enfurecidos pelo aguilhão de ferro e fogo e diante de todas essas feras, a espantosa capacidade de suportar destes heróis?

2. Nós próprios assistimos a estas cenas, verificando a presença e a ação manifesta nos mártires do poder divino de nosso Salvador Jesus Cristo, a quem prestavam testemunho. As feras devoradoras não ousavam, durante muito tempo, tocar os corpos dos amigos de Deus, nem mesmo aproximar-se, mas era contra os outros, a excitá-las de fora com alguma provocação, que elas se arrojavam. Os santos atletas, sozinhos, nus, agitavam as mãos para atrair as feras (pois assim tinham ordem de fazer), mas não eram absolutamente tocados. Se por vezes lançavam-se contra eles, retidas por certa força divina, recuavam.

3. Se a cena era muito prolongada ocasionava grande espanto entre os espectadores; após o fracasso com a primeira fera, lançavam segunda e terceira contra um só e mesmo mártir.

4. Admirava-se a força intrépida destes santos e a firme e inflexível resistência que continham esses jovens corpos. Via-se, por exemplo, um rapaz que ainda não completara vinte anos, estar de pé, sem

liames, com os braços estendidos em forma de cruz, a prolongar as preces à Divindade, de mente intrépida e imperturbável, na mais perfeita tranqüilidade, imóvel, sem se afastar do lugar, enquanto ursos e leopardos, respirando furor e morte, quase lhe tocavam a carne, mas, não se sabe como, por efeito de inefável poder divino, tinham a goela fechada e bem depressa recuavam. Tal era este jovem.

5. Podia-se ainda ver outros (eram cinco ao todo), jogados diante de um touro furioso. Este, com os chifres, lançava para cima os outros, os pagãos, que se adiantavam e, depois de os ter dilacerado, deixava-os semimortos. Após se ter precipitado, furioso e ameaçador, contra os santos mártires, somente deles não conseguia aproximar-se; batia as patas e sacudia os chifres para cá e para lá. Mas quando, excitado com ferro em brasa, respirava furor e ameaça, era puxado para trás pela Providência divina, de sorte que jamais exerceu contra eles violência alguma; então lançaram outras feras.

6. Mas, por fim, após estas terríveis e variadas provas, todos foram degolados pela espada e em vez de serem depositados em túmulos, foram entregues às ondas do mar.

CAPÍTULO 8

Os do Egito

Assim sucedeu, portanto, o combate dos egípcios que, em Tiro, sustentaram publicamente a luta em prol da religião.

Poder-se-ia ainda admirar os que dentre eles prestaram testemunho em seu próprio país. Aí, milhares, homens, mulheres e crianças, desprezaram por causa da doutrina de nosso Salvador a vida temporal e suportaram vários gêneros de morte. Uns, após as unhas de ferro, os cavaletes, os flagelos mais cruéis, e mil tormentos variados e horríveis até de se ouvir, foram entregues ao fogo; outros ainda foram afogados no mar; outros enfim, corajosamente, estendiam o pescoço aos que deviam cortá-lo; outros morreram no meio das torturas; outros sucumbiram à fome; outros enfim foram crucificados, uns de maneira ordinária pelos malfeitores, outros de maneira pior, pois foram pregados com a cabeça para baixo e deixados viver até que morressem de fome.

CAPÍTULO 9

Os de Tebaida

1. Superam qualquer descrição os ultrajes e tormentos suportados pelos mártires da Tebaida.¹³⁰ Eles eram rasgados no corpo por meio de conchas em lugar de unhas de ferro, e isso até que perdessem a vida. Mulheres eram amarradas por um pé, elevadas no ar, suspensas com a cabeça para baixo por meio de roldanas, com o corpo inteiramente nu. Elas apresentavam um espetáculo ignominioso, o mais cruel de todos e o mais inumano de todos aos olhos que as viam.

2. Outros ainda morriam amarrados a árvores e aos ramos: por meio de máquinas aproximavam-se os ramos mais forte um do outro, fixavam-se as pernas dos mártires, depois soltavam-se os ramos num só golpe de sorte que cada um voltava-se ao seu lugar natural; assim arrancava-se de um só golpe os membros sobre os quais exercitava-se esse suplício.

3. Esses tormentos não duraram somente uns dias, nem curto espaço de tempo, mas no prolongado decurso de anos inteiros. Algumas vezes mais de dez ou vinte eram mortos; por vezes, havia não menos de trinta, e em certas ocasiões seu número era cerca de sessenta; de outra vez ainda, num só dia, cem homens foram mortos juntos, com criancinhas e mulheres, condenados a castigos variados e sucessivos.

4. Nós mesmos vimos, estando no próprio local, grande número de mártires sofrerem juntos, num só dia, uns a decapitação, outros o suplício do fogo, de tal forma que se o ferro mortífero ficava embotado e gasto era esmigalhado e os próprios carrascos, fatigados, alternavam-se uns aos outros.
5. Então, contemplamos o admirável ardor, o poder verdadeiramente divino, a coragem dos que acreditaram no Cristo de Deus. Pois, enquanto se pronunciava a sentença contra os primeiros, alguns acorriam de outro lado para o tribunal, diante do juiz. Declaravam-se cristãos, sem se inquietarem por causa dos tormentos nem das diversas espécies de suplícios aos quais se expunham; mas falavam com inteira liberdade, corajosamente, da religião do Deus do universo e recebiam alegres, risonhos, bem-humorados a sentença final de morte, cantando hinos e dando graças ao Deus do universo até o último suspiro.
6. Eles certamente eram admiráveis, mas havia outros muito mais admiráveis, especialmente os que se destacavam pela fortuna, nascimento, glória, eloquência, filosofia e que, contudo, colocavam tudo isto em segundo plano, diante da verdadeira religião e da fé em nosso Salvador e Senhor Jesus Cristo.
7. Tal era Filoromo, a quem fora confiado cargo importante na administração imperial em Alexandria e que, conforme a sua dignidade e posição entre os romanos, era escoltado por soldados, ao realizar julgamentos diários. Tal ainda era Fíleas, bispo da igreja de Thmuis, que se ilustrara em funções públicas e cargos na pátria, e também pelo conhecimento da filosofia.
8. Enquanto grande número de consangüíneos e amigos, bem como os magistrados em função suplicavam-lhes e além disso o próprio juiz os exortava a compadecerem-se de si mesmos e pouparem seus filhos e mulheres, eles não se deixaram convencer a optar pelo amor da vida temporal e desprezar as normas de nosso Salvador acerca da confissão e da apostasia. Com reflexão corajosa e digna de filósofos, ou antes com alma religiosa e amiga de Deus, resistiram a todas as ameaças e insultos do juiz, e ambos tiveram a cabeça cortada.

CAPÍTULO 10

Narrativas do mártir Fíleas sobre os acontecimentos em Alexandria

1. Uma vez que dissemos ter sido Fíleas digno de muita consideração por causa de seus conhecimentos profanos, venha ele mesmo, com seu próprio testemunho, mostrar simultaneamente o que era e referir, mais exatamente do que o faríamos, os martírios que sucederam, em sua época em Alexandria. São palavras suas:

TRECHO DA CARTA DE FÍLEAS AOS HABITANTES DE THMUIS

2. “Visto que todos esses exemplos, modelos, belos ensinamentos foram postos para nós nas divinas e Sagradas Escrituras, os bem-aventurados mártires que estavam conosco, sem hesitação alguma, fixando com toda pureza os olhos da alma no Deus do universo e, dispostos espiritualmente à morte pela religião, apegaram-se firmemente a sua vocação, descobrindo que nosso Senhor Jesus Cristo se fez homem por nossa causa, a fim de destruir todo pecado e obter-nos os recursos necessários para entrar na vida eterna. Pois, ‘sendo ele de condição divina, não se prevaleceu de sua igualdade com Deus, mas aniquilou-se a si mesmo, assumindo a condição de escravo e assemelhando-se aos homens. E sendo exteriormente reconhecido como homem, humilhou-se a si mesmo até à morte, e morte de cruz’ (Fl 2,6-8).
3. ‘Por esta razão, desejando os mais altos carismas’, (cf. 1Cor 12,31) os mártires portadores de Cristo não sofreram uma vez só todas as penas e tormentos excogitados, mas alguns dentre eles pela segunda

vez, e as ameaças que os guardas consideravam ponto de honra lhes dirigir, não exclusivamente por palavras, porém igualmente por atos; eles, contudo, não traíram seu propósito, porque ‘o perfeito amor lança fora o temor’ (1Jo 4,18).

4. Que discurso bastaria para explicar a virtude e a coragem demonstradas em cada suplício? Como a todos os que quisessem era lícito maltratá-los, uns batiam com bastões, outros com varas, outros com chicotes, outros ainda com correias, outros enfim com cordas.

5. Resultante de grande maldade era a cena sempre renovada desses ultrajes. Com efeito, alguns amarraram-lhes as mãos por trás, suspenderam-nos aos cavaletes estirados em todos os seus membros por meio de tenazes; depois, neste estado, os carrascos receberam ordem de os esfolar em todo o corpo, não somente os seus flancos, mas ainda seu ventre e todas as outras partes do corpo, mutilando-o com seus instrumentos. Outros, amarrados a um pórtico por uma só mão, eram suspensos: era um sofrimento mais cruel do que todos os outros, pois todas as articulações de seus membros eram estiradas. Outros ainda eram amarrados a colunas, face a face uns aos outros, sem que os pés tocassem no chão e pelo peso do corpo as cordas esticavam-se e fechavam-se violentamente.

6. E sofriam tais suplícios não somente enquanto o governador os interrogava sem tréguas, mas quase durante um dia inteiro. Pois, ao passarem a outros, deixava agentes subalternos instalados perto dos primeiros para verificarem se talvez algum, vencido pelos sofrimentos, cederia, e com a ordem impiedosa de aumentar ainda os tormentos; e depois disso, mandava descer os que morriam, e jogava-os por terra.

7. Nossos adversários não tinham para conosco a menor consideração, mas nos olhavam e nos tratavam como se nada fôssemos; haviam descoberto esse segundo suplício após o dos ferimentos.

8. Depois desses tormentos, uns ficavam deitados de costas no cavalete, impossibilitados de ficar de pé por causa dos ferimentos recentes causados pelos golpes que haviam recebido em todo o corpo. Outros, jogados no chão, jaziam sob as penas repetidas das torturas, oferecendo aos espectadores uma visão mais cruel que a dos suplícios, porque traziam no corpo as marcas diversas e variadas dos suplícios.

9. Assim estando as coisas, uns sucumbiam nas torturas, fazendo o adversário corar de vergonha diante de sua coragem; outros meio mortos, encerrados juntos na prisão, expiravam poucos dias depois, esgotados pelos sofrimentos; os outros, tendo obtido a cura em consequência do tratamento, tornavam-se mais corajosos por efeito do tempo e da permanência na prisão.

10. Deste modo, pois, ao lhes ser ordenado escolher, ou serem libertados depois de tocarem o ímpio sacrifício e assim obterem a maldita liberdade, ou, se não sacrificassem, recebiam a sentença capital, sem hesitação e, alegremente, caminhavam para a morte. Conheciam, de fato, a prescrição das Sagradas Escrituras: ‘Quem sacrificar a outros deuses será entregue ao anátema’ (Ex 22,19); e: ‘Não terás outros deuses diante de mim’ ” (Ex 20,3).

11. Tais as palavras que o mártir, verdadeiro filósofo e igualmente amigo de Deus, havia endereçado aos irmãos de sua comunidade, antes da sentença final, enquanto estava ainda na prisão. Juntamente descrevia as provas a que estava submetido e exortava os irmãos a permanecerem totalmente na religião de Cristo, mesmo depois que ele tivesse consumado o martírio, o que aconteceria em breve.

12. Mas, seria preciso contar uma longa história e descrever os novos combates que sempre se sucediam dos santos mártires em todo o mundo, sobretudo dos que não eram tratados segundo a lei

comum, mas, ao invés, quais inimigos sitiados numa guerra?

CAPÍTULO 11

Os da Frígia

1. Foi então, efetivamente, que uma cidadezinha inteira, povoada por cristãos, na Frígia, foi cercada com seus habitantes, por soldados que atearam fogo e os queimaram a todos, até crianças e mulheres, que invocavam o Deus do universo. Assim sucedeu porque, globalmente, todos os habitantes da cidade e o próprio curador, os magistrados, os que exerciam cargos, com o povo inteiro, se haviam declarado cristãos e não tinham obedecido aos que lhes ordenavam que adorassem os ídolos.

2. Outro cristão ainda, de nome Aauto, era dignitário romano. Pertencente a ilustre família da Itália, fora promovido a todas as funções junto dos imperadores, de sorte que passara de modo irrepreensível pelos postos da administração geral. Eles denominam esses cargos *magistros* e *catholicos*. Além disso, distinguira-se por sua retidão na piedade e sua confissão a respeito do Cristo de Deus. Foi ornado com a coroa do martírio e suportou o combate pela religião, durante o próprio exercício de seu cargo.^{[131](#)}

CAPÍTULO 12

Muitos outros, homens e mulheres, que combateram de diversas maneiras

1. Faz-se mister agora nomear os outros, ou enumerar a multidão dos homens, ou descrever os variados tormentos dos admiráveis mártires? Uns morriam sob os golpes do machado como sucedeu aos da Arábia; a outros quebravam-se-lhes as pernas, como aconteceu com os da Capadócia; outras vezes eram suspensos pelos pés e a cabeça para baixo, enquanto um fogo brando queimava debaixo deles, e eles eram sufocados pela fumaça produzida pela matéria inflamada, como foram mortos os da Mesopotâmia; outras vezes ainda cortavam-lhes o nariz, as orelhas e despedaçavam-lhes os outros membros e partes do corpo, como sucedeu aos de Alexandria.

2. Será necessário reavivar a lembrança dos mártires de Antioquia, assados sobre grelhas, não para fazê-los morrer, mas para os supliciar longamente. Uns preferiam pôr a mão direita ao fogo a tocar no ímpio sacrifício. Alguns, ao fugirem da prova, antes de serem presos e caírem nas mãos dos adversários, precipitavam-se por si mesmos do alto das casas, julgando que morrer constituía um meio de se furtarem à crueldade dos ímpios.

3. Uma mulher, santa e admirável pela força de alma, era, aliás, decantada em Antioquia pela riqueza, nascimento, reputação, e educara nas normas da religião suas filhas, ambas virgens, notáveis pela graça corporal e a flor da idade. Cheios de malignidade contra elas, muitos empregavam todos os meios para descobrir seu esconderijo. Soube-se em seguida que viviam em outro lugar. Astuciosamente foram chamadas a Antioquia, onde caíram nas redes dos soldados. Vendo-se a si mesma e a suas filhas em situação embaraçosa, a mãe lhes explicou numa conversa as coisas terríveis que lhes adviriam da parte dos homens, e a prova mais insuportável de todas, a ameaça da desonra, que nem mesmo era de se ouvir; animava-se a si e às filhas, declarando que entregar a vida à servidão dos demônios era pior que a morte e qualquer espécie de trespasse. Sugeriu-lhes que havia um só meio de escapar de todos esses males: fugir para junto do Senhor.

4. Então, elas concordaram. Arranjaram as vestes com decoro em torno do corpo, e no meio do caminho, tendo pedido aos guardas que se afastassem um pouco, jogaram-se no rio que corria ao lado.^{[132](#)}

- 5.** Elas agiram, pois, espontaneamente. Mas, na mesma cidade de Antioquia, duas virgens, em tudo agradáveis a Deus e verdadeiramente irmãs, ilustres de nascimento e célebres pela fortuna, jovens em anos, fisicamente belas, de espírito nobre, respeitáveis no comportamento, admiráveis pelo zelo, por ordem dos escravos dos demônios foram precipitadas no mar, como se a terra não fosse digna de retê-las. Eis o que se refere a esses mártires.
- 6.** Outros sofreram no Ponto tormentos espantosos até de se ouvir: alguns tinham os dedos transpassados por cravos pontiagudos que lhes eram enfiados sob as extremidades das unhas; para outros fundia-se chumbo ao fogo depois derramavam sobre suas costas essa matéria ardente e assavam-se-lhes as partes mais necessárias de seus corpos.
- 7.** Outros suportavam, nos membros secretos e nas entranhas, dores humilhantes, impiedosas e impossíveis de descrever, que juízes de origem nobre e respeitosos das leis os inventavam zelosamente, manifestando sua crueldade, qual ápice de sabedoria. Excogitavam sempre novos suplícios, e esforçavam-se por se superarem mutuamente, como se tratasse de disputa de prêmio numa competição.
- 8.** Somente se atingiu o termo dessas calamidades quando, fatigados aliás pelo excesso de males, cansados de matar, saciados e fartos de sangue derramado, tenderam para o que lhes parecia melhor e humanitário, de sorte que já não empreendiam crueldades contra nós.
- 9.** Efetivamente, diziam eles, não convém manchar as cidades com o sangue dos cidadãos, nem fazer com que se acuse de cruel o soberano poder dos príncipes, para com todos benevolente e suave; antes é necessário estender a todos a beneficência do poder imperial, cheio de filantropia e não mais punir com a pena de morte. Conforme eles julgaram, com efeito, esta pena foi abolida em nosso favor, por causa da filantropia dos príncipes.
- 10.** Então foi dada ordem de arrancar os olhos e de mutilar uma das duas pernas; porque para eles era essa a filantropia e as penas mais leves executadas contra nós. A partir de então, por causa dessa filantropia dos ímpios, não é mais possível calcular o número dos que, com desprezo de toda razão, arrancavam-lhes o olho direito com um punhal e era lançado a seguir ao fogo; a outros paralisavam-lhes o pé esquerdo cauterizando-lhe a articulação. Depois do que, os mártires eram condenados a trabalhar nas minas de metal de cada província, não em vista do serviço (que eles assim prestavam), mas a fim de estarem sujeitos a maus-tratos e tormentos. Além de todos esses mártires, outros pereceram em diferentes combates, mas é impossível descrevê-los, pois seus atos de coragem superam qualquer narrativa.
- 11.** Nesses combates, brilharam, em toda a terra, os magníficos mártires de Cristo e, como é natural, deixaram assombradas as testemunhas de sua coragem. Apresentaram em si provas evidentes do poder verdadeiramente divino e inefável de nosso Salvador. Fazer menção dos nomes de cada um seria longo, para não dizer impossível.

CAPÍTULO 13

Chefes da Igreja que comprovaram com o próprio sangue a autenticidade da religião de que eram embaixadores

- 1.** Entre os chefes da Igreja que prestaram testemunho em cidades célebres, o primeiro que devíamos proclamar como mártir, em colunas erigidas em honra dos santos do reino de Cristo, é Antimos, bispo da cidade de Nicomédia, cuja cabeça foi cortada.

- 2.** Depois, entre os mártires de Antioquia e desta comunidade, um sacerdote excelente por sua vida, Luciano, que, em Nicomédia, na presença do imperador, anunciou o reino celeste de Cristo, primeiro por uma apologia, em seguida também por seus feitos.
- 3.** Dentre os mártires da Fenícia, sejam muito decantados os pastores do rebanho espiritual de Cristo, em tudo agradáveis a Deus: Tiranion, bispo da Igreja de Tiro, Zenóbio, sacerdote da Igreja de Sídon, e ainda Silvano, bispo das Igrejas de Emesa.
- 4.** Este, com seus companheiros, tornou-se alimento das feras, na própria Emesa, e foi incluído nas fileiras dos mártires. Os dois outros, em Antioquia, glorificaram a palavra de Deus, por sua paciência até a morte: o bispo foi lançado nas profundezas do mar; o outro, Zenóbio, ótimo médico, morreu corajosamente nas torturas que lhe foram infligidas nos flancos.
- 5.** Entre os mártires da Palestina, Silvano, bispo das igrejas de Gaza, com outros trinta e nove, teve a cabeça cor-tada nas minas de cobre de Faino. Lá também, Peleu e Nilo, bispos egípcios, sofreram com outros a morte pelo fogo.
- 6.** Relembramos também entre eles a grande glória da comunidade de Cesaréia, o sacerdote Pânfilo, o mais admirável de nossos coetâneos, cujo mérito de belas ações des-creveremos, em tempo oportuno.
- 7.** Dos que morreram gloriosamente em Alexandria, em todo o Egito e em Tebaida, assinalemos em primeiro lugar Pedro, bispo de Alexandria, modelo divino dos doutores da religião de Cristo e seus companheiros sacerdotes, Fausto, Dios, Amônio, perfeitos mártires de Cristo; Fíleas, Hesíquio, Paquímio, Teodoro, bispos das Igrejas do Egito, além de milhares de outros cristãos ilustres, comemorados nas comunidades, por região e localidade. Confiar a registros os combates dos que, na terra inteira, lutaram pela religião de Deus e contar com exatidão tudo o que lhes aconteceu não nos compete, mas seria propriamente tarefa que incumbe às testemunhas oculares dos acontecimentos. Quanto aos que presenciei, fá-los-ei conhecidos de nossos contemporâneos por meio de outra obra.
- 8.** No presente escrito acrescentarei os fatos em desarmonia com os precedentes que reverteram contra nós e os acontecimentos desde o começo da perseguição, porque serão informações muito úteis aos leitores.
- 9.** Antes da guerra contra nós e durante todo o tempo em que as disposições dos príncipes a nosso respeito eram amigáveis e pacíficas, qual a afluência de bens que mereceu o império romano, de que prosperidade usufruiu? Que palavras bastariam para narrá-lo? Celebraram os soberanos imperadores do universo o décimo e o vigésimo ano de reinado, em meio a festas, jogos públicos, banquetes suntuosos, festins realizados em paz completa e duradoura.
- 10.** Assim crescia-lhe o poder sem obstáculos e diariamente grandemente progredia, quando, de repente, eles romperam a paz conosco e declararam-nos guerra implacável. O segundo ano desta agitação ainda não terminara, quando tal alteração revolucionou o império inteiro e transtornou os negócios públicos.
- 11.** Com efeito, infausta moléstia atingiu o primeiro dos príncipes mencionados, e em conseqüência disto sua inteligência soçobrou na loucura, de sorte que, juntamente com o que ocupava o segundo lugar, voltou à vida privada e particular. Ainda não terminara a questão, e o império foi dividido em dois,^{[133](#)} coisa que, de maneira imemorial, jamais se produzira.
- 12.** Após pequeno intervalo, o imperador Constâncio que, durante toda a vida, tivera para com seus súditos disposições mais suaves e benignas, e para com a doutrina cristã sentimentos mais amigáveis,

deixou para substituí-lo o próprio filho Constantino, como imperador e Augusto; e terminou a vida, conforme a lei comum da natureza.¹³⁴ Foi o primeiro dos imperadores a ser por eles colocado entre os deuses, com as honras póstumas que se prestavam a um imperador, pois fora o mais clemente e suave dos imperadores.

13. Foi o único em nossa época a se portar de maneira digna do poder supremo durante toda a duração de seu principado, tendo-se mostrado, de resto, para com todos acolhedor e grande benfeitor. Jamais tomou parte na guerra contra nós; ao invés preservou de danos e maus-tratos os cristãos a seu serviço. Não destruiu igrejas, nem criou contra nós inovação alguma. Por isso, o fim de sua vida foi feliz e três vezes abençoado: somente ele morreu no exercício do poder suave e gloriosamente, junto de um herdeiro legítimo, seu filho muito prudente e piedoso em tudo.

14. Seu filho, Constantino, tendo sido logo proclamado imperador absoluto e Augusto pelos soldados e ainda bem antes deles, pelo próprio Deus, o Rei supremo, mostrou-se zeloso sucessor da piedade paterna para com nossa religião. Assim era ele. Nesta ocasião, Licínio foi proclamado imperador e Augusto por sufrágio unânime dos imperadores.

15. Tal fato desagradou intensamente a Maximino, até então denominado apenas César, de modo geral. Sendo totalmente tirânico, atribuiu a si mesmo a dignidade de Augusto, por si próprio declarando-se como tal. Nisto, ele que fora deposto, segundo se diz, mas reassumira o cargo, foi surpreendido prestes a urdir uma conjuração de morte contra Constantino. Então, pereceu de morte vergonhosa. Foi o primeiro imperador que teve destruídas as suas inscrições honoríficas, as estátuas e todas as ofertas que é costume apresentar, por ter sido ímpio e muito infame.

CAPÍTULO 14

Atitude dos inimigos da religião

1. Seu filho, Maxêncio, que em Roma governava tiranicamente, no início fingiu estimar a nossa fé,¹³⁵ no intuito de agradar e adular o povo romano e com este fito ordenou aos subordinados que suspendessem a perseguição contra os cristãos; simulou piedade a fim de aparentar maior capacidade de acolhimento e brandura que seus predecessores.

2. No entanto, a realidade não correspondeu às esperanças; entregou-se ao crime, não se absteve de ação alguma impura e vergonhosa, e deu-se ao adultério e à devassidão de toda espécie. Separava dos maridos as mulheres legítimas e depois dos maiores ultrajes, ele as restituía. Não se empenhava, porém, em tais delitos relativamente a homens obscuros ou incógnitos, mas era sobretudo para com os mais eminentes senadores romanos que tinha essa conduta desregrada.

3. Diante dele todos tremiam, povo e magistrados, ilustres e desconhecidos, cansados dessa terrível tirania. Apesar de se manterem quietos e suportarem a amarga escravidão, continuava inalterada a crueldade sanguinária do tirano. Efetivamente, sob insignificantes pretextos, ele entregava aos seus guarda-costas o povo para ser massacrado e eram eliminadas turbas incontáveis do povo romano, no meio da cidade, sob as lanças e todo gênero de armas, não dos citas ou bárbaros, mas dos próprios compatriotas.

4. Impossível enumerar quantos senadores ele fez perecer, com o desígnio de confiscar-lhes a fortuna, enquanto milhares de pessoas eram eliminadas por motivos forjados.

5. As maldades atingiram seu coroamento ao deixar-se o tirano induzir à magia. Com finalidades mágicas, ora fendia o ventre de mulheres grávidas, ora explorava as entranhas de crianças recém-

nascidas, ora degolava velhos; estabeleceu cerimônias secretas para exconjurar demônios e afastar o perigo da guerra. Tinha inteira confiança de que, por esses meios, garantiria a vitória.

6. Durante o tempo em que deteve o poder entre os romanos, não é possível expressar como atuou para escravizar os súditos. Até os alimentos de primeira necessidade se tornaram então extremamente raros e escassos que nem em Roma, nem em nenhuma outra parte conservaram nossos contemporâneos lembrança de coisa semelhante.

7. Tendo o tirano do Oriente, Maximino, estreitado secretamente amizade com o de Roma, irmão seu em malignidade, teve a precaução de manter o fato oculto durante muito tempo; mas finalmente descoberto, sofreu justo castigo.

8. É assombroso como se irmanava ao tirano de Roma, apresentando traços de parentesco, mas obtinha a primazia em malignidade e o prêmio da vitória em perversidade. De fato, ele julgava os primeiros feiticeiros e mágicos dignos das mais altas honras, porque era extremamente timorato e muito supersticioso, e dava a maior importância ao culto ilusório dos ídolos e demônios; sem ter consultado adivinhos e oráculos, era, por assim dizer, incapaz até de mover a ponta do dedo.

9. Por isso, perseguiu-nos com maior violência e intensidade que os predecessores. Ordenou a construção de templos em cada cidade e a restauração cuidadosa dos sagrados bosques destruídos no decurso do tempo. Estabeleceu sacerdotes dos ídolos em cada localidade e cidade e em grau superior, como sumo sacerdote de cada província, um dos magistrados que se houvesse ilustrado em todos os ramos administrativos, dando-lhes uma escolta de soldados e lanceiros. Não se envergonhou de conceder postos de governo e grandes privilégios a todos os feiticeiros, considerando-os homens piedosos e amigos dos deuses.^{[136](#)}

10. Além disso, vexava e oprimia não uma cidade só ou uma só região, mas sem exceção a todas as províncias sob suas ordens, por exações em ouro, prata e riquezas imensas, por pesadas imposições e todo gênero de injustiças. Arrebatando aos ricos a fortuna adquirida pelos antepassados, doava de uma só vez essas riquezas e montões de dinheiro aos adúladores da corte.

11. Na verdade, chegava a tal excesso de bebida e embriaguez que nos banquetes parecia louco e perdia a razão; bêbado, dava ordens tais que, no dia seguinte, ao voltar a si, ficava arrependido. Não consentia em ser superado relativamente à embriaguez e devassidão. Fez-se mestre da maldade para os chefes e subordinados da corte. Introduziu a devassidão no exército por toda espécie de prazer e intemperança; encorajava os governadores e chefes militares, por meio de rapinas e cupidez, a agirem para com os subordinados quais êmulos de sua tirania.

12. Será preciso lembrar as ações apaixonadas e vergonhosas deste homem ou contar a multidão daquelas que ele desonrou? Não lhe era possível atravessar uma cidade sem que, sempre, cometesse ali adultérios com mulheres e raptos de virgens.

13. Junto de todos, seus negócios foram bem-sucedidos, salvo somente junto aos cristãos: aqueles que desprezavam a morte não faziam nenhum caso de tal tirania. Os homens, com efeito, suportavam o fogo, o ferro, as crucificações, as bestas selvagens, os abismos do mar, a amputação e a queima dos membros, a rebentação e o arrancamento dos olhos, a mutilação do corpo inteiro, e além de tudo isso a fome, as minas e as prisões: em todas as coisas, eles mostravam sua paciência para dar testemunho da religião antes que transferissem aos ídolos a adoração devida a Deus.

14. Quanto às mulheres, não eram menos valentes que os homens pela doutrina do Verbo divino:

umas, submetidas aos mesmos combates que os homens, alcançaram prêmios iguais de virtude; outras, arrastadas à desonra, entregaram suas almas à morte antes que seus corpos à desonra.

15. Todavia, só uma das mulheres que foram violentadas pelo tirano, uma cristã muito distinta e muito ilustre de Alexandria, triunfou da alma pervertida e licenciosa de Maximino por uma corajosa firmeza: era, além disso, célebre por sua fortuna, seu nascimento, sua educação e colocava sua castidade acima de tudo. Ele implorou por ela; estava prestes a morrer, mas ele não era capaz de matá-la, porque sua paixão era mais forte que sua cólera; e, tendo-a condenado ao exílio, confiscou toda a sua fortuna.

16. Uma grande multidão de outras, incapazes de perceber da parte dos chefes das províncias a ameaça da desonra, sofreram toda espécie de suplícios e de torturas e a pena capital. Elas também foram admiráveis, mas, de uma maneira maravilhosa, mais admirável foi esta mulher de Roma, realmente a mais nobre e a mais casta de todas aquelas que tentou insultar Maxêncio, tirano deste império e imitador dos atos de Maximino.

17. Como ela tinha ouvido que aqueles que serviam o tirano por tais necessidades se encontravam junto dela — ela era cristã — e seu marido, que era prefeito dos romanos, tinha consentido por temor que eles a tomassem e a conduzissem, ela pediu um pouco de tempo, como se fosse se preparar, entrou em seu gabinete e, uma vez só, transpassou-se com uma espada e morreu imediatamente, deixando um cadáver a seus corruptores, mas mostrando aos homens daquele tempo e àqueles que deviam vir em seguida, por obras mais eficazes que a palavra, que a virtude é a única riqueza invencível e imperecível para os cristãos.

18. Tão grande foi o excesso de maldade que se espalhou simultaneamente, da parte dos dois tiranos aos quais estavam sujeitos o Oriente e o Ocidente. Quem, pois, ao procurar a causa de tais males, hesitaria em apontar a perseguição contra nós, sobretudo tendo em vista que a desordem não cessou enquanto os cristãos não recuperaram a liberdade?

CAPÍTULO 15

Eventos relativos aos de fora

1. Durante todos os dez anos de perseguição não houve pausa quanto a conjurações e guerra civil.^{[137](#)} Os mares não eram mais navegáveis. Invariavelmente os que desembarcavam, fosse onde fosse, eram submetidos a uma tortura qualquer: eram estendidos sobre cavaletes, dilacerados nos flancos por suplícios variados, interrogados se vinham da parte dos inimigos, e enfim sofriam o suplício da cruz ou do fogo.

2. Além disso, só se via produção de escudos e couraças, setas e lanças, de outros armamentos de guerra, trirremes, e armas para combates marítimos. Em todo lugar era o que se ouvia, sem outra alternativa a não ser a do começo das lutas. Depois disso, a fome e a peste irromperam entre eles. Narraremos oportunamente essas calamidades.

CAPÍTULO 16

Feliz mudança nos negócios públicos

1. Tal situação perdurou por toda a perseguição, que, porém, tendo diminuído desde o oitavo ano, no décimo, pela graça de Deus, cessou completamente. Com efeito, quando a graça divina e celeste nos visitou com sua benevolência misericordiosa, então os imperadores atuais, os mesmos que outrora nos haviam combatido, mudaram de opinião de forma extraordinária e adotaram outra atitude. Com editos

favoráveis e mandamentos pacíficos, extinguiram o incêndio da perseguição que largamente se estendera.

2. Não houve motivo humano algum a ocasionar tal alteração: nem a compaixão dos príncipes, por assim dizer, nem sua filantropia. Longe disso! Pois diariamente, desde o começo até então, eles inventavam penas cada vez mais numerosas e duras contra nós; e ainda descobriam novos suplícios sempre diferentes, por meios mais variados. A vigilância da divina Providência, porém, fez-se manifesta, em primeiro lugar reconciliando-se com o povo, e logo perseguindo o autor de nossos males. Atingiu-o o castigo de Deus, que principiou no corpo e estendeu-se em seguida, até o seu íntimo.^{[138](#)}

4. Com efeito, de repente brotou um abscesso nas partes mais escondidas do corpo; depois uma úlcera profunda com fístula, e esses males incuráveis corroeram-lhe as entranhas, onde formigava uma quantidade enorme de vermes; elas exalavam um cheiro pestilento. Toda a corpulência resultante da gula e que antes da moléstia comportava dobras de excessiva gordura, pôs-se a apodrecer e oferecia aos circunstantes um espetáculo intolerável e assustador.

5. Dentre os médicos, uns não puderam de forma alguma suportar o estranho e intenso mau cheiro, e foram degolados; outros, impotentes para aliviar todo esse inchaço, para o qual não restava possibilidade de salvação, sem compaixão foram mortos.

CAPÍTULO 17

Retratação dos príncipes

1. Na luta contra esses padecimentos, ele tomou consciência do mal que ousara cometer contra os adoradores de Deus. Refletindo consigo mesmo, reconheceu seus erros diante do Deus do universo e em seguida, tendo convocado os que o cercavam, ordenou-lhes que cessassem imediatamente a perseguição contra os cristãos e a esses últimos incitassem, por meio de edito e mandamento imperial, a construir igrejas e celebrar as costumeiras cerimônias, elevando preces em favor do império.

2. Imediatamente, a ação acompanhou a palavra, e os mandamentos imperiais foram publicados em cada cidade. Continham a revogação dos editos de perseguição em vigor, nesses termos:^{[139](#)}

3. “O imperador César Galério Valério Maximiano, invencível, Augusto, grande e supremo pontífice, vencedor dos germanos, dos egípcios, dos tebanos, cinco vezes dos sármatas, duas vezes dos persas, seis vezes dos carpos, dos armênios, dos medos, dos adiabenos, investido do poder tribunício vinte vezes, aclamado imperador dezenove vezes, cônsul oito vezes, pai da pátria, procônsul,

4. e o imperador César Flávio Valério Constantino, pio, feliz, invencível, Augusto, grande e supremo pontífice, investido do poder tribunício, aclamado Imperador cinco vezes, cônsul, pai da pátria, procônsul,

5. e o imperador César Valério Liciniano Licínio, pio, feliz, invencível, Augusto, grande sumo Pontífice, quatro vezes investido do poder tribunício, aclamado imperador três vezes, cônsul, pai da pátria, procônsul, aos habitantes das províncias: Saudações!

6. Entre as medidas tomadas para a utilidade e o bem dos povos, primeiramente quiséramos que tudo fosse restaurado segundo as antigas leis e instituições públicas dos romanos, com o propósito de que também os cristãos, os quais haviam abandonado a religião de seus antepassados, tivessem

oportunidade de voltar a melhores disposições.

7. Mas, em consequência de certa mentalidade, tamanho orgulho apossou-se deles que não seguiram as normas outrora estabelecidas, nem mesmo as primitivas instituições dos seus antepassados, mas segundo peculiar propósito e o que entendia cada qual, estabeleceram leis próprias que observavam, e reuniam várias assembleias em determinados lugares.

8. Por este motivo, seguiu-se novo edito, visando a que eles voltassem às instituições de seus maiores. Muitos cederam diante do perigo de morte; outros, porém, em grande número, após grande agitação, foram submetidos a vários tipos de morte.

9. Uma vez que muitos eram os que persistiam na mesma loucura, pudemos verificar que não prestavam a devida adoração nem aos deuses celestes, nem ao Deus dos cristãos. Em consideração de nossa filantropia e do hábito constante de sermos indulgentes para com todos, pensamos que devíamos, sem tardar, estender nossa clemência mesmo a este caso, consentindo que seja lícita a existência de cristãos e a reconstrução de casas onde se reúnam, contanto que nada façam contra a ordem. Em outra carta, indicaremos aos juízes normas a observar.

10. Em compensação, conforme a clemência que lhes demonstramos, eles deverão suplicar a seu Deus por nossa prosperidade, a do Estado e a sua particular, de tal modo que os negócios públicos decorram inteiramente bem e eles possam viver despreocupados em seu lar.”

11. Traduzimos este edito da língua latina para o grego, à medida do possível, segundo seu teor. Chegou o momento de lançar um olhar sobre os eventos subseqüentes.

APÊNDICE

1. Ora, o autor deste edito, após tal confissão, logo se viu livre de suas dores, mas por breve tempo, e morreu. Refere-se ter sido ele o primeiro responsável da desastrosa perseguição e muito antes da entrada em ação dos outros imperadores, ter forçado a mudar de religião os cristãos pertencentes às fileiras do exército, e primeiramente os da corte, a uns removendo-os da dignidade militar, rebaixando indignamente a outros e logo ameaçando de morte a determinado número. Finalmente induziu seus sócios no império à perseguição geral. Não convém passar sob silêncio qual o termo da vida de todos eles.

2. O poder supremo achava-se dividido entre quatro imperadores. Os primeiros em precedência e honra, antes de decorridos dois anos de perseguição, abdicaram, conforme indicamos mais acima, e passaram o restante da vida de modo ordinário e privado. Terminaram a existência do seguinte modo:

3. O detentor do primeiro lugar em precedência e honra, definhou com fraqueza corporal longa e cheia de achaques. O segundo perdeu a vida estrangulado. Segundo um prognóstico do demônio, isto sofreu, em consequência dos numerosos crimes que ousara cometer.

4. Dos dois subseqüentes, o que ocupara o último lugar, o mesmo que dissemos ter sido o incentivador da perseguição, padeceu quanto supra assinalamos. Ao invés, seu predecessor Constâncio, ótimo e suavíssimo imperador, que exercera dignamente o poder, durante todo o reinado, e tendo se mostrado, aliás, muito acolhedor e beneficente para com todos (de fato, manteve-se alheio à luta contra nós, preservou de dano e vexações os súditos, adoradores de Deus, não destruiu as igrejas e nada absolutamente empreendeu contra nós), recebeu a recompensa de um fim de vida realmente feliz e três vezes abençoado e, ao morrer, foi o único a deixar feliz e gloriosamente o império a seu filho

legítimo, sucessor no poder, em tudo prudente e piedoso.

5. Este foi imediatamente proclamado imperador absoluto e Augusto pelos soldados e revelou-se êmulo da bondade paterna para com a nossa religião. Tal foi o termo da vida dos quatro príncipes supramencionados, ocorrido em diferentes ocasiões.

6. Destes imperadores, aliás, um só ao morrer, aquele que indicamos um pouco mais acima, de acordo com os que em seguida lhe foram associados no império, elaborou a confissão que acabamos de citar e notificou-a a todos por meio do texto escrito incluído em nossa narrativa.

[124](#) Eusébio exagera quando fala da simpatia pela doutrina cristã demonstrada pelos imperadores. Diocleciano, particularmente, era pagão fervoroso e jamais testemunhara a menor inclinação para o cristianismo. Contudo, é verdade que desde o reinado de Valeriano, que retomou as perseguições em 257-258, a Igreja não sofrera nenhuma outra perseguição. Quando Aureliano, “restaurador do mundo (romano)”, quis ser também restaurador da moral do Império, instituindo o culto do Sol, criando templo e clero, fixando no dia 25 de dezembro a festa anual do *Sol Invictus*, fazendo-se chamar deus e invencível, representante do Sol entre os romanos, tencionava retomar a perseguição, faleceu antes de assinar o edito.

[125](#) Conforme Lactânio, *Sobre a morte dos perseguidores* 15,1, a esposa de Diocleciano, Prisca, e sua filha Valéria, teriam adotado o cristianismo. É provável que elas tenham sido somente catecúmenas. Sobre a ascensão social do cristianismo no fim do século III e no começo do séc. IV, cf. P. BATIFFOL, *La paix constantinienne et le catholicisme*, Paris, 1914, pp. 135-142.

[126](#) Embora as construções das igrejas do fim do século III não possam ser contestadas, além da de Doura-Europos e da de Emaús, não se conhecem grandes coisas destas igrejas. A basílica de Emaús pode ser datada deste tempo. Em Roma, encontram-se partes da igreja de São Clemente anteriores à basílica do século IV. Nas igrejas de santo Anastácio e de São João e São Paulo, a análise arqueológica concluiu que a existência de vastas salas de culto remontam ao séc. III.

[127](#) Não se pode esquecer que houve, no fim do século III, muitos bispos santos. Mas houve também bispos mundanos tais como Paulo de Samósata e outros que não respeitavam os costumes cristãos. Pense-se, por exemplo, nos bispos africanos que nos dão a conhecer os documentos relativos ao cisma donatista: entre eles havia criminosos de direito comum.

[128](#) O edito de perseguição chegou à Palestina no fim de março, próximo à festa da Páscoa. As indicações de Eusébio podem ser completadas pelas de Lac-tânio, *De mort. persecut.*, XIII, 1, e pelas que fornecem os *Atos dos mártires*.

[129](#) A exclusão do exército começara, ao menos de maneira esporádica, por volta de 295. Em Tebessa, um cristão de nome Maximiliano recusou-se a incorporar-se às tropas: foi posto à morte no próprio campo. Em Tigi, um centurião de nome Marcelo lançou suas armas por terra, sob pretexto de que sua religião proibia sacrificar aos deuses e aos imperadores: foi executado, e o notário Cassiano, que protestara contra esta sentença, sofreu a mesma sorte.

[130](#) Depois do Egito, Eusébio passa a Tebaida, mas também aqui não fornece nenhum nome, nenhum número. É muito provável que tenha estado no Egito pelos fins da perseguição e é nisto que seu relato merece alguma confiança.

[131](#) As Cartas de Dionísio de Alexandria relativas à perseguição de Décio, a despeito dos admiráveis exemplos de coragem que aponta, insistem sobre o grande número das defecções. Eusébio, ao contrário, é todo admiração e deixa crer que os cristãos do Egito foram mais corajosos no tempo de Diocleciano e de Maximiniano do que seus antepassados no tempo de Décio. Mas, pelos cânones penitenciais de Pedro de Alexandria, sabemos que houve número muito elevado de apóstatas no curso da grande perseguição.

[132](#) Relatos extraídos de São Pelágio, do qual São João Crisóstomo pronunciou o panegírico. A Igreja antiga teve a respeito de morte semelhante, verdadeiros suicídios, opiniões diversas. Santo Agostinho não hesitará em condená-las.

[133](#) A primeiro de maio de 305, foram anunciadas as abdições de Diocleciano e de Maximiniano simultaneamente. Este acontecimento surpreendeu a opinião e provocou confusões em vários sentidos. Até hoje, os historiadores discutem sobre os motivos reais da retirada de Diocleciano. Para substituí-los, Galério e Constâncio Cloro tomaram o título de Augusto, Severo e Maximínio Daza receberam o de Césares. Desta vez o império foi dividido: Galério ficou com o Ilírico e a Ásia Menor, e Maximiniano com o resto do Oriente. Constâncio Cloro reteve para si a Gália e a Bretanha enquanto Severo ficou com a Itália, a Espanha e a África.

[134](#) Constâncio Cloro morreu em Eboracum (hoje, York) aos 25 de julho de 306. Seu filho Constantino foi imediatamente eleito Augusto pelos soldados da armada da Bretanha. Esta proclamação contrária às regras estabelecidas não foi ratificada por Galério, que designou Severo como segundo Augusto e concedeu a Constantino somente o título de César.

[135](#) Maxêncio, proclamado Augusto em Roma, em 306, conservara o poder. Deixou atrás de si a reputação de tirano de costumes estarrecedores, de crueldade sem escrúpulos. Só poupou os cristãos por jogo político.

[136](#) Esta reforma do paganismo, com a nomeação de um sumo sacerdote em cada província, cujo papel primeiro lembra o dos bispos cristãos, servirá de modelo para Juliano, o Apóstata, uns cinquenta anos mais tarde.

[137](#) Eusébio conta estes dez anos desde o primeiro edito de Diocleciano de 24/2/303 ao edito de Milão de março de 313. De fato, a perseguição foi muitas vezes interrompida no curso destes dez anos e jamais teve repercussão na parte do império submissa a Constâncio Cloro e depois de Constantino.

[138](#) Os manuscritos estabelecidos por E. Schwartz, que servem de base para esta tradução, omitem o parágrafo 3.

[139](#) O texto original do edito, menos a subscrição, fora conservada por Lactâncio, no *De morte persecutorum*, 34. Eusébio dá-lhe a tradução grega, mas ele modificou o texto que ainda sofreu numerosas correções. O edito foi publicado em Nicomédia, aos 30 de abril de 311. Galério morreu uma semana depois, aos 5/5/311.

LIVRO NONO

CAPÍTULO 1

Tréguas fictícias

1. A revogação da vontade imperial supracitada foi afixada por toda parte e em todo lugar da Ásia e nas províncias circunvizinhas. Durante esses eventos, Maximino, o tirano do Oriente, terrivelmente mais ímpio que todos os homens e que se transformara no mais ardoroso inimigo da religião do Deus do universo, não aderiu de forma alguma ao que fora escrito; e ao invés do edito supracitado, oralmente ordenou aos magistrados sujeitos a sua autoridade que abrandassem o combate contra nós. Como, porém, não lhe era lícito contradizer à decisão dos imperadores colocados acima dele, manteve oculta a lei proclamada e cuidou que não fosse promulgada nas regiões onde ele governava. Em mandamento oral ordenou aos magistrados sob sua autoridade que suspendessem a perseguição contra nós. Estes transmitiram por escrito uns aos outros o teor desta ordem.
2. Por isso, Sabino, investido entre eles da dignidade de prefeito do pretório, manifestou aos governadores de cada província a vontade do imperador por meio de uma carta em latim:
3. “Há muito que a majestade de nossos senhores, os divinos imperadores, dotados de zelo muito belo e sagrado, decidiu orientar os espíritos de todos os homens pelas sendas honestas e retas da vida, a fim de que até os que evidentemente adotaram costumes alheios aos dos romanos prestem aos deuses imortais o devido culto.
4. Mas em alguns a obstinação e a vontade excessivamente tenaz a tal ponto os desviaram que nem a justa consideração da ordem dada, nem o receio do castigo de que foram ameaçados puderam afastá-los da própria determinação.
5. Como, porém, aconteceu que, em consequência deste modo de agir, muitos se expunham ao perigo, inspirados na generosidade natural de sua piedade, a divindade de nossos senhores, os poderosos imperadores, julgou ser alheio a seu próprio e divino propósito lançar os homens por tal motivo em tão grande perigo, e ordenou que fosse escrito a Tua Prudência, por meio de minha Devoção que, se algum dos cristãos por convicção observar a religião de seu próprio povo, deves livrá-lo da situação embaraçosa e perigosa, e não considerar réu de castigo a nenhum deles, sob esse pretexto. De fato, comprovou-se, no decurso de um prazo bastante longo, que não se deixam persuadir por meio algum a renunciar à sua obstinada conduta.
6. Tua Solicitude deve, portanto, escrever aos curadores, aos comandantes e aos prepostos aos burgos¹⁴⁰ de cada cidade, a fim de se tornarem cientes de que doravante não precisam se preocupar acerca deste edito.” Assim se faça, em cada eparquia...
7. E eles, julgando ser verídica a decisão que esta carta lhes comunicava, tornaram pública a vontade imperial em documentos endereçados aos curadores, aos chefes e magistrados rurais. Não foi somente por carta que obedeceram a essas ordens, mas ainda e muito melhor, pelos atos. Para execução da vontade imperial, a todos os que estavam encerrados em prisões por causa da confissão da divindade, libertavam-nos fazendo-os sair publicamente; despediam também os que dentre eles, por punição, haviam sido condenados às minas. Supunham de fato que isso pareceria bom ao imperador, mas

enganavam-se.

8. Esses acontecimentos assim se realizaram de repente, à semelhança de uma luz brilhante a raiar depois de uma noite tenebrosa (cf. 2Cor 4,6). Era de se ver em cada cidade reunirem-se as comunidades, realizarem-se assembléias muito numerosas e, no decurso destas reuniões, cumprirem-se os ritos costumeiros. Os infiéis pagãos, todos eles ficavam muito impressionados com esses fatos, admiravam o caráter maravilhoso de tal transformação e proclamava grande e único verdadeiro o Deus dos cristãos.

9. Os nossos que haviam participado fiel e corajosamente do combate das perseguições, recuperavam seu modo de ser livre e franco diante de todos. Quanto aos que, de espírito fraco, haviam naufragado na fé, apressavam-se de bom grado a procurar a própria cura; suplicavam os que se mantiveram fortes, pedindo que os socorressem estendendo-lhes as mãos e suplicavam a Deus que deles tivesse piedade.

10. Além disso, os genuínos atletas da religião, libertados dos padecimentos nas minas, voltavam também para casa. Altivos e alegres, atravessavam as cidades, cheios de indizível felicidade e de segurança impossível de traduzir em palavras.

11. Nas grandes estradas e praças públicas, grupos numerosos prosseguiram viagem, a louvar a Deus por cânticos e salmos. Aqueles que, pouco antes, podiam ser vistos acorrentados e sujeitos a cruel castigo e expulsos da pátria, eram reencontrados com rostos risonhos e alegres, de volta ao lar. Assim, os mesmos que outrora clamavam contra nós, congratulavam-se conosco por aquilo que sucedia, ao contemplarem esse espetáculo, contra toda expectativa.

CAPÍTULO 2

Subseqüente mudança

Mas, estas coisas, o tirano, inimigo do bem e adversário de todos os bons, não era capaz de suportar. Ele reinava, conforme dissemos, nas regiões do Oriente, e impediu durante seis meses inteiros que fosse observado este modo de agir. Planejou, pois, tudo o que pôde para destruir a paz. Em primeiro lugar, tentou, sob determinado pretexto, proibir que nos reuníssemos nos cemitérios;^{[141](#)} depois, por intermédio de homens malvados, fez com que lhe fosse enviada contra nós uma embaixada, porque eles incitaram os cidadãos de Antioquia a pedir, qual enorme graça, que jamais fosse lícito a um cristão habitar em sua cidade e sugeriu ainda a outros que procurassem obter idêntico favor. O chefe de tudo isso, na própria Antioquia, era Teotecno, homem cruel, embusteiro, malvado, oposto ao significado de seu nome. Ao que parece, era curador das finanças da cidade.

CAPÍTULO 3

Ídolo recentemente erigido em Antioquia

Foi ele, pois, que principalmente nos combateu, zelosamente empregou múltiplos recursos para nos expulsar, como ladrões ímpios arrancados de seus covis, que planejou toda espécie de processos contra nós através de calúnias e acusações e foi o responsável da morte de grande número dos nossos. Por fim, erigiu um ídolo de Zeus Fílio, com atos de magia e feitiçaria; criou em sua honra ritos e iniciações impuras; inventou purificações abomináveis; manifestou até junto do imperador sua magia, por meio de oráculos que o acreditavam. E foi ainda ele que, para lisonjear os gostos do mestre, excitou o demônio contra os cristãos, declarando que Deus mandava que fossem expulsos para além dos limites da cidade e dos campos circunvizinhos, porque eram seus inimigos.

Petições contra nós

1. Ele foi o primeiro a agir assim, propositadamente. Todos os outros magistrados residentes nas cidades sujeitas à mesma autoridade começaram a adotar semelhante decreto e os governadores de cada província, vendo que isto era apazível ao imperador, sugeriram a seus subordinados a agir de igual modo.
2. Num rescrito, o tirano aprovou os decretos, como lhe sendo muito agradáveis, e reacendeu-se novamente a perseguição contra nós. Em cada cidade foram instalados pelo próprio Maximino sacerdotes dos ídolos e acima deles, como supremos pontífices, alguns que especialmente se haviam destacado nas funções municipais e ilustrado em todos os cargos. Esses magistrados desenvolveram grande zelo na celebração de cerimônias em honra dos deuses.
3. A extraordinária superstição do senhor, numa palavra, incitava, conseqüentemente, a todos os que lhe estavam sujeitos, chefes e subordinados, a fazer tudo o que podiam contra nós com o fito de obter seu favor; e em troca dos benefícios que esperavam receber, era-lhes concedido o grande favor de poder reclamar a morte dos cristãos e contra eles exercer novas crueldades.

CAPÍTULO 5

Pseudo-Atos

1. Havendo, então, forjado os *Atos de Pilatos*¹⁴² e de nosso Salvador, repletos de blasfêmias de todo gênero contra Cristo, eles os enviaram, com a aprovação do soberano, às regiões sujeitas a seu poder e, por meio de avisos, recomendaram que em todos os lugares, nos campos e nas cidades, fossem expostos de maneira bem visível. Os mestres das escolas cuidassem de ministrá-los em lugar do ensino habitual às crianças, fazendo com que os aprendessem de cor.
2. Estas ordens, portanto, foram cumpridas. Outro, tribuno de uma legião (*stratopedarches*) que os romanos denominam “dux”, deteve em Damasco da Fenícia algumas mulheres de má vida que ele retirou da praça pública e, sob ameaças de torturas, forçou-as a declarar por escrito que outrora eram cristãs, que tinham visto entre os cristãos ações vergonhosas e cometiam abominações até no recinto das igrejas. Induziu-as a declarar assim tudo o que ele quis para caluniar nossa fé. Transcreveu em *Atas* suas palavras, que ele comunicou ao imperador e este mandou afixar tal escrito em todos os lugares e cidades.

CAPÍTULO 6

Testemunhos prestados nesta época

1. O tribuno, contudo, pouco tempo depois suicidou-se, recebendo o castigo de sua maldade. Para nós renovaram-se as sentenças de exílio e cruéis perseguições, assim como terríveis medidas tomadas pelos governadores de todas as províncias. Deste modo, alguns que se haviam distinguido no anúncio da palavra divina eram presos e recebiam inexoravelmente a sentença de morte. Entre estes, na cidade de Emesa da Fenícia, três homens que se haviam declarado cristãos foram jogados às feras para ser devorados. Um deles foi o bispo Silvano, de idade muito avançada, que exercera seu múnus durante quarenta anos completos.
2. Ao mesmo tempo ainda, Pedro, que presidia às comunidades de Alexandria de forma insigne e servia aos bispos de genuíno exemplo pela virtude de sua vida e conhecimento profundo das Escrituras

divinas, foi detido e arrastado sem razão alguma, de forma inteiramente inesperada e assim imediatamente, sem julgamento, como se fosse por ordem de Maximino, teve a cabeça cortada. Com este, grande número de outros bispos do Egito tiveram idêntica sorte.

3. Luciano, também ele ótimo varão, famoso pela vida continente e pelos estudos sagrados, sacerdote da comunidade de Antioquia, foi levado à cidade de Nicomédia, onde então estava o imperador. Fez diante do magistrado a apologia da doutrina por cuja causa ele ali comparecia; e após encarceramento, foi morto.

4. Em pouco tempo, o inimigo do bem, Maximino, urdiu contra nós tais coisas que evidentemente surgiu então uma perseguição muito mais cruel que a precedente.

CAPÍTULO 7

Edito contra nós afixado em estelas

1. Era no meio das cidades, o que jamais acontecera, que as petições votadas contra nós e os rescritos contendo ordens imperiais correspondentes, viam-se gravadas em colunas de bronze que eram erigidas. Nas escolas, as crianças tinham diariamente na boca Jesus, Pilatos e os *Atos* injuriosamente elaborados.

2. A meu ver, é indispensável inserir aqui o próprio edito de Maximino, inscrito em estelas a fim de que, juntamente, evidenciem-se a arrogância, ostentação e orgulho do ódio a Deus que ele manifestou, assim como o horror ao mal, vigilante contra os ímpios, da justiça divina que o seguiu de perto. Perseguido por ela, não tardou a tomar a nosso respeito decisão oposta, formulada em leis escritas.

3. CÓPIA DA TRADUÇÃO DO EDITO DE MAXIMINO EM RESPOSTA ÀS PETIÇÕES FORMULADAS CONTRA NÓS E INSCRITA NA ESTELA DE TIRO.

“Neste momento, já o brio debilitado do pensamento humano recuperou forças, tendo sacudido e dissipado a escuridão e as trevas do erro. Anteriormente, esse desvio atacara os sentimentos de homens mais infelizes do que ímpios, envolvendo-os na sombra letal da ignorância. Agora reconhecem que a Providência benéfica dos deuses imortais tudo governa e dá consistência a todas as coisas.

4. Seria indescritível a que ponto nos foi grato, o gosto e o agrado que sentimos, ao receber tão grande prova de vossos piedosos sentimentos. Já anteriormente, ninguém desconhecia a reverência e piedade que demonstráveis para com os deuses imortais. A fé que neles depositais não se revela por simples e vazias palavras, mas continuamente por extraordinárias e assinaladas obras.

5. Nossa cidade, portanto, com toda justeza pode ser denominada sede e morada dos deuses imortais; numerosas provas evidenciam que se deve à presença dos deuses celestes seu estado florescente.

6. Eis, no entanto, que vossa cidade, negligenciando todos os seus interesses particulares e menosprezando os pedidos anteriores relativos a suas peculiares questões — quando novamente notou que esses adeptos, cheios de maldita insânia, recomeçavam a rastejar, como uma fogueira abandonada e extinta, cujo fogo reavivado vem atear imensos incêndios — logo procurou refúgio em nossa piedade, como sendo o apoio central de todas elas, e sem demora pediu cura e socorro.

7. É evidente que este pensamento salutar vos foi inspirado pelos deuses, por causa de vossa religiosidade. Certamente, foi o altíssimo e grande Zeus, protetor de vossa ilustre cidade, que preserva de corrupção ruínosa vossos deuses lares, vossas mulheres e filhos, a família, as casas quem inspirou a

vossas almas esse propósito salutar. Foi ele também quem mostrou e manifestou a que ponto é excelente, esplêndido, salutar aproximar-se, com o devido respeito, do culto e das cerimônias sagradas dos deuses imortais.

8. Ora, seria incrível encontrar alguém tão insensato, tão pouco razoável que não compreenda ser devido à amável solicitude dos deuses o fato de que a terra não recuse as sementes a si confiadas, nem iluda a esperança dos camponeses por vã expectativa. E que na terra se não instale o espectro duma guerra sacrílega sem entraves; não venham a morrer os corpos ressequidos por causa da elevada temperatura da atmosfera; o mar, agitado por ventos impetuosos, não levante vagalhões; não irrompam súbitos furacões, excitando tremendas tempestades; mesmo a terra, nutriz e mãe de todas as coisas, em terrível terremoto, não perca o nível, perdendo suas bases mais profundas; as montanhas elevadas não se escancarem, formando abismos. Ninguém ignora que esses males e outros ainda piores com freqüência advieram no passado.

9. E tudo isso, por causa do erro pernicioso e da vã insensatez destes homens malvados, enquanto tal erro dominava suas almas e, por assim dizer, cobria de ações vergonhosas, todas as regiões da terra.”

10. Em prosseguimento, acrescenta entre outras coisas: “Agora lancem um olhar sobre as vastas planícies: já florescem as messes, as espigas ondulam, os prados, graças a benéfica chuva, se esmaltam de ervas e de flores; o clima é temperado e muito suave.

11. De resto, alegrem-se todos porque, graças a nossa piedade, nossas vítimas, nosso culto, a atmosfera forte e firme suavizou-se; em conseqüência, sejam felizes, usufruindo da paz mais serena, segura e tranqüilamente! E todos os que, tendo se corrigido inteiramente deste erro cego e deste desvario, voltaram a um modo reto e perfeito de encarar a realidade, mais ainda se regozijem, como alguém que se livra de tempestade imprevista ou de doença grave, e obtém o suave fruto de ainda usufruir da vida.

12. Mas, se permanecerem em sua detestável loucura, sejam banidos e mantidos bem longe de vossa cidade e de vosso território, conforme nos suplicastes. Assim, em conformidade com vosso zelo louvável, vossa cidade se livrará de toda mácula e impiedade e, segundo um desejo inato, prestar-se-á às cerimônias sagradas dos deuses imortais, com a devida veneração.

13. E a fim de saberdes a que ponto nos foi aprazível vosso pedido sobre o assunto, independente de vossas petições e postulados, por espontânea vontade e pela benevolência a que somos propensos, concedemos em consideração a vossa devoção o grande favor que quiserdes implorar, qual recompensa de vossa religiosa proposta.

14. E agora, concordai em agir assim e acolher este favor, pois o obtereis sem tardança. Esta graça, outorgada a vossa cidade, constituirá perene testemunho, aprazível aos deuses imortais, de vossa piedade; demonstrará a vossos filhos e descendentes que alcançastes de nossa benevolência justa recompensa em razão dos princípios que regem vosso comportamento.”

15. Esse rescrito contra nós foi afixado em cada província e tirava-nos qualquer vestígio de esperança, pelo menos humanamente. Realizava a palavra divina: “*De modo a enganar, se possível, até mesmo os eleitos*” (Mt 24,24; cf. 24,8-10).

16. A esperança quase se extinguiu na maioria, mas subitamente, enquanto em algumas regiões os encarregados de afixar o edito contra nós estavam ainda a caminho, sem terem atingido o termo da viagem, Deus, o defensor de sua Igreja, pôs freio ao orgulho do tirano e mostrou que o céu lutava

Acontecimentos subsequentes: fome, peste, guerra

1. No entanto, as chuvas de verão habituais e as chuvas do inverno, a estação que se atravessava, recusaram o habitual tributo à terra, sobre a qual a fome se abateu de improviso; além disso, sobreveio a peste e outra epidemia, uma úlcera que por causa do ardor se chamava carbúnculo (*anthrax*), de modo significativo. Espalhava-se insidiosamente pelo corpo inteiro e punha em grande perigo os dele afetados. Atacando, no mais das vezes, especialmente os olhos, cegava aos milhares os homens, bem como as mulheres e as crianças.

2. A esses males, veio por acréscimo ao tirano a guerra contra os armênios. Desde a antiguidade, eles eram amigos e aliados dos romanos; eram também cristãos e cumpriam zelosamente os deveres de piedade para com a divindade. O inimigo de Deus, ao tentar forçá-los a sacrificar aos ídolos e aos demônios, de amigos transformou-os em inimigos e de aliados em adversários.

3. Tudo isso sobreveio de uma só vez, num só e mesmo tempo e confundiu a insolente audácia do tirano contra a divindade, pois ele afirmava sem pudor que, devido a seu zelo em favor dos ídolos e da guerra que nos fez, não sucedera fome, nem peste, nem guerra em sua época. Assim, todos esses males juntos aconteceram simultaneamente e constituíram o prelúdio de sua queda.

4. Mas, enquanto ele próprio se afadigava na guerra contra os armênios com seus exércitos, a fome e a peste em conjunto devastavam cruelmente o restante dos habitantes das cidades sujeitas a seu poder; de tal modo que uma só medida de trigo era vendida por dois mil e quinhentas dracmas áticas.

5. Milhares de homens morriam, portanto, nas cidades; mais numerosos ainda eram os defuntos nos campos e nas aldeias, de sorte que os cadastros dos contribuintes, outrora cobertos de nomes de camponeses, estavam quase totalmente em branco, pois quase todos haviam perecido em bloco por penúria de alimento ou pela doença pestífera.

6. Alguns pensavam ser conveniente vender a outros em melhor situação o que tinham de mais precioso em troca de pequena quantidade de alimento; outros, que haviam vendido pouco a pouco seus bens, estavam reduzidos à mais extrema miséria; outros ainda que mastigavam pequenos fiapos de ervas ou que comiam sem receio certas plantas venenosas, arruinavam a saúde do corpo e morriam.

7. Em cada cidade, mulheres de alto nascimento, forçadas pela necessidade a uma vergonhosa situação, vinham mendigar nas praças públicas, dando provas de sua precedente educação liberal pela vergonha estampada em seu rosto e pelo seu porte.

8. Outros ainda, ressequidos como fantasmas, lutavam aqui e ali contra a morte; vacilavam e caíam, impossibilitados de se manterem de pé; tombavam estendidos no meio das ruas e pediam que se lhes desse um pedacinho de pão; estando com um sopro de vida, gemiam de fome; faziam um último esforço para pronunciar esta dolorosíssima palavra.

9. Outros — os que pareciam mais providos — ficavam estupefactos diante da multidão dos mendigos; depois de lhes ter fornecido uma quantidade de auxílios, tomavam uma atitude cruel e impiedosa, pelo temor de que eles próprios viessem a sofrer os mesmos males que os mendigos. Já, contudo, no meio das praças públicas, cadáveres nus, jogados à rua, insepultos, por vários dias, constituíam aos que os viam o mais miserável dos espetáculos.

- 10.** Já alguns tornavam-se alimento dos cães. Foi sobretudo por isso que os vivos puseram-se a matar os cães, de medo de que, raivosos, se entregassem à antropofagia.
- 11.** A peste não menos devorava as famílias, principalmente aquelas que a fome não era capaz de exterminar, por terem víveres em abundância. Os sobreviventes, então, magistrados, governadores, inúmeros funcionários, deixados pela fome à doença pestífera, como uma espécie de propriedade, sofriam morte violenta e muito rápida. Os lugares todos estavam cheios de gemidos; em todos os cantos, praças e ruas, não se via outra coisa senão lamentações, com a música das flautas e o ruído das batidas que as acompanham comumente.
- 12.** Era deste modo que a morte combatia, com as duas armas citadas, a da peste e da fome conjuntamente. Ela consumia em pouco tempo famílias inteiras, de tal modo que se viam os corpos de dois ou três mortos carregados num mesmo funeral.
- 13.** Tal era o salário do orgulho de Maximino e dos decretos promulgados contra nós em cada cidade, ficando então evidente para todos os pagãos as provas do zelo dos cristãos em todas as coisas e de sua piedade.
- 14.** Eram os únicos, com efeito, que em tal conjuntura de males, mostravam por obras sua compaixão e amor pelos homens. Durante todo o dia uns se devotavam ao cuidado e à sepultura dos mortos; havia milhares, dos quais ninguém se ocupava; outros reuniam em um mesmo lugar a multidão dos que, em cada cidade, estavam esgotados pela fome e distribuíam pão a todos. Mas, também, o fato era claro e proclamado por todos; glorificava-se o Deus dos cristãos e confessava-se que somente eles eram piedosos e religiosos. Na verdade, demonstraram-no os próprios fatos.
- 15.** Em compensação destes eventos, Deus, o grande e celeste aliado dos cristãos, mostrou pelos meios referidos as ameaças e a cólera contra todos; após, restituiu-nos, em resposta aos excessos contra nós, a irradiação benevolente e brilhante de sua Providência para conosco. Entre trevas espessas, fazia maravilhosamente brilhar pacífica luz dele oriunda, e manifestava visivelmente a todos que Deus mesmo se encarregava de nossos interesses. Ele flagelava e convertia, segundo a ocasião, seu povo, provando-o; mas, tendo-os suficientemente instruído, manifestava-se benevolente e misericordioso para com todos os que nele põem a esperança.

CAPÍTULO 9

Catástrofe que pôs fim à vida dos tiranos e palavras que proferiram antes de morrer

- 1.** Foi certamente desta forma que o rei soberano, Deus do universo e Salvador, contra tiranos muito ímpios, suscitou Constantino, a respeito do qual mais acima afirmamos que foi imperador, filho de imperador, piedoso, oriundo de pai piíssimo e sapientíssimo (e Licínio, segundo depois dele, ambos assinalados pela inteligência e piedade). Tendo eles disposto as tropas de acordo com as normas bélicas, Deus combateu a seu lado, de forma extraordinária. De um lado, em Roma, Maxêncio caiu sob Constantino; de outro, no Oriente, Maximino não lhe sobreviveu muito tempo, pois sucumbiu também ele de morte ignominiosa sob os golpes de Licínio, então ainda não atacado de demência.
- 2.** Inicialmente, Constantino, o primeiro dos dois imperadores em dignidade e ordem, teve compaixão dos que em Roma suportavam a tirania. Tendo em suas orações invocado, como aliado, o Deus do céu e seu Verbo, o Salvador de todos, Jesus Cristo, avançou com todo o exército, prometendo aos romanos a recuperação da liberdade herdada de seus antepassados.^{[143](#)}

3. Maxêncio, porém, depositava maior confiança nos malefícios da magia do que na benevolência dos súditos; por isso, nem ao menos ousava sair das portas da cidade. A multidão inumerável de seus hoplitas e milhares de batalhões de soldados enchiam todos os lugares, os campos, as cidades das cercanias de Roma e da Itália inteira, a ele sujeitas.¹⁴⁴ Sobrevém, contudo, o imperador que a Deus se aliara; no primeiro, segundo e terceiro confronto com o tirano, alcança vitórias completas; avança através de toda a Itália, e já se encontra próximo de Roma.

4. Em seguida, não é forçado a combater com os romanos por causa do tirano, porque o próprio Deus arrasta-o para longe das portas, como que algemado. O prodígio outrora realizado contra os ímpios — que a maioria recusa crer, julgando uma fábula, mas que para os fiéis é fidedigna, por constar dos Livros Sagrados — impõe-se simplesmente pela própria evidência a todos, fiéis e infiéis, que contemplam as maravilhas com os próprios olhos.

5. Assim como no tempo de Moisés e da raça outrora piedosa dos hebreus, “os carros do Faraó e suas tropas, ao mar Deus lançou; a elite dos seus cavaleiros e chefes, o mar Vermelho devorou, o abismo os recobriu” (Ex 15,4-5), Maxêncio também e os hoplitas e lanceiros que o cercavam “caíram no fundo, como pedra” (Ex 15,5), quando, diante da força de Deus que estava com Constantino, deu as costas e atravessou o rio que tinha diante de si e do qual fizera contra si mesmo um instrumento de perdição, ao construir cuidadosamente uma ponte unindo as margens por meio de barcas.¹⁴⁵

6. Dele se pode dizer: “Ele cava e aprofunda um buraco, mas cai na cova que fez. Sua maldade se volta contra a cabeça, sobre o crânio lhe cai a própria injustiça” (Sl 7,16-17).

7. Foi certamente deste modo que, rompida a ponte construída sobre o rio, a passagem desaparece e as barcas superlotadas afundam de repente no abismo. O primeiro foi ele próprio, o mais ímpio dos homens e logo os escudeiros que o cercavam, conforme anunciavam os oráculos divinos, “caíram como chumbo nas águas profundas” (Ex 15,10).

8. Assim, é com justeza que, se não por palavras, ao menos pelas ações, como haviam feito os companheiros do grande servo de Deus Moisés, os vencedores, com o auxílio divino, podiam de algum modo cantar e repetir o hino dirigido outrora contra o ímpio tirano: “Cantemos ao Senhor, porque se vestiu de glória. Ele lançou ao mar o cavalo e o cavaleiro. O Senhor é minha força e meu canto, a ele devo a salvação” (Ex 15,1-2). “Quem é igual a ti, ó Senhor, entre os deuses? Quem é igual a ti? Ilustre em santidade, admirável nas façanhas, hábil em maravilhas” (Ex 1,11).

9. Constantino cantou estas e outras palavras semelhantes e afins, através de suas ações, a Deus, chefe supremo e autor da vitória, ao entrar com hinos de triunfo em Roma. Todos em conjunto, os membros do Senado, os dignitários, o povo romano, bem como suas criancinhas e mulheres, o recebiam com a alegria nos olhos, cordialmente, qual libertador, salvador, benfeitor, entre exuberantes aclamações de júbilo.

10. Mas ele, que possuía como coisa natural a piedade para com Deus, sem se deixar absolutamente comover pelos clamores, nem exaltar pelos louvores, estava bem cômico do socorro vindo de Deus. Logo ordenou que se colocasse o troféu da paixão salutar na mão da sua estátua.¹⁴⁶ Sustentando na mão direita o sinal salvífico da cruz, ergueu-a no lugar mais freqüentado pelos romanos. Mandou gravar em latim uma inscrição nesses termos:

11. “Por intermédio deste sinal salutar, verdadeira prova de denodo, librei e salvei vossa cidade do jugo do tirano; e ainda restabeleci o Senado e o povo romano em sua antiga dignidade e esplendor,

após a libertação”.

12. Em seguida a esses acontecimentos, o próprio Constantino, e com ele Licínio, cuja mente ainda não se alterara, nem incidira na subsequente loucura, obtiveram a propiciação da parte de Deus, o autor de sua prosperidade. Ambos, com uma só vontade e parecer, promulgaram uma lei absolutamente favorável aos cristãos.¹⁴⁷ E enviaram a narrativa das maravilhas realizadas por Deus em seu favor e da vitória obtida contra o tirano, bem como o teor da lei a Maximino, que ainda governava os povos do Oriente e que fingia hipocritamente ter-lhes amizade.

13. O tirano ficou muito contrariado com as notícias; mas não quis dar a impressão de ceder o passo aos outros, nem suprimir o que ele havia mandado, receoso diante daqueles a quem ordenara. Escreveu, portanto, como que espontaneamente aos governadores sob suas ordens, esse primeiro rescrito em favor dos cristãos, onde inventa mentirosamente o que jamais fizera e engana-se a si próprio.

CAPÍTULO 9A

Cópia da tradução da carta do tirano

1. “Jóvio Maximino Augusto a Sabino. À Tua Eminência e a todos os homens, a meu ver, evidencia-se que nossos senhores e pais, Diocleciano e Maximiano, havendo constatado terem quase todos abandonado o culto dos deuses para se associarem ao povo dos cristãos, com razão ordenaram que aqueles que se haviam afastado da adoração dos deuses imortais, fossem reconduzidos ao culto dos deuses, por punições e castigos bem manifestos.

2. Da primeira vez, porém, que sob felizes auspícios vim ao Oriente, fui informado de que em certos lugares os juízes haviam exilado pela razão supramencionada grande número de homens capazes de prestar serviço nos negócios públicos; por isso, dei ordens a cada juiz de que futuramente nenhum deles se mostrasse impiedoso em relação aos provincianos, mas antes os reconduzissem por lisonjas e exortações ao culto dos deuses.

3. Então, segundo minha ordem, os juízes acataram tais determinações e nenhum dos habitantes das regiões do Oriente foi exilado ou maltratado; ao contrário, visto que nada de penoso lhes advinha, voltaram ao culto dos deuses.

4. Depois disso, no ano passado, quando cheguei em boas condições a Nicomédia e lá me detive, os cidadãos desta cidade, trazendo estátuas dos deuses, me procuraram, pedindo instantemente que, de modo algum, ainda permitisse a tal povo habitar na pátria deles.

5. Mas, ao ter conhecimento de morar na região grande número de adeptos desta religião, respondi-lhes que acolhera com alegria e gosto esta petição, mas verificava que tal desejo não era unânime. Se, pois, alguns perseveravam nesta superstição, cada qual guardasse suas preferências, e reconhecesse quem o quisesse o culto dos deuses.

6. Contudo, aos habitantes da mesma cidade de Nicomédia e às outras cidades que também instantemente me haviam apresentado sobre o mesmo assunto idêntica petição, a saber, que nenhum cristão habitasse em suas cidades, vi-me na necessidade de responder amigavelmente, porque todos os antigos imperadores haviam observado a mesma regra e aprovou aos próprios deuses, por quem subsistem todos os homens e obtêm bom andamento os negócios públicos, que eu confirmasse a petição que as cidades apresentavam em favor do culto de suas divindades.

7. Nessas condições, embora não raro no tempo precedente tenham sido enviados rescritos a Tua Excelência e que igualmente lhe tenha sido ordenado por mandamentos não tratar com dureza os provincianos que desejassem conservar tais costumes, e sim com indulgência e moderação, de sorte que não sofram violências ou extorsões da parte dos *beneficiários*, nem de quem quer que seja, decidi conseqüentemente relembrar, pelas presentes letras a Tua Excelência, que, por palavras lisonjeiras, melhor obterá que nossos provincianos aceitem o culto dos deuses.

8. Em seguida, se alguém, por própria iniciativa, julgar que deve adotar o culto dos deuses, convém acolhê-lo. Mas se alguns preferem seguir o próprio culto, abandone-os a sua própria escolha.

9. Por isso Tua Excelência observe o que lhe é ordenado. Ninguém tenha a faculdade de inquietar nossos provincianos com violências e extorsões monetárias, de sorte que se prefira, conforme escrevemos mais acima, por meio de palavras persuasivas, recomendar a nossos provincianos o culto dos deuses. E no intuito de que nossa presente ordem venha ao conhecimento de todos os nossos provincianos, publique o que ordenei por meio de um mandamento que seja afixado.”

10. Maximino assim agiu, coagido pela necessidade, embora a ordem diferisse de seu modo de pensar. Não era verídica, nem fidedigna, visto que, já antes, apesar de ter concedido semelhante permissão, sua maneira de agir havia sido versátil e enganadora.

11. Em conseqüência, nenhum dos nossos ousou convocar assembléias, nem expor-se publicamente, porque a carta não o permitia. Ordenava apenas a abstenção de ultrajes contra nós; não obstante, não nos concedia o direito de convocar reuniões, nem construir igrejas, nem realizar nenhuma das costumeiras celebrações.

12. Entretanto, os imperadores promotores da paz e da piedade haviam escrito a Maximino que desse as mesmas permissões que eles próprios haviam concedido a todos os seus súditos por editos e leis. Este homem, assaz ímpio, porém, tinha preferido não outorgá-las. Só o fez quando, sob a pressão da justiça divina, viu-se enfim constrangido.

CAPÍTULO 10

Vitória dos imperadores agradáveis a Deus

1. Eis o motivo que o impeliu. Ele não era capaz de carregar o pesado e imerecido encargo do poder supremo que lhe fora confiado; mas, por sua inexperiência quanto à moderação e à razão convenientes a um imperador, governou com total imperícia; e sobretudo, illogicamente se exaltava, em sua orgulhosa insensatez. Já relativamente a seus sócios no império, acima dele em tudo pelo nascimento, a formação, a educação, a dignidade, a inteligência, e pela mais eminente das virtudes, a sabedoria e a piedade para com o verdadeiro Deus, ousou tentar prevalecer e declarar-se o primeiro a merecer as honras.^{[148](#)}

2. Levando sua insensatez até a demência, violou os pactos feitos com Licínio e declarou-lhe guerra implacável. Depois, em breve tempo, revolucionou tudo, perturbou as cidades e, reunindo um exército de milhares de homens, saiu com seus soldados em linha de batalha contra Licínio. Tinha o espírito cheio de orgulho, pelas esperanças que depositava nos demônios, tidos como deuses, e nas miríades de seus hoplitas.

3. E, ao iniciar a luta, viu-se privado da proteção divina. A vitória, provinda do único e exclusivo Deus do universo, coube ao detentor do poder de então.

4. Começou Maximino por perder os hoplitas, nos quais depositara confiança. Todos os seus guardacostas o abandonaram sem defesa, sozinho e passaram para o lado do vencedor. O infeliz despojou-se bem depressa das incômodas insígnias imperiais; covarde, sem brio, desencorajado, sumiu no meio da plebe; depois fugiu, escondeu-se e, na tentativa de salvar-se, atravessou campos e aldeias, escapando com dificuldade das mãos dos inimigos. Suas próprias ações proclamam que são fidedignos e verídicos os oráculos divinos, ao declararem:

5. “Nenhum rei se salva com exército numeroso, o valente não se livra pela sua grande força; para salvar, o cavalo é ilusão, e todo o seu vigor não ajuda a escapar. Eis que o olho do Senhor está sobre os que o temem, sobre aqueles que esperam em sua misericórdia, para da morte libertar a sua vida” (Sl 32,16-19).

6. Foi, portanto, assim que o tirano envergonhado voltou às regiões que estavam sob seu domínio. Primeiro foi tomado de furiosa cólera contra muitos sacerdotes e profetas dos deuses que outrora admirara e cujos oráculos o ha-viam estimulado a declarar a guerra. Denominou-os charlatães, sedutores e, sobretudo, traidores de sua imunidade e mandou matá-los. Depois deu glória ao Deus dos cristãos e promulgou para a liberdade destes uma lei muito completa e perfeita. Em breve, porém, sem que se lhe tenha concedido prazo algum de tempo, terminou a vida por miserável morte. A lei que ele promulgara assim versava:

CÓPIA DA TRADUÇÃO DO MANDAMENTO DO TIRANO EM FAVOR DOS CRISTÃOS, TRADUZIDA DO LATIM AO GREGO.

7. “O Imperador César Caio Valério, Maximino, Germânico, Sárмата, Pio, Feliz, Invencível, Augusto. De todos os modos e continuamente, velamos pelo bem de nossos súditos, e quisemos através dos meios mais adequados garantir os interesses de todos, o proveito e a vantagem comuns e também satisfazer os desejos particulares. Cremos que ninguém o ignora, mas quem remontar aos fatos tornar-se-á cômico de ser isto evidente.

8. Veio a nosso conhecimento que anteriormente, sob pretexto de terem os divinos Diocleciano e Maximiniano, nossos pais, dado ordem de se proibirem as assembléias dos cristãos, os *oficiais* efetuaram muitas extorsões e confiscações e, depois, elas se multiplicaram cada vez mais contra os nossos súditos, pelo bem dos quais nos empenhamos com a devida solicitude e cujos bens particulares tinham sido dissipados. Por isso, no ano passado, dirigimos aos governadores de cada província um rescrito, determinando que se alguém quisesse seguir tal costume ou observância religiosa, não encontrasse obstáculo na realização de seu desígnio, e por ninguém fosse impedido ou entravado e tivessem todos a liberdade de agir sem nenhum temor ou apreensão, a seu bel-prazer.

9. De resto, não nos escapa que alguns dos juizes transgrediram nossos mandamentos e foram causa de nossos súditos terem desconfiado de nossas prescrições e não compareceram senão após muitas hesitações às celebrações religiosas de seu agrado.

10. No intuito de doravante afastar qualquer suspeita ou ambigüidade, susceptível de ocasionar temor, decidimos publicar este mandamento. A todos se evidencie que se torna lícito, em virtude da presente concessão, aos que quiserem, abraçar esta seita e religião. Segundo o que desejar cada qual e lhe aprouver, adote a religião que preferir praticar habitualmente. Seja-lhes permitido também construir as próprias igrejas.

11. Além disso, a fim de que seja ainda maior a concessão, decidimos ordenar também o seguinte: Se acaso algumas casas ou terras, que de direito antes pertenciam aos cristãos e por ordem de nossos pais haviam se tornado posseção do fisco ou tinham sido tomadas por alguma cidade e esses bens foram

vendidos ou doados, ordenamos que retornem ao primitivo domínio dos cristãos, visando a que também nisso todos fiquem cientes de nossa bondade e providência.”^{[149](#)}

12. Tais as palavras do tirano. Apareceram antes do decurso de um ano desde que ele mandara afixar nas estelas os editos contra os cristãos. Nós, pouco antes, éramos tidos por ele na conta de ímpios, ateus, daninhos à vida humana, de sorte que não podíamos habitar em cidade alguma, nem no campo, nem mesmo no deserto; e agora, em prol dos cristãos, emitia mandamentos e leis. E aqueles que, pouco antes, sob seus olhos, eram entregues à morte, pelo fogo, o ferro, os dentes dos animais ferozes e das aves de rapina, aqueles que suportavam toda espécie de castigos, punições, e miserável fim de vida, como sendo ateus e ímpios, eles próprios agora recebiam do mesmo imperador a permissão de praticar a religião, a autorização de construir igrejas; o próprio tirano confessa que eles possuíam determinados direitos!

13. Após tal confissão, como que a título de recompensa desta ação, sofreu menos do que merecia; mas de repente foi atingido pelo castigo de Deus e morreu no segundo período da guerra.

14. Sua morte não foi acompanhada das circunstâncias que cercam a morte dos generais durante uma guerra e que muitas vezes, combatendo corajosamente pela virtude e por aqueles que lhe são caros, encontram com bravura, em plena batalha, um fim glorioso. Mas, qual ímpio e inimigo de Deus, Maximino sofreu o condigno castigo, permanecendo escondido dentro de casa, enquanto o exército estava ainda em linha de batalha. De repente ferido no corpo inteiro pelo flagelo de Deus, atacado por sofrimentos terríveis e dores insuportáveis, caiu prostrado com o rosto em terra. Devorado pela fome, suas carnes foram consumidas por um fogo invisível, que Deus acendera. Perdeu seu aspecto e forma anteriores, e dele só restavam ossos ressequidos, algo semelhante à figura de um corpo, após um tempo prolongado, reduzido a esqueleto. Os circunstantes não podiam pensar senão que o corpo se lhe tornara o túmulo da alma, enterrada num cadáver prestes a desaparecer por completo.

15. Queima-o com maior intensidade o calor proveniente de dentro das medulas; os olhos injetados saltam das órbitas e deixam-no cego. Ele, porém, nestas condições mal respirando e confessando o Senhor, invocava a morte. E finalmente, depois de ter atestado que era com justiça que sofria esses males por causa de seus excessos contra o Cristo, exalou o espírito.^{[150](#)}

CAPÍTULO 11

Destruição definitiva dos inimigos da piedade

1. Tendo, portanto, assim partido Maximino, o único supérstite dos inimigos da religião, e que se revelara o pior de todos, erguiam-se igrejas, restauradas desde os alicerces, por graça do Deus todo-poderoso. A doutrina de Cristo, irradiante para a glória do Deus do universo, adquiria maior liberdade, enquanto a impiedade dos inimigos da religião se cobria de extremo desdouro e opróbrio.

2. Em primeiro lugar, o próprio Maximino foi declarado pelos imperadores inimigo comum dos homens; foi denominado, em editos públicos, tirano assaz ímpio, maldito, odiado por Deus. Das imagens colocadas em todas as cidades em sua honra e na de seus filhos, umas foram jogadas ao chão e inutilizadas; outras tiveram os traços recobertos de uma tinta sombria que os enegrecia e assim ficavam irreconhecíveis. Igualmente as estátuas levantadas para exaltá-lo foram derrubadas e quebradas; jaziam por terra, prestando-se a escárnio e zombaria daqueles que quisessem insultá-las e desprezá-las.

3. Em seguida, os outros inimigos da religião foram também destituídos de qualquer honra. Todos os

partidários de Maximino foram mortos, sobretudo os que destacara com postos de chefia, e que, por lisonja, haviam desprezado orgulhosamente a nossa doutrina.

4. Assim, o mais célebre, respeitado entre todos e mais fiel de seus companheiros, Peucétio, duas e três vezes cônsul, por ele nomeado *magister summarum rationum*. De igual modo, Culciano, que ocupara todos os cargos importantes e se tornou célebre pelo derramamento de sangue de milhares de cristãos no Egito. Além destes, havia muitos outros, por cuja ação sobretudo se fortificara e aumentara a tirania de Maximino.

5. A justiça reclamou também Teotecno, pois não esquecera de forma alguma sua atuação contra os cristãos. Depois de ter erguido em Antioquia um ídolo, esperava dias felizes; Maximino já o havia investido de muita autoridade.

6. Mas, ao chegar Licínio à cidade de Antioquia, mandou prender os magos e infligir torturas aos profetas e sacerdotes do novo ídolo, a fim de se informar por que artifício eles haviam criado o embuste. Coagidos pelos tormentos, tornou-se impossível continuar a ocultar o mistério; revelaram ser um dolo, artifício de Teocteno. Licínio infligiu a todos o merecido castigo. Primeiro, após numerosos suplícios, entregou à morte o próprio Teotecno e em segundo lugar aos seus companheiros de magia.

7. A todos esses acrescentaram-se os filhos de Maximino, já partícipes da dignidade imperial, que ele associara a si nas inscrições e imagens. Enfim, os parentes do tirano que precedentemente se exaltavam e tinham a audácia de oprimir os demais, com extrema ignomínia sofreram as mesmas penas que os acima mencionados. Pois não aceitaram antes a instrução, não conheceram nem compreenderam a exortação das Escrituras sagradas: “Não ponhais a segurança nos nobres e nos filhos dos homens, que não podem salvar. Exalam o espírito e voltam à terra, e no mesmo dia perecem seus planos!” (Sl 145,3-4).

[Ao Deus, Todo-poderoso... (Cf. início do Livro X)]

(a) Assim descartados os ímpios, as partes do império que lhes cabiam foram governadas firmemente e sem contestação apenas por Constantino e Licínio. Estes extirparam primeiro do mundo inteiro o ódio a Deus, depois manifestaram, através dos bens cuja administração Deus lhes havia sabiamente confiado, o amor à virtude e a Deus, a piedade e o reconhecimento para com a divindade, por meio da legislação em favor dos cristãos.

[140](#) Os “curadores das cidades” eram encarregados de verificar as contas das cidades e de exercer sobre elas a tutela de confiança. Eram funcionários nomeados pelo imperador e escolhidos, segundo o caso, entre os membros da ordem senatorial ou da ordem eqüestre. Cf. L. HOMO, *Les institutions politiques romaines. De la cité à l'État*, Paris, 1927, pp. 399-400.

[141](#) O pretexto era talvez de ordem moral: mulheres de má vida, que pretendiam ter sido cristãs, afirmam que nas igrejas se cometiam desordens vergonhosas. Se as igrejas foram destruídas nos anos precedentes, interditar as reuniões nos cemitérios era o mesmo que interditar todas as assembléias cultuais.

[142](#) Bem cedo, a personagem de Pilatos tornara-se o centro de trabalho de pseudo-epigrafia. Imaginara-se que o procurador romano enviara ao imperador Tibério as Atas oficiais do processo de Jesus (cf. Justino *Apol.* I, 48; Tertuliano, *Apolog.*, 21,24). Os *Atos apócrifos de Pedro e Paulo* mencionam, também, uma assim chamada Carta de Pilatos a Cláudio. Contudo, não há até hoje nenhum conhecimento sobre estes pretendidos *Atos de Pilatos* além do que se diz aqui. Por outro lado, deve-se observar o papel que se lhe faz desempenhar nas escolas: é, ao que tudo indica, a primeira vez que se vê o Estado pagão interferir oficialmente para impor ensino anticristão.

[143](#) É estranho que, na *História Eclesiástica*, Eusébio não fale da conversão de Constantino e da visão que ele teria tido e que determinara sua vida. Desta visão, é preciso procurar a mais antiga narração em Lactâncio, *Sobre a morte dos perseguidores*, 44. Eusébio a narra em seu *De vita Constantini* I, 27. Conhecem-se as discussões polêmicas provocadas por esta narração. Aqui Eusébio se contenta em lembrar, para afirmar o cristianismo do imperador, que Constantino invocou o Deus celeste e o Salvador Jesus Cristo.

[144](#) Segundo o Panegírico de 313 (cf. *Paneg.* 9,3), as tropas de Maxêncio teriam cem mil homens. Conforme o historiador Zóximo,

cento e oitenta e oito mil. Estes números devem ser exagerados. “*Hoplitas*” são soldados de infantaria com armadura pesada.

[145](#) A batalha teve lugar, como se sabe, aos 28/10/312, junto à Ponte Mílvia, sobre o rio Tibre, a três quilômetros de Roma. Foi nesta ocasião que Constantino teve uma aparição da cruz no céu, com as palavras *In hoc signo vinces* “por este sinal vencerás”. Segundo a tradição, os soldados marcaram seus escudos com o símbolo da cruz e Constantino derrotou Maxêncio, que havia construído, para a ocasião, uma ponte de barcos, duplicando a ponte de pedra. Esta ponte de barcos se rompeu sob o peso das tropas e Maxêncio foi precipitado no rio com grande número de soldados. Daí a comparação que Eusébio faz com o exército do Faraó que foi engolido pelas águas do mar Vermelho.

[146](#) Pelo que se sabe das crenças religiosas de Constantino, talvez a estátua em questão representasse o imperador como *Constantino Apolo*. Era natural que o panegirista pagão não falasse em termos expressos do cristianismo do imperador. Por outro lado, parece estranho que, nesta época, o Senado tenha posto em relevo a cruz do Salvador. A impossibilidade de uma estátua imperial oficialmente cristã no Fórum em 313 é flagrante. O “troféu salutar da paixão” é, certamente, a cruz.

[147](#) Eusébio indica aqui o que se chamou o edito de Milão. Talvez um primeiro “edito” fora publicado em 312, logo depois da derrota de Maxêncio. O texto deste “edito” é reproduzido em tradução grega mais abaixo, no cap. 10, 5.2-14. O texto latino é dado por Lactâncio no *De morte persecutorum*, 48, 2-8.

[148](#) “Imperadores agradáveis” ou “amigos de Deus” são os favoráveis aos cristãos, a saber, Licínio e Constantino, que são também os “promotores da paz”. No primeiro momento, Eusébio julgou Licínio imperador piedoso, mas após sua morte, em 323, e sua memória condenada, Eusébio remanejou sua obra eliminando as passagens favoráveis a Licínio.

[149](#) Maximino não diz quem operará a restituição dos bens confiscados. Sua ordem fica, pois, no ar. O rescrito de Maximino é adaptação do edito de Milão.

[150](#) O flagelo de Deus é expressão tanto homérica quanto bíblica, cf. a propósito, a morte de Herodes, acima em I,8,5. A morte súbita de Maximino parece a Eusébio um benefício de Deus. O perseguidor teria merecido, segundo ele, longos e cruéis sofrimentos antes de morrer. Entretanto, não teve a glória de morrer no campo de batalha. No parágrafo 14, encontra-se a menção do flagelo de Deus. A maior parte dos parágrafos 14-15 se encontra, praticamente, repetida no *De vita Constantini* I,58-59.

LIVRO DÉCIMO

CAPÍTULO 1

Paz que Deus nos outorgou

1. Ao Deus, todo-poderoso e rei do universo, graças sejam dadas em todas as coisas; abundantes graças também ao Salvador e Redentor de nossas almas, Jesus Cristo, por cuja intercessão pedimos continuamente nos seja conservada firme e inabalável a paz, isenta de perturbações internas e externas.
2. Juntamente com essas preces, aos precedentes acrescentamos aqui o décimo livro da *História eclesiástica* e a ti o dedicamos, Paulino, [151](#) muito santo na minha opinião, proclamando-te, por assim dizer, o sigilo de toda a obra.
3. Com razão, inserimos aqui neste número perfeito o discurso perfeito, o panegírico da restauração das igrejas, obedecendo de algum modo à inspiração divina a estimular-me nesses termos: “Canta ao Senhor um cântico novo, pois ele fez maravilhas; sua direita o salvou e seu braço santo. O Senhor fez conhecer sua salvação, revelou sua justiça aos olhos das nações” (Sl 97,1-2).
4. Em obediência a este oráculo, cantemos o cântico novo relativo ao presente, porque, após os espetáculos e as descrições terríveis e sombrias, fomos julgados dignos de presenciar agora e celebrar maravilhas tais que muitos antes de nós, realmente justos e testemunhas de Deus, desejaram ver na terra e não viram, ouvir e não ouviram (cf. Mt 13,17).
5. Mas estes homens, havendo ocorrido o mais depressa possível, obtiveram nos céus bens muito superiores e no paraíso apossaram-se de delícias divinas (2Cor 12,2-4; Gn 2,15). Quanto a nós, confessando que esses bens vão além do que merecemos, ficamos estupefactos pela liberal magnificência de seu autor; admiramos também justamente com todas as forças da alma, venerando-o e atestando a verdade da Escritura,
6. que diz: “Vinde ver os atos do Senhor, é ele quem na terra faz assombros: acaba com as guerras até ao extremo da terra, quebra os arcos, despedaça as armas e atira os escudos ao fogo” (Sl 45,9-10). Alegremo-nos com as manifestas maravilhas em nosso favor e prossigamos nossa narrativa.
7. Desapareceu, portanto, da forma supramencionada, toda a raça dos inimigos de Deus; desvaneceu-se, de repente, da vista dos homens, de tal sorte que de novo cumpriu-se a palavra divina, expressa nesses termos: “Eu vi um ímpio muito poderoso elevar-se como um cedro do Líbano; passei de novo e eis que não existe mais, procurei-o, mas não foi encontrado” (Sl 36,35-36).
8. Já de resto um dia brilhante e luminoso, desanuviado, enche com raios de luz celeste as Igrejas de Cristo por toda a terra habitada. Também os que estavam fora de nossa confraria, nada os impedia de gozar, senão de bens iguais aos nossos, ao menos da irradiação e da participação desses bens concedidos por Deus.

CAPÍTULO 2

Restauração das igrejas

1. Todos os homens, por conseguinte, estavam livres da opressão dos tiranos e libertos dos males anteriores. Cada qual reconhecia como único Deus verdadeiro o que combatera em favor dos homens piedosos. Mas para nós principalmente, que havíamos depositado nossas esperanças no Cristo de Deus, uma alegria indizível, uma felicidade celeste expandia-se para todos nas construções que pouco antes haviam sido derrubadas pela impiedade dos tiranos e de certo modo redivivas após longa e mortal devastação. Víamos os templos se erguerem novamente das ruínas a alturas indefinidas e receberem esplendor superior ao dos templos outrora destruídos.

2. Mas os imperadores mais altamente posicionados corroboravam, aumentando e estendendo, por leis contínuas em favor dos cristãos, as dádivas provenientes da magnificência de Deus. Além disso, os bispos recebiam individualmente cartas, honras, ricos presentes do imperador. Talvez não seja despropositado, no devido lugar, que conste nesse livro, qual estela sagrada, textualmente esses documentos traduzidos do latim ao grego, para memória dos pósteros.

CAPÍTULO 3

Dedicações celebradas em todo lugar

1. Além disso, foi-nos oferecido o espetáculo desejado e almejado por todos: festas de dedicações em cada cidade, consagrações de igrejas recém-construídas, assembléias de bispos congregados para idêntica finalidade, concurso de fiéis de longe e de toda a parte, sentimentos amigáveis de povo para povo, unidade dos membros do corpo de Cristo (cf. Rm 12,5; 1Cor 12,12) num todo harmônico.

2. Conforme o anúncio profético a prenunciar misticamente o futuro, assim efetivamente se uniam ossos aos ossos, articulações às articulações (cf. Ez 37,7) e a palavra profetizada em enigmas se cumpria sem falha.

3. Uma só força do Espírito divino atravessava todos os membros; um só coração, idêntico e único anseio de fé; um só hino de louvor a Deus. Sim, era verdadeiramente perfeito o culto prestado pelos chefes eclesiásticos, os ritos sagrados dos sacerdotes e, na Igreja, celebrações dignas de Deus, ora pelo canto dos salmos ou pela audição das palavras que Deus nos transmitiu, ora pela realização de liturgias divinas e místicas: símbolos inefáveis da paixão do Salvador.

4. Unânimes, todas as idades, homens e mulheres, em plena intensidade de sentimentos, alegres de mente e espírito com orações e ações de graças glorificavam a Deus autor dos bens. E cada um dos bispos presentes pronunciava sermões de festa, segundo a medida do próprio talento, para realçar a solenidade.

CAPÍTULO 4

Panegírico do estado excelente dos negócios

1. Um homem, daqueles bem dotados, tendo composto um discurso, postou-se no meio da assembléia. A igreja estava repleta. Na presença de grande número de pastores que, em silêncio e ordem, prestavam ouvidos, diante de eminente bispo, de Deus amado, por cujo zelo e atividade se edificara o templo de Tiro, o mais belo da fenícia, proferiu as seguintes palavras:

PANEGÍRICO SOBRE A EREÇÃO DAS IGREJAS, DIRIGIDO A PAULINO, BISPO DE TIRO.

2. Ó amigos de Deus, sacerdotes revestidos da túnica sagrada, ornados da coroa celeste da glória, ungidos com a unção divina, revestidos da túnica sacerdotal do Espírito Santo.^{[152](#)} E tu, ó jovem

ornamento do santo templo de Deus, que Deus honrou com a prudência dos velhos, tu que mostraste obras magníficas e ações duma virtude nova e fulgurante; tu, a quem o próprio Deus, que contém o mundo inteiro, concedeu o privilégio de construir e restaurar sua casa sobre a terra, dedicada a Cristo, Filho único e primogênito, seu Verbo, e a sua santa e devotada Esposa.

3. Poder-se-ia dar-te o nome de novo Beseleel (cf. Ex 31,2), construtor dum tabernáculo divino, ou ainda de Salomão (cf. 1Rs 6-7), rei duma nova Jerusalém, muito superior à antiga ou ainda de outro Zorobabel (cf. Esd 3,4-6; Esd 6,16-22), que conferiu glória muito maior que a primeira ao templo de Deus.

4. E vós também, ovelhas do rebanho sagrado de Cristo, alvo de bons discursos, escola de sabedoria, auditório religioso, venerando e amigo de Deus.

5. Outrora, adquirimos o conhecimento dos maravilhosos sinais de Deus, dos milagres do Senhor em benefício dos homens, ao ouvirmos os textos divinos. Assim instruídos, torna-se-nos lícito dirigir a Deus hinos e cânticos e dizer-lhe: “Ó Deus, nós ouvimos com nossos ouvidos, nossos pais nos contaram a obra que realizaste em seus dias, nos dias de outrora” (Sl 43,2).

6. Mas agora, não é apenas pelas narrativas, por sons de palavras que conhecemos o braço estendido e a celeste mão direita de nosso Deus tão bom e rei universal (Sl 135,12); é, por assim dizer, pelas obras, por nossos próprios olhos, que vemos quanto as coisas de outrora, transmitidas pela memória, são fiéis e verdadeiras. Podemos cantar pela segunda vez o hino da vitória, proclamá-lo em alta voz nesses termos: “Conforme ouvimos, assim vimos também na cidade do Senhor dos exércitos, na cidade do nosso Deus” (Sl 47,9).

7. Em que cidade, a não ser naquela recentemente fundada e construída por Deus? “É a Igreja do Deus vivo, coluna e sustentáculo da verdade” (Tm 3,15). Outra palavra divina assim a anuncia: “Contam-se glórias de ti, ó cidade de Deus” (Sl 86,3). Foi dentro dela que o Deus de bondade nos reuniu pela graça do Filho único e cada um dos convidados canta e até exclama nesses termos: “Alegrei-me quando me disseram: ‘Vamos à casa do Senhor!’”, (Sl 121,1) e ainda: “Senhor, eu amo a beleza de tua casa e o lugar onde a tua glória habita” (Sl 25,8).

8. E não o diga somente cada qual para si, mas todos juntos, concordes e unânimes, venerando-o e bendizendo, digamos: “O Senhor é grande e muito louvável na cidade do nosso Deus, a montanha sagrada” (Sl 47,2). Ele é verdadeiramente grande “como é grande a sua morada, elevada e sem medidas” (Br 3,24-25); é “mais bela perante os filhos dos homens” (Sl 44,3). Grande é o Senhor, “porque só ele realiza maravilhas” (Sl 71,18). Grande é aquele que “faz grandes prodígios insondáveis, gloriosos, extraordinários, sem conta” (Jó 9,10). Grande “quem muda tempos e estações, quem depõe reis e entroniza reis” (Dn 2,21), “ele ergue o fraco da poeira e tira o indigente do lixo” (Sl 112,7). “Depôs poderosos de seus tronos e a humildes exaltou; cumulou de bens a famintos” (Lc 1,52-53), e quebrou “os braços rebeldes” (Jó 38,15).

9. Não apenas a fiéis, mas também a infiéis comprovou as antigas tradições, ele, o taumaturgo, o autor de grandes obras, o senhor do universo, o demiurgo do mundo inteiro, o Todo-poderoso, todo bondade, um só e único Deus, a quem devemos cantar um cântico novo (Sl 97,1), subentendendo que “só ele realizou maravilhas, porque a sua misericórdia é para sempre; que matou reis poderosos, porque sua misericórdia é para sempre; ele se lembrou de nós em nossa humilhação, ele nos salvou dos nossos opressores” (Sl 135,4; 17-18; 23-24).

10. Jamais cessemos de celebrar assim aquele que de todos é o Pai. Relativamente a Jesus, para nós a

causa segunda dos bens, o introdutor no conhecimento de Deus, o mestre da verdadeira piedade, que arruína os ímpios, mata os tiranos, restaura a vida, o salvador dos desesperados que éramos, tenhamos na boca o seu nome e honremo-lo.

11. Somente ele, com efeito, sendo o Filho absolutamente único e cheio de bondade do Pai bondosíssimo, de acordo com a filantropia do Pai, assumiu de bom grado a nossa natureza, mergulhados que estávamos na corrupção daqui de baixo. Qual excelente médico que, para a saúde dos doentes, “perscruta os males, toca as coisas repugnantes e dos padecimentos alheios recolhe para si o pesar”, ele nos salvou, a nós que não estávamos apenas doentes e atingidos de chagas terríveis ou de feridas purulentas, mas ainda jazíamos entre mortos; atraiu-nos a si dos abismos da morte, porque nenhum dos espíritos celestes tinha tanta força para indene obter a salvação de tantos.

12. Somente ele ainda, portanto, tocou a corrupção de nossa profunda miséria; somente ele suportou nossa labuta; ele só tomou sobre si o castigo de nossas iniquidades (cf. Is 53,4-5). Ele nos reergueu quando não estávamos apenas moribundos, mas já completamente corruptos e apodrecidos, nos túmulos e sepulcros. Como outrora, também agora, solícito devido a seu amor aos homens, salva-nos contra toda esperança de qualquer um — e, portanto, também nossa —, faz-nos partícipes dos bens de seu Pai, ele o vivificador, o guia em direção à luz, nosso grande médico, rei e Senhor, o Cristo de Deus.

13. Mas outrora, quando o gênero humano todo inteiro achava-se imerso em noite tenebrosa e profundamente sombria, devido à sedução dos demônios malignos e à atividade dos espíritos ímpios, ele apareceu uma vez por todas e desligou as múltiplas cadeias de nossos pecados, como a cera se derrete aos raios do sol (cf. Sl 57,9).

14. E agora, após tal graça e beneficência, o demônio maligno em sua inveja e ódio, por assim dizer, fez irromper, mobilizou contra nós todos os seus poderes mortíferos. E primeiro, como cão raivoso que quebra os dentes nas pedras que lhe são jogadas, e exerce contra objetos inanimados sua cólera contra os que o expulsam, o demônio reverteu sua ira feroz contra as pedras das igrejas e os materiais inanimados das casas de oração. Assim, pensava ele, devastaria as igrejas. Em seguida, lançou terríveis assobios, sibilos de serpente, ora através de ameaças de tiranos ímpios, ora por meio de mandamentos blasfematórios de príncipes perversos. Depois, vomitou a morte dele originária e injetou-a nas almas que conquistara poções venenosas e letais; bem mais, fê-las perecer completamente, empregando sacrifícios mortais oferecidos a ídolos exânimes e excitou contra nós insidiosamente toda espécie de animais ferozes e selvagens em figura humana.

15. Então, novamente, o anjo do grande conselho (Is 9,6), o grande general de Deus, após o treino suficiente que haviam realizado os mais valorosos combatentes de seu reino com constância e firmeza totais, apareceu de repente, expulsou as forças inimigas e contrárias para a obscuridade e o nada, de sorte que pareciam jamais ter recebido um nome. Quanto a seus amigos e familiares, ele os exaltou com supereminente glória, em presença não só de todos os homens, mas ainda dos poderes celestes, do sol, da lua, das estrelas, do céu inteiro e do uni-verso.

16. Por conseguinte, então, coisa jamais vista, os imperadores mais altamente colocados,¹⁵³ cômicos da honra que lhes coube, puseram-se a cuspir na face dos ídolos mortos, a pisotear os ritos ímpios do culto dos demônios, a zombar do erro antigo transmitido por seus pais, a reconhecer como um só e único Deus, o benfeitor comum de todos os homens e deles próprios, a confessar o Cristo Filho de Deus, rei soberano do universo, a proclamá-lo Salvador em estelas, insculpindo em magníficos

caracteres, para perpétua memória, seus feitos, suas vitórias contra os ímpios, no meio da cidade que reina sobre as cidades da terra. Assim único desde os séculos, Jesus Cristo, nosso Salvador, foi não só reconhecido pelos mais poderosos na terra, como um dos reis nascido entre os homens, mas foi ainda adorado qual genuíno Filho de Deus do universo, sendo ele mesmo Deus.

17. E isto com pleno direito. Qual dos governantes, com efeito, alcançou tal grau de virtude que encheu com a fama de seu nome os ouvidos e a boca de todos os homens sobre a terra? Qual o rei que, depois de ter promulgado leis piedosas e sábias, pôde torná-las assaz conhecidas para ser escutado por todos os homens, desde as extremidades da terra até os limites do mundo habitado?

18. Quem transmutou os costumes bárbaros e selvagens de feras nações por suas leis suaves e filantrópicas? Quem, após ter sido combatido por todos durante séculos inteiros, manifestou poder sobre-humano, tal como floresce cada dia e se renova através do mundo?

19. Quem criou um povo, do qual jamais se ouvira falar, não oculto num recanto do orbe, mas habitante de toda a terra que está debaixo do sol? Quem também munuiu seus soldados de armas da piedade, a ponto que suas almas se tornaram talvez mais fortes que o diamante nos combates contra os adversários?

20. Qual o rei tão poderoso que, após a morte, dirige seu exército, ergue troféus contra seus inimigos, enche todo lugar, região, cidade, grega ou bárbara, com a dedicação de casas reais e templos de Deus, à semelhança dos ornamentos e ofertas magníficas deste templo onde nos encontramos, os quais são verdadeiramente veneráveis e grandes, dignos de provocar espanto e admiração, e oferecem provas manifestas da realeza de nosso Salvador? Hoje ainda “ele falou e tudo existiu; ele mandou e tudo foi criado” (Sl 32,9; 148,5). Quem, com efeito, podia se opor à vontade do rei soberano, do chefe supremo, do Verbo de Deus? Esses (ornamentos e oferendas) necessitariam de um discurso especial para serem com vagar cuidadosamente examinados e descritos.

21. Entretanto, aquele que reconhecemos como Deus não julga tão importante a atividade dos que labutaram a fim de construir este edifício em comparação com o templo animado que sois todos vós e a casa constituída de pedras vivas (1Pd 2,5) e bem encaixadas, forte e solidamente erguida “sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, do qual é Cristo Jesus a pedra angular” (Ef 2,20). Rejeitaram-na (cf. Sl 117,22; Mt 21,42; Mc 12,10; Lc 20,17; 1Pd 2,7) não apenas os artífices da antiga casa agora inexistente, mas ainda os da construção até hoje subsistente, levantada por muitos, péssimos arquitetos de obras más. Mas o Pai experimentou a pedra angular; então e agora a colocou qual *pedra angular* desta Igreja, comum a todos nós.

22. Tal é, portanto, este templo vivo pertencente ao Deus vivo, que somos nós. Refiro-me ao santuário grandioso e verdadeiramente digno de Deus, cujo interior é inacessível, invisível à maioria, realmente santo e santo dos santos. Quem, depois de o ter contemplado, dele ousaria falar? Quem seria capaz de se curvar para olhar os seus recintos sagrados, senão o grande pontífice do universo, o único a perscrutar os mistérios da alma racional?

23. Talvez seja ainda lícito a outrem ocupar o segundo lugar depois de Cristo, mas somente a um só dentre seus pares, ao que foi nomeado general deste exército. O mesmo primeiro e sumo pontífice honrou-o com o segundo lugar dentre os outros sacerdotes terrenos. Trata-se do Pastor do vosso divino rebanho, que obteve o governo do povo por eleição e juízo do Pai, como se ele próprio o houvesse estabelecido enquanto servo e intérprete, novo Aarão ou Melquisedec, e que, assemelhando-se ao Filho de Deus,¹⁵⁴ permanece e graças às orações de todos nós é longamente mantido pelo Filho.

24. A este, portanto, somente, em seguimento do primeiro e sumo pontífice, seja lícito, senão em primeiro, ao menos em segundo lugar, contemplar e examinar o íntimo de vossas almas. A experiência e o tempo lhe permitiram conhecer exatamente a cada um de vós; seu zelo e solicitude vos firmaram na disciplina e doutrina da piedade. Mais que os outros, está realmente em condições de narrar suas grandes realizações, com o auxílio do poder divino, em palavras apropriadas às obras.

25. Nosso primeiro e sumo pontífice disse que “só aquilo que vê o Pai fazer, o Filho o faz igualmente” (Jo 5,19). Vosso pastor também, de certo modo fitando o mestre supremo com os olhos puros da mente, executa tudo aquilo que ele o vê fazer, e utilizando as ações dele como modelos e arquétipos, reproduz imagens tão fiéis quanto possível. Em nada fica atrás daquele Beseleel, que o próprio Deus encheu com espírito de sabedoria e de inteligência e de habilidade em arte e ciência, e destinou a ser o artífice da construção do templo através de “símbolos dos tipos celestes” (Ex 31,2-3; cf. Hb 8,5).

26. De igual modo, ele traz na alma a imagem do Cristo, com tudo o que ele é, o Verbo, a Sabedoria, a Luz. É indizível de que forma participastes de seu ardor, a fim de que de modo nenhum ficásseis atrás em grandeza de alma, em mão generosa e incansável; houve emulação da parte de todos vós, e magnanimidade dos doadores, relativamente às ofertas. Ele, portanto, pôs-se a construir este magnífico templo do Deus altíssimo, naturalmente segundo o modelo do templo perfeito, à medida que o visível pode se assemelhar ao invisível. Este local (é justo aludir a isto antes de tudo), estava entulhado de toda espécie de materiais impuros, devido aos maus desígnios dos inimigos. Ele não o desdenhou, nem cedeu à malícia dos culpados, embora tivesse sido possível escolher outro local — havia na cidade grande número de lugares adequados — onde o trabalho seria facilitado e muitas dificuldades seriam contornadas.

27. Por isso, ele próprio, em primeiro lugar, pôs mãos à obra; depois, estimulou o zelo do povo inteiro, e congregando-o qual uma só mão enorme, composta das mãos de todos unidos, encetou este primeiro combate. Ponderava que esta igreja, especialmente visada pelos inimigos na destruição, antes de nós fora a primeira a sofrer, sujeita a idênticas perseguições. Mãe, privada dos filhos, devia gozar com eles da magnificência do Deus inteiramente bom.

28. Por conseguinte, quando o grande pastor afugentou as feras selvagens, os lobos e toda espécie de animais ferozes e cruéis e quebrou as presas dos leões (cf. Sl 58,7), segundo as palavras das Escrituras divinas, houve por bem congregar novamente os filhos num só lugar e por isso, com pleno direito, também reedificar o redil do rebanho “para reprimir o inimigo e o perseguidor” (Sl 8,3), e opor uma refutação às audácias dos ímpios contra Deus.

29. E agora, os inimigos de Deus, que nem eram, já não existem (cf. Ap 17,8 e 11). Depois de terem por breve tempo causado terror, ficaram apavorados, porque foram submetidos a castigo indubitavelmente justo. Acarretaram ruína completa para si mesmos, seus amigos e suas casas, de tal sorte que as profecias, outrora insculpidas em estelas sagradas, revelaram-se realmente verdadeiras. Entre essas e outras mais, a palavra divina era verídica ao declarar sobre eles:

30. “Os ímpios desembainham a espada e retesam o arco para matar os retos de coração, para abater o pobre e o indigente. Mas a espada lhes entrará no coração e seus arcos serão quebrados” (Sl 36,14-15). E: “Sua lembrança sumiu com eco; pelo século e pelos séculos dos séculos apagaste o seu nome” (Sl 9,7.6), porque, mergulhados nos males, “eles gritam, e não há quem os salve; gritam ao Senhor, mas ele não lhes responde” (Sl 17,42). Todavia, “eles tropeçam e caem; nós, porém, nos levantamos e ficamos de pé” (Sl 19,9). E manifestou-se a verdade desta profecia aos olhos de todos: “Senhor, na tua

cidade reduziste a nada sua imagem” (Sl 72,20).

31. Estes, porém, à semelhança de gigantes, haviam empreendido uma luta contra Deus, e chegaram ao mesmo fim desastroso. Ao invés, a constância segundo Deus, abandonada e desprezada pelos homens, obteve os resultados que verificamos, conforme proclama a profecia de Isaías:

32. “Alegram-se o deserto e a terra seca, rejubile-se a estepe e floresça como o lírio; os desertos cobrir-se-ão de flores e exultarão. Fortalecei as mãos abatidas, revigoraí os joelhos cambaleantes. Consolai-vos, pusilânimes. Sede fortes, não temais. Eis que o nosso Deus vem para fazer justiça e fará justiça; ele vem para salvar-nos, porque, disse ele, a água jorrará no deserto e uma fonte na estepe. A terra seca se mudará em brejo, e a terra árida em mananciais de água” (Is 35,1-4; 6-7).

33. E essas palavras, outrora profetizadas oralmente, foram inscritas nos Livros Sagrados. Mas agora não nos são transmitidas por palavras, mas temos em realidade seu cumprimento. Esta igreja era deserta, árida, despojada e indefesa. “Como quem brande um machado no bosque, eles derribaram” as portas; “juntos, com machado e com martelo”, eles a tinham saqueado; destruíram seus livros; “atearam fogo no santuário de Deus; profanaram até à terra a morada de seu nome” (Sl 74,5-7). “Os viandantes” vindimavam esta igreja, depois de terem derrubado as cercas; “e o javali da floresta a devastava, e a fera solitária a devorava” (Sl 79,13-14). Agora, pelo maravilhoso poder de Cristo, quando ele quis, ela se tornou “como um lírio”. Com efeito, foi então conforme sua vontade que ela foi castigada por um pai vigilante, “pois o Senhor educa a quem ele ama, e castiga todo filho que ele acolhe” (Pr 3,11-12; Eclo 30,1-7; Hb 12,6; Ap 3,19).

34. Quando, pois, ela foi corrigida de forma comedida, como era preciso, recebeu do alto a ordem de se alegrar novamente; ela floriu “como um lírio”; rescende para todos os homens o odor divino, porque, diz a Escritura, “a água jorrou no deserto”, a onda da regeneração divina que confere a ablução salutar. E agora, o que há pouco tempo era deserto tornou-se “um brejo e na terra árida” brotou “uma fonte de água” viva, e “as mãos abatidas” se tornaram verdadeiramente fortes. Os presentes trabalhos são provas grandes e manifestas da força destas mãos. Mas, também os joelhos, outrora débeis e sem força, recuperaram a usual faculdade de andar e prosseguem, em linha reta, pelo caminho do conhecimento de Deus, apressando-se em direção do próprio rebanho, o do bom pastor.

35. E o Verbo Salvador não deixa sem assistência nem mesmo as almas entorpecidas, por causa das ameaças dos tiranos. Ao contrário, ele próprio dá-lhes tratamento e as estimula a aceitar a consolação que Deus lhes oferece, dizendo:

36. “Consolai-vos, corações pusilânimes. Sede fortes, não temais”. Nosso novo e esplêndido Zorobabel escutou, com o ouvido aguçado do espírito, depois deste amargo cativo e a “abominação da desolação”, a predição de que havia de gozar desses bens aquela que se tornara deserta por causa de Deus (Dn 9,27). Ele não desprezou o cadáver inanimado, porém antes de tudo, através de súplicas e sacrifícios, procurou tornar propício o Pai, com a unânime colaboração de todos vós. Depois, tendo tomado como aliado e auxiliar aquele que é o único a ressuscitar os mortos, reergueu a prostrada, previamente purificada e curada de seus males. Revestiu-a com uma veste, não a mesma de outrora, mas a referida pelos oráculos divinos, que anunciavam claramente: “A glória futura deste templo será maior do que a passada” (Ag 2,9).

37. Desta igreja, muito mais vasta que a primeira, ele delimitou todo o espaço. Consolidou o perímetro externo, cercado inteiramente de muralhas, de sorte a constituir uma segura fortificação do conjunto.

38. Abriu um vestíbulo, grande e elevado, voltado para os raios do sol levante, que oferecia de longe, fora dos recintos sagrados, uma ampla visão do interior;¹⁵⁵ mas também aos que são alheios à fé incita a dirigir o olhar para as primeiras entradas. Ninguém, aliás, podia passar diante do templo sem primeiro ficar penalizado ao se lembrar do abandono de outrora e da admirável e maravilhosa obra agora realizada. Talvez ele esperasse que alguém, assim compenetrado de dor, fosse atraído e impelido a entrar já pelo aspecto do edifício.

39. Não podem os que atravessam as portas penetrar lá dentro no santuário imediatamente com os pés sujos, não lavados; mas ele deixou o espaço maior possível entre o templo e as primeiras entradas, e ornou-o ao redor de quatro pórticos transversais; fez deste lugar um recinto quadrangular, com pequenas colunas que se erguem de todos os lados; os intervalos entre elas são fechados com grades proporcionais de madeira. No centro, um átrio a fim de se ver o céu, e oferecer ar luminoso, livremente exposto aos raios do sol.

40. Ali colocou os símbolos das purificações sagradas. Dispôs na frente do templo fontes para fornecerem em abundância água corrente onde podem se lavar os que penetram no recinto do templo. Este primeiro lugar pelo qual passam os que entram, oferece a todos beleza e agrado; e aos que ainda precisam das primeiras iniciações, apresenta a casa adaptada a suas necessidades.

41. Foi além, contudo, de proporcionar a visão desta entrada. O acesso ao templo se dá por meio de vestíbulos internos ainda mais numerosos. Abriu três portas de um só lado, expostas aos raios do sol, e aprouve-lhe que a do meio fosse muito mais alta e mais larga que as duas outras, decorada com placas de bronze firmadas com ferro e cinzeladas com relevos variados. Parecia uma rainha, e as duas outras, os guarda-costas.

42. De igual forma, providenciou pórticos de cada lado do templo, do mesmo número dos vestíbulos. Para iluminar de cima esses vestíbulos com bastante luz, planejou diferentes aberturas no edifício e proveu-as igualmente de vários ornamentos esculpidos em madeira. Quanto à própria basílica, ele a construiu com materiais ainda mais ricos e valiosos, e agiu com irrestrita liberalidade nos gastos.

43. Seria ocioso agora descrever o comprimento e a largura do edifício, a beleza esplêndida, a grandeza além de qualquer palavra, o aspecto resplandecente das obras de que estou percorrendo, a altura que vai até o céu, os preciosos cedros do Líbano empregados no edifício. O oráculo divino não silencia a menção deles: “As árvores do Senhor se alegram, disse, e os cedros do Líbano que ele plantou” (Sl 103,16).

44. Por que hei de descrever agora exatamente o plano arquitetônico cheio de sabedoria, a suprema beleza de cada uma das partes, se o testemunho da vista dispensa a notícia através do ouvido? Havendo assim terminado o templo, ornou-o de tronos elevados para honrar os que presidem, e além disso bancos dispostos em ordem para o conjunto (do clero), como convinha. Em seguida, colocou no meio o santo altar dos santos mistérios; e para torná-lo inacessível ao povo, cercou-o de grades de madeira reticulada, até em cima talhadas com fina arte, de sorte a oferecer um espetáculo admirável.¹⁵⁶

45. O pavimento também não foi descuidado; recobriu-o perfeitamente de mármore muito belo. Cuidou igualmente do exterior do templo. Mandou fazer com arte, de cada lado, êxedras e construções muito grandes artisticamente unidas, apoiadas nos flancos da basílica e ligadas por lanços à nave principal. Edificado o templo de Deus, nosso pacífico Salomão, mandou ainda construir os locais destinados aos

ainda necessitados da purificação e das abluções pela água e pelo Espírito Santo, de sorte que a profecia supracitada não ficou em palavras, mas realmente cumpriu-se.

46. Agora, com efeito, é verdade ser “a glória futura deste templo maior do que a passada” (Ag 2,9). Pois, visto que seu Pastor e Mestre uma vez por todas sofreu a morte pela Igreja, e após a paixão, transferiu o corpo, que ele havia revestido devido às manchas por ela contraídas, para o fulgor e a glória, e conduziu a carne que redimira da corrupção à incorrupção, era preciso e conseqüente que esta Igreja colhesse igualmente os frutos da economia do Salvador. Uma vez que dele recebeu a promessa de bens muito superiores aos terrenos, aspira a alcançar de forma durável, nos séculos futuros, a glória muito maior da regeneração pela ressurreição de um corpo incorruptível, na companhia do coro dos anjos de luz, no supraceleste reino de Deus, com o próprio Cristo Jesus, o benfeitor e Salvador universal.

47. Mas, com efeito, também atualmente, aquela outrora abandonada e desvalida, por graça de Deus, está circundada de flores. Tornou-se, na verdade, um lírio (Is 35,1), conforme a profecia; recuperou a veste nupcial e cingiu a coroa de decoro; foi instruída por Isaías a estar à frente do coro, para cantar a ação de graças a Deus nosso rei, glorificando-o com palavras de louvor.

48. Escutemo-la: “A minha alma se regozije no Senhor; porque ele me vestiu com vestiduras de salvação, cobriu-me com uma túnica de alegria; como um noivo que se adorna com um diadema, como uma noiva que se enfeita com as suas jóias. Com efeito, como a terra faz brotar a sua vegetação, e o jardim faz germinar as suas sementes, assim o Senhor Deus faz germinar a justiça e o louvor na presença de todas as nações” (Is 61,10). Com estas palavras conduz o coro.

49. De seu lado, em termos semelhantes, o esposo, o Verbo celeste, o próprio Jesus Cristo, lhe responde. Escuta o que diz o Senhor: “Não temas, porque foste envergonhada; não fiques confundida, porque foste humilhada. Com efeito, hás de esquecer tua eterna condição vergonhosa; não tornarás a lembrar o opróbrio da tua viuvez. Não foi como a uma esposa abandonada e acabrunhada que o Senhor te chamou, nem como à mulher repudiada desde sua mocidade. Teu Deus te diz: Por um pouco de tempo te abandonei, mas agora com grande compaixão torno a recolher-te. Em um momento de cólera, escondi de ti o meu rosto, mas com eterna compaixão me compadecei de ti, diz o Senhor, o teu redentor” (Is 54,4.6-8).

50. Levanta-te, levanta-te, tu que bebestes da mão do Senhor a taça da sua cólera; sim, o cálice, a taça da vertigem, o vaso de minha cólera, tu o bebestes, o esvaziaste. Dentre todos os filhos que deste à luz, nenhum que te console, ne-nhum que te tome pela mão. Certamente, vou tirar das tuas mãos a taça da vertigem, isto é, o cálice, a taça da mi-nha cólera. Tu não tornarás a bebê-la jamais. Antes, pô-la-ei nas mãos dos teus opressores, e que te têm humilhado.

51. “Desperta, desperta, mune-te da tua força, põe as vestes de gala. Sacode de ti o pó, e levanta-te. Assenta-te, desata as cadeias do teu pescoço” (Is 51,17-18.22-23; 52,1-2). Levanta os olhos em torno e vê: todos os teus filhos se reúnem e vêm a ti. Por minha vida, oráculo do Senhor, todos eles são como um adorno de que te cobres, tu te cin-girás deles como uma noiva. Com efeito, as tuas desolações, os teus ermos, a tua terra em ruína são agora estreitos demais para os teus habitantes e os teus devoradores estão longe.

52. “Os teus filhos de que estavas privada ainda dirão aos teus ouvidos: ‘O espaço é muito estreito para mim; arranja-me lugar para que eu tenha onde morar’. Então dirás no teu coração: ‘Quem me deu

à luz todos esses? Pois eu sou estéril e viúva. Estes, quem os criou? Eu tinha sido deixada só. Onde, então, estavam estes?’ ” (Is 49,18-21).

53. Tudo isso profetizou Isaías e com grande antecedência foi consignado a nosso respeito nos Livros Sagrados. Mas era preciso de algum modo que a veracidade dessas profecias fosse enfim apreendida através dos fatos.

54. Mas depois que o Esposo, o Verbo, dirigira tais palavras a sua esposa, a santa e sagrada Igreja, era conveniente que o paraninfo aqui presente (cf. Mt 9,15) que, pelas orações comuns de todos vós, fez estenderem-se vossas mãos, devia reerguer a abandonada, que jazia inanima-da, sem esperança da parte dos homens; pela vontade de Deus, o rei universal, e a manifestação do poder de Jesus Cristo, era preciso que ele a ressuscitasse, e uma vez ressurgida, a instituisse conforme o ensinamento dos oráculos sagrados.

55. Constitui, portanto, na verdade, grande maravilha, além de toda admiração, sobretudo para aqueles cujo espírito apenas atende às aparências externas das coisas. Mais maravilhoso do que este prodígio, porém, são os arquétipos e protótipos inteligíveis, modelos divinos, isto é, a renovação do edifício divino e racional das almas.

56. O próprio Filho de Deus o construiu à sua imagem e, por toda a parte e em tudo, deu-lhe a semelhança divina, a saber, uma natureza incorruptível, incorporeal, racional, livre de qualquer matéria terrestre, uma essência por si mesma inteligente. Uma vez que a fez passar do nada ao ser, para si e seu Pai, criou-a qual santa esposa, templo inteiramente sagrado. Ele mesmo o manifesta claramente, nesses termos: “Em meio a eles habitarei e caminharei, serei o seu Deus e eles serão o meu povo” (2Cor 6,16; cf. Lv 26,12; Ez 37,27). Tal era a alma perfeita e purificada, criada desta forma desde o começo, enquanto trazia a imagem do Verbo celeste.

57. Mas, em conseqüência da inveja e do ciúme do demônio maligno, voluntariamente começou a amar as sensações e o mal. Por isso, tendo dela se apartado a divindade, e de certo modo estando abandonada por seu protetor, tornou-se presa fácil, propensa a cair nas ciladas, e foi vencida pelos que longamente a invejavam. Derrubada pelas máquinas e engenhos dos inimigos invisíveis e adversários espirituais, levou miserável queda, de sorte que de sua virtude não restou pedra sobre pedra (cf. Mt 24,2; Mc 13,2; Lc 21,6). Em tudo e por tudo, jazia morta por terra, e privada naturalmente de conceitos a respeito de Deus.

58. Com efeito, ao cair a criatura feita à imagem de Deus, não foi o “javali da floresta” (Sl 79,14) visível, que a devastou, mas um demônio corruptor e feras espirituais, que inflamaram nela as paixões, de certo modo através dos “dardos inflamados” (Ef 6,16) de sua própria malícia: “atearam fogo no santuário” realmente “de Deus; profanaram até à terra a morada de seu nome” (Sl 73,7). Depois, tendo sepultado a infeliz sob um montão de terra, lançaram-na em completo desespero da salvação.

59. Mas seu defensor, o Verbo, luz divina e Salvador, após justo castigo de seus pecados, acolheu-a novamente, atendendo ao amor do Pai cheio de bondade para com os homens.

60. Havendo previamente escolhido as almas dos imperadores não elevados em dignidade, o Verbo começou por purificar toda a terra de homens ímpios e perniciosos, bem como dos próprios tiranos cruéis e inimigos de Deus, por intermédio dos príncipes muito amados de Deus. Em seguida, tornou público os seus íntimos, anteriormente a ele consagrados como sacerdotes vitalícios e que, envolvidos

numa tempestade de tribulações, abrigavam-se sob sua proteção; honrou-os dignamente com as magnificências do Pai. Enfim, as almas, também elas, que pouco antes se haviam maculado, e estavam sob um acúmulo de materiais de toda espécie em consequência dos mandamentos ímpios, purificou-as e limpou-as, por meio daqueles bispos, com picaretas e enxadas de duas pontas, isto é, com os ensinamentos penetrantes da doutrina.

61. Depois de ter tornado esplêndido e brilhante o campo da inteligência de todos vós, doravante confiou o múnus a este nosso chefe, prudentíssimo e amado por Deus. E ele, aliás, cheio de bom senso e prudência, soube reconhecer e discernir o grau de inteligência das almas que lhe foram confiadas. Desde o primeiro dia, por assim dizer, até hoje não cessou de construir. Aplica em vós ora o ouro brilhante, ora a prata acrisolada e pura, as pedras preciosas de grande valor, de sorte que em vós realiza por suas obras a profecia sagrada e mística, assim formulada:

62. “Certamente vou revestir de carbúnculo as tuas pedras; vou estabelecer os teus alicerces sobre a safira. Farei de jaspe as tuas ameias; e de cristal de rocha as tuas portas, de pedras preciosas todas as tuas muralhas. Todos os teus filhos serão discípulos de Deus; grande será a paz dos teus filhos. Serás edificada sobre a justiça” (Is 54,11-14).

63. Sim, é na justiça que ele constrói e é segundo o mérito do povo inteiro que ele distribui as funções.¹⁵⁷ A uns, ele os circunda só da muralha exterior, cercando-os, como de um muro, de uma fé isenta de erro; numerosa, grande é a multidão dos incapazes de sustentar maior construção. A outros, confia o ingresso da casa, e ordena-lhes guardarem as portas e guiarem os que entram. São considerados com razão os guardiões do templo. Outros, ele os apóia sobre as primeiras colunas exteriores, dos quatro lados do átrio; ele os faz avançar sobre as primeiras interpretações da letra dos quatro evangelhos. A outros ainda, aproxima-os estreitamente de cada lado da basílica: são os catecúmenos, em crescimento e progresso, entretanto não são afastados por muito tempo da visão dos objetos interiores, idêntica à dos fiéis.

64. Entre esses últimos, escolhe as almas puras como ouro acrisolado, através do banho divino do batismo. Apóia a alguns em colunas mais fortes que as externas, isto é, as doutrinas místicas mais profundas das Escrituras; a outros, esclarece-os pelas aberturas voltadas para a luz.

65. Decora o templo inteiro com a única porta enorme da entrada em glorificação do rei soberano, um só e único Deus. Dispõe de cada lado do Pai soberano, os segundos raios da luz, o Cristo e o Espírito Santo. Ademais, através da igreja inteira, ele mostra, de modo irrestrito e bem variado, a claridade e a luz da verdade com pormenores. Por toda a parte e de todos os lados, ele escolhe as pedras vivas, sólidas, bem ajustadas das almas; e utilizando-as, prepara a grande morada real, brilhante, cheia de luz, por dentro e por fora, porque não somente a alma e a mente, mas também o corpo resplandece com a beleza das muitas flores da castidade e da sobriedade.

66. Há ainda neste santuário tronos e inumeráveis bancos e assentos, isto é, tantas almas sobre as quais pousaram os dons do Espírito Santo, tais como se manifestaram outrora nos santos apóstolos e os circunstantes; apareceram “como línguas de fogo, que se distribuíram e foram pousar sobre cada um deles” (At 2,3).

67. Mas, no chefe de todos justamente habita o próprio Cristo todo inteiro, enquanto nos que vêm em seguida, ele está à medida que participa cada qual do poder de Cristo e do Espírito Santo. Talvez os assentos dos anjos sejam as almas individuais que lhes foram confiadas a fim de serem instruídas e guardadas.

68. Que seria, porém, o venerável, grande e único altar senão o santo dos santos, a puríssima alma do sacerdote da comunidade? Junto dele, ao lado direito, está de pé o grande Pontífice do universo, Jesus, o Unigênito de Deus. Ele recebe com fisionomia jovial e mãos estendidas o odorífero incenso e os sacrifícios incruentos e imateriais das orações, oferecidos por todos os fiéis, e apresenta-os ao Pai do céu, o Deus do universo. Em primeiro lugar, ele próprio o adora e, sozinho, rende ao Pai a condigna homenagem; em seguida, pede-lhe que se nos mostre para sempre benevolente e propício.

69. Tal é o grande templo construído, em toda a terra sob o sol, pelo Verbo, o grande demiurgo do universo, depois de ter mais uma vez formado sobre a terra esta imagem inteligível das abóbadas celestes, de sorte a ser aí honrado e reverenciado o Pai, pela criação inteira e os seres vivos e racionais que estão sobre a terra.

70. Nenhum mortal é capaz de cantar dignamente a região supraceleste e os exemplares que aí se encontram das realidades terrenas, a Jerusalém denominada Jerusalém do alto e a montanha celeste de Sião, a cidade supracósmica do Deus vivo, no qual miríades de coros angélicos e a Igreja dos primogênitos inscritos nos céus (cf. Hb 12,22-23) celebram, em hinos inefáveis e inacessíveis a nossa razão, seu criador e chefe supremo do universo. Efetivamente, “os olhos não viram, os ouvidos não ouviram e o coração do homem não percebeu o que Deus preparou para aqueles que o amam” (1Cor 2,9).

71. Tendo sido julgados dignos de participar destes bens, homens, crianças e mulheres, pequenos e grandes, todos juntos, num só espírito e numa só alma, não cessamos de confessar e bendizer o autor de tão grandes benefícios, “aquele que perdoa nossas culpas todas e cura todos os nossos males. É ele quem redime a nossa vida da cova e nos coroa de piedade e compaixão. É ele quem cumula de bens nosso desejo, porque nunca nos trata conforme os nossos erros, nem nos devolve segundo as nossas culpas. Como o Oriente está longe do Ocidente, ele afasta de nós as nossas transgressões; como um pai é compassivo com seus filhos, o Senhor é compassivo com aqueles que o temem” (Sl 102,3-5.10.12.13).

72. Reavivemos a memória dessas bondades divinas agora e para sempre. Contemplemos espiritualmente Cristo, autor e chefe da presente assembléia e deste dia brilhante e muito luminoso, noite e dia, em todas as horas e, por assim dizer, em cada sopro da respiração. Amemo-lo e veneremo-lo com toda a força de nossa alma. E agora, levantemo-nos e supliquemos-lhe de bom grado, em alta voz, que nos guarde até o fim em seu redil (cf. Jo 10,16), que nos salve e nos conceda o prêmio da vitória, a paz inquebrantável, inabalável, eterna, em Cristo Jesus nosso Salvador, por quem seja dada glória a Deus em todos os séculos dos séculos. Amém!

CAPÍTULO 5

Cópia das constituições imperiais relativas aos cristãos

1. E agora, enfim, citemos os mandamentos imperiais de Constantino e de Licínio, traduzidos para a língua latina. [158](#)

CÓPIA DOS MANDAMENTOS IMPERIAIS, TRADUZIDOS DO LATIM.

2. “Há muito, considerando que não se deve recusar a liberdade de religião, mas que é preciso deixar à razão e à vontade de cada um a faculdade de se ocupar das coisas divinas, conforme preferir, ordenamos que também os cristãos se conservem fiéis à própria convicção e à sua religião.

3. Mas levando em conta que numerosas são as cláusulas evidentemente acrescentadas ao rescrito, que tal permissão outorgava a eles, talvez tenha sucedido que alguns dentre eles pouco depois tenham recuado diante da prática de tal culto.

4. Por conseguinte, quando eu, Constantino Augusto, e eu, Licínio Augusto, chegamos felizmente a Milão e procurávamos tudo o que importava à utilidade e ao bem comum, entre outras coisas que nos pareciam proveitosas em geral, de vários pontos de vista, resolvemos, em primeiro lugar e antes de tudo, dar ordens para assegurar o respeito e a honra à divindade, isto é, decidimos conceder aos cristãos e a todos os outros a livre escolha de seguir a religião que quisessem, de tal modo que tudo que possa haver de divindade e de poder celeste nos seja propício, a nós e a todos os que vivem sob nossa autoridade.

5. Assim, pois, num retíssimo e salutar propósito, declaramos nossa vontade de que a ninguém absolutamente se recuse a liberdade de seguir e preferir a observância ou a religião dos cristãos e de que seja concedida a cada qual a liberdade de dar consciente adesão à religião que julgar melhor, de sorte que possamos contar sempre com a habitual providência e a benevolência da divindade.

6. Assim, fez-se mister que nos aprouvesse publicar este rescrito, a fim de que, após a supressão completa das cláusulas contidas em nossas cartas anteriores a Tua Excelência a respeito dos cristãos, ficasse abolido o que se mostrasse inteiramente injusto e contrário à nossa brandura, e que agora, livre e simplesmente, cada um daqueles que tomaram a livre decisão de praticar a religião dos cristãos, possa observá-la sem nenhum impedimento.

7. Eis o que decidimos declarar absolutamente a Tua Solitude, a fim de que saiba termos concedido aos mencionados cristãos a faculdade livre e desimpedida de praticar a própria religião.

8. Uma vez que Tua Excelência vê que lhes concedemos esta liberdade irrestrita, igualmente aos outros que quiserem é facultado seguir sua própria observância e religião, conforme evidentemente convém à tranqüilidade de nossa época. Assim, cada qual tem o poder de escolher e praticar a religião que quiser. Isso resolvemos de sorte que não pareçamos diminuir o rito ou a religião de ninguém.

9. E, além disso, eis nossas determinações relativas aos cristãos. Os locais, onde eles costumavam anteriormente se reunir, e a respeito dos quais, numa prévia carta a Tua Excelência, outra norma havia sido prefixada, se talvez tenham sido comprados por nosso fisco, ou outro qualquer, sejam devolvidas aos mesmos cristãos sem pagamento nem reclamação de compensação, excluída toda espécie de negligência e equívoco. E se a alguns foram doados esses locais, restituam-nos o mais depressa possível aos cristãos.

10. Assim, se os compradores dos ditos locais ou aqueles que os receberam de presente queiram reclamar algo de nossa benevolência, apresentem-se ao tribunal do juiz local, a fim de que, por nossa benignidade, seja-lhes atribuída certa compensação. Atenda a que todos esses bens sejam devolvidos integral e imediatamente à corporação dos cristãos.

11. E visto que os supracitados cristãos não possuíam apenas os locais das reuniões costumeiras, mas é sabido que são proprietários de outros lugares não pertencentes a particulares, mas de direito a toda a corporação,¹⁵⁹ isto é, à comunidade dos cristãos, ordena que o total desses bens, segundo a lei acima citada, sejam incontestavelmente devolvidos na íntegra, aos ditos cristãos, isto é, à sua corporação e assembléia. As preditas disposições sejam manifestamente observadas, de tal sorte que os que os restituírem gratuitamente, conforme dissemos acima, aguardem uma indenização, graças à nossa

generosidade.

12. Em tudo isso, emprega o zelo mais eficaz para com a dita corporação cristã, a fim de que se cumpra o nosso mandamento o mais rapidamente possível, e também nesta questão, graças a nossa benevolência, se dê provisão à paz comum e pública.

13. Com efeito, por esta disposição, conforme declarado acima, a solicitude divina para conosco, já experimentada em muitas circunstâncias, há de permanecer firme em todo tempo.

14. E a fim de que os termos da presente lei e de nossa generosidade possam chegar ao conhecimento de todos, importa que o que escrevemos seja afixado por sua ordem, e em todos os lugares publicado para informação geral, de tal sorte que ninguém ignore a lei proveniente de nossa generosidade.

15. CÓPIA DE OUTRO MANDAMENTO IMPERIAL, EMITIDO AINDA COM A FINALIDADE DE PRESCREVER O BENEFÍCIO APENAS PARA A IGREJA CATÓLICA.

Ao venerando Anulino, saudações. O amor ao bem impele-nos habitualmente ao propósito de que toda propriedade alheia não somente não sofra dano, mas também (se for o caso), seja restituída, venerando Anulino.^{[160](#)}

16. Em consequência, determinamos que, ao receber esta carta, se ainda se encontram interditados, seja por cidadãos, seja por alguns outros, em qualquer cidade ou em outros lugares, bens pertencentes à Igreja católica dos cristãos, ordena imediatamente sua devolução a essas mesmas Igrejas, pois decidimos que as primitivas propriedades destas Igrejas retornem a seu domínio.

17. Visto que, conseqüentemente, tua Excelência compreende ser bem clara a formulação de nosso mandamento, que se apresse a restituir o mais depressa todas as coisas, jardins, casas, ou quaisquer bens pertencentes de direito às ditas Igrejas, e certifica-nos de que prestou a mais exata obediência ao presente mandamento. Boa saúde, caríssimo e venerando Anulino.”

18. CÓPIA DA CARTA DO IMPERADOR PELA QUAL ORDENA A CONVOCAÇÃO EM ROMA DE UM SÍNODO DE BISPOS, PARA A UNIÃO E CONCÓRDIA DAS IGREJAS.

“Constantino Augusto ao bispo de Roma Milcíades, e a Marcos. Numerosos e importantes escritos me enviou Anulino, o ilustríssimo procônsul da África, os quais referem ter sido Ceciliano, bispo da cidade de Cartago, censurado em muitos pontos por alguns de seus colegas que governam na África.^{[161](#)} Penaliza-me que, nestas províncias livremente confiadas pela divina Providência a Minha Dedicção, e nas quais numerosa é a multidão de povo, reine agitação por ínfima questão, com dissensão e divergência entre bispos.

19. Em consequência, aprouve-me que Ceciliano embarque para Roma, acompanhado de dez bispos dos que talvez o censurem e de dez outros que ele julgar necessários à defesa da própria causa, a fim de que lá, em sua presença e em presença de Retício, de Materno e de Marino, seus colegas, aos quais ordenei que fossem imediatamente a Roma com esta finalidade, ele possa ser ouvido, como é de seu conhecimento ser conforme à lei augusta.

20. Aliás, em vista de que possa ter cabal informação sobre essas questões, anexo à minha carta cópias dos documentos que me enviou Anulino, e remeti a seus ditos colegas. Uma vez lidos, Vossa Firmeza julgará de que maneira deve examinar minuciosamente a causa e encerrá-la de acordo com a justiça. Não escapa a Vossa Solicitude que, presentemente, dedico tal respeito à legítima Igreja católica que é de minha vontade que não tolere de modo algum cisma ou divisão, seja onde for. A divindade do grande Deus o guarde, venerando bispo, por numerosos anos.”

21. CÓPIA DA CARTA DO IMPERADOR, PELA QUAL ORDENA A REALIZAÇÃO DO SEGUNDO SÍNODO, PARA ELIMINAR QUALQUER DIVISÃO ENTRE OS BISPOS.

“Constantino Augusto a Cresto, bispo de Siracusa. Já anteriormente, quando maligna e perversamente, alguns começaram a se dividir a respeito da religião, do poder santo e celeste e da doutrina católica, no intuito de cortar inteiramente tais querelas entre eles, decidi chamar da Gália alguns bispos e convidar da África os que, em cada um dos partidos opostos, combatiam uns com os outros de forma obstinada e perseverante, a fim de que na presença do bispo de Roma, a questão que aparentava ser objeto das disputas pudesse, graças à presença deles, receber solução eqüitativa após exame completo e apurado da questão.

22. Mas, como costuma acontecer, alguns esqueceram-se até da própria salvação e da veneração devida à santíssima religião e, agora ainda, não cessam de sustentar as inimizades, sem querer conformar-se ao juízo já proferido.

Afirmam que foi somente uma minoria a expressar a própria opinião e sentença, ou ainda que, sem prévio e cuidadoso exame, foi emitido um juízo rápido e precipitado de tudo o que devia ser pesquisado. Daí provém que aqueles mesmos que deviam manter entre si concórdia fraterna e unânime, separaram-se de forma vergonhosa, ou antes abominável, oferecendo pretexto para zombaria aos homens cujas almas estão distanciadas da santíssima religião. Por conseguinte, tive de providenciar que possa ao menos agora, em presença de tantos, chegar a um termo a questão que, uma vez proferido o julgamento, deveria ter terminado com livre assentimento.

23. Temos, portanto, dado ordens a um grande número de bispos, vindos de muitos lugares diferentes, a que se reunissem na cidade de Arles,¹⁶² nas calendas de agosto, e por isso aprove-nos escrever-lhe que assuma o posto público, ao lado do ilustríssimo Latroniano, governador da Sicília, tendo consigo como adjuntos dois homens da segunda ordem que escolher, mais três escravos, aptos a servir-lhe durante a viagem, a fim de que possa encontrar-se naquele local no prazo determinado.

24. Deste modo, por meio de Tua Firmeza e da decisão conscienciosa, unânime e comum dos outros bispos reunidos, esta disputa, que infelizmente se estende até hoje devido a vergonhosas rivalidades, uma vez ouvidas as declarações de homens agora divididos e aos quais igualmente demos ordem de se apresentarem, poderá, embora tardiamente, ceder lugar a condições dignas da religião, da fé e da unanimidade fraterna. Que Deus todo-poderoso o guarde em saúde por numerosos anos.”

CAPÍTULO 6

1. *Cópia da carta imperial pela qual se concedem bens às Igrejas*

“Constantino Augusto a Ceciliano, bispo de Cartago. Uma vez que me aprove contribuir em todas as províncias nas Áfricas, Numídias e Mauritânias, para as despesas de determinados servidores da santíssima religião católica, reconhecida pelas leis, enviei uma carta ao ótimo Urso, “*rationalis*” da África, e declarei-lhe que providenciasse a entrega de três mil *folles* contados a Tua Firmeza.

2. Uma vez recebido o pagamento da dita soma, ordena que essas quantias sejam distribuídas a todos os que anteriormente foram designados no memorando que Óssio¹⁶³ te enviou.

3. Mas se notares que falta alguma coisa para se completar o que determinei a respeito deste ponto em relação a todos eles, reclama de Heráclides, nosso procurador, aquilo que incontestavelmente verificar ser necessário. Com efeito, ordenei-lhe verbalmente que, se Tua firmeza lhe pedir dinheiro, cuide de contá-lo e entregá-lo sem hesitação.

4. Fui informado de que alguns de opinião inconsistente querem seduzir o povo, conduzindo-o da santíssima Igreja católica a uma doutrina perversa e falsa. Saiba que emiti ordens ao procônsul Anulino e também a Patrício, o vigário dos prefeitos, ali presentes, que dêem atenção conveniente a todos os outros assuntos e principalmente a este e não se deixem levar por negligência relativa à questão.

5. Por isso, se vires tais homens persistirem na insensatez, recorre sem hesitação aos supracitados juízes, e entrega-lhes a causa, a fim de que possam afastar do erro os demais, segundo lhes ordenei verbalmente. O poder do grande Deus o guarde durante numerosos anos.”

CAPÍTULO 7

1. *Cópia da carta imperial pela qual fica ordenado que os chefes das Igrejas sejam isentos de todo encargo público*¹⁶⁴

“Venerando Anulino, saudações. Na maior parte dos casos, o menosprezo da religião que conserva o máximo respeito à santíssima majestade celeste, manifestamente acarreta grandes perigos para os negócios públicos; ao invés, se acolhida e praticada conforme as leis, traz grande prosperidade ao nome romano e felicidade peculiar a todos os negócios humanos. São os benefícios de Deus que proporcionam essas vantagens. Em consequência, venerando Anulino, julguei oportuno, que os homens que, com a devida santidade e zelo por esta lei, prestam com solicitude serviço à religião divina, recebam condignas recompensas de suas fadigas.

2. Por isso quero que uma vez por todas, dentro da província que lhe foi confiada, os usualmente denominados clérigos que, na Igreja católica à qual está preposto Ceciliano, exercem o ministério em prol da santa religião, estejam isentos simplesmente, uma vez por todas, dos encargos públicos, a fim de não se afastarem por erro ou desvio sacrílego do serviço devido à divindade, mas, ao contrário, bem desimpedidos obedeçam a sua própria lei. Se eles prestam à divindade profunda adoração, sem dúvida há de derivar daí o maior bem para os negócios públicos. Saudações, Anulino caríssimo, assaz venerando.”

CAPÍTULO 8

Perversão de Licínio, mais tarde manifestada, e seu fim trágico

1. Tais eram, portanto, os dons provenientes da graça divina e celeste da manifestação de nosso Salvador; tal era também para todos os homens a afluência de bens oriundos da paz. E assim nossa época decorria com regozijo e em meio a festivas assembléias.

2. Mas, tal espetáculo era insuportável à inveja do demônio, que detesta o bem e ama o mal. Assim, pois, também a Licínio, para sugerir-lhe prudente reflexão, não foram suficientes os acontecimentos, mais acima relatados, atinentes aos tiranos. Ele, que fora julgado digno de ter próspero governo, de ser honrado ocupando o lugar imediatamente após o grande imperador Constantino, de entrar pelo casamento na família deste, contraindo a mais alta aliança, deixou de imitar os bons, e tornou-se êmulo da perversidade e malícia dos tiranos ímpios.¹⁶⁵ Apesar de ter visto, com os próprios olhos, o fim trágico da vida deles, preferiu as opiniões destes últimos à amizade e afeição de quem lhe era superior.

3. Cheio de inveja daquele que o havia cumulado de benefícios, declarou-lhe guerra criminosa, em extremo impiedosa, desobedecendo às leis da natureza, e extirpando do espírito a lembrança dos

juramentos, do sangue, dos tratados.

4. A ele, efetivamente o imperador cheio de bondade havia oferecido sinais de verdadeira benevolência: não desdenhara a afinidade com ele; não lhe recusara o casamento brilhante com sua própria irmã. Bem mais, fora julgado digno de torná-lo partícipe da nobreza que recebera dos pais, do sangue imperial que devia aos antepassados; havia-lhe concedido partilhar o poder soberano, como parente e co-imperador. Tinha-lhe outorgado governar e reger não pequena porção dos povos sujeitos aos romanos.

5. Mas Licínio, ao invés, agia de forma oposta; urdia cada dia maquinações contra seu superior, e imaginava toda espécie de ciladas, de certo modo correspondendo com malignidade ao benfeitor. Primeiro, pois, tentando dissimular suas tramas, fingia-se amigo; e aplicando-se o mais das vezes à astúcia e ao dolo, esperava alcançar facilmente a meta desejada.

6. Para Constantino, Deus era amigo, protetor e guarda; trouxe à luz as conjurações planejadas secretamente e na sombra, e superou-as. Extremamente eficaz é a grande arma da piedade para assegurar a proteção contra os inimigos e salvaguardar a salvação do indivíduo. Sob a proteção de tal arma, nosso imperador, muito amado de Deus, escapou às conjurações deste astuto, cujo nome se tornou odioso.

7. Ao verificar que suas tramas secretas não resultavam de forma alguma a seu gosto, porque Deus revelava toda astúcia e malícia ao imperador, amado de Deus, e não conseguindo mais dissimular, empreendeu guerra declarada.

8. Ao mesmo tempo que decidia lutar contra Constantino, já se dispunha a combater contra o Deus do universo, que sabia ser por ele honrado. Em seguida, no início cautelosa e silenciosamente, empreendeu atacar os súditos que eram religiosos e jamais absolutamente se haviam mostrado hostis a seu poder. Assim agia, arrastado por malícia natural, cruelmente exercida.

9. Não tinha, com efeito, diante dos olhos a lembrança dos que, antes dele, haviam perseguido os cristãos, nem daqueles que ele próprio havia eliminado, e cujas impiedades havia punido; mas, afastando-se da prudência, com o espírito evidentemente perturbado pela loucura, determinara guerrear contra o próprio Deus, enquanto protetor de Constantino, ao invés de combater o protegido.

10. Em primeiro lugar, expulsou da corte todos os cristãos, privando-se a si próprio, o infeliz, da oração que a Deus eles dirigiam em seu favor, da oração que, segundo doutrina dos maiores, devem eles fazer por todos os homens (cf. 2Tm 2,1-2). Depois, ordenou que, em cada cidade, fossem licenciados e privados da dignidade de seu posto os soldados que não aceitassem sacrificar aos demônios. E isso ainda foi pouco em comparação com medidas mais graves.

11. Por que relembrar, um após outro em pormenores, os atos do inimigo de Deus, e como este homem absolutamente fora da lei inventou leis ilegais. Decretou que os infelizes prisioneiros não seriam mais tratados de forma humanitária com distribuição de alimentos, ou não beneficiariam de compaixão alguma aqueles que se achavam algemados, definhando de fome. Decidiu que absolutamente ninguém poderia exercer a bondade e aqueles que, por natureza, eram inclinados à simpatia para com o próximo, não deviam praticar o bem. E entre suas leis havia uma inteiramente impudente e cruel; ultrapassava qualquer sentimento natural e civilizado. Sancionava um castigo para os compassivos, a saber, sofreriam a mesma pena que aqueles dos quais se haviam apiedado, seriam carregados de cadeias e encerrados nas prisões, e os que se mostrassem humanitários seriam submetidos ao mesmo

castigo que os condenados.

12. Tais eram as ordens de Licínio. Por que enunciar as novidades sobre os casamentos ou suas inovações acerca dos que saíam desta vida? Ousando ab-rogar as antigas leis romanas, reta e sabiamente estabelecidas, promulgou, em substituição, leis bárbaras e selvagens, verdadeiramente ilegais e contrárias às leis.

Inventou milhares de inspeções contra as nações subjugadas, todo gênero de exações em ouro e prata, novas cobranças sobre as terras e impostos pesados infligidos a homens que já não se achavam nos campos, mas que estavam mortos havia muito.

13. Quantas penas de exílio, este inimigo dos homens não infligiu a quem não havia cometido injustiça? Quantas prisões de cidadãos bem-nascidos e dignos de estima, cujas esposas legítimas ele obrigava a divorciar-se, para ser entregues a familiares corrompidos que as ultrajavam com ações vergonhosas? A quantas mulheres casadas e jovens virgens, esse velho decrépito não insultava, para satisfazer seus desejos desregrados? Para que prolongar esta lista, quando o excesso de seus últimos atos prova que os primeiros eram de pouca monta e mesmo absolutamente nada?

14. No cúmulo da loucura, atacou os bispos, visto que os considerava já enquanto ministros do Deus soberano, opositores de sua conduta; dirigia-lhes ciladas não ainda publicamente, mas oculta e astuciosamente, por receio do imperador que lhe era superior, e eliminava os mais reputados dentre eles através de insídias da parte dos governadores.¹⁶⁶ E o gênero de morte empregado contra eles era estranho e inaudito.

15. Os acontecimentos em Amásia e outras cidades do Ponto superam qualquer outro em excesso de crueldade. Ali, dentre as igrejas de Deus, umas foram novamente arrasadas, de alto a baixo; outras foram trancadas à chave a fim de que os que habitualmente ali se reuniam não o pudessem mais fazer, nem prestar a Deus a devida adoração.

16. Com a consciência onerada, não imaginava que, de fato, dali se elevavam preces em seu favor, mas estava persuadido de que fazíamos tudo pelo imperador amado por Deus, que lhe tornávamos propício. Desde então começou a descarregar sua cólera contra nós.

17. Entretanto, por adulação, os governadores, persuadidos de estarem a realizar o gosto deste ímpio, empregavam castigos destinados a criminosos contra certo número de bispos; embora jamais tivessem cometido qualquer injustiça, como se fossem assassinos, eram aprisionados e flagelados sem haver o mínimo pretexto. Alguns mesmo sofriam nova espécie de morte: com uma espada, matavam-nos, esquartejando-os, e depois deste espetáculo bárbaro de estremecer, jogavam-nos nas profundezas do mar, para serem devorados pelos peixes.

18. Então os homens religiosos recomeçaram a fugir e de novo os campos, de novo as florestas desertas e as montanhas abrigaram os servos de Cristo. Como o ímpio chegou a obter resultado, com estas medidas, concebeu o projeto de excitar uma perseguição contra todos nós.

19. Tal pensamento adquiriu força e nada o impediria de passar à ação, se Deus, o defensor das almas de seus servos, rapidamente não se antecipasse em oposição ao que ia suceder. Como, em trevas espessas e noite muito escura, brilha subitamente um grande astro, Deus para salvação geral, levou pela mão a esta região seu servo Constantino, “de braço levantado” (cf. Ex 6,1).

A vitória de Constantino e os benefícios que ele trouxe aos súditos do poder romano

1. Foi, portanto, a este que, do alto do céu, qual fruto digno de sua piedade, Deus concedeu os troféus da vitória sobre os ímpios. Quanto ao criminoso, com todos os seus conselheiros e amigos, prostrou-o aos pés de Constantino.¹⁶⁷

2. Pois, como Licínio havia levado até ao cúmulo a insânia contra ele, o imperador amigo de Deus concluiu que não podia mais tolerá-lo, e concebeu o prudente desígnio de unir a firmeza da justiça ao amor aos homens. Aprouve-lhe socorrer os que o tirano fazia infelizes e apressou-se a salvar a maior parte do gênero humano, desembaraçando-se de certos flagelos.

3. Precedentemente, de fato, tivera somente sentimentos humanitários e movera-se de compaixão por este homem tão pouco merecedor de simpatia. Ora, este não apresentava melhora alguma e não pôs termo a sua maldade; ao invés, aumentava sua ira contra os povos que lhe estavam sujeitos. Doutro lado, não restava esperança alguma de salvação aos maltratados, visto que uma fera cruel exercia contra eles tirania.

4. Por esta razão, unindo amor ao bem com o ódio ao mal, o defensor dos bons com o filho, o benevolente imperador Crispo, foi avante estendendo a direita salvadora a todos os que pereciam. Depois, como tinham por guias e aliados a Deus, o Rei soberano e o seu Filho, Salvador de todos, ambos, pai e filho, dividindo o exército, cercaram os inimigos de Deus, e obtiveram fácil vitória, pois tudo o que haviam combinado foi-lhes facilitado por Deus, de acordo com seus desejos.

5. Então, de repente e mais depressa do que se pode dizer, aqueles que ontem e anteontem respiravam morte e ameaças (cf. At 9,1) não existem mais (cf. Ap 17,8-11) nem se conserva lembrança de seu nome; suas imagens e estátuas foram tratadas com a merecida ignomínia, e o próprio Licínio sofreu igualmente o mesmo que viu com seus próprios olhos acontecer aos tiranos ímpios de outrora, porque não aceitara a advertência nem sabiamente aprendera pelas chicotadas infligidas aos vizinhos (cf. Jr 2,30). Procedeu pelo mesmo caminho da impiedade que eles, e foi arrastado com justiça a idêntico precipício.

6. Mas enquanto ele jazia, ferido deste modo, o grande vencedor Constantino, ilustre pelas virtudes oriundas da piedade, e seu filho Crispo, imperador muito amado de Deus, em tudo semelhante ao pai, recuperavam o Oriente que lhes cabia, e restabeleciam a precedente unidade do império romano. A terra inteira, nas duas direções: do Norte ao Sul, desde o sol levante até os confins onde declina o dia, submeteu-se àquele pacífico governo.

7. Os homens perderam o temor daqueles que anteriormente os pisavam aos pés. Celebravam dias de brilhantes festas e alegres assembléias. Tudo estava iluminado; com rostos sorridentes e olhos radiantes contemplavam-se mutuamente os que antes estavam cabisbaixos. Com coreografia e hinos nas cidades e nos campos, honravam primeiramente a Deus, soberano Rei, conforme haviam aprendido; em seguida ao piedoso imperador com seus filhos, amados de Deus.

8. Caíram no esquecimento os males antigos, perdeu-se a lembrança de toda impiedade; estabeleceu-se a fruição dos bens presentes, e mais ainda, a esperança dos bens futuros. Promulgavam-se, portanto, em todo o lugar, mandamentos muito humanitários pelo imperador vitorioso, e leis reveladoras de sua magnífica e verdadeira piedade.

9. Assim, certamente foi abolida toda tirania e somente Constantino e seus filhos conservavam firme e incontestado o governo do império que lhes competia. Antes de tudo, eliminaram do mundo o ódio a

Deus. Assim, dentre os bens que Deus em sua sabedoria lhes concedera, eles manifestaram, por meio de ações realizadas perante todos os homens, principalmente o amor à virtude, o amor a Deus, a piedade e o reconhecimento para com a divindade.

[151](#) Não se conhece bem a biografia de Paulino de Tiro. Em sua obra *Contra Marcelo*, Eusébio apresenta Paulino como sacerdote de Antioquia, sagrado bispo de Tiro e que, após a deposição de Eustácio, foi escolhido para substituí-lo em Antioquia.

[152](#) Esta frase se dirige ao clero em geral, e os termos empregados se inspiram na descrição do costume sacerdotal dado pelo Levítico. Não se deve procurar aí descrição das vestimentas do clero cristão.

[153](#) Trata-se sempre de Constantino e Licínio, que são os mais antigos augustos, no pensamento de Eusébio: o historiador conta a elevação de Constantino à dignidade de Augusto desde sua proclamação pelo exército da Bretanha, aos 25/7/306.

[154](#) O bispo de Tiro representa, para Eusébio, o Filho de Deus. Os elogios que aqui lhe são dirigidos se inspiram nesta semelhança.

[155](#) As descrições que seguem foram inúmeras vezes estudadas e comentadas pelos arqueólogos. Elas são tanto mais preciosas pelo fato de terem sido feitas na igreja mesma que o orador descreve, e que os assistentes podiam controlar os detalhes à medida que as coisas eram mencionadas. Deve-se levar em conta que Eusébio não era técnico, mas retórico, e não trocava o ritmo da frase pelas precisões lógicas de análise rigorosa.

[156](#) Não só na basílica de Tiro, mas em todas as igrejas das quais Eusébio deixou a descrição, tudo é grande, maravilhoso, mas não nos informa sobre as dimensões exatas, reais dos edifícios. Deve-se observar, na seqüência, como as três portas simbolizam as três pessoas da Trindade, das quais, a do meio, a maior das três, representa o Pai. Estas portas se abrem para o Oriente, para o Sol nascente. Nos ofícios litúrgicos, o bispo se posta sempre voltado de pé para o Oriente, numa postura simbólica: o Cristo é espontaneamente comparado ao Sol que ilumina as almas.

[157](#) Eusébio explica, nos parágrafos seguintes, o simbolismo do templo: cada uma das partes representa uma categoria de almas. Mas é muito difícil interpretar exatamente o detalhe deste simbolismo.

[158](#) O primeiro dos documentos reproduzidos por Eusébio é o que se designa geralmente sob o nome de edito de Milão. Admite-se, hoje, que não houve nenhum edito promulgado em Milão. Os dois imperadores ali se encontraram em fevereiro de 313, para celebrar o casamento de Licínio com a irmã de Constantino, e concertaram sobre a política a ser tomada a respeito dos cristãos. A partir deste momento, Constantino dirigiu, aos governadores das províncias, instruções formais que lhes prescreviam devolver os bens confiscados às igrejas e isentar o clero dos *munera civilia*. Quando Licínio venceu Maximino, fez fixar, em Nicomédia, aos 13 de junho de 313, suas decisões relativas ao cristianismo. São estes rescritos que levam o nome de edito de Milão. Na verdade, é um rescrito de Nicomédia.

[159](#) Vê-se por aí a que ponto tinha-se desenvolvido a propriedade eclesial. Não compreendia só as igrejas e suas dependências, mas ainda imóveis de toda espécie, jardins, campos, casas para uso dos bispos e do clero.

[160](#) Anulino era, então, procônsul da África. Seu nome se encontra em certo número de documentos relativos às origens do cisma donatista.

[161](#) Cf. R. FRANGIOTTI, *História das heresias*, 2ª ed., Paulus, 1997; cap. V. Donatismo: a grande crise da Igreja africana, pp. 61-74.

[162](#) A carta sinodal enviada ao papa Silvestre pelo concílio de Arles, aos 1º/8/314, menciona 33 nomes de bispos. Se, aos bispos presentes, juntamos os bispos representados, chega-se ao total de quarenta e sete bispos da Gália, da África, da Itália, da Espanha, da Dalmácia e da Bretanha. Pode-se dizer que toda a cristandade do Ocidente estava representada.

[163](#) Óssio, bispo de Córdoba, é o conselheiro eclesiástico de Constantino. Constantino o encontrou na Gália ou talvez em Roma. O certo é que Constantino não cessa de utilizar seus serviços. Será encarregado de reunir em Alexandria um concílio para tentar pôr fim à controvérsia ariana. Em 325, será um dos esteios do concílio de Nicéia, e até a morte, ocorrida provavelmente em 357, sua autoridade será invocada com respeito.

[164](#) A lei que concede a isenção dos cargos públicos data de 31/10/313, mas já tinha sido concedida ao clero da África desde abril deste ano. A resposta de Anulino é de 15 de abril. Isenções semelhantes também eram concedidas aos presidentes das sinagogas judaicas, aos professores, médicos, gramáticos, reitores, filósofos, atletas. Na seqüência, muitos, aproveitando-se da isenção, entravam no clero para escapar das taxas e Constantino foi obrigado a interditar aos ricos o acesso ao clero. Cf. *Código de Teodósio*, XVI, II, 3.

[165](#) Licínio jamais se mostrou cristão. A tolerância que concedeu ao cristianismo foi por pura política e sempre menos generosa que a de Constantino.

[166](#) Entre os bispos que foram vítimas da perseguição de Licínio, cita-se especialmente Basílio de Amásia, no Ponto. Os mártires mais conhecidos deste período são os Quarenta mártires de Sebaste, na Armênia. Licínio podia, de fato, temer uma conspiração. Sabia que os cristãos não lhe tinham simpatia e os acusava de orar somente por Constantino.

[167](#) Segundo Eusébio, a campanha de Constantino contra Licínio teve os traços de cruzada. Constantino foi levado à guerra sobretudo por razões políticas, mas não se pode descartar que a atitude de Licínio a respeito dos cristãos tenha influenciado sua decisão. A guerra se iniciou em 323 e terminou em 324 por duas vitórias conseguidas por Constantino. Relegado na Tessalônica,

Licínio faleceu no começo de 325.

Coleção **PATRÍSTICA**

1. Padres Apostólicos, Clemente Romano – Inácio de Antioquia – Policarpo de Esmirna – Pseudo-Barnabé – Hermas – Pápias – Didaqué
2. Padres Apologistas, Carta a Diogneto – Aristides – Taciano – Atenágoras – Teófilo – Hérmiás
3. Apologias e Diálogo com Trifão, Justino de Roma
4. Contra as heresias, Ireneu de Lião
5. Explicação dos símbolos (da fé) – Sobre os sacramentos – Sobre os mistérios – Sobre a penitência, Ambrósio de Milão
6. Sermões, Leão Magno
7. A Trindade, S. Agostinho
8. O livre-arbítrio, S. Agostinho
- 9/1. Comentário aos Salmos (Salmos 1-50), S. Agostinho
- 9/2. Comentário aos Salmos (Salmos 51-100), S. Agostinho
- 9/3. Comentário aos Salmos (Salmos 101-150), S. Agostinho
10. Confissões, S. Agostinho
11. Solilóquios – A vida feliz, S. Agostinho
12. A Graça (I), S. Agostinho
13. A Graça (II), S. Agostinho
14. Homilia sobre Lucas 12 – Homilias sobre a imagem do homem – Tratado sobre o Espírito Santo, Basílio de Cesareia
15. História eclesiástica, Eusébio de Cesareia
16. Os bens do matrimônio – A santa virgindade consagrada – Os bens da viuvez: Cartas a Proba e a Juliana, S. Agostinho
17. A doutrina cristã, S. Agostinho
18. Contra os pagãos – A encarnação do Verbo – Apologia ao imperador Constâncio – Apologia de sua fuga – Vida e conduta de S. Antão, S. Atanásio
19. A verdadeira religião – O cuidado devido aos mortos, S. Agostinho
20. Contra Celso, Orígenes
21. Comentário ao Gênesis, S. Agostinho
22. Tratado sobre a Santíssima Trindade, S. Hilário de Poitiers
23. Da incompreensibilidade de Deus – Da Providência de Deus – Cartas a Olímpia, S. João Crisóstomo
24. Contra os Acadêmicos – A Ordem – A grandeza da Alma – O Mestre, S. Agostinho
25. Explicação de algumas proposições da Carta aos Romanos / Explicação da Carta aos Gálatas / Explicação incoada da Carta aos Romanos, S. Agostinho

26. Examerão – os seis dias da criação, S. Ambrósio
- 27/1. Comentário às Cartas de São Paulo/1 – Homilias sobre a Carta aos Romanos – Comentário sobre a Carta aos Gálatas – Homilias sobre a Carta aos Efésios, S. João Crisóstomo
- 27/2. Comentário às Cartas de São Paulo/2 – Homilias sobre a Primeira Carta aos Coríntios – Homilias sobre a Segunda Carta aos Coríntios, S. João Crisóstomo
- 27/3. Comentário às Cartas de São Paulo/3 – Homilias sobre as cartas: Primeira e Segunda a Timóteo, a Tito, aos Filipenses, aos Colossenses, Primeira e Segunda aos Tessalonicenses, a Filemon, aos Hebreus, S. João Crisóstomo
28. Regra Pastoral, S. Gregório Magno
29. A criação do homem / A alma e a ressurreição / A grande catequese, S. Gregório de Nissa
30. Tratado sobre os Princípios, Orígenes
31. Apologia contra os livros de Rufino, S. Jerônimo
32. A fé e o símbolo / Primeira catequese aos não cristãos / A disciplina cristã / A continência, S. Agostinho

Direção Editorial
Claudio Avelino dos Santos

Coordenação de desenvolvimento digital
Erivaldo Dantas

Título original
Ekklesiastikê História

Tradução
Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo

Introdução e notas complementares
Roque Frangiotti

Revisão
H. Dalbosco

Capa
Visa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Eusébio, Bispo de Cesaréia, 265–340.
História eclesiástica / Eusébio de Cesaréia ; [tradução Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo]. — São Paulo :
Paulus, 2000. — (Patrística ; 15)

Bibliografia.

eISBN 9788534938914

1. Igreja – História – Igreja primitiva
2. Padres da Igreja primitiva I. Título. II. Série.

00–1835 CDD–270.1

Índices para catálogo sistemático:
1. Igreja cristã primitiva : História 270.1

© PAULUS – 2014
Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091 São Paulo (Brasil)
Fax (11) 5579-3627 • Tel. (11) 5084-3066
www.paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

eISBN 9788534938914